

ESTUDO SOBRE DENOMINAÇÕES

Este estudo sobre denominações “cristãs” foi adaptado de “A Study of Denominations” (*Astudyofdenominations.com*, acessado em 10/2023), o qual foi escrito por Ethan R. Longhenry.

SUMÁRIO

1.	HISTÓRIA DAS DENOMINAÇÕES	6
1.1.	A ESTRUTURA DO ESTUDO SOBRE DENOMINAÇÕES	6
1.2.	O QUE ESTE ESTUDO É E O QUE NÃO É	7
1.3.	RESUMO HISTÓRICO	7
1.3.1.	ATÉ 1054 D.C.	8
1.3.2.	DE 1054 D.C. A 1500 D.C.	11
1.3.3.	DE 1500 D.C. A 1800 D.C.	11
1.3.4.	DE 1800 D.C. AO PRESENTE.....	13
1.3.5.	MOVIMENTOS.....	14
1.3.6.	CONCLUSÃO SOBRE O RESUMO HISTÓRICO DE DENOMINAÇÕES	15
2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE DOCTRINAS BÍBLICAS	16
2.1.	BATISMO	16
2.1.1.	O QUE A BÍBLIA ENSINA SOBRE BATISMO?	16
2.1.2.	A NECESSIDADE DO BATISMO.....	16
2.1.3.	BATISMO INFANTIL E PECADO ORIGINAL	17
2.1.4.	BATISMO É IMERSÃO	20
2.1.5.	BATISMO TRIPARTITE.....	20
2.1.6.	BATISMO EM ÁGUA CORRENTE.....	20
2.1.7.	BATISMO É PARA REMISSÃO DE PECADOS E É NECESSÁRIO PARA SALVAÇÃO	21
2.1.8.	BATISMO EM NOME DE QUEM?.....	28
2.2.	O USO DE RECURSOS FINANCEIROS DA IGREJA QUANTO À BENEVOLÊNCIA.....	29
2.2.1.	O INDIVÍDUO E A IGREJA	29
2.2.2.	BENEVOLÊNCIA DA IGREJA A NÃO CRISTÃOS	30
2.2.3.	CONVENIÊNCIAS?	32
2.2.4.	DISTINÇÕES ENTRE RESPONSABILIDADES ENTRE INDIVÍDUO E IGREJA	32
2.2.5.	OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS?	32
2.2.6.	A SOCIEDADE MISSIONÁRIA.....	33
2.2.7.	O ARRANJO DE IGREJA PATROCINADORA.....	33
2.3.	O USO DE RECURSOS DA IGREJA: OUTRAS CONSIDERAÇÕES.....	35
2.3.1.	HOSPITAIS.....	36
2.3.2.	CENTROS DE EDUCAÇÃO.....	37
2.3.3.	COZINHAS OU SALÕES PARA COMPANHEIRISMO	37
2.3.4.	GINÁSIOS E ACADEMIAS.....	38
2.3.5.	EMPRESAS DE NEGÓCIOS	38
2.3.6.	EM NOME DO EVANGELISMO?.....	39
2.4.	OBSERVÂNCIAS	39
2.4.1.	OBSERVÂNCIAS E O ANO LITÚRGICO	39
2.4.2.	ADVENTO	40
2.4.3.	NATAL.....	40
2.4.4.	DEVEMOS OBRIGAR A NÃO OBSERVÂNCIA DO NATAL?.....	41
2.4.5.	QUARTA-FEIRA DE CINZAS	41
2.4.6.	QUARESMA	41
2.4.7.	DOMINGO DE RAMOS	42
2.4.8.	QUINTA-FEIRA SANTA	42
2.4.9.	SEXTA-FEIRA SANTA.....	42
2.4.10.	PÁSCOA.....	42
2.4.11.	ASCENSÃO-PENTECOSTES	43
2.4.12.	EPIFANIA	43
2.4.13.	ANUNCIAÇÃO	43
2.4.14.	DIAS RELATIVOS A SANTOS	43

2.5. CREDOS	44
2.5.1. O CREDO DOS APÓSTOLOS	44
2.5.2. O CREDO NICENO	45
2.5.3. O CREDO DE ATANÁSIO	46
2.5.4. CONCLUSÃO SOBRE OS CREDOS	48
2.6. MÚSICA INSTRUMENTAL	48
2.6.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SILÊNCIO DAS ESCRITURAS	49
2.6.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO E A MÚSICA INSTRUMENTAL	50
2.6.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O NOVO TESTAMENTO E A MÚSICA INSTRUMENTAL	51
2.6.4. OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÚSICA INSTRUMENTAL	53
2.6.5. TESTEMUNHO DE CRISTÃOS PRIMITIVOS SOBRE MÚSICA INSTRUMENTAL	54
2.7. PRÁTICAS JUDAICAS	55
2.7.1. OS DEZ MANDAMENTOS E A LEI MORAL	56
2.7.2. DÍZIMO	59
2.7.3. CONCLUSÃO SOBRE PRÁTICAS JUDAICAS	60
2.8. A CEIA DO SENHOR	60
2.8.1. A CEIA DO SENHOR É UM ATO FÍSICO COM SIGNIFICADO ESPIRITUAL	61
2.8.2. A NATUREZA DOS SÍMBOLOS	61
2.8.3. O PÃO E O FRUTO DA Videira	63
2.8.4. QUANDO A CEIA DO SENHOR DEVE SER OBSERVADA?	63
2.8.5. O NÚMERO DE FATIAS DE PÃO E DE CÁLICES	65
2.9. POSIÇÕES DE AUTORIDADE	66
2.9.1. QUEM É O PASTOR?	67
2.9.2. HIERARQUIA DE BISPOS	68
2.9.3. PRESBÍTEROS DETERMINANDO DOCTRINA?	69
2.9.4. PRESBÍTEROS VIÚVOS OU QUE PERDERAM OS FILHOS	69
2.9.5. O DIÁCONO	70
2.9.6. DIÁCONOS SEM PRESBÍTEROS?	70
2.9.7. DIACONISAS	70
2.9.8. PASTORAS	70
2.9.9. EVANGELISTAS FEMININAS	71
2.9.10. EVANGELISTAS HOMOSSEXUAIS	71
2.9.11. SACERDOTES	72
2.9.12. ORDENAÇÃO	73
2.9.13. SÍNODOS, CONSELHOS, CONVENÇÕES E OUTRAS REUNIÕES	73
2.10. DONS ESPIRITUAIS MILAGROSOS	74
2.10.1. SINAIS MILAGROSOS ERAM LIGADOS ÀS ÉPOCAS DA REVELAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS	75
2.10.2. SINAIS MILAGROSOS TINHAM O PROPÓSITO DE CONFIRMAR A PALAVRA DE DEUS	76
2.10.3. BATISMO DO ESPÍRITO SANTO: APENAS DUAS VEZES E NUNCA MAIS	79
2.10.4. OS DONS ERAM TRANSMITIDOS APENAS PELA IMPOSIÇÃO DE MÃOS DOS APÓSTOLOS	81
2.10.5. AS LÍNGUAS ERAM CONHECIDAS NO MUNDO E PRECISAVAM SER INTERPRETADAS	83
2.10.6. OS DONS MILAGROSOS NA BÍBLIA SÃO DIFERENTES DOS ALEGADOS MILAGRES DE HOJE	85
2.10.7. O CUIDADO NECESSÁRIO COM SINAIS MILAGROSOS MODERNOS	88
3. MOVIMENTOS QUE AFETARAM O CRISTIANISMO	89
3.1. EVANGELICALISMO	90
3.1.1. ORIGENS E HISTÓRIA	90
3.1.2. QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS?	91
3.1.3. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS	91
3.1.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS	91
3.1.5. EVANGÉLICOS E A SOCIEDADE	93
3.1.6. ENVOLVIMENTO POLÍTICO	94
3.2. ECUMENISMO	95
3.2.1. ORIGENS E HISTÓRIA	96
3.2.2. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS	96
3.2.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS	96
3.2.4. METAS E METODOLOGIAS ECUMÊNICAS	96

3.2.5.	CONCEITUAÇÕES ECUMÊNICAS DA IGREJA.....	97
3.2.6.	UNIDADE NA DIVERSIDADE	99
3.3.	FUNDAMENTALISMO	101
3.3.1.	ORIGENS E HISTÓRIA.....	101
3.3.2.	QUEM SÃO OS FUNDAMENTALISTAS?.....	102
3.3.3.	DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS	102
3.3.4.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	102
3.3.5.	AS TENDÊNCIAS REACIONÁRIAS FUNDAMENTALISTAS	104
3.3.6.	VERSÃO KING JAMES APENAS.....	104
3.4.	O MOVIMENTO DA IGREJA COMUNITÁRIA	106
3.4.1.	ORIGENS E HISTÓRIA.....	106
3.4.2.	DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS	106
3.4.3.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	107
3.5.	O MOVIMENTO DA IGREJA DOMÉSTICA.....	108
3.5.1.	ORIGENS E HISTÓRIA.....	108
3.5.2.	DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS	108
3.5.3.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	109
3.5.4.	IGREJAS DOMÉSTICAS OU IGREJAS SE REUNINDO EM CASAS?.....	110
3.5.5.	IGREJAS DOMÉSTICAS E A NATUREZA DA IGREJA	111
3.5.6.	IGREJAS DOMÉSTICAS E A CEIA DO SENHOR	113
3.5.7.	O MODELO DE IGREJA DOMÉSTICA APOSTÓLICA-PROFÉTICA.....	114
3.6.	MOVIMENTO MEGAIGREJA.....	115
3.6.1.	ORIGENS E HISTÓRIA.....	115
3.6.2.	O QUE É UMA MEGAIGREJA?	116
3.6.3.	DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS	116
3.6.4.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	116
3.6.5.	REUNIÕES “AMIGÁVEIS AOS BUSCADORES”	117
3.6.6.	CONGREGAÇÕES EM MÚLTIPLOS LUGARES.....	118
3.7.	EMERGISMO	119
3.7.1.	ORIGENS E HISTÓRIA.....	119
3.7.2.	DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS	119
3.7.3.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	119
3.7.4.	EMERGISMO E PÓS-MODERNISMO.....	121
3.7.5.	EMERGISMO E CULTURA	122
3.7.6.	EMERGISMO E A IGREJA	123
4.	RESUMO SOBRE DENOMINAÇÕES QUE ALEGAM SER CRISTÃS	124
4.1.	CATOLICISMO ROMANO	124
4.1.1.	VARIANTES DO CATOLICISMO ROMANO.....	124
4.1.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	124
4.1.3.	O PAPADO.....	125
4.1.4.	CONSIDERAÇÕES ESCRITURAS	125
4.1.5.	CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS.....	127
4.1.6.	CONSIDERAÇÕES DO CARÁTER DE PEDRO.....	128
4.1.7.	SUCESSÃO APOSTÓLICA.....	129
4.1.8.	TRADIÇÃO APOSTÓLICA.....	129
4.1.9.	TRADIÇÕES RELATIVAS ÀS ESCRITURAS	131
4.1.10.	TRADIÇÕES RELATIVAS A SACRAMENTOS	133
4.1.11.	TRADIÇÕES RELATIVAS À IGREJA	137
4.1.12.	TRADIÇÕES RELATIVAS À HISTÓRIA.....	137
4.1.13.	TRADIÇÕES RELATIVAS A MARIA	138
4.1.14.	TRADIÇÕES RELATIVAS A SANTOS.....	140
4.1.15.	TRADIÇÕES RELATIVAS AO PECADO	141
4.1.16.	TRADIÇÕES RELATIVAS À ORAÇÃO	142
4.1.17.	TRADIÇÕES RELATIVAS À CONSAGRAÇÃO.....	143
4.1.18.	TRADIÇÕES RELATIVAS À VIDA APÓS A MORTE.....	144
4.1.19.	INCONSISTÊNCIAS DENTRO DA TRADIÇÃO	144

4.1.20.	PROGRESSÃO DA TRADIÇÃO	145
4.2.	ORTODOXIA ORIENTAL	146
4.2.1.	VARIANTES DA ORTODOXIA ORIENTAL	146
4.2.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	146
4.2.3.	ORTODOXIA ORIENTAL E CATOLICISMO ROMANO	147
4.2.4.	TEOSE	148
4.2.5.	ICONOGRAFIA	149
4.2.6.	O PROBLEMA COM A AUTORIDADE PETRINA	149
4.3.	LUTERANISMO	150
4.3.1.	VARIANTES DO LUTERANISMO	151
4.3.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	151
4.3.3.	FÉ SOMENTE	152
4.3.4.	ESCRITURAS SOMENTE	153
4.3.5.	A ORAÇÃO DO PAI NOSSO	153
4.3.6.	CONFISSÃO E PECADO	154
4.4.	ANABATISMO	154
4.4.1.	VARIANTES DO ANABATISMO	155
4.4.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	156
4.4.3.	NÃO RESISTÊNCIA	156
4.4.4.	COMUNALISMO	157
4.4.5.	ULTRACONSERVADORISMO	158
4.5.	CALVINISMO	159
4.5.1.	VARIANTES DO CALVINISMO	159
4.5.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	159
4.5.3.	TULIP	160
4.5.4.	T: <i>TOTAL DEPRAVITY</i> – DEPRAVAÇÃO TOTAL	161
4.5.5.	U: <i>UNCONDITIONAL ELECTION</i> – ELEIÇÃO INCONDICIONAL	162
4.5.6.	L: <i>LIMITED ATONEMENT</i> – EXPIAÇÃO LIMITADA	168
4.5.7.	I: <i>IRRESISTIBLE GRACE</i> – GRAÇA IRRESISTÍVEL	169
4.5.8.	P: <i>PERSEVERANCE OF THE SAINTS</i> – PERSEVERANÇA DOS SANTOS	170
4.5.9.	MINISTROS	172
4.6.	ANGLICANISMO/EPISCOPALIANISMO	174
4.6.1.	VARIANTES DO ANGLICANISMO	174
4.6.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	175
4.6.3.	ANGLICANISMO E CATOLICISMO ROMANO	176
4.6.4.	ANGLICANISMO E PROTESTANTISMO	176
4.6.5.	THE BOOK OF COMMON PRAYER – O LIVRO DA ORAÇÃO COMUM	177
4.7.	BATISTAS	177
4.7.1.	VARIANTES DOS BATISTAS	177
4.7.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	178
4.7.3.	UMA VEZ SALVO, SEMPRE SALVO	179
4.8.	SOCIEDADE RELIGIOSA DE AMIGOS (QUAKERS)	182
4.8.1.	VARIANTES DOS QUAKERS	182
4.8.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	182
4.8.3.	NATUREZAS FÍSICA E ESPIRITUAL	183
4.8.4.	PERFECCIONISMO	185
4.9.	PIETISMO	185
4.9.1.	VARIANTES DO PIETISMO	186
4.9.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	186
4.9.3.	LAVAGEM DE PÉS	187
4.9.4.	BANQUETE DO AMOR	188
4.9.5.	O ÓSCULO SANTO	189
4.10.	WESLEYANISMO	189
4.10.1.	VARIANTES DO WESLEYANISMO	189
4.10.2.	CONSIDERAÇÕES GERAIS	189
4.10.3.	A IGREJA E A RESPONSABILIDADE SOCIAL	191

4.11. IRMÃOS DE PLYMOUTH.....	192
4.11.1. VARIANTES DOS IRMÃOS DE PLYMOUTH	193
4.11.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS	193
4.11.3. DISPENSACIONALISMO	194
4.11.4. ISRAEL E A IGREJA	194
4.11.5. PRÉ-MILENARISMO	196
4.11.6. PRÉ-MILENARISMO = ENSINO LITERAL?	197
4.11.7. LINGUAGEM PROFÉTICA	197
4.11.8. A NATUREZA DA PROFECIA	198
4.11.9. DANIEL 2: O SONHO DE NABUCODONOSOR	199
4.11.10. DANIEL 7: OS ANIMAIS.....	200
4.11.11. DANIEL 9: A DURAÇÃO DE ISRAEL	201
4.11.12. DANIEL 11: PROFECIA HISTÓRICA.....	202
4.11.13. JOEL 2: O DOM DO ESPÍRITO SANTO	204
4.11.14. MALAQUIAS 4: ELIAS.....	205
4.11.15. MATEUS 24-25: O SERMÃO PROFÉTICO.....	205
4.11.16. 2 TESSALONICENSES 2: HOMEM DA INIQUIDADE.....	207
4.11.17. APOCALIPSE: PEDRA ANGULAR DA PROFECIA	207
4.11.18. A RESSURREIÇÃO.....	210
4.11.19. O JULGAMENTO	211
4.11.20. A NATUREZA DO REINO DE CRISTO.....	213
4.12. IGREJA CRISTÃ (DISCÍPULOS DE CRISTO)	215
4.12.1. VARIANTES DA IGREJA CRISTÃ (DISCÍPULOS DE CRISTO).....	215
4.12.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS	215
4.12.3. A FIDELIDADE DE UMA IGREJA DE CRISTO.....	216
4.13. MORMONISMO (IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS)	216
4.13.1. VARIANTES DO MORMONISMO	216
4.13.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS	217
4.13.3. AS ESCRITURAS MÓRMONS.....	217
4.13.4. CONSIDERAÇÕES TEXTUAIS.....	218
4.13.5. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS.....	219
4.13.6. CONSIDERAÇÕES ESCRITURAIS	221
4.13.7. O SISTEMA DE SACERDÓCIO.....	223
4.13.8. ANCIÃOS MÓRMONS.....	225
4.13.9. OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E AS ESCRITURAS	226
4.13.10. PROGRESSÃO ETERNA	227
4.13.11. A NATUREZA DE DEUS O PAI	227
4.13.12. O RELACIONAMENTO ENTRE JESUS E O HOMEM.....	229
4.13.13. A NATUREZA ETERNA DO HOMEM.....	229
4.13.14. A NATUREZA DO CASAMENTO	231
4.13.15. A NATUREZA DA VIDA APÓS A MORTE	231
4.13.16. PRÉ-MILENARISMO	232
4.13.17. BATISMO PELOS MORTOS	234
4.13.18. SERVIÇOS DE TEMPLO.....	236
4.14. ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA.....	237
4.14.1. VARIANTES DO ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA.....	237
4.14.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS	237
4.14.3. O SABBATH	238
4.14.4. RESTRIÇÕES ALIMENTARES	240
4.14.5. O SEGUNDO ADVENTO.....	241
4.15. CIÊNCIA CRISTÃ	242
4.15.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	243
4.15.2. DUALISMO: FÍSICO VERSUS ESPIRITUAL	243
4.15.3. A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS	244
4.15.4. CURA E DEMONSTRAÇÃO	245
4.15.5. A NATUREZA DE DEUS	247

4.16. AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	248
4.16.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	248
4.16.2. O NOME DE DEUS O PAI.....	249
4.16.3. A NATUREZA DE JESUS CRISTO.....	251
4.16.4. COMO JESUS FOI MORTO?	252
4.16.5. A NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO.....	253
4.16.6. O CORPO E A ALMA	254
4.16.7. O JARDIM DO ÉDEN.....	256
4.16.8. PRÉ-MILENARISMO	256
4.16.9. UM PARAÍSO TERRESTRE?.....	259
4.16.10. A EXISTÊNCIA DO INFERNO.....	260
4.17. O EXÉRCITO DA SALVAÇÃO	261
4.17.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS	261
4.17.2. A IGREJA E ORGANIZAÇÃO MILITAR.....	262
4.18. PENTECOSTALISMO/MOVIMENTO CARISMÁTICO	263
4.18.1. VARIANTES DO PENTECOSTALISMO/MOVIMENTO CARISMÁTICO	263
4.18.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS	265
4.18.3. O QUE É O BATISMO DO ESPÍRITO SANTO	267
4.18.4. FALAR EM LÍNGUAS – GLOSSOLALIA	269
4.18.5. PENTECOSTALISMO UNICISTA.....	271
4.18.6. O MOVIMENTO PALAVRA DA FÉ.....	272
4.19. IGREJA INTERNACIONAL DE CRISTO.....	274
4.19.1. VARIANTES DA IGREJA INTERNACIONAL DE CRISTO.....	274
4.19.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS	275
4.19.3. DISCIPULADO	275
4.19.4. CONFISSÃO DE PECADO.....	277
4.20. PROVIDENCE CHURCH	278
4.20.1. VARIANTES DA PROVIDENCE CHURCH.....	278
4.20.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS	278
4.20.3. MORTE, VIDA E RESSURREIÇÃO.....	279
4.20.4. RELACIONAMENTO COM DEUS: A MISSÃO DE JESUS E O LIVRE ARBÍTRIO HUMANO	280
4.20.5. RELACIONAMENTO COM DEUS: ESCRAVOS, FILHOS, NOIVA.....	282

1. HISTÓRIA DAS DENOMINAÇÕES

Vivemos em um mundo de confusão religiosa. Existem todos os tipos de religiões que ensinam e praticam todos os tipos de coisas. Muitas pessoas professam não ter religião alguma. Além disso, a confusão reina entre os vários grupos que professam o cristianismo. Existem vários tipos de denominações hoje, todas ensinando diferentes doutrinas e práticas, e todas afirmando apresentar a verdade de Deus.

Nesse clima de confusão, muitos fazem perguntas difíceis. Qual é a verdade? Será que ela pode ser conhecida? Como é trágico que tantos se desesperem em conhecer a verdade de Deus!

A verdade pode ser conhecida e está presente na Palavra de Deus revelada, a Bíblia.

1.1. A ESTRUTURA DO ESTUDO SOBRE DENOMINAÇÕES

Qualquer tentativa de sintetizar e explicar as várias crenças de centenas de grupos apresenta muitos desafios logísticos. Este estudo aborda um resumo histórico desde a igreja estabelecida por Cristo até os dias de hoje, assim como os movimentos antigos que influenciaram o cristianismo (demonstrando como a história tende a se repetir). Também apresenta uma exposição sobre doutrinas, os vários movimentos que se desenvolveram na “cristandade” (especialmente nos últimos dois séculos, uma vez que muitos movimentos agora transcendem fronteiras denominacionais), e uma visão geral de denominações que alegam ser cristãs.

As seções intituladas “considerações gerais” referem ao leitor os movimentos, doutrinas e práticas associadas da denominação em questão que estão cobertas em outras seções do estudo. A seção de “considerações

gerais” também abrange doutrinas e práticas de uma denominação que foram cobertas em outra seção sobre outra denominação.

Algumas denominações são estudadas em uma seção própria. Muitas outras vezes, no entanto, diferentes denominações que compartilham a mesma herança, crenças e práticas em geral são abordadas juntas.

1.2. O QUE ESTE ESTUDO É E O QUE NÃO É

Apresentamos aqui informações básicas sobre crenças e práticas denominacionais, respostas básicas a essas crenças e práticas, e defesas básicas para os ensinamentos das Escrituras. Não apresentamos uma história exaustiva e pano de fundo das denominações, nem nos propomos a apresentar tudo o que cada denominação acredita e ensina. Por exemplo, assuntos mais exaustivos como casamento, divórcio e novo casamento não são abordados neste estudo – um assunto como esse seria melhor exposto em um estudo específico. Outras questões consideradas controversas não são abordadas também.

Este estudo pretende ser uma referência acessível e um guia geral para os cristãos enquanto se esforçam para conversar com as pessoas sobre questões de fé. Seria preciso uma grande série de livros para tratar completamente cada denominação com suas crenças e práticas.

Assim, este é “um” estudo sobre denominações, não “o” estudo das denominações. Este estudo foi adaptado do estudo sobre denominações e suas crenças e práticas escrito pelo evangelista Ethan R. Longhenry (*Astudyofdenominations.com*, acessado em 09/2023), representando os pontos de vista do autor e do editor. Eles tentaram se certificar de que o que foi apresentado concorda com a mensagem das Escrituras, mas isso não significa que o leitor deve tomar suas palavras como infalíveis. Eles encorajam que se procure nas Escrituras para constatar se as coisas são de fato assim (conforme Atos 17:10-11). Eles não presumem, nem presumiriam, falar pelas igrejas em geral, ou mesmo pelas igrejas locais das quais são parte. Eles falaram apenas como eles próprios, com base em suas pesquisas e experiências na defesa da fé e na promoção da verdade.

Apresentamos o que as denominações dizem acreditar nas suas literaturas oficiais. Assim como os membros das igrejas do Senhor disputam várias questões contenciosas, também muitos assuntos estão em disputa em várias denominações. Além disso, assim como muitos membros das igrejas mais comprometidas com a verdade realmente não sabem exatamente no que creem ou não praticam o que creem (para sua vergonha), ainda mais membros de denominações realmente não conhecem o que creem ou não praticam aquilo que creem. Longhenry fez o melhor que pôde por meio de sua pesquisa para apresentar com exatidão o que as denominações ensinam. Não assumo, no entanto, que apenas porque uma pessoa se declara como, digamos, uma luterana, que tal pessoa saiba o que a igreja luterana ensina sobre um determinado assunto. Conhecer o material presente neste estudo irá ajudar o leitor a se comunicar com os membros das denominações, mas não é sensato presumir que, uma vez que uma pessoa chega a uma denominação em particular, ela acredita em tudo o que a denominação ensina.

Procuramos demonstrar como os ensinamentos das denominações divergem das Escrituras. Não é nosso lugar julgar. Somos chamados a testar os espíritos (1 João 4:1) e a não aceitar o que é falso (Apocalipse 2:2). Deus, no entanto, é o juiz da humanidade, e somente ele tem a prerrogativa de redimir ou condenar. Podemos encorajar os membros das denominações a considerar nossa defesa e exortá-los a considerar as Escrituras, porém, no final, Deus os julgará, assim como ele nos julgará.

1.3. RESUMO HISTÓRICO

Por algumas razões, existem mais de 2.000 denominações apenas nos Estados Unidos. A “cristandade” moderna é cheia de nomes de diferentes pessoas e grupos que se estendem por dois milênios. Como chegamos a esse ponto? De onde vieram todos esses grupos? Nos esforçaremos aqui para desvendar parcialmente a teia da história denominacional.

Examinaremos a história denominacional em quatro épocas para facilitar a compreensão. Também consideraremos muitos movimentos modernos.

Como diz o pregador: “O que foi tornar-se a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol” (Eclesiastes 1:9). Essa afirmação é especialmente válida em nosso estudo: veremos que existem muitas doutrinas e crenças que continuamente retornam em diferentes formas. Examinemos agora a história das denominações na “cristandade”.

1.3.1. ATÉ 1054 D.C.

A primeira parte da história das denominações tem início com a igreja estabelecida em Cristo pelos apóstolos e termina com o final da Igreja Católica na divisão de 1054 d.C. Um grande número de denominações que começou nesse período não existe mais. No entanto, muitas de suas doutrinas abundam em denominações hoje. Os primeiros de tais grupos existiram até mesmo durante a época dos apóstolos.

Os “judaizantes”: hoje usamos o termo “judaizantes” para descrever grupos de cristãos judeus do primeiro século, especialmente aqueles que antes eram fariseus, que ensinaram que os gentios que se converteram a Cristo deviam observar parte ou a totalidade da Lei de Moisés. Esse sistema de crença ganhou força em Jerusalém nos anos depois que Deus aceitou os gentios na fé (anos 40 a 50 d.C.), e a doutrina foi objeto de um conselho apostólico em algum momento entre 48-50 d.C. (Atos 15). A determinação foi feita pelo Espírito Santo: os convertidos dos gentios não devem estar sujeitos à Lei de Moisés (Atos 15:22-29). No entanto, muitos continuaram a ensinar essas doutrinas e Paulo confrontou tais ensinamentos na Galácia, Corinto e Colossos. A destruição de Jerusalém em 70 d.C. e a cessação da aliança entre Deus e Israel reduziram esse movimento. Os movimentos posteriores de cristãos judeus, como os ebionitas, eram pequenos e não duradouros.

Gnosticismo: vem da palavra grega *gnosis*, a qual significa “conhecimento”. O gnosticismo é um termo amplo usado para descrever os vários grupos de indivíduos do final do primeiro século até o sexto século que pareceram ter infundido a crença cristã com a filosofia helenística para criar novas religiões. Os gnósticos são conhecidos pela crença em um mundo estritamente dualista e pela rejeição do Deus do Antigo Testamento, acreditando que ele fosse um deus inferior ao Filho. Os gnósticos eram docetistas notáveis, acreditando que Jesus nunca esteve “na carne”, mas apenas em aparência (daí vem “docetismo”, do grego *dokeo*, “parecer”). Os começos desse grupo já podem ser vistos na carta aos colossenses, onde Paulo adverte contra essa filosofia em Colossenses 2:8. O gnosticismo propriamente dito parece ter se originado na década de 90 d.C., quando João escreveu explicitamente em seu evangelho e suas cartas afirmando que Cristo “estava na carne”. Esses gnósticos eram mais prevalentes em meados do segundo século, com um gnóstico em particular, Valentim, quase eleito como bispo de Roma. Quando o chamado “cristianismo ortodoxo” triunfou no Império Romano no quarto século, o gnosticismo por si mesmo declinou bruscamente. No entanto, a influência gnóstica pode ser vista em grupos posteriores como os maniqueus, os paulicianos, os bogomilos e os cátaros.

Todos os apóstolos já tinham morrido por volta do ano 100 d.C. Portanto, conexões diretas a Jesus, o Cristo, estava se tornando mais e mais distante. A maior parte do cristianismo começou a se afastar vagarosamente da verdade, aceitando muitas convenções do mundo ao seu redor. Em pouco tempo foi feita uma distinção entre “anciãos” e “bispos”, com um bispo presidindo sobre grupo de anciãos, e daí um bispo sem necessariamente ter os anciãos presentes. Os “bispos” das grandes áreas metropolitanas começaram a exercer mais influência sobre as terras circundantes. Os festivais pagãos celebrando o equinócio da primavera e o solstício de inverno foram “cristianizados” na Páscoa e no Natal, respectivamente. Muitos desses desenvolvimentos e mudanças se desenvolveram ao longo do segundo e terceiro séculos, mas certamente cristalizaram uma nova denominação até 312 d.C., quando a Igreja Católica recebeu sanção oficial do Império Romano. Essa entidade se desenvolveu e durou até 1054 d.C., quando a igreja ocidental e a igreja oriental se separaram, a primeira se tornando a Igreja Católica Romana e a última se tornando a Igreja Ortodoxa Oriental.

O período de 100-1054 d.C. viu muitas divisões e dissensões sobre questões múltiplas, principalmente sobre a natureza de Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Marcionismo: o marcionismo devia sua existência a Marcião, um indivíduo que ganhou popularidade em Roma em 140-144 d.C. Sua teologia foi fortemente influenciada pelos gnósticos e ele negou o poder do Deus do Antigo Testamento. Ele promulgou o uso de uma forma limitada do Novo Testamento, incluindo o evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos, e muitas das epístolas de Paulo. Marcião se apegou a Lucas porque era um gentio e a Paulo porque ele foi enviado para pregar aos gentios. Marcião achou o Deus do Antigo Testamento contraditório e

desumano. O “cristianismo ortodoxo” da época rejeitou sua argumentação, confirmou o valor do Antigo Testamento e iniciou obedientemente o trabalho de canonização do Antigo Testamento e do Novo Testamento. O espectro de Marcião cresceu suficientemente para justificar uma refutação da parte de Tertuliano no final do segundo século. Não obstante, o movimento de Marcião morreu ou foi assimilado em outros grupos gnósticos.

Montanismo: o montanismo recebe seu nome de seu fundador, Montano, um frígio e um ex-sacerdote da “deusa” Cibele. Por volta de 172 d.C., Montano acreditou que ele, juntamente com as “profetisas” Prisca e Maximila, receberam uma dispensação do Espírito, e proferiram profecias sem controle sobre suas faculdades. Eles acreditavam que eram a última manifestação do Paráclito (o Consolador – o Espírito Santo), e que a batalha do Armagedom seria travada em breve e a Nova Jerusalém viria à Terra na pequena aldeia de Pepuza, na Frígia. Esse movimento foi altamente carismático (isto é, focado em “dons espirituais”). Um dos “pais da igreja”, Tertuliano, eventualmente se juntou ao ramo norte-africano desse movimento. Embora as esperanças apocalípticas dos montanistas não tenham sido cumpridas, tal movimento continuou em alguns lugares por trezentos anos.

Monarquianismo: um termo que significa “governo de um”, essa doutrina permeou o cristianismo nos séculos dois e três. Afirma que existe somente uma autoridade envolvida com Deus. Uma forma era o monarquianismo “dinamista”, adotado primeiro pelos teodocianos (de 190 d.C até o quarto século) e, mais tarde, por Paulo de Samósata em torno de 260 d.C., e o movimento adotista na Espanha por volta de 782 d.C. O monarquianismo “dinamista” envolveu a crença de que Jesus nasceu apenas como homem e se tornou Deus (assim, “adotado”) em seu batismo. Outra forma desse sistema de crenças, o monarquianismo “modalista”, foi apresentado por Sabélio (cerca de 215 d.C.), sugerindo que Deus é inerentemente incognoscível e que ele pode ser visto somente por meio de manifestações. Portanto, de acordo com essa visão, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são a mesma pessoa em diferentes manifestações. Seus oponentes identificaram a doutrina como “patripassianismo”, o “sofrimento do Pai”, uma vez que exigia que o Pai e o Espírito sofressem também na cruz, uma vez que a forma de Deus conhecida como Cristo estava na cruz. O monarquianismo “modalista” também é conhecido como modalismo. Os conceitos monarquianistas mais tarde seriam encontrados no nestorianismo e possivelmente nos paulicianos. Em geral, no entanto, os movimentos não ganharam terreno no “cristianismo ortodoxo”.

Maniqueísmo: maniqueísmo, ou os maniqueus, têm origem em Mani, um místico oriental que acreditava ser a manifestação do Cristo, Deus na Terra. Em cerca de 250 d.C. ele desenvolveu sua teologia que incluiu princípios do zoroastrismo, do budismo e do gnosticismo, e foi uma tentativa flagrante de combinar as religiões ocidentais e orientais. Maniqueus acreditavam na reencarnação com uma libertação eventual da vida, e que o bem e o mal vieram de uma guerra primordial entre a luz e a escuridão. Essa doutrina perseverou por algum tempo. O primeiro contato de Agostinho com a religião foi o maniqueísmo no norte da África no século quatro. A infiltração do islamismo temperou o crescimento do maniqueísmo. No entanto, um pequeno grupo de seguidores de Mani no Irã, chamando a si mesmos de mandeanos, perseverou nos dias modernos. O maniqueísmo tem influência direta sobre o movimento paulicianista e, por extensão, sobre os bogomilos e os cátaros.

Donatismo: o termo vem de Donato, um bispo que foi um dos fundadores do movimento. Donatistas defendiam a santidade e a pureza na igreja. Recusaram-se a reconhecer “bispos” ou quaisquer autoridades religiosas que passavam as Escrituras (“*Latin Traditio*”) durante a perseguição. Os donatistas são conhecidos principalmente por sua posição na Ceia do Senhor: aquele que a serve às pessoas deve estar livre do pecado ou as bênçãos não são fornecidas. Eles também são conhecidos por acreditar que o indivíduo era o foco, não a organização: a igreja deveria ser simplesmente o coletivo dos cristãos individuais, e não uma organização hierárquica. O grupo sofreu constante opressão e perseguição das autoridades religiosas e seculares, morrendo junto com a Igreja Católica no norte da África por causa das invasões islâmicas do século sete.

Arianismo: nomeado de Ário, bispo que discordava da teologia da Igreja Católica e acreditava que, independentemente da sua glória, o Filho é um ser criado e, portanto, não pode ser considerado parte da divindade eterna. Essa crença começou no início do século quatro e foi condenada como herética no Concílio de Niceia em 325 d.C. No entanto, o arianismo permaneceu prevalente, com muitos bispos apegados a essa crença no século quatro. No século cinco, os arianos converteram muitas das tribos germânicas que invadiram o Império Romano. O arianismo começou a vacilar, no entanto, quando Justiniano reconquistou a península italiana para o Império Romano Oriental no século seis, e quase se extinguiu quando Carlos Magno assumiu o controle sobre a maior parte da Europa central no século oito.

Nestorianismo: o nome deriva de Nestório, um bispo de Constantinopla. Em 428 d.C., ele condenou o uso popular do título “mãe de Deus” (“*Theotokos*”) para Maria, uma vez que o título parecia dar crédito à ideia de que o divino poderia nascer de um ser humano ou que Deus poderia ser um bebê. Para ele, Jesus como homem e Deus não era uma “união essencial”, mas uma fusão de vontades. Sua crença foi declarada herética no Concílio de Calcedônia. No entanto, suas doutrinas perseveraram. Até hoje, existem igrejas nestorianas (conhecidas como a Igreja do Oriente) na Ásia Central. Há também alguma influência nestoriana sobre os paulicianos do século seis.

Monofisismo: esse termo deriva de palavras gregas que significam “uma natureza”. O monofisismo é geralmente considerado como uma reação ao movimento nestoriano, iniciado por outro bispo chamado Cirilo de Alexandria, o qual postulou que Cristo tinha uma natureza, a qual se manifestava como carne e como Deus. Isso foi codificado no conselho em Éfeso em 449 d.C. Eram necessários mais esclarecimentos sobre essa posição, uma vez que a linguagem estava sendo usada para apoiar dois lados de um argumento: o Concílio de Calcedônia interpretou o conselho de Éfeso de forma a preservar as duas naturezas de Cristo em 451 d.C., e o cisma era inevitável. A reconciliação foi tentada, especialmente pelo imperador oriental Justiniano e sua esposa Teodora, com a filosofia do monotelismo – a ideia de que, enquanto Cristo tinha duas naturezas, ele tinha apenas uma vontade. Essa combinação das ideias do Concílio de Calcedônia e Éfeso não teve êxito. O monotelismo foi denunciado e a igreja oriental se dividiu em facções: católica e monofisita. O monofisismo permaneceu prevalente em muitos lugares até o final do século oito. Hoje, os únicos grupos monofisitas que restam são os jacobitas sírios e a Igreja Copta do Egito.

Pelagianismo: o termo vem de Pelágio, um indivíduo da Inglaterra que, em torno de 411 d.C., questionou a doutrina do pecado original e acreditou que o homem era responsável apenas por seus próprios pecados, negando a depravação total do homem. Enquanto a Igreja Católica Oriental ouviu seus pontos de vista e achou pouco com o que discordar, Agostinho, no oeste, perseguiu Pelágio e suas doutrinas. No final, Pelágio foi morto por suas posições. O debate entre as duas posições, no entanto, não foi de forma alguma terminado: a Igreja Católica Romana debateu por centenas de anos e, no final, afirmou uma posição mais intermediária, a crença de que o homem tem livre arbítrio, mas Deus é a fonte da fé e da crença. Pode-se também constatar nos debates no século dezesseis, e além, a questão do livre arbítrio versus a depravação total na polêmica pelagiana/agostiniana.

Paulicianos: os paulicianos se originaram na Armênia no século seis, primeiramente associados ao nestorianismo, mas no próximo século vistos mais para o oeste e demonstravelmente como seu próprio movimento. Os paulicianos derivam seu nome do apóstolo Paulo, cujos escritos foram mantidos como inspirados junto com os evangelhos. O restante da Bíblia, segundo eles, veio de um espírito maligno. Os paulicianos parecem ter sido fortemente influenciados pelo marcionismo, o monarquianismo “dinâmico” de Paulo de Samósata e a filosofia gnóstica/maniqueísta. O grupo atingiu o auge de seu poder em 844 d.C. com a formação de um estado paulicianista na Turquia moderna, mas logo após a perseguição do Império Romano Oriental se intensificou. Em 970 d.C., muitos dos paulicianos da Síria foram deportados para a região dos balcãs da Europa, onde converteram muitos dos protobúlgaros locais (então chamados bogomilos) para seus pontos de vista. Um grupo de paulicianos permaneceu na Armênia até por volta do século onze.

Bogomilos: os bogomilos estavam ativos na área em torno da Bulgária, começando em torno do século nove. Eles herdaram uma teologia dualista dos gnósticos por meio dos maniqueus e dos paulicianos. Perturbados pela Igreja Católica Romana e pela Igreja Ortodoxa Oriental, os bogomilos foram eventualmente exterminados pela expansão do islã na região dos balcãs no século quinze. Alguns missionários de bogomilos, no entanto, viajaram para o sul da França no século doze e ajudaram a estabelecer os cátaros por lá.

Após o século seis, o verdadeiro cisma entre as facções ocidentais e orientais da Igreja Católica se tornou cada vez mais evidente. Nos quatrocentos anos seguintes, as duas entidades se afastaram, devido a diferenças linguísticas e culturais e fronteiras políticas. Uma controvérsia sobre como o Espírito foi transmitido, por meio do Pai apenas (que era o que o oriente acreditava) ou por meio do Pai ou do Filho (como o ocidente acreditava) provou ser a gota d’água. Em 1054 d.C., o bispo de Roma enviou uma bula de excomunhão ao patriarca de Constantinopla, o qual respondeu em espécie. Esse ato efetivamente criou a Igreja Católica Romana no oeste e a Igreja Ortodoxa Oriental no leste.

1.3.2. DE 1054 D.C. A 1500 D.C.

Examinemos agora o período da cisma entre o leste e o oeste até pouco antes do período da Reforma, no oeste. A Igreja Ortodoxa Oriental não passou por grandes alterações após o século onze. Essa igreja eventualmente foi organizada em linhas nacionais, mas todas afirmam as mesmas doutrinas. A Igreja Católica Romana foi constantemente perturbada por muitas divisões e cismas, mesmo antes da Reforma.

Valdenses: os valdenses vêm de Peter Waldo, um comerciante rico de cerca de 1175 d.C. que vendeu todas as suas propriedades e pregou um retorno à “pobreza apostólica”. O grupo que eventualmente o seguiu foi chamado de “poor men of Lyons” e foi chamado mais tarde de valdenses. A Igreja Católica Romana, a princípio, aceitou o grupo, mas depois a pregação dos valdenses os levou a serem perseguidos. O grupo sobreviveu, no entanto, e no século dezesseis concordou em se combinar com a igreja reformada na tradição calvinista.

Cátaros: os cátaros, ou “purificados”, começaram como um grupo mais ou menos ao mesmo tempo que os valdenses, no sul da França. Eles também foram nomeados albigenses, da cidade de Albi, onde muitos desses cátaros viveram. Eles foram fortemente influenciados pelos bogomilos e mantiveram uma teologia essencialmente gnóstica. Até 1200 d.C., os cátaros estavam preparados para assumir o sul da França. No entanto, a Igreja Católica Romana começou a persegui-los fortemente no final do século doze e no início do século treze com uma cruzada e uma inquisição, restringindo severamente o movimento.

Há algumas evidências de que, em torno do século onze, no sul da França, a verdade do evangelho estava sendo pregada. Havia alguns grupos que foram estabelecidos por causa do trabalho pioneiro de certos indivíduos, hoje conhecidos como “pré-reformadores”.

John Wycliffe e os lolardos: um sacerdote inglês do século catorze, John Wycliffe, ensinou que Cristo é o único rei dos homens e pregou a autoridade apenas da Bíblia. Ele começou o trabalho de traduzir a Bíblia para o inglês e, tanto pela sua pregação quanto pelas suas ações, foi fortemente denunciado pelos oficiais católicos romanos. Os lolardos o seguiram por algum tempo, embora o movimento falhou no século catorze. Após a “heresia” de Jan Hus, autoridades católicas romanas desenterraram os ossos de Wycliffe e os queimaram.

Jan Hus e os hussitas: no Sacro Império Romano, cuja porção agora chamamos de República Checa, Jan Hus também começou a questionar as práticas da Igreja Católica Romana no início do século quinze. Muitas de suas dificuldades com a Igreja Católica Romana seriam repassadas por Lutero cerca de cem anos depois. Hus foi queimado na estaca em 1415 d.C. Seus seguidores, os hussitas, foram fortemente perseguidos. No entanto, eles conseguiram sobreviver, reconhecidos mais tarde como Irmãos da Morávia, afiliados ao movimento pietista do século dezessete.

1.3.3. DE 1500 D.C. A 1800 D.C.

Examinemos agora a época da Reforma, começando propriamente em 1519 d.C. com as brigas de Lutero com a Igreja Católica Romana e terminando no século dezoito com o wesleyanismo, a reforma da teologia que ocorreu dentro da Igreja da Inglaterra.

No século dezesseis, as provações do mundo medieval desapareceram. A Europa Ocidental estava no meio do que é considerado o Renascimento, uma época de regeneração filosófica e teológica. A invenção da imprensa em 1450 d.C. por Johann Gutenberg permitiu que o conhecimento fosse divulgado e lido de forma rápida e fácil. As taxas de alfabetização aumentaram e, logo depois, muitos começaram a questionar as posições e posturas da Igreja Católica Romana sobre a teologia. O primeiro a questionar foi Erasmo de Roterdão, que desejava mudar a forma como a igreja estava agindo. No entanto, coube ao seu amigo Martinho Lutero a ativação da mudança na Europa.

Luteranismo: o luteranismo deriva de Martinho Lutero, considerado o reformador original. A prática católica romana de indulgências (a crença de que dar uma doação específica à Igreja Católica Romana liberaria a alma do purgatório), entre outras coisas, perturbava Lutero. Ele estabeleceu 95 teses sobre a prática da igreja e as pregou na porta da igreja em Wittenberg, Alemanha, em 1519 d.C. Depois de um debate com o bispo católico local sobre essas coisas, as ideias de Lutero ganharam popularidade. Embora Lutero quisesse apenas reformar a Igreja Católica Romana, a reconciliação se revelou impossível em 1525 d.C., quando Lutero foi excomungado. Não vendo

nenhuma outra alternativa viável, Lutero se separou da Igreja Católica Romana, formando assim sua própria organização. Dentro do próximo século, Lutero e sua teologia de “fé somente” se espalharam por muitas partes do Sacro Império Romano e de toda a Escandinávia.

Anabatismo: o anabatismo (“batismo de novo”) deriva seu nome da crença de que o batismo deve ser realizado como um crente adulto, exigindo assim que muitos indivíduos que foram “batizados” como bebês fossem “batizados novamente”. Essa crença ganhou popularidade na Suíça e na área do sul da Alemanha em 1525 d.C. com o grupo chamado “irmãos suíços”. Muitos anabatistas, depois, seguiram Menno Simons, que, em 1536 d.C., começou a pregar a necessidade de ser batizado como adulto. Esse grupo então recebeu o nome dele: os menonitas. Muitas divisões menores ocorreram no movimento anabatista, mas há uma que se destaca: em 1697 d.C., Jacob Amman se separou do grupo menonita por causa de suas visões mais conservadoras sobre a comunhão, formando assim os amish. Os anabatistas foram fortemente perseguidos por católicos romanos e protestantes. Muitos buscaram refúgio na Rússia, Alemanha e, depois, na América do Norte também.

Calvinismo: em 1536 d.C., João Calvino, francês nativo, estabeleceu sua teologia em Genebra, na Suíça, com sua obra “The Institutes of Christian Religion”. A teologia de Calvino, fortemente influenciada por Agostinho, baseou-se na crença de que Deus já determinou o destino de cada homem e, portanto, a graça de Deus sozinha salvou os homens. Esse “hiper agostinismo” persuadiu muitos. Muitos dos discípulos de Calvino saíram a espalhar sua mensagem. Um desses seguidores, John Knox, levou o calvinismo para a Escócia, onde a Igreja Presbiteriana foi fundada na década de 1570 d.C. No século dezessete, o calvinismo se arraigou na Inglaterra sob a forma do puritanismo, o qual então se arraigou na América. A Igreja Congregacional de hoje (também conhecida como Igreja Unida de Cristo) é descendente dos puritanos. A mensagem de Calvino também foi levada para a área da Holanda no início do século dezessete, levando à formação da Igreja Reformada.

Anglicanismo: também conhecida como a Igreja da Inglaterra, essa igreja começou em 1537 d.C., quando o rei Henrique VIII de Inglaterra se separou da Igreja Católica Romana, uma vez que ela não concederia uma anulação ao casamento com Catherine de Aragão. Depois de sofrer perseguição sob Maria Tudor, a Igreja Anglicana foi firmemente estabelecida como a Igreja da Inglaterra sob Elizabeth I na segunda metade do século dezesseis. O anglicanismo ainda existe na Inglaterra e é conhecido como a Igreja Episcopal na América.

Batistas: o movimento batista começou na Inglaterra e, no seu início, pregava e ensinava a necessidade de imersão em água para a remissão dos pecados (daí chamados de batistas). “Oficialmente” começando com John Smythe em 1608 d.C., o movimento se espalhou rapidamente para a América, onde se enraizou e cresceu. Doutrinariamente, no entanto, muitos se aproximaram das crenças calvinistas em relação à salvação e ao batismo, onde a maioria se encontra hoje. Muitos batistas são afiliados à linha de pensamento evangélica, a qual representa uma ampla gama de protestantes conservadores, com crenças uniformes sobre as ideias de salvação e escatologia.

Sociedade Religiosa de Amigos (quakers): a Sociedade Religiosa de Amigos começou com George Fox na Inglaterra em 1648 d.C. como resultado de supostas revelações que foram dadas a ele. Ele pediu a reforma no pensamento dos cristãos para longe do conceito de “igreja” e mais perto de um conceito de “sociedade” – um grupo de cristãos que consideraria cada outro como igual ou melhor. Os membros do grupo receberam o termo “quakers” (“tremedores”) devido aos relatos de pessoas tremendo de emoção em suas assembleias. Seu movimento foi muitas vezes perseguido e é mais conhecido por sua colônia na Pensilvânia, na América.

Pietismo: o pietismo é um movimento que começou dentro da Igreja Luterana na Alemanha do século dezesseis. Os membros desse grupo desejavam ter uma fé pessoal mais profunda em oposição à fé litúrgica, muitas vezes fria, do estabelecimento luterano. Embora muitos pietistas permaneçam dentro do desdobramento luterano, muitos outros ramificaram e fundaram igrejas próprias. Os Irmãos da Morávia são os supostos fundadores do movimento, o qual data do tempo de Jan Hus nos anos 1450 d.C., embora seja possível que os hussitas tenham adotado as filosofias pietistas no século dezessete. A Igreja dos Irmãos, os Irmãos em Cristo e muitas outras igrejas vieram desse movimento pietista. Há também um grupo de pietistas que, combinados com alguns menonitas, agora são conhecidos como Irmãos Menonitas.

Wesleyanismo: o wesleyanismo deriva de John e Charles Wesley, membros da Igreja Anglicana. Em 1729 d.C., eles realizaram trabalho missionário na América e, na viagem de volta à Inglaterra, John soube da fé dos Irmãos da Morávia. Quando de volta à Inglaterra, os irmãos fundaram uma sociedade metodista e começaram a

falar sobre a necessidade de fé pessoal, santificação e santidade pessoal, e o desenvolvimento contínuo da maturidade na fé cristã. Os irmãos Wesley desejavam pregar a necessidade de fé pessoal na Igreja da Inglaterra, tentando reformá-la. Isso funcionou bem na Inglaterra, mas quando a mensagem se espalhou para a América, os metodistas se separaram da Igreja da Inglaterra e formaram sua própria igreja. A teologia da santidade wesleyana foi muito persuasiva na América do século dezanove e muitas “igrejas de santidade” foram fundadas. Muitas dessas igrejas se consolidaram no século vinte para formarem a Igreja do Nazareno.

1.3.4. DE 1800 D.C. AO PRESENTE

O século dezanove viu o surgimento da América como um poder no mundo, o primeiro governo fundado nos princípios da liberdade. A liberdade de religião desfrutada na América levou a uma grande quantidade de novas ideias e, portanto, divisões, e a história desses grupos ocupa a maior parte do restante da história das denominações.

Irmãos de Plymouth: os Irmãos de Plymouth começaram em 1827 d.C. na Irlanda por quatro indivíduos que não concordavam com as atitudes denominacionais das “igrejas” ao redor deles e, portanto, passaram a adorar por si mesmos. Essa mentalidade se espalhou e o grupo (que simplesmente era conhecido entre si como “os irmãos”) teve um grande seguimento na cidade de Plymouth, na Inglaterra, e assim recebeu seu nome. Eles são notáveis pelo sistema de crença dispensacional/pré-milenar que permeia grande parte do “cristianismo” americano do século dezanove, juntamente com o movimento evangélico moderno.

O movimento de restauração: o movimento de restauração começou totalmente por volta de 1820 d.C. na América pela pregação de Thomas e Alexander Campbell e Barton Stone. Esses homens reconheceram que as denominações se afastaram da mensagem das Escrituras com seus credos e doutrinas e, portanto, desejavam retornar à fé dos apóstolos. Para esse fim, os Campbells estabeleceram os Discípulos de Cristo. Stone estabeleceu a Igreja Cristã. Esses dois grupos logo se fundiram, formando a Igreja Cristã (Discípulos de Cristo). Por volta de 1920 d.C., como resposta ao que foi visto como um crescente liberalismo nas congregações da Igreja Cristã (Discípulos de Cristo), muitos se separaram para formar o que agora são conhecidas como igrejas cristãs independentes.

No final do século dezanove, muitos de dentro do movimento de restauração começaram a questionar algumas das doutrinas da Igreja Cristã (Discípulos de Cristo), especialmente em relação às sociedades missionárias e igrejas com música instrumental, e esses cristãos retornaram assim à fé dos apóstolos como dada no Novo Testamento, assumindo a descrição de igrejas de Cristo. Infelizmente, em meados do século vinte, muitas dessas igrejas reverteram para muitas doutrinas de denominações, e muitas divisões ocorreram como resultado.

Mormonismo: oficialmente a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o mormonismo começou com Joseph Smith, o qual afirmou ter recebido uma visão especial no estado superior de Nova York por volta de 1820 d.C., mas o início oficial da denominação foi em 1830 d.C. Smith supostamente encontrou placas escritas em “egípcio reformado” e ferramentas para traduzir essas placas. O trabalho resultante foi o Livro de Mórmon, usado como escritura adicional pelos mórmons. Smith mais tarde escreveu outras obras, “The Pearl of Great Price” e “The Doctrines and Covenants”. Os mórmons acreditam em revelações contínuas por meio de seus líderes. No entanto, com a morte de Joseph Smith e a declaração de Brigham Young como presidente, muitos mórmons se afastaram dessa denominação e estabeleceram grupos baseados unicamente nas obras de Smith ou nas obras de Smith combinadas com revelações dadas aos seus líderes. O grupo mais significativo é a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, agora conhecida como Comunidade de Cristo, que usa apenas os textos de Smith.

Adventismo do Sétimo Dia: os adventistas do sétimo dia começaram com alguns daqueles que foram chamados mileritas, pessoas que acreditavam nas profecias de William Miller, o qual acreditava que o mundo terminaria em 1844 d.C. Quando 1844 veio e se foi, muitos consideraram isso a “grande decepção”. Uma das aderentes, Ellen G. White, acreditou que recebeu um dom profético e pediu aos homens e mulheres que ainda se preparassem para a segunda vinda de Cristo (o segundo advento). O adventismo do sétimo dia também é conhecido por se apegar à muitas porções da Lei de Moisés, incluindo a guarda do sábado e restrições dietéticas.

Ciência Cristã: começando por volta de 1860 d.C., uma mulher chamada Mary Baker Eddy acreditava que estava tendo revelações de verdades mantidas em silêncio desde os apóstolos quanto à ilusão da realidade e à

superioridade da “mente” e do espírito. Sua obra “Science and Health with Key to the Scriptures” postulou que a dor, a doença, e mesmo a realidade, são apenas condições mentais e que, por meio da disciplina e treinamento corretos, pode-se controlar doenças e mal-estares. Por meio dessas crenças, ela estabeleceu a “ciência cristã” e a Igreja de Cristo, Cientista.

Testemunhas de Jeová: as Testemunhas de Jeová (oficialmente Watch Tower Bible and Tract Society) se originaram em 1872 com Charles Taze Russell, que criou a Sociedade Torre de Vigia para promover suas crenças. Elas derivam seu nome de sua prática de testemunhar a outros sobre o poder no “nome” de Deus, o tetragrama (YHWH), traduzido como “Jeová”. A Tradução do Novo Mundo das Escrituras foi preparada pelas Testemunhas de Jeová para apoiar suas doutrinas sobre o nome de Deus, uma menor divindade de Jesus como um ser criado, a impessoalidade do Espírito Santo e a existência perpétua da Terra.

O Exército de Salvação: o Exército da Salvação foi estabelecido por William Booth na Inglaterra em 1865 d.C. como essencialmente uma forma modificada do metodismo wesleyano, enfocando a necessidade de benevolência enquanto literaliza as metáforas da Bíblia em relação à organização “militar” dentro da igreja.

Pentecostalismo/movimento carismático: o pentecostalismo se originou no início do século vinte a partir do movimento da santidade wesleyana do século dezanove. Acredita-se que em 1901 d.C. uma mulher recebeu o “batismo do Espírito Santo”, uma vez que supostamente falou em línguas e demonstrou os dons do Espírito Santo como se viu na época dos apóstolos. Em 1904 d.C., esse movimento decolou em Los Angeles com um suposto avivamento em um prédio na rua Azusa, onde muitos indivíduos foram fortemente impactados pelo “batismo do Espírito Santo” que supostamente ocorreu lá. Muitas denominações, como a Igreja de Deus em Cristo, a Assembleia de Deus, muitas das igrejas de Deus e outras surgiram nessa época por causa desses eventos.

Alguns desses pentecostais começaram a acreditar em torno de 1914 d.C. que o batismo deveria ser administrado apenas em nome de Jesus, uma vez que todos os traços de Deus podem ser encontrados somente em Cristo. Esses indivíduos se tornaram conhecidos como pentecostais unicistas, e a Igreja Pentecostal Unida e alguns outros grupos fazem parte desse movimento.

Começando nos anos 1950 d.C. e 1960 d.C., muitos membros de outras denominações começaram a procurar o “batismo do Espírito Santo”, e muitos alegaram tê-lo descoberto. Começaram a pregar a capacidade de ter dons espirituais em suas próprias denominações. Isso passou a ser conhecido como o movimento carismático, da palavra grega *charis* que significa “dom”.

Finalmente, nos últimos anos do século vinte, muitos televangelistas e outros começaram a sintetizar os dons do Espírito Santo com a teologia evangélica padrão, criando a “terceira onda” do pentecostalismo. Isso é visto especialmente com a proliferação do televangelismo e também de muitas igrejas, como a Vineyard Association of Churches.

Igreja Internacional de Cristo: também conhecida como o movimento de Boston ou o movimento crossroads, a Igreja Internacional de Cristo começou com Kip McKean que, em 1979 d.C., estabeleceu uma congregação perto de Boston, Massachusetts, com base em seus ensinamentos, que eram uma combinação das doutrinas do movimento crossroads (que ensinou a ideia de “discipulado”) e suas próprias crenças. Originalmente, tunicamente aceito por outras congregações de igrejas de Cristo, o radicalismo crescente das doutrinas de McKean levou a uma clara divisão entre igrejas de Cristo convencionais e qualquer grupo associado ao movimento de Boston. A Igreja Internacional de Cristo passou por tumulto significativo desde 2002 d.C. após a dissolução da liderança e a saída de Kip McKean. Ele começou recentemente o movimento Portland, tentando retornar aos conceitos originais dentro da Igreja Internacional de Cristo. Essas igrejas podem assumir o nome de Igreja Internacional de Cristo ou Igreja Cristã Internacional.

1.3.5. MOVIMENTOS

Notavelmente, nos séculos vinte e vinte e um, houve um grande crescimento na “cristandade” baseado em movimentos. A popularidade do ecumenismo nesse ambiente pós-moderno levou muitos a cruzarem fronteiras confessionais e estabelecerem movimentos transdenominacionais que são muito populares.

Evangelicalismo: o movimento evangélico encontra suas origens no século dezessete com o ímpeto de sair e promover o evangelho (ou evangelizar), o que foi compartilhado por muitas denominações. Wesleyanos, batistas, alguns calvinistas e alguns anglicanos inicialmente tomaram parte. O movimento tem continuado até o presente dia. O movimento evangélico baseia-se principalmente em um sistema de crença “fé somente”, com muitos acreditando em alguma forma da doutrina “uma vez salvo, sempre salvo”. Os evangélicos tendem a ser dispensacionalistas/pré-milenaristas em escatologia, e em diferentes momentos foram instrumentos de progresso e conservadorismo na política.

Ecumenismo: o movimento ecumênico foi organizado pela primeira vez em 1910 d.C. na Conferência Missionária Internacional em Edimburgo, na Escócia. O movimento tenta unificar as denominações cristãs divergentes, enfatizando as crenças compartilhadas e minimizando as diferenças. O movimento é melhor manifestado no Conselho Mundial de Igrejas e no Conselho Nacional de Igrejas, organizações dedicadas ao diálogo e à ação interdenominacional. À medida que o pós-modernismo e o relativismo cresceram em popularidade nos últimos cinquenta anos, mais e mais denominações estão se tornando parte do movimento ecumênico.

Fundamentalismo: o fundamentalismo é um movimento dentro do evangelicalismo que começou no final do século dezenove como uma reação às tendências “liberais” em muitas denominações protestantes que prejudicaram a confiança na inspiração da Bíblia. Outros evangélicos e fundamentalistas se separaram na década de 1940 d.C. Hoje, o fundamentalismo é marcado por defesas apaixonadas dos percebidos “fundamentos” da fé, frequentemente envolvendo tanto tradição quanto substancial verdade bíblica.

O movimento da igreja comunitária: as igrejas comunitárias são vistas explicitamente pela primeira vez na década de 1920 d.C., embora a necessidade financeira possa ter obrigado vários membros de denominações em pequenas aldeias, em tempos passados, a se reunir. O movimento da igreja comunitária é uma consequência dos movimentos evangélicos e ecumênicos: se as fronteiras denominacionais não forem consideradas importantes, existe o ímpeto para ter uma organização sem qualquer afiliação denominacional e, portanto, igrejas comunitárias. Embora as igrejas comunitárias professem não ter denominação, as doutrinas das denominações, particularmente aquelas presentes no movimento evangélico, são abundantes.

O movimento da igreja doméstica: enquanto os cristãos se encontraram em casas desde o início (e não há problemas doutrinários com a reunião em casas), na última parte do século vinte houve um movimento para livrar igrejas de muitos dos vestígios do tradicionalismo, e muitas dessas pessoas estabeleceram “igrejas domésticas”. As dificuldades com tais movimentos não estão no encontro dos membros em casas, mas nas outras doutrinas que tendem a estar presentes com esses grupos.

O movimento das megaigrejas: embora tenha havido muitas igrejas de grande porte antes dos dias modernos, começando na década de 1950 d.C., a América e outros países “cristianizados” viram o surgimento de igrejas muito grandes, com muitos milhares de membros, agora chamados de “megaigrejas”. A metade das megaigrejas existentes não são afiliadas a uma denominação particular, mas têm conexões com os movimentos evangélicos e carismáticos. Muitas megaigrejas desenvolvem-se como cultos de personalidades em torno de pregadores populares. Megaigrejas tendem a enfatizar os serviços fortemente influenciados pelas formas modernas de entretenimento e se concentram na autocapacitação por meio de pequenos grupos e literatura inspiradora. Megaigrejas também são conhecidas por seus grandes edifícios, grupos de apoio, cafés, livrarias e outras formas de *marketing* e materialismo.

O movimento emergente: o século vinte e um viu o nascimento do movimento emergente, um grupo diversificado de indivíduos, principalmente do movimento evangélico, que procura se comunicar com o mundo pós-moderno usando conceitualizações pós-modernas do “cristianismo”. Enquanto os membros do movimento desejam aproximar a divisão entre os ramos “liberais” e “conservadores” do protestantismo, há muita preocupação com a sua adoção do pós-modernismo e seus ideais.

1.3.6. CONCLUSÃO SOBRE O RESUMO HISTÓRICO DE DENOMINAÇÕES

Com base no resumo histórico apresentado acima, podemos constatar, ainda que rapidamente e sem detalhes exaustivos, o desenvolvimento das denominações e movimentos que existem no mundo “cristão” de hoje. O caminho é difícil de determinar, e muito confuso, mas podemos observar que a maioria dessas denominações foi

estabelecida com base em novas ideias de homens e aqueles que os seguiram. O restante do nosso estudo sobre denominações se concentrará nessas ideias e doutrinas para determinar se elas estão ou não em harmonia com os ensinamentos das Escrituras.

2. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE DOCTRINAS BÍBLICAS

Antes de prosseguir o estudo sobre as muitas denominações, temos que abordar várias considerações gerais sobre doutrinas. Denominações têm muitas doutrinas que estão em desacordo com as Escrituras. Essas doutrinas se repetem em denominações diferentes. Portanto, antes de checar cada denominação individualmente, vamos verificar como a Bíblia apresenta as doutrinas que mais divergem entre o meio denominacional.

2.1. BATISMO

Vamos ser bem diretos e mostrar o que as Escrituras ensinam sobre o batismo. Isso é importante, uma vez que denominações possuem diferentes entendimentos sobre ele.

2.1.1. O QUE A BÍBLIA ENSINA SOBRE BATISMO?

As Escrituras dizem que o batismo é um mandamento de Deus:

Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. (*Marcos 16:16, "Nova Versão Internacional"*).

Batismo é imersão em água para remissão de pecados e o recebimento do dom do Espírito (a própria salvação e a capacitação de permanecer nela):

Pedro respondeu: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo." (*Atos 2:38, "Nova Versão Internacional"*).

O batismo permite que o pecador seja sepultado junto com Cristo e espiritualmente ressurreto:

Isso aconteceu quando vocês foram sepultados com ele no batismo, e com ele foram ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos. (*Colossenses 2:12, "Nova Versão Internacional"*).

O batismo leva à salvação:

e isso é representado pelo batismo que agora também salva vocês — não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus — por meio da ressurreição de Jesus Cristo, (*1 Pedro 3:21, "Nova Versão Internacional"*).

2.1.2. A NECESSIDADE DO BATISMO

Existem várias denominações hoje que ensinam que o batismo não é uma ação física que deve ser realizada. Em vez disso, ensinam que Jesus e os apóstolos estão falando sobre um ato "espiritual" quando mencionam "batismo". Esse ato, dizem, é "espiritual", não é físico, e nem tem nenhuma forma de fisicalidade. Será que as Escrituras ensinam que o batismo é apenas uma ação "espiritual"?

Consideremos o exemplo de Filipe e do eunuco etíope de Atos 8:38:

Assim, deu ordem para parar a carruagem. Então Filipe e o eunuco desceram à água, e Filipe o batizou. (*Atos 8:38, "Nova Versão Internacional"*).

Filipe desceu fisicamente na água com o eunuco, o qual foi fisicamente batizado. O exemplo de Pedro em Atos 10:47-48 também diz:

"Pode alguém negar a água, impedindo que estes sejam batizados? Eles receberam o Espírito Santo como nós!" Então ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Depois pediram a Pedro que ficasse com eles alguns dias. (*Atos 10:47-48, "Nova Versão Internacional"*).

Se Pedro estivesse falando sobre um batismo “espiritual” que não envolvesse alguém entrando na água, por que ele falaria sobre a substância física em que alguém é batizado? Como poderia a água influenciar a mente de Pedro se o batismo fosse simplesmente um ato “espiritual”? Além disso, que necessidade haveria para qualquer cristão auxiliar alguém que está a ser batizado em algum ato “espiritual”? Observa-se nas Escrituras inúmeras vezes que um cristão batiza alguém em Cristo (Atos 10:47-48; 16:31-33; 19:1-9; etc.).

Portanto, podemos constatar nas Escrituras que o batismo é uma ação física que ocorre quando alguém deseja se tornar cristão.

2.1.3. BATISMO INFANTIL E PECADO ORIGINAL

Muitas denominações hoje ensinam que crianças (incluindo bebês) devem ser batizadas para serem purificadas do pecado. Examinemos a progressão dessa crença e então veremos o que as Escrituras ensinam.

A primeira premissa para batizar crianças é uma inferência baseada no conteúdo de algumas das Escrituras. O argumento, em geral, é o seguinte:

- **Argumento:** quando Cornélio e o carcereiro filipense creram, todas as famílias foram batizadas. Assim, as crianças provavelmente foram batizadas também;
- **Resposta:** esse argumento se baseia em uma suposição sobre as expressões “toda a sua família”, “os de sua casa” e “todos os seus”. Nos textos em questão, Atos 10:2 e Atos 16:24-38, também lemos o seguinte sobre essas famílias:

Ele e toda a sua família eram piedosos e tementes a Deus; dava muitas esmolas ao povo e orava continuamente a Deus. (*Atos 10:2, “Nova Versão Internacional”*).

Eles responderam: “Cria no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa.” E pregaram a palavra de Deus, a ele e a todos os de sua casa. Naquela mesma hora da noite o carcereiro lavou as feridas deles; em seguida, ele e todos os seus foram batizados. (*Atos 16:31-33, “Nova Versão Internacional”*).

Podemos observar em Atos 10:2 que toda a família de Cornélio temia a Deus. Quanto à casa do carcereiro em Atos 16:31, podemos dizer com segurança que todos da casa do carcereiro também deviam crer para que seus constituintes fossem salvos, considerando que nenhuma outra passagem testemunha que toda uma família pode ser salva por causa da crença de um membro. Essa evidência permite chegar a duas conclusões possíveis:

1. Todos na casa de Cornélio e/ou do carcereiro tinham idade suficiente para entender o evangelho e crer em sua mensagem e, portanto, todas as pessoas creram e foram batizadas.
2. Lucas espera que sua audiência compreenda que seu uso dos termos “toda” e “todos” envolve alguma hipérbole: ele não está tentando dizer que, literalmente, todos os membros da casa de Cornélio e/ou do carcereiro creram e foram batizados, mas que todos nessas casas que tinham idade suficiente para entender o evangelho creram nele e foram batizados.

Qualquer opção demonstra que a inferência feita a respeito desses dois textos não é válida: apenas porque alguns membros de uma casa foram batizados não significa que toda e cada uma das crianças presentes tenham sido batizadas.

À medida que os anos progrediam, tornou-se claro que era necessário encontrar uma razão convincente para justificar o batismo de crianças (e bebês), e a doutrina do “pecado original” se encaixa muito bem com isso. O pecado original é definido de forma um pouco diferente pelas diferentes denominações, mas a ideia básica é que o pecado é herdável. A maioria das denominações não ensina que os indivíduos herdaram pecados específicos de seus pais, mas acredita que as crianças nascem com uma natureza pecaminosa e, portanto, são pecadoras que exigem o batismo.

A principal dificuldade com o pecado original é encontrada na maneira como Jesus fala sobre as crianças em Mateus 18:1-4 e Marcos 9:35-37:

Naquele momento os discípulos chegaram a Jesus e perguntaram: “Quem é o maior no Reino dos céus?” Chamando uma criança, colocou-a no meio deles, e disse: “Eu lhes asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrarão no Reino dos céus. Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus. (*Mateus 18:1-4, “Nova Versão Internacional”*).

Assentando-se, Jesus chamou os Doze e disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, será o último, e servo de todos.” E, tomando uma criança, colocou-a no meio deles. Pegando-a nos braços, disse-lhes: “Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo; e quem me recebe, não está apenas me recebendo, mas também àquele que me enviou.” (*Marcos 9:35-37, “Nova Versão Internacional”*).

Jesus indicou que, se alguém quiser entrar no reino dos céus, deve ser como uma criança pequena. Sabe-se muito bem que, se o exemplo não for válido, o argumento não pode ser suportado por tal exemplo. Portanto, se as crianças têm pecado e precisam do batismo, como pode Jesus apresentar uma criança como um exemplo de quem entra no reino dos céus? Se quisermos aspirar a ser como uma criança, mas uma criança ainda está no pecado, como podemos entrar no reino de Deus? Como pode ser que receber uma criança pequena é como receber o Filho e o Pai se a criança estiver em seus pecados? A conclusão é clara: as crianças não têm pecado contra elas. Elas estão em estado de inocência.

No entanto, para defender o pecado original, muitos recorrerão primeiro a passagens descrevendo como Deus visitará a iniquidade dos pais sobre os filhos (*Êxodo 20:5*). Independentemente disso, as Escrituras mostram também que a punição do pecado é apenas para aqueles que pecam:

Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais; cada um morrerá pelo seu próprio pecado. (*Deuteronômio 24:16, “Nova Versão Internacional”*).

Se, porém, um justo se desviar de sua justiça, e cometer pecado e as mesmas práticas detestáveis dos ímpios, deverá ele viver? Nenhum de seus atos justos será lembrado! Por causa da infidelidade de que é culpado e por causa dos pecados que cometeu, ele morrerá. (*Ezequiel 18:24, “Nova Versão Internacional”*).

Parece superficialmente que temos uma contradição entre essas passagens: algumas dizem que os filhos sofrem as iniquidades de seu pai, e algumas dizem que cada um sofre por seus próprios pecados. No entanto, podemos conciliar essas passagens de duas maneiras:

1. Deus, talvez, não visite a iniquidade na primeira geração de pessoas pecadoras, mas talvez em uma geração posterior de pessoas pecaminosas. Observe, por exemplo, que o exílio de Israel e de Judá não se realiza sob reis fiéis como Ezequias ou Josias, mas sob reis infiéis, Oseias e Zedequias (*2 Reis 17-18; 25*).
2. Deus descreve a propensão dos filhos a seguir os passos de seus pais. Se os pais se envolvem em algum pecado, é muito provável que os filhos também se envolverão. Essa não é uma regra absoluta, mas uma tendência que muitas vezes se concretiza.

Independentemente disso, não precisamos inferir a partir dessas passagens que existe alguma forma de pecado original que cada geração herda de seus antepassados.

Muitos então citariam Salmo 51:5:

Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe. (*Salmo 51:5, “Nova Versão Internacional”*).

Quando olhamos as evidências das palavras de Jesus nos evangelhos, temos a forte impressão de todas as Escrituras de que as crianças não herdam pecado. Como sabemos que a soma da Palavra de Deus é verdadeira (*Salmo 119:160*) e sem contradição, devemos considerar o contexto da passagem e verificar se existem algumas circunstâncias atenuantes. O Salmo 51 representa um salmo, uma forma de poesia, e um salmo que foi escrito por Davi depois que seu pecado com Bate-Seba foi conhecido (*2 Samuel 12*). Seu grande sofrimento, sem dúvida, o levou ao uso da hipérbole, achando-se tão pecaminoso a ponto de dizer que ele nasceu assim. Como veremos, muitas outras passagens que não estão escritas em poesia declaram que as crianças estão sem pecado. Também é possível entender “sou pecador desde que nasci” no Salmo 51:5 como Davi dizendo que nasceu em meio à sujeira

de um mundo pecaminoso que o influencia a pecar desde muito cedo, e não que ele mesmo, literalmente, tenha pecado desde seu nascimento.

Também é argumentado que quando são lidas as declarações de Paulo em Romanos 3:10 (“Como está escrito: ‘Não há nenhum justo, nem um sequer’”) e Romanos 3:23 (“pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”), uma vez que todos não são justos e todos pecaram, as crianças também são parte desse grupo. Será que esses versículos ensinam que as crianças são pecadoras? Examinemos a passagem que Paulo cita em Romanos 3:10, o Salmo 53:1-3:

Diz o tolo em seu coração: “Deus não existe!” Corromperam-se e cometeram injustiças detestáveis; não há ninguém que faça o bem. Deus olha lá dos céus para os filhos dos homens, para ver se há alguém que tenha entendimento, alguém que busque a Deus. Todos se desviaram, igualmente se corromperam; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer. (*Salmo 53:1-3, “Nova Versão Internacional”*).

Observa-se aqui que não apenas ninguém faz o bem, ninguém nem sequer conhece Deus. As crianças “conhecem” Deus? As crianças podem compreender plenamente os preceitos do Senhor, especialmente os bebês? De jeito nenhum! Não são capazes de entender essas coisas. Portanto, será que devemos acreditar que Deus os inclui na categoria daqueles que optam por não fazer a vontade de Deus, nem o conhecer? Claro que não.

Podemos entender, então, que Paulo usou um pouco de hipérbole para argumentar. O “todos” de Romanos 3:10 e Romanos 3:23 refere-se a todas as pessoas que são capazes de discernir o bem do mal, e não todas as criaturas. Isso é comparável ao uso que Mateus fez do termo “toda” em Mateus 3:5: “A ele vinha gente de Jerusalém, de toda a Judeia e de toda a região ao redor do Jordão.” Devemos acreditar que literalmente todo habitante de Jerusalém, da Judeia e toda a região ao redor do rio Jordão foi até João Batista? Essa não é a intenção do autor. O objetivo é mostrar que um grande número de pessoas veio para ver João Batista. Usamos o termo da mesma forma hoje. Portanto, considerando a evidência em Mateus 18:1-4 e Marcos 9:35-37, podemos constatar que Paulo não está se referindo a literalmente todo ser humano, mas a todos que são capazes de discernir o bem do mal.

Romanos 5:12-17 também é uma passagem frequentemente usada para tentar mostrar que herdamos o pecado de Adão:

Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram; pois antes de ser dada a Lei, o pecado já estava no mundo. Mas o pecado não é levado em conta quando não existe lei. Todavia, a morte reinou desde o tempo de Adão até o de Moisés, mesmo sobre aqueles que não cometeram pecado semelhante à transgressão de Adão, o qual era um tipo daquele que haveria de vir. Entretanto, não há comparação entre a dádiva e a transgressão. Pois se muitos morreram por causa da transgressão de um só, muito mais a graça de Deus, isto é, a dádiva pela graça de um só homem, Jesus Cristo, transbordou para muitos! Não se pode comparar a dádiva de Deus com a consequência do pecado de um só homem: por um pecado veio o julgamento que trouxe condenação, mas a dádiva decorreu de muitas transgressões e trouxe justificação. Se pela transgressão de um só a morte reinou por meio dele, muito mais aqueles que recebem de Deus a imensa provisão da graça e a dádiva da justiça reinarão em vida por meio de um único homem, Jesus Cristo. (*Romanos 5:12-17, “Nova Versão Internacional”*).

Embora essa passagem possa dar a impressão de que nós herdamos o pecado de Adão, quando a lemos cuidadosamente, constatamos que Paulo não diz tal coisa. O texto nunca diz diretamente que alguém herda o pecado real de Adão – diz que o pecado entrou no mundo por causa da transgressão, e que a morte foi sua consequência, mas nunca que herdamos o pecado. Sim, morremos porque o pecado entrou no mundo por meio de Adão, já que ele, Eva e a serpente inauguraram a desobediência a Deus, mas isso não significa que nós realmente herdamos o pecado de Adão. Podemos ler essa passagem de forma consistente com o resto das Escrituras: o pecado não é apenas presente, mas também permeia o mundo, a morte está presente no mundo por causa do pecado, e esse ambiente vai fortemente influenciar as pessoas a pecar, mas o pecado não é herdado. As pessoas seguem o caminho que Adão seguiu, não herdam seu pecado.

O pecado original, então, não é consistente com todo o testemunho das Escrituras (Salmo 119:160). A principal justificação do batismo infantil, então, não tem mérito bíblico. Quando, então, alguém deve ser batizado?

As Escrituras testemunham que alguém se submete ao batismo quando creu em Jesus Cristo, confessou-o como seu Senhor e salvador e se arrependeu de seus pecados (conforme Atos 2:38; 16:31; Romanos 10:9). Essa pessoa é então batizada para a remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito (Atos 2:38). Uma pessoa deve ser batizada quando pecou e está separada de Deus (veja Isaías 59:1) e compreendeu sua necessidade de salvação em Cristo Jesus.

Como constatamos, para pecar, é necessário conhecer a diferença entre o bem e o mal e escolher o mal. Somente então Deus a encerra sob a sentença do julgamento. Esse momento varia de acordo com o indivíduo, e alguns que sofrem desvantagens mentais talvez nunca atinjam esse momento. O batismo, então, deve ser realizado quando alguém é mentalmente capaz de discernir o bem do mal, percebendo o pecado e a necessidade de salvação em Cristo.

O “batismo infantil” não tem valor. Uma vez que uma criança não tem pecados para remir, as crianças não são realmente batizadas – elas simplesmente se molham. As Escrituras não dão nenhuma razão para a confiança de qualquer pessoa em seu “batismo” quando era bebê. Tais pessoas devem considerar as Escrituras discutidas acima e devem ser imersas em água para a remissão de seus pecados.

2.1.4. BATISMO É IMERSÃO

Muitas denominações ensinam que o batismo não precisa ser imersão, mas pode ser aspensão ou derramamento. Todos os três são considerados “modos” de batismo. A principal dificuldade nesse argumento é encontrada no significado da própria palavra grega *baptizo*: “mergulhar, submergir, submergir-se” (ou seja, totalmente imerso em água), conforme o dicionário Strong de palavras hebraicas/gregas, ou “mergulhar repetidamente, mergulhar, submergir (em termos de recipientes afundados), limpar mergulhando ou submergindo, lavar, limpar com água, lavar-se, banhar-se, cobrir completamente” (com água), conforme o léxico grego de Thayer.

A definição de batismo, então, de acordo com seu uso no Novo Testamento, não permite a ideia de “aspergir” ou “derramar” ou qualquer ideia de “modos de batismo”. O batismo é imersão. Essa realidade é ilustrada, em particular, por Paulo em Romanos 6:4:

Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova. (*Romanos 6:4, “Nova Versão Internacional”*).

Enquanto percebemos que Paulo está usando o batismo como metáfora para enterro, a metáfora somente faz sentido se percebermos que o batismo é imersão. Quando enterramos corpos, não aspergimos nem despejamos terra sobre eles – nós os cobrimos com terra. O batismo não pode ser um enterro a menos que alguém esteja coberto de água. É claro, então, que o batismo do Novo Testamento é imersão.

2.1.5. BATISMO TRIPARTITE

Em algumas denominações, o batismo é administrado em três partes: a pessoa é mergulhada três vezes sob a água, uma vez em nome do Pai, outra em nome do Filho e outra em nome do Espírito Santo.

Embora aparentemente não haja nada de errado com o batismo dessa maneira, as Escrituras nunca o exigem. Em todos os relatos nas Escrituras, o batismo foi uma imersão singular feita em nome (ou seja, pela autoridade) do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mateus 28:18-20). O batismo no Livro de Atos dos Apóstolos é mencionado como feito em nome de Jesus (Atos 2:38). Portanto, é inteiramente possível que pessoas sejam batizadas em nome do Pai, Filho e Espírito Santo, ou em nome de Jesus, em uma única imersão.

2.1.6. BATISMO EM ÁGUA CORRENTE

Há alguns que afirmam que o batismo é legítimo somente se for feito em água corrente. O fato de que Jesus e muitos outros foram batizados em rios e em outras fontes de água em movimento é citado como evidência (conforme João 1:30-34; 4:1-2).

Embora certamente não haja nada de errado em ser batizado em água corrente, não encontramos tal requisito nas Escrituras. Além disso, é bem provável que o eunuco etíope em Atos 8:36-39 tenha sido batizado em um poço de água no deserto que não seria “água corrente”. O único requisito nas Escrituras é que uma pessoa seja imersa em água. Se alguém está imerso em água em movimento ou parada, é uma questão de liberdade.

2.1.7. BATISMO É PARA REMISSÃO DE PECADOS E É NECESSÁRIO PARA SALVAÇÃO

A principal diferença entre os ensinamentos do Novo Testamento e os ensinamentos de muitas denominações diz respeito à natureza do batismo. Muitos não creem que o batismo é o ato que causa a remissão dos pecados e permite que alguém seja salvo. Ainda mais frequentemente do que isso, as denominações ensinam que crer, ou crer e se arrepender, ou confessar Jesus verbalmente, ou alguma outra ação, permite que alguém seja salvo. Examinemos esses argumentos, começando com disputas sobre as Escrituras envolvidas.

Começemos com Marcos 16:16:

Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. (*Marcos 16:16, “Nova Versão Internacional”*).

- **Argumento:** Marcos 16:16 não diz que você deve ser batizado para ser salvo – afinal, diz apenas que aqueles que não creem são condenados. Nada é dito sobre aqueles que creem, mas não são batizados.
- **Resposta:** tal argumento não procede. Por que alguém que não crê seria batizado? Quem não crê nem sequer consideraria seu batismo! Além disso, por que alguém que crê não seria batizado? Cada descrição detalhada de conversão no Livro de Atos dos Apóstolos inclui um batismo. Em última análise, não devemos especular sobre o que o texto não diz, mas devemos estabelecer o que o texto diz que é necessário: crença e batismo. “Crer e não ser batizado” é como pisar em águas muito perigosas.
- **Argumento:** Marcos 16:16 é inválido porque a evidência textual mostra que o texto possivelmente é uma adição posterior;
- **Resposta:** é verdade que alguns manuscritos muito antigos do Evangelho de Marcos não incluem Marcos 16:9-20. Muitos testemunhos importantes, no entanto, contêm a passagem, e ela é questionada por motivos subjetivos. Além disso, a antiguidade do texto é verificada por seu uso por Ireneu no final do segundo século (Constituição Apostólica 6.83). O sentimento de que deve ser omitida vem apenas pela admissão de evidências doutrinárias de estudiosos que pensam algo como: “o batismo para a salvação não é enunciado em nenhum outro lugar, portanto, essa é uma adição posterior”. No final, todos os críticos textuais do Novo Testamento acabam sendo forçados a admitir que o argumento contra o texto não possui provas suficientes e que há poucas, e fracas, razões para acreditar que o texto é falso.

Com relação agora a Atos 2:38:

Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo.” (*Atos 2:38, “Nova Versão Internacional”*).

- **Argumento:** Lucas usa a palavra grega “eis” em Atos 2:38. Essa palavra não significa necessariamente “para” – também poderia significar “desde” e, assim, se leria “seja batizado desde que você tenha sido perdoado de seus pecados”;
- **Resposta:** as preposições gregas podem significar toda uma série de possibilidades baseadas no contexto e no uso. O argumento acima mencionado é altamente improvável, especialmente em vista de Mateus 26:28: “Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados.” O “perdão dos pecados” é a mesma frase usada em Atos 2:38, e “eis” é, de fato, a preposição traduzida como “para”. Ninguém poderia argumentar que Jesus está dizendo que o sangue dele “é derramado porque os pecados já foram perdoados”. Por que, então, Atos 2:38 seria diferente? O argumento também está dizendo que cada tradução, mesmo as traduções interpretativas, traduzem a Atos 2:38 como “para” como uma declaração de propósito. O argumento não procede.

- **Argumento:** Pedro está pregando aos judeus e sua mensagem é apenas relevante para os judeus.
- **Resposta:** embora seja verdade que os judeus são o público direto de Pedro em Atos 2, essa objeção não é válida. A mensagem de Pedro é dirigida aos judeus, sim, e usa temas familiares para os judeus. As Escrituras mostram que a apresentação do evangelho varia de acordo com o público: considere a pregação de Paulo em Atos 13:16-41 para uma audiência judaica versus Atos 17:22-31 para um público gentio. A essência da mensagem, no entanto, continua a ser a mesma, e Paulo afirma que ele prega a mesma mensagem que Pedro em Gálatas 2:6-9:

Quanto aos que pareciam influentes — o que eram então não faz diferença para mim; Deus não julga pela aparência — tais homens influentes não me acrescentaram nada. Ao contrário, reconheceram que a mim havia sido confiada a pregação do evangelho aos incircuncisos, assim como a Pedro, aos circuncisos. Pois Deus, que operou por meio de Pedro como apóstolo aos circuncisos, também operou por meu intermédio para com os gentios. Reconhecendo a graça que me fora concedida, Tiago, Pedro e João, tidos como colunas, estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão. Eles concordaram em que devíamos nos dirigir aos gentios, e eles, aos circuncisos. (*Gálatas 2:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

Se a mensagem for a mesma, a resposta a ela tem que ser a mesma. Além disso, a ideia de que o batismo era necessário para os judeus, mas não para os gentios, está em desacordo com Atos 10:47-48; 16:31-33; 1 Coríntios 1:14-16. Essas passagens mostram que os gentios também foram batizados.

Vejamos agora argumentos sobre 1 Pedro 3:21:

e isso é representado pelo batismo que agora também salva vocês — não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus — por meio da ressurreição de Jesus Cristo, (*1 Pedro 3:21, “Nova Versão Internacional”*).

- **Argumento:** Pedro não diz que o batismo salva, mas que a consciência limpa é o que salva;
- **Resposta:** 1 Pedro 3:21 é mais uma declaração explícita que mostra a necessidade do batismo, portanto, para refutá-lo, é preciso recorrer à manipulação do texto. Pedro está dizendo que o batismo não é um banho. Seu intuito não é purgar alguém de sujeira, mas limpar a consciência — afinal, imediatamente após o batismo, o batizado está sem pecado. Essa consciência limpa é o resultado direto da remissão do pecado concedida no batismo. Pedro, de fato, está afirmando a eficácia do batismo. Ninguém acredita que haja qualquer poder na água em si — o poder está no sangue de Cristo e no apelo feito a Deus pelo pecador estar imerso em água para remissão de seus pecados, sendo sepultado e se erguendo para uma nova vida em Cristo. Essa é a imersão que salva.

Tendo examinado as Escrituras, vejamos agora outros argumentos feitos contra o batismo:

- **Argumento:** Jesus, e somente Jesus, realizou o trabalho da salvação. Não podemos adicionar à sua obra e o batismo é uma adição à sua obra.
- **Resposta:** ninguém negaria que o agente da salvação seja Jesus Cristo. No entanto, o Livro de Hebreus deixa claro que Jesus levou nossos pecados sobre ele na cruz (Hebreus 9:12-15). Paulo diz muito sobre as ações de Cristo:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. (*Filipenses 2:5-11, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, é evidente que Cristo morreu na cruz por nossos pecados e para realizar a vontade do Pai, a qual era para que o seu Filho humilhasse a si mesmo para que fosse exaltado e tivesse toda a autoridade. Isso é importante — uma vez que ele tem essa autoridade, os termos da salvação são feitos por meio de Cristo. Paulo continuou em sua carta com Filipenses 2:12:

Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, (*Filipenses 2:12, “Nova Versão Internacional”*).

Depois de uma discussão sobre a autoridade de Cristo, Paulo diz que devemos continuar a obedecer! A obediência é central para a recepção do trabalho que Cristo fez. Somente podemos receber a salvação que vem por meio de Cristo quando somos obedientes à sua vontade, como dito em 2 Tessalonicenses 1:6-9:

É justo da parte de Deus retribuir com tribulação aos que lhes causam tribulação, e dar alívio a vocês, que estão sendo atribulados, e a nós também. Isso acontecerá quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos, em meio a chamas flamejantes. Ele punirá os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder. (*2 Tessalonicenses 1:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

Sem obediência, qualquer um está perdido. O batismo é obediência submissa a Cristo, comandada por ele, e devemos obedecer. Negar a necessidade de obediência para salvação é negar o plano de salvação do Novo Testamento.

- **Argumento:** o batismo é simbólico. Uma vez que Deus simbolicamente “cancela o escrito de dívida de pecados”, o batismo não é necessário para a salvação;
- **Resposta:** reconhecemos que o poder no batismo não está na água, mas no apelo na fé a Deus para a purificação do pecado (conforme 1 Pedro 3:21). Também reconhecemos que o Novo Testamento fornece ilustrações do significado do batismo, como pode ser observado em Romanos 6:3-7:

Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte? Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova. Se dessa forma fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição. Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado; pois quem morreu, foi justificado do pecado. (*Romanos 6:3-7, “Nova Versão Internacional”*).

O batismo é comparado a uma morte e ressurreição, o fim do homem do pecado e a criação do novo homem. Será que o fato de que o batismo pode ser entendido em termos simbólicos significa que podemos dispensar o batismo físico conforme as Escrituras? Um paralelo apropriado é a Ceia do Senhor: o pão e o fruto da videira representam o corpo e o sangue de nosso Senhor, mas ninguém diria que não devemos participar fisicamente desses emblemas porque eles têm valor simbólico. Tal como acontece com a Ceia do Senhor, assim é com o batismo: ambos os eventos são ricos em valor simbólico. Porém, precisamos nos envolver fisicamente com eles.

- **Argumento:** o batismo não significa automaticamente que alguém esteja imerso na água. Pode significar, e significa para os cristãos, que alguém é batizado no Espírito Santo.
- **Resposta:** observa-se que o batismo do Espírito Santo é mencionado apenas em conexão com dois eventos específicos, para dois propósitos específicos, e, nas duas vezes, foi feito apenas por Deus: no dia de Pentecostes, como cumprimento das profecias de Joel (conforme Atos 1:4-5; 2:1-36; Joel 2:28-32), e quando Deus mostrou a Pedro que os gentios receberiam a Palavra da vida (Atos 10:44-45; 11:15-16). Também se observa que o meio usual de receber dons milagrosos do Espírito Santo era ter a imposição das mãos de um apóstolo (Atos 8:14-17; 19:1-6).

O batismo na água, no entanto, é explicitamente identificado em Atos 8:36-39 e também em Atos 10:47-48, logo após Cornélio ter sido batizado com o Espírito Santo. Uma vez que o batismo na água era a forma padrão de batismo, e que o batismo do Espírito Santo somente foi dado em circunstâncias especiais por Deus para fins específicos, torna-se claro que o batismo na água é o “um só batismo” de Efésios 4:5: “há um só Senhor, uma só fé, um só batismo”.

- **Réplica:** muitas vezes o batismo é mencionado sem água.

- **Resposta:** de fato, muitas vezes lemos sobre alguém sendo batizado sem ser mencionado que era “na água”. Mas as passagens também não afirmam que pessoas foram batizadas no Espírito. Devemos observar as passagens e verificar se existem indicadores sobre o que está em discussão.

Em muitas passagens, é claro que o batismo no Espírito não está em consideração. Em Atos 2:38, o batismo precede o recebimento de dons espirituais milagrosos e, portanto, o batismo nas águas não é o batismo com o Espírito Santo. Os samaritanos em Atos 8:5-17 e os discípulos de João em Atos 19:1-6 são referidos como tendo sido batizados pela primeira vez em água e, depois, tiveram as mãos de apóstolos impostas sobre eles para receberem dons do Espírito Santo, demonstrando que seu batismo não era o batismo do Espírito.

Além disso, Deus é o único que administrou o batismo do Espírito Santo, o qual não foi feito pela intenção do homem, mas pela intenção de Deus, como é evidente em Atos 2 e Atos 10. Portanto, outros exemplos nas Escrituras de quando as pessoas se submetem ao batismo (Atos 9:18; 16:15,33; 18:18; etc.) se referem a batizados em água, e não no Espírito.

Podemos constatar, então, que mesmo que a imersão na água não seja explicitamente mencionada, todas as evidências apontam para a conclusão de que o batismo referido em todas as passagens citadas é o batismo em água.

- **Réplica:** 1 Coríntios 12:13 indica que todos somos batizados no Espírito.
- **Resposta:** consideremos 1 Coríntios 12:13:

Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito. (*1 Coríntios 12:13, “Nova Versão Internacional”*).

A questão que devemos fazer é se Paulo está tentando mostrar que nosso batismo foi batismo do Espírito Santo ou se nosso batismo em água foi feito de acordo com o único Espírito. O contexto demonstra que o ponto de Paulo é sobre a unidade dos cristãos, sobre como os cristãos devem trabalhar juntos em um só corpo. Portanto, Paulo não está falando sobre a natureza do batismo em si, mas afirmando que, quando fomos imersos em água, nós o fizemos conforme o único Espírito Santo e fomos tornados membros em um só corpo. Não podemos entender esse versículo como estando em contradição com as muitas evidências da imersão em água (conforme Salmo 119:160).

- **Argumento:** os apóstolos não foram batizados, no entanto, eles certamente foram salvos;
- **Resposta:** esse argumento pressupõe que, uma vez que o batismo dos apóstolos não é revelado nas Escrituras, ele não aconteceu. Esse pressuposto não é sábio. Somos informados de que nem tudo o que foi feito durante o ministério de Cristo foi revelado, nem mesmo poderia ser (João 20:30-31; 21:25). É perfeitamente possível, portanto, e mais adequado ao contexto do Novo Testamento, que os apóstolos tenham sido batizados e, no entanto, isso não tenha sido mencionado. Além disso, a ideia de que os apóstolos foram batizados é mais plausível pela evidência em João 4:1-2:

Os fariseus ouviram falar que Jesus estava fazendo e batizando mais discípulos do que João, embora não fosse Jesus quem batizasse, mas os seus discípulos. (*João 4:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

Se os discípulos saíram a batizar pessoas durante o ministério de Cristo, é muito provável que já tenham sido batizados. Também, observamos que o apóstolo Paulo foi batizado:

Então Ananias foi, entrou na casa, pôs as mãos sobre Saulo e disse: “Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo.” Imediatamente, algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente. Levantando-se, foi batizado e, depois de comer, recuperou as forças. (*Atos 9:17-19, “Nova Versão Internacional”*).

- **Argumento:** Cornélio foi salvo antes do batismo. O batismo, portanto, não é necessário para ser salvo;

- **Resposta:** uma vez que nenhuma afirmação para esse efeito pode ser encontrada em Atos 10, ou em qualquer outra passagem, para entender e responder a tal argumento devemos entender a suposição que o dirige: se alguém tem o Espírito Santo, deve estar salvo. Será que essa suposição é verdadeira?

Embora essa suposição possa ter mérito na maioria dos casos, não obstante, há momentos em que o Espírito Santo está em uma pessoa que não é salva de modo a cumprir os propósitos de Deus. Como está escrito em 2 Pedro 1:21:

pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo. (2 Pedro 1:21, “Nova Versão Internacional”).

Pedro não fez nenhuma exceção: se um homem fornece uma profecia, não é por sua vontade, mas da parte de Deus, por meio do Espírito Santo. Tendo entendido isso, vejamos o que João diz sobre Caifás em João 11:49-52:

Então um deles, chamado Caifás, que naquele ano era o sumo sacerdote, tomou a palavra e disse: “Nada sabeis! Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação.” Ele não disse isso de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus morreria pela nação judaica, e não somente por aquela nação, mas também pelos filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo. (João 11:49-52, “Nova Versão Internacional”).

João claramente diz que Caifás profetizou em relação a Jesus, pois ele era sumo sacerdote naquele ano. Como ninguém pode falar de si mesmo ao profetizar, mas é guiado pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:21), Caifás deve ter falado pelo Espírito Santo e, portanto, o Espírito Santo estava com ele. No entanto, quem poderia afirmar que Caifás foi salvo?

Deve ser manifesto, então, que Deus pode fornecer o Espírito Santo a uma pessoa, mesmo que não seja salva, para cumprir os seus propósitos (pense em Balaão no Antigo Testamento). Como Deus desejava que Pedro e os outros discípulos entendessem que os gentios deveriam ouvir a Palavra da vida, Deus derramou o seu Espírito em Cornélio e seus homens para que eles fossem um sinal para Pedro, e Pedro então entendeu e teve testemunho divino para provar isso a outros (Atos 10:44-47; 11:15-18).

Na realidade, o fato de que a resposta imediata de Pedro foi batizar Cornélio e seus homens em água depois que Deus derramou seu Espírito neles indica a importância e a necessidade do batismo (Atos 10:47). Cornélio e seus homens, na verdade, mostram que precisamos da imersão em água!

- **Argumento:** o batismo na água era apenas sob João Batista, e era para o arrependimento. O batismo de Cristo é “com fogo”;
- **Resposta:** esse argumento tenta fazer uma distinção firme entre a natureza dos batismos de João e Jesus (Lucas 3:16; Atos 1:5). O argumento talvez tivesse mérito se não fosse pela discussão de Paulo com alguns dos discípulos de João em Atos 19:1-6:

Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, atravessando as regiões altas, chegou a Éfeso. Ali encontrou alguns discípulos e lhes perguntou: “Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?” Eles responderam: “Não, nem sequer ouvimos que existe o Espírito Santo”. “Então, que batismo vocês receberam?”, perguntou Paulo. “O batismo de João”, responderam eles. Disse Paulo: “O batismo de João foi um batismo de arrependimento. Ele dizia ao povo que cresse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus.” Ouvindo isso, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus. Quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar. Eram ao todo uns doze homens. (Atos 19:1-6, “Nova Versão Internacional”).

Podemos constatar, então, que a questão não era a natureza do batismo, mas o propósito do batismo. O batismo de João era para o arrependimento. O batismo em nome de Cristo é para a remissão dos pecados por meio do seu sangue e o recebimento do dom do Espírito – a própria salvação e a capacitação para nela permanecer. Nós constatamos que os discípulos de João foram batizados novamente, dessa vez em nome de Jesus, e então eles tiveram as mãos de Paulo impostas sobre eles para que recebessem a capacitação do Espírito para efetuar dons espirituais. Não há, portanto, motivo para alegar que o batismo de Cristo não está na água.

- **Objecção:** 1 Coríntios 1:14-17 mostra que o batismo não é válido para hoje: Paulo não batizou, e Paulo disse para imitá-lo como ele imitava Cristo;
- **Resposta:** podemos constatar aqui um exemplo clássico de inferir uma resposta apesar do fato de uma resposta já ter sido dada. Consideremos 1 Coríntios 1:14-17:

Dou graças a Deus por não ter batizado nenhum de vocês, exceto Crispo e Gaio; de modo que ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome. (Batizei também os da casa de Estéfanos; além destes, não me lembro se batizei alguém mais). Pois Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho, não porém com palavras de sabedoria humana, para que a cruz de Cristo não seja esvaziada. (1 Coríntios 1:14-17, “Nova Versão Internacional”).

Seria estranho tentar discutir aqui que Paulo não valoriza o batismo, considerando que ele confessa que ele batizou não menos de três pessoas em Corinto. A razão da sua hesitação em batizar as pessoas é encontrada no versículo quinze: “de modo que ninguém pode dizer que foi batizado em meu nome”.

Paulo teve um problema peculiar ao pregar aos gentios: eles tinham uma tendência a adorar um homem com poderes sobrenaturais como se fosse um deus (considere o que ocorreu em Listra em Atos 14:11-18). Podemos constatar, então, que Paulo já foi elevado além de sua posição pelos gentios. Mesmo em Corinto havia divisão sobre a quem as pessoas deviam sua fidelidade: a Apolo, a Cefas (Pedro), a Paulo e/ou a Cristo (1 Coríntios 1:12). Paulo não queria pessoalmente realizar o batismo dos coríntios para que ninguém pensasse que havia algum poder nele, uma vez que o poder estava em Cristo. Assim, o batismo dos coríntios foi realizado por outros cristãos. Não obstante, de qualquer maneira foram batizados para a salvação.

Paulo perguntou aos coríntios no versículo 13, antes da discussão do batismo, o seguinte: “Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?” A dificuldade, portanto, não é se os coríntios foram batizados ou não, ou se Paulo batizava ou não, mas as atitudes dos coríntios e sua tendência de exaltar os homens que trabalharam neles. O fato de que tantos coríntios foram ditos terem sido batizados confirma a necessidade de que todos sejam batizados.

- **Argumento:** o ladrão na cruz foi salvo e ele não foi batizado;
- **Resposta:** o ladrão na cruz morreu com uma promessa especial de Jesus:

Mas o outro criminoso o repreendeu, dizendo: “Você não teme a Deus, nem estando sob a mesma sentença? Nós estamos sendo punidos com justiça, porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem. Mas este homem não cometeu nenhum mal.” Então ele disse: “Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino.” Jesus lhe respondeu: “Eu lhe garanto: hoje você estará comigo no paraíso.” (Lucas 23:40-43, “Nova Versão Internacional”).

Cristo ainda não tinha morrido e ressuscitado. A obra de salvação ainda não havia sido completada (conforme Salmo 22; Isaías 53). O ladrão morreu sob a Antiga Aliança com uma garantia pessoal de Cristo, realidades que não estão presentes para nós hoje. Podemos dizer em resposta: “Se Cristo descesse dos céus e dissesse que você o veria no Paraíso hoje, então está bem, você não precisaria ser batizado. Caso contrário, a necessidade de batismo ainda é válida”.

- **Réplica:** o ladrão morreu depois que Cristo morreu;
- **Resposta:** embora seja provavelmente verdade que o ladrão morreu após Jesus, o trabalho redentor completo (e a inauguração do reino de Deus) exigiu a ressurreição, e é certo que o ladrão estava morto até então. Da mesma forma, Paulo estabelece que, se a ressurreição não fosse verdadeira, nossa fé em Cristo seria vã e ainda estamos nos nossos pecados (1 Coríntios 15:12-18). A ressurreição, portanto, é tão importante quanto a morte de Cristo na cruz para nossa salvação, e nenhuma mudança na aliança ocorreu antes desse ponto;
- **Argumento:** Romanos 10:9-10 diz que a crença e confissão salvam. Então, são a crença e a confissão que salvam, e não o batismo;

- **Resposta:** Romanos 10:9-10 realmente diz que a crença e a confissão são necessárias:

Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação. (*Romanos 10:9-10, "Nova Versão Internacional"*).

Como bons estudantes da Palavra de Deus (2 Timóteo 2:15), devemos lembrar sempre que a soma da Palavra de Deus é a verdade (Salmo 119:160) e que não devemos introduzir contradições no texto. Note que Paulo não diz aqui que apenas a crença e a confissão salvam. Considere Lucas 13:5: "Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão." Pode ser dito que esse versículo nega a necessidade de crença e confissão porque menciona apenas o arrependimento? De jeito nenhum! Aprendemos que a crença e a confissão são necessárias para a salvação em Romanos 10:9-10 e que o arrependimento é necessário para a salvação em Lucas 13:5 e Atos 2:38. Se Atos 2:38, Romanos 6:3-7 e 1 Pedro 3:21 afirmam a necessidade do batismo para salvação, temos que reconhecer que todos esses aspectos são necessários, e não apenas um ou dois! Portanto, a ausência do termo "batismo" em Romanos 10:9-10 não anula a necessidade do batismo.

Deve-se notar que esse mesmo tipo de argumento também usa a crença em Atos 16:31 como única necessidade de salvação, ou outra passagem similar. Pode-se responder de maneira semelhante àquela mencionada acima.

- **Argumento:** Jesus não batizou ninguém; portanto, por que não seguimos o exemplo dele?
- **Resposta:** conforme visto em João 4:1-2, os discípulos batizaram pessoas como discípulas de Cristo, com Cristo presente. Se Cristo tivesse reprovado essa ação, ele não a teria impedido? Isso é, na verdade, uma confirmação da necessidade do batismo: Cristo se usou como exemplo para o batismo e as pessoas foram batizadas em seu nome, com sua aprovação, enquanto ele estava presente na Terra;
- **Argumento:** o batismo requer um batizador. Se fizermos do batismo um requisito para a salvação, também será exigido um batizador, adicionando alguém à salvação que vem por meio de Cristo somente.
- **Resposta:** em primeiro lugar, o foco nunca está no batizador, mas naquele que é batizado. Não obstante, o fundamento desse argumento (a ideia de que a necessidade de um batizador acrescenta uma pessoa à salvação) é minada por Romanos 10:14:

Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? (*Romanos 10:14, "Nova Versão Internacional"*).

Todo grupo que alega ser cristão reconhece a necessidade da crença. Paulo diz que a crença pode vir somente quando alguém "ouve" a Palavra de Deus. Está Paulo "adicionando" alguém à salvação que vem por meio de Cristo ao afirmar que alguém deve pregar a Palavra? Ao longo da Bíblia, Deus escolheu humanos para comunicar sua mensagem aos seus semelhantes. Se a Palavra se difunde por meio da pregação dos homens, então não há nenhum problema com os homens batizando outros para que possam ser salvos.

- **Argumento:** se o batismo permite a remissão dos pecados, não seria necessário batizar toda vez que alguém pecar?
- **Resposta:** o batismo é um ato único que sepulta o velho homem e faz nascer o novo (Romanos 6:3-7), transformando o indivíduo em uma nova criatura, descrita como sendo "nascida de novo da água" em João 3:4. Após ter nascido de novo, se o cristão vier a pecar, deve arrepender-se e confessar seu pecado. Ao fazê-lo, é perdoado (1 João 1:9). As Escrituras não ensinam batismos contínuos para a remissão de pecados contínuos;
- **Argumento:** e se um avião cai no deserto e um cristão nesse avião prega a todos e todos se arrependem, mas não há como batizá-los... E todos eles morrem sem água. Eles serão salvos?

- **Resposta:** esse é um dos muitos tipos de argumentos que envolvem detalhes diferentes, mas cuja ideia é a mesma: uma pessoa é impedida de ser batizada e morre. Todos esses argumentos posicionam situações improváveis e são, na verdade, autodestrutivos. Pode-se simplesmente mudar alguns dos detalhes e retornar o argumento, usando crença, arrependimento ou outra coisa diferente. Um exemplo seria: “E se alguém estivesse ouvindo o evangelho, reconheceu que Cristo é o Senhor que morreu por seus pecados, mas foi atingido por um raio e morreu antes que pudesse se arrepender... Esse alguém será salvo?” A resposta, invariavelmente, é: “Deus irá decidir”. Deus disse que devemos ser batizados para remissão de pecados, e essa é a regra. Nós devemos pregar a regra, e não insistir em algumas exceções ridículas. Afinal de contas, é muito provável que aquele que esteja ouvindo o evangelho esteja perto de muita água, sendo os únicos obstáculos a falta de fé ou a falta de compreensão da necessidade de ser imerso em água para a remissão de pecados.

2.1.8. BATISMO EM NOME DE QUEM?

Homens discutem e igrejas se dividem sobre a suposta diferença entre o mandamento de Jesus em Mateus 28:19 (batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo) e a prática dos apóstolos e evangelistas na igreja primitiva (batizar em nome de Jesus). Vejamos a seguir como devemos lidar com isso, com base nos artigos “Deve o batismo ser em nome de Jesus?” e “Batismo em nome de quem?” de Gary Fisher e Dennis Allan, publicados no site Estudosdabiblia.net (Estudosdabiblia.net/bd211.htm; Estudosdabiblia.net/2000319.htm, acessados em 10/2023).

Cristo deu aos seus apóstolos a missão de ir por todo o mundo e fazer discípulos “batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mateus 28:18-20). Quando os apóstolos faziam discípulos, eles batizavam “em nome de Jesus Cristo” (Atos 2:38; 10:48), e “em nome do Senhor Jesus” (Atos 8:16; 19:5). Há uma controvérsia sobre qual dessas “fórmulas” deve ser recitada sobre a pessoa que está recebendo o batismo. Alguns rejeitam as palavras de Mateus. Outros negam a validade do batismo porque as “palavras certas” não foram faladas na hora do batismo.

Não há contradição entre as passagens bíblicas que falam do batismo, nem motivo para causar divisões. Devemos observar o seguinte:

1. Os sentidos diferentes de “em nome de”. Embora as traduções portuguesas não façam distinção, há uma diferença interessante no grego. Em Mateus 28:19, o sentido é de batizar para entrar no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. No batismo, nascemos de novo para entrar no reino de Deus (João 3:5), onde temos comunhão com o Pai (João 14:23), o Filho (João 14:23; Gálatas 3:27) e o Espírito Santo (1 Coríntios 6:19). A mesma preposição usada em Mateus 28:19 aparece, também, em Atos 8:16 e 19:5. Esses dois versículos, como Gálatas 3:27, afirmam que entramos em Cristo por meio do batismo. Uma vez que Cristo é perfeitamente unido com as outras pessoas divinas (o Pai e o Espírito), quando entramos em comunhão com ele, gozamos, também, de comunhão com os outros dois (João 17:20-21). Em Atos 2:38 e 10:48, outras preposições gregas têm o sentido de “pela autoridade de” Jesus.
2. As passagens bíblicas sobre o batismo não falam de algum tipo de cerimônia. Como já observamos, elas falam sobre a autorização e o propósito do batismo. Jesus não sugeriu o uso de “palavras mágicas” para validar o batismo.
3. As passagens bíblicas sobre o batismo não se contradizem. Jesus mandou que os apóstolos batizassem para que a pessoa entre no nome do Pai, Filho e Espírito Santo. Quando eles obedeceram e realizaram batismos, fizeram isso, de fato, pela autoridade de Jesus. Quando pessoas obedeceram ao evangelho, foram batizadas para entrar em comunhão com Jesus. As pessoas que sugerem algum tipo de contradição aqui esquecem da perfeita unidade de Deus (João 17:22-23).

Atentemos para outro texto: Colossenses 3:17: “Tudo o que fizerem, seja em palavra seja em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai.” Isso significa que temos que fazer tudo pela autoridade de Jesus, obedecendo a seus mandamentos. Não significa que temos que recitar as palavras “Senhor Jesus” quando fazemos ou dizemos alguma coisa. A expressão “em nome de” não indica uma fórmula para recitar – indica uma autoridade à qual temos que nos submeter.

Portanto, nenhuma passagem bíblica dá um conjunto de palavras para serem pronunciadas sobre a pessoa que recebe o batismo. Os textos sobre batismos referenciados acima dizem o que era feito, não o que era dito, quando uma pessoa era batizada. O batismo deve ser realizado pela autoridade (de acordo com os ensinamentos) do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E, uma vez que nunca há uma discordância entre os três, o que quer que façamos em obediência ao Pai, ou ao Espírito, na mesma ação obedecemos à vontade de Jesus.

É aceitável dizer que alguém está sendo batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É aceitável dizer que alguém está sendo batizado em nome de Jesus. Mas a verdade é que não há nada que tenha que ser dito quando alguém é batizado. As palavras que são faladas simplesmente não afetam a validade do batismo. O que precisamos fazer é cuidadosamente obedecer aos ensinamentos do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sempre que alguém é batizado, e, de fato, em tudo o que dizemos e fazemos.

A pessoa batizada no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo o faz pela autoridade de Cristo. E a pessoa batizada em nome de Jesus entra em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

2.2. O USO DE RECURSOS FINANCEIROS DA IGREJA QUANTO À BENEVOLÊNCIA

O que as Escrituras ensinam sobre como a igreja deve lidar com recursos financeiros? Denominações possuem diferentes entendimentos sobre o assunto.

As Escrituras ensinam que a igreja pode usar seus recursos financeiros para ajudar qualquer cristão necessitado:

Quanto à coleta para o povo de Deus, façam como ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vocês separe uma quantia, de acordo com a sua renda, reservando-a para que não seja preciso fazer coletas quando eu chegar. (*1 Coríntios 16:1-2, "Nova Versão Internacional"*).

E também para prover o evangelismo:

Como vocês sabem, filipenses, nos seus primeiros dias no evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja partilhou comigo no que se refere a dar e receber, exceto vocês; pois, estando eu em Tessalônica, vocês me mandaram ajuda, não apenas uma vez, mas duas, quando tive necessidade. (*Filipenses 4:15-16, "Nova Versão Internacional"*).

É também responsabilidade do cristão individual ajudar os santos (cristãos) em necessidade:

Se alguma mulher crente tem viúvas em sua família, deve ajudá-las. Não seja a igreja sobrecarregada com elas, a fim de que as viúvas [cristãs] realmente necessitadas sejam auxiliadas. (*1 Timóteo 5:16, "Nova Versão Internacional"*).

No entanto, o dever de auxiliar qualquer outro em necessidade (não cristãos) é para o cristão individual:

A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo. (*Tiago 1:27, "Nova Versão Internacional"*).

As Escrituras não ensinam que a igreja pode financiar evangelismo por meio do uso de uma organização fora da igreja, ou que um grupo de igrejas pode financiar evangelismo por meio de uma única igreja.

2.2.1. O INDIVÍDUO E A IGREJA

Ao discutir as responsabilidades da igreja e do indivíduo em relação à benevolência, muitas vezes parece haver confusão quanto à relação do indivíduo e da igreja. Muitos sentem que, uma vez que a igreja é composta de cristãos individuais, qualquer coisa que o indivíduo é mandado a fazer é algo que a igreja é permitida a fazer. Será que as Escrituras mostram que isso é verdade?

Embora seja certamente verdade que a igreja é o coletivo dos cristãos individuais tendo Cristo como cabeça (Colossenses 2:18), constatamos que os papéis individuais e coletivos são diferenciados em 1 Timóteo 5:16:

Se alguma mulher crente tem viúvas em sua família, deve ajudá-las. Não seja a igreja sobrecarregada com elas, a fim de que as viúvas realmente necessitadas sejam auxiliadas. (1 Timóteo 5:16, "Nova Versão Internacional").

Aqui, Paulo diz que a igreja não deve ser sobrecarregada com o cuidado de uma viúva cristã. Isso significa, simplesmente, que a obra "cristã" nem sempre é obra "da igreja". Felizmente, um entendimento dessa regra das Escrituras pode resolver alguns dos nossos problemas. Primeiramente, é o indivíduo que tem a responsabilidade. Somente quando não há indivíduos para prestação de auxílio que então a igreja deve intervir e cuidar das viúvas. Se a igreja tivesse a mesma responsabilidade que o indivíduo, essa distinção em 1 Timóteo 5:16 não seria necessária. Além disso, temos o exemplo da cena de julgamento em Mateus 25:31-40:

Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: "Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram." Então os justos lhe responderão: "Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?" O Rei responderá: "Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram." (Mateus 25:31-40, "Nova Versão Internacional").

Como podemos constatar, as ovelhas representam coletivamente a igreja, mas ainda assim o julgamento é baseado em como cada pessoa, como indivíduo, ajudou os necessitados.

A igreja existe para a assistência de seus membros, espiritualmente, fisicamente e emocionalmente (Hebreus 10:25; 1 Coríntios 16:1-2). No entanto, como constatamos acima em Mateus 25:31-46, os santos não são salvos pela virtude da igreja em que eles se reúnem, mas porque foram encontrados justos individualmente aos olhos do Senhor. Trabalhamos como um coletivo para nos ajudar mutuamente nessa caminhada, porém, no final, o julgamento será feito individualmente, como é demonstrado claramente em Romanos 14:10: "Portanto, você, por que julga seu irmão? E por que despreza seu irmão? Pois todos compareceremos diante do tribunal de Deus."

Portanto, como constatamos, o indivíduo tem mais responsabilidade do que a igreja coletiva, pois o indivíduo pode agir de três maneiras:

- Estritamente como indivíduo. Exemplos: evangelizando (Mateus 28:18) ou sendo um exemplo (Mateus 5:13-16);
- Como parte da igreja coletiva. Exemplos: Ceia do Senhor (Atos 20:7), contribuição voluntária (1 Coríntios 16:1-2);
- Tanto como indivíduo quanto como parte da igreja coletiva. Exemplos: cantando (Colossenses 3:16; Tiago 5:13) ou orando (1 Tessalonicenses 5:17).

Todos esses atos, quando feitos de acordo com as Escrituras, levam à edificação dos cristãos individuais e do corpo de Cristo. Quando desfocamos ou destruimos as linhas divisórias que Deus criou, colocamo-nos em perigo de apostasia (2 João 1:9).

2.2.2. BENEVOLÊNCIA DA IGREJA A NÃO CRISTÃOS

Muitos grupos e denominações ensinam que a igreja está autorizada a usar parte de seus recursos financeiros para ajudar os não cristãos de alguma forma, seja por meio de subsídio direto ou por meio de alguma instituição estabelecida para esse fim. Será que as Escrituras ensinam que a igreja pode ajudar os não cristãos com seus recursos financeiros? Muitos argumentos são feitos usando as Escrituras para tentar justificar o uso dos fundos destinados à obra do Senhor para ajudar os não cristãos. Vamos examinar esses argumentos a seguir.

- **Argumento:** 2 Coríntios 9:12-14 mostra que a igreja contribuiu a outros além dos santos;

- **Resposta:** vejamos a passagem em questão:

O serviço ministerial que vocês estão realizando não está apenas suprimindo as necessidades do povo de Deus, mas também transbordando em muitas expressões de gratidão a Deus. Por meio dessa prova de serviço ministerial, outros louvarão a Deus pela obediência que acompanha a confissão que vocês fazem do evangelho de Cristo e pela generosidade de vocês em compartilhar seus bens com eles e com todos os outros. E nas orações que fazem por vocês, eles estarão cheios de amor por vocês, por causa da insuperável graça que Deus tem dado a vocês. (2 Coríntios 9:12-14, “Nova Versão Internacional”).

Essa passagem diz que a igreja de Corinto acabou por “compartilhar seus bens com eles e com todos os outros”. Quem são aqueles que estão contidos em “todos os outros”? Seriam não cristãos? Não. A partir do versículo 14, sabemos que tanto “eles” quanto “todos os outros” são referidos em “E nas orações que fazem por vocês”. Quem ora pelos cristãos além de outros cristãos? “Eles” são os cristãos específicos que estão sendo ajudados agora, e “todos os outros” são os demais cristãos que foram ajudados pela igreja de Corinto, ou os cristãos que ainda serão ajudados no futuro. Portanto, é certo a partir dessa passagem que Paulo se refere à doação de cristãos para cristãos, e apenas para cristãos.

Além do mais, Paulo aqui está falando no contexto da coleta dos donativos das igrejas locais para onde estava viajando para, mais tarde, levar esses donativos à igreja local em Jerusalém, a qual estava sofrendo por causa da fome. Em casos de necessidade, tal como aquela causada por severa fome na Judeia, as igrejas pobres receberam assistência financeira das congregações mais prósperas de outros lugares (Atos 11:27-30). É por isso que Paulo enviou instruções à igreja coríntia (também mencionada em Romanos 15:25-32) sobre as doações para ajudar os irmãos pobres de Jerusalém (1 Coríntios 16:1-4; 2 Coríntios 8).

- **Argumento:** devemos fazer o bem a “todos os homens” em Gálatas 6:10. A carta aos gálatas foi escrita para as igrejas da Galácia, portanto, a igreja tem que fazer o bem a “todos os homens”.
- **Resposta:** o texto em questão é o seguinte:

Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé. (Gálatas 6:10, “Nova Versão Internacional”).

Ao considerar esse versículo, devemos examinar o contexto da carta aos gálatas, especialmente em torno do sexto capítulo. Ao longo dele, Paulo faz referência a indivíduos, de forma que: eles devem suportar os fardos uns dos outros (versículo 2), cada um suportando seu próprio fardo (versículos 3-5); que o indivíduo ensine as coisas de Cristo (versículo 6); e que cada um colherá o que semeia (versículos 7-8). Portanto, como podemos constatar, o cristão individual é o foco dessa parte da carta aos gálatas. No contexto, é claro que o versículo 10 também se refere ao trabalho do indivíduo, e não ao trabalho da igreja. Ajudar os necessitados que não são cristãos é atribuição do indivíduo, e não da igreja.

- **Argumento:** Tiago 1:27 mostra que devemos ajudar órfãos e viúvas... Por que não podemos fazer isso como uma igreja?
- **Resposta:** segue o texto em questão:

A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo. (Tiago 1:27, “Nova Versão Internacional”).

Tiago é muito específico nessa passagem sobre para quem a responsabilidade de visitar os órfãos e as viúvas é dada: a expressão “não se deixar corromper” se refere a um indivíduo – um cristão que não se deixa ser corrompido pelo mundo. Está claro que Tiago tem a intenção de transmitir que a religião pura e imaculada, isto é, cuidar dos órfãos e viúvas e se manter incontaminado do mundo, seja praticada por cada cristão individualmente. Além do mais, é claro pela leitura cuidadosa do capítulo 1 da epístola que o contexto mostra que Tiago está dirigindo suas palavras para cada cristão individualmente.

- **Réplica:** mas isso significa que a igreja não pode praticar a religião pura e imaculada?

- **Resposta:** Tiago 1:27 não está discutindo a igreja de forma alguma. Tiago não faz nenhum comentário para a natureza da igreja ou sua função. Tiago fala apenas ao cristão individual. Aprendemos o seguinte de Efésios 5:27:

e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável. (*Efésios 5:27, “Nova Versão Internacional”*).

Nós constatamos que a igreja é santa e irrepreensível, assim “pura e imaculada, mantida incontaminada do mundo”. A necessidade de “praticar a religião”, como se observa em Tiago 1:27, não precisa ser um fardo para a igreja e, assim, também a igreja não é sobrecarregada com a assistência aos não cristãos. A autorização da epístola de Tiago para ajudar não cristãos é dada para cada cristão individual, não para a igreja, ainda que Tiago eventualmente se dirija aos irmãos no plural.

2.2.3. CONVENIÊNCIAS?

- **Argumento:** damos à igreja para que a igreja possa dar aos pobres como uma conveniência para que possamos cumprir nossos mandamentos;
- **Resposta:** uma conveniência é a forma como alguém cumpre um mandamento. As conveniências certamente são usadas quando um mandamento foi dado. Por exemplo, um hinário é uma conveniência para que possamos cantar, um carro é uma conveniência para nos transportar para o local de trabalho, entre outras coisas. No entanto, não há direito bíblico em ter uma conveniência para um mandamento que não foi dado. Uma conveniência no caso da benevolência para um não cristão seria se um cristão individual apoiasse financeiramente uma instituição séria que auxilia os pobres e necessitados. Envolver a igreja nisso, no entanto, constitui uma adição não autorizada nas Escrituras.

2.2.4. DISTINÇÕES ENTRE RESPONSABILIDADES ENTRE INDIVÍDUO E IGREJA

Alguns, ao discutirem a questão de responsabilidades de indivíduo e igreja, desejam deixar o assunto nebuloso ao tentar discutir os órfãos em geral. A igreja tem a responsabilidade de ajudar qualquer um que é cristão, não importa o que ele ou ela seja: uma viúva, uma mãe, um pai, uma criança ou um órfão. Se qualquer um deles se converteu ao Senhor e foi adicionado à sua Igreja (Atos 22:16), a igreja está obrigada a ajudá-lo(a) em qualquer necessidade. A igreja, no entanto, não tem autorização para ajudar quem não é um cristão, sejam mães, pais, viúvas, filhos ou órfãos, pois isso é responsabilidade do cristão individual (conforme discutido acima sobre Tiago 1:27 e Gálatas 6:10).

2.2.5. OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS?

Quando se trata de dar benevolência a não cristãos, alguns argumentarão que a igreja pode dar dinheiro aos não cristãos para ajudar a convertê-los. O argumento segue na seguinte linha de pensamento: uma vez que alguns desses indivíduos se converterão, o que poderia estar errado em ajudá-los de antemão?

É verdade que devemos converter todos aqueles que pudermos (Mateus 28:18-20), e que a igreja deve apoiar o evangelismo (Filipenses 4:15-16). Mesmo assim, será que qualquer coisa é lícita para converter pessoas? Devemos fazer qualquer coisa que pudermos para converter pessoas? Por exemplo, se um cristão entrasse em um bar para divulgar a Palavra e ele comprasse para um possível futuro cristão uma bebida, e ele mais tarde realmente se convertesse, isso justificaria a compra do álcool? De jeito nenhum! Devemos levar os outros a Cristo pelo nosso exemplo (Mateus 5:7-13). Que tipo de exemplo estabelecemos quando aprovamos implicitamente coisas que Deus não aprovou? Devemos sempre nos esforçar para evangelizar e ajudar aqueles que estão no mundo perdido, mas não devemos fazê-lo à custa de nossa própria pureza e santidade, como evidenciado em Tiago 1:27.

Além disso, se usarmos a benevolência para converter, estamos convertendo as pessoas ao quê? Estaríamos convertendo pessoas ao reino espiritual de Deus ou a um donativo? Consideremos o exemplo de João 6 e constatemos que precisamos pregar o evangelho para converter as pessoas ao evangelho. Não devemos fazer uso de alimentos ou benevolências para esse fim.

2.2.6. A SOCIEDADE MISSIONÁRIA

Muitas denominações estabeleceram o que são chamadas de “sociedades missionárias”: instituições estabelecidas para financiar as necessidades dos missionários em todo o mundo. Essas sociedades missionárias geralmente recebem financiamento de igrejas individuais dentro de uma denominação, ou de mais denominações, e distribuem os fundos aos missionários. Será que as Escrituras permitem tal prática?

Não há nenhum mandamento ou exemplo nas Escrituras de qualquer igreja ou igrejas que financiem uma instituição separada para apoiar missionários. Contudo, argumenta-se que, uma vez que os evangelistas recebiam fundos de muitas maneiras diferentes nas Escrituras, como por seus próprios trabalhos (Atos 18:3), pela igreja local na qual eles estão trabalhando no momento (2 Coríntios 11:7-10), ou por diferentes igrejas que os apoiam (Filipenses 4:15-17), que Deus estabeleceu uma liberdade na forma como os missionários podem ser financiados.

Seria possível justificar que um grupo de cristãos se juntasse para reunir seus recursos a fim de financiar um evangelista/missionário usando o argumento dado acima. Ainda assim, como constatamos anteriormente, o indivíduo e a igreja são entidades diferentes. A dificuldade dentro das Escrituras sobre o estabelecimento da sociedade missionária não é como os missionários são financiados, mas os meios pelos quais eles são financiados. No sistema de sociedade missionária, uma igreja teria que dar seus fundos nas mãos de uma organização diferente, a qual determina quem deve receber o financiamento. Onde está o padrão bíblico para uma liberdade a esse respeito – utilizar uma instituição fora da igreja para determinar como repartir os recursos daquela igreja? Dessa maneira, a igreja local perderia sua autonomia sobre seus próprios recursos.

As Escrituras ensinam que cada congregação individual do povo do Senhor é uma entidade autônoma: é autogovernada. Cada congregação deve ter seus próprios presbíteros/bispos/pastores pastoreando o rebanho e diáconos para atenderem suas necessidades. Nós lemos o seguinte em Atos 20:28 e Tito 1:5:

Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue. (Atos 20:28, “Nova Versão Internacional”).

A razão de tê-lo deixado em Creta foi para que você pusesse em ordem o que ainda faltava e constituísse presbíteros em cada cidade, como eu o instruí. (Tito 1:5, “Nova Versão Internacional”).

Pode notar-se aqui que as palavras de Paulo em Atos 20:28 são dirigidas aos presbíteros/bispos/pastores da igreja em Éfeso, e apenas aos presbíteros/bispos/pastores da igreja em Éfeso (Atos 20:17). Não temos provas nas Escrituras de que alguma das igrejas era governada por qualquer oficial superior de qualquer tipo.

Portanto, como cada congregação individual é uma entidade autônoma, cada congregação é responsável por encorajar e edificar cada um de seus membros e apoiar o evangelismo. Não há padrão ou exemplo nas Escrituras de igrejas que combinem seus esforços em uma instituição separada para financiar o evangelismo.

Como uma igreja local pode exercer qualquer tipo de controle sobre os fundos que ela envia para a “sociedade missionária”? Se parte dos fundos da igreja forem usados para pagar a equipe de apoio da instituição, será que a instituição cumpriria o mandamento de financiar o evangelismo? Ou estaria gastando os recursos da igreja indevidamente? A congregação local, evidentemente, não teria controle sobre os recursos dados à sociedade missionária, de forma a garantir que seus fundos sejam gastos diretamente no evangelismo, nem poderia afirmar a integridade daqueles indivíduos a quem os fundos foram concedidos. Assim, a “sociedade missionária” é uma instituição sem fundamentos bíblicos. Em última análise, as igrejas que financiam essas sociedades violam o padrão bíblico da autonomia da igreja local.

2.2.7. O ARRANJO DE IGREJA PATROCINADORA

Algumas igrejas não têm sociedades missionárias, mas financiam evangelistas por meio de um “arranjo de igreja patrocinadora”. Nesse arranjo, uma igreja local suporta um missionário em um determinado lugar e todas as outras igrejas que desejam financiar tal missionário enviam ajuda para essa igreja. Seria esse um padrão autorizado nas Escrituras?

A ideia é bastante semelhante à sociedade missionária, com uma igreja local assumindo a responsabilidade que seria da sociedade missionária. Embora esse sistema tenha menos burocracia, ainda não existe suporte bíblico para tal arranjo. A igreja local que deseja usar seus fundos para auxiliar um evangelista ainda não o financiaria diretamente, o que resultaria que o padrão da autonomia da igreja local seja novamente violado, uma vez que a igreja local ainda não teria controle sobre os fundos que estaria enviando para o evangelista. Portanto, não é sábio arriscar violar a autonomia da igreja local ao utilizar quaisquer intermediários para ceder fundos de uma igreja local para um evangelista. Podem ser utilizados intermediários para repasse a um evangelista no caso de fundos de um cristão individual, ou de um grupo de cristãos, mas não no caso de fundos de uma igreja local.

É argumentado por alguns que tal arranjo estava em vigor com Paulo e a igreja de Jerusalém em Atos 15:22 e em Atos 16:4-5 com as igrejas de Antioquia e da Ásia Menor. Uma vez que a igreja em Jerusalém deu uma mensagem a Paulo para proclamar a essas igrejas, argumenta-se que esse é um exemplo da igreja em Jerusalém ajudando as outras igrejas no evangelismo. O que as Escrituras dizem?

Nós lemos o seguinte em Atos 15:22 e Atos 16:4-5:

Então os apóstolos e os presbíteros, com toda a igreja, decidiram escolher alguns dentre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé. Escolheram Judas, chamado Barsabás, e Silas, dois líderes entre os irmãos. (Atos 15:22, *"Nova Versão Internacional"*).

Nas cidades por onde passavam, transmitiam as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros em Jerusalém, para que fossem obedecidas. Assim as igrejas eram fortalecidas na fé e cresciam em número cada dia. (Atos 16:4-5, *"Nova Versão Internacional"*).

É difícil não notar que os apóstolos tiveram bastante importância nesse episódio, mas por que os presbíteros de Jerusalém estão envolvidos? A razão é deixada clara em Atos 15:1:

Alguns homens desceram da Judeia para Antioquia e passaram a ensinar aos irmãos: "Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos." (Atos 15:1, *"Nova Versão Internacional"*).

Esse assunto foi discutido não apenas pelos apóstolos, mas também pelos presbíteros da igreja em Jerusalém, porque a origem do erro veio da congregação de Jerusalém, pois eram homens da Judeia (Atos 15:1). Sabemos de 2 Coríntios 3:1-2 que os homens que ensinavam esse erro viriam com cartas de recomendação e, uma vez que eles foram, pelo menos, parte da igreja de Jerusalém em algum momento (Atos 15:5), os presbíteros daquela igreja se posicionaram de forma a apoiar a verdade do evangelho, uma vez que o erro se originou a partir de sua própria congregação.

A fonte da autoridade da mensagem proclamada por carta por meio de Paulo e dos outros foi a aprovação do Espírito Santo, entendida pelos apóstolos e pelos presbíteros da igreja de Jerusalém. Essa decisão não foi proclamada pela igreja em Jerusalém para as igrejas na Ásia Menor: a decisão foi proclamada por meio de Paulo e dos outros com a aprovação dos outros apóstolos e dos presbíteros da igreja em Jerusalém pela autoridade direta do Espírito Santo.

Além disso, nenhum fundo ou qualquer outra forma de auxílio foi dada com base nessa questão, e nem todas as igrejas procuraram a igreja em Jerusalém para essa decisão: os presbíteros da igreja em Antioquia acharam prudente enviar Paulo e outros a Jerusalém para discutir o assunto com os apóstolos, os homens inspirados pelo Espírito Santo, juntamente com os presbíteros de Jerusalém, os quais são as autoridades sobre a congregação de onde surgiu o erro. Não há nada nessas passagens com o moderno "arranjo de igreja patrocinadora".

O principal argumento dado é que a benevolência e o evangelismo estão ligados e, uma vez que ninguém discorda que uma igreja local tem autoridade para enviar benevolência para outra igreja local para que ela possa repassar a outros, isso significa que uma igreja local pode enviar fundos para outra igreja local para que ela repasse os fundos aos evangelistas. Qual a Escritura, no entanto, que afirma definitivamente que a benevolência e o evangelismo estão ligados? Há provas nas Escrituras em contrário, vistas em Atos 6:1-4:

Naqueles dias, crescendo o número de discípulos, os judeus de fala grega entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica, porque suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária de alimento. Por isso os Doze reuniram todos os discípulos e disseram: “Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir às mesas. Irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria. Passaremos a eles essa tarefa e nos dedicaremos à oração e ao ministério da palavra.” (*Atos 6:1-4, “Nova Versão Internacional”*).

Aqui, temos evidências de benevolência (servir às mesas) e evangelismo (ministrar a Palavra do Senhor) separados com bastante clareza: os apóstolos não acharam apropriado deixar a pregação da Palavra de Deus para ajudar os irmãos naquele momento. Se a benevolência e o evangelismo estivessem ligados, por que os apóstolos os separariam?

Além disso, argumenta-se que Paulo era o beneficiário de um “arranjo de igreja patrocinadora” de acordo com Filipenses 4:15-16 e 2 Coríntios 11:8-9:

Como vocês sabem, filipenses, nos seus primeiros dias no evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja partilhou comigo no que se refere a dar e receber, exceto vocês; pois, estando eu em Tessalônica, vocês me mandaram ajuda, não apenas uma vez, mas duas, quando tive necessidade. (*Filipenses 4:15-16, “Nova Versão Internacional”*).

Despojei outras igrejas, recebendo delas sustento, a fim de servi-los. Quando estive entre vocês e passei por alguma necessidade, não fui um peso para ninguém; pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram aquilo de que eu necessitava. Fiz tudo para não ser pesado a vocês, e continuarei a agir assim. (*2 Coríntios 11:8-9, “Nova Versão Internacional”*).

Paulo, na carta aos filipenses, declara claramente no versículo 15 que a igreja em Filipos foi a única que o apoiou quando ele saiu da Macedônia! O relato em 2 Coríntios é muito provavelmente sobre um evento semelhante, porém, naquele momento, muitas igrejas o estavam apoiando. As Escrituras não dão um relato de que forma esse apoio foi realizado. Isso pode ser entendido de duas maneiras:

- Igrejas locais individuais enviaram contribuições individuais para Paulo;
- Igrejas locais individuais forneceram recursos para uma igreja local para que ela os repassasse a Paulo como uma contribuição coletiva.

A segunda opção requer maior grau de inferência do que a primeira e, ainda assim, não é suficiente para ser considerada como evidência bíblica para justificar um “arranjo de igreja patrocinadora”. A primeira inferência é mais segura (não apresenta risco de violar as Escrituras) e é mais simples.

Existem muitos outros textos como esses, incluindo Romanos 15:29 e textos em 2 Coríntios 8 e 9. Todos requerem a mesma ideia de inferência. No final, todo o “arranjo de igreja patrocinadora” baseia-se apenas em inferência. Todos os textos como esses são mais facilmente explicados por igrejas individuais que contribuíram diretamente para os evangelistas. Não existe nenhum arranjo de igreja patrocinadora. Essa ideia acaba por violar o princípio bíblico da autonomia da congregação local.

2.3. O USO DE RECURSOS DA IGREJA: OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Como constatamos ao estudar sobre o [uso de recursos da igreja na questão da benevolência](#), muitas denominações sobrecarregam a igreja com responsabilidades que não foram atribuídas a ela, especialmente em termos de benevolência para os não cristãos e a criação de instituições desnecessárias para facilitar a benevolência e o evangelismo.

Muitas denominações também sobrecarregam o coletivo com outras responsabilidades, incluindo a cura dos doentes, a educação das crianças, a alimentação das pessoas, entre outras coisas. Investigaremos muitos aspectos diferentes dessas responsabilidades a seguir. Antes disso, no entanto, é importante lembrar de princípios importantes.

O silêncio das Escrituras sobre determinada questão não a autoriza ou a condena por si só, mas deve haver autoridade genérica correspondente para estabelecer a liberdade, ou autoridade específica para estabelecer proibição. As práticas que abordaremos a seguir não possuem nenhum comando do Novo Testamento para que a igreja se envolva nelas. É difícil dizer, portanto, como elas poderiam, de qualquer forma, ser autorizadas para a igreja.

As Escrituras estabelecem que o indivíduo e a igreja, ainda que compartilhem algumas obrigações, não são intercambiáveis. 1 Timóteo 5:16 fornece o princípio de que o indivíduo não é o mesmo que a igreja, pois o indivíduo deve arcar com uma viúva cristã para que a igreja possa ajudar as outras. Muitas das práticas sobre as quais falaremos são boas para serem feitas por indivíduos. Não há provas das Escrituras, no entanto, que a igreja tenha sido incumbida com essas responsabilidades.

No entanto, muitas vezes, quando as pessoas são questionadas sobre muitas das práticas mencionadas a seguir, especialmente em termos de onde está a autorização para uma igreja local erguer edifícios para fins de cura, companheirismo, exercício, etc., elas responderão questionando a respeito da autorização para ter um edifício de igreja.

É realmente uma boa pergunta. Não há edifícios de igrejas no Novo Testamento, nem existe um mandamento para construir um. O edifício da igreja é, na verdade, uma conveniência para a reunião dos santos. A conveniência é autorizada pelo Novo Testamento pelo claro mandamento de se reunir em Hebreus 10:25: “Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia.”

O mandamento estabelece que devemos nos reunir. Temos exemplos em Atos 20:7 e 1 Coríntios 16:1-2 que os cristãos se reuniram no primeiro dia da semana para partir o pão e ter uma coleta de donativos. Outras reuniões também poderiam ser realizadas diariamente se assim se desejasse (Atos 2:46). Não obstante, o que vemos no Novo Testamento em relação a onde devemos nos reunir?

Vejamos os seguintes três exemplos no Novo Testamento:

- O templo, em Atos 2:46: “Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração”;
- O Pórtico de Salomão, em Atos 5:12: “Os apóstolos realizavam muitos sinais e maravilhas entre o povo. Todos os que creram costumavam reunir-se no Pórtico de Salomão”;
- Casas dos cristãos, em Filemom 2: “à irmã Áfia, a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que se reúne com você em sua casa”.

Constatamos desses três exemplos que os cristãos se encontraram onde quer que puderam. Também, por causa dos diferentes lugares, Deus mostrou por meio de sua Palavra sua indiferença em relação ao local onde seus santos se encontram. Assim, uma vez que temos autoridade genérica em relação ao nosso local de reunião, temos permissão para construir um edifício para esse fim, ou utilizar um edifício já existente.

2.3.1. HOSPITAIS

Algumas denominações criam e apoiam hospitais para cuidar dos doentes. Muitas vezes, argumenta-se que, uma vez que Jesus curou os doentes, a igreja pode ajudar a curar os doentes. Encontramos isso estabelecido na Bíblia?

Como indivíduos, se tivermos a oportunidade de ajudar algumas pessoas doentes, devemos fazê-lo. Tal é o que Tiago espera em Tiago 5:14-15:

Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado. (*Tiago 5:14-15, “Nova Versão Internacional”*).

É interessante ver que Tiago espera que os presbíteros orem pela pessoa doente e que é a oração da fé que deve salvar. Tiago não espera que a igreja construa hospitais para esse fim. Em vez disso, os presbíteros e a pessoa doente devem confiar em Deus.

O fato de que Jesus curou pessoas significa que devemos construir hospitais? É claro que parte do ministério de Jesus incluiu curar os doentes (Mateus 4:24), mas qual foi a principal missão de Jesus enquanto estava na Terra? O próprio Jesus estabeleceu seu propósito em Lucas 19:10: “Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido.”

O propósito de Jesus, então, era “buscar e salvar os perdidos”, não de salvar pessoas de suas doenças, mas de seus pecados! Curar os doentes era um sinal para as pessoas perceberem que Jesus era o Cristo. Muitos que foram curados perceberam no processo a necessidade de seguir Jesus (veja João 9). No entanto, o propósito principal de Jesus sempre foi redimir almas perdidas, e a igreja deve continuar essa missão (Mateus 28:18-20; Filipenses 4:15-17). A igreja não foi incumbida com a responsabilidade de construir e financiar hospitais.

2.3.2. CENTROS DE EDUCAÇÃO

Muitas igrejas hoje financiam centros de educação, seja para educação primária ou secundária, faculdades privadas ou escolas para instrução religiosa. Será que as Escrituras indicam que a igreja foi tão carregada com atribuições como essas?

Os cristãos têm o direito de serem educados. O próprio Lucas era um médico (Colossenses 4:14). Nós também devemos ser educados em assuntos religiosos, como Paulo diz a Timóteo em 2 Timóteo 2:15:

Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade. (2 Timóteo 2:15, “Nova Versão Internacional”).

Nós devemos ensinar e aprender (Colossenses 3:16), mas nunca vemos uma igreja erigindo uma instalação com o propósito de educar qualquer um. Os únicos exemplos de instrução religiosa do Novo Testamento envolvem ensinamento e pregação regular nas reuniões de cristãos (conforme Atos 2:42) e os exemplos de Paulo, Timóteo, Tito e outros. Quando o pregador mais experiente (Paulo) continuamente ensinou, Timóteo e Tito aprenderam enquanto trabalhavam com ele nas igrejas e por cartas (1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito).

A principal responsabilidade pela educação das crianças recai sobre os pais da criança (Efésios 6:4). Se os pais decidirem enviar seu filho para uma escola pública ou privada para aprender sobre assuntos seculares e instruir sobre religião em sua casa, ou se eles decidirem ensinar a criança por meio de educação domiciliar tanto em assuntos seculares quanto religiosos, tudo bem – eles têm liberdade nesse assunto. No entanto, a igreja não foi carregada com a responsabilidade de treinar crianças em assuntos seculares e nem criar e/ou financiar uma instituição para ensinar crianças de qualquer forma.

2.3.3. COZINHAS OU SALÕES PARA COMPANHEIRISMO

Muitas igrejas hoje construíram cozinhas e/ou salões para companheirismo para encorajar comunhão entre os santos. Embora pareça uma boa ideia, a igreja foi incumbida com essa responsabilidade?

Os cristãos certamente devem se unir e se associar uns aos outros. A hospitalidade envolvendo os santos é ordenada por Pedro em 1 Pedro 4:9. Embora tenhamos exemplos de cristãos se juntando por razões sociais, incluindo o consumo de refeições (conforme Atos 2:46), em nenhum lugar encontramos que a igreja tenha facilitado essa associação com um edifício ou qualquer outro tipo de coisa. Além disso, lemos o seguinte em 1 Coríntios 11:19-22:

Pois é necessário que haja divergências entre vocês, para que sejam conhecidos quais dentre vocês são aprovados. Quando vocês se reúnem, não é para comer a ceia do Senhor, porque cada um come sua própria ceia sem esperar pelos outros. Assim, enquanto um fica com fome, outro se embriaga. Será que vocês não têm casa onde comer e beber? Ou desprezam a igreja de Deus e humilham os que nada têm? Que lhes direi? Eu os elogiarei por isso? Certamente que não! (1 Coríntios 11:19-22, “Nova Versão Internacional”).

Claramente, a igreja em Corinto teve divisão promovida dentro de si mesma. Parece por essa passagem que parte dessa divisão estava sendo causada por comer e beber durante as reuniões de cristãos. Paulo aqui está delineando entre atividades enquanto cristãos estão reunidos e atividades a serem realizadas em casa – no caso, participar juntos da Ceia do Senhor nas reuniões, mas comer e beber em casa.

Quanto aos indivíduos, eles podem e devem abrir suas casas e compartilhar refeições com irmãos – a igreja e seus recursos, nesse caso, não estariam realizando algo não autorizado.

Quando se discute a questão da sala de comunhão ou da cozinha, muitas vezes as pessoas vão perguntar o há de errado com “comer no edifício”. A questão não é sobre “comer no edifício”, por assim dizer. Muitas vezes as crianças necessitam de alimentos durante uma longa reunião. Algumas pessoas, por outros motivos de saúde, precisam comer em determinados horários. Pode haver um momento em que as pessoas estão trabalhando no edifício e é conveniente comer ali. No entanto, um indivíduo ou dois comendo no edifício para algum propósito necessário, usando algum espaço do edifício da igreja local, é bem diferente de construir algo com o único propósito de preparar comida e/ou comer usando recursos da igreja. A questão não é sobre “comer no edifício” em si, mas se as Escrituras têm ou não incumbido a igreja a usar seus recursos na obrigação de facilitar a associação de seus constituintes. Nenhuma autorização foi apresentada.

- **Objeção:** mas um salão de companheirismo é uma conveniência para que possamos ter comunhão;
- **Resposta:** se alguém quer ter uma conveniência autorizada, ela deve estar facilitando o cumprimento de um mandamento. Assim como a questão de dar benevolência a não cristãos, assim é com a associação com propósito social: em lugar algum a igreja foi comandada a fazer essas coisas. Sim, há exemplos em que a igreja está se juntando para uma função social, mas onde vemos quais exemplos devem ser facilitados com recursos de uma igreja? Onde uma igreja é incumbida com a responsabilidade de facilitar, com seus recursos, as obrigações dadas por Deus ao indivíduo? As Escrituras não indicam tal fardo para a igreja!

2.3.4. GINÁSIOS E ACADEMIAS

Existem muitas denominações e igrejas que construíram ou mantiveram ginásios ou academias. Tais instalações são projetadas para ajudar a melhorar os corpos físicos dos membros e para fornecer associação.

Enquanto 1 Coríntios 6:19 indica que nossos corpos são o “templo do Espírito Santo” e, portanto, seria uma boa ideia manter o corpo saudável, as Escrituras em nenhum lugar comandam o exercício físico, mesmo para o indivíduo. Paulo estabelece que o exercício físico é de algum proveito em 1 Timóteo 4:8 e, portanto, um cristão certamente tem a liberdade de se exercitar fisicamente. No entanto, uma vez que o exercício físico não é comandado nas Escrituras, nem mesmo para o indivíduo, como uma igreja que constrói um ginásio pode ser justificada biblicamente? É claro que a igreja não tem autorização para usar seus recursos para construir ou manter ginásios ou academias.

2.3.5. EMPRENDIMENTOS DE NEGÓCIOS

Em muitas igrejas maiores de hoje, é popular que vários tipos de negócios sejam executados no local da igreja, os quais são, de uma forma ou de outra, conectados a essa igreja em particular. Tais negócios incluem cafés, livrarias e outras empresas. Algumas denominações até servem como proprietárias de empresas de investimentos, ou as dirigem, e talvez possam até possuir e executar instalações que são, de forma alguma, relacionadas a qualquer propósito religioso.

Embora possa ser rentável para os indivíduos se envolverem em negócios e apoiarem suas famílias (1 Timóteo 5:8), a igreja não tem atribuição nenhuma nas Escrituras para operar ou supervisionar atividades comerciais. A Bíblia indica que a igreja deve apoiar o seu trabalho espiritual pelas contribuições voluntárias de seus membros (1 Coríntios 16:1-3; 2 Coríntios 9:6-15), ou, em tempos de necessidade, pode receber recursos por meio da benevolência de outras igrejas (2 Coríntios 8:1-9:15). Não existe outra maneira biblicamente aprovada para uma igreja ganhar fundos. Não encontramos nenhuma indicação de que uma igreja deva estar envolvida em cafés, livrarias, imóveis ou qualquer outra coisa dessas.

2.3.6. EM NOME DO EVANGELISMO?

Às vezes, uma ou mais das práticas acima mencionadas serão defendidas “em nome do evangelismo”: alega-se que um salão de companheirismo, ou ginásio, ou livraria, ou alguma outra coisa assim pode levar alguém a Cristo. Seria isso uma justificativa suficiente para uma igreja realizar essas práticas?

Um dos pontos importantes é se perguntar ao que as pessoas são convertidas quando se usa alimentos, ou cuidados médicos, ou uma academia, ou outras coisas assim. Essas pessoas estão sendo convertidas a Jesus e sua verdade ou para os vários serviços prestados?

Jesus forneceu uma ilustração útil: depois de ter alimentado os cinco mil, e as pessoas o seguiram, ele disse a elas o seguinte em João 6:26:

Jesus respondeu: “A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos.” (João 6:26, “Nova Versão Internacional”).

Embora seja verdade que Jesus alimentou a multidão, a multidão foi “convertida” para obter pão, não para Jesus. Isso se torna aparente quando Jesus prega algumas verdades difíceis em João 6:27-65. Em João 6:66 está claro que somente os doze discípulos originais permaneceram com ele. Dos cinco mil que comeram pão, quantos foram convertidos ao serviço a Jesus? Nenhum. Se tal foi o resultado para o Cristo em pessoa, como devemos esperar conseguir fazer melhor?

Construir e manter tais instalações de forma alguma é de aproveitamento ao verdadeiro evangelismo. Isso é indicado pelo exemplo de nosso próprio Senhor. Devemos pregar o evangelho de Cristo promovendo a sua verdade espiritual, e não tentando anexar ao evangelho alguma forma de truque ou conceito a fim de atrair pessoas.

2.4. OBSERVÂNCIAS

Em geral, as Escrituras não indicam festividades específicas ou observâncias específicas para os cristãos, salvo a reunião no primeiro dia da semana para partir o pão (Atos 20:7). As Escrituras também não fazem nenhum mandamento ou memorial para honrar o nascimento de nosso Senhor – as Escrituras nem sequer mencionam a data de seu nascimento. Quanto à morte do Senhor, o único memorial estabelecido nas Escrituras é a Ceia do Senhor:

E lhes disse: “Desejei ansiosamente comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer. Pois eu lhes digo: não comerei dela novamente até que se cumpra no Reino de Deus.” Recebendo um cálice, ele deu graças e disse: “Tomem isto e partilhem uns com os outros. Pois eu lhes digo que não beberei outra vez do fruto da videira até que venha o Reino de Deus.” Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim.” Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês.” (Lucas 22:15-20, “Nova Versão Internacional”).

2.4.1. OBSERVÂNCIAS E O ANO LITÚRGICO

Ao longo da história da “cristandade”, muitas observâncias especiais em muitas formas foram estabelecidas. Essas observâncias, em teoria, tentam celebrar muitos eventos na vida e morte de Jesus, a fundação da igreja e as celebrações de vários indivíduos ao longo do tempo. Em muitos casos, essas observâncias representam uma “cristianização” de festivais previamente pagãos: uma vez que os pagãos não desistiram de seus festivais, as “autoridades religiosas” simplesmente forneceram a elas uma nova “aparência cristã”.

Nenhuma das observâncias sobre as quais estamos prestes a falar derivam do Novo Testamento. Não encontramos nenhuma evidência no Novo Testamento de que os cristãos guardaram quaisquer das observâncias descritas abaixo. Esse silêncio é bastante importante, especialmente considerando a popularidade moderna dessas observâncias.

Em discussões como essas, no entanto, é importante lembrar de Romanos 14:5-6:

Há quem considere um dia mais sagrado que outro; há quem considere iguais todos os dias. Cada um deve estar plenamente convicto em sua própria mente. Aquele que considera um dia como especial, para o Senhor assim o faz. Aquele que come carne, come para o Senhor, pois dá graças a Deus; e aquele que se abstém, para o Senhor se abstém, e dá graças a Deus. (*Romanos 14:5-6, "Nova Versão Internacional"*).

Enquanto não encontramos nenhuma razão bíblica para observar muitos desses festivais e outras observâncias, a grande maioria delas provavelmente se encaixa em Romanos 14:5. Separar dias específicos para lembrar eventos na vida de nosso Senhor não é errado ou pecaminoso. Isso não pode, no entanto, ser estabelecido como obrigatoriedade.

A coleção da maioria das observâncias populares (Advento, Natal, Epifania, Anunciação, Quarta-Feira de Cinzas, Quaresma, Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Ascensão, Pentecostes) compreendem o que é frequentemente chamado de Ano Litúrgico em muitas denominações. Uma vez que essas observâncias normalmente se encaixam entre novembro e julho, elas não representam substancialmente muito de um ano. De qualquer forma, tal conceito não está fundamentado nas Escrituras, e não encontramos nenhum motivo para limitar a lembrança de vários aspectos da vida e da morte do Senhor em épocas particulares do ano.

2.4.2. ADVENTO

Em algumas denominações, observa-se um tempo chamado Advento. Começa no 11 de novembro ou no quarto domingo antes do Natal. É um tempo para meditar sobre as profecias relativas ao Cristo. Muitas vezes, aqueles que se dedicam a isso terão calendários para o Advento e lerão certas Escrituras sobre as profecias, conforme delineado por sua denominação.

Embora seja benéfico passar algum tempo considerando as profecias relativas a Cristo, as Escrituras não ensinam nada a respeito de fazer isso. Devemos lembrar sempre sobre a vida do Senhor e suas obras em nosso favor, especialmente na observação da Ceia do Senhor (1 Coríntios 11:26).

2.4.3. NATAL

Em muitas denominações, o 25 de dezembro é observado como Natal (em inglês é chamado de *Christmas*, termo que vem do antigo inglês *christes maesse*, "festival de Cristo"). O Natal tem suas raízes em festivais pagãos, nomeadamente a Saturnália dos romanos e o deus Mítira dos persas, como uma celebração do solstício de inverno e o "renascimento" do Sol. Leia o que Tertuliano, um "pai da igreja", tem a dizer dessas coisas:

Os festivais Saturnália, Ano Novo, Festa Junina e Matronália são frequentados por nós! Os presentes vão e vem! Há presentes de Ano Novo! Os jogos se juntam ao barulho deles! Os banquetes se juntam ao seu ruído! Os pagãos são mais fiéis às suas seitas [...]. Pois, mesmo que os conhecessem [os festivais], não teriam compartilhado o Dia do Senhor ou o Pentecostes conosco. Pois eles temiam que parecessem ser cristãos. No entanto, não estamos preocupados que possamos parecer ser pagãos! (*Tertullian, "On Idolatry", 14*).

A origem pagã desse festival, então, é confirmada. Os cristãos estavam observando essas coisas para sua vergonha, e isso também é atestado. A data de 25 de dezembro foi arbitrariamente fixada para coincidir com esses festivais para que eles fossem "cristianizados". Clemente de Alexandria tem o seguinte a dizer sobre a data de nascimento de Cristo:

Portanto, desde o nascimento de Cristo até a morte de Cômodo [imperador de Roma no segundo século] são um total de cento e noventa e quatro anos, um mês e treze dias. Há aqueles que calcularam não apenas o ano do nascimento de nosso Senhor, mas também o dia. Eles dizem que aconteceu no vigésimo oitavo ano de Augusto, no vigésimo quinto dia de *Pachon* [20 de maio] [...]. Outros dizem que ele nasceu no vigésimo quarto ou vigésimo quinto dia de *Parmuthi* [19 ou 20 de abril] (*Clement of Alexandria, "Stromata", 1:21*).

As Escrituras não fixam o dia específico do nascimento de nosso Senhor, nem mesmo a estação. Nós não sabemos quando ele nasceu, mas todas as evidências que temos apontam para a primavera ou outono. 25 de dezembro certamente não é o dia do nascimento de nosso Senhor.

O fato de que as Escrituras não ensinam o dia em que nosso Senhor nasceu é significativo: demonstra claramente que não temos nenhum mandamento, exemplo ou inferência de que devemos celebrar o dia do

nascimento do Senhor. Não há autorização para a observância religiosa do Natal. Pode-se celebrá-lo como feriado secular.

2.4.4. DEVEMOS OBRIGAR A NÃO OBSERVÂNCIA DO NATAL?

Há alguns que chegam a ponto de obrigar que ninguém deve comemorar o Natal de qualquer forma, nem mesmo seus aspectos sociais e seculares. Será que as Escrituras justificam tal posição?

Primeiro, deve-se dizer que o Natal não é hoje, nem jamais foi, um feriado “cristão”. Nunca se despojou completamente de suas origens pagãs, e a maioria das tradições que associamos ao Natal realmente derivam apenas dos últimos duzentos anos. Além disso, nossa cultura moderna abraçou o Natal como um feriado secular, um tempo para se juntar com a família e trocar presentes. Mesmo o sistema judicial atualmente não encontra dificuldade com o reconhecimento do Natal pelo estado – certamente não é “apenas religioso”.

Já vimos o que Paulo disse sobre observâncias em Romanos 14:15-16. Ele também diz o seguinte em Colossenses 2:16-17:

Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado. Estas coisas são sombras do que haveria de vir; a realidade, porém, encontra-se em Cristo. (*Colossenses 2:16-17, “Nova Versão Internacional”*).

Como podemos constatar, Paulo diz que não devemos condenar ou ser julgados com base na observância ou na ausência de observância de qualquer dia ou qualquer festival. Estaremos bem em lembrar disso no contexto desta lição: enquanto essas observâncias não são autorizadas nas Escrituras, não podemos condenar sua observação como pecado se forem feitas de uma forma secular. Portanto, ninguém tem o direito de obrigar a não observância de qualquer feriado para alguém que sinta que o feriado é aceitável. Além disso, ninguém que observe um feriado tem o direito de obrigar a observância dele a quem não concorda.

Portanto, enquanto devemos respeitar as convicções daqueles que não têm observância pelo Natal de nenhuma maneira, e não devemos colocar uma pedra de tropeço em seu caminho, essas pessoas também devem respeitar a liberdade de seus irmãos para observar o dia de forma secular, e não devem ser rápidos em condenar (Romanos 14:3-21).

2.4.5. QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Em fevereiro, aproximadamente quarenta dias antes da Páscoa, a observância da Quarta-Feira de Cinzas é realizada em algumas denominações. Frequentemente, as cinzas de palmeiras usadas no Domingo de Ramos do ano anterior são colocadas na testa daquele que observa essas datas como sinal de penitência e conhecimento da mortalidade do homem. Essa observância é o início da temporada da Quaresma.

Simplemente nenhuma Escritura demonstra essa observância, nem ela é ordenada nas Escrituras.

2.4.6. QUARESMA

Em algumas denominações, há a observância de uma temporada, a Quaresma, entre a Quarta-Feira de Cinzas e a Páscoa. A temporada dura quarenta dias e é designada para imitar Cristo no deserto (Mateus 4:1-2). Em tempos anteriores, jejuava-se completamente. Mais tarde, só se teria que sacrificar indulgências desnecessárias. Hoje, muitos se contentam em sacrificar ou se abster de um ou mais prazeres. Frequentemente há abstinência de comer carne, pelo menos às sextas-feiras.

Embora o desejo de sacrificar, se abster e de jejuar seja admirável e seja bíblico (Atos 13:3), não temos nas Escrituras autorização para tais práticas durante quarenta dias antes da Páscoa. É importante lembrar que a abstinência obrigatória de comida foi uma das marcas do desvio da fé que estava por vir (1 Timóteo 4:3). Não há dúvida de que devemos sacrificar pelo nosso Senhor. No entanto, as Escrituras atestam que nossos sacrifícios devem ser completos e constantes, e não um pouco por um curto período de tempo (Romanos 12:1; Gálatas 2:20).

2.4.7. DOMINGO DE RAMOS

Em muitas denominações, o domingo antes da Páscoa é celebrado como Domingo de Ramos. Essa observância é feita como uma imitação da chegada de nosso Senhor em Jerusalém, uma semana antes de sua crucificação, como se vê em João 12:12-15:

No dia seguinte, a grande multidão que tinha vindo para a festa ouviu falar que Jesus estava chegando a Jerusalém. Pegaram ramos de palmeiras e saíram ao seu encontro, gritando: “Hosana! Bendito é o que vem em nome do Senhor! Bendito é o Rei de Israel!” Jesus conseguiu um jumentinho e montou nele, como está escrito: “Não tenha medo, ó cidade de Sião; eis que o seu rei vem, montado num jumentinho.” (João 12:12-15, “Nova Versão Internacional”).

As frondes de palmeiras são fornecidas a cada participante em memória desse evento. É bom lembrar os acontecimentos em torno da chegada do nosso Senhor em Jerusalém, assim como os outros acontecimentos que levaram à sua morte, mas não temos nenhuma indicação das Escrituras de que tais coisas devem ser recriadas ou observadas de maneira especial.

2.4.8. QUINTA-FEIRA SANTA

Esse dia é observado por muitas denominações como o dia anterior à Sexta-Feira Santa, o dia em que o Senhor instituiu a Ceia do Senhor (Mateus 26:20-29). A Ceia do Senhor é, portanto, nessa observância, participada nesse dia.

As Escrituras mencionam a necessidade de participar da Ceia do Senhor, mas o único exemplo de cristãos fazendo isso depois da morte e ressurreição de nosso Senhor é o primeiro dia da semana em Atos 20:7. A Ceia do Senhor assume um aspecto de também lembrar a ressurreição do Senhor no primeiro dia da semana. Não há exemplos nas Escrituras de qualquer pessoa observando a Ceia do Senhor em qualquer quinta-feira. Novamente, embora seja benéfico lembrar os eventos que levaram à morte do Senhor, não encontramos evidências das Escrituras de que tais eventos sejam lembrados em base anual consistente.

2.4.9. SEXTA-FEIRA SANTA

A Sexta-Feira Santa é observada na sexta-feira antes da Páscoa em muitas denominações. Essa data é reconhecida como o dia em que Cristo foi crucificado e morreu. Há muita especulação sobre se Cristo foi crucificado em uma quinta-feira ou uma sexta-feira. Depende de se o sinal de Jonas como discutido em Mateus 16:4 e os “três dias” de João 2:19 são três dias completos (quinta-feira/sexta-feira, sexta-feira/sábado, sábado/domingo) ou o “terceiro” dia (primeiro dia sexta-feira, segundo dia sábado, terceiro dia domingo). De qualquer forma, nunca nos foi dado um comando nas Escrituras para observância da morte do Senhor na sexta-feira antes da Páscoa. Nós fomos mandados a observar a morte do Senhor no primeiro dia de cada semana participando da Ceia do Senhor, conforme Atos 20:7 e 1 Coríntios 11:23-29.

2.4.10. PÁSCOA

A observância da Páscoa por muitas denominações está entre o final de março e meados de abril de cada ano, em um domingo. A Páscoa é celebrada como o dia da ressurreição de nosso Senhor, como se vê nos evangelhos (conforme Mateus 28:1-9). A data é supostamente paralela com a celebração da Páscoa e dos Pães Asmos dos judeus e, portanto, é celebrada no domingo duas semanas após a primeira lua nova ou depois do ponto vernal.

Embora não tenhamos nenhuma disputa de que Jesus realmente morreu e ressuscitou no meio da Páscoa e Festa dos Pães Asmos, as Escrituras nunca indicam que os cristãos devem observar especificamente esse evento nesse momento, nem fornece exemplos de cristãos fazendo isso. Além disso, a origem da observância da Páscoa não vem apenas da tradição da morte de Cristo: os pagãos tiveram muitos festivais relacionados ao equinócio da primavera, pois é nesse momento que a terra se torna verde e viva novamente. O termo em inglês para “Páscoa”, *Easter*, em si vem da deusa teutônica *Eaestre* (os teutões foram uma tribo alemã), a qual era uma deusa da fertilidade. As tradições pagãs do renascimento da terra e a tradição cristã do renascimento de Cristo foram assim unidas por denominações na celebração da Páscoa. O fato de que a Ceia do Senhor é realizada no domingo, o “dia

do Senhor” (Apocalipse 1:10), indica que os cristãos devem observar e celebrar a ressurreição de nosso Senhor todos os primeiros dias da semana.

2.4.11. ASCENSÃO-PENTECOSTES

Algumas denominações também têm observância pelos quarenta dias entre a Páscoa e a Ascensão de Cristo (Atos 1:9) e os dez dias seguintes até o Pentecostes (Atos 2). Essas observâncias servem para lembrar o poder de Cristo e a gênese da Igreja na Terra. Novamente, as Escrituras nunca ensinam nenhum mandamento ou exemplo para observar esses dias.

Há alguns que tentam estabelecer que os cristãos realmente observaram o Pentecostes com base na descrição de eventos de Lucas em Atos 20:16:

Paulo tinha decidido não aportar em Éfeso, para não se demorar na província da Ásia, pois estava com pressa de chegar a Jerusalém, se possível antes do dia de Pentecoste. (*Atos 20:16, “Nova Versão Internacional”*).

Embora seja interessante que Lucas registre os eventos em termos dessa observância, também devemos notar que ele fala da “festa dos pães sem fermento” em Atos 20:6. Uma vez que Paulo estava tão frequentemente associado aos judeus (conforme Atos 17:1-3) e ele estava retornando à terra do coração judaico (Jerusalém), não nos deveria surpreender que Lucas esteja marcando o tempo com base nessas observâncias. Não vemos nenhuma indicação de que Lucas, Paulo ou qualquer outra pessoa esteja observando a Festa dos Pães sem Fermento ou o Pentecostes – essas observâncias parecem ter sido usadas simplesmente como marcadores de tempo. Além disso, não temos ideia se o Pentecostes está sendo mencionado em termos do próprio festival judaico ou de uma forma “cristianizada”. Apesar desse uso do termo “Pentecostes”, as Escrituras ainda permanecem em silêncio sobre se os primeiros cristãos observaram esse dia como a fundação da igreja ou de qualquer outra forma.

2.4.12. EPIFANIA

De acordo com algumas denominações, 6 de janeiro é observado como Epifania. Esse dia é considerado nessa observância como o dia em que Cristo foi batizado por João (Mateus 3:13-17). Esse é o início do ministério de Cristo na Terra, portanto, os ortodoxos orientais celebram a Epifania no mesmo nível que os católicos romanos e algumas denominações protestantes comemoram o Natal. A Epifania também é conhecida como o décimo segundo dia e é observada por algumas denominações como o dia em que os magos do oriente visitaram Cristo (Mateus 2). Em um nível secundário, também é a observação das ações de Cristo na festa de casamento em Caná (João 2:1-11).

Embora seja bom lembrar esses eventos, o dia específico do batismo de Cristo, o dia da festa de casamento em Caná e o dia da chegada dos magos não são marcados com exatidão temporal nas Escrituras. Também, nenhum mandamento ou exemplo existe para a observância desse dia e desses eventos.

2.4.13. ANUNCIAÇÃO

Algumas denominações observam a Anunciação, ou o dia em que Gabriel anunciou a Maria que ela seria impregnada pelo Espírito Santo (Lucas 1:26-38). Essa festa é observada em 25 de março, correspondendo à crença de que Cristo nasceu em 25 de dezembro (exatamente 9 meses antes de 25 de março). Como as Escrituras estão em silêncio a respeito da data exata em que Jesus nasceu, por necessidade, as Escrituras também são silenciosas a respeito de quando Gabriel visitou Maria. É bom lembrar como Gabriel visitou Maria, mas as Escrituras não fazem nenhum comando, nem mostram algum exemplo, de observância deste evento.

2.4.14. DIAS RELATIVOS A SANTOS

Em algumas denominações, são observados dias para “santos”. Uma igreja, como a Igreja Católica Romana, determinará em que dia do ano um certo “santo” será honrado (para os fins desta discussão, o “santo” é alguém considerado canonizado pela Igreja Católica Romana e/ou por outra denominação). Além disso, o dia 1 de novembro é considerado o “Dia de Todos os Santos”, um dia em que todos esses “santos” são honrados. Uma vez que essa definição moderna de “santo” não concorda com a definição bíblica de “santo”, da mesma forma não devemos esperar que as Escrituras endossem a celebração dos dias em relação a eles. Pode ser bom considerar as

lutas da fé dos cristãos fiéis que viveram desde a cruz. No entanto, as Escrituras não mostram que devemos venerá-los de maneira especial.

2.5. CREDOS

Muitas denominações mantêm credos, ou declarações de fé, escritas em épocas passadas. Muitos sentem que esses credos representam uma soma da fé delineada nas Escrituras ou uma declaração concisa de seu sistema de crenças. Enquanto muitas denominações têm seus próprios credos, examinaremos agora três credos mais amplamente utilizados entre as denominações: o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno e o Credo de Atanásio.

2.5.1. O CREDO DOS APÓSTOLOS

Embora muitos possam acreditar em lendas que afirmem que o Credo dos Apóstolos foi desenvolvido pelos próprios apóstolos no Pentecostes ou em algum outro tempo, não foi isso que aconteceu. O primeiro texto completo do credo é do século 8 d.C. Muitos acreditam que o Credo dos Apóstolos tem suas origens em certas litâneas realizadas no segundo século. Independentemente da sua historicidade, muitas denominações o aceitam como um somatório conciso dos evangelhos. Lutero chegou a ponto de declará-lo como declaração de fé. O seguinte é o texto do Credo dos Apóstolos:

“Eu creio em Deus, o Pai todo-poderoso, criador do céu e da Terra.”

“Creio em Jesus Cristo, Seu único Filho, nosso Senhor.”

“Ele foi concebido pelo poder do Espírito Santo e nascido da virgem Maria.”

“Ele sofreu sob Pôncio Pilatos, e foi enterrado.”

“Ele desceu ao inferno” (no anglicanismo, o original também é usado, mas a variante “foi crucificado, morreu e foi enterrado. Ele desceu aos mortos” é aceita; no calvinismo, a variante “foi crucificado, morreu e foi enterrado. Ele desceu ao inferno” é aceita).

“No terceiro dia, ele ressuscitou” (o calvinismo acrescenta “dos mortos”).

“Ele subiu ao céu e está sentado à destra do Pai.”

“Ele virá novamente para julgar os vivos e os mortos.”

“Eu creio no Espírito Santo, na santa Igreja Católica [no Luteranismo e outros, “na santa Igreja Cristã”], na comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna.”

“Amém.”

Como temos visto, muitos consideram o Credo dos Apóstolos como um resumo da mensagem do evangelho. Há um aspecto desse credo que não se encaixa perfeitamente na mensagem do evangelho, no entanto: a ideia de que Cristo “desceu ao inferno”. Aqueles que aderem ao credo dizem que isso está em conformidade com o ensino em 1 Pedro 3:18-19:

Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão (1 Pedro 3:18-19, “Nova Versão Internacional”).

Será que Pedro disse que Cristo desceu ao inferno? De jeito nenhum! Pedro está dizendo que Cristo, no Espírito, pregou aos “espíritos em prisão”, isto é, Cristo, em espírito, tinha pregado ao povo que vivia na época de Noé. Noé foi um pregador da justiça e, por meio dele, o Espírito de Cristo pregou àqueles que viveram antes do dilúvio. Naquela época, eram pessoas vivendo normalmente suas vidas, mas após o julgamento pelo dilúvio, passaram a ser “espíritos em prisão” no *sheol/hades*, o mundo dos mortos. Uma vez que aquelas pessoas passaram a ser espíritos em prisão após perecerem no dilúvio, sua prisão é o mundo dos mortos.

O entendimento geral sobre “inferno” é que significa um local de tormento para os mortos. Porém, Cristo não foi a um local de tormento quando morreu, mas um local descrito como “paraíso” (Lucas 23:43), o qual também se situava no “coração da terra” (Mateus 12:40). Isso implica que Cristo esteve em uma área para os consolados que existia no *sheol/hades*, o mundo dos mortos (Lucas 16:22-23).

Jesus lhe respondeu: “Eu garanto: hoje você estará comigo no paraíso.” (Lucas 23:43, “Nova Versão Internacional”).

Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra [referência ao *sheol/hades*]. (Mateus 12:40, “Nova Versão Internacional”).

Chegou o dia em que o mendigo morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado. No Hades [mundo dos mortos], onde estava sendo atormentado, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado. (Lucas 16:22-23, “Nova Versão Internacional”).

Cristo não foi para o inferno pregar aos mortos. Apenas permaneceu por pouco tempo (“três dias”) na área dos consolados do mundo dos mortos, tal como era o caminho dos homens justos quando morriam.

Além do mais, podemos ter certeza de que Cristo não permaneceu por muito tempo no estado de morte no período após sua crucificação e sua ressurreição, uma vez que Davi profetizou o seguinte sobre ele no Salmo 16:10:

porque tu não me abandonarás no sepulcro [no hebraico, *sheol*, que também pode ser traduzido por profundezas, mundo dos mortos, pó ou morte], nem permitirás que o teu santo sofra decomposição. (Salmo 16:10, “Nova Versão Internacional”).

Jesus não poderia ter sido abandonado ou deixado por muito tempo no estado de morte, uma vez que ele foi profetizado a ser remido desse estado de morte, sendo que seu corpo nem mesmo teria tempo de se decompor. Durante esse tempo, ele não foi a nenhum lugar de tormento ao qual poderíamos chamar de “inferno” para pregar aos mortos.

2.5.2. O CREDO NICENO

O Credo Niceno é uma declaração específica de fé que teve um propósito específico. Em 325 d.C., o imperador romano Constantino convocou um conselho de todos os bispos das igrejas para reunião na cidade de Niceia, na Turquia moderna, a fim de resolver o conflito que havia começado quanto ao relacionamento do Pai com o Filho. Os arianos determinaram que o Filho era sempre subordinado ao Pai, mas a maioria das igrejas mantiveram a igualdade do Pai e do Filho em natureza e posição. Este é o credo determinado por aquele conselho:

“Cremos em um Deus, o Pai, o Todo-Poderoso, Criador do céu e da Terra, de tudo o que existe, visto e não visto.”

“Cremos em um único Senhor, Jesus Cristo, o único Filho de Deus eternamente gerado pelo Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro do Deus verdadeiro, gerado, não feito, um em ser com o Pai.”

“Por meio dele, todas as coisas foram feitas.”

“Para nós homens e nossa salvação, Ele desceu do céu: pelo poder do Espírito Santo Ele nasceu da virgem Maria e tornou-se homem.”

“Por nossa causa, foi crucificado sob Pôncio Pilatos;”

“Ele sofreu, morreu e foi enterrado.”

“No terceiro dia Ele ressuscitou de acordo com as Escrituras;”

“Ele subiu ao céu e está sentado à destra do Pai.”

“Ele virá novamente em glória para julgar os vivos e os mortos, e Seu Reino não terá fim.”

“Cremos no Espírito Santo, o Senhor, o doador da vida, que procede do Pai” [a igreja católica romana e as denominações da Europa Ocidental acrescentam “[...] e o Filho”].

“Com o Pai e o Filho Ele é adorado e glorificado.”

“Ele falou por meio dos profetas.”

“Cremos em uma santa igreja católica e apostólica.”

“Nós reconhecemos um único batismo para o perdão dos pecados.”

“Buscamos a ressurreição dos mortos, e a vida do mundo vindouro.”

“Amém.”

Tal é o Credo Niceno, um resumo da fé, porém, como veremos na [conclusão sobre os credos](#) a seguir, será que é necessário?

2.5.3. O CREDO DE ATANÁSIO

O nome do Credo de Atanásio é derivado de Atanásio, bispo de Alexandria em meados do século 4 d.C., mas o próprio credo foi provavelmente escrito em algum momento durante o sétimo ou o oitavo século, provavelmente na Espanha. Esse credo também foi escrito contra o arianismo:

“Quem quiser salvar-se deve antes de tudo professar a fé católica.”

“Porque aquele que não a professar, integral e inviolavelmente, perecerá sem dúvida por toda a eternidade.”

“A fé católica consiste em adorar um só Deus em três Pessoas e três Pessoas em um só Deus.”

“Sem confundir as Pessoas nem separar a substância.”

“Porque uma só é a Pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo.”

“Mas uma só é a divindade do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, igual a glória e coeterna a majestade.”

“Qual como é o Pai, tal é o Filho, tal é o Espírito Santo.”

“O Pai é incriado, o Filho é incriado, o Espírito Santo é incriado.”

“O Pai é imenso, o Filho é imenso, o Espírito Santo é imenso.”

“O Pai é eterno, o Filho é eterno, o Espírito Santo é eterno.”

“E, contudo, não são três eternos, mas um só eterno.”

“Assim como não são três incriados, nem três imensos, mas um só incriado e um só imenso.”

“Da mesma maneira, o Pai é onipotente, o Filho é onipotente, o Espírito Santo é onipotente.”

“E, contudo, não são três onipotentes, mas um só onipotente.”

“Assim o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus.”

“E, contudo, não são três deuses, mas um só Deus.”

“Do mesmo modo, o Pai é Senhor, o Filho é Senhor, o Espírito Santo é Senhor.”

“E, contudo, não são três senhores, mas um só Senhor.”

“Porque, assim como a verdade cristã nos manda confessar que cada uma das Pessoas é Deus e Senhor, do mesmo modo a religião católica nos proíbe dizer que são três deuses ou senhores.”

“O Pai não foi feito, nem gerado, nem criado por ninguém.”

“O Filho procede do Pai; não foi feito, nem criado, mas gerado.”

“O Espírito Santo não foi feito, nem criado, nem gerado, mas procede do Pai e do Filho.”

“Não há, pois, senão um só Pai, e não três Pais; um só Filho, e não três Filhos; um só Espírito Santo, e não três Espíritos Santos.”

“E nessa Trindade não há nem mais antigo nem menos antigo, nem maior nem menor,”

“Mas as três Pessoas são coeternas e iguais entre si.”

“De sorte que, como se disse acima, em tudo se deve adorar a unidade na Trindade e a Trindade na unidade.”

“Quem, pois, quiser salvar-se, deve pensar assim a respeito da Trindade.”

“Mas para alcançar a salvação, é necessário ainda crer firmemente na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo.”

“A pureza da nossa fé consiste, pois, em crer ainda e confessar que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem.”

“É Deus, gerado na substância do Pai desde toda a eternidade; é homem porque nasceu, no tempo, da substância da sua mãe.”

“Deus perfeito e homem perfeito, com alma racional e carne humana.”

“Igual ao Pai segundo a divindade; menor que o Pai segundo a humanidade.”

“E embora seja Deus e homem, contudo não são dois, mas um só Cristo. É um, não porque a divindade se tenha convertido em humanidade, mas porque Deus assumiu a humanidade.”

“Um, finalmente, não por confusão de substâncias, mas pela unidade da Pessoa.”

“Porque, assim como a alma racional e o corpo formam um só homem, assim também a divindade e a humanidade formam um só Cristo.”

“Ele sofreu a morte por nossa salvação, desceu ao inferno e ao terceiro dia ressuscitou dos mortos.”

“Subiu aos céus e está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos.”

“E quando vier, todos os homens ressuscitarão com os seus corpos, para prestarem conta dos seus atos.”

“E os que tiverem praticado o bem irão para a vida eterna, e os maus para o fogo eterno.”

“Esta é a fé católica, e quem não a professar fiel e firmemente não se poderá salvar. Amém.”

O Credo de Atanásio parece negar as muitas declarações de Jesus que mostram que há algum aspecto de “hierarquia” na divindade: o Pai, então o Filho, então o Espírito Santo (João 14:16-17; 1 Coríntios 15:24-28). Quão significativa é essa “hierarquia”, uma vez que Deus é um em essência e em propósito é, naturalmente, digno de discussão, mas de qualquer forma está presente dentro das Escrituras. O Credo de Atanásio também afirma que Jesus foi ao inferno, o que foi discutido acima ao examinarmos o [Credo dos Apóstolos](#). Essas questões, portanto, nos levam a questionar a legitimidade de tal credo.

2.5.4. CONCLUSÃO SOBRE OS CREDOS

Há muitos outros credos, decisões conciliares e confissões feitas, os quais são mantidos por várias denominações. Os três credos apresentados são os mais comuns. O que aprendemos com eles?

Podemos constatar que eles não são a Palavra inspirada de Deus, uma vez que nenhum deles vem com nenhuma autoridade de Deus. Isso é notado claramente em como a redação deles tem sido alterada: Lutero mudou o Credo dos Apóstolos para soar menos católico romano, e a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental ainda estão divididas sobre a adição de “e o Filho” ao Credo Niceno. Ninguém acredita que algum desses credos realmente seja realmente rastreado aos apóstolos – são todos adições de homens.

Devemos fazer a pergunta: por que credos? Vemos uma grande ênfase colocada em tais declarações de fé dentro de denominações, mas ainda assim as Escrituras nunca nos fornecem exemplos explícitos deles. Claro que muitos membros das denominações que acreditam nos credos encontram declarações deles ao longo do Novo Testamento, mas eles representam interpretações dos dados. Devemos nos perguntar se eles veriam esses credos no texto se eles não se apegassem aos credos. Por que os credos são necessários? Se eles representam substancialmente a mensagem do evangelho, as palavras de Deus nas Escrituras não são o bastante para professar e para se aderir?

Se os credos não estão substancialmente dentro das Escrituras, mas representam nossas interpretações de várias doutrinas baseadas no que as Escrituras dizem, em que base podemos formulá-las como declarações e exigir adesão universal a elas? Como podemos ter certeza de que tais declarações são aprovadas por Deus? Os credos, em última análise, são totalmente desnecessários. A adesão à Palavra de Deus como revelada nas Escrituras deve ser suficiente (2 Timóteo 2:15; 3:16-17). Devemos lembrar as palavras de Paulo em Gálatas 1:6-9 e sempre nos certificar de que aceitamos o evangelho que ele entregou com os outros apóstolos:

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado! (*Gálatas 1:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

Guardemos o verdadeiro evangelho como entregue na Palavra de Deus, e não os credos e as confissões dos homens.

2.6. MÚSICA INSTRUMENTAL

As Escrituras ensinam que os cristãos devem cantar em louvor a Deus e, também, devem ensinar e admoestar outros cristãos com o canto:

falando entre si com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração ao Senhor, (*Efésios 5:19, “Nova Versão Internacional”*).

Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seu coração. (*Colossenses 3:16, “Nova Versão Internacional”*).

Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores. (*Tiago 5:13, “Nova Versão Internacional”*).

As Escrituras do Novo Testamento mencionam o canto, mas não mencionam o uso da música instrumental para os cristãos.

2.6.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SILÊNCIO DAS ESCRITURAS

Muitas pessoas que utilizam a música instrumental no louvor têm como primeiro argumento para defesa de sua prática algo como: “Deus nunca disse para não usar instrumentos!” Será que as Escrituras estabelecem isso como uma defesa legítima?

Devemos lembrar sempre o propósito da Palavra de Deus. A Palavra de Deus é nosso guia para a vida. Dentro de suas páginas, temos todo o conhecimento que precisamos para viver uma vida agradável a Deus, como mostrado em 2 Timóteo 3:16-17:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 3:16-17, “Nova Versão Internacional”).

A Bíblia, no entanto, não estabelece explicitamente cada uma das pequenas coisas que são pecaminosas. A Lei de Moisés era boa para demonstrar o que os judeus não deveriam fazer. No entanto, cristãos não estão debaixo dessa lei, pois são libertos dela em Cristo Jesus (Colossenses 2:14-17). Temos um princípio importante estabelecido em Romanos 14:23:

Mas aquele que tem dúvida é condenado se comer, porque não come com fé; e tudo o que não provém da fé é pecado. (Romanos 14:23, “Nova Versão Internacional”).

Note que Paulo não diz que aquilo que não é pecado é da fé. Na verdade, o que não é da fé é pecado. Reconhecemos a natureza da fé em Hebreus 11:1:

Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. (Hebreus 11:1, “Nova Versão Internacional”).

A fé não é apenas algum “sentimento”. A fé adequada terá substância e segurança. Se quisermos nos envolver em uma prática, precisamos de evidências legítimas das Escrituras. Portanto, devemos fazer o que lemos na Bíblia de acordo com princípios válidos. Não obstante, alguns questionarão se a ideia do silêncio de Deus como sendo proibitivo é ou não um princípio válido. Para eles, apelamos para Hebreus 7:13-14:

Ora, aquele de quem se dizem estas coisas pertencia a outra tribo, da qual ninguém jamais havia servido diante do altar, pois é bem conhecido que o nosso Senhor descende de Judá, tribo da qual Moisés nada fala quanto a sacerdócio. (Hebreus 7:13-14, “Nova Versão Internacional”).

Nessa situação, constatamos que Deus anteriormente havia feito um comando específico para que pessoas da tribo de Levi trabalhassem como sacerdotes (conforme Números 3:6-9). Cristo, portanto, não pode ser sacerdote segundo a tribo de Levi porque ele descendeu da tribo de Judá. Deus não falou nada sobre a tribo de Judá não poder trabalhar no ofício de sacerdote, pois deu o mandamento para trabalho sacerdotal para a tribo de Levi, e a nenhuma outra. Ou seja, apenas a tribo de Levi estava autorizada ao ofício sacerdotal, as outras não. Do mesmo modo, recebemos um comando específico para cantar. Usar música instrumental seria adicionar onde Deus não disse para adicionar e, usando o princípio demonstrado em Hebreus 7:13-14, constatamos que a prática não é autorizada e, portanto, errada.

Outros dirão que o silêncio de Deus mostra indiferença em relação às práticas. Em alguns casos isso pode ser verdade: quando Deus deu um comando para fazer algo, mas não falou sobre como cumprir o comando, temos liberdade para executar o comando de qualquer maneira que desejamos. Um bom exemplo é a reunião: constatamos que somos ordenados a nos reunir (Hebreus 10:25), mas Deus nunca disse especificamente onde deveríamos nos reunir. Os primeiros cristãos se encontraram em vários lugares, como puderam. Assim, somos deixados a concluir que, quando os cristãos se reúnem, podem se reunir em qualquer local sem violar a ordem de Deus.

Essa condição não existe com a música instrumental, no entanto. Deus deu um comando específico para cantar, e não para tocar instrumentos ou cantar e tocar instrumentos. Como o comando específico foi dado, não devemos adicionar nada a ele, como mostrado acima. Podemos estabelecer, então, que onde Deus estabeleceu

autoridade genérica e foi silencioso sobre meios específicos, há liberdade. Onde Deus estabeleceu autoridade específica e manteve silêncio sobre qualquer outra prática, há proibição.

2.6.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ANTIGO TESTAMENTO E A MÚSICA INSTRUMENTAL

- **Argumento:** Davi usou instrumentos e Davi encontrou favor diante de Deus, então os instrumentos são aceitáveis;
- **Resposta:** seria assim se não fosse pela mudança de aliança que divide Davi e nós como cristãos hoje. Lemos em Colossenses 2:14 que a Lei de Moisés, sob a qual Davi estava sujeito, foi pregada na cruz. Em Gálatas 3:24-25, a Lei de Moisés era um tutor, não mais sendo necessária quando chegou a plenitude de Cristo. Hebreus 7:12 é muito específico sobre o assunto:

Certo é que, quando há mudança de sacerdócio, é necessário que haja mudança de lei. (*Hebreus 7:12, “Nova Versão Internacional”*).

Hebreus 9:15 captura a essência da distinção:

Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança. (*Hebreus 9:15, “Nova Versão Internacional”*).

Podemos constatar, portanto, que ocorreu uma mudança de lei. Quando a mudança ocorreu, afetou toda a lei: se há uma prática realizada no Antigo Testamento que não é realizada no Novo Testamento, não temos o direito de realizar tal prática. Isso vale para o [sábado](#) e para a música instrumental. Como não encontramos uma evidência legítima no Novo Testamento que mostre que a música instrumental é autorizada, devemos assumir que foi eliminada na cruz.

- **Réplica:** o uso de instrumentos de Davi não foi comandado pela Lei de Moisés, então podemos usar instrumentos hoje;
- **Resposta:** enquanto muitos tentam apresentar essa visão, as Escrituras realmente mostram que Deus forneceu comandos para o uso de instrumentos no templo, como pode ser visto em 2 Crônicas 29:25, entre outros lugares:

O rei posicionou os levitas no templo do SENHOR, com címbalos, liras e harpas, segundo a prescrição de Davi, de Gade, vidente do rei, e do profeta Natã; isso foi ordenado pelo SENHOR, por meio de seus profetas. (*2 Crônicas 29:25, “Nova Versão Internacional”*).

Enquanto alguns podem tentar dizer que o comando veio de Davi, o texto é muito específico que o comando foi dado pelo próprio Senhor. Não devemos considerar esse comando como sendo contra a Lei de Moisés ou acrescentado a ela, pois Miriã, a irmã de Moisés, usou um tamborim para louvar ao Senhor em Êxodo 15:20. Os instrumentos parecem ser um aspecto de serviço ao Senhor na Antiga Aliança e eram permitidos nela.

Não obstante, o argumento não seria válido nem mesmo se os instrumentos não tivessem sido diretamente comandados na Lei de Moisés. Davi viveu sob a aliança entre Deus e Israel. Suas ações são legitimadas ou condenadas pelos termos dessa aliança. Estamos sob a Nova Aliança, como observado acima em Hebreus 9:15. Nossas ações serão legitimadas ou condenadas pelos termos dessa nova aliança entre Deus e toda a humanidade por meio de Cristo Jesus. Mesmo que uma determinada prática não fosse especificamente exigida pela Lei de Moisés, ela era autorizada ou não autorizada nos termos da aliança entre Deus e Israel, e não pode ser forçada a entrar na Nova Aliança. Temos direito de usar a música instrumental tanto quanto temos direito para matar filisteus, oferecer uma novilha sem defeito em um altar, ou exigir a circuncisão. Apenas porque Deus aprovou algo sob uma aliança anterior não significa que hoje tenhamos o direito de fazer o mesmo!

Observando a Bíblia desde o início, no tocante à música, é notável que não há ordenança específica do Senhor sobre o uso de instrumentos na música até que Davi estabeleceu, com autorização de Deus, o sistema de adoração no templo em Jerusalém, ou seja, tudo o que estava em “sua mente” ou “seu coração” (veja 1 Crônicas

6:31-48; 9:33; 16:4-43; 17:1-2; 23-26). Apesar de Salomão ter construído o templo, foi Davi que elaborou sua planta e esquematizou o sistema de adoração, com levitas, músicos e porteiros, passando isso posteriormente a Salomão para execução (2 Crônicas 7:6; 8:14; 9:11).

Portanto, antes de Davi, a música instrumental no Antigo Testamento não era exatamente ordenada, mas permitida. No sistema de adoração do templo em Jerusalém, no entanto, a música instrumental foi explicitamente ordenada. Porém, no Novo Testamento, a música instrumental nem ao menos foi mencionada! Interessantemente, a música vocal sempre foi aceita por Deus, tanto na Antiga Aliança quanto na Nova Aliança. Essas evidências são muito significativas.

Na verdade, ao ser cuidadosamente examinada a ordenação da música instrumental na Antiga Aliança, nota-se que ela estava ligada aos seguintes aspectos:

- O padrão estabelecido por Davi (autorizado por Deus apenas para a Antiga Aliança);
- A cidade de Jerusalém como centro da adoração;
- O templo em Jerusalém;
- Levitas;
- Ofertas queimadas no templo de Jerusalém.

Nenhum desses aspectos está vigente na Nova Aliança em Cristo. Temos, na verdade, diferenças profundas:

- Não nos voltamos ao padrão de adoração estabelecido por Davi, mas ao padrão de Cristo e dos apóstolos;
- A adoração não está ligada à cidade de Jerusalém, mas os cristãos louvam a Deus onde estiverem, em espírito e verdade (veja João 4:19-24);
- O templo de Deus não se encontra mais no templo de Jerusalém, mas o corpo de cada cristão e a igreja local assumem a função do templo (1 Coríntios 6:19; 1 Timóteo 3:15);
- Não há levitas na Nova Aliança;
- Não há ofertas queimadas na Nova Aliança, Cristo foi o único e suficiente sacrifício (Hebreus 10:1-18) – os cristãos fazem apenas sacrifícios espirituais a Deus (por exemplo, negando a si mesmos a favor dos ensinamentos de Jesus).

Uma vez que esses aspectos ligados à música instrumental desapareceram na Nova Aliança, a música instrumental também desapareceu. A conclusão inevitável é que ela não foi autorizada por Deus na Nova Aliança.

2.6.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O NOVO TESTAMENTO E A MÚSICA INSTRUMENTAL

- **Argumento:** Paulo diz que devemos cantar salmos. Os salmos foram cantados com instrumentos, portanto, os instrumentos são aceitáveis;
- **Resposta:** esse argumento postula uma inferência que pode não estar no texto. Enquanto os salmos foram certamente cantados com acompanhamento instrumental no Antigo Testamento, onde encontramos algo assim no Novo Testamento?

Embora não inspirado, porém de valor histórico, temos o testemunho de Clemente de Alexandria, o qual viveu um século após os apóstolos. Ele explicou uma interpretação das declarações de Davi nos salmos:

Se as pessoas ocupam o tempo com instrumentos de tubos, saltérios, coros, danças, bater palmas no estilo egípcio e tais frivolidades desordenadas, tornam-se bastante imodestas [...]. Deixe os instrumentos de tubos serem resignados aos pastores e a flauta aos supersticiosos absorvidos pela idolatria. Pois, na verdade, esses instrumentos devem ser banidos do banquete temperado [...]. O homem é verdadeiramente um instrumento pacífico. No entanto, se você investigar, você encontrará outros instrumentos sendo como guerra, inflamando as luxúrias, suscitando paixão ou despertando ira [...]. O Espírito, distinguindo o serviço divino de tal folia, diz: "Louve-o com o som da trombeta."

Pois com o som da trombeta, Ele ressuscitará os mortos. "Louve-o no saltério."

Pois a língua é o saltério do Senhor. "E louve-o na lira."

Pela lira entende-se a boca atingida pelo Espírito. (*Clement of Alexandria, "The Instructor", 2.4*).

Aqui vemos uma testemunha antiga que interpretou os salmos de uma maneira que os tornou úteis apenas para a voz. Uma vez que os primeiros cristãos puderam, obviamente, cantar salmos sem usar acompanhamento musical, nada nos impede de fazer o mesmo.

- **Argumento:** Efésios 5:19, Colossenses 3:16 e Tiago 5:13 estão todos falando sobre tocar instrumentos na língua original grega;
- **Resposta:** a palavra grega traduzida como "cantar" é a palavra *psallo*. *Psallo* significava "arrancar" quando foi usada pela primeira vez pelos gregos, mas depois o significado da palavra mudou, de modo que, na época de Cristo e dos apóstolos, o termo significava "cantar". Todos os tradutores e eruditos gregos confirmam esse fato. Um exemplo mais moderno da mudança nos significados de palavras pode ser visto com o termo *gay*. Um termo em inglês que uma vez foi usado para descrever alguém que é feliz, por vários meios, agora é usado mais frequentemente para descrever alguém que é um homossexual praticante. As palavras, portanto, muitas vezes podem mudar de significado à medida que o tempo passa, e, portanto, temos toda a confiança de que os tradutores do Novo Testamento traduziram corretamente *psallo* como "cantar" e não como "tocar instrumentos";
- **Argumento:** os primeiros cristãos se encontraram no templo (Atos 2:42-46) e sabemos que a música instrumental foi tocada no templo (Salmo 150; Esdras 3:10). Portanto, os primeiros cristãos louvaram a Deus com instrumentos;
- **Resposta:** embora seja verdade que os primeiros cristãos se encontraram no templo, é necessária uma grande inferência para estabelecer que eles usaram instrumentos em louvor a Deus. Antes de tudo, o templo era um vasto complexo que abrangia uma grande parte da cidade. É improvável que os sons dos instrumentos pudessem ser ouvidos em todas as partes. Além disso, a presença de instrumentos em outra parte do templo não significa que os primeiros cristãos os usavam ativamente ou trabalhavam com eles para louvar a Deus. Essa inferência não é exigida no relato do Livro de Atos dos Apóstolos e não há boas razões para acreditar que os cristãos em Jerusalém usaram instrumentos em seus louvores a Deus;
- **Argumento:** os instrumentos são usados no Livro de Apocalipse, por isso, são autorizados;
- **Resposta:** os textos em questão:

Ao recebê-lo, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos; (*Apocalipse 5:8, "Nova Versão Internacional"*).

Vi algo semelhante a um mar de vidro misturado com fogo, e, em pé, junto ao mar, os que tinham vencido a besta, a sua imagem e o número do seu nome. Eles seguravam harpas que lhes haviam sido dadas por Deus, (*Apocalipse 15:2, "Nova Versão Internacional"*).

Não obstante o fato de que ninguém está realmente "tocando" harpas nesses textos, mas apenas segurando-as, devemos reconhecer que o Livro de Apocalipse é cheio de linguagem figurativa. Se quisermos ser

consistentes na literalização da passagem, as harpas que estariam sendo seguradas na reunião deveriam ser seguradas literalmente por seres estranhos (os “quatro seres viventes”) que têm cabeça de bovino, de leão, de homem e de águia, ou alguém deveria estar literalmente de pé em cima de um mar de vidro misturado com fogo. Quem, no entanto, argumentaria que é literalmente assim? Em vez disso, assim como o incenso em Apocalipse 5:8 representa simbolicamente as orações dos santos, podemos afirmar que as harpas representam simbolicamente o louvor dos santos.

De fato, é improvável que as harpas sejam realmente instrumentos físicos, dada a natureza espiritual do céu e a natureza simbólica do Livro de Apocalipse. No entanto, ainda que fossem instrumentos musicais reais, isso não autorizaria o uso de instrumentos no culto cristão. Haverá crianças no céu (uma vez que elas não têm pecado), mas isso não autoriza que crianças sejam batizadas. A Bíblia fala de haver um altar de incenso no céu, mas isso sem dúvida não sustenta o uso desse altar no culto cristão. Não há casamentos no céu (Mateus 22:30), mas não podemos usar isso para fundamentar um mandamento de celibato (1 Timóteo 4:1-3). Aqueles que hoje desejam usar instrumentos no louvor devem mostrar a autorização para isso na Nova Aliança. Se conseguissem fazê-lo, não haveria necessidade alguma de recorrer ao Antigo Testamento, ou a figuras do céu, para tentar fundamentar o uso de instrumentos na música de adoração ao Senhor.

A linguagem figurativa do Apocalipse, de modo algum, autoriza qualquer prática de uso de instrumentos para o louvor no Novo Testamento. Ainda que harpas fossem usadas no céu, onde nas Escrituras Deus fez algum comentário sobre o uso delas aqui na Terra?

- **Réplica:** os exemplos no Apocalipse mostram que Deus, obviamente, aprova instrumentos nesses exemplos felizes. Você deve mostrar onde Deus desaprova os instrumentos;
- **Resposta:** será que Deus mostra sua aprovação de uso de instrumentos para o louvor usando o Apocalipse? Em Apocalipse 8, lemos que trombetas anunciaram eventos que provocam a morte e destruição. Embora a referida destruição seja justa e correta, poderia qualquer cristão que pretenda amar seus semelhantes dizer que a destruição é positiva ou feliz? Nenhum pronunciamento real sobre os sentimentos de Deus para a música instrumental pode ser feito por causa da natureza figurativa da linguagem do Apocalipse, muito menos das maneiras variadas em que os instrumentos são usados. Caso contrário, se o idioma figurativo pudesse ser usado para justificar uma prática, deveríamos saquear a casa do homem forte como Jesus alude em Mateus 12:29? De jeito nenhum! Portanto, devemos manter a linguagem figurativa exatamente como ela é, como figurativa, entendendo a mensagem espiritual que está sendo proclamada, e não tirando coisas a mais a partir dos exemplos físicos usados para apresentar a mensagem espiritual.

Quanto à desaprovação dos instrumentos, onde nas Escrituras encontramos que Deus deve mostrar aprovação ou desaprovação de práticas para torná-las lícitas ou ilícitas? Nós vemos em Mateus 19:7-8 que Deus permitiu que os judeus se divorciassem de suas esposas, embora Deus odeie o divórcio (Malaquias 2:16). Deus reprovava a prática, mas era permitida para aquele povo, sob aquela aliança, naquela situação específica. Além disso, lemos em algum lugar nas Escrituras sobre Deus mostrando desaprovação de observar o sábado sob a Lei de Moisés? Somente quando as pessoas eram desobedientes (Isaías 1:10-18)! No entanto, [não observamos o sábado hoje](#), não porque Deus desaprove isso, mas porque a aliança mudou e o descanso do sábado é agora nossa esperança colocada no céu (Hebreus 4:1-11). Do mesmo modo, Deus não precisa desaprovar explicitamente a música instrumental para reconhecermos que essa prática está sem autorização divina na Nova Aliança.

2.6.4. OUTRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MÚSICA INSTRUMENTAL

- **Argumento:** ainda cumprimos o mandamento porque cantamos, temos apenas instrumentos que acompanham o canto;
- **Resposta:** se você mandasse alguém ir à loja para comprar pão e esse alguém comprasse pão e uma barra de chocolate, o seu mandamento foi cumprido? Certamente esse alguém fez o que você mandou fazer, mas fez a mais do que o ordenado e, assim, violou seu mandamento. O mesmo vale para o instrumento: você ainda pode estar cantando, mas o canto já não se parece com o cantar do Novo

Testamento, uma vez que foi feita uma adição sobre a qual Deus não ordenou. Devemos fazer melodia com o coração, não com um ou mais instrumentos.

Além disso, a adição está, na verdade, dificultando o propósito de canto de Deus. Em Efésios 5:19 e Colossenses 3:16, constatamos que o canto está representando o falar, ensinar e admoestar um ao outro. De que forma os instrumentos ajudam na nossa “conversa” um com o outro? Não acrescentam nada à substância da mensagem. Eles só ajudam na produção musical. Onde nas Escrituras encontramos que o foco do canto está na produção musical? Deus está mais satisfeito com um cantar vocal feito para edificar, de acordo com Efésios 5:19 e Colossenses 3:16, do que em produção musical perfeita que não traz o ensino e a admoestação. Enfatizar instrumentos parece colocar a produção musical acima da mensagem e reverter as prioridades estabelecidas por Deus.

- **Argumento:** se a música instrumental é uma adição, que dizer dos hinários, líderes de canto e diapasões?
- **Resposta:** existe uma diferença fundamental entre uma conveniência e uma adição. Uma conveniência ajuda a facilitar a conclusão de um mandamento, enquanto uma adição muda a natureza do resultado do mandamento.

Os hinários, os líderes de canto e os diapasões são todos usados como conveniências para cumprir o mandamento para cantar, e isso deve ser feito de forma ordenada, conforme 1 Coríntios 14:40: “Mas tudo deve ser feito com decência e ordem.” Não são adições ao mandamento de cantar. Sem um líder de canto, quem determinaria quando começamos a cantar, qual o ritmo e qual o tom? Sem o hinário, como saberíamos o que estamos cantando? E sem o diapasão, como o líder de canto saberá qual tom usar para o canto? Nenhum desses itens altera o mandamento que nos é dado nas Escrituras – apenas nos ajudam a cumprir o mandamento. A música instrumental, porém, altera a pureza da voz humana que louva o criador, muda o foco do cantar da edificação para a produção musical, além de ser realizada sem que Deus tenha falado a seu respeito.

- **Argumento:** Deus nos deu o talento para tocar instrumentos. Por que não podemos usar esse talento que ele nos deu?
- **Resposta:** Deus dá talentos, sim, mas devem ser eles usados em todas as ocasiões? Por exemplo, um vigarista ganhou de Deus a capacidade de enganar os outros? Deveria um vigarista se envolver em comportamentos enganosos com a justificativa de que está usando seu dom recebido de Deus? Um ladrão deve fazer furtos pela causa do Senhor porque o Senhor deu esses talentos a ele?

Deus nos dá talentos e podemos usá-los de várias maneiras, tanto para bem quanto para mal. Existe, no entanto, uma forma adequada de usar todos os talentos. Um vigarista, que geralmente é muito persuasivo, pode mudar sua vida e persuadir as pessoas a seguirem Cristo. Da mesma forma, quem tem talento para tocar um instrumento tem alguma habilidade musical, podendo assim cantar e liderar o canto vocal. Deus dá talentos e precisamos usá-los como ele orienta, não de acordo com nossos próprios caprichos!

2.6.5. TESTEMUNHO DE CRISTÃOS PRIMITIVOS SOBRE MÚSICA INSTRUMENTAL

Há testemunho antigo sobre a ausência de música instrumental nos louvores das igrejas. Evidências de que instrumentos foram utilizados em igrejas pela primeira vez aparecem somente no século 7 d.C. Os instrumentos foram popularizados apenas no século 19 d.C.

Não estamos apresentando essas evidências assumindo que os autores são infalíveis, nem se deve assumir que aceitamos todas as coisas que esses indivíduos escreveram. O que se segue representa testemunhas das práticas da antiga “cristandade”.

O único instrumento da paz, a Palavra apenas, pela qual honramos a Deus, é o que empregamos. Já não empregamos o antigo saltério, trombeta, tamborim e flauta. Pois aqueles especialistas em guerra e escarnecedores do temor a Deus estavam inclinados a usar esses instrumentos nos coros das suas assembleias festivas. (*Clemente of Alexandria, “O Pedagogo”, 2.4*).

Que trombeta de Deus agora é ouvida – a menos que seja nos entretenimentos dos hereges? (*Tertullian, “Against Marcion”, 5.24.13*).

Um imita o ressoar rouco e como de guerra da trombeta. Outro com o fôlego soprando em um tubo regula seus sons lúgubres [...]. Por que eu deveria falar [...] daqueles grandes desvios vocais trágicos? Por que eu deveria falar de cordas com ruído? Mesmo que essas coisas não fossem dedicadas aos ídolos, elas não deveriam ser abordadas e contempladas pelos cristãos fiéis (*Novatian, “On the Public Shows”, 7*).

[Satanás] apresenta aos olhos formas sedutoras e prazeres fáceis, pela vista dos quais ele pode destruir a castidade. Ele tenta as orelhas com música harmoniosa, de modo que, ao ouvir sons doces, ele pode relaxar e enfraquecer o vigor cristão (*Cyprian, “Treatise X: On Jealousy and Envy”, 2*).

Seria tedioso, muito amados, se eu fosse contar todos os episódios da história dos salmos, especialmente porque é necessário agora oferecer algo do Novo Testamento na confirmação do Antigo Testamento, para que não se pense que o ministério da salmodia seja proibido, na medida em que muitos dos usos da Lei Antiga foram abolidos. Pois aquelas coisas que são carnavais têm sido rejeitadas, a circuncisão por exemplo, a observância do sábado, os sacrifícios, a discriminação entre os alimentos, bem como trombetas, cítaras, címbalos e tambores (todos os quais agora são entendidos como residindo no nos membros corporais do homem, e ali melhor para tocar). As abluções diárias, a observância de luas novas, o exame meticuloso da lepra, ou qualquer coisa desse tipo que era necessária naquele momento para as crianças, claramente cessaram e se foram. Mas as práticas que permanecem são espirituais, tais como fé, piedade, oração, jejum, paciência, castidade e louvor em canção. Eles foram aumentados em vez de diminuídos (*Nicetas of Remesiana, “On the Benefit of Psalmody”, 9*).

Às vezes eu evito [o erro de ouvir melodias mais do que as palavras] de uma maneira intemperante, e erro por um excesso de severidade. Então desejo fortemente que todas as melodias e cantos doces com o saltério de Davi fossem banidos dos meus ouvidos e da própria Igreja. Então, acho que o curso mais seguro é o que eu lembro que muitas vezes me tem sido relatado sobre Atanásio, bispo de Alexandria. Ele fez o leitor do salmo proferi-lo com tão leve inflexão vocal que era mais como falar do que cantar (*Augustine, “The Confessions”, 16.33.50*).

Estou inclinado a aprovar a prática de cantar na igreja, embora não ofereço uma opinião irrevogável sobre isso, de modo que, através do prazer oferecido aos ouvidos, a mente mais fraca pode se entregar em sentimentos de devoção. No entanto, quando acontece que estou mais movido pelo canto do que pelo que é cantado, confesso que pequei, de maneira como se merecesse punição, e em tais momentos preferiria não dar ouvidos a um cantor [...] (*Augustine, “The Confessions”, 16.33.50*).

Enquanto tais pessoas não são inspiradas, seu testemunho coletivo demonstra claramente que o uso de instrumentos na reunião de cristãos era estranho ao “cristianismo ortodoxo” em seus primeiros poucos anos. A prática de usar música instrumental nos louvores, portanto, não se origina nem no Novo Testamento nem no cristianismo primitivo.

2.7. PRÁTICAS JUDAICAS

As Escrituras ensinam que a Lei de Moisés desapareceu em favor da aliança com Cristo:

Chamando “nova” esta aliança, ele tornou antiquada a primeira; e o que se torna antiquado e envelhecido está a ponto de desaparecer. (*Hebreus 8:13, “Nova Versão Internacional”*).

Aquela aliança foi eliminada porque era contrária a nós e serviu como um tutor para guiar a Cristo:

Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, (*Colossenses 2:14, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor. (*Gálatas 3:24-25, “Nova Versão Internacional”*).

A Lei de Moisés, portanto, foi substituída:

Certo é que, quando há mudança de sacerdócio, é necessário que haja mudança de lei. (*Hebreus 7:12, “Nova Versão Internacional”*).

Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança. (*Hebreus 9:15, “Nova Versão Internacional”*).

2.7.1. OS DEZ MANDAMENTOS E A LEI MORAL

Muitas denominações ensinam que nós, como cristãos, estamos sob os dez mandamentos hoje e que a “lei moral” estabelecida por eles representa a lei imutável de Deus. Examinemos como e por que essa conclusão foi alcançada e, em seguida, examinemos se as Escrituras ensinam se é assim.

Esse sistema de crenças começou como uma resposta a uma questão provocada por uma aparente contradição dentro das Escrituras: como podemos ter “liberdade em Cristo”, libertados pela sua morte na cruz e pela graça manifestada nesse ato, e ainda assim manter um padrão moral/ético pelo qual um cristão possa viver? Passagens como Romanos 8:2, Romanos 3:20 e Romanos 5:20-21 são comparadas nesse ponto de vista:

porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do pecado e da morte. (*Romanos 8:2, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado (*Romanos 3:20, “Nova Versão Internacional”*).

A Lei foi introduzida para que a transgressão fosse ressaltada. Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça, a fim de que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reine pela justiça para conceder vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. (*Romanos 5:20-21, “Nova Versão Internacional”*).

A conclusão alcançada por essas denominações é que o conhecimento do pecado vem pela Lei de Moisés e que recebemos a nossa redenção por meio da “lei da graça” de Jesus Cristo. Portanto, a “Lei”, conforme descrita por Moisés, é a “lei” sob a qual devemos viver.

Contudo, entendeu-se que a morte de Cristo exigiu o fim de certas partes da Lei de Moisés. Elas foram descritas como as porções “cerimoniais” ou “rituais” dessa lei, juntamente com suas “leis dietéticas”. Por necessidade, portanto, essas denominações distinguem a “lei moral” como os princípios claramente ilustrados nos dez mandamentos e que devem ser seguidos. Será que vemos essa distinção de “lei moral” e “lei cerimonial” nas Escrituras?

Não se observa, dentro das Escrituras, qualquer distinção na Lei de Moisés entre “lei moral”, “lei cerimonial” e “lei dietética”. É simplesmente considerada uma mesma lei. Além disso, o conceito de “lei moral” traz muitas questões: em que padrão a “lei moral” é determinada? Os dez mandamentos sozinhos? As instruções específicas dadas por Deus a respeito de cada um desses mandamentos? As Escrituras não dão nenhuma instrução desse tipo.

As próprias Escrituras demonstram que os cristãos não estão sob a “lei moral” da Lei de Moisés. Isso é observado em Mateus 19:7-9, Efésios 2:13-17 e Colossenses 2:13-16:

Perguntaram eles: “Então, por que Moisés mandou dar uma certidão de divórcio à mulher e mandá-la embora?” Jesus respondeu: “Moisés permitiu que vocês se divorciassem de suas mulheres por causa da dureza de coração de vocês. Mas não foi assim desde o princípio. Eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério.” (*Mateus 19:7-9, “Nova Versão Internacional”*).

Mas agora, em Cristo Jesus, vocês, que antes estavam longe, foram aproximados mediante o sangue de Cristo. Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um e destruiu a barreira, o muro de inimizade, anulando em seu corpo a Lei dos mandamentos expressa em ordenanças. O objetivo dele era criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliar com Deus os dois em um corpo, por meio da cruz, pela qual ele destruiu a inimizade. (*Efésios 2:13-17, “Nova Versão Internacional”*).

Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz. Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado. (*Colossenses 2:13-16, "Nova Versão Internacional"*).

Cada um desses exemplos se refere a um dos mandamentos dentro dos dez mandamentos e o que seria considerado "lei moral". De acordo com Jesus, as leis relativas ao divórcio eram diferentes no início, antes da Lei de Moisés, a qual era apenas para o povo físico de Israel. O divórcio sob a Lei de Moisés foi concedido por outras razões em comparação ao início e em comparação à Nova Aliança em Cristo. Portanto, alguém que se divorciou de seu cônjuge legalmente sob a Lei de Moisés, em muitos casos, não poderia fazê-lo legalmente antes da Lei de Moisés ou sob a aliança em Cristo. Pode-se argumentar, no entanto, que como o mandamento diz simplesmente para "não cometer adultério", esse mandamento ainda está em vigor. Isso não funciona, no entanto, uma vez que todo o impulso por trás de um mandamento é a maneira em que a linguagem é definida. Se o adultério for definido de forma diferente no Antigo Testamento em relação ao Novo Testamento, como foi demonstrado, o mandamento de não cometer adultério no Antigo Testamento será examinado de forma diferente no Novo Testamento. Uma vez que o significado do termo "adultério" mudou entre a Lei de Moisés e a aliança de Cristo, não podemos estar sob o mandamento como foi dado aos israelitas por Moisés.

Paulo explica na carta aos Colossenses como a Lei de Moisés se extinguiu, tendo sido "pregada na cruz". Muitos argumentam que esse versículo não se refere a essa "lei moral" vista nos dez mandamentos, mas à "lei cerimonial" e à "lei dietética" da Lei de Moisés. O texto em si, no entanto, mostra que esse não é o caso em Colossenses 2:16: "Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado." A palavra "portanto" é sempre usada para demonstrar uma conclusão: "A" é assim, portanto "B" é consequência disso. Paulo refere-se ao fato de que a "escrita de dívida" foi retirada de nós, "pregada na cruz". Ele conclui a partir dessa premissa que ninguém deve julgar um cristão com base em comida e bebida, em festival, em festa de lua nova e em sábados. Observe bem que Paulo fala de elementos que pertencem à toda a Lei de Moisés: o primeiro refere-se à "lei alimentar" ("comem ou bebem") e os outros dois se referem à "lei cerimonial" ("festividade religiosa ou à celebração das luas novas"). Assim, que outra conclusão podemos ter sobre o sábado, exceto que se refere à "lei moral", considerando que o quarto mandamento era observar o *sabbath* (Êxodo 20:8)? Para se libertar dessa dificuldade, alguns poderiam postular que o "sábado cristão" é o domingo e, portanto, pode-se transportar completamente a legislação sobre a observância do sábado dos judeus para o domingo dos cristãos. As Escrituras, no entanto, não dizem nada a respeito disso. Também, o descanso do sábado para os cristãos é retratado em termos do céu, não em termos do mesmo tipo de descanso sabático no domingo, conforme Hebreus 4:1-11.

Portanto, podemos concluir que a prática comum nas denominações que acreditam que devemos usar os dez mandamentos, e que o domingo é o "novo sábado" em que nenhum trabalho pode ser feito, não está em conformidade com a mensagem de Paulo na carta aos colossenses. Muito menos a palavra "sábado", em Colossenses 2:16, significa apenas os festivais de Israel, os quais eram às vezes referidos como um "sábado" ao povo – a palavra "sábado" certamente inclui o *sabbath* judaico.

A mensagem de Paulo na carta aos efésios confirma as lições que encontramos na carta aos colossenses, uma vez que ele diz àqueles que são dos gentios que Jesus, por meio da sua morte na cruz, destruiu a parede dividindo os judeus e gentios, e fez isso removendo a "lei dos mandamentos expressa em ordenanças". O que mais isso poderia ser senão a "lei moral" de Moisés, ordenada aos judeus, mas não aos gentios? Essa lei tinha que ser eliminada para que os judeus e os gentios se tornassem parte de um novo grupo: discípulos de Cristo. Nós constatamos, portanto, que o Novo Testamento explica muito claramente que há uma distinção entre a Antiga Aliança por meio de Moisés e a Nova Aliança por meio de Cristo.

O que, então, podemos dizer sobre a Lei de Moisés? Existem vários versículos que mostram claramente que ela se extinguiu. Muitos já expomos acima, outros incluem Gálatas 3:19; 4:21-26:

Qual era então o propósito da Lei? Foi acrescentada por causa das transgressões, até que viesse o Descendente a quem se referia a promessa, e foi promulgada por meio de anjos, pela mão de um mediador. (*Gálatas 3:19, “Nova Versão Internacional”*).

Digam-me vocês, os que querem estar debaixo da Lei: acaso vocês não ouvem a Lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O filho da escrava nasceu de modo natural, mas o filho da livre nasceu mediante promessa. Isto é usado aqui como uma ilustração; estas mulheres representam duas alianças. Uma aliança procede do monte Sinai e gera filhos para a escravidão: esta é Hagar. Hagar representa o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à atual cidade de Jerusalém, que está escravizada com os seus filhos. Mas a Jerusalém do alto é livre, e é a nossa mãe. (*Gálatas 4:21-26, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, podemos constatar que a Lei de Moisés tinha um propósito: as pessoas saberiam o que é o pecado e compreenderiam a redenção em Jesus Cristo. Esse ponto é demonstrado completamente em *Gálatas 4:4-9*, que também explica como os cristãos são livres da Lei de Moisés hoje:

Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo da Lei, a fim de redimir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de vocês, e ele clama: “Aba, Pai.” Assim, você já não é mais escravo, mas filho; e, por ser filho, Deus também o tornou herdeiro. Antes, quando vocês não conheciam a Deus, eram escravos daqueles que, por natureza, não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo por ele conhecidos, como é que estão voltando àqueles mesmos princípios elementares, fracos e sem poder? Querem ser escravizados por eles outra vez? (*Gálatas 4:4-9, “Nova Versão Internacional”*).

Paulo explica que a Lei de Moisés é como se fosse uma forma de sujeição que vincula alguém à escravidão. Essa mesma metáfora é usada e enfatizada em *Romanos 6:17-18*:

Mas, graças a Deus, porque, embora vocês tenham sido escravos do pecado, passaram a obedecer de coração à forma de ensino que lhes foi transmitida. Vocês foram libertados do pecado e tornaram-se escravos da justiça. (*Romanos 6:17-18, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, constatamos claramente que a Lei de Moisés é uma forma de escravidão, assim como o pecado também é uma forma de escravidão. Nenhum dos dois nos justifica e, de acordo com *Gálatas 5:4*, agora que Cristo veio, a Lei de Moisés pode apenas nos arruinar:

Vocês, que procuram ser justificados pela Lei, separaram-se de Cristo; caíram da graça. (*Gálatas 5:4, “Nova Versão Internacional”*).

Compreendendo, então, que a Lei de Moisés não está de modo algum em efeito para os cristãos hoje, levanta-se a questão: existe hoje uma lei para os cristãos? Examinemos as Escrituras. João define o que é pecado em *1 João 3:14*:

Todo aquele que pratica o pecado transgredir a lei; de fato, o pecado é a transgressão da lei. (*João 5:4, “Nova Versão Internacional”*).

Se o pecado é “transgressão da lei” ou, mais especificamente e profundamente, algo caracterizado por uma ausência de governança por lei ou obediência a uma lei (o que é bem expresso pela palavra *lawlessness* usada nas traduções para o inglês), por necessidade, tudo o que não é pecado é lícito. Portanto, deve haver alguma forma de lei que oriente os cristãos hoje, uma vez que a ausência de lei e ordem que venham de Deus resultaria em pecado. Uma possível ideia dessa lei nos é dada em *Gálatas 6:2*:

Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo. (*Gálatas 6:2, “Nova Versão Internacional”*).

Podemos chamar essa lei de “lei de Cristo” e examinar seu conteúdo. Nós constatamos que Jesus muitas vezes ratificou muitos dos mandamentos que Deus deu a Moisés, mas ele também apontou o caminho mais estreito a respeito desses valores, como é evidenciado no Sermão do Monte. A “lei de Cristo” consiste, portanto, nos mandamentos dados aos cristãos por Cristo e seus apóstolos ao longo do Novo Testamento.

Muitos argumentarão que é um jogo semântico afirmar que a Lei de Moisés se foi e, ainda, que muitas partes dela foram ratificadas por Cristo na Nova Aliança. Essa distinção é crítica, no entanto, para que possamos entender de quem devemos receber nossas leis: Cristo ou Moisés. As leis da Antiga Aliança que foram ratificadas na Nova Aliança são obrigatórias porque Cristo e seus apóstolos deram a elas essa autoridade, não porque tinham essa autoridade em si mesmas.

Um exemplo paralelo seria a formação dos Estados Unidos no final do século dezoito. Quando foram escritas as leis e diretrizes para a criação e execução do governo e as obrigações das pessoas, muitas vezes os autores usaram as leis que governavam as colônias sob o domínio britânico e, em muitos outros lugares, essas leis foram adaptadas para se adequarem aos desejos dos cidadãos dos Estados Unidos. Será que alguém poderia argumentar que os americanos hoje deveriam seguir uma lei que estava em vigor quando a Grã-Bretanha governava simplesmente porque os Estados Unidos incorporaram muitas das regras da Inglaterra e que as “leis básicas” da lei da Inglaterra não mudaram? Isso seria considerado absurdo. O novo país estabeleceu novos precedentes com todas as leis criadas. O governo tem autoridade não porque era primeiro um governo inglês, mas porque foi declarado adequado para os Estados Unidos. Da mesma forma, um mandamento que se originou na Lei de Moisés não tem autoridade hoje porque vem de Moisés, mas porque Cristo e seus apóstolos o afirmaram como verdade.

Em última análise, o exemplo da América também demonstra nossa liberdade em Cristo. Nos Estados Unidos, os cidadãos são considerados “pessoas livres”, vivendo sob a liberdade. Mas eles ainda têm muitas leis que orientam sua conduta. Se não seguirem essas leis, perdem sua liberdade. Essencialmente, quando alguém se declara cidadão dos Estados Unidos, afirma a responsabilidade de ter liberdade, uma vez que ter liberdade causa a necessidade de proteger a liberdade de todos os outros cidadãos dos Estados Unidos. As leis existem para proteger a liberdade de cada indivíduo. Da mesma forma, quando nos declaramos cidadãos do céu e servimos Cristo, afirmamos a responsabilidade de ter liberdade do pecado ao não o cometer. Se cometermos pecados e não seguirmos as diretrizes de Deus referentes ao arrependimento, perdemos a liberdade do pecado que inicialmente desejamos. Somos livres porque escolhemos Cristo, não por compulsão, mas com nossa própria vontade e, portanto, devemos seguir as diretrizes que nos são dadas para que possamos continuar a viver em Cristo Jesus. É assim que somos livres, ainda que estejamos sob a lei de Cristo. Essa crença não requer o uso da Lei de Moisés.

2.7.2. DÍZIMO

Muitas denominações ensinam que os cristãos hoje devem dar o dízimo, assim como os israelitas fizeram sob a Lei de Moisés. Um dízimo refere-se a dar dez por cento da renda. Segundo a Lei de Moisés, os israelitas foram informados a dar um décimo de seu ganho, seja por fundos ou por animais, a Deus (Levítico 27:30-33) e outro décimo aos levitas (Números 18:21). Essas denominações ensinam que, como essa era a demanda de Deus no Antigo Testamento, essa demanda ainda está em efeito no Novo Testamento. Será que as Escrituras ensinam isso?

O Novo Testamento não comanda um dízimo, nem um dízimo é dado como um exemplo. A própria palavra é usada apenas cinco vezes no Novo Testamento, sendo que em todas as vezes se refere a indivíduos sob a Lei de Moisés ou a eventos históricos passados. Além disso, as Escrituras não dão um número ou valor de referência para os donativos dos cristãos. Isso é deixado ao indivíduo para decidir, conforme evidenciado em 2 Coríntios 9:6-7:

Lembrem-se: aquele que semeia pouco, também colherá pouco, e aquele que semeia com fartura, também colherá fartamente. Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria. (2 Coríntios 9:6-7, “Nova Versão Internacional”).

Os donativos no Novo Testamento devem ser feitos pelo propósito do coração sobre uma quantidade específica. O conceito do dízimo pode ser uma boa orientação e pode ser usado por um indivíduo se ele quiser fazê-lo. A quantia de dez por cento, no entanto, não está de modo algum dada como mandamento no Novo Testamento.

Não se deixe enganar, no entanto: apenas porque nenhuma orientação específica foi dada quanto à quantidade que os cristãos devam dar, é ruim dar pouco, ou nada. Todos os exemplos de doações encontrados no Novo Testamento indicam que os cristãos estavam dando muito mais de dez por cento quando havia momentos de

necessidade (Atos 2:42-4:37; 2 Coríntios 8:1-9:15). Uma vez que estamos sob uma aliança melhor, com melhores promessas (veja Hebreus 7:19,22), somos libertos dos dízimos para que possamos dar mais, e não menos, para causas espirituais em nome do Senhor.

Jesus ensinou sobre dar em Marcos 12:41-44:

Jesus sentou-se em frente do lugar onde eram colocadas as contribuições, e observava a multidão colocando o dinheiro nas caixas de ofertas. Muitos ricos lançavam ali grandes quantias. Então, uma viúva pobre chegou-se e colocou duas pequeninas moedas de cobre, de muito pouco valor. Chamando a si os seus discípulos, Jesus declarou: "Afirmo-lhes que esta viúva pobre colocou na caixa de ofertas mais do que todos os outros. Todos deram do que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu tudo o que possuía para viver." (*Marcos 12:41-44, "Nova Versão Internacional"*).

O princípio ensinado por Jesus na passagem acima demonstra a atitude que um cristão deve ter em sua doação. Não deve ser obrigatória, nem deve ser pelo que sobra de alguém: deve ser uma forma de sacrifício, a demonstração da preocupação de alguém com as coisas de Deus acima de tudo mais. Esse sacrifício não pode ser medido em um número ou porcentagem, pois há muitos que podem viver confortavelmente sem 10% de sua renda, e ainda há muitos mais para que cada dinheiro extra é um luxo. Jesus demonstra aqui a preocupação de Deus: o desejo de servir a ele, e não a porcentagens e a números.

2.7.3. CONCLUSÃO SOBRE PRÁTICAS JUDAICAS

Constatamos que muitas denominações tentam justificar práticas ou leis com base no uso na Lei de Moisés, apesar de Paulo falar com frequência sobre como essa lei leva alguém à escravidão. Que possamos dar atenção a essas palavras, lembrando sobretudo da pergunta retórica que Paulo faz em Gálatas 4:9 a todos aqueles que se ligariam à Lei de Moisés:

Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo por ele conhecidos, como é que estão voltando àqueles mesmos princípios elementares, fracos e sem poder? Querem ser escravizados por eles outra vez? (*Gálatas 4:9, "Nova Versão Internacional"*).

Que continuemos na liberdade em Cristo e evitemos a escravidão da Lei de Moisés.

2.8. A CEIA DO SENHOR

A Ceia do Senhor foi instituída por Cristo na noite de sua prisão:

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos seus discípulos, dizendo: "Tomem e comam; isto é o meu corpo." Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: "Bebam dele todos vocês. Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados. Eu lhes digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai." (*Mateus 26:26-29, "Nova Versão Internacional"*).

Ele desejou que ela fosse celebrada para memorial de sua morte:

Pois recebi do Senhor o que também lhes entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: "Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim." Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim." Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha. (*1 Coríntios 11:23-26, "Nova Versão Internacional"*).

A Ceia do Senhor deve ser observada semanalmente no primeiro dia da semana:

No primeiro dia da semana reunimo-nos para partir o pão, e Paulo falou ao povo. Pretendendo partir no dia seguinte, continuou falando até a meia-noite. (*Atos 20:7, "Nova Versão Internacional"*).

2.8.1. A CEIA DO SENHOR É UM ATO FÍSICO COM SIGNIFICADO ESPIRITUAL

Existem algumas denominações que ensinam que a Ceia do Senhor não é um evento físico, mas é uma comunhão espiritual, a qual não exige o pão e o fruto da videira. A Ceia do Senhor, nas Escrituras, é um ato físico ou unicamente um ato espiritual?

Podemos constatar que o pão físico e o fruto da videira foram tomados por Cristo em Lucas 22:19-20:

Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim.” Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês.” (*Lucas 22:19-20, “Nova Versão Internacional”*).

Paulo confirma que o Senhor revelou a ele o mesmo em 1 Coríntios 11:23-26 e fala em detalhes sobre a natureza da Ceia do Senhor em 1 Coríntios 11:27-29:

Pois recebi do Senhor o que também lhes entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim.” Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim.” Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha. Portanto, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será culpado de pecar contra o corpo e o sangue do Senhor. Examine-se cada um a si mesmo, e então coma do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe para sua própria condenação. (*1 Coríntios 11:23-29, “Nova Versão Internacional”*).

Se a Ceia do Senhor não envolve elementos físicos, por que Paulo fala de “comerem deste pão” e “beberem deste cálice” na Ceia do Senhor? Se ela é apenas uma comunhão espiritual, por que Lucas fala da Ceia do Senhor original no contexto da refeição da Páscoa?

As Escrituras indicam claramente que a Ceia do Senhor é, certamente, um ato físico que os cristãos devem realizar como atividade nas reuniões de uma igreja local, em todos os primeiros dias de semana.

2.8.2. A NATUREZA DOS SÍMBOLOS

Há muitas denominações que ensinam que o pão e o fruto da videira são literalmente o corpo e o sangue de Cristo. Há duas linhas de pensamento sobre isso: transubstanciação e consubstanciação.

A transubstanciação é ensinada por algumas denominações, incluindo a Igreja Católica Romana e muitos na Igreja Ortodoxa Oriental. Ela afirma que o pão e o fruto da videira literalmente se transformam no corpo e no sangue de Cristo depois que são abençoados e um cristão participa disso. As metáforas usadas nos evangelhos e por Paulo em 1 Coríntios são essencialmente literalizadas. O que as Escrituras dizem sobre isso?

O Novo Testamento – de fato, toda a Palavra de Deus – ensina que a ingestão literal de sangue é uma abominação para Deus. Isso aconteceu desde o início: quando Deus permitiu ao homem comer a carne de animais, após o dilúvio em Gênesis 9, a única estipulação que ele fez foi no versículo 4: “Mas não comam carne com sangue, que é vida.” Esse ensinamento é continuado na Lei de Moisés (conforme Levítico 3:17) e, depois, na aliança sob Cristo, quando os apóstolos o proclamam como parte de seu edito em Atos 15:29:

Que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas. Que tudo lhes vá bem. (*Atos 15:29, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, constatamos que desde o início e até o tempo dos apóstolos, foi proibido ao homem beber sangue. Se os primeiros cristãos entendessem o fruto da videira como se tornando literalmente o sangue de Cristo, por que não encontramos nenhuma exceção na proibição de Atos 15:29? Todas as evidências, portanto, demonstram que os símbolos da Ceia do Senhor não se tornam carne e sangue.

- **Argumento:** Jesus disse explicitamente que devemos comer seu corpo e beber seu sangue se queremos a vida eterna. Portanto, os elementos da eucaristia são literalmente seu corpo e sangue;
- **Resposta:** Jesus realmente disse essas coisas em João 6:53-57:

Jesus lhes disse: “Eu lhes digo a verdade: se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa. (João 6:53-57, “Nova Versão Internacional”).

Isso foi dito aos judeus muito antes de Jesus estabelecer a Ceia do Senhor e, ainda assim, Cristo disse que aqueles judeus deveriam (presentemente) “comer a sua carne” e “beber seu sangue”. Uma vez que ele estava fisicamente vivo naquele momento, como poderia ser possível comer literalmente sua carne e beber literalmente seu sangue?

Essas questões são facilmente compreendidas quando consideramos como Jesus frequentemente ensinou no Evangelho de João: ele constantemente usou elementos físicos para se referir a coisas espirituais, e as pessoas constantemente não entendiam. Jesus disse à samaritana que ela deveria ter pedido a ele “água viva” (João 4:10) e ela continuou a pensar que ele se referiu à água física (João 4:11,15). No entanto, vemos o seguinte em João 4:13-14:

Jesus respondeu: “Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.” (João 4:13-14, “Nova Versão Internacional”).

Entendemos que a água de que Jesus falou é o evangelho, a Palavra de Deus que conduz à salvação. Há mais evidências do uso figurativo desse tipo de linguagem anteriormente em João 6: as pessoas procuravam pão físico e Jesus explicou suas necessidades espirituais usando a mesma imagem em João 6:33-35:

“Pois o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo.” Disseram eles: “Senhor, dá-nos sempre desse pão!” Então Jesus declarou: “Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome; aquele que crê em mim nunca terá sede.” (João 6:33-35, “Nova Versão Internacional”).

Diríamos a partir dessa passagem que Jesus está falando “mais literalmente” do que em João 4? De jeito nenhum. De Jesus, a Palavra de Deus (João 1:1,14), vem o evangelho e a vida eterna – esse é o “pão” e a “água” de que Jesus fala. Uma vez que Jesus ensinou dessa maneira em João 4:10-14 e João 6:33-35, por que deveríamos esperar algo diferente em João 6:53-57? A imagem de comer sua carne e beber seu sangue é certamente visceral, mas comunica a mensagem espiritual essencial: aqueles que procuram a vida eterna devem participar da salvação que vem de Jesus. A Palavra de Deus é alimento para o homem (Mateus 4:4). Isso certamente é simbolizado na Ceia do Senhor, mas é um abuso dessas passagens deduzir que a Ceia do Senhor é literalmente o corpo e o sangue de Jesus.

Outros, incluindo alguns luteranos e ortodoxos orientais, aceitam a visão de consubstanciação. Afirmam que o pão é o corpo literal de Cristo e que o fruto da videira é o sangue literal de Cristo, mas ainda assim os símbolos permanecem fisicamente como pão e como fruto da videira. Essa abordagem parece tomar um “caminho intermediário” que é bastante inconsistente: ou o pão e o fruto da videira são literalmente o corpo e o sangue de Cristo ou eles figurativamente/simbolicamente são seu corpo e sangue. Essa doutrina parece ser uma tentativa de evitar quaisquer implicações negativas de uma associação simbólica entre o pão/fruto da videira como corpo/sangue, enquanto não vai tão longe quanto a crença de “presença real” da transubstanciação. Uma vez que o sentido da Ceia do Senhor ou é literal ou é simbólico, não há espaço para a posição de consubstanciação!

Além disso, quando consideramos os relatos nos evangelhos da Ceia do Senhor (Mateus 26:26-30; Marcos 14:22-26; Lucas 22:15-20), constatamos que é mais sensato que Jesus esteja falando em linguagem figurativa. Afinal, como ele pode determinar que o pão é o seu corpo enquanto ele está fisicamente presente? Como o fruto da videira pode ser determinado como seu sangue enquanto ele ainda corre pelas suas veias? O pão e o fruto da videira estavam lá para representar aos discípulos seu corpo e sangue. Tais elementos deveriam representar o mesmo para

os discípulos de hoje. Representação e coisa real, no entanto, permanecem sendo questões inteiramente diferentes, e não há boas razões para aceitar a ideia do corpo e do sangue real de Cristo na Ceia do Senhor.

2.8.3. O PÃO E O FRUTO DA VIDEIRA

Muitas denominações ensinam que a Ceia do Senhor pode ser composta de pão com fermento e vinho. É isso que o Novo Testamento mostra?

Devemos lembrar que a Ceia do Senhor foi instituída durante a Páscoa. Quando Deus ordenou a Páscoa, ordenou que o pão fosse sem fermento em Êxodo 13:3:

Então disse Moisés ao povo: “Comemorem esse dia em que vocês saíram do Egito, da terra da escravidão, porque o SENHOR os tirou dali com mão poderosa. Não comam nada fermentado.” (*Êxodo 13:3, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, o pão que Jesus partiu foi sem fermento, uma vez que foi comido durante a Páscoa. Quanto ao “fruto da videira”, o próprio texto mostra o que deve ser usado: o fruto da videira! No grego, a expressão usada é *genematos tes ampelou* – isso se refere ao suco de uva, não ao vinho alcoólico (o qual é mais consistentemente referido no grego pela palavra *oinos*). Enquanto alguns podem negar que os antigos tivessem a capacidade de parar a fermentação, a literatura antiga atesta o consumo de suco de uva não fermentado. Portanto, não há motivo para negar o exemplo do Novo Testamento para que a Ceia do Senhor seja pão sem fermento e suco de uva.

2.8.4. QUANDO A CEIA DO SENHOR DEVE SER OBSERVADA?

Muitas denominações ensinam que a Ceia do Senhor deve ser observada quatro vezes anualmente, ou talvez mensalmente. Algumas até acreditam que deve ser observada diariamente. Com que frequência os cristãos no Novo Testamento observaram a Ceia do Senhor? Temos o exemplo de Paulo e outros cristãos em Atos 20:6-7:

Navegamos de Filipos, após a festa dos pães sem fermento, e cinco dias depois nos reunimos com os outros em Trôade, onde ficamos sete dias. No primeiro dia da semana reunimo-nos para partir o pão, e Paulo falou ao povo. Pretendendo partir no dia seguinte, continuou falando até a meia-noite. (*Atos 20:6-7, “Nova Versão Internacional”*).

Consideremos o que podemos aprender com esse texto:

1. Paulo permaneceu ali por sete dias. Desses sete, os cristãos se reuniram no primeiro dia da semana. A permanência de sete dias é significativa, pois lemos no versículo 16 que Paulo estava se com pressa para retornar a Jerusalém.
2. Esse particular primeiro dia da semana não parece ter nenhuma conotação especial – é um primeiro dia da semana que está entre a Páscoa e o Pentecostes (conforme Atos 20:6,16).
3. O propósito deles era a reunião para partir o pão.

“Partir o pão” é uma metonímia para uma refeição inteira. Apesar de poder se referir a uma refeição comum (veja a discussão de Atos 2:46 adiante), também pode se referir à Ceia do Senhor (1 Coríntios 10:16). O propósito dessa reunião, como já observamos, foi ter essa refeição. Além disso, é notável que depois que Paulo prega, ele “parte o pão” em Atos 20:11:

Então [Paulo] subiu novamente, partiu o pão e comeu. Depois, continuou a falar até o amanhecer e foi embora. (*Atos 20:11, “Nova Versão Internacional”*).

Não há nenhuma razão para assumir que alguém mais esteja comendo antes de Paulo partir o pão, e não há nenhuma razão para assumir que esse partir de pão não é a refeição proposital do versículo 7. Com base em toda essa evidência, a melhor conclusão é que o “partir o pão” em Atos 20:7 refere-se à Ceia do Senhor, não a uma refeição comum. Da mesma forma, uma vez que não há evidências de que esse primeiro dia da semana tenha

algum significado especial, podemos deduzir que os discípulos tinham o hábito de participar da Ceia do Senhor em cada primeiro dia da semana.

- **Argumento:** em Atos 2:46, os primeiros discípulos estão partindo o pão diariamente. Isso valida a necessidade de participar diariamente;
- **Resposta:** primeiramente, o texto:

Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração (*Atos 2:46, “Nova Versão Internacional”*).

O contexto é a melhor maneira de decidir se “partir o pão” refere-se à Ceia do Senhor ou a uma refeição comum. Nesse contexto, a redação mostra que esses cristãos não estavam participando diariamente da Ceia do Senhor, mas comendo suas refeições diariamente: “Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições [...]”. A Ceia do Senhor está muito provavelmente em vista em Atos 2:42, onde a discussão se concentra mais em eventos espirituais: “Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações.”

- **Argumento:** Paulo estabelece que a Ceia do Senhor pode ser participada a qualquer momento com base em 1 Coríntios 11:26;
- **Resposta:** o texto diz: “Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha.” Paulo não está dizendo aos coríntios com que frequência devem participar, ele está dizendo o que acontece quando eles participam. A expressão “sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice” não determina com que frequência alguém realmente participa, simplesmente estabelece que, sempre que a Ceia do Senhor for tomada, a morte do Senhor é proclamada. Temos que procurar em outro lugar para determinar a que frequência corresponde a expressão “sempre que”, e a melhor evidência está em Atos 20: os cristãos se reuniram no primeiro dia da semana, o que, por todas as evidências, parece ser o seu tempo normal de reunião (*Atos 20:7; conforme 1 Coríntios 16:1-3*) e, por todos os relatos, eles se reuniram semanalmente para esse propósito. 1 Coríntios 11:26 complementa, e não contradiz, a mensagem de Atos 20.

Em muitas igrejas hoje há alguma controvérsia sobre a frequência com que a Ceia do Senhor deve ser observada durante o primeiro dia da semana. Há concordância de que a Ceia do Senhor deve ser tomada no domingo. A questão é sobre se deve ou não ser oferecida mais de uma vez no mesmo dia. Os argumentos de ambos os lados têm mérito.

- **Argumento para apenas uma observância por domingo:** os cristãos do Novo Testamento reuniram-se para participar da Ceia do Senhor, como vemos em Atos 20:7. Eles deveriam fazer isso “juntos”, significando unidade. Se a maioria participar pela manhã e simplesmente se sentar e observar os demais participando à noite, a unidade está perdida. Em parte alguma nas Escrituras há alguma evidência para servir uma segunda vez a Ceia do Senhor.
- **Argumento para mais de uma observância por domingo:** sim, os cristãos se reuniram para participar no primeiro dia da semana. No entanto, se uma pessoa não participar, a unidade que é procurada não existe. A Ceia do Senhor é manifestamente uma ação individual feita coletivamente. Se não fosse, por que há um mandamento para “examinar a si mesmo” antes de participar (1 Coríntios 11:27-28)? Pode-se, então, julgar-se não digno de participar de uma determinada reunião. Onde vemos no Novo Testamento quaisquer regulamentos relativos a qual porcentagem de membros é necessária para alcançar a “unidade”? Existe um quórum para a observância no Novo Testamento? Se o foco está na unidade, onde encontramos o quão “unificada” a igreja deve estar? Se todos meditarem nas coisas espirituais, enquanto alguns participam da manhã e enquanto alguns participam durante a noite, a unidade ainda está em mente, especialmente quando não se pode estar em corpo. Isso é estabelecido em 1 Coríntios 10:16-17, onde Paulo fala na primeira pessoa do plural (“nós”) quando ele está em Éfeso (1 Coríntios 16:8) e aqueles para quem ele fala estão em Corinto. Como eles podem participar do “único

pão” quando estão em lugares diferentes, a menos que a comunhão seja espiritual? Se alguém se reunir com o propósito de participar da Ceia do Senhor, quem somos nós para impedir isso (Atos 20:7)?

Nesse caso, cabe a cada cristão individual pesar a evidência de um dos lados e se convencer do que deve fazer (Hebreus 11:1; Romanos 14:23).

2.8.5. O NÚMERO DE FATIAS DE PÃO E DE CÁLICES

Existem alguns grupos que acreditam que os cristãos têm autoridade para participar da Ceia do Senhor apenas com um pão e um cálice. As Escrituras certamente permitem essa crença: não há pecado em participar com apenas um pão e um cálice. Infelizmente, no entanto, muitos desses grupos desejam obrigar essa ideia e condenar como pecadoras quaisquer pessoas que participem da Ceia do Senhor com mais de um pão e várias taças. O que as Escrituras dizem sobre isso?

Todas as Escrituras relativas ao pão e ao cálice na Ceia do Senhor podem ser entendidas de maneira literal ou metafórica. Como bons estudantes da Bíblia, percebemos que devemos interpretar literalmente, a menos que exista uma razão convincente para assumir uma interpretação simbólica. Em termos dos elementos da Ceia do Senhor, a principal razão pela qual “o pão” e “o cálice” devem ser vistos como acomodativos ou metonímicos baseia-se no exemplo de Atos 2:41-47:

Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas. Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos. (*Atos 2:41-47, “Nova Versão Internacional”*).

Isso mostra que os primeiros cristãos fizeram todas as coisas juntos e, assim, eles teriam participado juntos tanto da Ceia do Senhor (Atos 2:42) quanto das refeições comuns (Atos 2:46). No caso da Ceia do Senhor, como um único pão e um único cálice podem ser usados para suprir mais de 3.000 pessoas?

- **Objecção:** você está fazendo uma afirmação que o texto nunca faz;
- **Resposta:** o texto de Atos 2:41-47 mostra que os primeiros cristãos usaram mais do que um único pão asmo e mais do que um único cálice do fruto da videira por inferência necessária, uma vez que eles se dedicaram ao “partir do pão” (Atos 2:42), expressão usada em Atos 20:7 para denotar a Ceia do Senhor. Eles fizeram todas as coisas juntos (Atos 2:44). Portanto, se eles fizeram todas as coisas juntos, eles partiram o pão (celebraram a Ceia) juntos. Se todos compartilharam a Ceia do Senhor juntos, como todos teriam participado com apenas um pão e um cálice? Essa ideia permanece inconsistente com o texto;
- **Objecção:** os primeiros cristãos poderiam ter se encontrado em grupos menores no dia do Senhor;
- **Resposta:** essa é uma afirmação não confirmada pelo texto. Em três lugares, uma vez no versículo 44 (“mantinham-se unidos”) e duas vezes no versículo 46 (“continuavam a reunir-se no pátio do templo” e “juntos participavam das refeições”), Lucas demonstra o ajuntamento dos primeiros cristãos. A expressão “Partiam o pão em suas casas”, pelo contexto, está se referindo ao fato que os cristãos dividiam o pão de suas refeições em suas casas, de forma a trazer os pedaços para comerem juntamente com os demais cristãos. Eles faziam tudo juntos. Dizer que os primeiros cristãos não participaram da Ceia do Senhor juntos é marcar Lucas como mentiroso e tornar as Escrituras vazias, pois, se partilharam a Ceia do Senhor em casas separadas, como Lucas poderia dizer que todos aqueles que creram estavam juntos?

Mais uma vez reiteramos que não é errado participar da Ceia do Senhor com um único pão e um único cálice, mas obrigar esta prática quando as Escrituras permitem a liberdade é errado. No entanto, aqueles que sabem

que estamos autorizados a participar com várias taças não devem ofender aqueles que não veem essa liberdade, e não devemos forçar a ofensa se a situação surgir (Romanos 14:13-23).

- **Objecção:** como visto em 1 Coríntios 11:23-34 e em outros lugares, o “cálice” é usado. Onde está a autoridade para mais de um cálice quando o texto diz apenas “cálice”?
- **Resposta:** consideremos como o cálice é descrito em 1 Coríntios 11:25-26:

Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim.” Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha. (1 Coríntios 11:25-26, “Nova Versão Internacional”).

O termo “cálice” não pode ser usado literalmente aqui porque ninguém literalmente bebe um cálice. Bebe-se o conteúdo do cálice. O cálice é usado para descrever seu conteúdo, uma figura comumente usada como metonímia. Alguém consideraria a Nova Aliança no sangue de Cristo como um cálice literal? Se assim for, deveríamos ir buscar o Santo Graal. No entanto, o sangue de Cristo representa a Nova Aliança. Portanto, é o conteúdo do cálice (o suco da uva), e não o próprio cálice, que significa a Nova Aliança. A natureza do recipiente não tem relevância para a Ceia do Senhor, apenas o seu conteúdo é importante.

- **Objecção:** 1 Coríntios 10:16-17 mostra a necessidade de um pão e um copo: a unidade entre os cristãos;
- **Resposta:** primeiramente o texto em questão:

Não é verdade que o cálice da bênção que abençoamos é uma participação no sangue de Cristo, e que o pão que partimos é uma participação no corpo de Cristo? Como há somente um pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos de um único pão. (1 Coríntios 10:16-17, “Nova Versão Internacional”).

Em nenhum lugar nesse texto o pão está limitado a um único pão, nem o fruto da videira é limitado a um único cálice. Paulo está escrevendo de Éfeso e os coríntios estão em Corinto e, no entanto, Paulo se inclui na discussão: como pode ser que todos compartilhem um pão e um cálice quando são separados pelo Mar Egeu? Todos nós participamos do “pão único” que simplesmente não é o mesmo pão literal e do “cálice único” que simplesmente não é o mesmo cálice literal. Os próprios símbolos, não os recipientes, são o impulso da Ceia do Senhor, e o fato de que participamos dos mesmos tipos de símbolos em todo o mundo é a base da comunhão em Cristo.

Podemos constatar, portanto, que não há nenhuma base bíblica para obrigar o uso de um único pão literal e um único cálice literal para a Ceia do Senhor. Deus estabeleceu o número de fatias de pão e taças como uma liberdade para os seus discípulos.

2.9. POSIÇÕES DE AUTORIDADE

As Escrituras ensinam que presbíteros/bispos/pastores foram nomeados nas igrejas:

Paulo e Barnabé designaram-lhes presbíteros em cada igreja; tendo orado e jejuado, eles os encomendaram ao Senhor, em quem haviam confiado. (Atos 14:23, “Nova Versão Internacional”).

Eles foram instruídos a supervisionar sua igreja local e cuidar de seus membros:

Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue. (Atos 20:28, “Nova Versão Internacional”).

Esses servos devem ter certas qualificações:

Esta afirmação é digna de confiança: se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função. É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao

dinheiro. Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? Não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o Diabo. Também deve ter boa reputação perante os de fora, para que não caia em descrédito nem na cilada do Diabo. (1 Timóteo 3:1-7, “Nova Versão Internacional”).

É preciso que o presbítero seja irrepreensível, marido de uma só mulher e tenha filhos crentes que não sejam acusados de libertinagem ou de insubmissão. Por ser encarregado da obra de Deus, é necessário que o bispo seja irrepreensível: não orgulhoso, não briguento, não apegado ao vinho, não violento, nem ávido por lucro desonesto. Ao contrário, é preciso que ele seja hospitaleiro, amigo do bem, sensato, justo, consagrado, tenha domínio próprio e apegue-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela. (Tito 1:5-9, “Nova Versão Internacional”).

Diáconos também foram nomeados nas igrejas e também devem se adequar a certas qualificações:

Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos. Devem apegar-se ao mistério da fé com a consciência limpa. Devem ser primeiramente experimentados; depois, se não houver nada contra eles, que atuem como diáconos. (1 Timóteo 3:8-10, “Nova Versão Internacional”).

As mulheres [dos diáconos] igualmente sejam dignas, não caluniadoras, mas sóbrias e confiáveis em tudo. (1 Timóteo 3:11, “Nova Versão Internacional”).

O diácono deve ser marido de uma só mulher e governar bem seus filhos e sua própria casa. Os que servirem bem alcançarão uma excelente posição e grande determinação na fé em Cristo Jesus. (1 Timóteo 3:12-13, “Nova Versão Internacional”).

2.9.1. QUEM É O PASTOR?

Muitas denominações têm hoje um pastor ou uma equipe de pastores com várias funções que servem como oficiais da igreja e como evangelistas/ministros de alguma forma. Será que no Novo Testamento os ministros são equivalentes aos pastores?

Nós constatamos acima em Atos 14:23, Atos 20:28, 1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:5-9, entre várias outras passagens, que o Novo Testamento estabelece um ofício para um chamado “presbítero” (ou “ancião”) ou “bispo”. Atos 20:28 demonstra que os “bispos” foram ordenados a cuidar do rebanho de Deus, ou seja, uma igreja local. Na carta a Tito, o “presbítero” tem as mesmas qualificações do “bispo”. Portanto, “bispo” e “presbítero” (ou “ancião”) representam o mesmo ofício. Em grego, os termos envolvidos são *episcopos* para “bispo” e *presbuteros* para “presbítero”. O primeiro termo, *episcopos*, é usado em 1 Timóteo 3:1, e o último termo, *presbuteros*, mais frequentemente usado para se referir a essa posição, é usado em Tito 1:5 e 1 Pedro 5:1, entre outros.

O termo “pastor” é derivado do grego *poimon* que é literalmente usado para designar um pastor de ovelhas. Compreendemos por Atos 20:28 que os presbíteros devem ser pastores do rebanho (o rebanho é uma igreja local). Portanto, também podemos constatar que o termo “pastor” se refere ao bispo ou ao presbítero. Esse termo não é usado no Novo Testamento para se referir a quem é evangelista ou ministro.

Portanto, as Escrituras ensinam que há pessoas encarregadas de pastorear o rebanho de Deus, tendo cumprido certas qualificações. Esses indivíduos são chamados presbíteros/bispos/pastores. Todos são termos para o mesmo ofício, cada um apenas enfatizando determinado aspecto do mesmo ofício: o termo “presbítero”/“ancião” enfatiza a ideia de maior maturidade espiritual, o termo “bispo” passa a ideia de um supervisor ou “superintendente”, e o termo “pastor” passa uma ideia de cuidador.

Não encontramos no Novo Testamento esses termos sendo aplicados para o ofício de evangelista ou ministro. No entanto, um evangelista pode ser também um presbítero/bispo/pastor se ele estiver suficientemente qualificado, acumulando os dois ofícios, como foi o caso de Pedro (1 Pedro 5:1-2):

Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como

Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. (1 Pedro 5:1-2, “Nova Versão Internacional”).

Um evangelista não é automaticamente um presbítero/bispo/pastor por causa de sua posição. Ele deve alcançar as qualificações necessárias para ser presbítero/bispo/pastor. A única autoridade que um evangelista tem é a capacidade de nomear aqueles que exercerão o ofício de presbítero/pastor/bispo, como se vê em Tito 1:5:

A razão de tê-lo deixado em Creta foi para que você pusesse em ordem o que ainda faltava e constituísse presbíteros em cada cidade, como eu o instruí. (Tito 1:5, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, usar os termos “presbítero”, “bispo” ou “pastor” para se referir a qualquer evangelista ou ministro não está em harmonia com o conceito de ofícios de Deus dentro da igreja.

2.9.2. HIERARQUIA DE BISPOS

Algumas denominações ensinam que a igreja deve ser supervisionada pelos bispos, com um bispo presidindo um conjunto de igrejas locais. Esses bispos tendem a serem supervisionados por um arcebispo, o qual supervisiona uma grande área geográfica. Em alguns casos, existem autoridades ainda maiores. Será que vemos essa hierarquia no Novo Testamento?

Não há nenhum exemplo no Novo Testamento de quaisquer cargos de autoridade existentes em mais de uma igreja local. Além disso, nas Escrituras, cada igreja tinha uma pluralidade de presbíteros/bispos/pastores, e não apenas um exercendo autoridade sobre outros, como se observa em Filipenses 1:1: “Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos: a vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.” Nunca é visto no Novo Testamento apenas um presbítero em uma igreja local – é necessário que haja dois ou mais.

Além dos presbíteros/bispos/pastores em uma mesma congregação local, a única autoridade acima deles presentemente viva é o cabeça do corpo, Cristo Jesus:

pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. (Efésios 5:23, “Nova Versão Internacional”).

Nós também devemos prestar atenção à autoridade dos apóstolos antigos (Mateus 18:18; Efésios 4:11) por meio da instrução deles na Palavra de Deus, isto é, nas Escrituras.

Além disso, algumas denominações têm bispos que não se adequam aos padrões do Novo Testamento, pois eles são obrigados por suas denominações a ser solteiros. Paulo, no entanto, fala ao contrário ao discutir as qualificações dos bispos em 1 Timóteo 3:2,4-5:

É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; (1 Timóteo 3:2, “Nova Versão Internacional”).

Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? (1 Timóteo 3:4-5, “Nova Versão Internacional”).

A Bíblia é muito clara: os presbíteros/bispos/pastores devem ter uma esposa e uma família para que seja evidenciada a habilidade de pastorear efetivamente a igreja local. E os filhos devem ser sujeitos aos pais e devem ser cristãos.

Na verdade, o conceito hierárquico de autoridade resulta de uma apostasia progressiva do ensino do Novo Testamento, começando com um “bispo” sobre “presbíteros” sobre uma congregação, depois progredindo para um bispo sobre outros bispos em uma área metropolitana maior e, depois, desenvolvendo para os vários sistemas vistos hoje. Nós constatamos que essa não era a intenção de Deus, no Novo Testamento, para a supervisão de suas igrejas. O sistema de autoridade de uma igreja verdadeira é bem simples: presbíteros agem em apenas uma congregação local. Não temos autoridade para adicionar um “sistema que nos parece melhor” nas igrejas do Senhor.

2.9.3. PRESBÍTEROS DETERMINANDO DOCTRINA?

Há alguns que ensinam hoje que os presbíteros têm a responsabilidade de determinar doutrina por meio do exame das Escrituras. Será que as Escrituras ensinam isso?

Quando lemos nas Escrituras sobre os deveres dos presbíteros, não vemos nada sendo dito deles especificamente para determinar doutrina ou para interpretar as Escrituras de modo que suas interpretações pessoais sejam como norma para uma congregação. Somos informados, de fato, de que todos devemos examinar a nós mesmos e as nossas crenças em 2 Coríntios 13:5:

Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos. Não percebem que Cristo Jesus está em vocês? A não ser que tenham sido reprovados! (2 Coríntios 13:5, “Nova Versão Internacional”).

Paulo afirma ainda em 2 Timóteo 2:15 que devemos ser diligentes para garantir que estamos usando corretamente a Palavra de Deus:

Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade. (2 Timóteo 2:15, “Nova Versão Internacional”).

As únicas pessoas na igreja do Novo Testamento que foram investidas com a capacidade de estabelecer doutrina foram os apóstolos e, de fato, tudo o que estabeleceram já tinha sido previamente estabelecido por Deus no céu, como é esclarecido em Mateus 18:18:

Digo-lhes a verdade: tudo o que vocês [os doze apóstolos] ligarem na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido desligado no céu. (Mateus 18:18, “Nova Versão Internacional”).

Não temos indícios de que essa autoridade tenha sido transferida para outra pessoa. Podemos constatar, então, que os presbíteros não têm autoridade para estabelecer doutrina. Como pastores do rebanho, talvez eles sejam chamados a estabelecer uma prática da igreja em relação a uma questão de liberdade, e tal está dentro de seus direitos. Estabelecer qualquer coisa como doutrina, no entanto, não foi dado a eles. Eles devem seguir o Novo Testamento, a Palavra de Deus estabelecida de uma vez por todas (Judas 3).

2.9.4. PRESBÍTEROS VIÚVOS OU QUE PERDERAM OS FILHOS

Alguns argumentam que um presbítero que está viúvo ou que perdeu seus filhos de uma forma ou de outra pode ainda servir como presbítero, especialmente porque a morte de sua esposa e/ou filhos é algo além de seu controle e não interfere em seu caráter. Será que essa ideia e raciocínio são aceitáveis pelas Escrituras?

Quando examinamos as qualificações dos presbíteros em 1 Timóteo 3:1-8 e Tito 1:5-7, o grego é muito específico sobre a natureza dessas qualificações. À medida que Paulo inicia a listagem de qualificações em 1 Timóteo 3:2, ele começa dizendo bem literalmente “É necessário, pois, que o bispo seja [...]”. O verbo “ser” aqui é o *einai* grego, o qual é um infinitivo ativo presente. O tempo presente, especialmente em um infinitivo, traz consigo um aspecto “progressivo” ou “repetido”. Uma tradução expandida, mas não menos exata, seria “É necessário, pois, que o bispo esteja sendo [...]” ou “É necessário, pois, que o bispo continuamente seja [...]”. Paulo, portanto, especificamente cobra que os presbíteros devem cumprir as qualificações de forma contínua. Um presbítero, portanto, deve ser continuamente o marido de uma só esposa e deve ter continuamente filhos fiéis.

Embora seja lamentável quando bons presbíteros, sem culpa nenhuma, perdem as qualificações, devemos lembrar-nos de uma das qualificações preeminentes: um presbítero deve ser irrepreensível. A presença e a boa posição da esposa e dos filhos de um presbítero demonstram que ele está irrepreensível. Porém, sem a presença deles, há muitos aspectos do trabalho do presbítero que seriam quase impossíveis de fazer, e questões poderiam ser levantadas sobre sua competência no pastoreio. É, talvez, por essa razão que Paulo exige que os presbíteros continuamente cumpram as qualificações. As Escrituras demonstram que qualquer presbítero que se tornou viúvo ou cujos filhos tenham se afastaram do caminho de Deus já não está mais qualificado para essa posição.

2.9.5. O DIÁCONO

O diácono é um servo. Essa é a definição exata de sua palavra grega, *diakonos*. Em nenhum lugar do Novo Testamento encontramos que a posição do diácono é investida de qualquer autoridade, nem é chamada de uma posição para “presbíteros em treinamento”. Devemos lembrar disso quando considerarmos a posição do diácono.

2.9.6. DIÁCONOS SEM PRESBÍTEROS?

Há alguns que acreditam que as igrejas podem ter diáconos mesmo que não haja homens qualificados para o presbitério. As Escrituras nunca falam de qualquer situação como essa. No entanto, considerando que aqueles que servem no ofício de um diácono são mencionados apenas no contexto dos presbíteros, não temos razão para concluir que Deus autorizou qualquer igreja a ter diáconos sem presbíteros. Enquanto os homens da congregação estiverem dispostos a realizar as tarefas que são necessárias para que a igreja local continue, não há necessidade de um cargo oficial.

2.9.7. DIACONISAS

Alguns afirmam que as mulheres podem ser diaconisas citando o exemplo de Febe em Romanos 16:1: “Recomendo-lhes nossa irmã Febe, serva da igreja em Cencreia.” Em algumas traduções ela é chamada de “diaconisa”. Será que isso significa que ela ocupou o ofício de diácono?

Em primeiro lugar, deve-se declarar que o termo grego *diakonos*, ou sua contraparte feminina, *diakona*, significam, literalmente, “servo” ou “serva”. Assim como o termo “presbítero” (*presbuteros* no grego) significa alguém no ofício de presbítero/ancião (Atos 14:23) ou, simplesmente, alguém que é um homem velho (1 Timóteo 5:1), o termo “diácono” pode se referir a alguém no ofício de diácono (1 Timóteo 3:8-10,12) ou simplesmente a um servo. O termo *diakona* em Romanos 16:1 não descreve o ofício de diácono, mas simplesmente a ideia de que Febe é uma serva. Essa também é a mesma ideia em Atos 6:1-6, quando Estêvão e os outros são nomeados como servos para ajudar as viúvas necessitadas – eles não eram diáconos. Podemos determinar isso como sendo verdade porque nem Febe, nem Estêvão e os demais, cumpriam as qualificações em 1 Timóteo 3:8-13:

Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos. Devem apegar-se ao mistério da fé com a consciência limpa. Devem ser primeiramente experimentados; depois, se não houver nada contra eles, que atuem como diáconos. As mulheres [dos diáconos] igualmente sejam dignas, não caluniadoras, mas sóbrias e confiáveis em tudo. O diácono deve ser marido de uma só mulher e governar bem seus filhos e sua própria casa. Os que servirem bem alcançarão uma excelente posição e grande determinação na fé em Cristo Jesus. (1 Timóteo 3:8-13, “Nova Versão Internacional”).

O diácono deve ser marido de uma só esposa, e o termo grego é específico para “esposa”, *gunaikes*. Portanto, Febe não podia ter sido alguém que deteve a posição de diácono pois, certamente, não podia ser marido de uma só esposa. Além disso, não sabemos nada das famílias de Estêvão e dos demais. Mesmo que eles tenham cumprido essas qualificações, esses homens receberam uma determinada tarefa em certo tempo para um determinado propósito. Nada no Novo Testamento os associa ao ofício de diácono descrito mais tarde.

Podemos constatar, portanto, que, enquanto o termo *diakonos*, ou um termo semelhante, é usado frequentemente para descrever servos da igreja, nem todo uso do termo *diakonos* se refere a alguém que ocupa o cargo de diácono.

2.9.8. PASTORAS

Algumas denominações têm presbíteros/bispos/pastores, ou outras pessoas similares investidas de autoridade, que são mulheres. Será que essa prática se origina no Novo Testamento? Paulo escreveu para Timóteo o seguinte em 1 Timóteo 2:12:

Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio. (1 Timóteo 2:12, “Nova Versão Internacional”).

Isso, juntamente com a exigência de que presbíteros/bispos/pastores sejam o “marido de uma só mulher” em 1 Timóteo 3:2, demonstra que os presbíteros/bispos/pastores apenas podem ser homens. E não há outros cargos de autoridade permitidos nas igrejas do Senhor.

2.9.9. EVANGELISTAS FEMININAS

Há muitas denominações hoje (e a lista das denominações cresce cada vez mais) que agora ensinam que as mulheres podem desempenhar os mesmos deveres evangelísticos que os homens. Será que esses ensinamentos estão em harmonia com as Escrituras?

Verificamos que as mulheres estavam presentes no trabalho de evangelismo, como se observa com o exemplo de Priscila em Atos 18:26:

Logo começou a falar corajosamente na sinagoga. Quando Priscila e Áquila o ouviram, convidaram-no para ir à sua casa e lhe explicaram com mais exatidão o caminho de Deus. (*Atos 18:26, “Nova Versão Internacional”*).

Não temos motivos para duvidar que Priscila assumiu alguma forma de ajuda no ensino de Apolo, mas também é notável ver que seu marido Áquila também estava presente.

Devemos sempre esforçar-nos diligentemente para manter a harmonia das Escrituras, e não há exceção quando falamos sobre evangelistas femininas. Nós constatamos em 1 Timóteo 2:12, acima citado, que uma mulher não deve nem ensinar um homem, nem ter autoridade sobre um homem. Isso deve ser considerado em nossa discussão: uma mulher pode ensinar e pregar para outras mulheres e crianças, certamente, e até ajudar no ensino de um homem quando acompanhada de seu cônjuge, de acordo com o exemplo de Priscila e Áquila, mas não encontramos nenhuma evidência nas Escrituras de que qualquer mulher tenha tomado para si mesma a autoridade de pregar para um homem. Enquanto as mulheres podem ajudar a ensinar o evangelho, elas contrariariam a exortação de Paulo para não ensinar e usurpariam autoridade sobre homens se tivessem que cumprir as responsabilidades normais de evangelistas – exortar e pregar.

- **Argumento:** Júnia era uma mulher e foi contada entre os apóstolos;
- **Resposta:** lemos sobre Júnia/Júnias em Romanos 16:7: “Saúdem Andrônico e Júnias, meus parentes que estiveram na prisão comigo. São notáveis entre os apóstolos, e estavam em Cristo antes de mim.”

Nós observamos que Júnia/Júnias era “notável” entre os apóstolos. É possível que Andrônico e Júnias fossem considerados apóstolos no sentido de “missionários”, e não como os doze apóstolos mais Paulo. Ainda que eles fossem considerados “apóstolos”, esse termo é como “presbítero” e “diácono” na medida em que pode se referir a um ofício específico, isto é, pode ser simplesmente um termo que se refere a uma pessoa que foi “enviada a uma missão” (o significado primário do termo “apóstolo”). Esse foi o caso de Barnabé e Tiago, o irmão do Senhor, que foram chamados de apóstolos nas Escrituras (Atos 14:14; Gálatas 1:19) – não eram apóstolos como os doze apóstolos mais Paulo, mas apenas pessoas “enviadas a uma missão”.

No entanto, é possível, e mais provável, que Andrônico e Júnias simplesmente fossem respeitados pelos apóstolos. Romanos 16:7 não demonstra que Júnias tinha ofício de apóstola ou que ensinou homens: ela é mencionada junto com Andrônico, o qual provavelmente é seu marido. Eles provavelmente trabalharam juntos da mesma maneira que Áquila e Priscila fizeram. Portanto, não há provas conclusivas de que Júnias tinha ofício de apóstola ou que fosse uma serva de Cristo diferente de Priscila.

2.9.10. EVANGELISTAS HOMOSSEXUAIS

Há muitas denominações hoje que não apenas aceitam homossexuais praticantes em seus grupos, mas também permitem que eles desempenhem as funções de evangelista. Algumas estão até mesmo permitindo homossexuais como bispos. O que as Escrituras dizem sobre homossexuais e evangelismo?

As Escrituras são silenciosas sobre os homossexuais evangelizando, e isso não é de se surpreender. As Escrituras ensinam claramente que a homossexualidade é um pecado em Romanos 1:27 e 1 Coríntios 6:9-10:

Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. (*Romanos 1:27, “Nova Versão Internacional”*).

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus. (*1 Coríntios 6:9-10, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, podemos observar que o estilo de vida homossexual é condenado como pecaminoso nas Escrituras. Não podemos esperar que alguém que flagrantemente viole a Palavra de Deus seja investido com autoridade para ensinar ou pastorear o rebanho de Deus!

- **Objeção:** Romanos 1:27 e 1 Coríntios 6:9-10 denunciam o estilo de vida homossexual promíscuo. Aqueles homossexuais que vivem em um relacionamento monogâmico não são condenados nessas passagens;
- **Resposta:** esse tipo de distinção nem sequer é abordado no texto. Não há palavras faladas por Paulo que condenem um estilo de vida homossexual “promíscuo” ao contrário de um estilo de vida homossexual “monogâmico”: Paulo condena o ato de homossexualidade em si. Portanto, tentar fazer uma distinção como essa não tem mérito algum nas páginas do Novo Testamento;
- **Objeção:** mas esses homossexuais nessas relações monógamas sérias têm amor, e o amor não pode estar errado;
- **Resposta:** esse tipo de resposta vem de uma mentalidade estranha às Escrituras, mas comum na América, onde quase tudo é possível “em nome do amor”. As Escrituras, contudo, distinguem entre diferentes formas de amor e não ensinam que toda forma de amor é justificada.

Além disso, a ideia de “amor” que justifica o que Deus chamou de pecado não é universalmente aplicada. Talvez haja um homem que sinta que ele simplesmente tem “muito amor” para dar e, por isso, não basta a ele uma só mulher. Ele então pensa que ele precisa “amar” duas ou mais, apesar do fato de ele ser casado apenas com uma. Então ele passa a ter outros relacionamentos, os quais, aos olhos de Deus, são adúlteros. Será que suas ações de infidelidade são justificáveis porque ele tem “tanto amor” para dar? De modo algum! Apenas porque há um sentimento de “amor” entre dois indivíduos não significa que suas ações sejam justificadas pelo Novo Testamento! Portanto, homossexualidade ainda é um pecado e, portanto, ninguém que pratica a homossexualidade pode ser um evangelista para Cristo.

2.9.11. SACERDOTES

Algumas denominações têm indivíduos que são considerados sacerdotes, os quais cumprem vários deveres. Será que essa designação é para ser aplicada à igreja?

No Novo Testamento não encontramos cristãos especificamente atribuídos para serem sacerdotes como essas denominações entendem. Na verdade, Pedro diz que todos os cristãos são sacerdotes em 1 Pedro 2:5,9:

vocês também estão sendo utilizados como pedras vivas na edificação de uma casa espiritual para serem sacerdócio santo, oferecendo sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo. (*1 Pedro 2:5, “Nova Versão Internacional”*).

Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. (*1 Pedro 2:9, “Nova Versão Internacional”*).

O único outro sacerdote que é referido no Novo Testamento é o sumo sacerdote Jesus Cristo (Hebreus 7). Todos os cristãos, portanto, representam um sacerdócio sob o sumo sacerdote Jesus Cristo. Não há a distinção “clérigo”/“leigo” na igreja do Senhor.

2.9.12. ORDENAÇÃO

Muitas denominações passam pelo processo de “ordenar” seus evangelistas e ministros. Será que essa prática é bíblica?

Não encontramos ninguém sendo “ordenado” no Novo Testamento. Muitas vezes, encontramos nas Escrituras indivíduos recebendo uma imposição de mãos, mas isso parece ser mais uma bênção do que uma ordenação. No Novo Testamento, os cristãos evangelizaram sem necessidade de nenhuma ordenação ou licença especial. Eles apenas devem ensinar a verdade simples das Escrituras com nobreza de espírito (Atos 17:11).

A ideia de ordenação, portanto, não está explicitamente estabelecida no Novo Testamento. A ideia de que os evangelistas sejam “credenciados” como tais por alguma forma de autoridade governamental, seja um conselho denominacional ou centro de educação, é estranha às Escrituras.

2.9.13. SÍNODOS, CONSELHOS, CONVENÇÕES E OUTRAS REUNIÕES

Muitas denominações hoje têm reuniões em que representantes de muitas áreas geográficas e/ou congregações se reúnem em algum local para discutir questões dentro de sua denominação e, muitas vezes, são tomadas decisões nessas reuniões sobre como a denominação se posicionará doutrinariamente. Essas reuniões têm muitos nomes em diferentes denominações, incluindo sínodos, conselhos e convenções. Será que esses tipos de reuniões são vistos como uma função da igreja do Novo Testamento?

Quando lemos o Novo Testamento, constatamos que não existe uma “cooperação de igrejas”, uma vez que toda congregação local no Novo Testamento é autônoma (ou seja, toma decisões por si mesma). Isso porque as autoridades da igreja local (dois ou mais presbíteros) foram instituídas ao nível de igreja local (conforme Filipenses 1:1; Tito 1:5). Não encontramos nenhuma forma de órgão de governo além da igreja local.

Muitos se voltarão para o conselho de Atos 15, no entanto, para tentar justificar seus sínodos, conselhos, reuniões, etc., dizendo que, nesse caso, a “igreja universal” se reuniu para discutir a doutrina. Examinemos os Atos 15:1-6 para verificar se é assim:

Alguns homens desceram da Judeia para Antioquia e passaram a ensinar aos irmãos: “Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos.” Isso levou Paulo e Barnabé a uma grande contenda e discussão com eles. Assim, Paulo e Barnabé foram designados, junto com outros, para irem a Jerusalém tratar dessa questão com os apóstolos e com os presbíteros. A igreja os enviou e, ao passarem pela Fenícia e por Samaria, contaram como os gentios tinham se convertido; essas notícias alegravam muito a todos os irmãos. Chegando a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros, a quem relataram tudo o que Deus tinha feito por meio deles. Então se levantaram alguns do partido religioso dos fariseus que haviam crido e disseram: “É necessário circuncidá-los e exigir deles que obedeçam à Lei de Moisés.” Os apóstolos e os presbíteros se reuniram para considerar essa questão. (*Atos 15:1-6, “Nova Versão Internacional”*).

Enquanto Paulo e Barnabé foram certamente comissionados pela igreja em Antioquia para discutir esse assunto com os outros apóstolos e os presbíteros em Jerusalém, constatamos que Paulo e Barnabé certamente não eram a “delegação” de Antioquia, mas representaram a si mesmos. O conselho foi compreendido, como se verifica no versículo seis, dos apóstolos e dos presbíteros em Jerusalém. Não encontramos nenhuma evidência de que qualquer outra pessoa tenha participado dessa reunião. Era natural que a reunião fosse realizada em Jerusalém porque ali foi a origem da disputa: homens da Judeia vieram a Antioquia e trouxeram esse ensinamento. Portanto, o assunto devia ser resolvido na Judeia (Atos 15:1).

Constatamos os resultados dessa reunião em Atos 15:23-28:

Com eles enviaram a seguinte carta: “Os irmãos apóstolos e presbíteros, aos cristãos gentios que estão em Antioquia, na Síria e na Cilícia: saudações. Soubemos que alguns saíram de nosso meio, sem nossa autorização, e os perturbaram, transtornando a mente de vocês com o que disseram. Assim, concordamos todos em escolher alguns homens e enviá-los a vocês com nossos amados irmãos Paulo e Barnabé, homens que têm arriscado a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, estamos enviando Judas e Silas para confirmarem verbalmente o que estamos escrevendo. Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a

vocês nada além das seguintes exigências necessárias: que se abstenham de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados e da imoralidade sexual. Vocês farão bem em evitar essas coisas. Que tudo lhes vá bem.” (*Atos 15:23-28, “Nova Versão Internacional”*).

Nós constatamos aqui que a decisão foi feita com a orientação do Espírito Santo, e feita especificamente pelo Espírito Santo, os apóstolos e os presbíteros de Jerusalém.

Agora, voltemos à questão: a reunião conciliar de Atos 15 justifica hoje os modernos sínodos, conselhos e convenções das denominações? De jeito nenhum! O encontro em Atos 15 consistiu na igreja de Jerusalém e nos apóstolos: não em delegações de todas as igrejas que existiam naquele momento. As decisões tomadas foram feitas com base na determinação do Espírito Santo e na aprovação dos apóstolos e dos presbíteros da igreja em Jerusalém, não por maioria de votos de todos os membros presentes. Portanto, é evidente que o encontro em Jerusalém visto em Atos 15 não pode justificar os sínodos, conselhos, convenções, etc., de denominações modernas.

Pode-se argumentar por algumas dessas denominações que seus conselhos e sínodos são guiados pelo Espírito Santo e são convocados pelos sucessores dos apóstolos. A dificuldade com esse argumento é que o encontro em Atos 15 não foi um encontro de todos os “bispos” da região, mas apenas da igreja de Jerusalém junto com os apóstolos. Essa crença da inspiração pelo Espírito Santo nas reuniões de denominações e a crença de que seus bispos são sucessores dos apóstolos não se harmonizam com Atos 15. Portanto, podemos constatar que tais sínodos, conselhos, convenções, e assim por diante, não são práticas realizadas pela igreja do Novo Testamento.

2.10. DONS ESPIRITUAIS MILAGROSOS

As Escrituras ensinam que os dons espirituais milagrosos, tais como o falar em línguas, o dom de profetizar e a revelação direta da Palavra de Deus para alguém (“conhecimento”/inspiração), estavam marcados para cessar no primeiro século, assim que o Novo Testamento estivesse completo:

O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. (*1 Coríntios 13:8-10, “Nova Versão Internacional”*).

O profeta Zacarias já havia alertado que Deus iria remover os profetas na era messiânica:

“Naquele dia, eliminarei da terra de Israel os nomes dos ídolos, e nunca mais serão lembrados”, diz o SENHOR dos Exércitos. “Removerei da terra tanto os profetas como o espírito imundo.” (*Zacarias 13:2, “Nova Versão Internacional”*).

O batismo do Espírito Santo não ocorre mais. A Bíblia registra que esse batismo foi concedido apenas duas vezes. A primeira vez foi para os judeus (especificamente para os doze apóstolos) em Atos 2:1-4:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (*Atos 2:1-4, “Nova Versão Internacional”*).

A segunda vez foi registrada em Atos 10:44-46 para gentios (especificamente para as pessoas da casa de Cornélio) para mostrar a aceitação de Deus de gentios em sua Igreja:

Enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem. Os judeus convertidos que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado até sobre os gentios, pois os ouviam falando em línguas e exaltando a Deus. (*Atos 10:44-46, “Nova Versão Internacional”*).

Depois disso, nunca mais o batismo do Espírito Santo foi mencionado nas Escrituras, uma vez que seu propósito foi cumprido.

O único batismo necessário é o batismo nas águas para salvação (Efésios 4:5):

há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, (*Efésios 4:5, “Nova Versão Internacional”*).

A transmissão de dons espirituais milagrosos podia ser realizada apenas por meio da imposição de mãos de algum dos doze apóstolos ou de Paulo. Em Atos 8:12-17, um dos sete escolhidos pelos apóstolos em Atos 6, Filipe (não o apóstolo Filipe), estava realizando sinais milagrosos para os samaritanos. Ele, no entanto, não podia transmitir esses dons para os samaritanos. Foi necessário que os apóstolos Pedro e João fossem enviados aos samaritanos para que eles recebessem dons espirituais miraculosos por meio da imposição de suas mãos:

No entanto, quando Filipe lhes pregou as boas-novas do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, creram nele e foram batizados, tanto homens como mulheres. O próprio Simão também creu e foi batizado, e seguia Filipe por toda parte, observando maravilhado os grandes sinais e milagres que eram realizados. Os apóstolos em Jerusalém, ouvindo que Samaria havia aceitado a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Estes, ao chegarem, oraram para que eles recebessem o Espírito Santo, pois o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles; tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo. (*Atos 8:12-17, “Nova Versão Internacional”*).

Em Atos 19:5-7, os homens que tiveram apenas o conhecimento do batismo de João tiveram que receber a imposição das mãos do apóstolo Paulo para poderem ser capazes de realizar dons espirituais milagrosos:

Ouvindo isso, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus. Quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar. Eram ao todo uns doze homens. (*Atos 19:5-7, “Nova Versão Internacional”*).

A promessa de Jesus sobre sinais milagrosos era direcionada apenas para as pessoas que cressem no ministério dos doze apóstolos mais Paulo, enquanto eles estivessem ministrando na Terra:

Estes sinais acompanharão os que crerem [nos apóstolos enquanto estivessem na Terra, conforme Marcos 16:20]: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados”. (*Marcos 16:17-18, “Nova Versão Internacional”*).

Então, os discípulos saíram e pregaram por toda parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando-lhes a palavra com os sinais que a acompanhavam. (*Marcos 16:20, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, uma vez que o batismo do Espírito Santo não é mais concedido, os doze apóstolos e Paulo já faleceram, a revelação do Novo Testamento está completa, e as Escrituras são suficientes (2 Timóteo 3:16-17; 2 Pedro 1:3; Judas 3), todos os dons espirituais milagrosos (curas, sinais, prodígios, línguas, profecias, revelação/conhecimento/inspiração) tiveram seus propósitos cumpridos e cessaram desde o final do primeiro século.

2.10.1. SINAIS MILAGROSOS ERAM LIGADOS ÀS ÉPOCAS DA REVELAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Ao ser lida a Bíblia do começo ao fim, observa-se que sinais milagrosos estavam ligados à revelação da Palavra de Deus:

- Sinais milagrosos vieram primeiramente na época de Moisés/Josué com o êxodo do Egito, a revelação da lei judaica e a conquista da Terra;
- Após isso, os sinais retornaram na época em que Deus estava revelando sua Palavra por meio dos profetas, notavelmente Elias e Elizeu;
- A revelação do Antigo Testamento terminou após as revelações concedidas a Malaquias e, depois desse profeta, Deus deixou de revelar sua Palavra e permaneceu em silêncio por cerca de 400 anos;
- A revelação da Palavra de Deus e os sinais milagrosos retornaram apenas quando vieram João Batista, Jesus Cristo e os doze apóstolos mais Paulo;

- Com o falecimento de todos os doze apóstolos mais Paulo, foi encerrada a inspiração divina sobre os seres humanos, cessando a revelação da Palavra de Deus e também os dons espirituais milagrosos.

Sendo assim, observa-se pelas Escrituras que, ao longo da história, Deus revelou sua Palavra progressivamente, até fazer cessar a revelação quando a Nova Aliança em Cristo tinha sido totalmente revelada no final do primeiro século. Desde então, as Escrituras são suficientes para a Palavra de Deus ser conhecida.

Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 3:14-17, "Nova Versão Internacional").

Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. (2 Pedro 1:3, "Nova Versão Internacional").

Amados, embora estivesse muito ansioso para escrever a vocês acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos. (Judas 3, "Nova Versão Internacional").

É notável que Pedro, em sua segunda epístola, fala claramente para seus leitores se apegarem às coisas já reveladas, e não para buscarem novas revelações da parte de Deus (2 Pedro 1:3-21; 3:1-2). A epístola de Judas confirma esse entendimento, uma vez que afirma que a fé foi entregue de uma vez por todas aos santos (Judas 3).

Assim como foi com o término do Antigo Testamento, quando Deus permaneceu em silêncio por cerca de 400 anos, Deus está em silêncio após o término do Novo Testamento. As Escrituras são suficientes para conhecer sua vontade e para colocá-la em prática. O desvio daquilo que foi revelado nas Escrituras é perigoso e foi uma das principais causas da existência de tantas denominações que professam ser cristãs.

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que pregamos a vocês, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: Se alguém anuncia a vocês um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado! (Gálatas 1:6-9, "Nova Versão Internacional").

Todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus; quem permanece no ensino tem o Pai e também o Filho. Se alguém chegar a vocês e não trouxer esse ensino, não o recebam em casa nem o saúdem. Pois quem o saúda torna-se participante das suas obras malignas. (2 João 9-11, "Nova Versão Internacional").

Irmãos, apliquei essas coisas a mim e a Apolo por amor a vocês, para que aprendam de nós o que significa: "Não ultrapassem o que está escrito". Assim, ninguém se orgulhe a favor de um homem em detrimento de outro. (1 Coríntios 4:6, "Nova Versão Internacional").

e aprendam a discernir o que é agradável ao Senhor. Não participem das obras infrutíferas das trevas; antes, exponham-nas à luz. (Efésios 5:10-11, "Nova Versão Internacional").

2.10.2. SINAIS MILAGROSOS TINHAM O PROPÓSITO DE CONFIRMAR A PALAVRA DE DEUS

As Escrituras demonstram que o objetivo dos dons milagrosos era a confirmação da Palavra de Deus enquanto estava sendo revelada.

Então, os discípulos saíram e pregaram por toda parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando-lhes a palavra com os sinais que a acompanhavam. (Marcos 16:20, "Nova Versão Internacional").

Agora, Senhor, considera as ameaças deles e capacita os teus servos para anunciarem a tua palavra corajosamente. Estende a tua mão para curar e realizar sinais e maravilhas por meio do nome do teu santo servo Jesus. (Atos 4:29-30, "Nova Versão Internacional").

Como mencionamos anteriormente, 1 Coríntios 13:8-13 atesta que dons espirituais milagrosos tais como o falar em línguas, o dom de profetizar e a revelação direta da Palavra de Deus para alguém (“conhecimento”/inspiração) já estavam marcados para cessar no primeiro século, assim que o Novo Testamento estivesse completo:

O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino. Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma com que sou plenamente conhecido. Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor. (1 Coríntios 13:8-13, “Nova Versão Internacional”).

Paulo fala sobre duas épocas nesse texto. A primeira época é o tempo em que a profecia era em parte, quando Deus estava revelando sua Palavra parte por parte: “Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos” (1 Coríntios 13:9). A segunda época é o tempo em que as profecias cessariam, mas a fé e a esperança continuariam: “quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá”; “Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor” (1 Coríntios 13:10,13).

Quando ocorrer a concretização de todas as promessas de Deus, a fé e a esperança também cessarão: “Pois nessa esperança fomos salvos. Mas esperança que se vê não é esperança. Quem espera por aquilo que está vendo? Mas, se esperamos o que ainda não vemos, aguardamo-lo pacientemente” (Romanos 8:24-25); “Porque vivemos por fé, e não pelo que vemos” (2 Coríntios 5:7). Portanto, somente o amor irá permanecer na comunhão eterna entre Deus e seu povo, pois a fé e a esperança terão sido concretizadas.

O tempo marcado para as profecias, as línguas e a inspiração cessarem foi a época em que chegou o perfeito, completo Novo Testamento. Deus nunca pretendeu que a revelação continuasse através dos séculos, mas era necessária até que a mensagem do evangelho fosse dada por completo pelos apóstolos.

No entanto, existem intérpretes que argumentam que o “perfeito” de 1 Coríntios 13:10 se refere a Cristo e sua segunda vinda, tentando justificar a crença de que os dons espirituais milagrosos devem continuar até o retorno de Jesus. Esse entendimento, contudo, não se encaixa no texto bíblico pelas seguintes razões:

- A palavra grega exata para “perfeito” em 1 Coríntios 13:10 é *teleion*, a forma neutra do substantivo *teleios*, o qual significa “perfeito”, “completo”. O texto poderia ser lido, portanto, da seguinte maneira: “quando, porém, vier o que é completo, o parcial será aniquilado”. A palavra *teleion* é do gênero neutro. Portanto, como pode se referir ao Cristo masculino? Faz mais sentido entender que “perfeito” ou “completo” se refere ao Novo Testamento, o mistério de Cristo revelado (Colossenses 1:26-27);
- Ao serem examinados registros históricos, observa-se que o “conhecimento” mencionado em 1 Coríntios 13:8, isto é, o conhecimento revelado diretamente da parte de Deus (também chamado de inspiração), cessou desde que o último escrito bíblico foi concluído no final do primeiro século. Desde então, não existiram mais novas revelações da parte de Deus, apenas alegadas revelações que vieram de homens e que não concordavam com a doutrina dos apóstolos. Desde o final do primeiro século, os cristãos têm usado o conhecimento doutrinário dos escritos bíblicos para guiar suas vidas, não se baseando em supostas revelações posteriores (aqueles que apresentaram outras revelações eram seitas heréticas). Como o conhecimento revelado diretamente da parte de Deus e os dons espirituais milagrosos são colocados na mesma categoria, isto é, as coisas que cessariam quando viesse o “perfeito”, uma vez que a revelação cessou com a completeza do Novo Testamento, os dons espirituais milagrosos também cessaram;
- Se os dons espirituais milagrosos permanecessem na atualidade, como harmonizá-los com a cessação do conhecimento revelado diretamente da parte de Deus no fim do primeiro século? É estranho defender que esse conhecimento cessou, mas que o falar em línguas permanece, ou que atualmente haja um dom de profecia pessoal, mas não o dom de revelação de doutrina proveniente do conhecimento inspirado. Ou os dons espirituais milagrosos são concedidos aos cristãos ainda hoje (e isso sem o conhecimento

revelado diretamente da parte de Deus), ou não há dons espirituais no presente momento (assim como não há mais inspiração). Não há base bíblica sólida para crer em um meio termo;

- Desde o primeiro século, foi apenas no século vinte que foi alegado um suposto “avivamento global com dons espirituais”. Os poucos exemplos de “dons espirituais” depois do primeiro século encontrados na história foram de seitas heréticas (como os montanistas) ou eram as vidas de alguns monges e freiras reinterpretados de forma a parecerem evidenciar a crença atual sobre dons espirituais milagrosos. Esse período de silêncio dos dons espirituais milagrosos na história não pode ser explicado pelo entendimento de que o “derramamento do Espírito Santo” de Joel 2:28-29 ocorreu no século vinte, uma vez que Pedro afirmou categoricamente que o derramamento do Espírito foi cumprido no momento de seu discurso em Atos 2, isto é, no primeiro século;
- Se considerássemos que o “perfeito” significa Cristo em sua segunda vinda, os cristãos teriam disponível um conhecimento da Palavra de Deus que ainda seria apenas parcial, uma vez que o “perfeito” ainda não teria chegado. Porém, o Novo Testamento afirma que os cristãos já têm tudo o que precisam nas Escrituras (2 Timóteo 3:16-17; 2 Pedro 1:3; Judas 3; 1 João 2:20-21; 1 João 5:20). Os cristãos não estão mais com conhecimento “parcial” desde quando o Novo Testamento foi completado;
- Se considerássemos que o “perfeito” significa Cristo em sua segunda vinda, a vida espiritual atual dos cristãos seria comparada com a vida de uma criança, onde a fala, entendimento, atitudes e pensamentos ainda são limitados e imaturos (1 Coríntios 13:11). A vida cristã atual seria comparada também a uma visão distorcida e parcial, como se os cristãos estivessem se vendo em um espelho embaçado (1 Coríntios 13:12). Nada disso pode ser aplicado aos cristãos desde que o Novo Testamento foi completamente revelado, uma vez que o padrão para a vida espiritual é alcançar, ainda nesta vida, a maturidade espiritual (Mateus 5:48; Romanos 8:29; Hebreus 5:11-14; 1 Pedro 2:2-3; 2 Pedro 1:4);
- Em nenhum lugar do Novo Testamento o termo *teleion*, o “perfeito”, se refere à segunda vinda de Cristo. É bem verdade que o estado das coisas encontrará o seu sentido perfeito na volta de Jesus. Porém, é difícil imaginar que os leitores originais iriam pensar que Paulo estava se referindo à vinda de Cristo ao falar “quando, porém, vier o que é perfeito”, uma vez que o contexto dos capítulos 12 e 14 de 1 Coríntios, os quais tratam de dons espirituais milagrosos, não está se referindo ao retorno de Jesus;
- Jesus prometeu que o Espírito Santo guiaria os apóstolos a toda a verdade (João 16:13). Os apóstolos disseram que eles não deixaram de anunciar nada (Atos 20:27) e que Deus tinha dado todas as coisas que pertencem à vida e ao serviço espiritual (2 Pedro 1:3). Os primeiros cristãos já conheciam todas as coisas que Deus quis revelar (1 João 2:20; 1 João 2:27). Paulo, em Colossenses 2, argumentou vigorosamente que havia perfeição em Cristo já no primeiro século. Ele ensinou que Cristo contém todos os tesouros da sabedoria e conhecimento, toda a plenitude da divindade, a verdadeira circuncisão, etc. Se a perfeição já estava disponível em Cristo no primeiro século, como pode ainda existir mais alguma mensagem para Deus nos revelar? Se alguém ainda pode nos dar uma revelação posterior, então aqueles a quem Paulo escreveu em Colossos não foram realmente completos em Cristo;
- As Escrituras que foram reveladas no primeiro século foram suficientes para completar a alegria do cristão, mantê-lo longe do pecado, dar a ele o conhecimento da possessão da vida eterna, dar a ele a sabedoria para a salvação, ensiná-lo, repreendê-lo, corrigi-lo e instruí-lo na justiça (1 João 1:4; 1 João 2:1; 1 João 5:13; 1 Timóteo 3:15; 2 Timóteo 3:16). Por meio das Escrituras reveladas no primeiro século, o homem de Deus daquela época já podia ser adequado e preparado para toda a boa obra (2 Timóteo 3:17). O que mais poderia nos prover outra revelação hoje em dia?
- A Nova Aliança em Cristo é final. Hebreus 7:11-14 mostra que há uma inseparável ligação entre a aliança e o sacerdócio. Hebreus 7:15-28 mostra que o sacerdócio de Jesus é infundável, indestrutível, permanente e final. Portanto, a aliança tem que ser permanente, imutável e final. Hebreus 13:20 se refere especificamente à eterna aliança. O sacrifício de Jesus foi um sacrifício feito uma vez para sempre (Hebreus 9:26) e a fé foi dada uma vez por todas aos santos (Judas 3). Se existisse uma contínua revelação da fé, teria que haver uma contínua oferta de Jesus também. Porém, Jesus foi oferecido uma só vez e o evangelho foi revelado uma só vez. Não existe mais sacrifício, não há mais mensagens de

Deus. Mas essa não era a situação no passado: antes que Cristo viesse, Deus se revelou muitas vezes de muitas maneiras, mas então ele deu sua última revelação por meio do seu Filho (Hebreus 1:1-2). Pela própria natureza de Jesus, está claro que não poderia haver acréscimos nem modificações à perfeita mensagem que ele revelou por meio de seus apóstolos no primeiro século. Aceitar qualquer acréscimo ou pronunciamento de alguém que alega ter revelação de Deus hoje é negar a perfeição de Cristo e a mensagem que ele entregou;

- Antes do final do primeiro século, ninguém tinha o Novo Testamento completo. Portanto, ninguém podia usá-lo para confirmar as palavras do mensageiro. Os sinais milagrosos fizeram essa confirmação até que a Palavra estivesse totalmente revelada. Depois que os apóstolos morreram, o Novo Testamento estava completo e as pessoas estavam com a doutrina de Deus totalmente revelada. Portanto, depois que os apóstolos morreram, dons milagrosos não eram mais necessários e cessaram.

Portanto, 1 Coríntios 13:8-13 se refere à cessação dos dons espirituais milagrosos no término da revelação da Palavra de Deus no primeiro século, quando os escritos bíblicos estavam completos.

Uma vez que a Palavra foi totalmente revelada no final do primeiro século pelo Espírito Santo que inspirou os doze apóstolos mais Paulo, sinais milagrosos cumpriram seus propósitos e não são mais necessários. Eles cessaram.

2.10.3. BATISMO DO ESPÍRITO SANTO: APENAS DUAS VEZES E NUNCA MAIS

Como demonstrado acima, o batismo do Espírito Santo ocorreu apenas duas vezes na Bíblia: a primeira vez foi para os judeus (apóstolos) e a segunda vez para os gentios (pessoas da casa de Cornélio).

Muitos acreditam que o batismo do Espírito Santo foi dado para todas as 120 pessoas que frequentavam o cenáculo no início do Livro de Atos dos Apóstolos (Atos 1:13-15), mas a melhor evidência é que apenas os doze apóstolos o receberam.

Em Atos 2:1-4, observamos que o primeiro batismo do Espírito Santo foi concedido aos judeus:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (Atos 2:1-4, “Nova Versão Internacional”).

Muitos creem que a palavra “todos” do texto acima se refere ao grupo de cerca de 120 pessoas que se reunia no cenáculo em Atos 1:13-15:

Quando chegaram, subiram ao aposento onde estavam hospedados. Achavam-se presentes Pedro, João, Tiago e André; Filipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, Simão, o zelote, e Judas, filho de Tiago. Todos eles se reuniam sempre em oração, com as mulheres, inclusive Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele. Naqueles dias Pedro levantou-se entre os irmãos, um grupo de cerca de cento e vinte pessoas, (Atos 1:13-15, “Nova Versão Internacional”).

No entanto, note que a palavra “todos” de Atos 2:1 se refere aos onze apóstolos, uma vez que a expressão “Todos eles” de Atos 2:14 se refere a Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago filho de Alfeu, Simão o zelote, e Judas filho de Tiago.

Em Atos 2:14, logo após o primeiro batismo do Espírito Santo ocorrer, note que Pedro se levantou com os onze apóstolos – e não com o grupo dos cento e vinte – para falar para a multidão que os ouviu falar em outras línguas:

Então Pedro levantou-se com os Onze e, em alta voz, dirigiu-se à multidão: “Homens da Judeia e todos os que vivem em Jerusalém, deixem-me explicar isto! Ouçam com atenção!” (Atos 2:14, “Nova Versão Internacional”).

Além disso, observa-se que Jesus deu a promessa da descida do Espírito Santo especificamente para os “apóstolos que havia escolhido”, isto é, os onze (Judas Iscariotes estava morto). Mais tarde, isso se aplicaria também a Matias (o apóstolo que o Senhor colocou em lugar de Judas):

No meu livro anterior, Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar até o dia em que foi elevado aos céus, depois de ter dado instruções por meio do Espírito Santo aos apóstolos que havia escolhido. Depois do seu sofrimento, Jesus apresentou-se a eles com muitas provas indiscutíveis de que estava vivo, aparecendo-lhes por um período de quarenta dias, nos quais falava acerca do reino de Deus. Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa do meu Pai, da qual falei a vocês. Pois João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias.” Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: “Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel?” Ele lhes respondeu: “Não compete a vocês saber os tempos ou as épocas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra.” (*Atos 1:1-8, “Nova Versão Internacional”*).

Desde João capítulo 13, Jesus estava conversando especificamente com seus doze apóstolos, e não com todos os discípulos, uma vez que ele estava com os doze na ocasião em que lavou os pés deles, a mesma ocasião em que estabeleceu a Ceia do Senhor. Isso é importante, uma vez que a conversa com esses mesmos doze apóstolos se estendeu de João 13 até a promessa que Jesus fez a eles em João 14:16: o “outro Conselheiro”, o Espírito Santo, viria para eles e estaria com eles para sempre. Jesus continuou conversando apenas com os doze apóstolos em João 16:13, onde fez a promessa de que o Espírito Santo guiaria esses mesmos doze apóstolos em toda a verdade.

E eu pedirei ao Pai, e ele dará a vocês [os doze apóstolos] outro Conselheiro, que esteja com vocês para sempre: (*João 14:16, “Nova Versão Internacional”*).

Quando, porém, o Espírito da verdade vier, ele os guiará [os doze apóstolos] a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir e anunciará a vocês o que está por vir. (*João 16:13, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, a evidência de que o primeiro batismo do Espírito Santo foi dado apenas para os doze apóstolos (incluindo Matias), e não para todo o grupo de 120 pessoas que frequentava o cenáculo no início do Livro de Atos dos Apóstolos (*Atos 1:13-15*), torna-se ainda mais fortalecida e é, sem dúvida, melhor.

- **Objeção:** a profecia de Joel 2:28-29, reafirmada em Atos 2:16-18, declara que todos terão o Espírito Santo, não limitando a profecia aos doze apóstolos;
- **Resposta:** o texto em questão:

Ao contrário, isto é o que foi predito pelo profeta Joel [Joel 2:28-29]: “Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todas as pessoas. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões e os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão.” (*Atos 2:16-18, “Nova Versão Internacional”*).

É verdade que muitas pessoas receberam dons espirituais, mas isso ocorreu apenas após o primeiro batismo do Espírito Santo ter ocorrido para os doze apóstolos. Após isso, foram apenas os doze apóstolos (mais Paulo) que transmitiram dons espirituais por meio da imposição de suas mãos, cumprindo assim a profecia para as outras pessoas, como é observado no restante do Livro de Atos dos Apóstolos.

- **Objeção:** João Batista afirmou que Jesus Cristo é aquele que batiza com o Espírito Santo, e isso é para todos;
- **Resposta:** o texto em questão:

Eu os batizo com água para arrependimento, mas depois de mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, de quem não sou digno de levar as sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo. (*Mateus 3:11, “Nova Versão Internacional”*).

É verdade que João Batista estava falando para várias outras pessoas que não eram os doze apóstolos. Porém, sua afirmação não especifica quem, ou quantos, receberão o batismo com o Espírito Santo, assim como não especifica quem, ou quantos, receberão o batismo com fogo (o qual representa especificamente a punição final representada pelo lago de fogo do Livro de Apocalipse). João apenas afirmou que Cristo tem essa autoridade, a qual é muito mais elevada do que a autoridade do próprio João, como ele evidenciou no contexto ao afirmar que não era digno nem mesmo de desamarrar as correias das sandálias de Jesus.

O segundo e último batismo do Espírito Santo foi concedido aos gentios da casa do centurião Cornélio em Atos 10:44-45:

Enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem. Os judeus convertidos que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado até sobre os gentios, (Atos 10:44-45, “Nova Versão Internacional”).

Pelo contexto de Atos 10, a palavra “todos” se refere a todas as pessoas da casa de Cornélio que ouviram a pregação de Pedro. Apenas esses gentios receberam o batismo do Espírito Santo.

Depois disso, a última vez em que o batismo do Espírito Santo é mencionado nas Escrituras é em Atos 11:15-17, onde Pedro apenas relata o ocorrido na casa de Cornélio (Atos 10:44-45). A partir daí, o único batismo mencionado nas Escrituras é o batismo nas águas, o qual é o “um só batismo” que é necessário para a salvação, conforme Efésios 4:5: “Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo”.

A transmissão dos dons espirituais era realizada apenas pelos doze apóstolos e Paulo, pela imposição de suas mãos. Como os doze apóstolos, o apóstolo Paulo podia transmitir os dons espirituais por meio da imposição de suas mãos. Portanto, em algum momento, Paulo também recebeu essa capacidade diretamente do Senhor, embora as Escrituras não revelem exatamente como e onde. É notável que Paulo, durante o início de seu ministério, não realizava sinais milagrosos – ele apenas pregava com ousadia (Atos 9:20-30; 11:25-30; 12:25). Apenas em Atos 13 Paulo começou a operar o poder milagroso do Espírito. As ocasiões mais prováveis para Paulo ter recebido a capacidade de efetuar e transmitir os dons espirituais milagrosos são quando ele foi para a Arábia (Gálatas 1:17) ou quando ele foi levado ao “terceiro céu” (2 Coríntios 12:2-4).

De qualquer forma, o caso de Paulo ter recebido a capacidade de efetuar e transmitir dons espirituais milagrosos diretamente do Senhor não pode ser usado como evidência de que isso pode acontecer outra vez. Paulo era um dos principais apóstolos e recebeu de Deus um propósito específico, o qual já foi cumprido.

Sendo assim, desde quando o segundo batismo do Espírito Santo foi concedido às pessoas da casa de Cornélio, ninguém mais recebeu, ou vai receber, dons espirituais milagrosos diretamente do Espírito Santo. O propósito desse batismo foi cumprido e ele não é mais necessário. Há apenas o batismo nas águas para remissão de pecados e recebimento da salvação e da capacitação para nela permanecer (Atos 2:38; Efésios 4:5).

2.10.4. OS DONS ERAM TRANSMITIDOS APENAS PELA IMPOSIÇÃO DE MÃOS DOS APÓSTOLOS

Como demonstramos acima, os dons espirituais miraculosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos doze apóstolos (os onze mais Matias) e de Paulo. Isso é evidente em Atos 8:12-17, uma vez que Filipe (não o apóstolo Filipe, mas um dos sete escolhidos pelos apóstolos em Atos 6), estava realizando sinais milagrosos para os samaritanos, mas não transmitiu esses dons para eles. Foi necessário que os apóstolos Pedro e João fossem enviados aos samaritanos para que eles recebessem dons espirituais miraculosos por meio da imposição de suas mãos:

No entanto, quando Filipe lhes pregou as boas-novas do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, creram nele e foram batizados, tanto homens como mulheres. O próprio Simão também creu e foi batizado, e seguia Filipe por toda parte, observando maravilhado os grandes sinais e milagres que eram realizados. Os apóstolos em Jerusalém, ouvindo que Samaria havia aceitado a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Estes, ao chegarem, oraram para que eles recebessem o Espírito Santo, pois o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles; tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo. (Atos 8:12-17, “Nova Versão Internacional”).

Esse texto é bastante significativo. Se Filipe, que estava fazendo grandes sinais e milagres (Atos 8:5-8) a ponto de deixar Simão maravilhado, não transmitiu os dons espirituais para os novos convertidos, é porque ele não podia fazer isso. Apenas um apóstolo podia transmitir os dons espirituais milagrosos por meio da imposição de suas mãos. Foi por isso que Pedro e João foram enviados até Samaria.

Note também o seguinte: Simão desejou ter o mesmo poder dos apóstolos para transmitir dons miraculosos com a imposição de mãos. Se Filipe pudesse realizar isso, por que Simão pediu para comprar esse poder de Pedro, e não de Filipe, a quem estava acompanhando antes dos apóstolos chegarem?

Vendo Simão que o Espírito era dado com a imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro e disse: “Deem-me também este poder, para que a pessoa sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo”. Pedro respondeu: “Pereça com você o seu dinheiro! Você pensa que pode comprar o dom de Deus com dinheiro? Você não tem parte nem direito algum neste ministério, porque o seu coração não é reto diante de Deus. Arrependa-se dessa maldade e ore ao Senhor. Talvez ele perdoe tal pensamento do seu coração, pois vejo que você está cheio de amargura e preso pelo pecado”. (Atos 8:18-23, “Nova Versão Internacional”).

Além disso, observa-se em Atos 19:5-7 que os homens que tiveram apenas o conhecimento do batismo de João tiveram que ter a imposição das mãos do apóstolo Paulo para poderem realizar dons espirituais milagrosos:

Ouvindo isso, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus. Quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar. Eram ao todo uns doze homens. (Atos 19:5-7, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, nas Escrituras, dons espirituais milagrosos eram transmitidos unicamente pela imposição de mãos dos apóstolos. Ninguém mais tem capacidade de transmitir esses dons depois que os apóstolos morreram. Os dons espirituais milagrosos cessaram. Deus não envia mais batismos do Espírito Santo. Ninguém mais recebe dom espiritual milagroso diretamente de Deus.

- **Objeção:** 1 Coríntios 14:13 diz que dons espirituais milagrosos podem ser recebidos por meio de oração;
- **Resposta:** o texto em questão:

Por isso, quem fala em uma língua, ore para que a possa interpretar. (1 Coríntios 14:13, “Nova Versão Internacional”).

Esse texto parece sugerir que alguém que recebeu o dom espiritual de falar em línguas pode orar para receber o dom de interpretação de línguas. Note, no entanto, que essa pessoa já recebeu um dom espiritual milagroso: o dom de falar em línguas. Portanto, necessariamente, essa pessoa já recebeu a imposição de mãos de um apóstolo (no caso dos coríntios, a imposição de mãos foi de Paulo). Portanto, somente quem já recebeu a imposição de mãos de um dos doze apóstolos, ou de Paulo, poderia ter a possibilidade de receber algum outro dom por meio de oração.

No entanto, o texto não afirma que a oração em questão necessariamente seja para que Deus conceda outro dom milagroso para a pessoa que orou. Há a possibilidade de que a oração em questão seja para que a pessoa que orou tenha meios que a permitam saber a interpretação da língua, como, por exemplo, que Deus envie outro cristão que entenda a língua em questão a fim de interpretá-la.

Além disso, note em Atos 8:14-17 que Pedro e João transmitiram dons espirituais por meio da imposição de suas mãos sobre os samaritanos – isso não aconteceu apenas com oração:

Os apóstolos em Jerusalém, ouvindo que Samaria havia aceitado a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Estes, ao chegarem, oraram para que eles recebessem o Espírito Santo, pois o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles; tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo. (Atos 8:12-17, “Nova Versão Internacional”).

- **Objeção:** os presbíteros podem profetizar e transmitir dons, pois Timóteo recebeu dom por meio de profecia e imposição de mãos do presbítero;

- **Resposta:** os textos em questão:

Timóteo, meu filho, segundo as profecias anteriormente proferidas a seu respeito, dou a você esta instrução: firmado nelas, combata o bom combate, (1 Timóteo 1:18, “Nova Versão Internacional”).

Não negligencie o dom que foi dado a você por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros. (1 Timóteo 4:14, “Nova Versão Internacional”).

Por essa razão, torno a lembrá-lo de que mantenha viva a chama do dom de Deus que você recebeu pela imposição das minhas mãos. Pois Deus não nos deu um espírito de covardia, mas de poder, de amor e de domínio próprio. (2 Timóteo 1:6-7, “Nova Versão Internacional”).

Compare 1 Timóteo 4:14 e 2 Timóteo 1:6-7. No contexto em que Paulo falou sobre os “dons mais poderosos” de Timóteo, ele mencionou a imposição de suas próprias mãos (conforme 2 Timóteo 1:6-7). Mas quando o apóstolo falou sobre o trabalho evangelístico, o qual é um “dom não milagroso” (conforme Efésios 4:11; 1 Coríntios 12:28) de Timóteo, ele mencionou os presbíteros e a imposição das mãos deles (conforme 1 Timóteo 4:6-16, note em especial o verso 14).

Não há problema no fato de que alguns presbíteros profetizavam no primeiro século, o qual era a época em que os dons espirituais milagrosos estavam em vigor. Não é regra que apenas presbíteros profetizavam, mas certamente existiram presbíteros entre as pessoas que receberam dons espirituais milagrosos por meio da imposição de mãos dos apóstolos. Além do mais, tanto Pedro quanto João eram apóstolos (profetas) e também serviram como presbíteros.

Tendo em vista essas considerações, o “dom profetizado” que os presbíteros “conferiram” a Timóteo era o “dom não milagroso” de ser um evangelista (veja Efésios 4:7-11). Se Timóteo teve dons espirituais milagrosos, eles foram concedidos pela imposição de mãos do apóstolo Paulo.

O ponto é que, de alguma forma semelhante a Atos 13:1-3, o Espírito Santo teria sido envolvido quando Paulo escolheu levar Timóteo junto a ele quando o apóstolo e Silas passaram por Listra e Derbe em Atos 16. Assim, “mediante profecia” teria sido conferido a Timóteo o “dom não milagroso” de ser evangelista, e o presbitério teria imposto as mãos sobre ele como reconhecimento disso. A igreja em Antioquia impôs as mãos em Paulo e Baranabé em Atos 13 dessa forma, em reconhecimento da escolha deles. Eles já eram profetas e mestres, mas a igreja impôs as mãos sobre eles para reconhecer que eles seriam “representantes” do grupo e do Espírito Santo para sua missão.

A ação de impor as mãos é algo observado entre o povo de Deus há muito tempo. Notavelmente, as mãos eram impostas sobre os animais que iriam representar o povo nos sacrifícios (Levítico 1:3-4; etc.) e sobre os levitas que iriam representar o povo diante do Senhor (Números 8:9-11). Tudo indica que a prática de imposição de mãos no Novo Testamento continuava com esse intuito de “demonstrar representação”. Às vezes esse ato incluiu a transmissão de dons espirituais milagrosos, quando realizado especificamente pelos apóstolos, mas não na maioria dos casos. Note 1 Timóteo 5:22: “Não se precipite em impor as mãos em ninguém nem participe dos pecados dos outros. Conserve-se puro.” Talvez o sentido da imposição de mãos nesse texto seja o reconhecimento de alguém que serviria como presbítero. Em Atos 6, os apóstolos aceitaram os homens eleitos pela congregação, e impuseram as mãos sobre eles. Todos esses homens foram reconhecidos para aquele serviço, mas não sabemos se todos eles operavam dons espirituais milagrosos. Sabemos que apenas Estevão e Filipe operavam esse tipo de dom.

2.10.5. AS LÍNGUAS ERAM CONHECIDAS NO MUNDO E PRECISAVAM SER INTERPRETADAS

Ao contrário do que muitas pessoas pensam, as Escrituras demonstram que o dom espiritual de falar de línguas era para linguagens conhecidas no mundo, e não “línguas de mistério” ou “língua de anjos” que ninguém entendia e que não faziam sentido para os ouvintes. Isso é evidente ao serem lidas passagens como Atos 2:4-11, 1 Coríntios 14:10-19 e 1 Coríntios 14:23. Note que os ouvintes entendiam o que era dito:

Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. Havia em Jerusalém judeus, devotos a Deus, vindos de todas as nações do mundo. Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. Atônitos e maravilhados, eles perguntavam: “Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando?”

Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes. Nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua!” (*Atos 2:4-11, “Nova Versão Internacional”*).

Sem dúvida, há diversos idiomas no mundo; todavia, nenhum deles é sem sentido. Portanto, se eu não entender o significado do que alguém está falando, serei estrangeiro para quem fala e ele será estrangeiro para mim. Assim acontece com vocês. Visto que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja. Por isso, quem fala em uma língua, ore para que a possa interpretar. Pois, se oro em uma língua, meu espírito ora, mas a minha mente fica infrutífera. Então, que farei? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. Se você estiver louvando a Deus em espírito, como poderá aquele que está entre os não instruídos dizer o “Amém” à sua ação de graças, visto que não sabe o que você está dizendo? Pode ser que você esteja dando graças muito bem, mas o outro não é edificado. Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês. Todavia, na igreja prefiro falar cinco palavras compreensíveis para instruir os outros a falar dez mil palavras em uma língua. (*1 Coríntios 14:10-19, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, se toda a igreja se reunir e falar em línguas e alguns não instruídos ou descrentes entrarem, não dirão que vocês estão loucos? (*1 Coríntios 14:23, “Nova Versão Internacional”*).

As Escrituras mostram que era exigido intérprete (ou seja, um tradutor) para o falar em línguas. Portanto, o dom de línguas se tratava de linguagens existentes pelo mundo, mas que não eram conhecidas pela pessoa que falava e para algumas das pessoas que ouviam. Sem tradução, os ouvintes que não entendiam a linguagem não eram edificados. Se fosse para falar em línguas sem tradução, a pessoa deveria se manter em silêncio! O culto cristão tem que ter ordem, e não ser uma bagunça de várias pessoas falando em línguas.

Se, porém, alguém falar em língua, devem falar dois, no máximo três, e alguém deve interpretar. Se não houver intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus. Tratando-se de profetas, falem dois ou três, e os outros julguem cuidadosamente o que foi dito. Se vier uma revelação a alguém que está sentado, cale-se o primeiro. (*1 Coríntios 14:27-30, “Nova Versão Internacional”*).

O “falar mistérios em espírito” de 1 Coríntios 14:2 não significa falar coisas que ninguém além de Deus entende. Significa falar línguas que existem, mas que a própria pessoa, e algumas das pessoas ao redor, não entendem. Por isso a linguagem falada era um “mistério” para essas pessoas que não a entendem. O espírito do ser humano, quando era inspirado por Deus nas épocas bíblicas, falava línguas que existiam, mas que a própria pessoa que falava não entendia. Por isso havia a necessidade do intérprete (tradutor), de forma que todos fossem edificados:

Pois quem fala em uma língua não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o entende; em espírito fala mistérios. (*1 Coríntios 14:2, “Nova Versão Internacional”*).

Se, porém, alguém falar em língua, devem falar dois, no máximo três, e alguém deve interpretar. Se não houver intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus. (*1 Coríntios 14:27-28, “Nova Versão Internacional”*).

Paulo falava em línguas mais do que os coríntios (1 Coríntios 14:18-19), mas ele mesmo disse que ele não falava língua de anjos e nem todas as línguas existentes na Terra (1 Coríntios 13:1):

Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês. Todavia, na igreja prefiro falar cinco palavras compreensíveis para instruir os outros a falar dez mil palavras em uma língua. (*1 Coríntios 14:18-19, “Nova Versão Internacional”*).

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. (*1 Coríntios 13:1, “Nova Versão Internacional”*).

Note em 1 Coríntios 13:1 que Paulo diz “Ainda que eu fale [...]”. Essa expressão significa que ele usou uma metáfora para explicar seu ponto: ainda que existisse uma linguagem de anjos e que ele fosse capaz de falá-la, ou ainda que ele fosse capaz de falar todas as línguas existentes na Terra, se ele não tivesse amor (o que inclui edificar

seus irmãos), ele apenas geraria sons sem sentido para seus ouvintes, e eles não seriam edificados. Obviamente, se Paulo falava em línguas mais do que os coríntios, e ele mesmo não falava “língua de anjos” ou todas as línguas dos homens, é claro que os coríntios também não eram capazes disso. Nenhum cristão falou “língua de anjos” ou todas as linguagens do mundo. Além do mais, em lugar nenhum as Escrituras mencionam que os anjos têm uma linguagem própria.

Voltando à questão dos únicos dois batismos com o Espírito Santo que aconteceram nas Escrituras, o dom de falar em línguas era sempre para falar linguagens que existiam no mundo – nunca eram línguas sem sentido. Enfatizamos novamente que judeus e devotos a Deus que tinham vindo de todas as nações do mundo ouviram os apóstolos falarem nas línguas maternas deles (Atos 2:7-8). As pessoas da casa de Cornélio que falaram em línguas foram mencionadas como “exaltando a Deus” (Atos 10:45-46), o que significa que alguém que os ouviu entendeu que eles estavam falando algo que engrandeceu a Deus. Isso significa que eram linguagens conhecidas no mundo dos homens.

Atônitos e maravilhados, eles perguntavam: “Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando? Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna? (Atos 2:7-8, “Nova Versão Internacional”).

Os judeus convertidos que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado até sobre os gentios, pois os ouviam falando em línguas e exaltando a Deus. A seguir Pedro disse: (Atos 10:45-46, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, as Escrituras deixam claro que o dom espiritual de falar em línguas era concedido no primeiro século, de modo que a pessoa falasse linguagens existentes no mundo dos homens, e o que era dito devia ser interpretado (traduzido) para que os ouvintes que não entendiam fossem edificados.

2.10.6. OS DONS MILAGROSOS NA BÍBLIA SÃO DIFERENTES DOS ALEGADOS MILAGRES DE HOJE

Os dons espirituais milagrosos relatados nas Escrituras são diferentes dos supostos “dons espirituais” que religiosos afirmam manifestar hoje:

- As curas eram poderosas, instantâneas e públicas;
- Havia ressurreição de mortos de forma instantânea e pública;
- A manifestação dos dons espirituais milagrosos bíblicos não ocorreu nos mesmos contextos dos supostos “milagres” de hoje, ou seja, contextos obscuros em que poucos testemunharam o “milagre”, ou contextos em que “alguém ouviu falar de alguém que ocorreu um milagre com tal pessoa”;
- A manifestação dos dons espirituais milagrosos bíblicos não ocorria em reuniões de “igrejas” imersas em ambientes emocionais;
- As curas milagrosas bíblicas sempre foram realizadas para não cristãos. Cristãos como Paulo (2 Coríntios 12:8-9), Epafrodito (Filipenses 2:25-27), Timóteo (1 Timóteo 5:23) e Trófimo (2 Timóteo 4:20) não foram curados de suas enfermidades por meios miraculosos;
- As alegadas curas supostamente realizadas hoje são fracas em comparação ao poder das curas relatadas nas Escrituras (a cura total e instantânea de cegos e paráliticos de nascença diante de multidões, por exemplo);
- Os sinais milagrosos bíblicos sempre apontavam para a verdadeira doutrina de Deus – os milagres de Deus nunca apontavam para falsa doutrina.

As considerações acima são notáveis quando lemos com atenção os relatos de sinais milagrosos no Livro de Atos dos Apóstolos e os comparamos com os contextos dos “milagres modernos”.

Em Atos 3:2-16, Pedro curou instantaneamente e em público um aleijado de nascença não cristão e, depois, pregou a verdade sobre Jesus:

Estava sendo levado para a porta do templo chamada Formosa um aleijado de nascença, que ali era colocado todos os dias para pedir esmolas aos que entravam no templo. Vendo que Pedro e João iam entrar no pátio do templo, pediu-lhes esmola. Pedro e João olharam bem para ele e, então, Pedro disse: “Olhe para nós!” O homem olhou para eles com atenção, esperando receber deles alguma coisa. Disse Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande”. Segurando-o pela mão direita, ajudou-o a levantar-se, e imediatamente os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes. E de um salto pôs-se em pé e começou a andar. Depois entrou com eles no pátio do templo, andando, saltando e louvando a Deus. Quando todo o povo o viu andando e louvando a Deus, reconheceu que era ele o mesmo homem que costumava mendigar sentado à porta do templo chamada Formosa. Todos ficaram perplexos e muito admirados com o que lhe tinha acontecido. Apegando-se o mendigo a Pedro e João, todo o povo ficou maravilhado e correu até eles, ao lugar chamado Pórtico de Salomão. Vendo isso, Pedro lhes disse: “Israelitas, por que isto os surpreende? Por que vocês estão olhando para nós, como se tivéssemos feito este homem andar por nosso próprio poder ou piedade? O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus dos nossos antepassados, glorificou seu servo Jesus, a quem vocês entregaram para ser morto e negaram perante Pilatos, embora ele tivesse decidido soltá-lo. Vocês negaram publicamente o Santo e Justo e pediram que fosse libertado um assassino. Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos. E nós somos testemunhas disso. Pela fé no nome de Jesus, o Nome curou este homem que vocês veem e conhecem. A fé que vem por meio dele lhe deu esta saúde perfeita, como todos podem ver.” (Atos 3:2-16, “Nova Versão Internacional”).

Em Atos 6:7-10, Estêvão fazia sinais milagrosos públicos para não cristãos para confirmar o que pregava:

Assim, a palavra de Deus se espalhava. Crescia rapidamente o número de discípulos em Jerusalém; também um grande número de sacerdotes obedecia à fé. Estêvão, homem cheio da graça e do poder de Deus, realizava grandes maravilhas e sinais no meio do povo. Contudo, levantou-se oposição dos membros da chamada sinagoga dos Libertos, dos judeus de Cirene e de Alexandria, bem como das províncias da Cilícia e da Ásia. Esses homens começaram a discutir com Estêvão, mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava. (Atos 6:7-10, “Nova Versão Internacional”).

Em Atos 8:5-8, Filipe fazia sinais miraculosos públicos entre não cristãos para confirmar a Palavra de Deus:

Indo Filipe para uma cidade de Samaria, ali lhes anunciava o Cristo. Quando a multidão ouviu Filipe e viu os sinais milagrosos que ele realizava, deu unânime atenção ao que ele dizia. Os espíritos imundos saíam de muitos, dando gritos, e muitos parálíticos e mancos foram curados. Assim, houve grande alegria naquela cidade. Filipe foi à cidade de Samaria e anunciava Cristo ao povo dali. As multidões, unânimes, davam atenção às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele fazia. Pois os espíritos imundos, gritando em alta voz, saíam de muitos que estavam possuídos por eles; e muitos parálíticos e coxos foram curados. E houve grande alegria naquela cidade. (Atos 8:5-8, “Nova Versão Internacional”).

Em Atos 9:33-35, Pedro curou imediatamente um paralítico não cristão e isso levou à conversão de pessoas:

Ali encontrou um paralítico chamado Eneias, que estava acamado fazia oito anos. Disse-lhe Pedro: “Eneias, Jesus Cristo vai curá-lo! Levante-se e arrume a sua cama”. Ele se levantou imediatamente. Todos os que viviam em Lida e Saroná o viram e se converteram ao Senhor. (Atos 9:33-35, “Nova Versão Internacional”).

Em Atos 9:36-42, Pedro ressuscitou a discípula Tabita instantaneamente e a apresentou viva para o público. Isso fez pessoas crerem no Senhor:

Em Jope havia uma discípula chamada Tabita, que em grego é Dorcas, que se dedicava a praticar boas obras e dar esmolas. Naqueles dias ela ficou doente e morreu, e seu corpo foi lavado e colocado num quarto do andar superior. Lida ficava perto de Jope, e, quando os discípulos ouviram falar que Pedro estava em Lida, mandaram-lhe dois homens dizer-lhe: “Não se demore em vir até nós”. Pedro foi com eles e, quando chegou, foi levado para o quarto do andar superior. Todas as viúvas o rodearam, chorando e mostrando-lhe os vestidos e outras roupas que Dorcas tinha feito quando ainda estava com elas. Pedro mandou que todos saíssem do quarto; depois, ajoelhou-se e orou. Voltando-se para a mulher morta, disse: “Tabita, levante-se”. Ela abriu os olhos e, vendo Pedro, sentou-se. Tomando-a pela mão, ajudou-a a pôr-se em pé. Então, chamando

os santos e as viúvas, apresentou-a viva. Este fato se tornou conhecido em toda a cidade de Jope, e muitos creram no Senhor. (*Atos 9:36-42, “Nova Versão Internacional”*).

Em Atos 13:9-12, Paulo cegou Elimas temporariamente e instantaneamente, em público, expondo sua falsa doutrina, e levou o procônsul a crer em Cristo:

Então Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, olhou firmemente para Elimas e disse: “Filho do Diabo e inimigo de tudo o que é justo! Você está cheio de toda espécie de engano e maldade. Quando é que vai parar de perverter os retos caminhos do Senhor? Saiba agora que a mão do Senhor está contra você, e você ficará cego e incapaz de ver a luz do sol durante algum tempo”. Imediatamente vieram sobre ele névoa e escuridão, e ele, tateando, procurava quem o guiasse pela mão. O procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, profundamente impressionado com o ensino do Senhor. (*Atos 13:9-12, “Nova Versão Internacional”*).

Em Atos 14:8-18, Paulo curou instantaneamente e em público um não cristão paralítico de nascença e, depois, apontou aos pagãos a verdade de Deus:

Em Listra havia um homem paralítico dos pés, aleijado desde o nascimento, que vivia ali sentado e nunca tinha andado. Ele ouvira Paulo falar. Quando Paulo olhou diretamente para ele e viu que o homem tinha fé para ser curado, disse em alta voz: “Levante-se! Fique em pé!” Com isso, o homem deu um salto e começou a andar. Ao ver o que Paulo fizera, a multidão começou a gritar em língua licaônica: “Os deuses desceram até nós em forma humana!” A Barnabé chamavam Zeus e a Paulo chamavam Hermes, porque era ele quem trazia a palavra. O sacerdote de Zeus, cujo templo ficava diante da cidade, trouxe bois e coroas de flores à porta da cidade, porque ele e a multidão queriam oferecer-lhes sacrifícios. Ouvindo isso, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram as roupas e correram para o meio da multidão, gritando: “Homens, por que vocês estão fazendo isso? Nós também somos humanos como vocês. Estamos trazendo boas-novas para vocês, dizendo que se afastem dessas coisas vãs e se voltem para o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há. No passado ele permitiu que todas as nações seguissem os seus próprios caminhos. Contudo, Deus não ficou sem testemunho: mostrou sua bondade, dando-lhes chuva do céu e colheitas no tempo certo, concedendo-lhes sustento com fartura e um coração cheio de alegria”. Apesar dessas palavras, eles tiveram dificuldade para impedir que a multidão lhes oferecesse sacrifícios. (*Atos 14:8-18, “Nova Versão Internacional”*).

Em Atos 16:16-19, Paulo expulsou instantaneamente, em público, sem fazer qualquer tipo de demonstração espetacular, um espírito adivinhador enquanto proclamou o nome de Cristo:

Certo dia, indo nós para o lugar de oração, encontramos uma escrava que tinha um espírito pelo qual predizia o futuro. Ela ganhava muito dinheiro para os seus senhores com adivinhações. Essa moça seguia Paulo e a nós, gritando: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam o caminho da salvação”. Ela continuou fazendo isso por muitos dias. Finalmente, Paulo ficou indignado, voltou-se e disse ao espírito: “Em nome de Jesus Cristo eu ordeno que saia dela!” No mesmo instante o espírito a deixou. Percebendo que a sua esperança de lucro tinha se acabado, os donos da escrava agarraram Paulo e Silas e os arrastaram para a praça principal, diante das autoridades. (*Atos 16:16-19, “Nova Versão Internacional”*).

Em Atos 16:25-32, Paulo e Silas oravam e cantavam enquanto estavam presos e um terremoto sacudiu a prisão, soltando a todos, mas ninguém fugiu. Isso levou à conversão do carcereiro e sua família:

Por volta da meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus; os outros presos os ouviam. De repente, houve um terremoto tão violento que os alicerces da prisão foram abalados. Imediatamente todas as portas se abriram, e as correntes de todos se soltaram. O carcereiro acordou e, vendo abertas as portas da prisão, desembainhou sua espada para se matar, porque pensava que os presos tivessem fugido. Mas Paulo gritou: “Não faça isso! Estamos todos aqui!” O carcereiro pediu luz, entrou correndo e, trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas. Então levou-os para fora e perguntou: “Senhores, que devo fazer para ser salvo?” Eles responderam: “Cria no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa”. E pregaram a palavra de Deus, a ele e a todos os de sua casa. (*Atos 16:25-32, “Nova Versão Internacional”*).

Em Atos 19:9-12, Paulo fazia sinais milagrosos extraordinários publicamente, como curar instantaneamente e expulsar demônios instantaneamente, enquanto apontava para a doutrina verdadeira do Senhor:

Mas alguns deles se endureceram e se recusaram a crer, e começaram a falar mal do Caminho diante da multidão. Paulo, então, afastou-se deles. Tomando consigo os discípulos, passou a ensinar diariamente na escola de Tirano. Isso continuou por dois anos, de forma que todos os judeus e os gregos que viviam na

província da Ásia ouviram a palavra do Senhor. Deus fazia milagres extraordinários por meio de Paulo, de modo que até lenços e aventais que Paulo usava eram levados e colocados sobre os enfermos. Estes eram curados de suas doenças, e os espíritos malignos saíam deles. (Atos 19:9-12, "Nova Versão Internacional").

Em Atos 19:13-16, pessoas que não apontavam para a doutrina verdadeira do Senhor tentaram reproduzir as expulsões de demônios que Paulo realizava, até mesmo fazendo uso do nome de Cristo, mas não conseguiram:

Alguns judeus que andavam expulsando espíritos malignos tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os endemoninhados, dizendo: "Em nome de Jesus, a quem Paulo prega, eu ordeno que saiam!" Os que estavam fazendo isso eram os sete filhos de Ceva, um dos chefes dos sacerdotes dos judeus. Um dia, o espírito maligno lhes respondeu: "Jesus, eu conheço, Paulo, eu sei quem é; mas vocês, quem são?" Então o endemoninhado saltou sobre eles e os dominou, espancando-os com tamanha violência que eles fugiram da casa nus e feridos. (Atos 19:13-16, "Nova Versão Internacional").

Em Atos 20:9-12, Paulo ressuscitou Êutico imediatamente e em público:

Um jovem chamado Êutico, que estava sentado numa janela, adormeceu profundamente durante o longo discurso de Paulo. Vencido pelo sono, caiu do terceiro andar. Quando o levantaram, estava morto. Paulo desceu, inclinou-se sobre o rapaz e o abraçou, dizendo: "Não fiquem alarmados! Ele está vivo!" Então subiu novamente, partiu o pão e comeu. Depois, continuou a falar até o amanhecer e foi embora. Levaram vivo o jovem, o que muito os consolou. (Atos 20:9-12, "Nova Versão Internacional").

Em Atos 28:3-6, Paulo deveria ter sido morto quando foi picado por uma víbora, mas nada aconteceu com ele:

Paulo ajuntou um monte de gravetos; quando os colocava no fogo, uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se à sua mão. Quando os habitantes da ilha viram a cobra agarrada na mão de Paulo, disseram uns aos outros: "Certamente este homem é assassino, pois, tendo escapado do mar, a Justiça não lhe permite viver". Mas Paulo, sacudindo a cobra no fogo, não sofreu mal nenhum. Eles, porém, esperavam que ele começasse a inchar ou que caísse morto de repente, mas, tendo esperado muito tempo e vendo que nada de estranho lhe sucedia, mudaram de ideia e passaram a dizer que ele era um deus. (Atos 28:3-6, "Nova Versão Internacional").

Em Atos 28:7-10, Paulo curou não cristãos de uma ilha de forma completa e pública:

Perto daquele lugar havia um sítio que pertencia ao homem principal da ilha, chamado Públio, o qual nos recebeu e hospedou com muita bondade durante três dias. Aconteceu que o pai de Públio estava enfermo de disenteria, ardendo em febre. Paulo foi visitá-lo e, orando, impôs-lhe as mãos, e o curou. À vista deste acontecimento, os demais enfermos da ilha vieram e foram curados, os quais nos distinguiram com muitas honorarias; e, tendo nós de prosseguir viagem, nos puseram a bordo tudo o que era necessário. (Atos 28:7-10, "Nova Versão Internacional").

Por acaso esses sinais milagrosos bíblicos poderosos, instantâneos e públicos são realizados da mesma forma por alguém hoje em dia? Claro que não. A leitura dessas passagens torna evidente que os "sinais milagrosos modernos" são fraudulentos ou não vêm do Espírito Santo.

2.10.7. O CUIDADO NECESSÁRIO COM SINAIS MILAGROSOS MODERNOS

Precisamos estar cientes de que "curas, sinais e prodígios modernos", se não forem fraudulentos, podem vir de forças malignas.

Sinais de Deus, nas Escrituras, sempre apontaram para a verdadeira doutrina dele. Mesmo que algum sinal milagroso realmente tenha acontecido, para ter vindo de Deus, deveria apontar para a doutrina correta do Novo Testamento. De qualquer maneira, precisaríamos das Escrituras para discernir a verdade do erro – elas são o padrão de verdade, e não os alegados "milagres".

Lembre-se que as ciências ocultas dos magos do faraó reproduziram o milagre de Moisés e Arão:

Moisés e Arão dirigiram-se ao faraó e fizeram como o SENHOR tinha ordenado. Arão jogou a vara diante do faraó e seus conselheiros, e ela se transformou em serpente. O faraó, porém, mandou chamar os sábios e feiticeiros; e também os magos do Egito fizeram a mesma coisa por meio das suas ciências ocultas. (*Êxodo 7:10-12, “Nova Versão Internacional”*).

Moisés e Arão fizeram como o SENHOR tinha ordenado. Arão levantou a vara e feriu as águas do Nilo na presença do faraó e dos seus conselheiros; e toda a água do rio transformou-se em sangue. Os peixes morreram, e o rio cheirava tão mal que os egípcios não conseguiam beber das suas águas. Havia sangue por toda a terra do Egito. Mas os magos do Egito fizeram a mesma coisa por meio de suas ciências ocultas. O coração do faraó se endureceu, e ele não deu ouvidos a Moisés e a Arão, como o SENHOR tinha dito. (*Êxodo 7:20-22, “Nova Versão Internacional”*).

Espíritos adivinhadores que não são de Deus podem “predizer o futuro” até certo ponto:

Certo dia, indo nós para o lugar de oração, encontramos uma escrava que tinha um espírito pelo qual predizia o futuro. Ela ganhava muito dinheiro para os seus senhores com adivinhações. Essa moça seguia Paulo e a nós, gritando: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam o caminho da salvação”. Ela continuou fazendo isso por muitos dias. Finalmente, Paulo ficou indignado, voltou-se e disse ao espírito: “Em nome de Jesus Cristo eu ordeno que saia dela!” No mesmo instante o espírito a deixou. Percebendo que a sua esperança de lucro tinha se acabado, os donos da escrava agarraram Paulo e Silas e os arrastaram para a praça principal, diante das autoridades. (*Atos 16:16-19, “Nova Versão Internacional”*).

O iníquo faz sinais e prodígios para enganar:

A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras. Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. (*2 Tessalonicenses 2:9-10, “Nova Versão Internacional”*).

Servos de Satanás fazem sinais para conduzir pessoas ao erro:

Então vi saírem da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs. São espíritos de demônios que realizam sinais milagrosos; eles vão aos reis de todo o mundo, a fim de reuni-los para a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso. (*Apocalipse 16:13-14, “Nova Versão Internacional”*).

Deus: Milagres, se não forem acompanhados da realização da vontade de Deus, não provam que alguém é de Deus:

Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: “Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?” Então eu lhes direi claramente: “Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês que praticam o mal!” (*Mateus 7:21-23, “Nova Versão Internacional”*).

Por fim, nem mesmo milagres verdadeiramente converterão pessoas que não ouvem as Escrituras. A pregação das Escrituras é melhor do que fazer milagres:

Ele respondeu: “Então eu te suplico, pai: manda Lázaro ir à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Deixa que ele os avise, a fim de que eles não venham também para este lugar de tormento”. Abraão respondeu: “Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam”. “Não, pai Abraão”, disse ele, “mas se alguém dentre os mortos fosse até eles, eles se arrependeriam.” Abraão respondeu: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”. (*Lucas 16:27-31, “Nova Versão Internacional”*).

3. MOVIMENTOS QUE AFETARAM O CRISTIANISMO

Examinemos a seguir os movimentos recentes na “cristandade”. Esses movimentos mudaram significativamente o que é percebido como cristianismo nos últimos 200 anos, promovendo muitos dos desenvolvimentos e mudanças de uma forma “transdenominacional”, influenciando muitas denominações, ou indo para um ambiente “não denominacional” ou mesmo “pós-denominacional”.

3.1. EVANGELICALISMO

Evangelicalismo, ou o movimento evangélico, representa uma força potente na “cristandade” moderna. Cerca de um terço daqueles que professam Cristo no mundo se enquadrariam como evangélicos, sendo que a maioria dessas pessoas vive fora da América do Norte e da Europa (Yancey, Philip, “*The Beliefnet Guide to Evangelical Christianity*”, X). Conforme constataremos a seguir, muitas vezes é difícil dar uma definição específica de evangelicalismo. No entanto, em geral, ele representa um movimento confederado de forma solta de protestantes do século dezoito até o presente, acreditando na necessidade de uma experiência de conversão, um relacionamento pessoal com Jesus, e confiando na Bíblia como o padrão para fé e prática. No entanto, há uma grande diversidade de crenças entre os evangélicos, e o movimento experimenta grande tensão entre calvinistas e arminianos (basicamente, predestinação versus livre arbítrio), amilenarismo e pré-milenarismo, continuísmo e cessacionismo, e grupos fundamentalistas e pós-fundamentalistas. Muitos outros movimentos surgiram do evangelicalismo, mas o movimento está tão vivo e vibrante hoje como sempre foi.

3.1.1. ORIGENS E HISTÓRIA

O evangelicalismo (do grego *euangelion*, “boa notícia” ou “evangelho”) emergiu de movimentos díspares que varreram as igrejas protestantes nos séculos dezessete e dezoito. O primeiro e, em muitos aspectos, o mais influente, foi o movimento pietista do século dezessete na Alemanha, um movimento de reforma dentro do luteranismo que se concentrou na conversão e regeneração do “homem interior” e na crença de que tal experiência era necessária para salvação (Olson, Roger, “*Pocket History of Evangelical Theology*”, pp. 22-31). Esse foco “experencial” marca o evangelicalismo posterior. O segundo foi o movimento puritano que tentou reformar a Igreja Anglicana para o protestantismo calvinista. Muitos desses puritanos viajaram para a América no início do século dezessete e seu protestantismo calvinista impactaria o pensamento evangélico (Olson, Roger, “*Pocket History of Evangelical Theology*”, pp. 45-46). O terceiro grupo, embora com início no começo do evangelicalismo propriamente dito, impactaria muito os desenvolvimentos evangélicos posteriores: os irmãos Wesley e o wesleyanismo, cuja ênfase na santidade e na santificação eventualmente levaria ao metodismo e ao pentecostalismo.

O movimento evangélico, como tal, começou entre os anos 1730 e 1740 com o primeiro “grande despertar”, envolvendo a pregação de George Whitefield, Jonathan Edwards e John Wesley, entre outros, especialmente na América (Olson, Roger, “*Pocket History of Evangelical Theology*”, p. 46). Esse período representou os começos do revivalismo, quando reuniões seriam realizadas em várias comunidades e muitos decidiriam “aceitar Cristo” em uma experiência de conversão. Esse “despertar”, juntamente com o segundo “grande despertar” entre os anos 1820 a 1840, resultou na “cristianização” da América jovem e no domínio do evangelicalismo sobre o clima religioso americano.

O século dezenove também constatou o início do conflito que engoliu o evangelicalismo durante a maior parte do século vinte: o surgimento da “crítica alta” e da teoria evolucionista, com suas tentativas de minar a confiança na validade do relato bíblico da criação e história. O fundamentalismo, como movimento, começou dentro do evangelicalismo no início do século vinte como uma reação contra essas tendências no protestantismo liberal e na sociedade em geral. Até os anos 1930, o evangelicalismo e o fundamentalismo permaneceram juntos. A radicalização e o separatismo subsequentes do fundamentalismo levaram a uma separação entre a “linha principal” do evangelicalismo e o fundamentalismo nos anos entre 1930 a 1940 (Olson, Roger, “*Pocket History of Evangelical Theology*”, pp. 87-90). Embora os fundamentalistas desejem ser vistos como evangélicos, outros evangélicos não se sentiriam muito confortáveis com eles no seu aprisco.

O início do século vinte também viu a explosão do movimento pentecostal/carismático e suas controvérsias. Enquanto alguns grupos “evangélicos” não queriam incluir os pentecostais em seu meio, outras vozes prevaleceram e os pentecostais constituem uma grande proporção do “cristianismo” evangélico.

O evangelicalismo moderno emergiu da interação do evangelicalismo histórico e do cisma fundamentalista. Ele é muitas vezes chamado evangelicalismo “pós-fundamentalista” e começou em 1942 com a criação da Associação Nacional de Evangélicos (Olson, Roger, “*Pocket History of Evangelical Theology*”, p. 92). Proeminente no evangelicalismo pós-fundamentalista é Billy Graham e seu legado de grandes reuniões e conversões em massa. Sua liderança geral manteve os segmentos conflitantes do evangelicalismo juntos (Olson,

Roger, *“Pocket History of Evangelical Theology”*, pp. 93-94). Mais recentemente, houve um movimento “pós-conservador” no evangelicalismo, uma tentativa de transcender a velha perspectiva “liberal versus conservadora” e retornar à espiritualidade dos dias do “grande despertar” (Olson, Roger, *“Pocket History of Evangelical Theology”*, pp. 131-138). Essas tendências ajudaram a levantar o emergismo, ou movimento emergente, no início do século vinte e um.

3.1.2. QUEM SÃO OS EVANGÉLICOS?

De muitas maneiras, é difícil caracterizar o evangelicalismo por ser bastante amplo, e há pouco acordo quanto ao que exatamente constitui um “evangélico”. Essa dificuldade é agravada por mal-entendidos tanto dentro como fora do movimento. Portanto, é imperativo que forneçamos uma definição adequada de quem falamos quando nos referimos a evangélicos e ao movimento evangélico.

Não existe uma única definição mutuamente acordada e o termo “evangélico” é usado em diferentes contextos. A definição mais ampla representa cristianismo autêntico baseado no evangelho – qualquer grupo ensinando o verdadeiro evangelho poderia assim ser considerado “evangélico”. O “evangélico” também pode ser equivalente ao protestantismo, sendo “centrado no evangelho”. Também pode se referir a um grupo que deriva dos pietistas que reviveram a fé protestante nos séculos dezoito e dezenove. No passado, o evangelicalismo foi equiparado ao fundamentalismo, embora ele tenha se tornado em uma subcultura própria. Uma definição mais moderna envolve o evangelicalismo pós-fundamentalista tentando retornar à sua história pietista e revivalista. Na sociedade popular, também é equiparado a qualquer grupo religioso fanático ou religiosamente agressivo (Olson, Roger, *“Pocket History of Evangelical Theology”*, pp. 9-12).

Para os propósitos de nosso estudo do evangelicalismo, vamos defini-lo como o movimento dos últimos 270 anos, misturando o revivalismo pietista com a “ortodoxia protestante”, como se manifestou nos dias do “grande despertar” e no evangelicalismo pós-fundamentalista moderno.

3.1.3. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS

O evangelicalismo sempre foi enraizado no indivíduo e sua fé. Como resultado, enquanto muitas denominações são povoadas com grandes porcentagens de indivíduos que afirmam ser evangélicos, poucas denominações podem ser consideradas inteiramente “evangélicas”. Os batistas são proeminentes no evangelicalismo, juntamente com igrejas wesleyanas e pentecostais (embora os pentecostais da unicidade sejam geralmente excluídos, sendo antitrinitários). A Igreja Cristã (Discípulos de Cristo) também está nessa corrente dominante evangélica.

Os evangélicos também podem ser encontrados no meio do catolicismo romano, luteranismo, muitos grupos anabatistas, igrejas calvinistas históricas, anglicanismo/episcopalianismo, alguns quakers, grupos pietistas, Irmãos de Plymouth e o Exército da Salvação, embora seus números sejam menores entre os grupos protestantes “liberais” entre o luteranismo, episcopalianismo, Igreja Unida de Cristo, presbiterianos, etc. (Zoba, Wendy, *“The Beliefnet Guide to Evangelical Christianity”*, p. 106).

Muitos movimentos se desenvolveram dentro do evangelicalismo ou sob sua influência, incluindo o fundamentalismo, o movimento da igreja comunitária, o movimento da igreja doméstica, o movimento megacigreja e o emergismo. O evangelicalismo, por sua própria natureza, praticou sua própria forma de ecumenismo, embora tenha havido um ceticismo histórico entre muitos evangélicos do ecumenismo do protestantismo liberal.

3.1.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Tal como acontece com todos os assuntos no meio evangélico, há algum grau de desacordo sobre a maioria dos assuntos listados abaixo. Eles são fornecidos como um guia geral para a compreensão.

Influências denominacionais:

- **Luteranismo**: o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação; o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);

- [Calvinismo](#): o erro do sistema de interpretação [TULIP](#) (o sistema é contestado dentro do movimento);
- [Batistas](#): o erro em crer que [uma vez salvo, sempre salvo](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [dispensacionalismo](#) e do [pré-milenarismo](#) (os sistemas são disputados dentro do movimento);
- [Pentecostalismo/movimento carismático](#): o alegado “[batismo do Espírito Santo](#)” não é o batismo do Espírito Santo visto no Novo Testamento; o alegado “[falar em línguas](#)” (glossolalia) não é o dom de línguas visto no Novo Testamento; o erro do [pentecostalismo unicista](#) e do [movimento palavra da fé](#) (contestados dentro do movimento).

Movimentos relacionados:

- [Fundamentalismo](#);
- [Movimento da igreja comunitária](#);
- [Movimento da igreja doméstica](#);
- [Movimento megajgreja](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#) (disputado dentro do movimento); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#) (disputado dentro do movimento); erro em obrigar o [batismo apenas em água corrente](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Páscoa](#); equívoco em [proibir a observância do Natal](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#) e o [Credo Niceno](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);

- Posições de autoridade: entendimento errado sobre quem são pastores e sobre diáconos; erro na permissão de diáconos sem presbíteros na igreja; erro na permissão de pastoras, diaconisas e evangelistas femininas na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de ordenação; equívoco sobre a necessidade da realização de sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas;
- Dons espirituais milagrosos: ausência do entendimento de que sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus; ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa; ausência do entendimento de que o batismo do Espírito Santo não é mais concedido; ausência do entendimento de que os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos; ausência do entendimento de que o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete; ausência do entendimento de que os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras; ausência de cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”.

3.1.5. EVANGÉLICOS E A SOCIEDADE

Uma tendência geral que prevalece em grande parte do evangelicalismo envolve um alto nível de interação com a sociedade secular circundante. Desde os anos 1940 até os anos 1980, e além, a “cultura evangélica” cresceu e se desenvolveu. Desde então, tentou continuamente refletir as tendências gerais da sociedade (Zoba, Wendy, “*The Beliefnet Guide to Evangelical Christianity*”, p. 80). Essa é uma tendência que tem se tornado ainda mais notável, voltando ao conceito de “sociedade missionária” do século dezanove. O estabelecimento de ginásios da igreja, salões para companheirismo, cafés “cristãos” dirigidos pela igreja, livrarias, entre outros, seguiram essas tendências. Os métodos de *marketing* modernos e os métodos evangelísticos modernos estão em paralelo um com o outro: para se adequar a uma sociedade mergulhada em entretenimento, muitas dessas igrejas evangélicas estabeleceram assembleias “amigáveis com aqueles que buscam”, destinadas a entreter. Tais métodos talvez tenham um amplo apelo entre as pessoas do mundo, mas será que representam as intenções de Deus para o seu povo? Consideremos o assunto.

Os cristãos sempre existem na tensão de viver no mundo enquanto não são do mundo, como demonstrado em 1 Coríntios 5:9-11 e Tiago 4:4:

Já lhes disse por carta que vocês não devem associar-se com pessoas imorais. Com isso não me refiro aos imorais deste mundo, nem aos avarentos, aos ladrões ou aos idólatras. Se assim fosse, vocês precisariam sair deste mundo. Mas agora estou lhes escrevendo que não devem associar-se com qualquer que, dizendo-se irmão, seja imoral, avarento, idólatra, caluniador, alcoólatra ou ladrão. Com tais pessoas vocês nem devem comer. (1 Coríntios 5:9-11, “*Nova Versão Internacional*”).

Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimidade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus. (Tiago 4:4, “*Nova Versão Internacional*”).

Embora alcançar um equilíbrio adequado nem sempre seja fácil, muitas das tendências do evangelicalismo, em seus esforços para permanecerem “relevantes” neste mundo, parecem violar muitos princípios bíblicos. Não há justificativa para mudar a mensagem do evangelho para torná-la mais atraente para o ser humano moderno. Falar apenas dos assuntos “positivos” para ser mais “amigável com aquele que busca” viola Gálatas 1:6-9 e 2 Timóteo 4:2. Da mesma forma, transformar a reunião cristã, a qual é projetada para encorajar os cristãos, em um serviço de entretenimento afeta a intenção de Deus para a reunião, conforme estabelecido em 1 Coríntios 14:26 e Hebreus 10:24-25. O funcionamento de várias empresas não se integra com o papel da igreja, o qual é edificar-se em amor (Efésios 4:16).

Embora tais coisas façam sentido para a cultura moderna, será que fazem sentido de acordo com o que Deus revelou na Bíblia? Não. Fazer sentido com o que Deus revelou na Bíblia deve ser a principal preocupação cristã (Romanos 12:1-2).

3.1.6. ENVOLVIMENTO POLÍTICO

Outra característica proeminente de grande parte do evangelicalismo é o alto nível de envolvimento político entre evangélicos. Embora algum nível de envolvimento político fosse a norma para várias denominações desde Constantino, o crescimento e o desenvolvimento do evangelicalismo, ao lado do desenvolvimento do estado americano, levaram a uma ideologia política particular de evangélicos em que não há paralelo, como evidenciado na seguinte citação de um evangélico proeminente:

A singularidade dos Estados Unidos está no consenso cristão dos fundadores, que escreveram documentos que garantem a liberdade religiosa e pessoal para todos. Esta nação não foi fundada por ateus, secularizadores ou monarquistas que pensavam que a classe educada de elite deveria governar as pessoas comuns. A fundação americana baseou-se mais em princípios bíblicos do que em qualquer outra nação na Terra – e esta é a razão pela qual este país foi mais abençoado por Deus do que qualquer outra nação da história. (*LaHaye, Tim, "The American Idea: Godless Society", The Atlantic Monthly, November 2007, pp. 44-45*).

O evangelicalismo americano e o republicanismo populista foram prontos aliados, e permanece até hoje uma visão implícita de que a América representa o novo Israel, a nova terra escolhida e o povo escolhido de Deus. Esse sentimento foi exemplificado em muitos movimentos de reforma social nos últimos duzentos anos: os evangélicos representavam vozes fortes tanto para a abolição quanto para a promoção da escravidão na região sul, e para os dois lados do movimento dos direitos civis do meio do século vinte. Desde 1979 d.C. e a fundação da Moral Majority, evangélicos foram frequentemente alistados para promover legislação de restrições morais, e outras organizações se desenvolveram do outro lado do espectro político defendendo os direitos dos pobres e desapossados de propriedades (*Zoba, Wendy, "The Beliefnet Guide to Evangelical Christianity", p. 93*). Sob todos esses sentimentos, continua a ser uma visão em que os cristãos e as igrejas cristãs têm a responsabilidade de reformar ou legislar para a sociedade. Tal visão faz sentido em um mundo onde Jesus retornará para estabelecer um reino terrestre, ou em um mundo onde a divisão entre a Antiga e a Nova Aliança não seja mantida nitidamente. No entanto, será que essas expectativas são verdadeiramente manifestas no Novo Testamento?

O Novo Testamento descreve a relação dos cristãos com o governo em passagens como Romanos 13:1-7 e 1 Timóteo 2:1-2:

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos. Pois os governantes não devem ser temidos, a não ser pelos que praticam o mal. Você quer viver livre do medo da autoridade? Pratique o bem, e ela o enaltecerá. Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal. Portanto, é necessário que sejamos submissos às autoridades, não apenas por causa da possibilidade de uma punição, mas também por questão de consciência. É por isso também que vocês pagam imposto, pois as autoridades estão a serviço de Deus, sempre dedicadas a esse trabalho. Deem a cada um o que lhe é devido: se imposto, imposto; se tributo, tributo; se temor, temor; se honra, honra. (*Romanos 13:1-7, "Nova Versão Internacional"*).

Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade. (*1 Timóteo 2:1-2, "Nova Versão Internacional"*).

Pedro também fornece instruções semelhantes em 1 Pedro 2:13-17. A partir dessas passagens constatamos que os cristãos devem estar sujeitos a governos terrenos e a pagar impostos, juntamente com a oração para que os cristãos possam levar vidas tranquilas e pacíficas. Não encontramos expectativas aqui para que cristãos ou igrejas reformem ou legislem para a sociedade.

Muitos argumentarão que os cristãos viveram sob o Império Romano, o que representou uma ditadura, e uma vez que a América é uma república e seus cidadãos têm a oportunidade de votar, as expectativas de Deus sobre os cristãos na América devem ser diferentes. Não temos nenhuma Escritura que valide esse tipo de argumento. Apesar de ser verdade que vivemos sob uma forma diferente de governo, ainda assim não encontramos nenhuma indicação no Novo Testamento de que o cristão deve ser dedicado à reforma da sociedade. Em vez disso, lemos o seguinte em João 18:36, Filipenses 3:20 e 1 João 2:15-17:

Disse Jesus: “O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui.” (João 18:36, “Nova Versão Internacional”).

A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. (Filipenses 3:20, “Nova Versão Internacional”).

Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. (1 João 2:15-17, “Nova Versão Internacional”).

Deus espera que o foco primário do cristão seja a cidadania espiritual e as obrigações de sua aliança espiritual. Não há indícios de que a América seja o novo Israel ou que represente o novo povo escolhido de Deus. Certamente esperamos que pelo menos alguns americanos sejam reconhecidos como o povo de Deus em virtude de serem seus obedientes servos (Romanos 6:16-23), mas isso não ocorre com base em ser americano. Gálatas 3:28 e Colossenses 3:11 indicam que todas e quaisquer barreiras raciais ou nacionais são quebradas no reino de Cristo. Ele permanece o Senhor sobre tudo (Mateus 28:18), não apenas como o Senhor dos Estados Unidos. A apropriação das palavras de Deus a Israel para se referir à América é equivocada: estamos sob uma Nova Aliança com melhores promessas, quebrando tais barreiras (Efésios 2:11-18; Colossenses 2:14-17; Hebreus 7-9) e o novo Israel é representado por aqueles que são conhecidos por Cristo (Romanos 2:28-29).

Deus não espera que seu povo renuncie à cidadania em uma nação terrena. Paulo, em virtude de ser de Tarso, era um cidadão romano e usava seu privilégio como cidadão romano sempre que necessário para que continuasse promovendo o evangelho (Atos 16:37-39; 22:25-30; 23:11; 25:10-12). Os cristãos têm o direito de usar qualquer meio que seja legítimo segundo as Escrituras para promover o evangelho, sendo o foco, sempre, a salvação das almas, e não a preservação da sociedade!

No fim das contas, permanece sendo uma decisão pessoal, com base na compreensão de uma pessoa das Escrituras, sobre se ela deve votar, e em quem. No entanto, as Escrituras demonstram claramente que o objetivo principal dos cristãos e da igreja é a promoção do reino de Deus para todos os homens, não uma tentativa equivocada de forçar a sociedade a se conformar ao cristianismo. O cristianismo deve ser promovido por meio do evangelho, com uma transformação interna em cada pessoa, e não pela legislação dos estados mundanos, os quais estão todos destinados ao fim (Romanos 1:16-17). As autoridades terrestres vêm e vão, o reino de Cristo permanece, e permanecerá para sempre (Apocalipse 1:6).

3.2. ECUMENISMO

Ecumenismo, ou o movimento ecumênico, representa um movimento moderno de unidade visto com maior frequência entre protestantes liberais, católicos romanos e ortodoxos orientais. Depois de um milênio de várias divisões, alguns membros dessas igrejas determinaram que era melhor tentar um diálogo que levaria à reconciliação e à plena comunhão entre seus membros constituintes.

Ao contrário de outros movimentos, o ecumenismo não resultou em novas ou diferentes igrejas, ou mesmo em estruturas eclesásticas: o movimento é composto por várias igrejas que se comunicam e trabalham umas com as outras bilateralmente, multilateralmente, e dentro de organizações como o Conselho Mundial de Igrejas e o Conselho Nacional de Igrejas de Cristo (Jeffrey Gros et al, “Introduction to Ecumenism”, pp. 12-13, 22, 135). O objetivo principal do ecumenismo é a realização da plena comunhão das igrejas, separadas, mas constituintes dentro do movimento, e outras comunidades eclesásticas, manifestadas em eventos compartilhados, colaboração em missões e outras atividades e diálogo contínuo (Jeffrey Gros et al, “Introduction to Ecumenism”, p. 22, 38, 135). O ecumenismo nos séculos vinte e vinte e um é muito responsável por atitudes gerais que defendem a “unidade na diversidade” entre as diferentes igrejas e a aparência comum de que todas as igrejas são essencialmente as mesmas. O movimento popularizou modelos inteiramente novos de visão de mundo e perspectiva “cristã”, reformulando a “igreja” em termos mais expansivos do que nunca.

3.2.1. ORIGENS E HISTÓRIA

O ecumenismo encontra suas origens primeiro nos movimentos transdenominacionais dos séculos dezessete e dezoito que levaram ao movimento evangélico (embora, como observado a seguir, muitos evangélicos sejam amigáveis ao movimento ecumênico propriamente dito), e, mais diretamente, no movimento da sociedade missionária no século dezenove. A cooperação próxima de muitas denominações protestantes em trabalhos missionários obrigou seus membros a considerarem suas diferenças e a trabalhar em direção a algum tipo de unidade. O início do movimento ecumênico é normalmente contado com a Conferência Missionária Mundial de 1910 d.C. em Edimburgo, na Escócia (Jeffrey Gros et al, "Introduction to Ecumenism", p. 23). Outros aspectos do movimento logo seguiram: em 1921 d.C., o Conselho Missionário Internacional foi estabelecido, seguido da Conferência Mundial sobre Fé e Ordem em 1927 d.C. (com foco em diferenças doutrinárias). Todos eles levaram ao estabelecimento do Conselho Mundial de Igrejas em 1948 d.C. (Jeffrey Gros et al, "Introduction to Ecumenism", p. 24). Esses desenvolvimentos internacionais foram acompanhados por movimentos nacionais em muitos países, incluindo os Estados Unidos, onde o Conselho Nacional de Igrejas de Cristo começou em 1950 d.C. Os membros constituintes desses corpos se encontraram consistentemente durante a sua existência, e muitas discussões e diálogos ocorreram em relação a áreas de acordo e desacordo entre os vários grupos.

Enquanto grande parte da ação do ecumenismo ocorreu dentro das organizações ecumênicas nacionais e internacionais, outros esforços foram realizados no nível denominacional. Os católicos romanos se dispuseram a entrar em diálogo com qualquer ramo da "cristandade" disposto a conversar com eles. Luteranos e anglicanos, anglicanos e ortodoxos orientais, e muitos outros desses grupos, se envolveram em muito diálogo. Em 1997 d.C., a Igreja Episcopal nos Estados Unidos e a Igreja Evangélica Luterana na América estabeleceram plena comunhão uns com os outros, talvez uma das maiores manifestações de unidade professada dentro do movimento (Jeffrey Gros et al, "Introduction to Ecumenism", p. 237). As conversas e a participação conjunta em termos de acordo continuam até hoje.

3.2.2. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS

Os membros fundadores do ecumenismo incluem muitas igrejas wesleyanas, primariamente metodistas, junto com anglicanos/episcopais e luteranos. A Igreja Cristã (Discípulos de Cristo), igrejas calvinistas históricas (Igreja Unida de Cristo, Igreja Presbiteriana, igrejas reformadas), muitos grupos anabatistas, pietistas, alguns grupos quakers e o Exército da Salvação representam grupos protestantes também aliados com o movimento ecumênico.

Enquanto a Igreja Católica Romana via o movimento ecumênico com suspeita entre 1919 d.C. e 1949 d.C., a partir de 1961 d.C. participou plenamente do ecumenismo (Jeffrey Gros et al, "Introduction to Ecumenism", pp. 25-26, 236). A ortodoxia oriental e muitos dos grupos do primeiro milênio (Igreja do Oriente, Igreja Ortodoxa Síria, Igreja Copta) também participaram do movimento.

Muitos grupos alinhados com o movimento evangélico (batistas, alguns grupos da santidade e muitos grupos pentecostais) desconfiam do movimento ecumênico liberal protestante e têm pouco a ver com o Conselho Mundial de Igrejas e seus diálogos ecumênicos. Tais igrejas, entretanto, praticam sua própria "marca de ecumenismo" entre elas, conforme discutido quando falamos do [evangelicalismo](#).

3.2.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

O ecumenismo não resultou em nenhuma nova estrutura ou organização eclesiástica por si mesmo. Por isso, as considerações gerais são as mesmas de seus membros denominacionais constituintes.

3.2.4. METAS E METODOLOGIAS ECUMÊNICAS

À medida que investigamos o ecumenismo em maior detalhe, devemos começar por reconhecer que o objetivo geral do movimento ecumênico é bastante nobre e excelente: a unidade daqueles que creem em Cristo. Tal é o desejo de Deus para aqueles que são de fato o seu povo (1 Coríntios 1:10; Filipenses 2:2; João 17:21). A unidade daqueles que creem é certamente um objetivo digno de consideração e diligência.

Embora a unidade seja um objetivo desejável, é importante que seja a unidade que Deus deseja para o seu povo, cumprindo verdadeiramente 1 Coríntios 12:12-28 e Efésios 5:22-31. Uma forma de unidade que não está de acordo com a vontade de Deus como revelada nas Escrituras não será agradável a Deus. Portanto, é de maior importância considerar os objetivos e metodologias menores do ecumenismo e compará-los com as Escrituras.

Uma grande preocupação com a metodologia do movimento ecumênico é encontrada na avaliação de seus membros constituintes. Um requisito de qualquer pessoa que participe no movimento ecumênico é a confissão de que a “igreja de Cristo” é mais inclusiva do que a própria denominação que participa dele. Acredita-se que o Espírito Santo tem estado trabalhando ao longo da história em cada denominação individual e que as denominações devem aprender com os desenvolvimentos na fé que podem ser encontrados em seus parceiros ecumênicos (Jeffrey Gros et al, *“Introduction to Ecumenism”*, p. 95, 138). Esses pontos de vista pressupõem que todos os participantes envolvidos no ecumenismo representam expressões legítimas e divinamente aprovadas do cristianismo e que nenhuma denominação individual constituinte realmente manifesta toda a verdade encontrada no Novo Testamento.

Porém, o Novo Testamento registra o seguinte sobre a natureza da igreja:

Escrevo-lhe estas coisas, embora espere ir vê-lo em breve; mas, se eu demorar, saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade. (1 Timóteo 3:14-15, *“Nova Versão Internacional”*).

Amados, embora estivesse muito ansioso por lhes escrever acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever-lhes insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos. (Judas 3, *“Nova Versão Internacional”*).

Em ambas as passagens, os autores Paulo e Judas pressupõem que os destinatários fazem parte de um corpo que tem a verdade em si mesmo com base na revelação de Deus. 1 Timóteo 3:15 pode incluir um desafio para uma igreja (ser coluna e fundamento da verdade), mas o fato de que Paulo pode falar de tal possibilidade demonstra que Deus tem esta expectativa para uma igreja local: que ela vai se apegar firmemente à verdade conforme entregue de uma vez por todas na Palavra de Deus.

Ao participar do movimento ecumênico, os vários membros confessam implicitamente que não estão promovendo o evangelho plenamente como pretendido por Deus no Novo Testamento e, de alguma forma, esperam que a verdade seja estabelecida por consenso dentro do movimento e seu diálogo. Essa admissão implícita lança dúvidas sobre a legitimidade do movimento e sobre aqueles que o compõem.

O ecumenismo também é marcado, mesmo desde sua origem, pelo desejo de colaborar nos movimentos de reforma social e no trabalho missionário (Jeffrey Gros et al, *“Introduction to Ecumenism”*, p. 87, 109, 136). De fato, o ecumenismo tenta trabalhar com base em áreas de acordo e minimiza áreas de desacordo. Esse tipo de metodologia, embora compreensível considerando a tarefa que está sendo tentada, deve ser avaliada. O patrocínio da igreja para sociedades missionárias, hospitais, centros de educação e outros, não têm autoridade bíblica. A função da igreja não é impulsionar reformas sociais, mas a promoção do evangelho e a edificação de si mesma no amor (Efésios 4:16). Se todos esses grupos estiverem agindo individualmente fora da autoridade de Deus para a igreja, será que podem realmente representar coletivamente o fundamento e coluna da verdade? Claro que não.

A unidade não pode ser estabelecida com base em acordo sobre certas práticas ou em colaboração em obras determinadas. A unidade somente pode ser estabelecida pela realidade da caminhada compartilhada à luz de Jesus Cristo e pela associação com ele (1 João 1:5-7). Se um dado grupo ou pessoas não tem associação com Cristo, como podem aqueles que se associam com Cristo ter associação com tal grupo? Isso representa a principal preocupação com as metas e metodologias secundárias do ecumenismo.

3.2.5. CONCEITUAÇÕES ECUMÊNICAS DA IGREJA

O ecumenismo, por sua própria confissão, representa uma maneira “nova e mais sofisticada” de tentar unificar partes diferentes da “cristandade”: tentativas anteriores de restaurar o cristianismo do Novo Testamento, movimentos de unidade, esforços unitários por várias denominações, etc., foram descartados em uma tentativa para promover a unidade por meio do que é conhecido como “companheirismo *koinonia*” (Jeffrey Gros et al,

“Introduction to Ecumenism”, p. 236, 240). *Koinonia* é o termo grego para companheirismo ou associação. O ecumenismo repudiou uma forma de unidade do estilo “fusão institucional”, a qual busca um dia ter apenas uma igreja com uma estrutura com várias congregações (Jeffrey Gros et al, *“Introduction to Ecumenism”, p. 236*). Uma vez que a unidade não é vista em termos de fusão, é vista em termos de manter a associação uns com os outros em vários esforços colaborativos e diálogo (Jeffrey Gros et al, *“Introduction to Ecumenism”, p. 58, 240*). É bíblicamente racionalizado apelando para o exemplo do conselho de Jerusalém de Atos 15:4-29, o qual é acreditado como representando essa *koinonia* de “elementos cristãos díspares” (Jeffrey Gros et al, *“Introduction to Ecumenism”, pp. 10-11*).

A perspectiva ecumênica sobre as relações interdenominacionais é inteiramente uma coisa nova, diametralmente oposta às perspectivas históricas de muitas das denominações envolvidas. Para racionalizar e justificar essa perspectiva, o ecumenismo postula uma compreensão diferente da natureza da “igreja universal”. A “igreja universal”, ou a “igreja de Cristo” de acordo com o ecumenismo, representa todos aqueles que creem em Cristo em todas essas denominações, com unidade na base da fé e do batismo, mesmo que os seus membros discordem dos detalhes da fé e do batismo (Jeffrey Gros et al, *“Introduction to Ecumenism”, p. 37*). Nesse modelo, as diferentes denominações são consideradas sinônimas com as igrejas locais do Novo Testamento: Corinto, digamos, seria como uma denominação pentecostal, enquanto Roma poderia representar o catolicismo romano e os filipenses, o luteranismo. De acordo com essa maneira de pensar, assim como essas igrejas locais individuais eram partes da igreja maior, então várias denominações são partes da igreja maior (Jeffrey Gros et al, *“Introduction to Ecumenism”, pp. 10-11*). Essa visão tenta encontrar legitimidade ao apelar para uma suposta diversidade de teologia, prática e organização da igreja no Novo Testamento (Jeffrey Gros et al, *“Introduction to Ecumenism”, p. 120*). Assim, acredita-se que o movimento ecumênico representaria com exatidão a igreja no Novo Testamento.

Não há dúvida de que o Novo Testamento revela uma variedade de crenças e práticas dentro das várias igrejas. A maior proporção dessa variedade, no entanto, não estava de acordo com as intenções de Deus para a igreja!

Quanto à organização da igreja, lemos o seguinte em Atos 14:23 e Tito 1:5:

Paulo e Barnabé designaram-lhes presbíteros em cada igreja; tendo orado e jejuado, eles os encomendaram ao Senhor, em quem haviam confiado. (Atos 14:23, *“Nova Versão Internacional”*).

A razão de tê-lo deixado em Creta foi para que você pusesse em ordem o que ainda faltava e constituísse presbíteros em cada cidade, como eu o instruí. (Tito 1:5, *“Nova Versão Internacional”*).

Outras diretrizes relativas aos presbíteros/bispos/pastores são encontradas em 1 Timóteo 3:1-8; Tito 1:6-7; 1 Pedro 5:1-4. Os presbíteros estão presentes em Jerusalém, Filipos e Éfeso (Atos 11:30; 20:17-38; Filipenses 1:1). Nenhum outro sistema de governança é divinamente aprovado no Novo Testamento. A ausência de menção de presbíteros em outras congregações é uma indicação de que não havia homens qualificados o suficiente para a tarefa do presbitério, e não que havia um sistema de governança intencionalmente diferente.

Quanto à instrução e à verdade, o seguinte é registrado em Gálatas 1:6-9 e 1 Coríntios 4:17:

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado! (Gálatas 1:6-9, *“Nova Versão Internacional”*).

Por essa razão estou lhes enviando Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor, o qual lhes trará à lembrança a minha maneira de viver em Cristo Jesus, de acordo com o que eu ensino por toda parte, em todas as igrejas. (1 Coríntios 4:17, *“Nova Versão Internacional”*).

Esses versículos indicam que, dentro das igrejas do Novo Testamento, havia a expectativa de que o mesmo evangelho e a mesma mensagem fossem promovidos e ensinados em todas as igrejas. Um cristão poderia viajar para Roma ou Éfeso ou Antioquia e ouvir a mesma mensagem sendo ensinada. Se uma mensagem diferente fosse

ensinada, tal era considerada um “anátema” – uma coisa maldita! Não se pode ir a uma igreja católica romana, uma igreja luterana e uma igreja presbiteriana e esperar ouvir o mesmo evangelho ensinado, pois os diferentes grupos acreditam em coisas muito diferentes em relação a muitos assuntos da fé.

Atos 15:4-29 e Romanos 14:1-15:3 representam os pilares da posição ecumênica, mas os textos não refletem a posição atual do movimento ecumênico. Sim, Atos 15:4-29 representa uma reunião do conselho para decidir sobre uma disputa a respeito da circuncisão, mas foi hospedada pela congregação que foi a fonte do problema, chegando a uma visão de consenso baseada em uma compreensão mútua das Escrituras e sobre eventos recentes, selados pelo Espírito Santo. Além disso, a decisão foi considerada normativa para todas as igrejas. O conselho não pressupõe a legitimidade de ambos os pontos de vista, nem presumiu que aqueles que eram do partido “judaiizante” realmente representavam irmãos legítimos em Cristo (conforme Gálatas 2:4). Na verdade, aqueles que promoveram a visão judaizante são declarados como anátema por Paulo em Gálatas 1:6-9!

Romanos 14:1-15:3 representa um texto tentando resolver disputas sobre questões de nenhuma consequência para a doutrina de Deus que ameaçavam dividir irmãos em Cristo. A conclusão esperada não era que existissem igrejas diferentes, mas que os irmãos devessem manter a associação um com o outro, permanecer em uma igreja unificada, e não colocar nenhuma pedra de tropeço para escandalizar irmãos mais fracos na fé quanto a determinadas coisas. Devem ser feitos sacrifícios para estabelecer uma unidade verdadeira e concreta, mas dentro da Palavra de Deus, e não um evento simbólico que envolve participação limitada enquanto os grupos envolvidos permanecem como entidades separadas!

O que devemos dizer sobre essas coisas? O Novo Testamento revela que há apenas uma igreja (Efésios 4:4-5) e que os membros vivos dessa igreja, idealmente, também constituem os corpos locais dos cristãos responsáveis uns pelos outros e que se reúnem para edificar uns aos outros (Hebreus 10:24-25; 1 Pedro 5:1-4). Esses cristãos devem estar unidos na mesma mente e julgamento, acreditando no mesmo evangelho e ensinando as mesmas coisas em cada igreja (1 Coríntios 4:7; Gálatas 1:6-9; 1 Coríntios 1:10; 1 João 1:6-7). O desvio desse padrão não é aceitável ou tolerado. A perspectiva ecumênica na igreja não é fundamentada nas Escrituras.

3.2.6. UNIDADE NA DIVERSIDADE

Talvez a maior característica do movimento ecumênico seja representada pelo conceito de “unidade na diversidade”. Embora o objetivo final do ecumenismo seja a unidade de todos os seus membros em todos os assuntos de fé e doutrina, é altamente improvável que isso seja realizado. Em vez disso, na prática, uma diversidade de tradições teológicas está sendo vista como aceitável, e os vários membros constituintes podem trabalhar juntos, apesar do desacordo significativo em vários assuntos de fé e prática. A tolerância para o que é percebido como os “dons diversos do Espírito”, na prática, acaba se tornando obrigatória (*Jeffrey Gros et al, “Introduction to Ecumenism”, p. 67, 124, 244-245*). O apelo é que essa unidade é possível por causa do acordo sobre os assuntos chamados “essenciais” – a natureza trinitária de Deus, a compreensão “calcedoniana” de Jesus, a prática de muitas das mesmas atividades, entre outras – e que muitos dos problemas de desacordo são questões “não essenciais” que devem ser deixadas para a liberdade (*Jeffrey Gros et al, “Introduction to Ecumenism”, p. 97*). Será que isso reflete as expectativas de Deus no Novo Testamento?

Devemos notar que existe uma expectativa de algum nível de diversidade dentro da igreja. A diversidade racial, étnica, cultural e nacional é assumida (Gálatas 3:28; Colossenses 3:11; Apocalipse 7:9). Diferenças entre os membros individuais em termos de experiências e talentos também são esperadas (1 Coríntios 12:12-28). De fato, existem questões de liberdade nas Escrituras, como questões de “comida e bebida”, sendo que os princípios podem permitir práticas divergentes em alguns casos (Romanos 14:17).

Se os assuntos envolvidos com o movimento ecumênico refletissem questões de opinião como “comida e bebida”, não teríamos nenhuma base de desacordo com a visão de “unidade na diversidade”. Porém, a visão ecumênica da “unidade na diversidade”, por necessidade, não se correlaciona com o que é apresentado em Romanos 14:1-15:3, uma vez que as questões de desacordo entre os vários corpos envolvem questões de consequências muito maiores do que meros “alimentos e bebidas”. As diferenças entre os vários grupos incluem, mas não são limitadas a: batismo infantil versus batismo adulto; batismo como aspersão, derramamento ou imersão; a função do batismo; a natureza dos elementos da Ceia do Senhor; bispado, presbitério ou organização da igreja congregacional; a legitimidade ou a ausência de papado em Roma; compreensão dos papéis das Escrituras e

da tradição; o papel da autoridade petrina; o status de homossexuais diante de Deus; preordenação versus livre arbítrio; entre muitas outras. Quem, honestamente, pode considerar essas questões como se fossem “comida e bebida” e não questões de “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14:17)? Quando reconhecemos que aquele que ensina que alguém tem que ser circuncidado para ser salvo é considerado maldito (Gálatas 1:6-9), que aquele que aderir à filosofia mundana viola a vontade de Deus (Colossenses 2:8) e que aqueles que colocam pedras de tropeço aos cristãos devem ser notados e evitados (Romanos 16:16-17; 2 Tessalonicenses 3:16-17), considerando os graves problemas de desacordo entre as “diferentes fés”, como podemos dizer que podemos manter a associação, apesar das grandes diferenças de crenças e práticas?

A realidade é que isso representa o coração da questão do ecumenismo: os limites da *koinonia* ou da associação. Os ecumênicos afirmam que quaisquer atitudes exclusivistas são pecaminosas e inerentemente divisórias. Porém, o que as Escrituras indicam sobre os limites da associação?

Podemos ler o seguinte em 1 João 1:5-7:

Esta é a mensagem que dele ouvimos e transmitimos a vocês: Deus é luz; nele não há treva alguma. Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. (1 João 1:5-7, “Nova Versão Internacional”).

Podemos constatar claramente que a associação deve ser baseada em uma caminhada compartilhada com o Senhor. Somente é possível andar com o Senhor quando se cumpre seus mandamentos e quando se caminha nos caminhos que ele andou (1 João 2:3-6). Aqueles que não andam assim caminham na escuridão, e não se deve ter comunhão com pessoas que estão na escuridão.

Se Deus ordena para aqueles que querem ser seus obedientes servos que sejam imersos em água para a remissão de seus pecados (Atos 2:38; Romanos 6:3-7), que vivam em fé obediente (Romanos 1:5; Tiago 2:14-26), que se reúnam com outros cristãos em uma congregação local (Hebreus 10:24-25; Filipenses 1:1), que andem pelo Espírito e não pela carne (Gálatas 5:17-24) e que preguem o verdadeiro evangelho (Romanos 1:16-17; Gálatas 1:6-9), mas há pessoas que se dizem cristãs e que não fazem algumas ou todas essas coisas, em que base pode haver comunhão? Será que todos aqueles que professam Cristo serão salvos? Não, de acordo com Mateus 7:21-23:

Nem todo aquele que me diz: “Senhor, Senhor”, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: “Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?” Então eu lhes direi claramente: “Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!” (Mateus 7:21-23, “Nova Versão Internacional”).

A questão da associação adequada é uma questão difícil. Deus é o juiz final, e ele é o único que realmente sabe quem é dele (Tiago 4:12). No entanto, os cristãos são chamados a testar os espíritos e a julgar aqueles que estão em Cristo (1 Coríntios 5; 1 João 4:1). Seremos responsáveis pelas decisões que tomamos com a nossa associação, seja ela muito ampla ou demasiadamente restritiva. Se a nossa associação for muito ampla, podemos dar a falsa impressão de uma caminhada compartilhada com o Senhor, mas podemos desobedecer a comandos divinos (Romanos 16:16-17). Se a nossa associação for muito restrita, não estaremos edificando como deveríamos (Hebreus 10:24-25).

Enquanto estiver do jeito que está agora, o compromisso ecumênico não é bíblicamente sustentável. Embora possa haver tolerância a algumas formas de diversidade, o Novo Testamento deixa claro que o evangelho, a justiça, a alegria e a paz no Espírito Santo não estão sujeitos ao liberalismo (Gálatas 1:6-9; Romanos 14:17). Espera-se que a associação de cristãos seja significativa, envolvendo participação conjunta em questões de fé, não gestos simbólicos com estruturas separadas.

A oração de unidade expressada por Jesus representa a principal inspiração para o ecumenismo, particularmente em João 17:20-21:

Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. (*João 17:20-21, “Nova Versão Internacional”*).

Essa é uma passagem maravilhosa e uma mensagem de esperança. Observe a base da unidade: os cristãos serão todos um, mas devem ser um como o Pai e o Filho são um. O Pai e o Filho não estão em desacordo sobre a natureza do batismo ou sobre a natureza da predestinação. A doutrina é a mesma. A unidade cristã deve ser mais do que profunda, como 1 Coríntios 1:10 e Filipenses 2:1-2 indicam:

Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês; antes, que todos estejam unidos num só pensamento e num só parecer. (*1 Coríntios 1:10, “Nova Versão Internacional”*).

Se por estarmos em Cristo nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma profunda afeição e compaixão, completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude. (*Filipenses 2:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

A participação/associação conjunta é uma ilusão se não houver um acordo substantivo e unidade entre aqueles que trabalham juntos. Não encontraremos essa unidade no meio de um movimento tentando reconciliar denominações com séculos de bagagem tradicional. Somente podemos encontrar essa unidade ao retornar ao padrão de fé e prática como demonstrado no Novo Testamento, a base da nossa fé e julgamento compartilhados. A unidade é um desejo nobre, mas a verdade em Cristo nunca deve ser sacrificada por causa de unidade superficial (*Gálatas 1:6-9; 1 Timóteo 3:15*).

3.3. FUNDAMENTALISMO

O fundamentalismo representa um movimento dentro do evangelicalismo que começou no final do século dezanove e no início do século vinte como uma reação a duas forças que tentaram minar a credibilidade da Bíblia: a “crítica alta” do texto bíblico prevalente no protestantismo liberal e o desenvolvimento da teoria evolucionista na ciência. Muitos evangélicos começaram a proclamar a necessidade de estabelecer e defender os fundamentos da fé contra esses pontos de vista (*Olson, Roger, “Pocket History of Evangelical Theology”, pp. 85-88*). O fundamentalismo era equivalente ao evangelicalismo por volta dos anos 1920 d.C. até em torno do início dos anos 1940 d.C., durante o ponto mais alto da popularidade e presença do fundamentalismo (*Olson, Roger, “Pocket History of Evangelical Theology”, pp. 85-88*).

A crescente oposição secular ao fundamentalismo levou muitos dentro do movimento a desejar se retirar da sociedade. Essa tendência levou muitos evangélicos a se separarem dos fundamentalistas (*Olson, Roger, “Pocket History of Evangelical Theology”, pp. 88-90*). O fundamentalismo é marcado por uma defesa apaixonada de tudo o que é percebido como envolvendo os “fundamentos” da fé, incluindo a Trindade, a encarnação e o nascimento virginal, a morte, o enterro e a ressurreição de Jesus, e a narrativa da criação em Gênesis. Os fundamentalistas também mantêm a visão da inerrância das Escrituras. Enquanto muitos grupos diferentes de professos cristãos e denominações concordam com os fundamentalistas em muitas questões, tendências anti-intelectuais, antissociais e reacionárias frequentemente encontradas no fundamentalismo o caracterizam como um subconjunto específico do evangelicalismo (*Olson, Roger, “Pocket History of Evangelical Theology”, pp. 100-101*).

3.3.1. ORIGENS E HISTÓRIA

O fundamentalismo se desenvolveu dentro do evangelicalismo, como observado acima, como uma reação aos ataques à credibilidade da Bíblia pelo protestantismo liberal e pela comunidade científica. A Conferência da Bíblia de Niágara de 1878 d.C. estabeleceu um credo de crenças semelhantes aos conceitos fundamentalistas. Por volta dos anos 1910 d.C., livros começaram a ser dispersos em relação aos “fundamentos”, e esse nome acabaria por se unir a todo o movimento (*Olson, Roger, “Pocket History of Evangelical Theology”, pp. 85*). O termo (e o movimento) ganhou grande popularidade por volta dos anos 1920 d.C. e, nesse momento, o evangelicalismo e o fundamentalismo não eram sinônimos (*Olson, Roger, “Pocket History of Evangelical Theology”, p. 86*).

Essa popularidade não duraria muito. O “julgamento do macaco” de Scopes de 1925 d.C., referente ao ensino da evolução nas escolas americanas, foi uma vitória muito custosa para os fundamentalistas. Apesar de eles

terem vencido no julgamento, perderam credibilidade aos olhos de muitos americanos (Olson, Roger, *“Pocket History of Evangelical Theology”*, p. 86). Muitos defensores do fundamentalismo começaram a se unir em defesa de suas visões, declarar o pré-milenarismo dispensacional como um dos “fundamentos” da fé, e promover sua retirada da sociedade em geral (Olson, Roger, *“Pocket History of Evangelical Theology”*, p. 88). Essas tendências, juntamente com as preocupações com o anti-intelectualismo e a definição de inerrância predominante entre muitos fundamentalistas, levaram à separação daqueles que seriam considerados “evangélicos pós-fundamentalistas” dos evangélicos fundamentalistas em torno dos anos 1940 d.C. (Olson, Roger, *“Pocket History of Evangelical Theology”*, p. 90). Desse ponto em diante, enquanto a maioria dos fundamentalistas continuaria sendo evangélica, nem todos os evangélicos, e nem a maioria deles, poderiam ser considerados parte integrante do fundamentalismo.

O fundamentalismo continuou a existir como um subconjunto do evangelicalismo. O movimento ainda é marcado por um foco naquilo que se considera como “fundamentos”, a política de direita e uma mentalidade de “nação cristã”, a suspeita de todas as coisas intelectuais, pontos de vista pré-milenaristas dispensacionais e, muitas vezes, um zelo reacionário.

3.3.2. QUEM SÃO OS FUNDAMENTALISTAS?

Assim como com o termo “evangélico”, o termo “fundamentalista” é frequentemente usado, e mal utilizado, nas discussões religiosas hoje. É importante entender os significados do termo e como vamos defini-lo para os propósitos deste estudo.

Uma definição do fundamentalismo que é bastante popular na mídia moderna de hoje refere-se a qualquer, ou a todos os grupos, que reagem ao modernismo de forma militante. Nessa luz, os jihadistas islâmicos modernos são descritos como “fundamentalistas islâmicos”, sendo que muitas comparações inúteis muitas vezes são feitas entre essas pessoas e o “fundamentalismo cristão”. A segunda definição de fundamentalismo envolve a reação protestante conservadora ao surgimento do protestantismo liberal no final do século dezenove e início do século vinte. Uma terceira definição, distinta da segunda menos por crença e mais por humor, representa um movimento separatista estrito e mais militante no protestantismo evangélico conservador emergente no início do século vinte, depois que grandes denominações protestantes abraçaram muitos aspectos do ecumenismo protestante liberal (Olson, Roger, *“Pocket History of Evangelical Theology”*, pp. 83-84). Com base na segunda definição, muitas vezes o termo “fundamentalista” também se refere a qualquer evangélico, ou a quem acredita nas doutrinas fundamentais da fé cristã.

Podemos constatar, portanto, que embora o termo “fundamentalista” possa ser entendido de forma bastante ampla, de modo a incluir todos os “cristãos conservadores”, essa designação pode muitas vezes ser enganosa. Para os propósitos deste estudo, vamos nos concentrar em usar a segunda e a terceira definições do fundamentalismo, falando do movimento no evangelicalismo que existe desde o início do século vinte.

3.3.3. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS

O fundamentalismo, especialmente em sua permutação moderna, tende a ser encontrado em indivíduos e em congregações individuais de muitas denominações. Há também muitas igrejas fundamentalistas independentes em todo o país. As denominações que possuem algumas facções fundamentalistas incluem os batistas, alguns grupos wesleyanos e muitas igrejas pentecostais. Pode haver alguns grupos fundamentalistas em outras denominações protestantes, mas seus números seriam muito menores.

O fundamentalismo, como se observou, é um subconjunto do evangelicalismo. Algumas tendências fundamentalistas podem ser encontradas também em algumas igrejas comunitárias e igrejas domésticas.

3.3.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Tal como acontece com muitas questões no meio fundamentalista, há algum grau de desacordo sobre a maioria dos assuntos listados abaixo. Eles são fornecidos como um guia geral para a compreensão.

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação; o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);
- [Calvinismo](#): o erro do sistema de interpretação [TULIP](#);
- [Batistas](#): o erro em crer que [uma vez salvo, sempre salvo](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [dispensacionalismo](#) e do [pré-milenarismo](#);
- [Pentecostalismo/movimento carismático](#): o alegado “[batismo do Espírito Santo](#)” não é o batismo do Espírito Santo encontrado no Novo Testamento; o alegado “[falar em línguas](#)” (glossolalia) não é o dom de línguas encontrado no Novo Testamento.

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); erro em obrigar o [batismo apenas em água corrente](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Páscoa](#); equívoco em [proibir a observância do Natal](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#) e o [Credo Niceno](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#); ausência do entendimento de que [o batismo do Espírito Santo não é mais concedido](#); ausência do entendimento de

que [os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos](#); ausência do entendimento de que [o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete](#); ausência do entendimento de que [os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras](#); ausência de [cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”](#).

3.3.5. AS TENDÊNCIAS REACIONÁRIAS FUNDAMENTALISTAS

Como constatamos, o fundamentalismo representa um movimento reacionário contra as tendências liberais no protestantismo. Embora haja muito que se concorde com ênfase sobre os “fundamentos” da fé, sempre há uma preocupação em ir longe demais quando um grupo está reagindo a eventos em outros grupos. A maioria das preocupações que existem em relação ao fundamentalismo, de fato, giram em torno de algumas reações exageradas que afligiram o movimento.

Uma dessas reações excessivas foi observada anteriormente: à medida que o movimento fundamentalista se desenvolveu, o pré-milenarismo dispensacional foi adicionado à lista de doutrinas “fundamentais”. Qualquer “lista” ou declaração de credos é automaticamente suspeita. No entanto, não somente o pré-milenarismo dispensacional não é um aspecto “fundamental” da fé, mas também representa um falso sistema de crenças que não é consistente com uma compreensão completa da escatologia bíblica. Entesourar o pré-milenarismo dispensacional como um “fundamento” da fé demonstra uma instância em que uma tradição de homens é elevada a um nível impróprio.

Outro exemplo desse tipo de reação excessiva é notado no sistema de crenças de muitos fundamentalistas em relação à mulher e ao vestuário. Com base na proibição do Antigo Testamento de homens vestirem roupas de mulheres e vice-versa em Deuteronômio 22:5, muitos fundamentalistas acreditam que é pecaminoso para uma mulher usar calças. Certamente, não é pecado que uma mulher evite usar calças se ela estiver preocupada em se parecer com um homem. Por outro lado, ter essa visão e impô-la como regra representa uma instância em que uma tradição cultural de um certo tempo é consagrada como uma doutrina de Deus sem qualquer base bíblica. A roupa masculina do século dezesesseis parece feminina ou afeminada hoje. Da mesma forma, nem homens nem mulheres usavam calças nos tempos de Paulo. De qualquer forma, tal é uma proscrição do Antigo Testamento. Enquanto se pode querer se vestir de forma a evitar se parecer com o sexo oposto com base em Romanos 1:26-27 e 1 Coríntios 6:9-10, não podemos estabelecer o que foi estabelecido em Deuteronômio como obrigatório hoje aos cristãos (Efésios 2:11-18; Colossenses 2:14-17). Se é culturalmente aceitável para as mulheres usarem calças femininas e não há percepção de que, ao fazê-lo, elas se pareçam com homens, não é apropriado obrigar uma tradição de cinquenta a cem anos antes do presente como se fosse doutrina do Senhor.

Nem todos os fundamentalistas praticam tais coisas, mas a maioria daqueles que as praticam podem ser classificados como fundamentalistas. Tais pontos de vista e doutrinas demonstram o obstáculo inerente aos movimentos reacionários: muitas vezes vão além do que está escrito (conforme 2 João 1:9). Isso é uma armadilha que deve ser evitada!

3.3.6. VERSÃO KING JAMES APENAS

Outra manifestação dessa tendência reacionária dentro do fundamentalismo é vista com a forte preferência pela versão King James da Bíblia. Embora nem todos os fundamentalistas se apeguem a isso, a maioria daqueles que promovem a versão King James como a única versão bíblica confiável são fundamentalistas. Essa preferência retrata um espectro de pontos de vista favorecendo a versão King James sobre todas e quaisquer outras versões da Bíblia. Nos casos “mais leves”, a pessoa simplesmente prefere a versão King James a outras versões. Outros acreditam que o *textus receptus* (texto recebido), o texto grego sobre o qual a versão King James foi traduzida, foi de fato inspirado por Deus. Alguns chegam a dizer que a própria versão King James é a palavra inspirada de Deus e que quaisquer alterações em relação a essa versão são consideradas como anátema.

Tal visão foi promovida enquanto o fundamentalismo existiu, desde que Westcott e Hort obtiveram um texto grego baseado nos manuscritos mais antigos do Novo Testamento no século dezenove. Esses manuscritos – a base das traduções e versões modernas – diferiram do *textus receptus* de muitas maneiras. Como Westcott e Hort eram ambos cientistas associados ao protestantismo liberal, os fundamentalistas desconfiaram automaticamente de

suas atividades. Muitos fundamentalistas não fizeram distinção entre as formas de crítica textual alta e baixa e consideraram o esforço para apresentar o texto bíblico representado por testemunhas mais antigas como equivalente à crítica literária que tentava minar a fé no texto bíblico. Alguns começaram a defender a versão King James e sua base de texto, o *textus receptus*, fortemente contra a American Standard Version e versões posteriores com base nesses manuscritos mais antigos.

Os defensores da forte preferência pela versão King James, muitas vezes, apontam para diversas passagens do Novo Testamento como estão escritas na versão King James e as comparam com as traduções modernas, notam vários contrastes e, então, acusam os tradutores das versões modernas de denegrir a divindade de Jesus, negar sua expiação substitutiva, ou distorcer alguma outra doutrina. Eles alegam que o nome de Deus é removido milhares de vezes da Bíblia. Muitas outras alegações graves são feitas na tentativa de demonstrar a legitimidade da versão King James sobre as versões mais modernas.

A dificuldade por trás de todos os argumentos feitos por aqueles que promovem a versão King James como a correta é que eles usam a versão King James ou o *textus receptus* como o padrão de julgamento. Obviamente, se a versão King James ou o *textus receptus* forem os padrões pelo qual todas as outras versões serão julgadas, todas ficarão aquém. A questão é: a versão King James ou o *textus receptus* podem ser considerados como o padrão de julgamento?

Desiderius Erasmus, ou Erasmo de Roterdã, o editor do *textus receptus*, não considerou que ele próprio, ou que seu texto, fossem inspirados. Os membros do comitê de tradução da versão King James não alegaram que eles, ou sua tradução, foram inspirados. Na verdade, tanto Erasmo como os tradutores da versão King James usaram muitos dos mesmos métodos textuais e críticos de tradução que os estudiosos modernos usam. Além disso, a versão King James foi “autorizada” não por Deus, mas pelo rei da Inglaterra!

O que, então, deve ser o padrão? Em 2 Timóteo 3:15-17, Paulo estabelece que toda a Escritura é inspirada. Pedro fala de homens que falaram como foram movidos pelo Espírito Santo em 2 Pedro 1:21. Não temos dúvida, com base nessas passagens, que os textos originais do Novo Testamento foram inspirados. Não há nenhuma indicação de que as variações, alterações ou erros posteriores que surgiram durante o processo de transmissão também sejam “inspirados”. A versão King James e o *textus receptus*, ou as versões modernas, ou os textos gregos usados como base de tradução do Novo Testamento, não representam o padrão de julgamento: os textos originais deveriam representar o padrão de julgamento.

Infelizmente, não possuímos os textos originais do Novo Testamento. É por isso que os críticos textuais procuram usar os manuscritos mais antigos e em melhores condições: eles tentam reproduzir os textos de forma a serem tão próximos dos textos originais quanto possível. Esse é o processo de crítica textual, ou crítica baixa.

Dessa forma, a maioria dos argumentos feitos por aqueles que consideram apenas a versão King James como correta são insustentáveis: as traduções modernas de equivalência funcional não “mudam” a Bíblia, elas nos aproximam do texto original! Se usarmos a lógica das “mudanças”, a versão King James representa o texto com mais “mudanças” da Bíblia!

Da mesma forma, a acusação de que as versões modernas tentam subverter várias doutrinas é simplesmente insustentável. As versões modernas, em passagens apropriadas, afirmam a divindade de Cristo, a expiação substitutiva de Cristo e todas as outras verdades apropriadas do evangelho. Apenas porque certos outros versos são lidos de forma diferente não significa que seus tradutores estão negando doutrinas fundamentais.

É necessário escrever um livro inteiro apenas para analisar sistematicamente todos os argumentos daqueles que propõem que apenas a versão King James pode ser considerada. Para o propósito deste estudo, basta observar que esse apego à versão King James representa outra tendência reacionária no movimento fundamentalista. Em parte, a colocação da versão King James em um pedestal representa uma suspeita sobre qualquer esforço intelectual: a crítica textual (crítica baixa) acaba sendo culpada por associação com a crítica literária (crítica alta), mesmo que as duas nem sequer se encontrem. Essa atitude de promover apenas a versão King James também representa consagrar uma tradição muito posterior à época apostólica – nesse contexto, uma tradução inglesa do século dezessete da Bíblia – como ela mesma sendo fundamental, embora não haja base bíblica para essa visão. Finalmente, também representa uma tentativa de resolver um enigma teológico de forma independente do que a

realidade pode estar mostrando: muitos fundamentalistas não querem imaginar que a Palavra de Deus tenha sido alterada no menor detalhe possível e, portanto, é mais fácil considerar a versão King James inspirada do que acreditar que variações penetraram no texto e que a crítica textual é necessária para fornecer um texto intimamente relacionado com o Novo Testamento original.

Há vezes em que há boas razões para discordar de uma determinada decisão de crítica textual, ou para favorecer uma outra maneira de traduzir uma determinada passagem bíblica. Tal representa uma discussão natural que ocorre nas comunidades de críticas textual e de tradução, o que deve envolver os cristãos sempre que possível. Tais discussões, no entanto, não dão justificativa para elevar uma tradução específica como “Palavra de Deus inspirada” acima de qualquer outra tradução. Traduções são obra dos homens. Apesar de serem bastante exatas em nossos dias, todas elas têm seus pontos fortes e fracos. Qualquer tradução da Bíblia pode levar uma pessoa a uma compreensão suficiente da fé para salvação. Há muitos recursos disponíveis e suficientes para ajudar qualquer cristão que busque entender quaisquer dificuldades presentes na Bíblia, assim como este estudo se propõe a fazer.

Não há problema em alguém preferir a versão King James como uma tradução preferida. Por outro lado, também é importante não alegar falso testemunho em relação a Deus ao se afirmar que ele inspirou algo que ele não inspirou, e elevar uma tradução ou versão como autoritativa quando Deus não nos deu nenhum motivo para fazer isso. É importante evitar a reação exagerada e acabar em outro tipo de erro (conforme 2 João 1:9-10).

3.4. O MOVIMENTO DA IGREJA COMUNITÁRIA

O movimento da igreja comunitária se origina no início do século vinte como uma tentativa altamente evangélica de realizar o ecumenismo prático: grupos de cristãos que deixam o denominacionalismo e se envolvem em um “cristianismo não denominacional”. O movimento tenta apoiar igrejas comunitárias em muitos locais. As igrejas comunitárias são difíceis de caracterizar, uma vez que cada congregação representa uma dinâmica diferente e, talvez, diferentes ênfases doutrinárias. Independentemente disso, enquanto as igrejas comunitárias são “não denominacionais”, as doutrinas adotadas tendem a ser consistentes com os ensinamentos denominacionais combinados.

3.4.1. ORIGENS E HISTÓRIA

As mais antigas origens do movimento da igreja comunitária provavelmente se encontram no século dezanove e nas preocupações práticas de muitas pequenas comunidades americanas: não havia membros suficientes de denominações individuais para cada uma ter uma congregação, e muitas vezes esses protestantes se uniram para estabelecer um tipo de igreja comunitária.

O movimento da igreja comunitária começou no início do século vinte ao lado do ecumenismo, representando uma tentativa de aspirar ao ideal ecumênico: professos cristãos, principalmente protestantes e evangélicos, saindo de denominações e sendo unificados em um conceito de igreja comunitária.

As igrejas comunitárias são agora bastante populares, existindo em quase todas as comunidades na América.

3.4.2. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS

Uma vez que o movimento da igreja comunitária é, genericamente, um casamento do evangelicalismo e do ecumenismo, as igrejas comunitárias se esforçam para serem não denominacionais ou mesmo pós-denominacionais. Independentemente disso, a maioria de seus membros vêm do “mundo evangélico” ou das “denominações evangélicas”, e a doutrina segue de acordo.

Há um corpo que representa uma organização de várias igrejas comunitárias, o Conselho Internacional de Igrejas Comunitárias. No entanto, de modo algum todas as igrejas comunitárias são afiliadas a esse conselho.

3.4.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Uma vez que as igrejas comunitárias são extremamente diversas, é impossível fazer caracterizações inteiramente exatas de qualquer congregação individual. A lista abaixo representa uma gama provável de questões consistentes com igrejas comunitárias.

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação; o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);
- [Calvinismo](#): o erro do sistema de interpretação [TULIP](#) (o sistema é contestado dentro do movimento);
- [Batistas](#): o erro em crer que [uma vez salvo, sempre salvo](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [dispensacionalismo](#) e do [pré-milenarismo](#);
- [Pentecostalismo/movimento carismático](#): o alegado “[batismo do Espírito Santo](#)” não é o batismo do Espírito Santo encontrado no Novo Testamento; o alegado “[falar em línguas](#)” (glossolalia) não é o dom de línguas encontrado no Novo Testamento.

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Ecumenismo](#);
- [Fundamentalismo](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Páscoa](#); equívoco em [proibir a observância do Natal](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#) e o [Credo Niceno](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;

- Práticas judaicas: equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à Lei de Moisés, incluindo os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos;
- A Ceia do Senhor: erro em utilizar pão com fermento e vinho alcoólico; erro na frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada;
- Posições de autoridade: entendimento errado sobre quem são pastores e sobre diáconos; erro na permissão de diáconos sem presbíteros na igreja; erro na permissão de pastoras, diaconisas e evangelistas femininas na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de ordenação; equívoco sobre a necessidade da realização de sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas;
- Dons espirituais milagrosos: ausência do entendimento de que sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus; ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa; ausência do entendimento de que o batismo do Espírito Santo não é mais concedido; ausência do entendimento de que os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos; ausência do entendimento de que o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete; ausência do entendimento de que os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras; ausência de cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”.

3.5. O MOVIMENTO DA IGREJA DOMÉSTICA

Os cristãos se reuniram em casas desde o início do cristianismo. O movimento da igreja doméstica começou por volta dos anos 1960 d.C. como uma tentativa de reforma da estrutura da igreja que costumava ser praticada em quase todas as denominações da época. Seus seguidores tentam retornar às normas do Novo Testamento e acreditam que as igrejas domésticas representam uma maneira superior de alcançar os objetivos da igreja de acordo com o Novo Testamento. Os grupos dentro do movimento da igreja doméstica são conhecidos por redes, vários estandes doutrinários, uma influência carismática e vários modelos e padrões de suas próprias práticas particulares de igreja. Embora não haja dificuldade bíblica inerente às reuniões de cristãos em domicílios, a teologia do movimento da igreja doméstica, juntamente com a compreensão de o que é a igreja, as reuniões e a Ceia do Senhor, caracterizam esse movimento como um movimento próprio a ser considerado.

3.5.1. ORIGENS E HISTÓRIA

Como afirmado antes, os cristãos sempre se reuniram em casas. Muitos grupos fizeram isso em tempos de perseguição ou quando não era prático usar outro local. Como constataremos, durante toda a maior parte daquela época, não havia uma “teologia de igreja doméstica” propriamente dita: os cristãos simplesmente se encontraram em casas quando necessário ou desejável, mas não atribuíam muita importância a isso.

Começando por volta dos anos 1960 d.C., e especialmente na década de 1970 d.C., um movimento organizado começou, especialmente entre os evangélicos, para o retorno à estrutura das igrejas do Novo Testamento e, assim, foram estabelecidas igrejas domésticas (*Simson, Wolfgang, “Houses That Change the World”, p. 72*). Tal, em muitos aspectos, foi uma reação às falhas e abusos percebidos dentro da “organização institucional” das igrejas. Os participantes do movimento da igreja doméstica começaram a estabelecer uma teologia de igreja doméstica, combinando certas interpretações escolásticas da história com aspectos de crença e prática do Novo Testamento, sendo que esse esforço continua até hoje. O movimento permanece pequeno, mas está crescendo na América e no mundo.

3.5.2. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS

Muitas igrejas domésticas existem fora de qualquer estrutura denominacional específica. Elas representam grupos não denominacionais que têm associação um com o outro. Existem todos os tipos de modelos para igrejas domésticas.

Há muitos movimentos dentro de várias denominações que são um tanto semelhantes ao movimento da igreja doméstica, especialmente um “movimento de células de igrejas” presente em muitas denominações. As tendências de pequenos grupos dentro das denominações também são semelhantes ao conceito de igreja doméstica, mas não vão tão longe, nem representam unidades coesivas singulares como as igrejas domésticas.

Além disso, as igrejas domésticas podem ser encontradas em quase todas as denominações e/ou movimentos. Muitos grupos anabatistas e pietistas são conhecidos como possuindo muitas igrejas domésticas.

Muitos daqueles que estão dentro do movimento da igreja doméstica se considerariam evangélicos. As igrejas domésticas manifestam frequentemente tendências ecumênicas em suas associações e redes.

3.5.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Uma vez que as igrejas domésticas são extremamente diversas, é impossível fazer caracterizações exatas de qualquer congregação individual. A lista abaixo representa uma gama provável de questões consistentes com muitas igrejas domésticas.

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação; o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);
- [Calvinismo](#): o erro do sistema de interpretação [TULIP](#);
- [Pietismo](#): o equívoco na crença de que a [lavagem de pés](#), o [banquete do amor](#) ou o [ósculo santo](#) são obrigatórios;
- [Batistas](#): o erro em crer que [uma vez salvo, sempre salvo](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [dispensacionalismo](#) e do [pré-milenarismo](#);
- [Pentecostalismo/movimento carismático](#): o alegado “[batismo do Espírito Santo](#)” não é o batismo do Espírito Santo encontrado no Novo Testamento; o alegado “[falar em línguas](#)” (glossolalia) não é o dom de línguas encontrado no Novo Testamento; o erro do [pentecostalismo unicista](#) e do [movimento palavra da fé](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Movimento da igreja comunitária](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);

- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais](#), [centros de educação](#), [cozinhas e salões para companheirismo](#), [ginásios e academias](#) e [empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento](#), [Natal](#), [Domingo de Ramos](#), [Quinta-Feira Santa](#), [Sexta-Feira Santa](#), [Páscoa](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#) e o [Credo Niceno](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a [“lei moral”](#) e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#); erro na permissão de [pastoras](#), [diaconisas](#) e [evangelistas femininas](#) na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#); ausência do entendimento de que [o batismo do Espírito Santo não é mais concedido](#); ausência do entendimento de que [os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos](#); ausência do entendimento de que [o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete](#); ausência do entendimento de que [os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras](#); ausência de [cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”](#).

3.5.4. IGREJAS DOMÉSTICAS OU IGREJAS SE REUNINDO EM CASAS?

De início, é importante que estabeleçamos que os primeiros cristãos no Novo Testamento realmente se reuniram em casas e que não há nada errado na questão de cristãos se reunirem em uma casa. O movimento da igreja doméstica veio bem mais tarde do que o Novo Testamento e desenvolveu uma “teologia da igreja doméstica”: agora é postulado que a igreja em casa representa o elemento fundamental da vida cristã e é superior às igrejas que se reúnem em edifícios em quase todos os sentidos (*Banks, Robert & Banks, Julia, “The Church Comes Home”, p. 96*). Muitos no movimento da igreja doméstica, portanto, acreditam que os primeiros cristãos escolheram deliberadamente se encontrar em casas e que Deus espera que as igrejas domésticas sejam a norma. Tenta-se justificar essa crença ao apelar para as imagens familiares usadas em relação à igreja em passagens como Mateus 12:46-50 e a ideia de que a igreja doméstica é a unidade básica em passagens como 1 Coríntios 11:18 e 1 Coríntios 11:33 (*Banks, Robert & Banks, Julia, “The Church Comes Home”, p. 26, 30*). Será que as Escrituras ensinam que as igrejas domésticas foram estabelecidas, ou será que as igrejas simplesmente se reuniram em casas?

Apesar de cristãos terem se encontrado em casas, o Novo Testamento não mostra nenhuma indicação de que a presença da igreja em uma casa é considerada importante ou crítica. Os cristãos também se reuniram no Pórtico de Salomão do templo (Atos 2:46; 5:12; as perspectivas do movimento da igreja doméstica sobre essas reuniões serão mencionadas adiante) e nas escolas (Atos 19:9). Tais locais são mencionados de forma bastante simples.

Acreditar que os primeiros cristãos atribuíram grande valor ao encontro em casas, por si só, vai além da evidência fornecida pelo Novo Testamento. Isso é claramente notado na argumentação (ou na ausência dela) em

relação a esse princípio. Na verdade, Jesus usa as imagens da igreja como família em Mateus 12:46-50, entre outros lugares, mas há imagens da igreja como Israel (Gálatas 6:16), igreja como corpo (1 Coríntios 12:12-28), igreja como esposa (Efésios 5:22-33), etc. Embora seja verdade que as famílias vivem em casas, uma casa não define inerentemente uma família. Nenhuma aplicação é feita da imagem da igreja como família para a ideia da “igreja doméstica”. Da mesma forma, podemos ler o seguinte em 1 Coríntios 11:18 (falaremos mais adiante sobre 1 Coríntios 11:33 juntamente com [a questão da Ceia do Senhor](#) dentro do movimento):

Em primeiro lugar, ouço que, quando vocês se reúnem como igreja, há divisões entre vocês, e até certo ponto eu o creio. (1 Coríntios 11:18, “Nova Versão Internacional”).

Paulo aqui indica a qualidade da reunião: “quando vocês se reúnem como igreja”. Embora seja verdade que os coríntios se encontraram em uma casa, especificamente a casa de Gaio (Romanos 16:23), não há menção a isso aqui. Tudo o que é importante é que a igreja se reúna. Extrapolando para afirmar que a localização da reunião é significativa é tirar demais do texto.

Podemos constatar claramente, portanto, que a suposição de que a “igreja doméstica” era a intenção deliberada de Deus para a igreja não tem mérito bíblico. Com base na evidência do Novo Testamento, o que pode ser firmemente estabelecido é que, na maioria das vezes, os primeiros cristãos se reuniram em casas.

3.5.5. IGREJAS DOMÉSTICAS E A NATUREZA DA IGREJA

Muitos no movimento da igreja doméstica também postulam uma perspectiva diferente sobre a natureza da igreja local no Novo Testamento. Nessa visão, as igrejas domésticas com número de membros entre 12 a 20 (o tamanho baseado na suposição de que uma casa romana média poderia comportar) reuniam-se frequentemente – haveria muitas dessas igrejas domésticas em uma determinada cidade ou região. Essas igrejas domésticas ocasionalmente teriam se juntado para uma “celebração” como o que muitas vezes é chamado de “congregação baseada em igreja doméstica” (Simson, Wolfgang, “Houses That Change the World”, pp. 37-38, XVII; Banks, Robert & Banks, Julia, “The Church Comes Home”, p. 29). De acordo com essa visão, quando Paulo escreve para uma igreja, ele está escrevendo para a “congregação baseada na igreja doméstica” da cidade ou para a “rede de igrejas domésticas” dessa cidade. Tenta-se justificar essa visão pela interpretação de dados históricos, juntamente com Romanos 16:15, 1 Coríntios 16:19, Colossenses 4:15 e Filemom 1:1-2. Atos 2:42-47 é o exemplo por excelência da “igreja doméstica” e a “celebração” da “congregação baseada na igreja doméstica” (Simson, Wolfgang, “Houses That Change the World”, pp. 37-38, XVII; Banks, Robert & Banks, Julia, “The Church Comes Home”, p. 28). Consideremos o assunto.

Se as Escrituras ao menos indicassem que havia mais de uma “igreja doméstica” por cidade, então o argumento seria válido. A dificuldade é que as Escrituras não indicam tal coisa – quando Paulo fala sobre a igreja na casa de alguém em Romanos 16:15, 1 Coríntios 16:19, Colossenses 4:5 e Filemom 1:1-2, essa igreja parece representar a única “igreja doméstica” na cidade. Romanos 16:23 fala disso claramente:

Gaio, cuja hospitalidade eu e toda a igreja desfrutamos, envia-lhes saudações. Erasto, administrador da cidade, e nosso irmão Quarto enviam-lhes saudações. (Romanos 16:23, “Nova Versão Internacional”).

Aqui, Gaio é chamado de anfitrião de toda a igreja. Os defensores do movimento da igreja doméstica podem tentar dizer que tal representa a “celebração” da “congregação baseada na igreja doméstica”, mas essa entidade deve ser provada a existir antes de poder ser considerada como evidência. O que está impedindo Gaio de ser continuamente o anfitrião de toda a igreja?

No restante das passagens, existe uma tendência interessante. Em Romanos 16, os irmãos devem cumprimentar a igreja que está na casa de Áquila e Priscila (Romanos 16:4-5), mas as “famílias” de Aristóbulo e Narciso devem ser recebidas (Romanos 16:10-11). Por que essas famílias não estão listadas como tendo “igrejas” em suas casas? Pode-se argumentar que é estranho que Paulo diga à igreja em Roma para saudar a “igreja na casa” de Áquila e Priscila se todos eles representarem aquela igreja. Não é estranho, no entanto, se a “igreja na casa” de Áquila e Priscila representar uma parte constituinte da igreja em Roma enquanto nenhuma outra “igreja” é mencionada. A passagem de 1 Coríntios 16:19 também é instrutiva a esse respeito:

As igrejas da província da Ásia enviam-lhes saudações. Áquila e Priscila os saúdam afetuosamente no Senhor, e também a igreja que se reúne na casa deles. (1 Coríntios 16:19, “Nova Versão Internacional”).

Quando Paulo fala das “igrejas da província da Ásia”, alguém pensaria que ele se refere a igrejas domésticas individuais ou às igrejas coletivas nas várias cidades da Ásia (veja Apocalipse 2:1-3:22)? Por que ele falaria da “congregação baseada na igreja doméstica” e depois falaria da igreja na casa de Áquila e Priscila, uma igreja doméstica, usando a mesma terminologia? Isso é totalmente incompatível com o raciocínio empregado pelo movimento da igreja doméstica.

Toda a base do raciocínio delineado pelo movimento da igreja doméstica deriva de Atos 2:42-47, que é a passagem considerada padrão normativo para a igreja por muitos adeptos do movimento:

Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos. (Atos 2:44-47, “Nova Versão Internacional”).

Muitas coisas são imediatamente aparentes nessa passagem: nenhum coletivo é chamado de “igreja”, e o partir do pão foi feito “em casa”, não indicando as pluralidades assumidas pelos defensores do movimento da igreja doméstica. A interpretação deles se baseia em suposições sobre casas romanas e na inferência de que os cristãos em Jerusalém se encontraram em várias casas e, depois, se juntaram no templo como se fossem um. Mesmo que fosse verdade que se encontraram para comer refeições em várias casas, tal não se chama “igreja”, ou mesmo “assembleia” ou “reunião”. Suas reuniões, na realidade, ocorreram no templo, conforme estabelecido em Atos 2:46, com os acontecimentos de Atos 2:42 ditando muito do que foi feito nessas reuniões. Não há indícios de que os cristãos em Jerusalém se percebessem como sendo parte de “igrejas domésticas” e, depois, partes de uma “congregação baseada em igrejas domésticas” quando se encontravam no templo.

A crença de que Atos 2:42-7:58 é considerado normativo para os cristãos também deve ser desafiada. A venda de todos os bens, a unidade do acordo dos irmãos e seu nível de união (Atos 2:42-47; 4:32) não são encontrados em nenhuma outra igreja no Novo Testamento. Paulo disse a Timóteo para aconselhar os ricos entre os irmãos sobre como deveria ser sua conduta (1 Timóteo 6:17-19). Tiago e João falam sobre cristãos que não ajudam os seus irmãos necessitados (Tiago 2:1-9; 1 João 3:17). Os cristãos reuniram-se no primeiro dia da semana (Atos 20:7; 1 Coríntios 16:1-3). Não há indícios de reuniões diárias como norma apenas porque a igreja primitiva em Jerusalém fez isso no início. Quando observamos esses contrastes e examinamos o contexto, podemos constatar que a igreja primitiva em Jerusalém fez coisas extraordinárias por causa de circunstâncias extraordinárias: muitos de todo o mundo foram convertidos e precisavam de apoio, e a fundação da igreja levou a um grande zelo e determinação para seguir os passos de Cristo. O fato é que o exemplo de Jerusalém não está prescrito em igrejas posteriores: as reuniões semanais não são condenadas como sendo pouco frequentes, e nem Tiago nem João indicaram que vender tudo o que se tem é normativo. Tudo isso indica que aquela situação não deve representar o padrão. Os cristãos devem estar dispostos a fazer tudo o que os primeiros cristãos em Jerusalém fizeram se as circunstâncias exigirem. Quando as circunstâncias não fornecem tal demanda, há mais liberdade. Não há nenhuma base, no Novo Testamento, para considerar a situação do início da igreja primitiva em Jerusalém como sendo obrigatória.

Quando Paulo escreve para várias igrejas e, depois, Jesus por meio de João no Apocalipse, os autores não retratam a ideia de que a igreja local representa múltiplas igrejas domésticas como uma “congregação baseada em igreja doméstica”. Em todas as circunstâncias, os autores falam de uma igreja coerente: eles abordam as forças e fraquezas dos irmãos, falando até mesmo de diferentes facções dentro de uma determinada igreja. Devemos acreditar que, em uma determinada cidade, cada igreja doméstica individual teve os mesmos pontos fortes e fracos que as igrejas domésticas companheiras? Nenhuma igreja da mesma cidade do Novo Testamento é a mesma da outra: como, então, esperamos que Paulo, João e outros possam escrever para várias igrejas domésticas individuais de tal forma que apenas vemos uma unidade coerente dentro da igreja daquela cidade, seja boa ou má? Isso é realmente demais para engolir! O Novo Testamento deixa claro que, quase sempre, havia uma igreja por cidade e

que, quando Paulo escreveu a Roma ou João a Éfeso, eles estavam escrevendo para um corpo coerente que muito bem poderia ter se reunido na casa de um dos irmãos. A visão do movimento da igreja doméstica das igrejas do Novo Testamento está sem fundamento bíblico.

Muitos no movimento da igreja doméstica, de várias maneiras, enfatizam demais o papel da Igreja e, particularmente, o papel da igreja local. Alguns chegam a dizer que Paulo apenas fala de igrejas locais no Novo Testamento (Banks, Robert & Banks, Julia, *“The Church Comes Home”*, p. 26). Outros têm uma visão tão exaltada da igreja local que o indivíduo não tem espaço para a existência: o foco não está tanto no crescimento cristão como na multiplicação de igrejas, missões são vistas como a igreja se enviando em uma unidade multiplicável, a igreja é a boa notícia (o evangelho), e a igreja deve fazer parte da vida cotidiana (Simson, Wolfgang, *“Houses That Change the World”*, p. 16, 31, 43). Será que as Escrituras apoiam essas afirmações?

Enquanto Paulo frequentemente fala de igrejas em um sentido local, existem outras vezes em que tal identificação não é tão simples. Paulo fala da “igreja” em Efésios 5:22-32, indo tão longe como chamar “a igreja” de “corpo” de Cristo (Efésios 5:29-30). Um capítulo anterior, em Efésios 4:4-5, o mesmo autor estabelece com confiança que existe “um corpo”. É manifesto que existem muitas igrejas locais e, no entanto, o “corpo” em discussão é claramente singular. Paulo não fala apenas da igreja local – ele também tem uma “igreja universal” em vista em muitas passagens.

Em 1 Timóteo 5:16 há responsabilidades que os indivíduos devem assumir para que a igreja não fique sobrecarregada. Esse princípio ilustra a realidade de que, enquanto a igreja é constituída por indivíduos, cada indivíduo é mais do que a igreja. Os cristãos saíram e promoveram o evangelho (Atos 8; 13:1-3), e o evangelho sempre foi a “boa notícia” sobre Jesus Cristo e sua obra redentora para o homem, e não para a igreja por si mesma (Romanos 1:16; 2:16; 1 Coríntios 1:17). O cristão individual, não a igreja, representa a unidade básica do cristianismo (por exemplo, Tiago 1:27). Uma forte ênfase no coletivo para a exclusão do indivíduo não é justificável biblicamente.

Uma vez que o movimento da igreja doméstica é uma reação às falhas percebidas das igrejas “institucionais”, não deve ser surpreendente encontrar elementos no movimento que ultrapassem as Escrituras em sua oposição a essas falhas. Muitos defensores do movimento da igreja doméstica apresentarão uma dicotomia entre “igreja como vida” e “igreja como reunião”, contrastando “companheirismo familiar” com “estruturas impessoais” (Simson, Wolfgang, *“Houses That Change the World”*, p. 28, XV). Será que essa é uma dicotomia legítima?

Não há dúvida de que as estruturas institucionais muitas vezes dificultaram a camaradagem do tipo familiar que deveria existir entre os irmãos. Por outro lado, devemos lembrar que a palavra grega traduzida como igreja é *ekklesia*, que tem um significado básico de “assembleia”. A assembleia pode ser tão desorganizada quanto uma multidão ou organizada como um corpo legislativo (Atos 19:32,39), mas todas são marcadas por um grupo de pessoas “se juntando” ou “se reunindo”. Sim, os membros da igreja devem interagir uns com os outros, tanto dentro como fora das reuniões (conforme Atos 2:42; 1 Pedro 4:9). Não há justificativa bíblica, no entanto, para a referida dicotomia. O cristianismo pode ser um modo de vida que envolve reuniões com outros cristãos. Os cristãos podem compartilhar um companheirismo do tipo familiar e podem se reunir em edifícios com um serviço estruturado. Responder ao excesso com outro excesso não é encontrar a verdade!

3.5.6. IGREJAS DOMÉSTICAS E A CEIA DO SENHOR

A marca registrada de muitas igrejas dentro do movimento da igreja doméstica é o foco sobre o que é chamado de Ceia do Senhor. Muitos acreditam que a Ceia do Senhor foi originalmente uma refeição – muitos, de fato, não veem a Ceia do Senhor como uma atividade separada, mas “uma refeição comum com significado extraordinário”. O movimento tenta justificar isso com Atos 2:46 e 1 Coríntios 11:33 (Banks, Robert & Banks, Julia, *“The Church Comes Home”*, p. 46). Isso levou muitos a abandonar o pão e o fruto da videira inteiramente, considerando qualquer alimento servido durante a refeição como sendo a “Ceia do Senhor” (Banks, Robert & Banks, Julia, *“The Church Comes Home”*, p. 51, 166). Isso representaria, na visão do movimento, um foco total sobre o aspecto da “comunhão” da Ceia do Senhor. É assim que a Ceia do Senhor é apresentada nas Escrituras?

Observa-se que a igreja em Corinto não foi aprovada da forma como participou da Ceia do Senhor em 1 Coríntios 11:33-34:

Portanto, meus irmãos, quando vocês se reunirem para comer, esperem uns pelos outros. Se alguém estiver com fome, coma em casa, para que, quando vocês se reunirem, isso não resulte em condenação. Quanto ao mais, quando eu for lhes darei instruções. (1 Coríntios 11:33-34, “Nova Versão Internacional”).

Isso não é uma simples condenação do “excesso” – se alguém estivesse com fome, deveria comer em casa. Se a Ceia do Senhor nas reuniões dos santos devesse representar uma refeição completa, por que alguém precisaria comer em casa se estivesse com fome? Não comeria completamente na refeição?

A Ceia do Senhor nunca foi concebida para ser uma refeição completa para satisfazer o apetite físico, mas o compartilhamento do pão e do fruto da videira para lembrar do Senhor. Isso é visto pela primeira vez na inauguração da Ceia do Senhor em Lucas 22:19-20:

Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim.” Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês.” (Lucas 22:19-20, “Nova Versão Internacional”).

Note que Jesus toma o cálice “depois da ceia”. A Ceia do Senhor foi inaugurada no contexto da refeição da Páscoa (Lucas 22:15), mas não foi a refeição da Páscoa. Foi um ato feito depois que a refeição foi ingerida e foi designada para ter significado.

Os elementos da Ceia do Senhor também são de grande importância. Mesmo que a identificação seja simbólica, Jesus ainda identifica o pão como seu corpo e o fruto da videira como seu sangue (Lucas 22:19-20). A associação faz sentido: pode-se perceber o pão como um corpo e o fruto da videira como sangue. Essa associação é importante em termos de lembrar da morte de nosso Senhor, e é suficientemente importante para que Paulo reitere sua inauguração em 1 Coríntios 11:23-25, concluindo com 1 Coríntios 11:26:

Pois recebi do Senhor o que também lhes entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim.” Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim.” Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha. (1 Coríntios 11:23-26, “Nova Versão Internacional”).

Se os cristãos não comem “deste pão” e não bebem “deste cálice”, eles ainda proclamam a morte do Senhor? Claro que não.

Certamente, há o aspecto da comunhão dentro da Ceia do Senhor: deve ser compartilhada juntamente com outros cristãos (1 Coríntios 10:16-17) na reunião nos primeiros dias da semana. “Comunhão”, no entanto, não é o único aspecto envolvido na Ceia do Senhor. Paulo forneceu uma tradição explícita que ele impõe aos coríntios, e aos cristãos, e, por todos os meios, cabe observá-la também. A Ceia do Senhor representa uma refeição ritual destinada a reunir os cristãos em um memorial do sacrifício que os reconciliou com Deus e a com ressurreição que dá esperança a eles, e não deve ser confundida com uma refeição comum.

3.5.7. O MODELO DE IGREJA DOMÉSTICA APOSTÓLICA-PROFÉTICA

Diferentes igrejas domésticas e redes de igrejas domésticas mantêm diferentes estruturas de liderança. Um dos modelos de igreja do movimento da igreja doméstica promove um conceito de “ministério quintuplicado” baseado em Efésios 4:11-13, com apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e professores, os quais trabalham com redes de igreja doméstica (Simson, Wolfgang, “Houses That Change the World”, pp. 110-124). Os “apóstolos” e os “profetas” são reconhecidos como líderes, movidos por Deus para estabelecer visão e propósito, buscando outros para treinar para serem “apóstolos” e “profetas”. O movimento afirma que a presença de apóstolos hoje é justificada por Efésios 2:20 e Apocalipse 2:2 (Simson, Wolfgang, “Houses That Change the World”, pp. 119). Será que as Escrituras ensinam uma linha contínua de apóstolos e profetas dentro da igreja?

Tal visão tem muitas afinidades com doutrinas pentecostais e representa outra manifestação do movimento carismático dentro do movimento da igreja doméstica. Examinemos a natureza dos apóstolos e dos profetas.

edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, (*Efésios 2:20, “Nova Versão Internacional”*).

Conheço as suas obras, o seu trabalho árduo e a sua perseverança. Sei que você não pode tolerar homens maus, que põs à prova os que dizem ser apóstolos mas não são, e descobriu que eles eram impostores. (*Apocalipse 2:2, “Nova Versão Internacional”*).

Essas passagens indicam que há mais apóstolos e profetas do que aqueles que estavam presentes no primeiro século? A existência de falsos apóstolos por volta dos anos 67-96 d.C. significa que mais verdadeiros apóstolos além de João estavam por perto também? O que as Escrituras ensinam sobre os apóstolos?

Devemos primeiro reconhecer que há dois usos da palavra “apóstolo”. A palavra significa, simplesmente, “um enviado”. Portanto, qualquer um que é “enviado” é um “apóstolo”. A palavra tem um significado distinto, no entanto, em termos dos doze apóstolos e de Paulo, como demonstrado em Atos 1:20-22 e 1 Coríntios 15:3-9:

“Porque”, prosseguiu Pedro, “está escrito no Livro de Salmos: ‘Fique deserto o seu lugar, e não haja ninguém que nele habite’; e ainda: ‘Que outro ocupe o seu lugar’. Portanto, é necessário que escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu entre nós, desde o batismo de João até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas. É preciso que um deles seja conosco testemunha de sua ressurreição.” (*Atos 1:20-22, “Nova Versão Internacional”*).

Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo. Pois sou o menor dos apóstolos e nem sequer mereço ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus. (*Atos 1:20-22, “Nova Versão Internacional”*).

Um indivíduo não é automaticamente feito apóstolo por causa de sua fé ou treinamento: os doze e Paulo foram especialmente escolhidos por Deus, viram o Cristo ressuscitado e cumpriram determinados padrões. Esses padrões são impossíveis de serem alcançados após o primeiro século. Isso, juntamente com a ausência de qualquer evidência de sucessão de apóstolos ou profetas, juntamente com a confissão de que o “ministério apostólico” precisa de “restauração” (*Simson, Wolfgang, “Houses That Change the World”, pp. 117*), fornece provas amplas para entender que o ofício apostólico foi ocupado por alguns homens selecionados no primeiro século para cumprir um propósito específico de Deus (conforme Mateus 18:18). Seus ofícios não devem ser assumidos por nenhum outro.

Efésios 2:20 ainda é verdade: para que uma igreja represente uma igreja do Novo Testamento, ela deve ser construída sobre o fundamento dos apóstolos e profetas. Todos nós temos esse fundamento nos escritos da Bíblia, por meio dos quais podemos ter confiança de que a doutrina apostólica ainda pode ser ensinada a partir de suas páginas (*Atos 2:42; 2 Timóteo 3:16-17*). Podemos entender, portanto, que é suficiente confiar nos apóstolos e profetas da era do Novo Testamento, e que devemos continuar a nos dedicar às suas doutrinas.

3.6. MOVIMENTO MEGAIGREJA

Por definição, megaigrejas sempre existiram – a igreja em Jerusalém representaria a primeira “megaigreja” (*Atos 2:42-47*). No entanto, algumas marcas particulares de megaigrejas começaram a se desenvolver em meados do século vinte, quando os americanos modernos se acostumaram a grandes estruturas e grandes multidões em outros locais. Essa tendência agora é reconhecida como o movimento megaigreja. Megaigrejas são definidas por suas estruturas organizacionais de grandes dimensões que se desenvolveram para atender às necessidades de seu vasto número de membros, foco em pequenos grupos, uso de imagens contemporâneas e tecnologia, e os indivíduos inovadores que iniciam e promovem essas organizações.

3.6.1. ORIGENS E HISTÓRIA

Embora, por definição, muitas congregações individuais tenham sido “megaigrejas”, o movimento megaigreja propriamente dito tem seus precedentes em muitas das grandes congregações protestantes do século dezanove e início do século vinte (*Thuma & Travis, “Beyond Megachurch Myths”, p. 24*). Começando por volta dos anos 1950 d.C., e especialmente no final do século vinte, à medida que os americanos se acostumaram a grandes

locais e instituições, congregações extremamente grandes tornaram-se atraentes para muitos. Algumas igrejas, baseadas em liderança carismática, localização e outros fatores, começaram a crescer exponencialmente e se sentiram compelidas a desenvolver novas estruturas e estilos de organização para atender às necessidades de suas congregações. São as estruturas organizacionais necessárias, mais do que tudo, que proporcionam coerência ao movimento megaiigrejas (Thuma & Travis, “Beyond Megachurch Myths”, XXI). O movimento está crescendo e as congregações em todo o mundo continuam crescendo até o nível de “megaiigreja”.

3.6.2. O QUE É UMA MEGAIGREJA?

A confusão geralmente existe na compreensão exata de o que é uma megaiigreja. Estritamente falando, uma megaiigreja é uma congregação protestante única com uma média de mais de 2.000 pessoas atendendo a serviços semanais (Thuma & Travis, “Beyond Megachurch Myths”, XVIII). Por necessidade, tais grupos exibem um alto nível de estrutura, sem que nada seja deixado ao acaso – na verdade, elas provavelmente estão estruturadas demais.

Isso representa uma definição muito ampla que pode incluir muitos tipos diferentes de igrejas. Atualmente existem quatro tipos diferentes de megaiigrejas: a linha antiga ou baseada em programas, representada por algumas congregações protestantes tradicionais que excedem 2.000 membros; igrejas “buscadoras”, megaiigrejas focadas em “serviços de busca” e em buscar os “sem igreja”; igrejas carismáticas, orientadas no pastor, tendo sido construídas em grande parte pelo carisma do pastor fundador; e megaiigrejas de nova onda ou revisionadas, um conjunto emergente de megaiigrejas tentando alcançar um público mais jovem (Thuma & Travis, “Beyond Megachurch Myths”, p. 31). Essas quatro abordagens levam a muita variedade entre megaiigrejas. No entanto, vamos nos concentrar principalmente na segunda e terceira variedades, uma vez que representam os paradigmas comumente entendidos para o movimento megaiigreja.

3.6.3. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS

Muitas denominações protestantes podem conter megaiigrejas, incluindo batistas, metodistas e alguns grupos pentecostais. Algumas paróquias católicas romanas possuem mais de 2.000 membros, mas normalmente não são consideradas parte do movimento megaiigreja.

A maioria das megaiigrejas está dentro da corrente principal evangélica. Muitas megaiigrejas não afiliadas a denominações fazem parte do movimento da igreja comunitária. Pelo menos uma corrente de megaiigrejas faz parte do emergismo.

3.6.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Megaiigrejas refletem a mesma variedade vista consistentemente nos movimentos. A lista abaixo representa muitas características consistentes com a maioria das megaiigrejas.

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação; o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);
- [Batistas](#): o erro em crer que [uma vez salvo, sempre salvo](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [dispensacionalismo](#) e do [pré-milenarismo](#);
- [Pentecostalismo/movimento carismático](#): o alegado “[batismo do Espírito Santo](#)” não é o batismo do Espírito Santo encontrado no Novo Testamento; o alegado “[falar em línguas](#)” (glossolalia) não é o dom de línguas encontrado no Novo Testamento; o erro do [movimento palavra da fé](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);

- [Ecumenismo](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [cozinhas e salões para companheirismo](#) e [empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento](#), [Natal](#), [Domingo de Ramos](#), [Quinta-Feira Santa](#), [Sexta-Feira Santa](#), [Páscoa](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#) e o [Credo Niceno](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral”](#) e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro na permissão de [diáconos sem presbíteros](#) na igreja; erro na permissão de [pastoras](#), [diaconisas](#) e [evangelistas femininas](#) na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que [sinais milagrosos tinham o propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#); ausência do entendimento de que [o batismo do Espírito Santo não é mais concedido](#); ausência do entendimento de que [os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos](#); ausência do entendimento de que [o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete](#); ausência do entendimento de que [os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras](#); ausência de [cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”](#).

3.6.5. REUNIÕES “AMIGÁVEIS AOS BUSCADORES”

Uma inovação desenvolvida entre muitas megaigrejas, especialmente da linha “buscadora”, envolve o conceito de reuniões “amigáveis aos buscadores”. Em sua tentativa de alcançar os “sem igreja” entre eles, esses grupos projetam as reuniões de domingo inteiramente em torno desse grupo, dirigindo intencionalmente toda a programação, mensagens e foco sobre os incrédulos (*Hybels & Hybels, “Rediscovering Church”, p. 73*). As reuniões separadas, geralmente no meio da semana, se concentram nos membros e seu desenvolvimento, incluindo a

observação da Ceia do Senhor (*Hybels & Hybels, "Rediscovering Church", p. 176*). Será que isso é consistente com o Novo Testamento?

Embora haja valor na tentativa de promover o cristianismo entre os incrédulos, e pode haver momentos apropriados para promover a fé entre essas pessoas, as Escrituras indicam uma história bastante diferente para as assembleias regulares das igrejas do Novo Testamento, especialmente as reuniões no dia do Senhor, o domingo. Em Atos 20:7, constatamos que os discípulos se encontraram naquele dia para "partir o pão". 1 Coríntios 16:1-3 indica que tal foi também o dia da coleta. Paulo fornece um vislumbre de tais assembleias em 1 Coríntios 14:1-40. Nos concentraremos em 1 Coríntios 14:22-26:

Portanto, as línguas são um sinal para os descrentes, e não para os que creem; a profecia, porém, é para os que creem, não para os descrentes. Assim, se toda a igreja se reunir e todos falarem em línguas, e entrarem alguns não instruídos ou descrentes, não dirão que vocês estão loucos? Mas se entrar algum descrente ou não instruído quando todos estiverem profetizando, ele por todos será convencido de que é pecador e por todos será julgado, e os segredos do seu coração serão expostos. Assim, ele se prostrará, rosto em terra, e adorará a Deus, exclamando: "Deus realmente está entre vocês!" Portanto, que diremos, irmãos? Quando vocês se reúnem, cada um de vocês tem um salmo, ou uma palavra de instrução, uma revelação, uma palavra em uma língua ou uma interpretação. Tudo seja feito para a edificação da igreja. (*1 Coríntios 14:22-26, "Nova Versão Internacional"*).

Paulo fala sobre o "não instruído" ou "descrente" que acaba entrando na reunião em 1 Coríntios 14:24-25, mas essas pessoas não são de forma alguma o foco. O foco, como indicado em 1 Coríntios 14:26, é a edificação dos irmãos, conforme Hebreus 10:24-25:

E consideremos uns aos outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia. (*Hebreus 10:24-25, "Nova Versão Internacional"*).

As reuniões dos santos no Novo Testamento, especialmente no primeiro dia da semana, foram designadas para a edificação dos cristãos. O conceito de "serviço amigável ao buscador" como entendido em muitas megaigrejas, e outros que aderem a essa filosofia, está em desacordo com o foco ensinado no Novo Testamento. Que o dia do Senhor seja aproveitado com a Ceia do Senhor e a edificação de irmãos (1 Coríntios 11:17-34; 14:1-40) e que outras oportunidades sejam direcionadas para pregar o evangelho aos incrédulos.

3.6.6. CONGREGAÇÕES EM MÚLTIPLOS LUGARES

Outro desenvolvimento recente, particularmente entre algumas megaigrejas, envolve o conceito de congregação em múltiplos lugares. À medida que muitos edifícios e instalações se esforçam para conter os números envolvidos, muitos estão escolhendo seguir um modelo de "franquia", tendo uma igreja que simplesmente se encontra em diferentes locais (*Thuma & Travis, "Beyond Megachurch Myths", p. 40*). As diferentes localizações podem ter uma ligação via satélite com a "igreja principal" ou ter seu próprio sistema pastoral pregando o mesmo tipo de mensagem como apresentado na "igreja principal". Os mesmos líderes têm supervisão da igreja principal e das igrejas "satélite". Será que esse é um sistema consistente com o que as Escrituras ensinam?

O Novo Testamento certamente demonstra a existência de múltiplas igrejas locais, mas nunca as Escrituras indicam qualquer sistema de múltiplos locais. Cada igreja local individual representa uma comunidade do povo de Deus, pastoreada pelos seus presbíteros/bispos/pastores e servida pelos seus diáconos (Atos 2:42-47; 14:23; Filipenses 1:1). Não encontramos nenhum sistema no Novo Testamento onde os presbíteros têm supervisão além de sua congregação local.

Da mesma forma, Deus espera que a igreja local funcione como um corpo onde seus membros prestem contas um ao outro e encorajem uns aos outros (1 Coríntios 12:12-28; Gálatas 6:1-2; Hebreus 10:24-25). Como isso realmente pode acontecer quando irmãos na "mesma igreja" nem sequer se reúnem juntos? Isso deve ser realizado presencialmente.

O modelo de congregações de múltiplos locais parece mais uma pequena denominação do que um modelo verdadeiramente bíblico para uma igreja crescente. Se uma congregação local cresce e se multiplica, cada

congregação deve manter sua condição autônoma, padronizada segundo o Novo Testamento, e não segundo as tendências modernas!

3.7. EMERGISMO

O emergismo, ou o movimento emergente/igrejas emergentes, representa uma variedade de grupos que tentam trabalhar dentro da sociedade pós-modernista para estabelecer comunidades viáveis de fé, começando no final dos anos 1990 d.C. Sendo um casamento da maioria dos movimentos considerados anteriormente, o emergismo assume muitas formas e é bastante difícil fazer qualquer afirmação generalizada verdadeiramente inclusiva de todos os grupos. Independentemente disso, a maioria dos movimentos emergentes concentra-se na tentativa de aumentar a visão do reino de Deus ao trabalhar dentro da cultura existente, desconstruir tradições anteriores e estar disposto a experimentar “novas formas” de praticar o cristianismo.

3.7.1. ORIGENS E HISTÓRIA

O emergismo é a prole da filosofia pós-moderna e dos movimentos modernos dentro da “cristandade”, em particular o evangelicalismo, o movimento carismático, o ecumenismo, o movimento da igreja comunitária, o movimento da igreja doméstica e o movimento megaigreja. Muitos grupos emergentes surgiram das igrejas de estilo “geração X” dos anos 1980 d.C. O movimento ganhou seu nome por volta de 1999 d.C., embora muitos não desejem ser identificados assim (*Gibbs & Bolger, “Emerging Churches”, p. 30*). O movimento continuou crescendo, especialmente nos Estados Unidos e no Reino Unido. Embora não exista uma organização formal do emergismo ou qualquer outra coisa como essa, a maioria envolvida no movimento emergente está *online* e interage continuamente por esse meio.

3.7.2. DENOMINAÇÕES ENVOLVIDAS

O emergismo não é afiliado a nenhuma denominação em particular, mas a maioria das denominações protestantes (luteranismo, calvinismo, anglicanismo/episcopalianismo, batistas, wesleyanismo, muitas igrejas pentecostais) tem algumas congregações “emergentes” em seu meio. Muitos dos emergentes surgiram de tais origens denominacionais.

O emergismo tem um relacionamento próximo com o evangelicalismo em geral, uma vez que muitos se considerariam “pós-evangélicos”. No entanto, o emergismo representa uma ramificação do evangelicalismo. Muitos envolvidos no emergismo mantêm um ponto de vista ecumênico e alguns se consideram igrejas comunitárias. Embora muitos grupos emergentes tenham pequenas reuniões grupais em casas e compartilhem muitas crenças comuns, não há conexão formal com o movimento da igreja doméstica ou com sua teologia. Muitos pensadores emergentes e igrejas emergentes foram ou também fazem parte do movimento megaigreja. Alguns grupos emergentes, no entanto, não têm afiliação denominacional e são autônomos.

3.7.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

O emergismo reflete a mesma variedade vista consistentemente nos outros movimentos. A lista abaixo representa muitas características consistentes com a maioria das igrejas emergentes.

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação; o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);
- [Batistas](#): o erro em crer que [uma vez salvo, sempre salvo](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [dispensacionalismo](#) e do [pré-milenarismo](#);
- [Pentecostalismo/movimento carismático](#): o alegado “[batismo do Espírito Santo](#)” não é o batismo do Espírito Santo encontrado no Novo Testamento; o alegado “[falar em línguas](#)” (glossolalia) não é o dom

de línguas encontrado no Novo Testamento; o erro do [pentecostalismo unicista](#) e do [movimento palavra da fé](#) (contestados dentro do movimento).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Ecumenismo](#);
- [Movimento da igreja comunitária](#);
- [Movimento da igreja doméstica](#);
- [Movimento megagreja](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#) (disputado dentro do movimento); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Páscoa](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#) e o [Credo Niceno](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a [“lei moral”](#) e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro na permissão de [diáconos sem presbíteros](#) na igreja; erro na permissão de [pastoras, diaconisas e evangelistas femininas](#) na igreja; erro na permissão de [evangelistas homossexuais](#) na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#); ausência do entendimento de que [o batismo do Espírito Santo não é mais concedido](#); ausência do entendimento de que [os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos](#); ausência do entendimento de que [o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo](#)

e necessitava de intérprete; ausência do entendimento de que os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras; ausência de cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”.

3.7.4. EMERGISMO E PÓS-MODERNISMO

O emergismo desenvolveu-se inteiramente no mundo pós-moderno e, talvez, o conceito mais unificador entre as diversas vertentes do emergismo seja a convicção da necessidade de trabalhar dentro da sociedade pós-modernista usando a ideologia de sociedade pós-modernista (*Gibbs & Bolger, “Emerging Churches”, p. 28*). O pós-modernismo, nesse contexto, é a reação filosófica ao que comumente se chama “modernismo”, o qual foi a principal filosofia da cultura ocidental dos anos 1750 a 1950 d.C., pelo menos. O modernismo foi marcado pelo desejo de objetividade, racionalismo e triunfo da capacidade do ser humano, entre outros assuntos. O pós-modernismo, nascido na tempestade após duas guerras mundiais destrutivas, desafiou todos os pressupostos do ponto de vista modernista e é marcado por subjetivismo, relativismo e uma visão muito mais limitada da habilidade humana, especialmente em poder discernir a verdade. Não há dúvida de que atualmente vivemos em um momento de grandes mudanças e flutuações, à medida que o modernismo e o pós-modernismo colidem, e os humanos são deixados à deriva em termos de saber em quem acreditar. Nesse clima, devem os cristãos adotar tal filosofia? O que as Escrituras ensinam?

O apóstolo Paulo testemunha em Colossenses 2:6-10:

Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver nele, enraizados e edificados nele, firmados na fé, como foram ensinados, transbordando de gratidão. Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo. Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude. (*Colossenses 2:6-10, “Nova Versão Internacional”*).

A sabedoria de Deus, tal como estabelecida aqui, é importante para nos lembrar que não devemos ser levados cativos por nenhuma filosofia individual, de acordo com as tradições dos homens, mas sempre devemos enraizar e estabelecer em Jesus Cristo. Devemos reconhecer que o modernismo e o pós-modernismo fornecem apoio e obstáculos particulares contra as crenças cristãs. O modernismo reconheceu a existência da verdade absoluta e proporcionou uma estrutura racionalista por meio da qual muito poderia ser entendido. Por outro lado, promoveu um ponto de vista excessivamente “científico” e foi longe demais em compartimentar o mundo. O pós-modernismo corrige algumas dessas tendências e, no entanto, como uma reação, coloca suas próprias dificuldades. No pós-modernismo, a verdade é bastante relativa e qualquer conceito de verdade absoluta não é desejável. No cristianismo existe tal verdade (João 14:6). O pós-modernismo evita a estrutura. Enquanto isso corrige bem a estruturação excessiva dentro da “cristandade”, estrutura ainda é necessária (Atos 14:23, entre outros). A tolerância pós-moderna e os conceitos ecumênicos se unem. As Escrituras, no entanto, estabelecem um nível de exclusividade que faz com que muitos hoje se sintam incomodados (João 14:6; Gálatas 1:6-9; 2 Tessalonicenses 1:6-9).

Cristãos, portanto, não devem ser “modernos”, “pós-modernos”, ou adeptos de qualquer nova filosofia de moda que possa entrar em vigor (e desaparecer no futuro também). Os cristãos devem ser apenas seguidores de Cristo, colocando essa fidelidade em primeiro lugar. Onde o modernismo ou o pós-modernismo são propícios às verdades das Escrituras, promovemos livremente tais verdades. Quando as Escrituras apresentam conceitos que não se encaixam bem com filosofias, ainda precisamos manter o que Deus ensinou. A filosofia humana é insuficiente para expressar a vontade de Deus. Quando alguém tenta professar uma determinada filosofia ao tentar seguir Cristo, a perspectiva conflitante da filosofia humana limita a habilidade dessa pessoa de entender o que Deus revelou, podendo levar a compreensão que essa pessoa tem sobre Deus a se tornar irrelevante quando a filosofia prevalecente mudar. Talvez muitas estruturas denominacionais tenham se conformado ao pensamento modernista e necessitem de reforma, mas isso não justifica o estabelecimento de estruturas pós-modernas que possam precisar de reforma quando ocorrer a próxima mudança filosófica. Não devemos nos conformar com o mundo ou suas filosofias, mas devemos ser transformados pela renovação de nossas mentes em Cristo (Romanos 12:2).

Como a filosofia pós-moderna representa uma reação ao modernismo, assim também o emergismo frequentemente representa uma reação a várias estruturas presentes nas denominações. Podemos simpatizar com muitos dos princípios do emergismo e concordar sobre os erros que afligem muitas denominações, porém, o emergismo também, frequentemente, vai longe demais em seu pensamento pós-moderno, como constataremos a seguir.

3.7.5. EMERGISMO E CULTURA

Conforme estabelecido anteriormente, o emergismo encontra sua maior voz na tentativa de apresentar o evangelho dentro da cultura pós-moderna americana e britânica do século vinte e um. Aqueles no movimento emergente tentam ser seguidores de Jesus fiéis “em seu lugar e época” (Gibbs & Bolger, *“Emerging Churches”*, p. 28). Esse esforço é particularmente marcado pelo “culto alternativo” que representa tentativas de adorar a Deus “nativas” à cultura dos envolvidos, mesmo que essa cultura envolva bares ou clubes noturnos (Gibbs & Bolger, *“Emerging Churches”*, p. 39, 84, 87). O “evangelho incorporado” na cultura pós-moderna pode incluir a cena do clube, a música de dança e os cantos gregorianos: isso é consonante com a visão de muitas igrejas emergentes de seu papel na cultura, sendo congregações bem exibidas publicamente e orientadas para a juventude que ganham atenção por causa de seu rápido crescimento e capacidade de atrair pessoas por volta de seus vinte anos de idade (Gibbs & Bolger, *“Emerging Churches”*, p. 41, 87). As noções anteriores de igreja são consideradas “não viáveis” para a cultura pós-moderna e muitos no emergismo apontam para o declínio nas igrejas históricas nos últimos anos (Gibbs & Bolger, *“Emerging Churches”*, p. 28). É alegado que as diferenças entre o emergismo e o cristianismo histórico, especialmente no “culto alternativo”, são “culturais” e não doutrinárias (Gibbs & Bolger, *“Emerging Churches”*, p. 72). Finalmente, o emergismo aponta frequentemente para o exemplo de um Jesus que estava encarnado em uma cultura particular e do judaísmo palestino do primeiro século que estava vinculado àquela cultura, e que devemos fazer o mesmo no século vinte e um porque a cultura mudou, sendo que os ensinamentos devem se conformar à cultura (Gibbs & Bolger, *“Emerging Churches”*, p. 118). Será que essas afirmações são verdadeiras?

Não há dúvida de que há tradições dentro das igrejas que são mais culturais do que doutrinárias – elas representam liberdades e podem ser facilmente questionadas. No entanto, são todas essas coisas liberdades? Se uma determinada cultura ou subcultura envolve coisas como clubes ou outros lugares desse tipo, devemos abraçar automaticamente essas coisas dentro dessa cultura?

Paulo estabeleceu o seguinte em Colossenses 3:8-11:

Mas agora, abandonem todas estas coisas: ira, indignação, maldade, maledicência e linguagem indecente no falar. Não mintam uns aos outros, visto que vocês já se despiram do velho homem com suas práticas e se revestiram do novo, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador. Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos. (*Colossenses 3:8-11, “Nova Versão Internacional”*).

No reino de Cristo todas as pessoas podem ser reconciliadas com ele. Em um sentido muito real, portanto, Jesus transcende a cultura. A cultura em si não pode ser o padrão: Jesus deve permanecer o padrão.

Em qualquer cultura existirão algumas tendências que estarão em consonância com o cristianismo e também tendências contrárias aos princípios do cristianismo. Sim, Jesus foi um judeu do primeiro século na Palestina, os judeus da Palestina eram o povo de Deus tentando viver de acordo com os padrões de Deus e, sempre que as tradições ou os pecados interferiam no caminho, Jesus repreendeu tais elementos (Mateus 23; João 8:11). É manifesto que devemos viver dentro do mundo e isso significa que teremos que entender a cultura que nos rodeia, como Jesus fez com a cultura ao seu redor. Porém, será que isso justifica a mudar a prática cristã?

As palavras de Paulo em 1 Coríntios 9:19-22 são instrutivas nessa questão:

Porque, embora seja livre de todos, fiz-me escravo de todos, para ganhar o maior número possível de pessoas. Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão debaixo da Lei, tornei-me como se estivesse sujeito à Lei (embora eu mesmo não esteja debaixo da Lei), a fim de ganhar os que estão debaixo da Lei. Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei (embora não esteja livre da lei de Deus, e sim sob a lei de Cristo), a fim de ganhar os que não têm a Lei. (*1 Coríntios 9:19-22, “Nova Versão Internacional”*).

Aqui constatamos que Paulo está disposto a tornar-se todas as coisas para todos os homens, mas percebe que para aqueles “sem lei”, ele era como se fosse sem lei, ainda que não estava livre de lei divina, isto é, a lei de Cristo (1 Coríntios 9:21). Cristãos devem fazer o que podem para comunicar o evangelho de Cristo a todos os homens, e isso pode significar que devemos usar diferentes “chapéus”, porém, isso nunca exige abraçar todos os aspectos da cultura!

Paulo estava disposto a entrar nas sinagogas e ensinar o evangelho (Atos 17:1-3), mas ainda assim nunca o vemos entrar em uma cerimônia ritual pagã, um simpósio ou outra festa com orgias. Jesus estava disposto a comer com pecadores e prostitutas, mas nunca justificou o comportamento deles (conforme Mateus 9:9-13).

Sim, cristãos devem interagir com a cultura pós-moderna do século vinte e um, mas nunca devem se conformar inteiramente com a cultura para fazer isso (Romanos 12:2). Devem evitar o que é comportamento orgiástico e todas as coisas contrárias à Palavra de Deus, se esforçando para apresentar o cristianismo bíblico do Novo Testamento ao século vinte e um. O cristianismo deve ditar o relacionamento com a cultura. A cultura não tem o direito de ditar como cristãos devem agir.

3.7.6. EMERGISMO E A IGREJA

Ocorreu uma grande deliberação dentro do emergismo sobre a igreja e, embora alguns dos seus pontos de vista sejam consistentes com o Novo Testamento, muitos exageram e vão além do que as Escrituras apresentam. O emergismo, em geral, toma uma visão de “reino” das questões e coloca a igreja dentro dessa visão: um grande foco é colocado na igreja como uma comunidade (Gibbs & Bolger, “*Emerging Churches*”, p. 61). Esse foco é tão preeminente, no entanto, que muitos grupos não sentem necessidade de ter reuniões semanais, uma vez que o que é visto como “cristianismo tradicional” se tornou muito centrado em prédios e reuniões e, assim, muitos no emergismo se deslocam inteiramente para uma visão “comunitária” da igreja (Gibbs & Bolger, “*Emerging Churches*”, pp. 61, 90-91, 96, 99). A “igreja” torna-se primordial, a maioria da distinção entre um indivíduo e a igreja se perde, e a vida de prática do cristianismo é efetivamente considerada a “vida da igreja”. Dentro de muitas igrejas emergentes, uma desconfiança dos sistemas históricos combinada com conceitos democráticos resulta em igrejas “sem líder” ou em igrejas onde os “líderes” renunciam à maior parte da ordem e do controle ao grupo (Gibbs & Bolger, “*Emerging Churches*”, pp. 109-110, 119). As igrejas emergentes desejam ser “novas expressões da igreja” que será relevante para os dias modernos (Gibbs & Bolger, “*Emerging Churches*”, p. 235). Será que essas opiniões são consistentes com o que se encontra no Novo Testamento?

Como em grande parte do que foi observado anteriormente, o equilíbrio em todas as coisas é essencial. Muitas igrejas tornaram-se muito focadas em edifícios e na reunião do domingo e não se concentraram em edificar uma comunidade que estava presente na igreja do Novo Testamento (conforme Atos 2:42-47). No entanto, as igrejas do Novo Testamento se encontraram no primeiro dia da semana para partir o pão, ter reuniões e outros atos de encorajamento (conforme Atos 20:7; 1 Coríntios 16:1-3; provavelmente 1 Coríntios 14). *Ekklesia*, a palavra grega traduzida como “igreja”, tem um significado apropriado de “assembleia”. Que tipo de assembleia pode haver quando seus membros não se reúnem? A *ekklesia* de Cristo deve ser tanto uma reunião de pessoas como também um grupo de pessoas com identidade compartilhada que compartilham comunhão/associação (*koinonia* em grego), conforme 1 João 1:5-7. Ambos são aspectos essenciais da fé.

Enquanto o pós-modernismo tem aversão à liderança, o Novo Testamento afirma a necessidade de alguma estrutura e liderança nas igrejas locais. Os presbíteros/bispos/pastores foram atribuídos para supervisionar e pastorear as congregações das quais faziam parte, tanto judeus como gregos, em três continentes (Atos 14:23; 15:2; Filipenses 1:1). Eles foram atribuídos para “governar” os membros, orientando-os nos caminhos de Deus (1 Pedro 5:1-4).

Enquanto o indivíduo faz parte da igreja e a igreja representa um coletivo de indivíduos, cada cristão representa um filho individual de Deus que estará ou cairá individualmente diante do Mestre (Romanos 14:12). O coletivo não deve ser sobrecarregado quando o indivíduo tem os recursos disponíveis (1 Timóteo 5:16). O cristão é parte da igreja, mas o cristão também é mais do que a igreja, e deve refletir a luz de Jesus para todos os homens com quem entra em contato (Mateus 5:13-16). Não se deve enfatizar tanto a igreja (o corpo coletivo) de modo a perder as partes individuais que a compõem.

As reações raramente servem para alcançar a verdadeira fé bíblica. Cristãos devem manter uma visão equilibrada de suas vidas, fé e práticas, ganhando sua compreensão a partir de Jesus sobre cultura, filosofia ou qualquer outra coisa dessas.

4. RESUMO SOBRE DENOMINAÇÕES QUE ALEGAM SER CRISTÃS

Uma vez estudados o resumo histórico, as doutrinas bíblicas e os movimentos que afetaram o cristianismo ao longo dos anos, continuaremos com um resumo sobre denominações que alegam ser cristãs.

4.1. CATOLICISMO ROMANO

A Igreja Católica Romana foi formada em 1054 d.C. depois que o bispo de Roma enviou uma bula de excomunhão ao patriarca de Constantinopla, dividindo efetivamente o que se considerava a Igreja Católica. A Igreja Católica Romana, liderada pelo papa e outros bispos dentro do chamado magistério, é uma igreja em constante evolução, reavaliando continuamente posições doutrinárias e filosofias. Nossa consideração se concentrará principalmente nas doutrinas atuais da Igreja Católica Romana, falando de doutrinas passadas apenas para demonstrar inconsistências e contradições inerentes à sua tradição.

4.1.1. VARIANTES DO CATOLICISMO ROMANO

A Igreja Católica Romana tem duas formas de divisão dentro de si, uma que envolve diferentes variantes de culto enquanto mantém a autoridade católica romana e um grupo que se separou no século dezanove. Existem diferenças na forma como certas práticas da igreja são realizadas em várias áreas, especificamente quanto à missa e aos sacramentos. Essas variantes são chamadas de “ritos”, os quais tendem a ser divididos por regiões geográficas. Os principais ritos importantes reconhecidos pela Igreja Católica Romana são os seguintes: latino, bizantino, alexandrino (ou copta), siríaco, armênio, maronita e caldeu (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. II, par. 1203*). Os ex-ortodoxos orientais que se converteram ao catolicismo romano receberam também certos privilégios e são conhecidos como Igreja Católica do Rito Oriental. Além disso, depois do Concílio do Vaticano da Igreja Católica Romana de 1870 d.C., muitos católicos romanos discordaram da doutrina da infalibilidade papal que foi aprovada naquele conselho e formaram o que se conhece como “igrejas católicas antigas” (essas igrejas incluem a Igreja Católica Velha Mariavita, Igreja Católica Romana Antiga Norte-Americana e Igreja Católica Romana Rito Inglês). Desses grupos, a Igreja Católica Liberal se separou por volta de 1916 d.C. Também existe a Igreja Católica Polonesa Nacional da América, organizada principalmente para permitir que as comunidades de imigrantes sejam totalmente proprietárias de suas catedrais, entre outros, e uma medida de autonomia.

4.1.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Ortodoxia oriental: o problema com a autoridade petrina;](#)
- [Luteranismo:](#) o mau uso da [oração do Pai Nosso;](#)
- [Wesleyanismo:](#) o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social.](#)

Movimentos relacionados:

- [Ecumenismo.](#)

Problemas doutrinários:

- [Batismo:](#) o erro do [batismo de crianças e pecado original;](#) a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão;](#) erro se o [batismo tripartite](#) for considerado necessário; ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação;](#)
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência:](#) ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja;](#) falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja;](#) erro em usar [benevolência da](#)

- [igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais](#), [centros de educação](#), [cozinhas e salões para companheirismo](#) e [empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
 - [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento](#), [Natal](#), [Domingo de Ramos](#), [Quarta-Feira de Cinzas](#), [Quaresma](#), [Quinta-Feira Santa](#), [Sexta-Feira Santa](#), [Páscoa](#), [Ascensão-Pentecostes](#), [Epifania](#), [Anunciação](#), [dias relativos a santos](#);
 - [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#), o [Credo Niceno](#) e o [Credo de Atanásio](#);
 - [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
 - [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a [“lei moral”](#) e [dízimos](#);
 - [A Ceia do Senhor](#): compreensão equivocada sobre a [natureza dos símbolos](#); erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
 - [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#); erro em constituir [sacerdotes](#); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos](#), [conselhos](#), [convenções e outras reuniões como essas](#).

4.1.3. O PAPADO

A Igreja Católica Romana tem como sua autoridade maior o papa, um indivíduo nomeado por um colégio de bispos e que governa por toda a vida. Ele se assenta no que é chamado de “sé de Pedro” ou “santa sé”, a cadeira cujo ocupante detém a suposta autoridade dada a Pedro. O papa e os bispos ao seu redor compõem o magistério, o qual determina a fé da Igreja Católica Romana por meio da interpretação das Escrituras e do uso da tradição (“*Catechism of the Catholic Church*”, Pt. I, par. 100, 877, 880). As declarações de doutrina feitas pelo magistério são consideradas infalíveis (“*Catechism of the Catholic Church*”, Pt. III, par. 2035). Acredita-se que essa autoridade tenha sido derivada do próprio Pedro, que é atestado como um papa. Examinemos se Pedro foi um papa e, então, se o sistema magistral de autoridade é verdadeiramente válido aos olhos de Deus.

4.1.4. CONSIDERAÇÕES ESCRITURAS

A principal passagem das Escrituras em relação a Pedro é Mateus 16:15-19:

“E vocês?”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?” Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” Respondeu Jesus: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus. E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la. Eu lhe darei as chaves do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus.” (*Mateus 16:15-19*, “*Nova Versão Internacional*”).

É sobre essa passagem que a Igreja Católica Romana afirma que Cristo estabeleceu sua igreja em Pedro (“*Catechism of the Catholic Church*”, Pt. I, par. 552-553) e que aquele que se assenta na cadeira de Pedro tem autoridade para determinar assuntos de fé. Mas é isso que Jesus pretende que entendamos a partir desse texto?

Embora seja verdade que Jesus está apresentando um jogo de palavras, chamando Simão de “Pedro” (em grego, *petros*) e falando sobre a construção de sua igreja sobre “esta pedra” (em grego, *petra*), não há nada no texto que exija que Jesus esteja falando que Pedro e “esta pedra” são a mesma “pedra”. Como observamos de todas as

evidências disponíveis no Novo Testamento, a melhor interpretação dessa passagem é reconhecer que Jesus tem duas “pedras” diferentes em mente: Pedro (e, por extensão, os outros onze apóstolos), que fará grandes coisas na igreja, mas é sobre a pedra da confissão de Pedro que Jesus constrói sua igreja (isto é, a confissão de que Jesus é o Messias, o Cristo, o Senhor).

Consideremos Mateus 18:18 em termos da autoridade de Pedro:

Digo-lhes a verdade: tudo o que vocês ligarem na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido desligado no céu. (*Mateus 18:18, “Nova Versão Internacional”*).

Essa é a mesma declaração feita por Jesus em Mateus 16:19 e, dessa vez, não se pode negar que Jesus está falando com os doze discípulos (Mateus 18:1). A Igreja Católica Romana não nega isso, mas afirma que os apóstolos recebem toda autoridade para ligar e desligar, enquanto somente Pedro tem as chaves do reino de Deus (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 553*). Essa afirmação feita por Cristo, no entanto, demonstra que ele estava falando aos doze apóstolos em Mateus 16:18-19 e que a promessa da fundação da igreja era para todos eles (Atos 2:1-13; Efésios 2:20).

Também deve ser lembrado que a Igreja Católica Romana acredita que Pedro e os outros apóstolos receberam a autoridade para determinar doutrina por causa da declaração de Jesus de que “tudo o que vocês ligarem na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido desligado no céu” (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 881*). O mesmo é dito em João 20:23: “Se perdoarem os pecados de alguém, estarão perdoados; se não os perdoarem, não estarão perdoados.” Em outras palavras, afirma-se que, nessas passagens, encontra-se fundamento para que a Igreja Católica estabeleça doutrinas com autoridade divina.

No entanto, essa permissão do Senhor para os apóstolos ligarem e desligarem coisas na terra e no céu, assim como com o perdão, foi dada apenas aos doze apóstolos do primeiro século. Eles estavam sob influência direta do Espírito Santo revelando o Novo Testamento. Isso foi característica exclusiva deles – nunca nas Escrituras foi dada algum tipo de sucessão apostólica para continuar a revelar doutrinas. No final do primeiro século, todo o Novo Testamento estava completo e a doutrina de Deus tinha sido revelada. Essa doutrina revelada foi estabelecida como a norma que não mais mudaria: a Nova Aliança. Todos os apóstolos (com a exceção óbvia de Judas Iscariotes) agiram de acordo com o mesmo evangelho. Então, não é de se admirar que eles tinham autoridade para ligar e desligar coisas na terra e no céu e de perdoar ou não – eles agiam diretamente guiados por Deus, e esse modo de agir era o mesmo no céu ou na terra. O que eles faziam era o que Cristo faria. Eles estavam sob influência direta do Espírito.

Após o primeiro século, com a doutrina já completa, ninguém mais na terra pode ligar ou desligar coisas, ou perdoar, como eles faziam. Não há outro evangelho além do evangelho já revelado (Gálatas 1:6-9). Mudar a doutrina com a afirmação de que os homens depois do primeiro século podem fazer isso é deturpar a Palavra de Deus!

Há outro ponto a ser considerado. Encontramos o tempo futuro perfeito em Mateus 16:19, Mateus 18:18 e João 20:23. Há detalhes importantes aqui sobre o grego original: no indicativo, a forma perifrástica (um recurso linguístico que consiste na troca de uma expressão mais curta por outra mais longa) é o comum para o futuro perfeito, tanto ativo quanto passivo. O tempo perfeito do grego em relação a João 20:23, Mateus 16:19 e Mateus 18:18 é o futuro de um tempo perfeito e, por isso, refere-se a um ato como já completado no tempo futuro considerado e tendo resultados permanentes. A expressão “terá sido ligado” (sendo futuro perfeito perifrástico) carrega esse sentido. Ou seja, os apóstolos não fariam leis, não poderiam (com direito inerente) perdoar ou reter pecados, mas apenas declarariam o que Deus já havia determinado sobre tal assunto. Em outras palavras, os apóstolos apenas ligariam e desligariam aquilo que já tinha a aprovação do céu. A obra dos apóstolos não era realizada por sua própria iniciativa, mas por iniciativa de seu Pai celestial.

Claro que muitos cristãos não são estudiosos do grego e poucos observariam tais detalhes. Porém, o princípio de que os apóstolos apenas ligariam e desligariam aquilo que já tinha a aprovação do céu é provado pelo contexto geral das Escrituras. Há apenas um legislador (Tiago 4:12) e Deus jamais renunciou esse direito. O Espírito do Pai falou por meio dos apóstolos (Mateus 10:19-20). Também, foi ordenado aos apóstolos que permanecessem em Jerusalém até que do alto fossem revestidos de poder (Lucas 24:48-49). Jesus disse a eles que

quando viesse o Espírito da verdade, ele os guiaria a toda a verdade e os anunciaria as coisas que hão de vir (João 16:12-13). Portanto, claramente, o ligar e desligar dos apóstolos era por causa da inspiração – ou seja, os apóstolos eram como vasos de barro contendo o conhecimento da glória de Deus, de forma a mostrar que o poder que a tudo excede vem de Deus, e não dos próprios apóstolos (2 Coríntios 4:7). Eles passaram adiante aquilo que já tinham recebido do céu!

Então, em harmonia com a verdade de Deus como um todo, o que Jesus realmente disse sobre o ligar e desligar dos apóstolos é que, quando eles ligassem alguma coisa na nova revelação que estavam trazendo na época, seria aquilo que já havia sido ligado no céu. Seria a mensagem de Deus, revelada pelo Espírito, que eles estariam ligando na terra.

Há também razões para acreditar que o nome “Pedro”, o qual é argumentado como sendo dado por Cristo a Simão porque ele era a pedra em que a igreja seria levantada, não foi necessariamente dado a ele pela primeira vez na ocasião de sua confissão de que Jesus era o Cristo, pois lemos o seguinte em João 1:41-42:

O primeiro que ele encontrou foi Simão, seu irmão, e lhe disse: “Achamos o Messias” (isto é, o Cristo). E o levou a Jesus. Jesus olhou para ele e disse: “Você é Simão, filho de João. Será chamado Cefas” (que traduzido é “Pedro”). (João 1:41-42, “Nova Versão Internacional”).

Isso ocorreu no início do ministério de Cristo. Os eventos da última parte do primeiro capítulo do evangelho de João se correlacionam com o período de tempo dos capítulos três e quatro do evangelho de Mateus, muito antes da confissão de Pedro de que Jesus é o Cristo em Mateus 16:16. Assim, o nome de Pedro foi dado muito antes do relato em Mateus 16:13-20, e não é um título especial que demonstra sua autoridade no reino de Deus.

As próprias Escrituras mostram que a ideia de Pedro ser o fundamento singular da igreja é incorreta. Paulo afirma o seguinte em 1 Coríntios 3:11 e Efésios 2:20:

Porque ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo. (1 Coríntios 3:11, “Nova Versão Internacional”).

edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, (Efésios 2:20, “Nova Versão Internacional”).

Nós constatamos que Paulo afirma enfaticamente que o fundamento da igreja é muito mais do que Pedro. O chefe de todos é Jesus Cristo, a pedra angular, sem a qual não haveria igreja. O fundamento também inclui os apóstolos e profetas. Pedro é, portanto, parte da base, mas não é o fundamento por si mesmo.

4.1.5. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

A história também fala contra a ideia de Pedro ser um papa. Não há texto que indique que ele sequer tenha ocupado tal posição. Sua presença em Roma é apenas baseada na tradição. O argumento de que Pedro teve a autoridade de Cristo, e que essa autoridade continuou por uma sucessão (a qual alega-se ser fundamentada em Mateus 16:18), nem sequer foi usado até o papa Estêvão I no ano 250 d.C., quase duzentos anos após a morte de Pedro.

Além disso, a história registrada nas Escrituras também fala contra a suposta autoridade de Pedro. Nós lemos o seguinte em Mateus 20:20-24:

Então, aproximou-se de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e, prostrando-se, fez-lhe um pedido. “O que você quer?”, perguntou ele. Ela respondeu: “Declara que no teu Reino estes meus dois filhos se assentarão um à tua direita e o outro à tua esquerda.” Disse-lhes Jesus: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu vou beber?” “Podemos”, responderam eles. Jesus lhes disse: “Certamente vocês beberão do meu cálice; mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados por meu Pai.” Quando os outros dez ouviram isso, ficaram indignados com os dois irmãos. (Mateus 20:20-24, “Nova Versão Internacional”).

Por que os dez, incluindo Pedro, estavam indignados com os dois irmãos? Porque os dois irmãos pediram para obter a autoridade antes que eles! Além disso, se tivesse sido esclarecido por Jesus em Mateus 16 que Pedro deveria ser o fundamento do reino, por que a mãe dos filhos de Zebedeu se atreveria a pedir a Cristo que seus filhos tivessem essa autoridade? Por que eles parecem ser parceiros voluntários nesse pedido? Se a autoridade de Pedro fosse tão válida quanto a Igreja Católica Romana declara, os outros onze apóstolos a teriam reconhecido. Mateus 20:20-24 demonstra, no entanto, que não era esse o caso.

4.1.6. CONSIDERAÇÕES DO CARÁTER DE PEDRO

As Escrituras também falam do caráter de Pedro e mostram um caráter diferente do que constatamos no papado hoje. Primeiramente, Pedro foi casado. Isso é claro em Mateus 8:14 e 1 Coríntios 9:5:

Entrando Jesus na casa de Pedro, viu a sogra deste de cama, com febre. (*Mateus 8:14, “Nova Versão Internacional”*).

Não temos nós o direito de levar conosco uma esposa crente como fazem os outros apóstolos, os irmãos do Senhor e Pedro? (*1 Coríntios 9:5, “Nova Versão Internacional”*).

Aqui constatamos que Pedro foi casado não apenas enquanto discípulo de Cristo, mas mesmo depois em seu ministério como apóstolo! Isso está em completa harmonia com a sua posição de presbítero em 1 Pedro 5:1 e a necessidade de um presbítero se casar em 1 Timóteo 3:2. Esse casamento não está em harmonia com os ensinamentos católicos romanos relativos ao papa e a todas as autoridades eclesiais, as quais devem permanecer celibatárias (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. II, par. 1579*).

Também observamos uma grande humildade exibida por Pedro, especialmente em Atos 10:25-26:

Quando Pedro ia entrando na casa, Cornélio dirigiu-se a ele e prostrou-se aos seus pés, adorando-o. Mas Pedro o fez levantar-se, dizendo: “Levante-se, eu sou homem como você.” (*Atos 10:25-26, “Nova Versão Internacional”*).

Essa humildade é apropriada para um servo do Senhor Jesus Cristo (Lucas 18:14). No entanto, essa humildade não é observada no papado, uma vez que o papa recebe muita reverência, até o ponto de ser adorado.

Nós também constatamos que Pedro se contenta ao ser “um entre muitos”, como visto em 1 Pedro 5:1-3:

Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. (*1 Pedro 5:1-3, “Nova Versão Internacional”*).

Aqui, Pedro fez uma declaração “na qualidade de presbítero” aos outros presbíteros. Se Pedro tivesse alguma forma de autoridade superior, ele a enfatizaria aqui. Ele não tem, no entanto – tudo o que ele faz é dizer que ele é um presbítero entre outros presbíteros. Essa atitude não é observada no bispo de Roma – ele não se contentou em ser um presbítero entre outros companheiros presbíteros, especialmente em 1054 d.C., quando as ações do papa acabaram por dividir a Igreja Católica em Igreja Católica Romana e Igreja Ortodoxa Oriental.

Quanto à infalibilidade, é claro que Pedro estava longe de ser infalível. Lemos o seguinte em Gálatas 2:11-13:

Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, enfrentei-o face a face, por sua atitude condenável. Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão. Os demais judeus também se uniram a ele nessa hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar. (*Gálatas 2:11-13, “Nova Versão Internacional”*).

Essas são as mesmas pessoas que Pedro declarou que são aceitas por Deus no conselho apostólico de Atos 15:7-11 e, agora, ele se separa deles: um erro claro na doutrina. Ainda assim, o papado recebe sua infalibilidade dele?

Portanto, é claro que Pedro não é a única parte do fundamento da igreja: Jesus é a parte principal do fundamento, sendo a principal pedra angular, enquanto Pedro está no nível dos outros onze apóstolos (incluindo Matias) e de Paulo, sendo fundamento da igreja juntamente com eles. Também é claro que Pedro não foi um papa, mas apenas um presbítero entre os presbíteros de uma congregação local, seja em Antioquia ou em Jerusalém, em meados do primeiro século. O caráter de Pedro também contrasta fortemente com as características do papado.

4.1.7. SUCESSÃO APOSTÓLICA

Outro princípio fundamental do sistema de autoridade na Igreja Católica Romana é que a autoridade dada a Pedro e aos apóstolos foi transferida ao papa e aos bispos da primeira Igreja Católica e, depois, à Igreja Católica Romana até hoje (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. I, par. 100; Pt. II, par. 1555-1557). Tenta-se justificar isso pelo apelo ao sistema de evangelistas e presbíteros instituídos na igreja primitiva, como se observa em Mateus 28:20 e Tito 1:5 (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. I, par. 860-861). Será que essa foi verdadeiramente a prática da igreja primitiva?

Os apóstolos e seus companheiros evangelistas estabeleceram presbíteros, mas o estabelecimento de presbíteros foi criado para ser uma pluralidade de presbíteros em uma única congregação local (Filipenses 1:1). Não há nenhuma indicação nas Escrituras de que qualquer dom do Espírito Santo sobre conhecimento ou interpretação foi dado apenas a eles. Além disso, o papel do evangelista foi delineado a partir de uma posição de autoridade em Romanos 12:7. Outro golpe para a ideia de que os poderes detidos pelos apóstolos puderam ser transmitidos é evidenciado em Atos 8:14-17, onde constatamos que Pedro e João tiveram que ir de Jerusalém para Samaria para conferir o dom miraculoso do Espírito Santo sobre os samaritanos, pois Filipe claramente não podia fazê-lo. É claro que os apóstolos podiam transmitir o dom miraculoso do Espírito Santo, mas não há indícios de que outros puderam fazer o mesmo.

O argumento da "sucessão apostólica" se desenvolveu para tentar justificar o que estava sendo apresentado pelos professos "cristãos" posteriores. Eles diriam que, uma vez que sua igreja teve uma sucessão ininterrupta de líderes até voltar aos apóstolos, então seus ensinamentos poderiam ser certificados como verdadeiros. No entanto, isso nunca é uma diretriz nas Escrituras para estabelecer legitimidade. Muitas igrejas foram fundadas por apóstolos e ainda acreditavam em erros de doutrina (1 Coríntios 1:1-16:24; 2 Coríntios 1:1-13:14; Gálatas 1:1-6:18). A verdade se baseou, e se baseia, no que Deus revelou na Bíblia (2 Timóteo 3:16-17; 1 João 4:1), não em uma suposta "sucessão apostólica".

Assim, podemos constatar que as Escrituras não ensinam que existe uma "sucessão apostólica" de Pedro e dos apóstolos por meio de um sistema de papa e bispos ao longo dos tempos. As Escrituras nos mostram um padrão de uma pluralidade de presbíteros para cada congregação local. Portanto, o sistema de autoridade promulgado pela Igreja Católica Romana não tem validade nas Escrituras.

4.1.8. TRADIÇÃO APOSTÓLICA

A Igreja Católica Romana se apegava fortemente ao que chama de "tradição apostólica". Ela acredita que os apóstolos confiaram à igreja as Escrituras e os "ensinamentos orais", ou tradições (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. I, par. 84). Tenta-se justificar essa crença pelo uso de versos como 2 Tessalonicenses 3:6:

Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo nós lhes ordenamos que se afastem de todo irmão que vive ociosamente e não conforme a tradição que vocês receberam de nós. (2 Tessalonicenses 3:6, "Nova Versão Internacional").

Examinemos essa afirmação. Primeiramente, se é uma tradição dos apóstolos, deve haver prova de sua origem. A Igreja Católica Romana deve provar que as tradições que ela sustenta de fato vieram como tradição oral dos apóstolos. Até agora, nenhuma dessas evidências foi apresentada. A evidência que temos dos apóstolos é o Novo Testamento. Constatamos o seguinte dentro dessa evidência em 2 Timóteo 3:16-17:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 3:16-17, "Nova Versão Internacional").

As próprias Escrituras dizem que são inspiradas e tornam o homem de Deus “apto e plenamente preparado para toda boa obra”. Portanto, pode-se concluir que não há boa obra que possa ser feita que não esteja autorizada nas Escrituras.

Muitas vezes é dito em resposta a isso que, quando Paulo escreveu 2 Timóteo, o Novo Testamento ainda não havia sido formado. Isso é apenas uma meia verdade. Paulo, em 1 Timóteo 5:18, cita Lucas em Lucas 10:7 como uma “Escritura”, portanto é certo que Paulo conheceu algo do que se tornaria o cânon do Novo Testamento. As próprias Escrituras atestam sua própria suficiência.

Alguns também dirão que as próprias Escrituras testemunham que não incluem todos os assuntos da fé com base em João 20:30-31 e João 21:25:

Jesus realizou na presença dos seus discípulos muitos outros sinais miraculosos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome. (*João 20:30-31, “Nova Versão Internacional”*).

Jesus fez também muitas outras coisas. Se cada uma delas fosse escrita, penso que nem mesmo no mundo inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos. (*João 21:35, “Nova Versão Internacional”*).

Isso afirma que as Escrituras não contêm a informação relativa a todas as obras e ações de Cristo e seus apóstolos. No entanto, João afirma em João 21:25 que o próprio mundo não poderia conter essa informação! Certamente, se a informação é muito vasta para as Escrituras, nenhuma tradição poderia conter tudo. A resposta a essa alegação é encontrada em João 20:31, onde é dito que as Escrituras foram escritas para que “vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”. O que mais é necessário sobre o evangelho? Ninguém diria que as Escrituras contêm todos os fatos que poderiam ser conhecidos sobre Cristo ou seus apóstolos. As Escrituras, no entanto, afirmam que dentro de suas páginas serão encontradas todas as informações necessárias para o fiel.

As Escrituras falam da tradição como encontramos em 2 Tessalonicenses 3:6, mas o que são exatamente essas tradições? A única prova certa das tradições apostólicas vem das próprias Escrituras. Certamente há tradições que podemos encontrar nas Escrituras, incluindo a prática do batismo para a remissão dos pecados (Atos 2:38), a participação da Ceia do Senhor (Atos 20:7; 1 Coríntios 11:17-31) e muitas outras coisas assim. Nós até verificamos que há tradições relativas a Cristo que entraram nas Escrituras. João 7:53-8:11 apresenta a história de como Jesus perdoou a mulher adúltera. Os primeiros textos do Novo Testamento não contêm essa seção nesse local. Além disso, dentro da estrutura do evangelho, parece ser claramente uma adição, pois João 7:52 e João 8:12 parecem estar conectados. No entanto, poucos duvidam da autenticidade da história. Essa narrativa, então, representa uma tradição em relação a Jesus que foi feita parte das Escrituras.

Da mesma forma, há a declaração de Paulo em Atos 20:35:

Em tudo o que fiz, mostrei-lhes que mediante trabalho árduo devemos ajudar os fracos, lembrando as palavras do próprio Senhor Jesus, que disse: “Há maior felicidade em dar do que em receber”. (*Atos 20:35, “Nova Versão Internacional”*).

Essa declaração de Jesus não está registrada em nenhuma das narrativas dos evangelhos. Será que isso significa que não é verdade? De jeito nenhum! Aqui está outro exemplo de uma tradição em relação a Jesus que agora faz parte das Escrituras. A declaração está claramente em harmonia com a natureza de Jesus, então não há contradição no assunto.

Não há necessariamente um problema com a tradição, desde que seja parte dos mandamentos de Deus, e não das tradições dos homens, como Cristo estabeleceu em Marcos 7:8-9:

“Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens.” E disse-lhes: “Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira de pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecerem às suas tradições!” (*Marcos 7:8-9, “Nova Versão Internacional”*).

A única maneira de examinar verdadeiramente as alegações da tradição apostólica feitas pela Igreja Católica Romana é compará-las aos mandamentos feitos pela Palavra de Deus. Vamos fazer isso agora.

4.1.9. TRADIÇÕES RELATIVAS ÀS ESCRITURAS

A Igreja Católica Romana ensina que as Escrituras foram determinadas pela tradição e que é preciso ler as Escrituras no contexto da tradição (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. I, par. 113, 120). Será que isso é verificado pela história?

Quando falamos da "tradição apostólica", constatamos que Paulo citou o Evangelho de Lucas como uma Escritura, e certamente não se diria que as Escrituras eram determinadas pela tradição encontrada nelas. Além disso, em 2 Pedro 3:15-17, Pedro dá seu aval às cartas de Paulo.

O registro histórico mostra claramente que a grande maioria do Novo Testamento foi aceita como autorizada nos anos da morte de seus autores. Os "pais da igreja" do início do segundo século demonstram familiaridade com vinte dos livros do Novo Testamento. Até o final daquele século, todos, exceto três, foram reconhecidos, dois deles não devido à sua autoridade, mas porque um deles não tinha nenhum autor listado (Hebreus) e a profecia do outro era muitas vezes mal-usada pelos hereges (Apocalipse). Historicamente, é bem claro que nenhuma tradição determinou a Escritura, mas as obras contidas no Novo Testamento foram escritas pelos apóstolos e seus seguidores.

A Igreja Católica Romana também aceita nove obras apócrifas do segundo século a.C. como parte do Antigo Testamento: Tobias, Judite, 1 Macabeus, 2 Macabeus, os acréscimos ao Livro de Ester, adições a Daniel, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico e Baruque (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. I, par. 120). Será que essas obras são inspiradas, dirigidas pelas mãos de Deus?

Em primeiro lugar, é importante notar que a Igreja Católica Romana não aceitou todas as obras apócrifas desse período de tempo. A Septuaginta, a versão grega do Antigo Testamento da qual todos esses livros foram derivados, incluiu também 1 Esdras, Epístola de Jeremias, 3 Macabeus, 4 Macabeus e Oração de Manassés. Nenhuma dessas obras apócrifas foi citada ou claramente mencionada nas palavras de Cristo e nos escritos dos apóstolos, apesar da familiaridade deles com a Septuaginta. Cristo e os apóstolos não os citaram e não se referiram a eles por uma boa razão. Três das obras históricas (Tobias, Judite e os acréscimos a Ester) são historicamente inconsistentes com fatos conhecidos, como mostrado a seguir.

Tobias: em Tobias 1:15, o autor se refere à mudança do reinado assírio de Salmaneser para Senaqueribe. Deixemos a nota da tradução inglesa autorizada da Igreja Católica Romana da Bíblia, *The New American Bible*, falar por si mesma:

Senaqueribe (705-681 a.C.): filho de Sargão (722-705 a.C.); não foi descendente de Salmaneser. Inconsistências como esta apontam para o fato de que Tobias é um romance religioso. (*"The New American Bible"*, note on Tobit 1:15, p. 429).

Mesmo as autoridades católicas romanas admitem que essa obra é "romance religioso".

Judite: em Judite 1:1, o autor se refere a Nabucodonosor como "rei da Assíria", embora seja sempre conhecido como o rei da Babilônia nas Escrituras. Há também Judite 4:1-3:

Os israelitas que viviam na Judeia souberam do que Holofernes, o comandante supremo do exército de Nabucodonosor, rei dos assírios, tinha feito com as outras nações, e como tinha destruído todos os seus templos e levado tudo o que havia neles. Por isso, ficaram com muito medo dele e apavoraram-se ao pensarem no que seria capaz de fazer com Jerusalém e com o templo do Senhor seu Deus. Tinham acabado de voltar do cativeiro e, portanto, todo o povo da Judeia estava reunido de novo. O templo, o altar e todos os utensílios que tinham sido profanados foram dedicados de novo. (*"A Bíblia Para Todos"*, Judite 4:1-3).

Toda essa passagem é historicamente inconsistente e anacrônica. Sabemos o seguinte: Senaqueribe, rei da Assíria, ameaçou a Judeia sob o reinado de Ezequias (2 Crônicas 32); mais tarde, Nabucodonosor, rei da Babilônia, conquistou a Judeia (2 Crônicas 36:6-21); e, durante o reinado de Ciro I da Pérsia, os israelitas retornaram do exílio à Judeia (2 Crônicas 36:22-23). Essas inconsistências históricas apontam para a natureza ficcional dessa obra.

Acréscimos a Ester: Ester, ao dar um endereço no capítulo E de Ester, versículo 14, fala de como Hamã tentou transformar o domínio persa para os macedônios. Essa declaração faria muito sentido cerca de cento e vinte e cinco anos depois de que Ester viveu, pois, naquela época, os macedônios invadiram o Império Persa. No entanto, na época de Ester (a era de Xerxes I), a Macedônia era um remanso grego, ultrapassado facilmente na corrida de Xerxes para conquistar a Grécia.

1 Macabeus: a evidência final e mais condenatória vem de 1 Macabeus. O autor de 1 Macabeus indica várias vezes que não há profetas na terra, e estabelece que tem havido a passagem de algum tempo desde que os profetas estiveram na terra (1 Macabeus 4:46; 9:27; 14:41). Isso indica que o autor de 1 Macabeus não se considerou como sendo profeta, nem qualquer outra pessoa de sua própria época como sendo profeta. Como, então, pode uma Escritura inspirada ser escrita quando ninguém está sendo guiado pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:20)?

Uma vez que não há nenhuma boa evidência para a inspiração de qualquer um dos autores desses livros, juntamente com as inúmeras inconsistências dentro deles, podemos estabelecer que eles não são parte das Escrituras. Há proveito em lê-los para entender o judaísmo intertestamental, mas as obras não estão no nível das Escrituras.

A ideia da leitura das Escrituras no contexto da tradição não seria um problema a não ser que as tradições sustentadas fossem inconsistentes com as Escrituras. Como constatamos, e ainda constataremos, a tradição defendida pela Igreja Católica Romana é inconsistente com as verdades das Escrituras. Obviamente, não devemos tentar ler as Escrituras no contexto de erros.

Finalmente, muitos católicos romanos argumentarão que as Escrituras são impossíveis para um indivíduo entender e ser capaz de julgar. Nessa visão, é necessário ter alguém com autoridade para interpretar as Escrituras para ajudar no conhecimento de Cristo. Então, apela-se para 2 Pedro 3:15-16:

Tenham em mente que a paciência de nosso Senhor significa salvação, como também o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles. (2 Pedro 3:15-16, *"Nova Versão Internacional"*).

Deve-se notar que Pedro não diz aqui que os escritos de Paulo são impossíveis de entender, apenas que "algumas coisas" são "difíceis de entender". Não encontramos nenhuma indicação no Novo Testamento de que uma "autoridade" era necessária para a compreensão das Escrituras. Verificamos que os presbíteros devem pastorear o rebanho e que devem ser capazes de ensinar (1 Timóteo 3:1-2), mas Paulo nunca declara que os presbíteros devem interpretar as Escrituras para o rebanho ou que devem determinar assuntos de doutrina por si mesmos. Paulo realmente nos ordena a estudar a Palavra com diligência, como está escrito em 2 Timóteo 2:15:

Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade. (2 Timóteo 2:15, *"Nova Versão Internacional"*).

Falando sobre isso, há várias passagens bíblicas que incentivam o indivíduo a estudar as Escrituras por si mesmo:

Regozijo-me em seguir os teus testemunhos como o que se regozija com grandes riquezas. Meditarei nos teus preceitos e darei atenção às tuas veredas. Tenho prazer nos teus decretos; não me esqueço da tua palavra. Trata com bondade o teu servo para que eu viva e obedeça à tua palavra. (Salmo 119:14-17, *"Nova Versão Internacional"*).

Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 3:15-17, *"Nova Versão Internacional"*).

Os bereanos eram mais nobres do que os tessalonicenses, pois receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo. (Atos 17:11, *"Nova Versão Internacional"*).

Ame o SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões. (*Deuteronômio 6:5-9, “Nova Versão Internacional”*).

Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida. (*João 5:39-40, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor. (*Efésios 5:17, “Nova Versão Internacional”*).

Jesus não quer seus seguidores sejam ignorantes: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (João 8:32); “Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego” (Romanos 1:16); “Consequentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Romanos 10:17); “Embora a esta altura já deveriam ser mestres, vocês precisam de alguém que lhes ensine novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido!” (Hebreus 5:12); “Portanto, livrem-se de toda impureza moral e da maldade que prevalece, e aceitem humildemente a palavra implantada em vocês, a qual é poderosa para salvá-los. Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer” (Tiago 1:21-25).

As Escrituras servem para ensinar e habilitar para toda boa obra (1 Timóteo 3:16-17). Portanto, podemos constatar pelas Escrituras que é responsabilidade do indivíduo estudar a Palavra de Deus e entender as verdades das Escrituras, e não apenas aceitar o que foi ensinado por um suposto superior.

4.1.10. TRADIÇÕES RELATIVAS A SACRAMENTOS

A Igreja Católica Romana ensina que existem sete “sacramentos”, ações particulares que são consideradas sagradas. Esses sete são o batismo, a confissão ou penitência, a santa comunhão ou eucaristia, a crisma ou confirmação, as ordens sacras, o matrimônio e a unção dos enfermos (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. II, par. 1113*). O catecismo católico define “sacramento” como um sinal exterior instituído por Cristo para produzir uma graça interna, mas essa ideia é alheia às Escrituras. A palavra “sacramento” não aparece na Bíblia, contudo, há lugares nas Escrituras onde encontramos atos ou mandamentos que são semelhantes a alguns dos sacramentos.

Os problemas relativos ao batismo na visão católica romana são que a Igreja Católica Romana batiza bebês e permite o derramamento ou a aspersão da água. Abordaremos aqui a visão católica da confissão ou penitência e, também, mais adiante, quando falarmos sobre as [tradições relativas ao pecado](#). A santa comunhão ou eucaristia tem as dificuldades inerentes à [doutrina da transubstanciação](#). Problemas com o sacramento das ordens sacras envolvem a [hierarquia de bispos](#), a qual não estava presente na igreja do Novo Testamento. Examinemos mais detalhadamente sobre cada sacramento a seguir, com base no artigo “Os Sacramentos” do estudo “Catolicismo e Cristianismo” de Kathleen Trigg publicado no site [Estudosdabiblia.net](#) (*Estudosdabiblia.net/a17_2.htm, acessado em 10/2023*).

Batismo: o batismo é um sacramento que a maioria dos católicos recebe logo após o nascimento. Aos católicos é ensinado que esse sacramento lava o pecado, pelo derramamento de água sobre a cabeça do batizando e a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É nesse ponto que a pessoa recebe graça, torna-se filho de Deus, herdeiro do céu, e membro da Igreja Católica. Os católicos creem que esse batismo remove o pecado original herdado de Adão e Eva e, no caso de um adulto ser batizado, remove também os pecados cometidos por esse indivíduo.

A maioria dos batismos católicos ocorre como parte de uma cerimônia formal, dirigida por um padre. Quando uma criança nasce, os pais escolhem um homem e uma mulher para serem padrinhos da criança. Essas

peças concordam em ajudar os pais no treinamento espiritual da criança e, na eventualidade de morte dos pais, eles concordam em criar a criança como um católico fiel. Os pais também escolhem um nome de santo para a criança. Além da água derramada sobre a cabeça da criança, o padre também coloca sal na boca da criança para representar purificação e preservação. Outros atos tradicionais incluem ungir com crisma e óleo, segurando uma vela acesa, e a profissão de fé, que é dita pelos pais e padrinhos da criança.

Em certas instâncias, o sacramento do batismo é ministrado de modo diferente. Em uma emergência médica, qualquer pessoa leiga pode efetuar um batismo. Também, parece que algumas paróquias conduzem a cerimônia de modo diferente. Alguns adultos decidiram se tornar católicos e foram imersos em vez de receber água derramada sobre sua cabeça. Nos Estados Unidos, certas regiões diferem no modo como praticam a doutrina da Igreja Católica.

A palavra “batismo”, ou uma forma dessa palavra, aparece 96 vezes na Bíblia e o ato do batismo é referido em uns poucos outros lugares, ainda que não pelo nome. Todas essas referências ocorrem no Novo Testamento.

Em comparação, algo do que a Igreja Católica Romana ensina sobre batismo é confirmado pela Bíblia. O batismo foi ordenado por Cristo como parte do modo de fazer discípulos. É um batismo nas águas e seu propósito é para a remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito (a própria salvação e a capacitação para nela permanecer). É nesse ponto do batismo que uma pessoa obtém salvação e se torna membro da igreja de Cristo (Mateus 28:19; Marcos 16:16; Atos 2:38,41; Gálatas 3:26-27; 1 Pedro 3:20-21).

Em contraste, há várias coisas sobre o batismo católico que não são encontradas nas Escrituras. Esses aspectos são: o batismo de recém-nascidos, o conceito de pecado original e o ato da aspersão ou derramamento em vez da imersão.

Todas as ocasiões de batismo relatadas nas Escrituras envolvem adultos. De modo a ser batizada, cada pessoa tinha que entender e crer no evangelho, crer em Jesus como Senhor (Deus) e salvador, confessar a fé conforme o evangelho (não apenas no momento da conversão, mas por toda a vida) e arrepender-se de seus pecados. Não há exemplos de crianças pequenas sendo batizadas porque elas são incapazes desses atos.

A Bíblia não ensina o conceito de “pecado original”. O batismo é o ponto em que a pessoa recebe o perdão de seus próprios pecados. No capítulo 18 do Livro de Ezequiel, Deus explicou ao profeta que cada pessoa é tida como responsável por seus próprios pecados e as pessoas não podem ser responsabilizadas pelos pecados de seus ascendentes. O entendimento das Escrituras a respeito do assunto é que todos os seres humanos sofrem as consequências físicas do pecado de Adão e Eva, sendo separados da árvore da vida, mas Deus não responsabiliza ninguém pelos pecados de outros, inclusive os pecados de Adão e Eva.

A palavra “batismo” nas Escrituras, quando traduzida literalmente, significa “consiste em processos de imersão, submersão e emersão” (de *bapto*, “mergulhar”). Os batismos que aconteceram quando Jesus e os apóstolos estavam na terra não foram uma aspersão ou derramamento de água. Os crentes que foram batizados foram inteiramente imersos em água. João, por exemplo, batizava numa parte do rio Jordão que tinha muita água (João 3:23), capacitando-o a imergir completamente aqueles que vinham a ele. O capítulo 6 da carta de Paulo aos Romanos explica o simbolismo da imersão (Romanos 6:3-4). Quando uma pessoa é abaixada na água e coberta, isso é muito parecido com um sepultamento. Quando essa mesma pessoa é levantada da água, é como uma ressurreição dos mortos. O batismo é o ponto no qual uma pessoa morre para o pecado e começa uma nova vida espiritual.

Confissão ou penitência: o sacramento da confissão ou penitência é como um católico recebe perdão por aqueles pecados que tiver cometido depois do batismo. A confissão compreende três aspectos: contrição ou tristeza pelos pecados cometidos, confissão voluntária desses pecados a um sacerdote e, por fim, a penitência, a qual envolve certas preces ou outros atos determinados pelo sacerdote, com a intenção de fazer expiação a Deus.

O ato de confessar pecados é parte tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento. Sob a Antiga Aliança, os sacerdotes e guias confessavam seus próprios pecados e os pecados do povo a Deus (Levítico 16:21; Esdras 10:1,11; Neemias 9:2-3). Frequentemente, essa confissão era ligada com os dias santos ou com os sacrifícios

individuais pelo pecado. As pessoas também confessavam seus próprios pecados diretamente a Deus, em oração, ou os confessavam uns aos outros (Números 5:7; Josué 7:19-21; Daniel 9:4-5,20).

Sob a Nova Aliança, os cristãos foram mandados a confessar seus pecados a Deus (1 João 1:9), podendo fazê-lo uns aos outros (Tiago 5:16), sendo asseguradas de que Deus as perdoaria (se a confissão vier acompanhada de arrependimento, isto é, decisão firme de não mais pecar). Sob a Nova Aliança, o povo não confessa seus pecados a sacerdotes porque não havia nenhuma classe especial de sacerdotes na igreja no Novo Testamento. Em sua primeira carta, Pedro, o apóstolo, esclareceu que todos os cristãos são parte do santo sacerdócio que oferece sacrifícios espirituais aceitáveis por Deus por meio de Cristo Jesus (1 Pedro 2:5). A confissão mencionada nas Escrituras também não foi parte de qualquer cerimônia em particular.

Santa comunhão ou eucaristia: o sacramento da santa comunhão também é conhecido como santa eucaristia. Ensina-se que o sacramento da comunhão é a parte mais significativa da celebração da missa. Dá-se ênfase ao sacrifício que Cristo fez por sua igreja e os católicos acreditam que recebem graça quando recebem o corpo e o sangue de Jesus Cristo na aparência de pão e vinho. Transubstanciação é o termo usado para descrever a mudança do pão e do vinho no verdadeiro corpo e sangue de Cristo. Esse sacramento comemora a união do povo de Deus com seu Salvador. Na maioria das paróquias, é prática comum ministrar somente o corpo de Cristo na comunhão. O sangue de Cristo é ministrado muito raramente e somente em dias santos especiais.

O sacramento da santa comunhão é derivado da Ceia do Senhor. Jesus instituiu esse memorial na noite em que foi traído. Ele também instruiu seus discípulos a continuar essa ceia especial em sua memória. Três das narrativas dos evangelhos registram esse evento significativo: Mateus 26:26-29, Marcos 14:22-25 e Lucas 22:14-20. Em sua primeira carta aos coríntios, o apóstolo Paulo fornece instruções sobre a história e o propósito da Ceia do Senhor (1 Coríntios 11:23-34). Ele também fornece orientações sobre a maneira como deve ser recebida.

A Bíblia mostra que os discípulos dos primeiros dias da igreja se reuniam no primeiro dia da semana para partilhar a Ceia do Senhor (Atos 20:7). Tanto o pão como o fruto da videira eram tomados todas as vezes em que participavam dessa comemoração da morte de Cristo. A Bíblia não menciona o conceito de transubstanciação.

Crisma ou confirmação: é a unção de um indivíduo que foi batizado na Igreja Católica Romana que ainda não participou da Eucaristia (*"Catechism of the Catholic Church", Pt. II. par. 1289*). Para aqueles batizados como crianças, esse sacramento é realizado na "idade de discipulação" ou, se uma criança está em perigo de morte, imediatamente (*"Catechism of the Catholic Church", Pt. II. par. 1307*). Catecúmenos, ou adultos convertidos ao catolicismo romano, recebem confirmação imediatamente após o batismo (*"Catechism of the Catholic Church", Pt. II. par. 1290*). É ministrado usualmente por um bispo. Aquele que recebe o sacramento escolhe um nome de santo e um fiel católico como padrinho. O bispo concede graça a quem recebe o sacramento, unguindo-o com crisma na testa e batendo levemente em seu rosto. O propósito desse sacramento é reforçar a fé da pessoa.

A palavra "crisma" (ou "confirmação") não aparece na Bíblia e não se localiza qualquer cerimônia ou comportamento nas Escrituras que seja comparável com essa prática católica. No entanto, a Igreja Católica Romana declara que a confirmação hoje é vista na "imposição de mãos" do Novo Testamento (*"Catechism of the Catholic Church", Pt. II. par. 1288*). Será que o uso da "imposição das mãos" está em conformidade com o sacramento da confirmação?

A imposição das mãos no Novo Testamento é mais frequentemente observada imediatamente após o batismo como a transmissão dos dons espirituais do Espírito Santo. Isso foi feito apenas pela autoridade dos apóstolos – constatamos isso em Atos 8:14, uma vez que Pedro e João tiveram que ir a Samaria para dar aos recentes convertidos o dom do Espírito Santo, pois tal poder não estava nas mãos de Filipe. Mesmo que a Igreja Católica Romana afirme que apenas um bispo pode realizar uma confirmação (*"Catechism of the Catholic Church", Pt. II. par. 1318*), e que os bispos recebem autoridade dos apóstolos, mostramos anteriormente ao abordar sobre [sucessão apostólica](#) que não é assim. Sem essa autoridade, não há transferência do Espírito Santo na imposição das mãos.

Devemos também observar a progressão natural para a necessidade de confirmação. Quando os bebês começaram a ser batizados, algum selo era requerido para a fé quando atingissem a idade de maturidade. O Novo Testamento ensina que o único selo de Cristo e do Espírito Santo é que aquele que creu em Cristo seja batizado em

água para a remissão de seus pecados (Atos 2:38). A crisma ou confirmação, portanto, é uma adição feita por causa da prática de batizar bebês, a qual nem sequer deriva dos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos. Concluímos, portanto, que as Escrituras ensinam que as pessoas entram em Cristo por meio do batismo e não precisam de tal “confirmação”.

Ordens sacras: é o sacramento pelo qual padres e bispos são ordenados. Homens que frequentaram o seminário recebem o poder do sacerdócio e é conferida a eles graça que os capacita a praticar as responsabilidades de officiar a missa, conduzir as paróquias da Igreja Católica Romana, entre outros deveres especiais.

O termo “ordens sacras” não aparece na Bíblia, e não há cerimônias ou comportamentos no Novo Testamento que sejam comparáveis com a prática católica de ordenar sacerdotes. Como foi mencionado quando abordamos sobre [sacerdotes](#), não havia classe especial de sacerdotes na igreja cristã primitiva.

Nas ocasiões em que evangelistas, os quais eram sustentados para pregar a Palavra de Deus, saíam para uma jornada, seus colaboradores os despediam com uma “imposição de mãos” (veja, por exemplo, Atos 13:1-3). Essa prática, contudo, não era nenhum tipo de ordenação, mas era muito mais parecida com um costume representando uma bênção à obra a ser cumprida.

No Antigo Testamento, Deus deu instruções muito especiais sobre como os sacerdotes teriam que assumir seus papéis de guias espirituais de Israel. Aquelas práticas, contudo, aplicavam-se somente à fé judaica, uma vez que os deveres sacerdotais estavam ligados diretamente ao serviço no templo, envolvendo sacrifícios de animais e adesão à lei judaica. Essas práticas da Antiga Aliança entre Deus e Israel não são parte da Nova Aliança entre Jesus e seus seguidores.

Matrimônio: o sacramento do matrimônio é dado a um homem e uma mulher quando são unidos como esposo e esposa e a graça é recebida por eles para cumprirem obedientemente as responsabilidades que essa nova relação cria. Na maioria dos casos, um padre oficia a cerimônia de casamento, contudo, com permissão especial, um católico pode ser casado por um ministro de outra denominação.

O sacramento do matrimônio não é mencionado na Bíblia. Há ocasiões nas Escrituras quando casamento e bodas são mencionados, mas em nenhuma dessas instâncias a união do homem com a mulher é parte de uma cerimônia religiosa. Há mandamentos dados nas Escrituras sobre a necessidade de fidelidade no casamento e os papéis do esposo e da esposa. O casamento é observado como sendo uma aliança pública em que tanto o homem quanto a mulher aceitam a outra parte na categoria específica de cônjuge. Além disso, o casamento se enquadra dentro dos mandamentos gerais para serem obedecidas as leis do governo (Romanos 13:1-2; 1 Pedro 2:13-17). Além desses regulamentos, a Bíblia não indica que qualquer graça especial seja recebida por um casal no dia das suas bodas.

Unção dos enfermos: o sacramento da unção dos enfermos é ministrado àqueles católicos que estão em perigo de morte. O propósito do sacramento é restaurar a saúde da pessoa e absolver o indivíduo de qualquer pecado remanescente. Ele também serve como preparação para a morte. Um padre ora e unge a pessoa doente com azeite que foi benzido por um bispo. O sacramento também é conhecido como extrema unção, últimos ritos ou última bênção. A bênção é dada a uma pessoa que está morrendo e que tenha feito um ato de contrição e que tenha confessado o nome santo. É usada a fórmula do Papa Benedito XIV. A bênção não pode ser dada a um moribundo que foi excomungado, a um impenitente, ou quem quer que esteja morrendo em “pecados mortais”.

Tiago 5:14-15 afirma: “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado.” Isso soa muito semelhante à prática católica de ungir os doentes, contudo, na Bíblia, a oração e a unção são feitas pelos presbíteros, não por um padre.

No Antigo Testamento há várias ocasiões em que pessoas que estão próximas da morte dão bênçãos àqueles que permanecerão na terra depois de sua partida, contudo, não há instâncias de uma bênção dada à pessoa que está morrendo.

Portanto, após examinação, constatamos que alguns dos sacramentos são semelhantes a práticas encontradas nas Escrituras, enquanto outros não são de modo algum encontrados nas Escrituras. Descobrimos, também, que além do batismo, da Ceia do Senhor e da unção dos enfermos com o propósito de restaurar a saúde, os sacramentos praticados pela Igreja Católica Romana não são registrados nas Escrituras como práticas religiosas formais na igreja cristã primitiva.

4.1.11. TRADIÇÕES RELATIVAS À IGREJA

A Igreja Católica Romana tem uma visão muito institucional da igreja. Chega até mesmo a se chamar de “a mãe de seus membros” (“*Catechism of the Catholic Church*”, Pt. I. par. 757). Será que essa visão é consistente com a natureza da igreja do Novo Testamento?

Em Romanos 12:3-8 e 1 Coríntios 12:12-28, a igreja é considerada como um corpo, com partes diferentes trabalhando para o melhoramento do todo. Essa ideia é completamente inconsistente com a noção de que a igreja é como uma mãe: como um corpo pode ter sua origem em si mesmo? O único fundador da igreja é Jesus Cristo, o qual a comprou com o seu sangue (1 Coríntios 3:11). Afirmar que a igreja tem algum outro fundador seria blasfêmia.

Embora o Novo Testamento demonstre uma relação informal entre membros de diferentes igrejas, particularmente nos mesmos distritos romanos, o Novo Testamento não revela conhecimento de nenhuma organização ou estrutura além da congregação local. De acordo com o Novo Testamento, uma pessoa é salva por estar em Cristo e, portanto, por fazer parte de sua igreja (conforme Atos 2:47), e não sendo parte de sua igreja e, portanto, salvo. Não existe um precedente do Novo Testamento, portanto, para a visão altamente estruturada e institucional da organização católica romana.

4.1.12. TRADIÇÕES RELATIVAS À HISTÓRIA

A Igreja Católica Romana considera sua história como a seguinte:

Como observou o primeiro Concílio do Vaticano, a “própria Igreja, com sua propagação maravilhosa, santidade iminente e frutificação inesgotável em tudo de bom, sua unidade católica e estabilidade invencível, é um motivo grande e perpétuo de credibilidade e um testemunho irrefutável de sua missão divina” (“*Catechism of the Catholic Church*”, Pt. I, par. 812).

Será que essa declaração está em conformidade com qualquer compreensão objetiva da história?

O tempo e o espaço seriam poucos se examinássemos cada instância em que a Igreja Católica Romana agiu de uma maneira muito inadequada para um corpo que professa o nome de Cristo. Consideremos alguns exemplos a seguir.

A doação de Constantino: esse documento supostamente veio de Constantino e cedeu o poder do Império Romano Ocidental ao bispo de Roma. Esse documento foi oficialmente apresentado a Pepino, o Breve, rei da França, em 754 d.C., e aceito como legítimo (Cantor, Norman, “*The Civilization of the Middle Ages*”, p. 176). Nos próximos quinze anos, o papa usou esse documento para efetivamente controlar a Europa Ocidental. No século 13 d.C., os estudiosos da própria Igreja Católica Romana provaram que o documento era uma falsificação, composto não muito antes de ser apresentado a Pepino.

As cruzadas: chamadas pelo papa Urbano II em 1095 d.C., quando os muçulmanos fecharam Jerusalém a todos os estrangeiros, as cruzadas têm poucos paralelos em termos de derramamento de sangue e selvageria. Os cavaleiros católicos da Europa Ocidental viajaram para a Ásia Menor e Israel, saqueando as cidades dos ortodoxos orientais e muçulmanos, estuprando mulheres e matando os homens, “tudo em nome de Cristo”.

A Quarta Cruzada: em 1204 d.C., outra cruzada foi chamada, dessa vez para o Egito. Reunindo-se em Constantinopla, os cruzados começaram a se envolver com as intrigas políticas dos bizantinos. Perdendo a paciência rapidamente, os cruzados se voltaram contra Constantinopla e conquistaram a cidade, matando milhares de ortodoxos orientais. Essa ação consolidou firmemente a divisão da Igreja Ortodoxa Oriental da Igreja Católica Romana.

A Inquisição: o terror da Inquisição é quase incomparável. As guerras no século vinte tomaram muito mais vidas e o inimigo geralmente era bem definido e enfrentado por apenas alguns anos. Mas as inquisições duraram séculos e qualquer um poderia se tornar o inimigo por poucas razões, como, por exemplo, rumores de manter pensamentos errados – um padrão horrivelmente fácil de aplicar para a punição de ser queimado vivo.

A Reforma: os excessos da Igreja Católica Romana nos séculos 15 e 16 d.C. levaram muitos a se tornar grandemente insatisfeitos com ela. Esses excessos incluem papas que tiveram assuntos secretos, um papa que usou sua posição de poder para ajudar a instalar seu filho como governante de Florença (Alexandre VI), e o “papa” Júlio II, conhecido como o “papa guerreiro”, que estava empenhado em conquistar mais da península italiana para o seu próprio território, e financiou generosamente estruturas como a Basílica de São Pedro em Roma com dinheiro de indulgências obtido em toda a Europa.

O ato de Martinho Lutero de pregar noventa e cinco teses na porta em Wittenberg deu início à Reforma, o que depois resultou em um conflito sangrento para o próximo século. Muita quantidade de sangue foi derramada em toda a Europa devido a essa divisão. Embora não se deve fazer nenhuma tentativa de exonerar os protestantes do sangue que derramaram, as ações da Igreja Católica Romana para reprimir essa divisão não estavam em conformidade com o padrão estabelecido pelo primeiro concílio do Vaticano.

Há muitos, no entanto, que se esforçarão para exonerar completamente a organização católica romana de qualquer uma dessas coisas e tentará culpar as autoridades seculares da época. Historicamente falando, isso é uma tentativa desesperada de usar um tecnicismo para distorcer a realidade: enquanto as autoridades seculares tinham muito a ver com as cruzadas e a inquisição espanhola, não é como se Roma desconhecesse o que estava acontecendo. Tais eventos ocorreram com a aprovação das autoridades católicas romanas e, muitas vezes, foram encorajadas por elas. Tentar mudar a culpa não altera a realidade do assunto.

No entanto, alguns confessarão as dificuldades dessas ações, mas dirão que são o resultado dos pecados dos homens e que a igreja não pode ser culpada pelos feitos dos homens. Devemos estabelecer que não é como se nos esforçássemos por manter a organização católica romana em qualquer outro nível do que parece estar: se a organização reconhece que terríveis ações foram feitas em seu nome, para sua própria vergonha, deve confessar sem se esforçar em retratar a história de sua “igreja” como consistentemente excelente. Além disso, a maioria dessas e outras ações foram aprovadas pelos papas e pelos bispos desses períodos de tempo, e a Igreja Católica Romana ensina que os indivíduos ordenados não podem ser separados da igreja (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. II, par. 1593*). Portanto, a igreja também não pode ser separada dos feitos daqueles ordenados.

A Primeira Cruzada, por exemplo, foi convocada pelo papa, pregada nas paróquias pelos bispos e sacerdotes, afirmada pelas classes dominantes e as forças armadas, e realizada pelos soldados que faziam parte da Igreja Católica. Dizer que a Igreja Católica Romana não era responsável seria como dizer o seguinte: “o presidente dos Estados Unidos declarou a guerra a um país, a guerra foi afirmada pelo congresso, os militares a afirmaram e a executaram... Mas os Estados Unidos não foram responsáveis pela guerra.” Ninguém acreditaria nisso. A Igreja Católica Romana é seguramente culpada de muitas ações indecentes e mundanas que causaram muito mal e tristeza não apenas para muitas partes do mundo, mas também para aquele em cujo nome essas obras foram alegadamente realizadas, Jesus Cristo. A Igreja Católica Romana certamente não é o modelo de pureza que o primeiro concílio do Vaticano declarou.

4.1.13. TRADIÇÕES RELATIVAS A MARIA

A Igreja Católica Romana considera Maria, a mãe de Jesus, de forma muito reverente. Para ela, Maria “ilumina” a fé em Cristo (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I. par. 487*). É ensinado que ela não foi sujeita ao pecado original, que foi concebida sem pecado e era ela mesma sem pecado (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I. par. 491, 493, 722*), que ela foi uma virgem perpétua (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I. par. 499*), e não morreu – foi assumta em corpo e alma à glória celeste (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I. par. 966*). Ela tem papéis especiais sobre a igreja no sistema de crença da Igreja Católica Romana, uma vez que ela é considerada a mãe da igreja (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I. par. 963*), que ajudou a igreja primitiva com orações e continua a ser a principal oradora para a igreja (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I. par. 965, Pt. IV, par. 2679*), e ela é a “realização exemplar” da igreja (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I. par. 967*). Assim, os católicos romanos oram frequentemente a Maria para que ela interceda em seu favor na presença de Cristo (*“Catechism of the Catholic*

Church”, Pt. IV, par. 2675). Finalmente, os ensinamentos da Igreja Católica Romana podem ser resumidos com o seguinte: “Ela é mãe onde quer que ele [Cristo] seja Salvador e cabeça do corpo místico” (“*Catechism of the Catholic Church*”, Pt. I, par. 973). Será que esses ensinamentos estão em conformidade com o que observamos em relação a Maria no Novo Testamento?

No Novo Testamento, Maria é seguramente abençoada, sendo a mãe do Filho de Deus (Lucas 1:28). Ela ajudou a criar Jesus, e ele garantiu que ela continuaria tendo cuidado depois da sua morte na cruz (João 19:26-27). No entanto, ela nunca foi mencionada como sendo a “mãe da Igreja”, ou uma intercessora na oração, ou tendo qualquer papel na igreja do Novo Testamento.

Jesus falou de sua mãe em Mateus 12:46-50:

Falava ainda Jesus à multidão quando sua mãe e seus irmãos chegaram do lado de fora, querendo falar com ele. Alguém lhe disse: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo.” “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?”, perguntou ele. E, estendendo a mão para os discípulos, disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos! Pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe.” (*Mateus 12:46-50, “Nova Versão Internacional”*).

Jesus certamente respeitou sua mãe como aquela que o deu à luz. No entanto, ele deseja fazer conhecido que somente aqueles que fazem a vontade de seu Pai podem ser considerados parte de sua família (conforme 1 João 1:1-4). Seria difícil criar todo um sistema de reverência para Maria quando as Escrituras permanecem bastante silenciosas sobre a vida dela, especialmente em vista do que Jesus disse.

Ela é chamada pela Igreja Católica Romana de virgem perpétua – a Igreja Católica Romana, portanto, nega que Tiago e Judas sejam irmãos de Jesus, mas crê que são filhos da irmã de Maria (“*Catechism of the Catholic Church*”, Pt. I, par. 500). As Escrituras, no entanto, retratam uma história diferente. Começamos com Mateus 1:24-25:

Ao acordar, José fez o que o anjo do Senhor lhe tinha ordenado e recebeu Maria como sua esposa. Mas não teve relações com ela enquanto ela não deu à luz um filho. E ele lhe pôs o nome de Jesus. (*Mateus 1:24-25, “Nova Versão Internacional”*).

A parte significativa nessa passagem é “não teve relações com ela enquanto ela não deu à luz um filho”. Isso denota a ideia de uma mudança de estado. Mateus disse que Maria foi virgem enquanto ela não deu à luz a Cristo, logo, isso demonstra que ela não era virgem depois desse tempo.

Já examinamos Mateus 12:46-50. Consideremos Mateus 13:54-57:

Chegando à sua cidade, começou a ensinar o povo na sinagoga. Todos ficaram admirados e perguntavam: “De onde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos? Não é este o filho do carpinteiro? O nome de sua mãe não é Maria, e não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Não estão conosco todas as suas irmãs? De onde, pois, ele obteve todas essas coisas?” E ficavam escandalizados por causa dele. (*Mateus 13:54-57, “Nova Versão Internacional”*).

É afirmado que o termo traduzido como “irmãos” nessa passagem, e também em Mateus 12:46-50, significa “primos”, mas isso não faz sentido no contexto da passagem. Os nazarenos viram Cristo ensinando e se perguntam de onde ele recebeu todas aquelas informações – afinal, ele cresceu lá e era conhecido por todos eles. Certamente os nazarenos sabiam o relacionamento que Jesus teve com Tiago e o resto de seus parentes. A combinação das evidências aqui mostradas demonstra que Tiago, José, Simão, Judas e algumas irmãs são todos, de fato, irmãos de sangue de Jesus. Se fossem filhos da tia de Jesus, os nazarenos teriam mencionado isso também. Da mesma forma, não é como se a língua grega fosse desprovida de palavras para descrever a relação entre primos: se Mateus desejasse indicar tal relacionamento, ele teria usado o termo *sugeneis*, não *adelphoi*. Portanto, a ideia de que Maria era uma virgem perpétua é inconsistente com os ensinamentos das Escrituras.

Da mesma forma, não existe nenhuma Escritura que ateste a ausência de pecado de Maria. O único indivíduo que foi atestado como sem pecado foi o próprio Cristo (Hebreus 4:15). De acordo com Paulo em Romanos 3:23, “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”.

Além disso, temos o próprio testemunho de Maria em Lucas 1:47: “e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”. Do que Deus salvou Maria? Qual seria a libertação por meio do seu Filho? Maria aqui demonstra que ela também precisa de um salvador e, portanto, teve pecado, como as demais pessoas.

Maria é chamada de mediadora pela Igreja Católica Romana, todavia, as Escrituras estabelecem que somente Jesus Cristo funciona como mediador em 1 Timóteo 2:5: “Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus”.

Com a certeza de que existe um Deus, pode haver somente um único mediador, isto é, Jesus Cristo. Portanto, Maria não pode ser uma mediadora. Também não se encontra nada nas Escrituras a respeito de serem dirigidas orações a ela, mas deve-se dirigir orações ao Pai por meio de Jesus Cristo, pois temos comunhão com ele e com seu Filho (1 João 1:3). Além disso, não há registro algum nas Escrituras sobre a morte dela ou de assunção dela que tenha ocorrido. Sabemos que apenas Enoque e Elias foram tomados vivos por Deus (Gênesis 5:24; 2 Reis 2:1). As visões da Igreja Católica Romana sobre Maria foram todas compostas por tradições inteiramente estranhas ao Novo Testamento.

Portanto, constatamos que os ensinamentos católicos sobre Maria não têm fundamento nas Escrituras, sendo que muitos contradizem os ensinamentos de Cristo. Finalmente, temos o testemunho de Cristo em Lucas 11:27-28, onde encontramos uma mulher louvando a mãe de Jesus e a resposta a isso:

Enquanto Jesus dizia estas coisas, uma mulher da multidão exclamou: “Feliz é a mulher que te deu à luz e te amamentou.” Ele respondeu: “Antes, felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e lhe obedecem.” (Lucas 11:27-28, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, é evidente que, enquanto Maria é digna de honra por ter sido a mãe do Filho de Deus que se fez carne, ela não recebeu nenhuma autoridade no céu ou na terra e necessitou da morte de Jesus por seus pecados, como qualquer outro ser humano.

4.1.14. TRADIÇÕES RELATIVAS A SANTOS

A Igreja Católica Romana ensina que alguns de seus membros que tiveram vidas muito piedosas podem ser elegíveis para um processo considerado “canonização”, o qual é o caminho pelo qual eles estão determinados a serem santos após sua morte. Esse processo envolve um exame aprofundado da vida do indivíduo, tendo em conta todas as boas e más ações realizadas por ele ou ela. Também é necessário que essa pessoa tenha operado milagres, especialmente após sua morte. Se alguém passa nesses exames, é “beatificado” e, mais tarde, com mais evidências da santidade da pessoa, é “canonizada” e se torna um “santo”, reconhecido oficialmente pela Igreja Católica Romana e recebendo um dia no calendário da igreja e uma missa em sua homenagem (Johnson, Kevin, “Why Do Catholics Do That?”, pp. 144-149). Será que as Escrituras falam alguma coisa sobre esse processo? Quem são os santos no Novo Testamento?

No Novo Testamento, os santos são aqueles que fazem parte do corpo de Cristo, a Igreja, e o termo se refere a pessoas que ainda estão vivas, como se observa em Filipenses 1:1; 4:21:

Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos: (Filipenses 1:1, “Nova Versão Internacional”).

Saúdem a todos os santos em Cristo Jesus. Os irmãos que estão comigo enviam saudações. (Filipenses 4:21, “Nova Versão Internacional”).

Não há menção a nenhum processo que os apóstolos, ou qualquer outra pessoa, usariam para determinar quem eram e quem não eram santos, além do critério da obediência à vontade de Deus. Paulo até chama os irmãos em Corinto de “santos” (1 Coríntios 1: 2) e, no entanto, eles eram carnais e a carta está repleta de muitas dificuldades presentes naquela igreja!

Quanto ao processo de canonização, temos o testemunho de Tiago em Tiago 4:12:

Há apenas um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Mas quem é você para julgar o seu próximo? (Tiago 4:12, "Nova Versão Internacional").

Existe apenas um que pode salvar, Cristo Jesus. A igreja nunca recebeu autoridade para determinar quais dos seus membros falecidos podem ser considerados "santos" e quais não podem. Essa determinação somente pode ser feita por Deus.

A Igreja Católica também acredita que esses "santos" no céu podem interceder pela igreja e seus membros (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. IV, par. 2683). A Igreja Católica Romana permite a prática de veneração de relíquias, ou várias partes do corpo ou pertences de santos, as quais são frequentemente usadas para consagrar altares. O que as Escrituras dizem sobre essas coisas?

Jesus Cristo é o único mediador, e nele temos a oportunidade de orar diretamente a Deus (1 João 1:9). Por que, então, precisamos de tais intercessores se é possível fazer petições diretamente ao Pai?

Quanto às partes do corpo de vários santos, podemos lembrar bem o final da primeira carta de João, 1 João 5:21: "Filhinhos, guardem-se dos ídolos." Sabemos de 1 Coríntios 15:50-58 que a carne é perecível e que somente permanecerá aquilo que se transforma em incorruptibilidade. Portanto, reverenciar um pedaço de um homem morto ou seus pertences seria se apegar a algo que, em si mesmo, não é santo. Qual a diferença entre um homem que honra uma estátua de um deus e um homem que honra um pedaço de um santo? Tal prática é equivalente a fornecer a honra que deveria ser devida ao criador para a criação, a exata mesma prática condenada por Paulo em Romanos 1:22-23.

4.1.15. TRADIÇÕES RELATIVAS AO PECADO

A Igreja Católica Romana ensina que há dois tipos de pecados, mortais e veniais. Os pecados mortais "afastam os homens de Deus", enquanto o pecado venial "permite que a caridade exista" (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. III, par. 1855). Os pecados mortais são considerados como de grau grave, aqueles condenados pelos dez mandamentos, e feitos propositadamente (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. III, par. 1858-1859). Os pecados veniais são considerados os pecados "menos sérios", aqueles que não são de grau grave, ou pecados de grau grave que não foram cometidos propositadamente (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. III, par. 1862). Afirma-se que essa suposta separação de tipos de pecado baseia-se em 1 João 5:16-17:

Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não leva à morte, ore, e Deus dará vida ao que pecou. Refiro-me àqueles cujo pecado não leva à morte. Há pecado que leva à morte; não estou dizendo que se deva orar por este. Toda injustiça é pecado, mas há pecado que não leva à morte. (1 João 5:16-17, "Nova Versão Internacional").

Isso significa que existem diferentes níveis de pecado? De jeito nenhum! Nenhum pecado está realmente sendo definido aqui, nem o pecado está sendo referido de outra maneira além de abstração. João aqui está exortando cristãos a pedir perdão de seus pecados, como se observa também em 1 João 1:9. O único "pecado que leva à morte" é o pecado não confessado (e, por extensão, pecado em que não houve arrependimento). Em nenhuma parte da Bíblia constatamos Deus estabelecendo uma hierarquia de pecados, de forma que um pecado é maior ou menor do que outro. As consequências de certos pecados podem ser piores, mas não o pecado em si. O pecado é simplesmente uma iniquidade (1 João 3:4), uma violação da vontade de Deus. Não se constata que uma violação seja considerada maior do que outra. A Bíblia apresenta muitas listas de tipos de pecados (conforme 1 Coríntios 6:9-10; Gálatas 5:19-21; etc.) e, no entanto, em nenhum lugar observamos alguém que diga que um pecado é maior ou menor do que outro.

A Igreja Católica Romana também ensina que pode perdoar os pecados (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. I, par. 982) e que penitência é necessária por causa do pecado (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. III, par. 2042). Essa penitência é realizada como uma confissão para um sacerdote (padre), e é considerada essencial (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. II, par. 1456). Depois de ouvir a confissão do pecado, a Igreja Católica Romana afirma que tem o direito de determinar quais ações são necessárias para fazer satisfação do pecado ou dos pecados (*"Catechism of the Catholic Church"*, Pt. II, par. 1448). Será que encontramos essas práticas dentro das Escrituras?

Os católicos romanos apelam para Tiago 5:16 para defender o sacramento da penitência:

Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz. (Tiago 5:16, “Nova Versão Internacional”).

Esse versículo vem antes da instrução de como ajudar um homem que está doente, e que a oração é necessária para que seus pecados possam ser perdoados. Certamente é bom para os cristãos que confessem pecados uns aos outros para que possam ser curados. No entanto, não constatamos que confessar um ao outro é um requisito para pecados particulares, e os pecados públicos devem ser confessados apenas para que todos possam reconhecer a mudança desse indivíduo em relação ao seu curso de ação anterior. Da mesma forma, a confissão do pecado é “uns aos outros” – será que o padre confessará seus pecados ao paroquiano? A Bíblia não mostra que devemos confessar pecados a qualquer autoridade ou a qualquer homem para ter a remissão deles, nem diz que a igreja pode perdoar qualquer pecado, mas estabelece o seguinte em 1 João 1:9:

Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça. (1 João 1:9, “Nova Versão Internacional”).

Cristãos devem confessar seus pecados a Deus e ele os perdoará. Ele é o único que tem a autoridade para fazê-lo! Além disso, as Escrituras não fornecem nenhum requisito em termos de fazer satisfação pelo pecado de forma estabelecida por alguma hierarquia da igreja. Certamente, é bom e louvável que alguém em posição de pecador aja como Zaqueu em Lucas 19:1-9, o qual, tendo jantado com Cristo, prometeu o seguinte em Lucas 19:8:

Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: “Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais.” (Lucas 19:8, “Nova Versão Internacional”).

No entanto, em lugar algum nas Escrituras fazer satisfação por pecados é obrigatório. Cristãos devem pedir perdão de seus pecados contra qualquer um a quem pecaram, assim como eles devem perdoar qualquer um que peque contra eles (Mateus 18:21-35), mas nunca é dito o que mais é necessário. Quando um pecado é perdoado, o pecado é perdoado: de que outro modo o “débito” pode ser cancelado?

A penitência pelo pecado é muitas vezes feita sob a forma da reza da Ave Maria e de orações, mas também já foi feita sob a forma de peregrinações. À medida que as peregrinações se tornaram cada vez mais difíceis por causa das tensões políticas no Oriente Médio, os católicos romanos começaram a construir cópias dos locais de peregrinação na Itália e na Europa Ocidental. Hoje, cada paróquia tem um caminho de peregrinação chamado “Caminho da Cruz” ou “Estações da Cruz”, um caminho feito na paróquia em que alguém pode “se aproximar de Cristo”. Além disso, para aqueles que não conseguem chegar à paróquia, a meditação em Cristo por meia hora será suficiente (Johnson, Kevin, “Why Do Catholics Do That?”, pp. 91-95). Esse é apenas um exemplo das muitas coisas que a Igreja Católica Romana instituiu para fazer o que apenas Deus pode fazer por meio da sua vontade, o sangue derramado de seu Filho na cruz, o perdão de pecados. De acordo com Deus, a única forma para que um pecado certamente possa ser perdoado é arrepender-se dele e “não pecar mais” (João 8:11), isto é, tomar a decisão firme de parar de pecar. O perigo de acreditar que as obras que podemos fazer permitirão o perdão dos pecados é, de fato, grave.

4.1.16. TRADIÇÕES RELATIVAS À ORAÇÃO

Já examinamos os ensinamentos católicos romanos sobre a [oração a Maria](#) e [aos santos](#). Além disso, a Igreja Católica Romana ensina que a oração pode ser auxiliada com o uso da arte religiosa (“Catechism of the Catholic Church”, Pt. IV, par. 2705), que toda oração é realmente oração “da Igreja” (“Catechism of the Catholic Church”, Pt. IV, par. 2655), que a Igreja foi ensinada a orar a Jesus (“Catechism of the Catholic Church”, Pt. IV, par. 2665), que deveria haver um ritmo de oração (“Catechism of the Catholic Church”, Pt. IV, par. 2698) e que existem lugares específicos onde a oração deve ocorrer (“Catechism of the Catholic Church”, Pt. IV, par. 2691). Será que essas ideias estão em harmonia com as Escrituras?

As Escrituras nos ensinam a orar e a fazê-lo com frequência (1 Tessalonicenses 5:17), mas não nos mostra necessariamente como orar. A oração do Senhor, o “Pai Nosso” em Mateus 6:9-13 e Lucas 11:2-4, é um bom exemplo, mas é claro que o reino de Cristo já veio (conforme Mateus 6:10; Lucas 11:2) na forma da igreja. Não nos é dito que a oração individual é realmente uma oração da igreja, pois a igreja é simplesmente o coletivo dos cristãos individuais – não podemos deduzir que uma vez que uma parte do corpo de Cristo está orando, essa mesma oração é uma oração desse corpo todo.

As Escrituras ensinam que a oração deve ser para o Pai, aquele que pode perdoar os pecados (1 João 1:9) e aquele a quem Cristo disse para orar (Mateus 6:9; Lucas 11:2). Orar em um ritmo, em si, não é necessariamente errado, mas se aproxima perigosamente da categoria dos gentios em Mateus 6:7-8 que rezavam em repetições sem sentido. Nos é dito para “orar em segredo” em Mateus 6:6-7 e devemos entender que nossas orações devem sempre ter o foco singular de pedir a Deus que nos ajude, e não orar para ser visto pelos homens ou para aparecer exteriormente piedoso. A oração não se limita a qualquer localização.

Muitas dificuldades chegaram com o início da arte religiosa. Constata-se a delimitação clara entre a natureza física e espiritual do homem em 1 Coríntios 15:35-49 e reconhecemos que, em Cristo, a ênfase é diretamente sobre o homem espiritual, pois ele é feito à imagem de Deus (Gênesis 1:27), apesar de nenhum homem ter visto a Deus (João 1:18). O uso de objetos físicos ou de arte para ajudar a se aproximar de um objetivo espiritual é bastante contraditório e se assemelha grandemente à idolatria dos judeus antes do exílio e dos gentios do tempo de Cristo. João nos exorta a nos protegermos da idolatria em 1 João 5:21 e devemos constantemente usar coisas espirituais para nos guiar na nossa jornada em Cristo, nos esforçando para evitar confundir o criador com a criação. A iconografia muitas vezes leva à idolatria, apesar das veementes negativas dos católicos romanos.

4.1.17. TRADIÇÕES RELATIVAS À CONSAGRAÇÃO

A Igreja Católica Romana ensina que a consagração, ou a realização de votos de castidade e, possivelmente, um voto de pobreza, é uma coisa nobre, aprovada na igreja (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 919*). Essa consagração normalmente leva ao que é considerado “vida religiosa”, o que é visto com maior frequência em mosteiros e conventos (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 924*). É necessário que alguém que deseje servir no ministério, desde a posição de sacerdote até papa, a tomar um voto de castidade (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. II, par. 1472*). Vemos isso no Novo Testamento?

O Novo Testamento nos mostra, por exemplo, que muitos cristãos respeitados tinham esposas. Nós lemos o seguinte em 1 Coríntios 9:5:

Não temos nós o direito de levar conosco uma esposa crente como fazem os outros apóstolos, os irmãos do Senhor e Pedro? (1 Coríntios 9:5, *“Nova Versão Internacional”*).

Nós constatamos que Pedro foi um “presbítero entre presbíteros” em 1 Pedro 5:1. Um dos irmãos do Senhor, Tiago, foi um presbítero na igreja em Jerusalém (Atos 15:7-29). Esses homens ocuparam cargos de autoridade a partir dos quais a Igreja Católica Romana declara ser descendente, mas não tiveram tal voto de castidade. Na realidade, tal voto invalidaria inteiramente tais pessoas da posição que professaram, pois Paulo estabelece que presbíteros/bispos/pastores devem se casar e ter filhos em 1 Timóteo 3:1-8 e Tito 1:5-7! Além disso, toda a prática da castidade obrigatória é condenada por Paulo em 1 Timóteo 4:1-3:

O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios. Tais ensinamentos vêm de homens hipócritas e mentirosos, que têm a consciência cauterizada e proíbem o casamento e o consumo de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ação de graças pelos que creem e conhecem a verdade. (1 Timóteo 4:1-3, *“Nova Versão Internacional”*).

A “vida religiosa” defendida pelos monges e freiras da Igreja Católica Romana também inclui muitos que são eremitas, vivendo em reclusão para se aproximar de Deus, e foram aprovados pela igreja (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 918*). Tais formas de ascetismo são consideradas da seguinte forma por Paulo conforme Colossenses 2:20-23:

Já que vocês morreram com Cristo para os princípios elementares deste mundo, por que, como se ainda pertencessem a ele, vocês se submetem a regras: “Não manuseie!”, “Não prove!”, “Não toque!”? Todas essas coisas estão destinadas a perecer pelo uso, pois se baseiam em mandamentos e ensinamentos humanos. Essas regras têm, de fato, aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne. (Colossenses 2:20-23, *“Nova Versão Internacional”*).

Tal ascetismo não serve de nada ao seu objetivo final: combater os desejos da carne. Isso tem sido claramente evidenciado nos recentes escândalos de abuso sexual de padres que atormentaram a organização

católica romana. Podemos constatar, portanto, que tal consagração não é o que se afirma ser aos olhos de Deus, e que o “caminho mais estreito” (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 932*) que a Igreja Católica Romana acredita que essas pessoas seguem não concorda com o que está estabelecido no Novo Testamento.

4.1.18. TRADIÇÕES RELATIVAS À VIDA APÓS A MORTE

A Igreja Católica Romana ensina que há três níveis na vida após a morte: céu, purgatório e inferno (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 1022*). Examinemos alguns desses ensinamentos agora.

A Igreja Católica Romana ensina que existe um lugar chamado purgatório, onde alguém irá se seguiu a Cristo, mas ainda tem alguns pecados a serem cobertos (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 1030*). A existência desse local é baseada nos Concílios de Florença e Trento e uma referência em 2 Macabeus 12:46 (*“Catechism of the Catholic Church”, Pt. I, par. 1031-1032*): “Assim, ele fez expiação pelos mortos para que possam ser libertados desse pecado.”

Encontramos a existência do purgatório no Novo Testamento? Não há nenhuma menção de tal lugar. Somos informados de que aqueles que seguem Cristo e obedecem à vontade de seu Pai estarão com ele em sua habitação celestial, e os que não o fizeram, ao banimento de sua presença (Mateus 25:31-33; 2 Tessalonicenses 1:6-9). Ainda que pudéssemos considerar 2 Macabeus como tendo autoridade de livro inspirado, esse livro ainda faria parte do Antigo Testamento. Apesar de a Igreja Católica Romana negar que a Lei de Moisés tenha sido abolida, tal lei foi cumprida em Cristo e agora vivemos sob a Nova Aliança. De qualquer forma, a declaração feita em Macabeus não se presta claramente à ideia de purgatório, como imaginava a Igreja Católica Romana.

A ideia de purgatório também se baseia na ideia de que alguém pode ser purificado de seus pecados após a morte, mas a purificação só pode vir por meio de Cristo (Hebreus 9:15). A obra de salvação foi feita “de uma vez por todas” (Hebreus 7:26), e somos encontrados como justos ou não justos (Mateus 25:31-46). Aos homens é declarado que morram fisicamente apenas uma vez e, depois, vem imediatamente o juízo (Hebreus 9:27). Não há expiação de pecados após a morte, apenas o juízo, e as Escrituras não ensinam nada sobre um purgatório.

4.1.19. INCONSISTÊNCIAS DENTRO DA TRADIÇÃO

A “tradição apostólica” da Igreja Católica Romana abrange dois milênios e encapsula os pontos de vista promovidos por todos os tipos de pessoas de diferentes origens. Enquanto a Igreja Católica Romana gostaria de apresentar sua tradição como solidamente consistente ao longo do tempo, a história e os acontecimentos recentes demonstram o contrário.

Um exemplo antigo do enigma da tradição é encontrado nos escritos de Ireneu, bispo de Lyon, no final do segundo século. Ele é altamente estimado em geral no catolicismo romano, pois ele próprio apela à ideia da tradição apostólica em seus escritos. Curiosamente, no entanto, ele apela à tradição apostólica para sustentar a ideia de que o ministério de Cristo durou cerca de dez anos após o seu batismo, explicando isso como evidenciado em *Contra Heresias 2.22.3*:

Ao completar seu trigésimo ano, sofreu, sendo ainda de fato um jovem, e que de nenhuma maneira alcançou idade avançada. Agora, que o primeiro estágio do início da vida abrange trinta anos, e que isso se estende até o quadragésimo ano, todos admitirão. Mas a partir do quadragésimo e quinquagésimo ano, um homem começa a declinar para a velhice, a qual nosso Senhor possuía enquanto ainda cumpria o cargo de Mestre, como o evangelho e todos os anciãos testemunham; aqueles que estavam familiarizados na Ásia com João, o discípulo do Senhor, [afirmaram] que João lhes transmitiu essa informação. E ele permaneceu entre eles até os tempos de Trajano. Alguns deles, além disso, viram não só João, mas também outros apóstolos, e ouviam o mesmo relato deles e testemunhavam [a validade] da declaração. Em quem então devemos acreditar? Quer seja em homens como estes, ou Ptolemaeus, que nunca viu os apóstolos, e que nunca em seus sonhos alcançou o menor traço de um apóstolo? (*Irenaeus, “Against Heresies”, 2.22.3*).

Não se pode confundir a mensagem de Ireneu: em sua visão, Jesus ministrou por dez anos, e isso é baseado em tradição apostólica. Apenas alguns anos depois, no entanto, Clemente de Alexandria, que também acreditava em tradição apostólica, ensinou que o ministério de Jesus durou apenas um ano (*Clement of Alexandria, “Stromata”, 1:21*). A própria Igreja Católica não ensina que Jesus ministrou por um ano ou dez anos. Em um nível histórico, um

ministério de dez anos é impossibilitado pelo sistema cronológico que pode ser reconstruído a partir dos evangelhos, de Atos dos Apóstolos e das epístolas paulinas. Poucos (ou ninguém) acreditam que Jesus ministrou por dez anos. Devemos perguntar, portanto: se a “tradição apostólica” é confiável, o que devemos fazer com Irineu e seu relato? Sua atenção aos detalhes não pode ser ignorada. A melhor conclusão do assunto é que Irineu encontrou pouco apoio bíblico para sua ideia e, portanto, tentou estabelecer essa ideia com o “peso” da tradição. Como podemos confiar na “tradição” se ela é abusada assim?

Outros exemplos podem ser vistos nos tempos mais modernos. Apesar de uma longa história dentro dos escritos dos “pais da igreja” estabelecendo que os judeus são separados de Cristo, a organização católica romana alcançou fraternalmente os judeus. O Vaticano II abriu as liturgias às línguas vernáculas quando as tais tinham sido criticadas nos tempos anteriores.

É claro, então, que a “tradição apostólica” não é consistente e nem uniforme, e parece mudar sempre que seja socialmente vantajoso para a organização.

4.1.20. PROGRESSÃO DA TRADIÇÃO

Como constatamos, a “tradição apostólica” como apresentada pela Igreja Católica apresenta muitos problemas. Quando as dificuldades acima são levantadas, muitos dirão que “a igreja está continuamente desenvolvendo suas tradições, graças às contínuas revelações de Deus” ou “a igreja se desenvolveu no entendimento de suas tradições”. Será que esses argumentos referentes às mudanças nas tradições ao longo do tempo são válidos?

Voltemos a examinar a exortação de Paulo aos tessalonicenses sobre tradição em 2 Tessalonicenses 3:6:

Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo nós lhes ordenamos que se afastem de todo irmão que vive ociosamente e não conforme a tradição que vocês receberam de nós. (2 Tessalonicenses 3:6, “Nova Versão Internacional”).

A palavra grega para “receberam” nesse texto está em um verbo em um tempo passado. Portanto, Paulo afirma aos tessalonicenses que as tradições que devem ser mantidas já foram dadas. Portanto, se a igreja ou qualquer pessoa tenta se apegar às tradições de Deus, ele deve encontrar as tradições que são dos apóstolos, e de ninguém mais.

Mas é possível que os cristãos, por 2.000 anos, ainda necessitem se desenvolver na compreensão daquilo que já foi dado? Paulo nos diz o seguinte em Efésios 5:17 e 2 Timóteo 2:15:

Portanto, não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor. (Efésios 5:17, “Nova Versão Internacional”).

Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade. (2 Timóteo 2:15, “Nova Versão Internacional”).

O cristão tem a responsabilidade de ler a Palavra de Deus e compreendê-la. Esses versículos mostram que não é impossível entender as coisas de Deus. De fato, nós somos mandados a compreender a vontade do Senhor. Se não temos entendimento, mas precisamos “nos desenvolver” nele, como Paulo pode ordenar aos efésios do primeiro século para entenderem essas coisas?

O argumento de que a Igreja Católica Romana tem necessitado “se desenvolver no entendimento das tradições que foram dadas” demonstra a admissão implícita de que as tradições usadas nos primeiros séculos após a morte de Cristo não são as mesmas que as tradições agora utilizadas na Igreja Católica Romana. Essa afirmação também é uma admissão de que as tradições que foram usadas no passado não eram “tão desenvolvidas” quanto deveriam ter sido e, portanto, eram falhas. Não é difícil ver dentro desse argumento a realidade: a Igreja Católica Romana não se desenvolveu em entendimento da Palavra de Deus, mas se desviou da mensagem do evangelho de Jesus Cristo em seu “desenvolvimento da tradição”. Além disso, se a Igreja Católica Romana precisou se desenvolver em seu entendimento ao longo dos últimos 2.000 anos, o que será dos próximos 2.000, se formos permitidos a permanecer tal tempo na Terra? Será que a Igreja Católica Romana ainda precisa “se desenvolver em

seu entendimento?” Se isso é verdade, os ensinamentos atuais da Igreja Católica Romana são propensos a erros e podem não refletir a melhor compreensão das tradições supostamente dadas a essa igreja. Se esse for o caso, a Igreja Católica Romana é falível em sua compreensão e doutrina e, portanto, não recebeu suas doutrinas de sua suposta fonte.

Podemos constatar que o cristão não tem nada a temer (a não ser o Senhor), pois o autor de Hebreus afirma em Hebreus 13:8: “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre.” Os ensinamentos e tradições verdadeiramente transmitidos pelos apóstolos são compreensíveis e foram entendidos desde o primeiro século. Não houve necessidade de adicionar a eles, nem houve qualquer necessidade de se “desenvolver no entendimento” deles de forma a tentar “melhorá-los” ou “adequá-los”, desde o primeiro século.

Constatamos, assim, que muitas das tradições da Igreja Católica Romana não estão em harmonia com os ensinamentos dos apóstolos nas Escrituras, e podemos assim determinar que as tradições da Igreja Católica Romana são tradições dos homens, e não de Deus. Devemos nos esforçar para seguir a Palavra de Deus, e a Palavra de Deus apenas. As Escrituras demonstram que a organização católica romana, juntamente com suas tradições, não representa a igreja do Novo Testamento.

4.2. ORTODOXIA ORIENTAL

A Igreja Ortodoxa Oriental começou em 1054 d.C. com a dissolução da Igreja Católica pelas ações do bispo de Roma. A ortodoxia oriental é uma denominação altamente fraturada pelo nacionalismo, predominante na península dos Bálcãs da Europa, na Rússia e também com pequenos números no Oriente Próximo. Embora muito semelhante ao catolicismo romano, a ortodoxia oriental cresceu separadamente da outra parte da Igreja Católica, tendo enfrentado perseguições severas de muçulmanos e comunistas desde o século catorze. O sistema de crenças dos ortodoxos orientais pode ser resumido nas decisões dos sete concílios ecumênicos que foram chamados no primeiro milênio d.C.

4.2.1. VARIANTES DA ORTODOXIA ORIENTAL

A Igreja Ortodoxa Oriental é uma confederação de muitas igrejas nacionais, todas com as mesmas posições doutrinárias, ainda que governadas separadamente. Nominalmente, as terras na ortodoxia oriental estão divididas entre os quatro patriarcados históricos (os principais chefes da igreja ortodoxa oriental): em Constantinopla (agora Istambul), Alexandria, Antioquia e Jerusalém. Existem nove outras igrejas “autocéfalas”, ou autônomas, na Rússia, Sérvia, Romênia, Bulgária, Geórgia, Chipre, Grécia, Polônia e Albânia. Há também cinco igrejas que são consideradas “autônomas”, na sua maioria independentes e principalmente autogovernadas, mas ainda não possuem total independência, na República Tcheca/Eslováquia, Sinai, Finlândia e China (Ware, Timothy, “*The Orthodox Church*”, p. 5). Há também muitos ortodoxos vivendo na América e na Europa Ocidental e eles tendem a se apegar à igreja específica de sua nacionalidade.

4.2.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o mau uso da [oração do Pai Nosso](#).

Movimentos relacionados:

- [Ecumenismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); erro se o [batismo tripartite](#) for considerado necessário; ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);

- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo](#) e [empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Quarta-Feira de Cinzas, Quaresma, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Ascensão-Pentecostes, Epifania, Anunciação, dias relativos a santos](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#), o [Credo Niceno](#) e o [Credo de Atanásio](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): compreensão equivocada sobre a [natureza dos símbolos](#); erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#); erro em constituir [sacerdotes](#); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#).

4.2.3. ORTODOXIA ORIENTAL E CATOLICISMO ROMANO

A Igreja Ortodoxa Oriental e a Igreja Católica Romana compartilham muitos pontos de vista e doutrinas em função da herança compartilhada na Igreja Católica antes do cisma em 1054 d.C. Não obstante, muitas diferenças também existem. Examinaremos brevemente as várias tradições discutidas sobre o catolicismo romano e suas semelhanças e diferenças com as tradições da Igreja Ortodoxa Oriental.

[Tradições relativas às Escrituras](#): os ortodoxos orientais usam uma tradução da Septuaginta para o seu Antigo Testamento e todas as obras apócrifas incluídas no original. Alguns, no entanto, não aceitam 4 Macabeus (Ware, Timothy, “*The Orthodox Church*”, p. 200). A igreja é considerada a melhor intérprete das Escrituras (Ware, Timothy, “*The Orthodox Church*”, p. 201).

[Tradições relativas a sacramentos](#): a Igreja Ortodoxa Oriental tem essencialmente os mesmos sete sacramentos que a Igreja Católica Romana (embora a terminologia seja diferente), exceto que a “confirmação” católica romana é “crismação” na Igreja Ortodoxa Oriental e sempre é realizada imediatamente após o batismo, a menos que aquele que se converteu para a ortodoxia oriental já tenha sido batizado – nesse caso, é simplesmente crismado quando se converte (Ware, Timothy, “*The Orthodox Church*”, pp. 278-279).

[Tradições relativas à igreja](#): a Igreja Ortodoxa Oriental não chegou a ponto de dizer que a “igreja é a mãe de seus membros”, mas estima altamente sua igreja como uma instituição (Ware, Timothy, “*The Orthodox Church*”, p. 199, 239).

[Tradições relativas à história](#): a Igreja Ortodoxa Oriental não fez nenhuma alegação de ter uma história pura. Muitos aderentes reconhecem os abusos que alguns de seus membros cometeram nos tempos passados.

Tradições relativas a Maria: os ortodoxos orientais também reverenciam muito Maria, mantendo as mesmas tradições que a Igreja Católica Romana (Ware, Timothy, *"The Orthodox Church"*, p. 257, 260).

Tradições relativas a santos: os "santos" são considerados em alta estima na ortodoxia oriental, assim como no catolicismo romano. Na ortodoxia oriental, no entanto, os santos são escolhidos pela opinião popular e pelo conselho de cada igreja autocéfala. A oração a esses "santos" e relíquias a respeito deles também são aceitas (Ware, Timothy, *"The Orthodox Church"*, p. 256).

Tradições relativas ao pecado: a Igreja Ortodoxa Oriental não impõe a penitência como necessária, mas exorta fortemente seus membros a fazê-la. A confissão é feita cara a cara e há mais humildade no papel do sacerdote do que no catolicismo romano (Ware, Timothy, *"The Orthodox Church"*, pp. 288-289), mas ainda coloca o ser humano na posição errada (1 João 1:9).

Tradições relativas à oração: os ortodoxos orientais têm uma "oração de Jesus", uma oração dita constantemente como um canto meditativo, a qual é uma tentativa de alcançar níveis superiores espirituais (Ware, Timothy, *"The Orthodox Church"*, p. 65). Isso também não é encontrado nas Escrituras, sendo inconsistente com Mateus 6:7.

Tradições relativas à consagração: os bispos ortodoxos orientais precisam ser celibatos para obter sua posição, mas os sacerdotes não estão obrigados ao celibato como na Igreja Católica Romana, a menos que desejem o sacerdócio enquanto solteiros. Nessa situação, eles devem permanecer celibatos (Ware, Timothy, *"The Orthodox Church"*, p. 291). A ênfase no monasticismo (abdição dos objetos comuns em prol da prática religiosa) e no ascetismo também estão presentes (Ware, Timothy, *"The Orthodox Church"*, pp. 36-37).

Tradições relativas à vida após a morte: os ortodoxos orientais negam o conceito de purgatório.

4.2.4. TEOSE

A Igreja Ortodoxa Oriental formulou a ideia de teose. Teose significa adquirir "semelhança divina". Como seres humanos, temos a imagem de Deus, mas não temos mais a semelhança de Deus (perdida na queda do homem) até que estejamos em comunhão com ele, o que só pode ser alcançado por meio da conversão a Deus. Teose é, basicamente, o conceito ortodoxo de salvação, que é diferente do conceito protestante apenas na questão de enfatizar um conceito de "unidade com Deus", ou "se unir com Deus" ou "comunhão com Deus", em oposição a ser simplesmente colocado na presença de Deus (isto é, no céu).

Há, no entanto, um perigo de ir a um extremo caso se considere que a teose significa "tornar-se divino". A crença seria que, por meio da maturação espiritual, os humanos poderiam realmente se tornar divinos. Às vezes é utilizado o Salmo 82:6, citado em parte por Jesus em João 10:34-36, como justificação (Ware, Timothy, *"The Orthodox Church"*, p. 219):

"Eu disse: 'Vocês são deuses, todos vocês são filhos do Altíssimo'" (Salmo 82:6, *"Nova Versão Internacional"*).

Jesus lhes respondeu: "Não está escrito na Lei de vocês: 'Eu disse: vocês são deuses'? Se ele chamou 'deuses' àqueles a quem veio a palavra de Deus (e a Escritura não pode ser anulada), que dizer a respeito daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo? Então, por que vocês me acusam de blasfêmia porque eu disse: sou Filho de Deus?" (João 10:34-36, *"Nova Versão Internacional"*).

Quanto ao exagero do entendimento em "tornar-se divino", será que as Escrituras realmente ensinam que podemos nos tornar divinos por meio da maturidade espiritual? De jeito nenhum! O salmista usa o tempo presente: se tais indivíduos estão na posição de "serem deuses", eles já o são! Talvez, o salmista seja melhor entendido como fazendo uma forma de comentário mais sarcástico, especialmente quando constatamos que ele continua no Salmo 82:7 da seguinte forma: "Mas vocês morrerão como simples homens; cairão como qualquer outro governante." O uso que Jesus fez dessa passagem serve como uma demonstração de que é possível que Deus venha na forma de homem, como o próprio Jesus fez, sem estender o texto para indicar a divindade das pessoas a quem o salmo foi dirigido. A própria "estranheza" da ideia de que Jesus era Deus em carne deve nos indicar que a ideia de que o "homem se tornando um deus" não era uma visão comum nos dias de Jesus.

Também temos o testemunho de Isaías em Isaías 55:8-9:

“Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos”, declara o SENHOR. “Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos.” (*Isaías 55:8-9, “Nova Versão Internacional”*).

Deus é muito, muito mais alto do que o homem, e não podemos alcançar o nível de maturidade dele, ou sequer nada próximo dele. O homem obtém maturidade semelhante àquilo que Deus tem? Certamente, por Deus recebemos o fruto do Espírito e principalmente amor (Gálatas 5:22-23; 1 Coríntios 13:1-13). Dizer, no entanto, que podemos nos “tornar divinos” leva a doutrina bíblica da maturidade espiritual longe demais. Temos a oportunidade de compartilhar atributos de Deus, mas nunca pode ser dito que, por eles, podemos nos tornar divinos. Se nos tornarmos semelhantes a Cristo, será por causa do galardão dos corpos glorificados, uma dádiva concedida aos salvos por Deus.

4.2.5. ICONOGRAFIA

Os ortodoxos orientais acreditam muito em ícones: arte religiosa pintada em madeira que exibe uma mensagem espiritual. Eles dão grande reverência a esses ícones, semelhantemente à Igreja Católica Romana e suas relíquias, sendo que alguns chegam a ponto de beijar esses ícones e se curvar diante deles (*Ware, Timothy, “The Orthodox Church”, p. 32*). Eles até mesmo tratam as bíblias da mesma maneira, beijando-as (*Ware, Timothy, “The Orthodox Church”, p. 201*). Isso vem de uma crença de que devemos lembrar da humanidade de Cristo de alguma forma e, portanto, existem esses ícones, entendidos como devendo ser usados (*Ware, Timothy, “The Orthodox Church”, p. 33*). Será que essa é uma ideia presente nas Escrituras?

O Senhor, antes de sua morte, nos deu um memorial de sua vida física com a Ceia do Senhor (conforme Mateus 26:26-29 e os outros relatos dos evangelhos). Paulo chega a ponto de chamá-la a proclamação de sua morte em 1 Coríntios 11:26. Há dentro das Escrituras, portanto, um memorial apropriado para a vida de nosso Senhor no pão e no fruto da videira.

No que diz respeito aos ícones, juntamente com as práticas da Igreja Católica Romana relativas às relíquias, é uma prática muito próxima da idolatria para ser apta para a adoração cristã, especialmente à luz de 1 Coríntios 8:1-13. Seria muito fácil para muitos esquecer que o ícone é apenas uma ferramenta para ser usada na oração e no serviço e começar a orar e se curvar diante do próprio ícone. Podemos também atentar aos exemplos dados no Antigo Testamento sobre os judeus fazendo formas de madeira e pedra e a reação de Deus contra isso (veja especialmente as ações de Jeroboão em 1 Reis 12:25-13:5).

Especialmente em alguns países da Europa Oriental em que a ortodoxia oriental é predominante, o argumento muitas vezes feito é que o ícone é apenas bidimensional e, portanto, não pode ser um ídolo. No entanto, Deus nunca menciona quantas dimensões uma figura deve ter antes de se tornar um ídolo, pois Deus mesmo chama coisas que tecnicamente não têm forma de ídolos como ídolos, como se constata em Colossenses 3:5: “Portanto, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a cobiça, que é idolatria.” A cobiça é chamada de idolatria porque acaba ocupando a atenção de alguém mais do que o próprio Deus.

Um ídolo, então, não é definido por suas dimensões – um ídolo é definido como qualquer coisa que tome da atenção que deveria ser dada a Deus.

4.2.6. O PROBLEMA COM A AUTORIDADE PETRINA

A Igreja Ortodoxa Oriental é governada nominalmente por cinco patriarcas assentados em Constantinopla (Istambul), Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Moscou. O desejo destes é que o bispo em Roma (ou seja, o papa) seja restaurado a essa associação, se ele reconhecesse que “primeiro entre os iguais” significa primazia e não supremacia (*Ware, Timothy, “The Orthodox Church”, p. 27*). Essa primazia não é a supremacia que o bispo de Roma agora acredita que tem (*Ware, Timothy, “The Orthodox Church”, p. 27*). A Igreja Ortodoxa Oriental acredita que todos os bispos são coletivamente sucessores de Pedro, e não apenas aquele bispo em Roma, embora ele tenha uma

“alegação especial” de ser o tal (Ware, Timothy, *“The Orthodox Church”*, p. 28). Onde o papado alega infalibilidade, os ortodoxos orientais dizem que a igreja tem infalibilidade quando reunida em conselho (Ware, Timothy, *“The Orthodox Church”*, p. 239). Há uma ênfase muito maior em um sistema de governo mais oligárquico (muitos bispos reunidos em conselhos para determinar a doutrina) do que no sistema mais monárquico (o papa determinando a doutrina com o consentimento de alguns bispos) no catolicismo romano (Ware, Timothy, *“The Orthodox Church”*, p. 15). Finalmente, ambas as igrejas afirmam ser a “igreja verdadeira” fundada em Pedro, a “rocha” (Ware, Timothy, *“The Orthodox Church”*, p. 15).

As implicações do cisma entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental mostra mais claramente como Pedro não é a verdadeira fonte de autoridade. Deve-se dizer primeiro que os membros de ambas as igrejas muitas vezes apelarão para todo o desacordo sobre o que a Bíblia diz sobre várias questões de fé e apontam para o grande número de denominações no mundo de hoje. Isso certamente é trágico. No entanto, ninguém nega a fonte da fé, a Palavra de Deus. A Palavra de Deus é bastante objetiva, porque todos podem apelar para ela como uma autoridade para questões de doutrina. Não é assim para aqueles que detêm um sistema de autoridade petrina, especialmente porque existem dois grupos que alegam ter essa autoridade.

Vamos usar um exemplo para ilustrar: a principal questão doutrinária que dividiu essas duas igrejas foi a presença do filioque no credo niceno. Filioque é um termo latino que significa “e o filho”. Em torno do século 8 d.C., as igrejas católicas ocidentais começaram a adicionar essa expressão no credo niceno no artigo relativo ao Espírito Santo, significando que o Espírito Santo procede tanto do Pai quanto do Filho. As igrejas orientais consideraram isso como herético, acreditando que o Espírito Santo procede apenas do Pai e por meio do Filho. Ainda há grande dissensão sobre essa palavra no credo.

Se alguém perguntasse ao papa em Roma se o Espírito Santo procede do Filho, ele diria que isso acontece, e que seu julgamento é verdadeiro porque ele se assenta na cadeira de Pedro em Roma. Agora, se alguém fosse perante um conselho dos patriarcas da Igreja Ortodoxa Oriental e perguntasse se o Espírito Santo procede do Filho, eles dirão que o Espírito Santo apenas procede do Pai e que seu julgamento é verdadeiro porque é a doutrina promovida dentro do credo niceno original, conforme acordado por esse conselho ecumênico particular, e a determinação do conselho é inspirada pelo Espírito Santo por meio da sucessão apostólica. Quem está certo? Ambos alegam ter a mesma autoridade e, no entanto, chegaram a respostas completamente diferentes – a quem se deveria ouvir?

A Igreja Católica Romana responde que, como Pedro é um único homem, apenas um único homem pode ter autoridade. Não haveria problemas com isso se ela desejasse dizer que ela teve a autoridade de Pedro somente desde 1054 d.C. O problema é que, antes de 1054 d.C., o bispo de Roma aceitou nominalmente a existência dos bispos em Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém – e havia muita comunicação e trabalho feito entre eles, especialmente nos séculos anteriores. As implicações desse argumento são vastas: a Igreja Católica Romana seria forçada a admitir que os outros bispos tiveram comunhão com hereges entre 150 e 1054 d.C. e que consideraram alguns hereges como seus “pais da igreja”, como Atanásio, Orígenes e muitos outros, os quais eram membros das igrejas orientais. A Igreja Católica Romana, no entanto, não tomou posição em afirmar que teve a autoridade de Pedro somente desde 1054 d.C. Portanto, ela contradiz sua própria argumentação. O sistema de autoridade fundamentado em Pedro ainda está dividido.

Há apenas um lugar em que se pode recorrer para responder a questão acima, ou qualquer pergunta semelhante a ela. Não pode ser a tradição, nem o papa, nem os conselhos dos ortodoxos orientais, mas a Palavra de Deus contida nas Sagradas Escrituras. Ninguém dentro da “cristandade” questiona a autoridade de seus autores, nem ninguém pode afirmar que sua autoridade pode ser comprometida pela divisão. A autoridade investida pelos homens provou que não serve de nada e foi comprometida pela divisão. A autoridade para os feitos e crenças do cristão, portanto, somente pode ser encontrada nas Escrituras.

4.3. LUTERANISMO

A Igreja Luterana tem suas raízes em Martinho Lutero, um monge católico que, em 1517 d.C., postou 95 teses em uma porta da igreja em Wittenberg, na Alemanha, questionando o ensino da Igreja Católica Romana sobre indulgências. Ele desejava reformar os ensinamentos da Igreja Católica Romana. Os católicos romanos não compartilharam essa visão. Lutero foi oficialmente excomungado da Igreja Católica Romana na Dieta de Worms

em 1521 d.C. Ele começou a igreja agora conhecida como Igreja Luterana. A Igreja Luterana detém muitas das importantes doutrinas protestantes – a “graça somente”, a “fé somente” e as “Escrituras somente” – mas também mantém muitas das doutrinas do catolicismo romano.

4.3.1. VARIANTES DO LUTERANISMO

A Igreja Luterana não está dividida nos principais preceitos de sua fé. Existem, no entanto, muitas variantes do luteranismo. Algumas são baseadas em nacionalidades, especialmente na Escandinávia, mas a maioria na América está baseada em alguns desentendimentos sobre as Escrituras e a organização além da igreja. Na América, os principais grupos são a Igreja Evangélica Luterana da América (ELCA – Evangelical Lutheran Church of America), o Sínodo Luterano-Missouri (LCMS – Lutheran Church-Missouri Synod), o Sínodo Evangélico Luterano de Wisconsin (WELS – Wisconsin Evangelical Lutheran Synod), a Associação Americana de Igrejas Luteranas, a Associação das Igrejas Luteranas Livres, a Igreja dos Irmãos Luteranos da América e o Sínodo Evangélico Luterano.

4.3.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Catolicismo romano](#): erros nas [tradições relativas a sacramentos](#) (confirmação), [tradições relativas ao pecado](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Ecumenismo](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Quarta-Feira de Cinzas, Quaresma, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Ascensão-Pentecostes, Epifania, Anunciação, dias relativos a santos](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#), o [Credo Niceno](#) e o [Credo de Atanásio](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;

- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a “[lei moral](#)” e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): compreensão equivocada sobre a [natureza dos símbolos](#); erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro na permissão de [evangelistas femininas](#) na igreja; erro na permissão de [evangelistas homossexuais](#) na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#).

4.3.3. FÉ SOMENTE

A principal doutrina da fé luterana é a “fé somente”. Os luteranos acreditam que Deus dá o dom da fé aos indivíduos pelo Espírito Santo, e isso leva à salvação (*Martin Luther, “Luther’s Small Catechism, With Explanation”, p. 15, 147*). Deus faz isso por meio do ato de batismo, o qual é considerado como administrado pelo próprio Deus (*Martin Luther, “Luther’s Small Catechism, With Explanation”, p. 208*). Tenta-se justificar isso com 1 Coríntios 2:14 e Efésios 2:8 (*Martin Luther, “Luther’s Small Catechism, With Explanation”, p. 147*):

Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente. (*1 Coríntios 2:14, “Nova Versão Internacional”*).

Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; (*Efésios 2:8, “Nova Versão Internacional”*).

É isso que as Escrituras realmente ensinam?

Embora seja verdade que as Escrituras fazem uma distinção entre aqueles que creem e os incrédulos, indicando que aqueles que creem podem aceitar e compreender verdades espirituais enquanto os incrédulos não podem (Romanos 8:1-11; 1 Coríntios 2:6-16), de modo algum isso prova que Deus dá o dom da fé aos que creem, mas não aos incrédulos. O Novo Testamento deixa claro que essas não são regras absolutas: 1 Tessalonicenses 1:8-10 indica como os tessalonicenses passaram da incredulidade para a crença para servir a Deus, e Paulo continua a dizer em 1 Coríntios 3:1-3 que os próprios irmãos coríntios são “carnais” ou “mundanos”. Não é que os tessalonicenses não podiam entender o que Paulo estava dizendo. E Paulo ainda chama os coríntios de “santos” apesar da carnalidade deles (1 Coríntios 1:2). Cornélio em Atos 10:1-48 foi considerado justo e alguém que temia a Deus (Atos 10:1-2), mas ele era um gentio e, na época, não tinha ouvido a Palavra de Deus em relação ao seu Filho. Não negaremos que Deus pode levar, e leva, os indivíduos a fé nele, mais notavelmente Saulo em Atos 9:1-31, mas a agência da fé nunca é dita como estando apenas dentro de Deus. Mesmo Saulo (Paulo) teve que crer na visão que ele teve. Paulo revela que a crença (a fé) vem ao ouvir a Palavra de Deus em Romanos 10:17:

Consequentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo. (*Romanos 10:17, “Nova Versão Internacional”*).

Dizer que a fé é um dom que vem apenas de Deus em Efésios 2:8 é uma má interpretação das Escrituras. No grego, a palavra “isto” (“Pois pela graça vocês **são salvos**, por meio da fé, e **isto** não vem de vocês, é dom de Deus”) refere-se a “são salvos”, não à “fé”. O pronome relativo *touto* (“isto”) está no gênero neutro e, portanto, não pode se referir à palavra feminina *pistis* (“fé”) – é a salvação que está em discussão. A salvação é realmente oferecida pela graça, mas deve ser aceita pela fé. Ser salvo é dom de Deus, e não a fé. A fé, portanto, representa o meio pelo qual a graça é recebida (“Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé”), não o próprio dom de Deus. Portanto, pode-se determinar conclusivamente que as Escrituras não ensinam que a fé é um dom de Deus – em vez disso, a fé é a resposta da crença em Deus e das obras que ele fez, o que é visto claramente no dia de Pentecostes em Atos 2:1-48. O homem ainda tem controle sobre sua capacidade de receber os dons de Deus dados livremente.

Deve-se notar que o único lugar no Novo Testamento que fala de “fé somente” (“apenas pela fé”), ou mesmo “justificação pela fé somente”, é Tiago 2:24:

Vejam que uma pessoa é justificada por obras, e não apenas pela fé. (*Tiago 2:24, “Nova Versão Internacional”*).

A única vez que o conceito de “fé somente” é mencionado nas Escrituras, então, é uma refutação da própria ideia! Embora muitos tenham tentado descartar o testemunho de Tiago por causa desses assuntos, tal testemunho vai nos mostrar que as mensagens de Paulo em Romanos não podem ser lidas dentro de um vácuo. A mensagem de salvação de Paulo pela fé não anula a necessidade de obediência (conforme Romanos 6:1-23). Portanto, tomar os argumentos de Paulo, os quais, na verdade, explicam que ninguém pode ser salvo por obras de mérito ou por obras da Lei de Moisés para ganhar a salvação, e torcê-los para alegar “fé somente”, é um abuso manifesto das Escrituras e uma extensão excessiva do argumento do apóstolo.

O testemunho das Escrituras atesta a necessidade de que cristãos não tenham apenas fé, mas obediência ao Senhor Jesus (Mateus 7:21-27; 10:22, Hebreus 11:6; 1 Pedro 1:22; 1 João 2:1-6; Apocalipse 2:10; 12:11; 19:8). Como está escrito em Tiago 2:18-24:

Mas alguém dirá: “Você tem fé; eu tenho obras”. Mostre-me a sua fé sem obras, e eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras. Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios creem — e tremem! Insensato! Quer certificar-se de que a fé sem obras é inútil? Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras, quando ofereceu seu filho Isaque sobre o altar? Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras. Cumpriu-se assim a Escritura que diz: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça”, e ele foi chamado amigo de Deus. Vejam que uma pessoa é justificada por obras, e não apenas pela fé. (*Tiago 2:18-24, “Nova Versão Internacional”*).

4.3.4. ESCRITURAS SOMENTE

A Igreja Luterana ensina que apenas as Escrituras devem ser usadas (*Lcms.org/introlcms.html, acessado em 2016*). No entanto, encontramos no seu sistema de crenças o uso de três credos – o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno e o Credo de Atanásio – juntamente com o Livro de Concórdia. Esses livros são considerados como instrução religiosa e treinamento. Não é inconsistente manter o lema “Escrituras somente” e ainda usar três credos e um livro de instruções?

Pode-se dizer que os livros são usados para complementar as Escrituras e, portanto, as Escrituras continuam a ser a principal autoridade. Reconhecemos que muitos recursos podem auxiliar as pessoas na compreensão da Palavra de Deus – não há nenhum problema em usar esses recursos. O assunto em questão, no entanto, é estabelecer credos ou livros de homens como autoritativos para o ensino... Sobre a autoridade de quem esses livros se estabelecem? Os recursos são bons, mas de onde no Novo Testamento conseguimos a ideia de atribuir tanta autoridade a qualquer outra coisa além da Bíblia?

4.3.5. A ORAÇÃO DO PAI NOSSO

A Igreja Luterana, como seus predecessores, a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental, juntamente com as igrejas protestantes que se desenvolveram mais tarde, enfatizam fortemente a oração do Pai Nosso. O Pai Nosso é usado como uma oração e como uma forma de instrução (*Martin Luther, “Luther’s Small Catechism, With Explanation”, p. 174*). Isso está em harmonia com as Escrituras?

Podemos constatar pelas Escrituras que Jesus ensinou o Pai Nosso para mostrar aos discípulos um método pelo qual alguém pode orar. Foi uma “oração modelo”, não palavras para serem recitadas continuamente. Jesus disse aos discípulos que “orem assim” em Mateus 6:9 no sentido de “orar dessa maneira”. Ele não quis dizer que o Pai Nosso deveria ser recitado. Nossas orações e petições certamente devem incorporar muitos dos aspectos do Pai Nosso, mas torná-lo obrigatório pode fazer cair no erro da “repetição sem sentido” condenada por Jesus em Mateus 6:7-8, um aviso dado logo antes do ensino do Pai Nosso:

E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem. (*Mateus 6:7-8, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, não estamos obrigados a rezar o Pai Nosso e não devemos repeti-lo em uma série de rezas. Além do mais, em parte alguma do Novo Testamento encontramos um discípulo recitando o Pai Nosso. As orações feitas na Bíblia têm os princípios dessa oração modelo ensinada pelo Senhor, mas nunca são uma recitação dela.

4.3.6. CONFISSÃO E PECADO

A Igreja Luterana também aceita o ensinamento de Lutero sobre a confissão e pecado. Um pastor pode ser o veículo do perdão do pecado. Ninguém é cristão se não confessar seus pecados dessa maneira. E a própria igreja pode perdoar o pecado – o “ofício das chaves” (*Martin Luther, “The Large Catechism”, parte VI, par. 15, 28-29; Martin Luther, “Luther’s Small Catechism, With Explanation”, p. 27*). O que as Escrituras ensinam sobre isso?

Lutero apresentou João 20:22-23 como prova de que a igreja pode perdoar pecados (*Martin Luther, “Luther’s Small Catechism, With Explanation”, p. 27*):

E com isso, soprou sobre eles e disse: “Recebam o Espírito Santo. Se perdoarem os pecados de alguém, estarão perdoados; se não os perdoarem, não estarão perdoados.” (*João 20:22-23, “Nova Versão Internacional”*).

Isso significa que a igreja pode perdoar os pecados? A dificuldade com essa conclusão é que a igreja não é mencionada aqui em João 20:22-23. Nós constatamos em João 20:19-20 que esse é um encontro secreto do Jesus ressuscitado e seus discípulos, exceto Tomé. Portanto, os discípulos são aqueles que recebem esse benefício, e não a igreja. Esse benefício é visto claramente nos atos de Pedro sobre Ananias e Safira em Atos 5:1-11, quando Pedro condenou-os a morte por meio do testemunho do Espírito Santo. Os apóstolos receberam uma medida do Espírito não recebida hoje. Portanto, dizer que qualquer igreja individual, ou mesmo coletiva, pode manter os mesmos poderes que os apóstolos tinham, entra em contradição direta com 1 Coríntios 13:8-10.

A questão em João 20:22-23, no entanto, também é muito semelhante ao que foi dado a esses discípulos quanto a ligar e desligar em Mateus 16:19 e Mateus 18:18. Pode-se observar que os apóstolos, e a igreja depois deles, tiveram habilidade, por meio da pregação do evangelho, para levar os homens à salvação ou condená-los em sua incredulidade. As ações tomadas pelos apóstolos (e também pela igreja) foram feitas de acordo com a vontade e pela agência de Deus, e não por qualquer declaração que fizeram por conta própria. Assim, é incorreto dizer que a igreja tem o poder de remir pecados com base na habilidade dos apóstolos de fazê-lo. Ninguém tem autoridade para alegar possuir a capacidade dos apóstolos de ligar e desligar no céu, ninguém pode alegar possuir a capacidade dada somente a eles de perdoar ou reter o pecado.

Como já explicado antes quando abordamos sobre as [considerações escriturais](#) da Igreja Católica Romana, o tempo perfeito do grego em relação a João 20:23, Mateus 16:19 e Mateus 18:18 é o futuro de um tempo perfeito e, por isso, refere-se a um ato como já completado no tempo futuro considerado e como tendo resultados permanentes. A expressão “terá sido ligado” (sendo futuro perfeito perifrástico) carrega esse sentido. Ou seja, os apóstolos não fariam leis, não poderiam (com direito inerente) perdoar ou reter pecados, mas apenas declarariam o que Deus já havia determinado sobre tal assunto. Em outras palavras, os apóstolos apenas ligariam e desligaram aquilo que já tinha a aprovação do céu. A obra dos apóstolos não era realizada por sua própria iniciativa, mas por iniciativa de seu Pai celestial.

4.4. ANABATISMO

O movimento anabatista começou na Europa central em 1525 d.C. com o desejo de alguns de retorno à fé expressa nas Escrituras. Constatou-se que a morte de Cristo verdadeiramente inaugurou uma Nova Aliança e, portanto, a velha lei não deveria ser seguida ou usada para fins doutrinários. Isso contrastava com muitos outros grupos protestantes, os quais consideravam que muitas das leis sob a aliança com Moisés ainda eram válidas, seja na sua forma pura ou em uma forma mais “semelhante a Cristo”. Foi por essa razão que eles negaram a necessidade de batismo infantil e enfatizaram a necessidade daquilo que se conhece como “batismo de crentes”, ou seja, o indivíduo somente é batizado depois de crer no próprio Cristo. Eles receberam assim o nome de “anabatistas” ou “rebatizadores”.

O movimento anabatista começou com três grupos, o maior dos quais foi chamado de “menonita” por causa de um dos seus mais influentes evangelistas, Menno Simons, em torno do ano de 1536 d.C. Perto do final do século dezessete, uma divisão ocorreu dentro de um dos os grupos quando Jacob Amman deixou a igreja por causa de um laxismo percebido quanto ao “banimento” dos membros excomungados (o “banimento” refere-se à proibição da comunhão com indivíduos excomungados de acordo com 1 Coríntios 5 – os menonitas vacilaram muitas vezes no rigor do banimento: ostracização completa ou, no caso de membros de família, ainda sendo

possível manter vínculos físicos apesar de quebrar o laço espiritual). O grupo que o seguiu era conhecido como “Amish”, e esses dois grupos representam a maior parte do movimento anabatista hoje.

Existe uma grande diversidade dentro do movimento anabatista, especialmente no que diz respeito à conformidade (ou a ausência dela) aos desenvolvimentos tecnológicos e sociológicos e à interação entre os membros da igreja e o governo estadual. O movimento anabatista está unido, no entanto, no seu desejo de se adequar ao padrão da igreja do Novo Testamento. Podemos aplaudir os anabatistas pelo desejo de retornar à igreja do Novo Testamento. Apreciamos esse desejo, embora o objetivo não tenha sido totalmente cumprido.

4.4.1. VARIANTES DO ANABATISMO

O movimento anabatista e suas variantes são extremamente complexos. Portanto, segue um resumo para ajudar na compreensão das mudanças que ocorreram desde o século dezesseis.

Os anabatistas começaram em três comunidades diferentes, sendo a mais antiga conhecida como Irmãos Suíços. Esse grupo começou em 1525 d.C. e enfatizou a unidade dentro do grupo (chamando a si mesmos “irmãos” e não “igreja”), a necessidade do “batismo do crente”, a não conformidade aos desenvolvimentos tecnológicos e sociológicos e a não interação entre os membros da igreja e o governo estadual. A perseguição da parte de calvinistas e católicos romanos manteve esse grupo muito pequeno. Os Irmãos Suíços ainda têm um seguimento hoje, embora seja bastante pequeno em comparação com os outros grupos anabatistas. Os Irmãos Suíços eram uma confederação “solta” de indivíduos e grupos que começaram a aceitar o batismo adulto em 1525 d.C. e que aceitaram a confissão Schleithem de 1527 d.C. Alguns desses grupos foram unificados por Menno Simons para se tornarem menonitas.

O segundo grupo começou como apenas os “anabatistas”, quando alguns dos Irmãos Suíços começaram a pregar na Alemanha. Três grupos desses anabatistas eventualmente se desenvolveram e fizeram isso em linhas culturais: holandeses, frisianos e flamengos. Esses são os grupos que assumiram o nome “menonitas” após a década de 1530 d.C. por causa da popularidade de Menno Simons.

O terceiro grupo é conhecido como os Irmãos Huteritas, pelas influências de Hans Hut e Jacob Hutter. O grupo enfatizou a necessidade da vida comunitária e a partilha de bens para o bem-estar do todo. Esse ensinamento entraria em vários grupos anabatistas nos tempos posteriores. Foi sob a liderança de Jacob Hutter (1533-1536 d.C.) que o grupo, o qual se fundiu com outros, realmente se tornou o que é conhecido como os huteritas de hoje. Os Irmãos Huteritas são o único grupo anabatista que não sofreu cisma, e existem muitas colônias hoje.

A primeira divisão real em um grupo anabatista veio em 1697 d.C. entre os Irmãos Suíços e Jacob Amman, que acreditava que o “banimento” de membros excomungados precisava de uma aderência estrita. Sua opinião não era popular entre o grupo, e ele partiu. Muitos o seguiram e assumiram seu nome, chegando a serem conhecidos como Amish.

Os séculos dezesseis e dezessete viram pequena divisão por causa da perseguição que enfrentavam as igrejas anabatistas. Eles ensinaram doutrinas que não se adaptaram a nenhuma igreja ou estado: os bebês não precisam ser batizados, uma vez que os adultos o são. Os anabatistas não deviam ir à guerra ou causar qualquer tipo de dor a ninguém, uma vez que Jesus ensinou que alguém deveria virar a outra face para receber os golpes. As igrejas da época, tanto católicas como protestantes, não queriam considerar a perda do batismo infantil. Além disso, os estados da época não desejavam apoiar indivíduos que não apoiariam o Estado militarmente. As perseguições foram as piores nas cidades. Portanto, a maioria dos anabatistas fugiu para áreas rurais e tornou-se adepta da agricultura. Para sobreviver, a maioria dos grupos anabatistas viviam em comunidade ou constituíam a grande maioria da população em certas áreas.

Enfim, os menonitas Amish tiveram menos problemas com o inglês ou com a tecnologia do século dezenove, e todos acabaram se juntando à igreja menonita. A divisão menonita veio nos anos 1870 d.C., com os menonitas “velha colônia” e “velha ordem” dividindo-se devido à sua fidelidade ao modo de vida comunal e ao uso do alemão. Ambos os menonitas da velha ordem e velha colônia são conhecidos por sua maneira de viver simplista, sua capacidade de cultivo e sua preferência pela comunidade sobre a tecnologia.

Outra divisão dentro do corpo menonita veio de fontes externas. O século dezoito viu a criação do movimento pietista na Alemanha, o qual se focou sobre o Espírito no homem. Eles colocaram a ênfase não apenas nas Escrituras, mas também no processo de conversão dentro do indivíduo e no trabalho do Espírito dentro dele depois. Alguns dos pregadores desse movimento começaram a pregar a alguns dos grupos menonitas na Rússia, e alguns deles começaram a adicionar as crenças pietistas à sua herança menonita. Esse grupo também teve contato com os batistas que acreditavam que o batismo era imersão. Eles também acrescentaram isso à sua crença. Esse grupo é conhecido como Igreja Menonita dos Irmãos, começando oficialmente em 1859 d.C.

Outras divisões ocorreram nesses tempos sobre doutrinas externas e cisma interno, criando a menor Igreja Menonita Reformada e a Igreja de Deus em Cristo, Menonita. O final do século dezenove viu a formação de dois grupos que eventualmente representariam a maioria da Igreja Menonita, a Igreja Menonita e a Conferência Geral da Igreja Menonita. A diferença entre os dois grupos baseia-se no evangelismo, com a Conferência Geral da Igreja Menonita colocando maior ênfase nisso do que a Igreja Menonita.

4.4.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Pietismo](#): o equívoco na crença de que a [lavagem de pés](#) é obrigatória (no caso dos Amish);

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Fundamentalismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Natal](#) ou [Páscoa](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#), o [Credo Niceno](#) e o [Credo de Atanásio](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro na crença de que [pastores podem determinar doutrina](#) (no caso dos Amish); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#).

4.4.3. NÃO RESISTÊNCIA

Uma das práticas que unem muitos dos grupos anabatistas é não resistência (*Dyck, Cornelius, "An Introduction to Mennonite History", pp. 412-413*). A não resistência é a crença de que não se deve lutar fisicamente contra um oponente, mas é necessário estar em paz com todos os homens. Isso é baseado no ensinamento de Jesus em Mateus 5:38-39:

Vocês ouviram o que foi dito: “Olho por olho e dente por dente.” Mas eu lhes digo: não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. (*Mateus 5:38-39, “Nova Versão Internacional”*).

Certamente não há problema em não querer lutar contra outra pessoa. Infelizmente, porém, alguns anabatistas tomaram essa crença no sentido de não pagar seus impostos por causa das ações violentas do estado (*Dyck, Cornelius, “An Introduction to Mennonite History”, p. 103*). Quanto ao governo, Paulo disse o seguinte em Romanos 13:7: “Deem a cada um o que lhe é devido: se imposto, imposto; se tributo, tributo; se temor, temor; se honra, honra.” Não encontramos nenhuma evidência de que Paulo esteja dizendo aos cristãos que paguem impostos apenas se os fundos não forem direcionados para despesas de guerra. Da mesma forma, podemos ter certeza de que o dinheiro que Paulo e os primeiros cristãos pagaram em impostos foi de alguma forma direcionado para o exército romano. No entanto, ainda devem ser pagos impostos de forma que nossos protetores nos governos terrestres continuem.

4.4.4. COMUNALISMO

Alguns grupos anabatistas, em particular os huteritas, praticam o comunalismo, o que significa que todos os crentes vivem em uma comuna, tendo todos os bens e possessões em comum. Essa crença se baseia na igreja primitiva em Atos 2:42-48 que fez o mesmo, assim como na condição política dos anabatistas nos séculos dezesseis e dezessete: excluídos da sociedade e/ou perseguidos, muitos grupos tiveram que se unir para sobreviver. Não há nada de errado com um estilo de vida comunal. Infelizmente, esse isolamento fez que, na prática, ocorresse uma visão muito exclusivista, considerando todos os estrangeiros como ameaças, e alguns acreditam que a vida comunal é a única vida a viver (*Dyck, Cornelius, “An Introduction to Mennonite History”, p. 407*). O que as Escrituras ensinam?

Como cristãos, temos a responsabilidade de não nos conformarmos com este mundo, como Paulo diz em Romanos 12:1-2:

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (*Romanos 12:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

Contudo, cristãos não devem ser completamente excluídos do mundo, ou ninguém mais seria salvo. Isso foi enfatizado por Jesus em Mateus 5:14-16 e por Paulo em 1 Coríntios 5:9-10:

Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus. (*Mateus 5:14-16, “Nova Versão Internacional”*).

Já lhes disse por carta que vocês não devem associar-se com pessoas imorais. Com isso não me refiro aos imorais deste mundo, nem aos avarentos, aos ladrões ou aos idólatras. Se assim fosse, vocês precisariam sair deste mundo. Mas agora estou lhes escrevendo que não devem associar-se com qualquer que, dizendo-se irmão, seja imoral, avarento, idólatra, caluniador, alcoólatra ou ladrão. Com tais pessoas vocês nem devem comer. (*1 Coríntios 5:9-11, “Nova Versão Internacional”*).

Os verdadeiros cristãos vivem para glorificar a Deus a toda a humanidade, não vivem separados e considerando os “não membros” como estrangeiros que representam uma ameaça.

Quanto ao comunalismo no Novo Testamento, constatamos que ocorreu em Jerusalém depois do Pentecostes, muito provavelmente porque os ex-judeus que ouviram o evangelho, ao visitar Jerusalém para o Pentecostes, não tinham onde ficar e tinham pouco dinheiro para sobreviver, e era necessário apoiá-los com os bens dos outros cristãos. Sabemos que essa situação era temporária, pois lemos o seguinte em Atos 8:1:

E Saulo estava ali, consentindo na morte de Estêvão. Naquela ocasião desencadeou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém. Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e de Samaria. (*Atos 8:1, “Nova Versão Internacional”*).

Essa é a última vez que encontramos algo sobre um ambiente comunal nas Escrituras. Os cristãos tinham fortes laços uns com os outros e se ajudavam em momentos de necessidade (conforme ocorreu durante a fome na Judeia: 1 Coríntios 16:1-2; 2 Coríntios 8:1-9:15), mas não mantinham todas as coisas em comum. A vida comunal não é, portanto, o único padrão de vida que foi dado pelas Escrituras para o cristão viver, e Deus nunca obrigou a vida comunitária a seus filhos como uma necessidade.

4.4.5. ULTRACONSERVADORISMO

Algumas partes do movimento anabatista, especialmente os movimentos das velhas ordens (Velha Ordem Amish, Menonitas da Velha Ordem, Menonitas da Velha Colônia), se apegaram a muitas tradições relativas ao vestuário, estilo de vida, linguagem e outros fatores (Dyck, Cornelius, *“An Introduction to Mennonite History”*, p. 238, 307). Muitos acreditam que o seu modo de vida é mais simples e, portanto, mais “bíblico” do que a vida moderna, e apreciam suas tradições: desejam manter as línguas antigas (geralmente alemãs), vestir a roupa usada no século dezessete e usar a maquinaria usada então. Para outros, as escolhas são feitas com base na manutenção da comunidade e na permanência distinta do mundo exterior. Se todos os membros concordarem com esse estilo de vida, não há nada inerentemente errado com ele. Infelizmente, aqueles que tentam sair desse sistema são muitas vezes excomungados e banidos por causa dessas tradições.

Temos princípios bíblicos sobre tais coisas. Paulo disse o seguinte em Romanos 14:1-4:

Aceitem o que é fraco na fé, sem discutir assuntos controvertidos. Um crê que pode comer de tudo; já outro, cuja fé é fraca, come apenas alimentos vegetais. Aquele que come de tudo não deve desprezar o que não come, e aquele que não come de tudo não deve condenar aquele que come, pois Deus o aceitou. Quem é você para julgar o servo alheio? É para o seu senhor que ele está em pé ou cai. E ficará em pé, pois o Senhor é capaz de o sustentar. (Romanos 14:1-4, *“Nova Versão Internacional”*).

Paulo aqui está discutindo a divisão em Roma sobre a pureza de certos alimentos, mas o princípio é o mesmo: em questões que Deus não definiu (não doutrinárias), a pessoa tem a liberdade de realizar a ação ou não realizar a ação, mas a pessoa que não executa a ação (o “fraco”) não tem o direito de julgar quem a executa (o “forte”). Ao não aceitar aqueles que não aceitam suas antigas tradições, esses grupos estão trabalhando contra a oração de Paulo em Romanos 15:5-7:

O Deus que concede perseverança e ânimo dê-lhes um espírito de unidade, segundo Cristo Jesus, para que com um só coração e uma só voz vocês glorifiquem ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, aceitem-se uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus. (Romanos 15:5-7, *“Nova Versão Internacional”*).

A aceitação precisa ser baseada na justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Romanos 14:17), não na linguagem usada ou nas roupas usadas. Seria bom lembrar as palavras de João em 2 João 9: “Todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus; quem permanece no ensino tem o Pai e também o Filho.”

O foco de muitos desses grupos em comunidade e em vida cristã é louvável de muitas maneiras, mas os meios pelos quais esses objetivos são alcançados estão em desacordo com a maior missão dos cristãos. Jesus indica não apenas que os cristãos devem ser luzes do mundo e “uma cidade em uma colina”, mas também “uma luz em um candelabro para todos verem” (Mateus 5:13-16). Os cristãos, tanto quanto forem capazes, também devem imitar Paulo ao serem “tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns” (1 Coríntios 9:22). Se nos demonstramos tão distintos em matéria de liberdade de forma que não tenhamos um acordo com nossos próximos, como podemos conquistá-los? O fracasso geral de muitas dessas comunidades conservadoras em participar do evangelismo bíblico demonstra as dificuldades bíblicas com esse estilo de vida (Mateus 28:18-20; Romanos 1:16). De fato, cristãos não devem ser do mundo e não devem ser conformados com o mundo (1 João 2:15-17; Romanos 12:2). No entanto, eles têm a responsabilidade de permanecer dentro do mundo para levar os outros à salvação (1 Coríntios 5:10). Esse é um caminho difícil de seguir, mas ir a extremos não ajudará ninguém a se conformar com Jesus!

4.5. CALVINISMO

O calvinismo se originou com João Calvino, um teólogo francês que se mudou para Genebra, Suíça, em 1536 d.C., onde publicou sua obra “Institutos de Religião Cristã”. A teologia de Calvino era semelhante à teologia de Lutero, mas altamente influenciada pelo agostinismo, especialmente em termos da soberania e da predestinação de Deus. Calvino sustentou fortemente a crença de que Deus já havia determinado quem seria e quem não seria salvo e que todas as coisas estão sob o controle direto de Deus – o homem não tem livre arbítrio, uma vez que ele “caiu” no pecado. Somente a graça de Deus pode levar a salvação para o homem. Seu sistema de crença foi amplamente aceito, e Genebra logo se tornou uma teocracia calvinista. O calvinismo se espalhou por toda a Europa e influenciou muito a teologia protestante por quase 500 anos.

4.5.1. VARIANTES DO CALVINISMO

As variantes do calvinismo são observadas em três grupos principais: igrejas reformadas, igrejas presbiterianas e igrejas congregacionais.

As igrejas reformadas originaram-se como igrejas calvinistas europeias continentais, especialmente populares nos Países Baixos. Na América do Norte, a Igreja Reformada na América representa um desses grupos. Os grupos mais conservadores incluem a Igreja Reformada Cristã da América do Norte e as Igrejas Reformadas Unidas da América do Norte.

As igrejas presbiterianas devem suas origens a John Knox, o qual estudou sob Calvino na década nos anos 1550 d.C. e desejava estabelecer igrejas governadas pelo sistema antigo (presbíteros, do grego *presbuteros*, portanto um sistema “presbiteriano”). O governo escocês afirmou sua Confissão de Fé Escocesa em 1560 d.C., mas é a Confissão de Fé de Westminster (escrita na Inglaterra em 1646 d.C.) que fornece a base da crença presbiteriana. Hoje, na América, a Igreja Presbiteriana na América e a Igreja Presbiteriana (Estados Unidos) representam os maiores corpos dessa crença, embora negando a expiação limitada e sendo bastante liberais em muitas áreas – os grupos mais conservadores incluem a Igreja Presbiteriana Associada Reformada, a Igreja Presbiteriana Evangélica e a Igreja Presbiteriana Ortodoxa (não afiliada à ortodoxia oriental). Há também a Igreja Presbiteriana de Cumberland, que representa um grupo que rejeitou a maioria dos princípios do calvinismo, mas manteve um sistema presbiteriano de governança.

As igrejas congregacionais são descendentes do movimento puritano ou separatista que saiu da Inglaterra no século dezessete. São assim chamadas com base na sua crença de que cada congregação deve governar seus próprios assuntos. Assim, elas se distinguiram dos anglicanos e presbiterianos. Os puritanos eram principalmente calvinistas em sua teologia, e os conceitos calvinistas permanecem em tais corpos hoje. O maior e mais liberal grupo de igrejas congregacionais é a Igreja Unida de Cristo. Os grupos mais conservadores incluem as igrejas cristãs congregacionais (associação nacional) e a Conferência Cristã Congregacional Conservadora.

4.5.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Catolicismo romano](#): erros nas [tradições relativas a sacramentos](#) (confirmação);
- [Luteranismo](#): o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Fundamentalismo](#);
- [Ecumenismo](#);

- [Movimento da igreja comunitária](#);
- [Movimento da igreja doméstica](#);
- [Movimento megagregia](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, ginásios e academias](#) e [empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Natal, Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Epifania, dias relativos a santos](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#), o [Credo Niceno](#) e o [Credo de Atanásio](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a ["lei moral"](#) e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#); erro na permissão de [pastoras, diaconisas e evangelistas femininas](#) na igreja; erro na permissão de [evangelistas homossexuais](#) na igreja (disputado entre grupos liberais); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#).

4.5.3. TULIP

A teologia básica de Calvino foi o conceito de predestinação e eleição, mais tarde resumido no acróstico TULIP (o acróstico foi explicitamente discutido em *Reformed.org*, acessado em 02/2018):

- T: *total depravity* (depravação total);
- U: *unconditional election* (eleição incondicional);
- L: *limited atonement* (expição limitada);
- I: *irresistible grace* (graça irresistível);

- P: *perseverance of the saints* (perseverança dos santos).

Essencialmente, essa doutrina afirma que, devido à sua natureza pecaminosa, o homem não pode ir a Deus. Em vez disso, Deus deve ir até o homem. Deus já determinou quem salvará e quem condenará e, portanto, seu Filho morreu apenas por aqueles que são salvos, também conhecidos como “eleitos”. Não há como os membros que fazem parte dos “eleitos” não serem salvos, pois Deus os trará para si mesmo. Por isso, aqueles que são verdadeiramente eleitos devem ser salvos e não há como eles se afastarem do Senhor. Examinemos cada um desses princípios separadamente para verificar se correspondem aos ensinamentos das Escrituras.

4.5.4. T: *TOTAL DEPRAVITY – DEPRAVAÇÃO TOTAL*

O primeiro ensinamento conforme o acróstico TULIP é a depravação total. A depravação total pode ser definida como a incapacidade do homem de ir a Deus por seus próprios meios. Uma vez que se supõe que o homem nasceu com o pecado original e não pode deixar de viver em um estado caído, não há como ele poder realizar qualquer boa obra – a única maneira em que ele pode ser salvo ou que pode fazer qualquer coisa boa é se Deus trabalhar dentro dele (*“The Second Helvetic Confession”, Chapter IX, paragraph 45 (IX, 45)*).

Abordamos anteriormente a questão sobre “pecado original” ao falar sobre o [batismo infantil e o pecado original](#). Da mesma forma, a visão de que Deus deve fornecer ao indivíduo todas as coisas necessárias para a salvação, incluindo a fé, foi considerada quando abordamos a “[fé somente](#)” ao estudar o luteranismo, sendo que calvinistas também usam 1 Coríntios 2:14 e Efésios 2:8-9 para tentar justificar sua crença. Tenta-se justificar ainda mais essa crença com passagens como Romanos 8:6-8 e 2 Coríntios 3:5 (*“The Second Helvetic Confession”, Chapter IX, paragraph 45 (IX, 45)*):

A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus. (*Romanos 8:6-8, “Nova Versão Internacional”*).

Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos, mas a nossa capacidade vem de Deus. (*2 Coríntios 3:5, “Nova Versão Internacional”*).

As afirmações do ensinamento da depravação total são verdadeiras? Por um lado, é verdade que os homens pecaram e que todos se tornaram aquém da glória de Deus (Romanos 3:23), porém, por outro lado, isso não exige que o homem seja completamente incapaz de fazer qualquer coisa boa e que seja incapaz de ir a Deus.

O contexto de Romanos 8:6-8 demonstra que Paulo está falando sobre as diferenças entre o homem que está no pecado e o homem que está em Cristo, como é esclarecido ao se examinar o capítulo de forma mais ampla:

Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus. Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo. (*Romanos 8:5-9, “Nova Versão Internacional”*).

Podemos entender Paulo claramente em seu contexto apropriado: ele está explicando que o homem que está no pecado está contra os ensinamentos de Deus, pois escolheu o mundo, e não o Pai (conforme 1 João 2:15-17). O homem que vive pelo Espírito está em comunhão com Deus, pois escolheu sabiamente. Além disso, Paulo fala o seguinte sobre os irmãos coríntios em 1 Coríntios 3:1-2:

Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo. Dei-lhes leite, e não alimento sólido, pois vocês não estavam em condições de recebê-lo. De fato, vocês ainda não estão em condições, porque ainda são carnis. Porque, visto que há inveja e divisão entre vocês, não estão sendo carnis e agindo como mundanos? (*1 Coríntios 3:1-3, “Nova Versão Internacional”*).

Paulo disse que os coríntios ainda são “carnais”, mas ainda assim os chama de “santos” em 1 Coríntios 1:2. Como pode ser, então, que as pessoas “carnais” podem estar “em Cristo” se interpretarmos Romanos 8:6-8 como significando que aqueles que são carnis estão consignados ao fogo do inferno sem chance?

Romanos 8:6-8, portanto, é a tentativa de Paulo de encorajar os cristãos a caminhar pelo Espírito. Não é uma tentativa de demonstrar que os humanos estão totalmente depravados.

Quanto a 2 Coríntios 3:5, Paulo está explicando a diferença entre a Antiga Aliança e a Nova Aliança – a discussão sobre o ministério da morte gravado em pedras versus a vida no Espírito (2 Coríntios 3:7-8) atesta isso. Paulo confirmou aos coríntios que o evangelho, o plano de salvação instituído por Deus, não veio do homem, mas de Deus. Toda verdade e, realmente, toda existência vem de Deus, não de nós mesmos. No entanto, nossa capacidade de realizar obras que são boas aos olhos de Deus não é negada por isso.

As Escrituras têm muitos exemplos de indivíduos que realizaram boas obras, apesar de não estarem no aprisco de Deus. Em Mateus 8:5-13, lemos sobre um centurião que desejou que Jesus curasse seu servo. Esse homem tinha fé que Jesus poderia realizar essa ação com a palavra de seu poder e exclamou que não era digno de que Jesus entrasse debaixo de seu telhado (Mateus 8:8). O centurião disse que entendia a autoridade de Jesus e que bastava uma palavra dele para que seu servo fosse curado. Jesus esteve maravilhado com isso, proclamando que não encontrou tão grande fé em qualquer um de Israel (Mateus 8:10). Esse homem era um gentio durante a aliança de Deus com os israelitas, mas ele tinha maior fé do que eles. Nós também temos o exemplo de Cornélio em Atos 10:1-2, de quem a Palavra de Deus atesta:

Havia em Cesareia um homem chamado Cornélio, centurião do regimento conhecido como Italiano. Ele e toda a sua família eram piedosos e tementes a Deus; dava muitas esmolas ao povo e orava continuamente a Deus. (Atos 10:1-2, “Nova Versão Internacional”).

Aqui temos um homem devoto que, naquele momento, era um gentio e não tinha ouvido as notícias de Cristo, mas estava determinado a ser um homem devoto e temente a Deus. Como isso pode ocorrer se aqueles que não são salvos não podem fazer boa obra? Não seria forçado demais dizer que Deus trabalhou neles? No entanto, esses homens não faziam parte do aprisco de Deus e, assim, Deus seria um hipócrita! Certamente, mesmo os não salvos podem fazer boas obras, mas ainda estão em seus pecados e não foram purificados pelo sangue de Cristo. Somente sendo purificados é que eles podem ser considerados verdadeiramente justos aos olhos de Deus, mas eles de forma alguma são totalmente depravados!

Além disso, temos testemunho de passagens como Filipenses 2:12 e 1 Pedro 1:22, entre outras, que atestam o papel de nossa obediência em nossa salvação:

Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele. (Filipenses 2:12, “Nova Versão Internacional”).

Agora que vocês purificaram a sua vida pela obediência à verdade, visando ao amor fraternal e sincero, amem sinceramente uns aos outros e de todo o coração. (1 Pedro 1:22, “Nova Versão Internacional”).

É manifesto, então, que, embora Deus tenha feito a maior parte, dando-nos seu Filho, a nossa resposta de fé obediente nele é necessária para salvação. De acordo com as Escrituras, a resposta vem do homem com base no que Deus fez.

4.5.5. U: UNCONDITIONAL ELECTION – ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Passamos agora à eleição incondicional, a crença de que Deus já escolheu (ou predestinou) quem ele deseja que seja salvo e predestinou aqueles que serão condenados (“The Second Helvetic Confession”, Chapter IX, paragraph 52 (IX, 52)). Passagens como Romanos 9:15, Romanos 9:21, Efésios 1:4-8, Efésios 2:10 e 2 Timóteo 1:9 são usadas para tentar justificar essa crença (“The Second Helvetic Confession”, Chapter IX, paragraph 52 (IX, 52)):

Pois ele diz a Moisés: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão.” (Romanos 9:15, “Nova Versão Internacional”).

O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso? (Romanos 9:21, “Nova Versão Internacional”).

Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para o louvor da sua gloriosa graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado. Nele temos a redenção por meio de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas da graça de Deus, a qual ele derramou sobre nós com toda a sabedoria e entendimento. (*Efésios 1:4-8, “Nova Versão Internacional”*).

Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos. (*Efésios 2:10, “Nova Versão Internacional”*).

que nos salvou e nos chamou com uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos, (*1 Timóteo 1:9, “Nova Versão Internacional”*).

Para analisar as alegações feitas, devemos primeiramente considerar o contexto do capítulo 9 da epístola aos Romanos, e isso exige uma explicação mais longa e detalhada apresentada a seguir (adaptada de *Roper, David, “O Problema dos Judeus – Romanos 9:1-13”; “Deus é Justo? – Romanos 9:14-29”, traduzidos por Solange Domingues Soares, extraído de Biblecourses.com/Portuguese/NewTestament.aspx, acessado em 12/2021*).

Uma vez que Paulo estava explicando em toda a carta aos Romanos que é necessário estar em Cristo para a salvação, e a maioria dos judeus não creu em Jesus, os judeus argumentariam que a promessa de Deus de conceder salvação a Israel falhou (Romanos 9:6). Os judeus pensavam que teriam salvação do Senhor pelo simples fato de serem descendentes físicos de Abraão. Paulo quebrou esse raciocínio falacioso ao explicar que nem todo Israel é Israel (Romanos 9:6-7). O verdadeiro Israel que recebe salvação é composto dos judeus e gentios que estão em Cristo. Os judeus descrentes são apenas descendentes físicos de Abraão – judeus apenas na nacionalidade.

Para ilustrar aos judeus que não basta ser descendente físico de Abraão para ser considerado como o verdadeiro Israel, isto é, como o povo de Deus, Paulo usou os exemplos de Isaque e Ismael (Romanos 9:7-9) e de Esaú e Jacó (Romanos 9:10-13).

Tanto Ismael quanto Isaque eram descendentes físicos de Abraão, mas Isaque foi escolhido como aquele pelo qual a promessa da numerosa descendência de Abraão foi cumprida. Essa descendência implica na formação da nação de Israel para depois vir o Cristo – o descendente que abençoa todas as nações da terra. Ismael não foi escolhido para isso, mesmo sendo descendente físico de Abraão.

Ao mostrar que Deus fez uma escolha entre Ismael e Isaque, os judeus concordariam que Deus tinha o direito de fazer isso, e que ele fez a escolha certa. Assim, Paulo estava conduzindo seus leitores à conclusão de que Deus tem o direito de decidir quem faz parte do verdadeiro Israel porque ele é Deus, e suas escolhas sempre são certas, ainda que descendentes físicos de Abraão (como Ismael) sejam rejeitados.

Porém, os judeus poderiam afirmar que Ismael foi rejeitado porque não foi filho de Sara, mas de Agar. Ou poderiam afirmar que Isaque era mais justo ou bondoso do que Ismael. Então, Paulo segue adiante usando Esaú e Jacó como exemplos. Eles foram filhos do mesmo pai, Isaque (o filho da promessa) e da mesma mãe (Rebeca). No entanto, antes de os gêmeos nascerem (isto é, antes de poderem mostrar quem é “mais justo” ou “mais bondoso”), Deus escolheu Jacó para prosseguir com a descendência que levaria à formação da nação de Israel e, posteriormente, o Cristo. Esaú não foi escolhido para isso, nem a sua descendência (a nação de Edom), mesmo tendo sido descendente físico de Abraão e, ainda, o primogênito de Isaque e Rebeca.

Agora, aqui está o ponto em que a teologia calvinista apresenta falha: as duas escolhas da parte de Deus citadas em Romanos 9:1-13 têm a ver com privilégios, não com a salvação eterna! Paulo parece ter em vista nessa passagem Israel como um todo, e não indivíduos sendo escolhidos para serem salvos.

Deus fez escolhas em relação a quem ele usaria para levar adiante seu supremo propósito até vir o Cristo, mas não foram essas escolhas que afetaram os destinos eternos dos escolhidos. Romanos 9:11-24 trata de uma “eleição temporária” e não de uma “eleição eterna”. Teólogos calvinistas, há muito tempo, tentam usar Romanos 9 como prova textual de sua “eleição incondicional”, mas não é isso que o texto ensina.

O objetivo de Paulo foi mostrar que Deus tem o direito de decidir fazer tais escolhas porque ele é Deus, o soberano que possui autoridade suprema. Nenhum judeu discordaria disso. O que surpreendeu os judeus foi a aplicação que Paulo fez da escolha divina para eles próprios: se Deus teve o direito de escolher Isaque e rejeitar Ismael, e se Deus teve o direito de escolher Jacó e rejeitar Esaú, então Deus também tem o direito de escolher alguns israelitas (aqueles que estão em Cristo) e rejeitar outros (os israelitas que não creem em Cristo). Paulo não está falando que Isaque e Jacó são exemplos de que Deus determina a salvação eterna de cada pessoa por sua escolha soberana!

Em Romanos 9:14-24, Paulo antecipou uma objeção de alguém que questionaria a justiça de Deus porque ele rejeitou israelitas que não creem em Cristo e aceitou gentios que creem em Cristo. O apóstolo insistiu que Deus é justo porque suas escolhas são coerentes com seu modo de agir, sua pessoa e seu propósito. Nenhum judeu pensaria que foi injusto da parte de Deus escolher Isaque em vez de Ismael, ou Jacó em vez de Esaú. Portanto, Paulo estava lançando um alicerce para concluir o seguinte: se Deus foi justo quando fez essas escolhas, ele também foi justo quando escolheu judeus e gentios que estão em Cristo em vez de judeus descrentes.

O ponto é que Deus salvará aquele que está em Cristo, seja judeu ou seja gentio, e que Deus é justo ao ter decidido estabelecer esse requisito para conceder sua salvação, assim como um judeu diria que Deus foi justo ao escolher Isaque e Jacó para gerar a nação de Israel. Todos os demais exemplos de Romanos 9 foram usados para ilustrar esse mesmo ponto.

Paulo continua a afirmar que Deus é justo em suas escolhas, mesmo ao excluir israelitas descrentes, usando mais exemplos conhecidos pelos judeus, tais como eventos que aconteceram durante o êxodo do Egito. Quando Moisés e os israelitas estavam no deserto, após o incidente do bezerro de ouro, Deus disse a Moisés que tem misericórdia de quem ele quiser ter misericórdia e se compadece de quem ele quiser ter compaixão (Êxodo 33:19). Isso significa que Deus decide a quem vai dar sua misericórdia e compaixão. E Deus decidiu fazer isso para todos aqueles que estiverem em Cristo, sejam judeus ou gentios.

Outro exemplo que Paulo utilizou para convencer os judeus que Deus é coerente ao conceder sua compaixão e misericórdia para quem ele quiser é o faraó da época do êxodo (Romanos 9:17-18). Paulo afirmou que Deus endurece a quem ele quiser, como foi no caso do faraó (Romanos 9:18). Uma ilustração dos efeitos dos raios solares sobre a manteiga e sobre o barro ajuda a entender como funciona esse endurecimento. Os mesmos raios que derretem a manteiga fazem o barro endurecer. Assim, quando Deus fala, os corações de alguns são amolecidos, enquanto os corações de outros são endurecidos. As palavras de Deus endureceram o coração do faraó porque seu coração era como o barro que endurece com raios solares. Em outras palavras, um coração endurecido é um coração incrédulo, teimoso e insubmisso. Se tivermos um coração como esse, as palavras de Deus nos endurecerão, porém, se deixarmos de lado a incredulidade, a teimosia e a insubmissão, as palavras de Deus nos amolecerão. Ninguém é determinado para ir à perdição devido a uma “escolha soberana” de Deus, pois ele deseja que todos sejam salvos (1 Timóteo 2:4).

O ponto no exemplo do faraó é que os judeus entendiam que Deus tinha o direito de fazer o que quisesse com aquele governante opressor. Certamente, se fosse perguntado a um judeu se Deus foi justo quando demonstrou misericórdia para seus antepassados, o judeu diria que sim. Se fosse perguntado a um judeu se Deus foi justo quando endureceu o coração do faraó, o judeu certamente diria que sim. Portanto, Paulo estava continuando a conduzir seus leitores judeus à conclusão de que Deus é justo quando aceita uns e rejeita outros, mesmo se rejeitar israelitas descrentes, uma vez que isso é coerente com seu modo de agir desde a fundação dos tempos. Assim, Deus é justo ao conceder sua compaixão e misericórdia a judeus e gentios que estão em Cristo. A decisão de estar em Cristo foi a forma como Deus estabeleceu para conceder compaixão e misericórdia, e Deus é justo em ter decidido ser assim. Paulo não usou o exemplo do faraó para afirmar que algumas pessoas específicas não foram escolhidas por Deus para salvação desde a fundação do mundo!

Paulo também explica que a concessão da compaixão e da misericórdia de Deus depende apenas dele mesmo, e não de quem almeja a compaixão e a misericórdia dele, ou de quem se esforça grandemente para obtê-las (Romanos 9:16). É claro que devemos almejar a compaixão e misericórdia divinas, fazendo o que estiver ao nosso alcance a fim de agradar ao Senhor, mas Paulo estava mostrando que desejo e esforço de nossa parte não garantem a misericórdia – Deus nunca é colocado em uma posição de “devedor” para conosco. Ele tem o direito de decidir a quem ele concederá compaixão e misericórdia. E ele decidiu conceder misericórdia e compaixão para aqueles que

estão em Cristo, e não para quem simplesmente é descendente físico de Abraão! As escolhas de Deus são coerentes com sua natureza.

Paulo então segue adiante antecipando uma possível queixa: se Deus tem misericórdia de quem quer e endurece a quem ele quer, “Então, por que Deus ainda nos culpa? Pois quem resiste à sua vontade?” (Romanos 9:19). Ou, em outras palavras, “se Deus sabe de antemão que uma pessoa fará uma coisa específica, então por que ele responsabiliza esse indivíduo pelo que ele fez? Quem pode se opor à vontade de Deus?” A resposta do apóstolo foi a seguinte: Deus não é questionável. Na intenção de mostrar como é absurda a ousadia de um homem interpelar Deus, Paulo usou uma analogia conhecida dos judeus: um oleiro e seu barro (veja Isaías 29:16; 45:9; 64:8; Jeremias 18:6). Paulo estava dizendo que o oleiro tinha controle sobre o barro, e não cabia a nenhum vaso questionar por que o oleiro o moldou do jeito que foi moldado.

A teologia calvinista assume que essa analogia reflete que Deus, em sua soberania, escolhe uma pessoa para salvação (o “vaso para fins nobres”) e outra para perdição (o “vaso para uso desonroso”). Porém, isso é tirar demais do texto. Como todas as analogias, ela tem suas limitações. A qualidade do barro é um fator determinante para o tipo de vaso a ser feito e sua utilidade (Jeremias 18:1-10; 2 Timóteo 2:20-21). Se alguém persistir em ter um coração incrédulo, teimoso e insubmisso, é como se a qualidade do barro fosse ruim, e o vaso resultante serviria apenas para uso desonroso. Com certeza foi assim com o faraó da época do êxodo. Deus tem a intenção em nos moldar para que sejamos vasos “para fins nobres”, porém, se persistirmos com incredulidade, teimosia e insubmissão, o barro será ruim e servirá apenas “para uso desonroso”.

Em Romanos 9:22, Paulo escreveu que Deus “suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para a destruição”, dando continuidade à analogia do oleiro e do barro. Porém, a aplicação agora é diferente. O faraó da época do êxodo é uma boa ilustração de um vaso “preparado para a destruição” que Deus “suportou com grande paciência”. O Senhor deu ao faraó várias oportunidades para mudar de ideia e deixar os israelitas saírem do Egito (ou seja, o faraó poderia ter mudado seu coração e ter sido um barro de qualidade para resultar em um “vaso para fins nobres”).

Outra ilustração é o caso dos israelitas no deserto. Se Deus não os tivesse “suportado com grande paciência”, não teriam sobrevivido como nação. O princípio também se aplica aos gentios ímpios que viveram antes de Cristo, e também se aplica a nós. Deus continua suportando com muita paciência vasos de ira preparados para a destruição, pois ele continua dando a todos oportunidades de arrependimento (Romanos 2:4). Podemos fazer a qualidade do barro melhorar deixando de lado a incredulidade, teimosia e insubmissão. Pedro escreveu que o Senhor é longânimo conosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento (2 Pedro 3:9). Deus prefere conceder misericórdia a derramar sua ira.

Assim, Paulo afirmou que Deus foi paciente com os perdidos, dando a eles oportunidade para se arreenderem, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em “vasos de misericórdia” (Romanos 9:23). No êxodo, os israelitas foram poupados pela graça de Deus no monte Sinai. Tudo o que Deus fez naquela ocasião mostrou como sua misericórdia foi rica.

Assim, Paulo aplicou as ilustrações do faraó e dos israelitas ao assunto em questão. Após se referir aos “vasos da misericórdia”, o apóstolo acrescentou que “previamente preparou para glória” e disse que os tais somos nós, a quem também chamou (Romanos 9:23-24). As expressões “previamente preparou para glória” e “chamou” são equivalentes às expressões “de antemão conheceu” ou “predestinou” em Romanos 8:29-30:

Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou. (*Romanos 8:29-30, “Nova Versão Internacional”*).

Essa predestinação não ocorre na base da escolha predeterminada e soberana de Deus, como os calvinistas contendem. Conforme o que Paulo escreveu em Romanos 8:29, a predestinação é baseada na presciência de Deus das escolhas que o ser humano fará. Deus predestina aqueles a quem ele conhece de antemão, mas esse conhecimento não impede que o ser humano tenha livre arbítrio, de forma que Deus não seja o autor ou causa de qualquer forma de pecado (conforme Tiago 1:13 e 1 Timóteo 2:4). O ser humano tem influências boas e más no

mundo, mas sempre escolhe o que vai fazer. Deus, sendo onisciente, sabe de antemão quais escolhas cada um fará, ou seja, ele sabe, no fim, quem vai ser salvo e quem não vai, mas isso na base da resposta de cada um à sua Palavra, e não na base de ele escolher uma pessoa específica por sua soberania. Deus abre a porta da salvação a todos.

A predestinação, portanto, se refere ao tipo de pessoa que Deus escolheu para ser salva, isto é, qualquer pessoa que decidir responder positivamente ao evangelho e permanecer nele até o fim. Os requisitos para a salvação (se converter a Cristo e permanecer nele) foram predeterminados, e não as próprias pessoas.

Portanto, diante de todo o exposto, Paulo não teve a intenção de usar a analogia do oleiro e do barro para afirmar que Deus escolhe uma pessoa especificamente para ser salva e outra especificamente para ser condenada! A ideia principal do apóstolo continua sendo válida: Deus é Deus e ele tem o direito de fazer o que apraz a ele. Deus é justo porque ele é Deus, e o que ele faz é coerente com sua natureza. Às vezes não entendemos por que Deus faz o que faz, mas podemos confiar que ele sempre faz o que é certo. E ele decidiu conceder compaixão e misericórdia para aqueles que estão em Cristo, sejam judeus, sejam gentios, mesmo rejeitando descendentes físicos de Abraão.

Diante de todo o entendimento do contexto de Romanos 9, o apóstolo apenas está declarando que Deus tem autoridade para decidir os requisitos para salvação e que ele sempre é justo e coerente em suas decisões, mesmo que judeus sejam rejeitados e gentios sejam aceitos. Aos olhos dos judeus, era bastante incômodo o fato de Deus rejeitar muitos judeus e salvar apenas um remanescente (a minoria de judeus que estão em Cristo). Mais perturbador ainda era saber que, ao mesmo tempo, o Senhor aceitará muitos gentios. De fato, Deus estava aceitando mais gentios do que judeus! No entanto, isso já foi anunciado há muito tempo pelos profetas, conforme Romanos 9:23-33:

Que dizer, se ele fez isso para tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória, ou seja, a nós, a quem também chamou, não apenas dentre os judeus, mas também dentre os gentios? Como ele diz em Oseias: "Chamarei 'meu povo' a quem não é meu povo; e chamarei 'minha amada' a quem não é minha amada", e: "Acontecerá que, no mesmo lugar em que se lhe declarou: 'Vocês não são meu povo', eles serão chamados 'filhos do Deus vivo.'" Isaías clama com relação a Israel: "Embora o número dos israelitas seja como a areia do mar, apenas o remanescente será salvo. Pois o Senhor executará na terra a sua sentença, rápida e definitivamente." Como anteriormente disse Isaías: "Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendentes, já estaríamos como Sodoma, e semelhantes a Gomorra." Que diremos, então? Os gentios, que não buscavam a justiça, a obtiveram, uma justiça que vem da fé; mas Israel, que buscava uma lei que trouxesse justiça, não a alcançou. Por que não? Porque não a buscava pela fé, mas como se fosse por obras. Eles tropeçaram na "pedra de tropeço". Como está escrito: "Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e uma rocha que faz cair; e aquele que nela confia jamais será envergonhado." (*Romanos 9:22-33, "Nova Versão Internacional"*).

Portanto, Deus declarou que todos os homens – não apenas judeus – podem ter a salvação em Cristo. Isso é o que Paulo diz em Romanos 9:1-33 – ele não quis dizer que Deus já determinou especificamente a pessoa que será salva.

Após termos examinado Romanos 9, busquemos entender o que Paulo quer dizer em Efésios 1:4-8. Novamente precisamos considerar Romanos 8:29-30, examinado acima:

Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou. (*Romanos 8:29-30, "Nova Versão Internacional"*).

À medida que Paulo escreve para encorajar os irmãos em Roma e Éfeso, ele estabelece que Deus os predestinou com conformidade à imagem do Filho e à adoção. Como explicado acima, a predestinação é baseada na presciência de Deus das escolhas que o ser humano fará. Deus predestina aqueles a quem ele conhece de antemão, mas esse conhecimento não impede que o ser humano tenha livre arbítrio, de forma que Deus não seja o autor ou causa de qualquer forma de pecado (conforme Tiago 1:13 e 1 Timóteo 2:4). O ser humano tem influências boas e más no mundo, mas sempre escolhe o que vai fazer. Deus, sendo onisciente, sabe de antemão quais escolhas

cada um fará, ou seja, ele sabe, no fim, quem vai ser salvo e quem não vai, mas isso na base da resposta de cada um à sua Palavra, e não na base de ele escolher uma pessoa específica por sua soberania.

Eféios 2:10 é usado para demonstrar que nós não realizamos boas obras, mas que Deus opera por meio de nós. Isso não é declarado explicitamente. Efésios 2:10 afirma que Deus estabeleceu as boas obras a serem realizadas, as quais ele muito certamente relacionou em sua Palavra. Isso não significa que o próprio Deus realize as obras. Na verdade, a realização dessas obras é deixada para nós (Tito 3:8)! Fomos criados para realizar boas obras, e os parâmetros dessas boas obras foram dados conforme Efésios 2:10 (e as Escrituras nos equipam para realizar todas essas boas obras, conforme 2 Timóteo 3:16-17). Isso não requer, contudo, que Deus também realize as obras. Tiago 2:14-26 também estabelece que nós somos aqueles que realizam as obras.

Finalmente, 2 Timóteo 1:9 é uma explicação adicional das obras realizadas para nossa salvação: que Cristo foi crucificado por nossos pecados (conforme João 3:16). Não podemos realizar obras para a salvação no sentido de que seremos salvos apenas por obras. Temos que ter a graça de Deus, manifestada naquele sacrifício de seu Filho, a fim de sermos salvos – isso é o que Paulo afirma em 2 Timóteo 1:9. A fim de receber os benefícios desse sacrifício, contudo, é abundantemente evidente que uma resposta é necessária, e qualquer resposta dada é, necessariamente, uma obra (conforme 2 Tessalonicenses 1:6-9; Filipenses 2:12). Não podemos ganhar nossa salvação, mas devemos ser obedientes se queremos ir para o céu.

Eleição incondicional, portanto, não tem sido justificada nas Escrituras. Os problemas com essa doutrina são muitos: se Deus tem predestinado os eleitos para a salvação por sua escolha soberana apenas, isso necessariamente define que Deus predestinou o restante à condenação da mesma forma. Isso viola o preceito bíblico encontrado em Romanos 2:11: “Pois em Deus não há parcialidade.” Se Deus decidisse quem vai ser salvo e quem vai ser condenado, obviamente isso demonstraria parcialidade. Se aceitarmos a doutrina do pecado original, não haveria diferença entre alguém que seria eleito e alguém que seria condenado, exceto pela escolha de Deus.

Alguns, em resposta a isso, diriam que Paulo está apenas estabelecendo que a escolha soberana de Deus é arbitrária: quando Deus faz a escolha, ele não toma raça, cultura, etnicidade, nascimento, posição econômica, etc., em consideração. Porém, o texto não requer uma limitação como tal na interpretação, e tal limitação não é consistente com a mensagem que Paulo fornece imediatamente antes de fazer a declaração em questão (“Pois em Deus não há parcialidade”), como pode ser constatado em Romanos 2:5-10:

Contudo, por causa da sua teimosia e do seu coração obstinado, você está acumulando ira contra você mesmo, para o dia da ira de Deus, quando se revelará o seu justo julgamento. Deus “retribuirá a cada um conforme o seu procedimento”. Ele dará vida eterna aos que, persistindo em fazer o bem, buscam glória honra e imortalidade. Mas haverá ira e indignação para os que são egoístas, que rejeitam a verdade e seguem a injustiça. Haverá tribulação e angústia para todo ser humano que pratica o mal: primeiro para o judeu e depois para o grego; mas glória, honra e paz para todo aquele que pratica o bem: primeiro para o judeu e depois para o grego. (*Romanos 2:5-10, “Nova Versão Internacional”*).

Paulo aqui define claramente o padrão pelo qual os seres humanos serão julgados: não é na base da escolha soberana e arbitrária de Deus, mas é na base de se alguém foi obediente ou desobediente a Deus. Isso é igualmente verdadeiro para o judeu ou para o grego (gentio). É claro, portanto, que Paulo demonstra que o julgamento de Deus não é baseado em qualquer tipo de julgamento predeterminado e arbitrário, mas na fidelidade de cada indivíduo.

Além disso, se Deus já determinou quem será salvo ou quem será condenado, isso iria até mesmo negar a necessidade de haver um julgamento final, o qual é definido claramente nas seguintes passagens:

Pois por suas palavras vocês serão absolvidos, e por suas palavras serão condenados. (*Mateus 12:37, “Nova Versão Internacional”*).

Pois o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um de acordo com o que tenha feito. (*Mateus 16:27, “Nova Versão Internacional”*).

Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, ele se assentará em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as

ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. (*Mateus 25:31-33, “Nova Versão Internacional”*).

No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo o lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos. (*Atos 17:30-31, “Nova Versão Internacional”*).

O julgamento é tratado nas Escrituras como evento real no qual cada ser humano será julgado na base de sua vida e seu relacionamento com Cristo. Para que se falaria tanto sobre tal evento se Deus já determinou seu resultado?

O problema principal com a eleição incondicional envolve a perspectiva calvinista (e agostiniana) sobre a própria natureza de Deus. Enquanto certamente há muito sobre a natureza de Deus que não entendemos (Isaías 55:9-10), nós podemos entender o que ele nos revelou. Quanto consideramos as Escrituras, não encontramos evidência de que a soberania de Deus demanda sua predestinação em todos os eventos. Ao invés disso, constatamos que há momentos em que a vontade de Deus não é cumprida, além de momentos em que a determinação de Deus é alterada sobre mudanças circunstanciais. Exemplos incluem as predições de Deus para Davi em relação a Saul em Queila (1 Samuel 23:1-14), mudanças nos planos baseadas no arrependimento de Acabe (1 Reis 21:27-29) e dos ninivitas (Jonas 1:1-4:3), e as mudanças de destinação na viagem de Paulo (Atos 27:9-44). Mateus 19:8 também é bem instrutivo: o próprio Jesus estabeleceu que os israelitas não estavam realmente seguindo a intenção original de Deus para o casamento quando foi concedido a eles que pudessem divorciar de suas esposas, embora Deus tenha permitido que eles assim fizessem. Eclesiastes 9:11 é claro ao mostrar que Deus deixa alguns eventos que ocorrem na terra sujeitos ao tempo e ao acaso.

Não temos problemas com o fato de que Deus é onipotente e soberano: de fato, não vamos impor a ele qualquer forma de necessidade “lógica”! A onipotência e soberania de Deus não demanda que Deus funcione de determinado modo. Ao invés disso, ele revela para nosso benefício parte de sua natureza de forma que possamos servi-lo. Essa natureza não é o Deus tirânico apresentado na teologia agostiniana calvinista. Ao invés disso, Deus chama a todos os homens por meio do evangelho, e depende de os homens escolherem se querem servi-lo ou não, e assim receberão as recompensas (Romanos 1:16; 6:17-23; 10:14-17; 2 Tessalonicenses 1:6-9; 1 Timóteo 2:4). O destino do homem não foi predeterminado arbitrariamente antes de sua existência!

Portanto, pode ser estabelecido que a eleição incondicional de cada cristão não é estabelecida nas Escrituras, pois Deus permite que todos os homens vão até ele. A eleição de Deus é melhor entendida como uma “seleção”.

4.5.6. L: LIMITED ATONEMENT – EXPIAÇÃO LIMITADA

A próxima doutrina do acróstico TULIP é a expiação limitada (*limited atonement*), a crença de que Jesus Cristo morreu apenas para aqueles inclusos na eleição. João 17:9 e Mateus 26:28 são usados para tentar justificar essa crença:

Eu rogo por eles. Não estou rogando pelo mundo, mas por aqueles que me deste, pois são teus. (*João 17:9, “Nova Versão Internacional”*).

Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados. (*Mateus 26:28, “Nova Versão Internacional”*).

Será que esses textos mostram que Cristo morreu apenas por alguns? Examinemos as passagens.

João 17:9 é uma parte do que é conhecido como a “oração sacerdotal” de Jesus. A primeira parte dessa oração se refere aos discípulos de Cristo, conforme João 17:6-7:

Eu revelei teu nome àqueles que do mundo me deste. Eles eram teus; tu os deste a mim, e eles têm obedecido à tua palavra. Agora eles sabem que tudo o que me deste vem de ti. (*João 17:6-7, “Nova Versão Internacional”*).

Constatamos que em João 17:9 Jesus está dizendo que ele está orando por aqueles “que do mundo me deste”. Exatamente quem está em discussão é tornado evidente em João 17:11:

Não ficarei mais no mundo, mas eles ainda estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, protege-os em teu nome, o nome que me deste, para que sejam um, assim como somos um. (João 17:11, “Nova Versão Internacional”).

Então, no fim, Jesus ora em João 17:20-21 por todos aqueles que creriam nele:

Minha oração não é apenas por eles. Rogo também por aqueles que crerão em mim, por meio da mensagem deles, para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. (João 17:20-21, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, podemos concluir que Jesus não está dizendo em João 17:9 que Deus deu a ele apenas alguns, mas que, durante sua vida terrena, os doze apóstolos mais os setenta discípulos dados a ele tinham aprendido dele. Sua oração está claramente sendo dada em nome de todos aqueles que crerão nele e em seu Pai, conforme João 17:20-21.

Mateus 26:28 diz que o sangue de Cristo foi derramado “em favor de muitos, para perdão de pecados”. Será que isso significa que o sangue de Cristo é limitado para alguns poucos? Temos o testemunho do autor de Hebreus em Hebreus 9:11-12:

Quando Cristo veio como sumo sacerdote dos benefícios agora presentes, ele adentrou o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito pelo homem, isto é, não pertencente a esta criação. Não por meio de sangue de bodes e novilhos, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Lugar Santíssimo, de uma vez por todas, e obteve eterna redenção. (Hebreus 9:11-12, “Nova Versão Internacional”).

Seu sacrifício foi realizado “de uma vez por todas”, e a palavra “todas” não está qualificada. O autor de Hebreus indica que, ao invés de ser necessário realizar um sacrifício toda a vez que qualquer pessoa pecar, o sacrifício de Jesus Cristo, realizado uma única vez, é capaz de purificar os pecados de todas e quaisquer pessoas em qualquer época – é uma redenção eterna, infinita, não limitada à quantidade de pessoas e nem ao tempo.

Além disso, a ideia da expiação concedida pelo sacrifício de Cristo ser para todas as pessoas é apoiada por todo o Novo Testamento. João 3:16-17 afirma: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao mundo não para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele.” A palavra grega *kosmos*, traduzida como “o mundo”, abrange todos os seres humanos de toda a criação. João 1:29 afirma que Jesus tira “o pecado do mundo”. Deus tem misericórdia de todos os desobedientes em Romanos 11:32. Em 1 João 2:2, Jesus é “a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo.” Nenhum desses versos possuem qualquer tipo de limitação, declarada ou implícita, ao sacrifício de Cristo.

Mas como pode o sangue de Cristo ter sido derramado “em favor de muitos” e ainda ter sido derramado para salvar todas as pessoas?

É inexato dizer que Cristo morreu para limpar os pecados apenas de uns poucos ou de muitos. Cristo morreu para limpar todos os homens do pecado. Nem todos os homens estão limpos do pecado, no entanto, porque não aceitaram o sacrifício de Cristo por meio da obediência ao evangelho. Portanto, no final, o sangue de Cristo vai limpar aqueles que o aceitaram como expiação de seus pecados. Cristo morreu para que todos os homens sejam salvos – seu sangue tem poder para salvar todos. Contudo, uma vez que apenas poucas pessoas vão aceitar esse sacrifício, ele será efetivo apenas para as pessoas que creram. O agente limitador não é Deus, mas o homem, uma vez que dele depende a aceitação ou rejeição da obra de Deus por meio de Jesus Cristo.

4.5.7. I: IRRESISTIBLE GRACE – GRAÇA IRRESISTÍVEL

O próximo ensinamento conforme o acróstico TULIP é a graça irresistível, a crença de que Deus chama aqueles que escolheu com sua graça e os eleitos não podem evitar o atendimento a esse chamado. Tenta-se justificar essa crença com João 6:37, João 6:44 e Romanos 8:14:

Todo aquele que o Pai me der virá a mim, e quem vier a mim eu jamais rejeitarei. (João 6:37, “Nova Versão Internacional”).

Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. (João 6:37, “Nova Versão Internacional”).

Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são Filhos de Deus. (Romanos 8:14, “Nova Versão Internacional”).

Vamos examinar essas Escrituras agora. João 6:22-49 é a discussão entre Jesus e os judeus com respeito a assuntos espirituais. Ele declarou que o Pai tem atraído os seres humanos, coisa que ele de fato faz, e que eles virão a ele. Como os seres humanos são atraídos? A resposta está em Romanos 10:13-14:

porque “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Como, pois, invocarão aquele em que não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? (Romanos 10:13-14, “Nova Versão Internacional”).

Deus atrai os seres humanos a ele por meio do evangelho e da aceitação dele. Jesus não está dizendo que os eleitos serão forçados a ir a ele por causa da vontade do Pai, mas que aqueles que atenderem o chamado do Pai (o evangelho) virão.

Romanos 8:14 não está fazendo uma declaração com respeito a como os seres humanos são chamados – é uma simples declaração de um fato: se você é guiado pelo Espírito, você é um filho de Deus. Deus o aceitou. Esse versículo não faz comentário a respeito de como o Espírito foi concedido a você, seja forçadamente ou recebido por vontade própria. As múltiplas histórias de conversão no Livro de Atos dos Apóstolos apontam claramente ao desejo do ser humano por seguir o chamado por meio do evangelho, como se observa no dia do Pentecostes (Atos 2:1-47), ou no caso daqueles que creram quando o homem coxo foi curado (Atos 3:1-4:22), ou no caso dos samaritanos e o eunuco etíope (Atos 8:26-40), e muitos, muitos mais. Deus certamente chama, mas como Paulo explicou em Romanos 10:16-17, o ser humano pode não responder. Se alguém responder, esse alguém tem fé em Deus:

No entanto, nem todos os israelitas aceitaram as boas-novas. Pois Isaías diz: “Senhor, quem creu em nossa mensagem?” Consequentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo. (Romanos 10:16-17, “Nova Versão Internacional”).

Além disso, se Deus chamasse irresistivelmente por graça, por que cristãos foram chamados a sair e pregar o evangelho (Mateus 28:18-20)? Que necessidade há para o “pregador” de Romanos 10:13-14 se Deus vai chamar os seus, seja por pregação ou não?

É verdade que algumas pessoas foram chamadas mais fortemente ou mais claramente do que outras. Podemos pensar em Saulo de Tarso na estrada para damasco em Atos 9:1-31, ou em Mateus em Mateus 9:9: ambos receberam chamados pessoais e específicos. Não obstante, ambos ainda tiveram que atender ao chamado: Saulo teve que ser batizado (Atos 22:16) e Mateus teve de deixar o que ele estava fazendo para seguir Jesus (Mateus 9:9). Se Saulo não tivesse crido na visão ou se Mateus não tivesse deixado seu posto, teriam eles recebido a salvação? Não temos razão nenhuma para acreditar que teriam!

“Graça irresistível”, então, é um ensinamento que não está de acordo com o evangelho apresentado no Novo Testamento.

4.5.8. P: PERSEVERANCE OF THE SAINTS – PERSEVERANÇA DOS SANTOS

A doutrina final conforme o acróstico TULIP segue uma lógica derivada das quatro primeiras: se o ser humano não pode ir a Deus por si mesmo, mas Deus determinou ir até alguns por meio da morte de seu filho Jesus Cristo, e tais indivíduos não têm outra opção além de ir a ele, segue-se que esses indivíduos devem ser salvos e não podem se perder. Essa ideia final é conhecida como “perseverança dos santos”. Romanos 8:28-39 é frequentemente utilizado para tentar justificar essa doutrina:

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito. Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou. Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas? Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, que ressuscitou e está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: “Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro.” Mas, em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Pois estou convencido de que nem morte nem vida, nem anjos nem demônios, nem o presente nem o futuro, nem quaisquer poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra coisa na criação será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (*Romanos 8:28-39, “Nova Versão Internacional”*).

Será que isso significa que aqueles que são santos não têm como perder a salvação? Vamos examinar essa passagem e outras Escrituras. Romanos 8:31-39 é uma passagem maravilhosamente confortante, uma vez que Paulo está confirmando que nenhuma força externa pode separar os cristãos de Cristo. Mesmo embora cristãos possam passar por perseguição, dor e sofrimento, Cristo vai sempre estar lá por eles. Há uma variável significativa, contudo, que Paulo não aborda aqui: a própria escolha de quem anda com Cristo. É verdade que nenhuma força externa pode separar cristãos do amor de Cristo, mas a dureza do coração do cristão pode fazê-lo escolher se alienar de Deus. Paulo disse o seguinte de Demas em 2 Timóteo 4:10:

pois Demas, amando este mundo, abandonou-me e foi para Tessalônica. Crescente foi para a Galácia, e Tito, para a Dalmácia. (*2 Timóteo 4:10, “Nova Versão Internacional”*).

Demas era cristão – um cooperador de Paulo (Colossenses 4:14; Filemom 24) – mas amou o mundo e, portanto, deixou o aprisco de Cristo. Foi algum poder que o separou do amor de Cristo? Não, mas seu próprio desejo pelo mundo presente o separou de Cristo mais uma vez. Temos um comentário adicional sobre isso em Hebreus 6:4-6:

Ora, para aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do Espírito Santo, experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir, e caíram, é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento; pois para si mesmos estão crucificando de novo o Filho de Deus, sujeitando-o à desonra pública. (*Hebreus 6:4-6, “Nova Versão Internacional”*).

O autor do Livro de Hebreus aqui explica bastante claramente que se um cristão cair, pode nunca mais retornar ao aprisco de Cristo. Assim, aquele que é um santo pode cair e se perder.

Quanto a isso, muitos se voltam para 1 João 2:19 e dizem que João estabelece que tais indivíduos realmente nunca estiveram convertidos. Portanto, eles foram meramente hipócritas, os quais serviram a Deus, mas nunca realmente receberam a salvação. Vamos considerar a passagem:

Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos. (*1 João 2:19, “Nova Versão Internacional”*).

João escreveu que esses indivíduos não eram realmente do meio dos cristãos, pois se tivessem sido, eles estariam ainda no aprisco de Cristo. Isto é, de fato, verdadeiro: alguém só pode cair se há uma deficiência em sua fé. Isso não quer dizer, contudo, que tal pessoa nunca tenha sido salva ou algo assim. Constatamos em Hebreus 6:4 que esses indivíduos “foram iluminados, provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do Espírito Santo, experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir”. Como pode alguém ter sido iluminado, ter sido participador do Espírito Santo, e ter conhecido a boa Palavra de Deus e, ainda, não ter sido salvo em momento algum? Pedro demonstra em Atos 2:38 que, por meio do batismo, a remissão dos pecados, se recebe o dom do Espírito Santo (a própria salvação e a capacitação do Espírito para permanecer nela). Se temos confiança em Deus e em suas promessas, concluiremos que esses indivíduos estavam salvos em um momento, mas

não resistiram e, assim, caíram da fé. Jesus descreveu pessoas como essas como sementes que caíram em terreno pedregoso em Mateus 13:20-21:

Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona. (*Mateus 13:20-21, "Nova Versão Internacional"*).

Da mesma forma, o autor de Hebreus e Pedro falam de cristãos que flagrantemente pecaram e não se arrependem em Hebreus 10:26-31 e 2 Pedro 2:20-22:

Se continuarmos a pecar deliberadamente depois que recebemos o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados, mas tão-somente uma terrível expectativa de juízo e de fogo intenso que consumirá os inimigos de Deus. Quem rejeitava a Lei de Moisés morria sem misericórdia pelo depoimento de duas ou três testemunhas. Quão mais severo castigo, julgam vocês, merece aquele que pisou aos pés o Filho de Deus, profanou o sangue da aliança pelo qual ele foi santificado, e insultou o Espírito da graça? Pois conhecemos aquele que disse: "A mim pertence a vingança; eu retribuirei"; e outra vez: "O Senhor julgará o seu povo." Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo! (*Hebreus 10:26-31, "Nova Versão Internacional"*).

Se, tendo escapado das contaminações do mundo por meio do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, encontram-se novamente nelas enredados e por elas dominados, estão em pior estado do que no princípio. Teria sido melhor que não tivessem conhecido o caminho da justiça, do que, depois de o terem conhecido, voltarem as costas para o santo mandamento que lhes foi transmitido. Confirma-se neles que é verdadeiro o provérbio: "O cão volta ao seu vômito" e ainda: "A porca lavada volta a revolver-se na lama". (2 Pedro 2:20-22, *"Nova Versão Internacional"*).

Por acaso o autor do Livro de Hebreus ou Pedro dão a impressão de que as pessoas que fizeram tais coisas nunca estiveram salvas? Eles indicaram que elas receberam o conhecimento da verdade e que, para tais pessoas, não resta mais um sacrifício pelo pecado (porque não se arrependem). O autor do Livro de Hebreus falou dessas pessoas na primeira pessoa do plural – isso pode acontecer conosco e podia acontecer com o próprio autor! O perigo de um cristão cair da fé é real! Essas pessoas foram "santificadas" pelo "sangue da aliança". Se essas pessoas puderam ter o conhecimento da verdade, serem consideradas parte da verdade, e santificadas pelo sangue da aliança, mas nunca estiveram salvas, como pode qualquer um de nós manter a esperança da vida eterna?

No final, isso expõe uma grande dificuldade com todo o sistema TULIP: ninguém jamais pode saber se representa parte dos eleitos. Sempre existe a possibilidade que sejamos réprobos. A suposição feita, é claro, é que aqueles que são parte de igrejas calvinistas são os "eleitos", mas mesmo eles vão admitir que isso pode não ser o caso para cada um dos seus membros. Podemos contrastar isso com a mensagem das Escrituras, onde Deus estabelece em Hebreus 10:26-31, 2 Pedro 2:20-22, e outras passagens, que muitos são inicialmente salvos e lutam com esperança de obter a salvação final, mas ainda assim alguns vão pecar, cair e permanecer caídos, não obtendo a salvação final.

Podemos constatar, então, que alguém pode ser salvo e ainda assim cair. Na verdade, alertas para se manter firme na fé e corrigir os erros são temas recorrentes nas epístolas do Novo Testamento, as quais são dirigidas para cristãos. A teologia TULIP do calvinismo pode ser lógica, mas não se conforma aos ensinamentos das Escrituras.

4.5.9. MINISTROS

Muitos grupos calvinistas também ensinam que ministros devem ser chamados e eleitos conforme os padrões em 1 Timóteo 3:1-8 e Tito 1:5-8 (*"The Second Helvetic Confession", Chapter XVIII, paragraph 150*). Eles também ensinam que o ministro é o único a administrar os "sacramentos" do batismo e da Ceia do Senhor (*"The Second Helvetic Confession", Chapter XVIII, paragraph 156*), o único que detém as chaves descritas em Mateus 16:19 (*"The Second Helvetic Confession", Chapter XVIII, paragraph 159*), e o único a administrar disciplina à igreja (*"The Second Helvetic Confession", Chapter XVIII, paragraph 165*). Estão esses ensinamentos em harmonia com a Palavra de Deus?

As Escrituras falam de um ofício conhecido como presbítero/bispo/pastor e de um ofício completamente diferente: evangelista, ou ministro. Um ministro pode acumular o cargo de presbítero se cumprir as qualificações

de 1 Timóteo 3:1-8 e Tito 1:5-8 e se a congregação local o aceitar como tal, mas ser um ministro/evangelista não requer ser um presbítero.

A maioria dos calvinistas perdeu essa distinção das Escrituras e, assim, declara que o ministro é também um presbítero. Isso não é consistente, uma vez que até mesmo os exemplos nas Escrituras demonstram que um ministro não precisa ser um presbítero. Paulo escreveu o seguinte em 1 Coríntios 7:5-7:

Não se recusem um ao outro, exceto por mútuo consentimento e durante certo tempo, para se dedicarem à oração. Depois, unam-se de novo, para que Satanás não os tente por não terem domínio próprio. Digo isso como concessão, e não como mandamento. Gostaria que todos os homens fossem como eu; mas cada um tem o seu próprio dom da parte de Deus; um de um modo, outro de outro. (1 Coríntios 7:5-7, "Nova Versão Internacional").

O apóstolo Paulo assim declara que ele não é casado, mas ainda assim ordena o seguinte quanto a presbíteros em 1 Timóteo 3:2:

É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; (1 Timóteo 3:2, "Nova Versão Internacional").

Aqui ele diz que um presbítero deve ser marido de uma só mulher. Finalmente, Colossenses 1:24-25:

Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja. Dela me tornei ministro de acordo com a responsabilidade, por Deus a mim atribuída, de apresentar-lhes plenamente a palavra de Deus, (Colossenses 1:24-25, "Nova Versão Internacional").

Paulo chama a si mesmo de ministro, ainda que não seja casado. O fato é que todos os presbíteros devem ser maridos de uma só mulher. Assim, há apenas uma conclusão que pode ser tirada das declarações de Paulo: há diferença entre o cargo de evangelista/ministro/pregador e o cargo de presbítero/bispo/pastor. Eles não são o mesmo.

Será que as Escrituras exigem que apenas um evangelista/ministro possa batizar e oferecer a Ceia do Senhor? As Escrituras não fazem tal mandamento. Nós até mesmo encontramos exemplos no Novo Testamento que contradizem essa noção em Atos 9:10-12 e Atos 22:12-16, relativos a Saulo e Ananias:

Em Damasco havia um discípulo chamado Ananias. O Senhor o chamou numa visão: "Ananias!" "Eis-me aqui, Senhor", respondeu ele. O Senhor lhe disse: "Vá à casa de Judas, na rua chamada Direita, e pergunte por um homem de Tarso chamado Saulo. Ele está orando; numa visão viu um homem chamado Ananias chegar e impor-lhe as mãos para que voltasse a ver." (Atos 9:10-12, "Nova Versão Internacional").

Um homem chamado Ananias, piedoso segundo a lei e muito respeitado por todos os judeus que ali viviam, veio ver-me e, pondo-se junto a mim, disse: "Irmão Saulo, recupere a visão." Naquele mesmo instante pude vê-lo. Então ele disse: "O Deus dos nossos antepassados o escolheu para conhecer a sua vontade, ver o Justo e ouvir as palavras de sua boca. Você será testemunha dele a todos os homens, daquilo que viu e ouviu. E agora, que está esperando? Levante-se, seja batizado e lave os seus pecados, invocando o nome dele." (Atos 22:12-16, "Nova Versão Internacional").

Paulo declarou que Ananias o batizou, mas nós não somos informados que Ananias era um ministro, mas simplesmente um discípulo de Cristo. Observamos cristãos batizando indivíduos em Cristo, mas isso serve como nosso único exemplo válido das Escrituras. Portanto, determinar que apenas ministros/evangelistas podem administrar o batismo e a Ceia do Senhor não é uma doutrina suportada pelas Escrituras.

Será que os ministros detêm as chaves para o reino de Deus como descrito em Mateus 16:19? Vamos examinar a passagem:

Eu darei a você as chaves do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado nos céus. (Mateus 16:19, "Nova Versão Internacional").

Essa é a mesma ideia que foi apresentada por Lutero com respeito à confissão, o que foi discutido ao falarmos de [confissão e pecado](#) no luteranismo (o entendimento de que foram dadas as chaves à igreja, o “ofício das chaves”). Os calvinistas têm determinado que os ministros, não a igreja, possuem essa capacidade. Quando falamos sobre [sucessão apostólica](#), constatamos que, na verdade, Deus já tinha estabelecido as coisas no céu e que os apóstolos, a quem esse dom foi dado, foram agentes que proclamavam esse ligar e desligar. Assim, esse poder não era deles, mas de Deus – os apóstolos apenas ligaram as coisas na terra conforme já tinham sido ligadas ou desligadas no céu. Além disso, não há evidência que esse poder foi retido por qualquer evangelista depois que os apóstolos morreram.

Também devemos perguntar a questão: “O que são as chaves do reino dos céus?” Não devemos pensar que Jesus se referiu a chaves literais. O melhor entendimento das Escrituras é que o evangelho é a chave do reino e, portanto, a pregação do evangelho pelos apóstolos abriu o reino para aqueles que ouviram. Uma vez que evangelistas foram especificamente designados para pregar o evangelho (conforme 2 Timóteo 4:4), eles devem promover o reino dos céus. Por outro lado, a obrigação de divulgar o evangelho é dada a todos os discípulos de Cristo (Mateus 28:18-20). Portanto, podemos determinar que não é o dever do ministro deter as chaves do reino dos céus. Essa responsabilidade foi encontrada com os apóstolos no primeiro século e agora é observada por meio da pregação e aceitação da Palavra de Deus.

Finalmente, seria obrigação apenas do ministro exercer a disciplina na igreja? Lemos o seguinte em 1 Coríntios 5:9-13:

Já disse por carta que vocês não devem associar-se com pessoas imorais. Com isso não me refiro aos imorais deste mundo, nem aos avaros, aos ladrões ou aos idólatras. Se assim fosse, vocês precisariam sair deste mundo. Mas agora estou escrevendo que não devem associar-se com qualquer que, dizendo-se irmão, seja imoral, avaro, idólatra, caluniador, alcoólatra ou ladrão. Com tais pessoas vocês nem devem comer. Pois como haveria eu de julgar os de fora da igreja? Não devem vocês julgar os que estão dentro? Deus julgará os de fora. Expulsem esse perverso do meio de vocês. (*1 Coríntios 5:9-13, “Nova Versão Internacional”*).

Essa passagem diz que o homem perverso precisa ser removido “do meio de vocês”. Esse é nosso exemplo das Escrituras da disciplina da igreja, e parece que a obrigação cai sobre o corpo coletivo (a igreja em Corinto, no caso), e não para apenas um evangelista (Paulo, no caso). Os cristãos coríntios, como um grupo, deviam remover o homem perverso do meio deles. O ministro certamente está incluso nisso, mas não é apenas obrigação dele.

4.6. ANGLICANISMO/EPISCOPALIANISMO

Anglicanismo (do termo latim para “inglês”), formalmente conhecido como a Igreja da Inglaterra, começou em torno dos anos 1530 d.C. durante o governo do rei Henrique VIII. Ele estava infeliz porque o papa em Roma não concedeu a ele a anulação de seu casamento com Catarina de Aragão. Isso, em conjunto com razões políticas e econômicas, levou o parlamento a decretar legislação que efetivamente estava dissolvendo os laços com a Igreja Católica Romana. O parlamento também determinou que o rei da Inglaterra seria o cabeça da Igreja da Inglaterra, e esse foi o começo efetivo da Igreja Anglicana. Ao longo dos próximos cinquenta anos, certas mudanças doutrinárias foram introduzidas, muitas delas vindo da Reforma que estava ocorrendo no continente europeu, juntamente com a introdução do Book of Common Prayer (“Livro da Oração Comum”), o qual ainda é usado hoje como a ordem dos serviços na Igreja da Inglaterra. Quando a Inglaterra começou a colonizar outras partes do mundo, trouxe o anglicanismo junto: na América, depois da revolução, a Igreja Anglicana sentiu ser melhor ser conhecida como Igreja Episcopal (da palavra grega *episkopos*, ou “bispo”, uma vez que a igreja é liderada por bispos), como é conhecida hoje. A Igreja da Inglaterra é uma mistura das tradições católicas romanas e ortodoxas orientais juntamente com ideias apresentadas na Reforma, uma síntese não totalmente aceita por qualquer lado.

4.6.1. VARIANTES DO ANGLICANISMO

A Igreja Anglicana, como um coletivo, é conhecida como a Comunhão Anglicana, a qual é composta das diferentes igrejas nacionais, cada uma chefiada por seu próprio arcebispo. Há igrejas anglicanas na Austrália, Canadá, Nova Zelândia, África do Sul e muitos outros países na África e Ásia, e a maioria é governada dentro desses países. O anglicanismo na América é primariamente visto na Igreja Episcopal (Estados Unidos) e, enquanto ela tem bispos de dioceses, a estrutura hierárquica geralmente termina aí. Os chefes dessas igrejas anglicanas se

reúnem entre si em Canterbury, Inglaterra, com respeito às mudanças da igreja no momento. A igreja é, dessa forma, unida em nome, mas tem agrupamentos autônomos em vários países ao redor do mundo.

Além disso, há distinção entre a “igreja alta”, a qual se apega mais fortemente aos rituais e tradições e é, portanto, mais “católica”, e a “igreja baixa”, a qual é mais evangélica e, portanto, mais “protestante”. A distinção igreja alta/igreja baixa é especialmente evidente no Reino Unido, embora exista nos Estados Unidos.

Na América, contudo, também tem havido alguns subprodutos da Igreja Episcopal. A Igreja Reformada Episcopal na América tem a mentalidade mais protestante, a Arquidiocese da Igreja Episcopal Ortodoxa da América é mais conservadora, e a Igreja Católica Anglicana é “católica” em termos de ser “universal” e vê a si mesma como mais alinhada com o catolicismo romano e a ortodoxia oriental.

4.6.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#) (alguns indivíduos, especialmente na “igreja baixa”);
- [Ecumenismo](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Quarta-Feira de Cinzas, Quaresma, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Ascensão-Pentecostes, Epifania, Anunciação, dias relativos a santos](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#), o [Credo Niceno](#) e o [Credo de Atanásio](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): compreensão equivocada sobre a [natureza dos símbolos](#); erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);

- **Posições de autoridade:** entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#); erro na permissão de [diaconisas](#) e [evangelistas femininas](#) na igreja; erro na permissão de [evangelistas homossexuais](#) na igreja (Igreja Episcopal Americana); erro em constituir [sacerdotes](#); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#).

4.6.3. ANGLICANISMO E CATOLICISMO ROMANO

A Igreja da Inglaterra separou a si mesma do catolicismo romano não tanto por causa de doutrinas, mas por razões políticas. Portanto, constatamos que o anglicanismo tem muito em comum com o catolicismo romano, enquanto mantém algumas tradições observadas mais claramente na ortodoxia oriental. Examinemos isso agora.

Sucessão apostólica: a Igreja Anglicana tem um sistema de bispos e arcebispos, os quais (como se alega) têm autoridade similar àquela dos apóstolos, mas não comenta a respeito de que a igreja teve uma sucessão ininterrupta de líderes até voltar aos apóstolos, de forma a dizer que seus ensinamentos poderiam ser certificados como verdadeiros, como faz a Igreja Católica Romana.

Tradições relativas às Escrituras: nesse ponto os anglicanos são mais parecidos com a ortodoxia oriental, usando todos os apócrifos (exceto 3 e 4 Macabeus). Eles também dizem que os apócrifos são colocados em um nível de ênfase menor do que o Antigo Testamento (*The Book of Common Prayer, "Historical Documents: Articles of Religion", VI*).

Tradições relativas a sacramentos: os anglicanos estão entre os católicos romanos e o restante do protestantismo na questão de sacramentos: acreditam que há dois sacramentos de necessidade, batismo e Ceia do Senhor, mas ainda sustentam que os outros cinco sacramentos da Igreja Católica Romana (confirmação, matrimônio, ordens sacras, unção dos enfermos e confissão) são "sacramentais", bons para fazer, mas não necessários como a Ceia do Senhor e o batismo (*The Book of Common Prayer, "Catechism: Other Sacramental Rites"*).

Tradições relativas à história: a Igreja Anglicana aceita a história da igreja inglesa, inclusive as partes da história em que esteve subordinada ao papa em Roma. Ela não fez, no entanto, comentário sobre a santidade de sua história.

Tradições relativas a Maria: os anglicanos não colocam tanta ênfase em Maria como os católicos romanos, embora ela ainda seja considerada como a mãe da igreja, entre outros títulos.

Tradições relativas a santos: a Igreja Anglicana aceita a existência de santos, embora o processo de canonização não seja praticado. A noção de relíquias e outras coisas como tais é rejeitada (*The Book of Common Prayer, "Collects: Contemporary: The Common of Saints"*).

Tradições relativas ao pecado: a Igreja Anglicana acredita que um sacerdote/bispo tem a autoridade de Deus para remir pecados, e permite que seus membros façam confissões ao sacerdote. Essa ação não é requerida para continuar dentro da igreja como é no catolicismo romano (*The Book of Common Prayer, "The Reconciliation of a Penitent"; "Morning Prayer I: Confession of Sin"*).

Tradições relativas à consagração: a Igreja Anglicana tem monges e freiras, embora o celibato não seja requerido para o clero (*The Book of Common Prayer, "Prayers: 16: For Monastic Orders and Vocations"*).

4.6.4. ANGLICANISMO E PROTESTANTISMO

Mesmo embora a Igreja da Inglaterra tenha muito em comum com o catolicismo romano, não ignorou as doutrinas desenvolvidas no continente europeu com o luteranismo e calvinismo. Vejamos essas similaridades agora.

É somente (luteranismo): a Igreja Anglicana aceita a ideia que somos salvos apenas pela fé e que a obra realizada é feita por Deus (*The Book of Common Prayer, "Historical Documents: Articles of Religion", X-XIII*).

A oração do Pai Nosso (luteranismo): os anglicanos acreditam no uso dessa oração como parte de sua liturgia e vida pessoal (*The Book of Common Prayer*, “*The Holy Eucharist: Decalogue I*”; “*Morning Prayer I: The Prayers*”).

Depravação total (calvinismo): os anglicanos acreditam que o homem é caído e não pode fazer nada para ir a Deus. O homem não pode realizar nenhuma boa obra por si só (*The Book of Common Prayer*, “*Historical Documents: Articles of Religion*”, X).

4.6.5. THE BOOK OF COMMON PRAYER – O LIVRO DA ORAÇÃO COMUM

A Igreja da Inglaterra tem usado uma versão do *The Book of Common Prayer* para guiar sua vida espiritual desde 1549 d.C. O livro é essencialmente um manual para todas as coisas anglicanas. Dentro de suas páginas se encontra: a ordem e maneira de servir em culto e adoração; as orações e as meditações (chamadas *collects*, “coleções”) a serem usadas em momentos específicos ao longo do ano; as várias liturgias para as várias observâncias e épocas; cerimônias especiais para batismo, a Ceia do Senhor, confirmação, a consagração de bispos, sacerdotes e diáconos, a consagração de uma igreja; orações; ações de graças; um catequismo; e documentos históricos da igreja. É mantido entre os anglicanos que, enquanto a Bíblia pode ser considerada útil para se possuir, *The Book of Common Prayer* é indispensável. Esse livro é também considerado ser a fonte da unidade entre os anglicanos: todos os tipos de diversidade são tolerados, mas todos concordam no valor do *The Book of Common Prayer*. Será que isso está em harmonia com a Palavra de Deus?

Deus não ordenou uma maneira específica de servi-lo em uma reunião de cristãos, mas ter os detalhes da reunião confinados nas páginas de um manual, mesmo em termos de orientação, pode facilmente levar ao tipo de atividade condenada por Jesus em Mateus 6:7-8:

E, quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem. (*Mateus 6:7-8*, “*Nova Versão Internacional*”).

Ordem rígida facilmente leva à frieza e à perda de propósito, especialmente se o livro de orientações não possuir doutrinas conforme a Palavra de Deus, como infelizmente é o caso do *The Book of Common Prayer*. Certamente, podemos elogiar os anglicanos por tomarem seriamente o mandamento de Paulo de que a ordem reine no culto e nas reuniões de cristãos (1 Coríntios 14:40). No entanto, ao mesmo tempo, cristãos devem tomar o cuidado de não extinguir o Espírito meramente recitando palavras de uma página.

4.7. BATISTAS

O movimento batista começou na Holanda em 1609 d.C. com um separatista inglês, John Smythe, que pregava a necessidade de imersão na água como batismo, e que isso era apenas para aqueles que criam, não para crianças. O movimento foi trazido para a Inglaterra dois anos depois e rapidamente começou a se espalhar. Em meados do século dezessete, o movimento estava nas margens americanas, onde os batistas acabariam por ser um dos maiores grupos denominacionais na América do Norte. Os batistas desenvolveram e aceitaram muitas doutrinas nos últimos quatrocentos anos, com muita evidência de influência calvinista e pré-milenarista. O movimento desde então se diversificou, sendo que hoje muito poucos grupos de batistas têm muito em comum – muito poucas generalizações são verdadeiras em todo esse quadro.

4.7.1. VARIANTES DOS BATISTAS

O estudo das variantes no movimento batista é um estudo em si mesmo, pois existem centenas de diferentes grupos atribuindo diferentes conjuntos de crenças. Em geral, os grupos batistas vão desde calvinistas até aqueles que ensinam mais exatamente sobre o batismo, a salvação e o julgamento final de Deus. As considerações gerais e os tópicos de discussão neste estudo representam um grande número de batistas, mas de modo algum podem ser atribuídos a todos eles.

Alguns dos termos gerais utilizados para descrever diferentes tipos de batistas devem ser definidos. Os “batistas gerais” são aqueles que acreditam que o sangue de Cristo foi derramado para todos os homens, e a

salvação está geralmente disponível para todos os homens. Os “batistas particulares” são mais influenciados pelo calvinismo e aceitam o conceito de expiação limitada. Os “batistas do livre arbítrio” rejeitam muitos aspectos do calvinismo e acreditam que os homens têm livre arbítrio. Os “batistas *landmark*” acreditam que a igreja local é a expressão da “igreja universal” (todos os cristãos) em uma determinada área, com a exclusão de outras. Os “batistas primitivos” procuram retornar à fé primitiva do Novo Testamento.

Os principais grupos incluem a Associação Batista Americana, as Igrejas Batistas Americanas nos Estados Unidos, a Conferência Geral Batista (emergente do pietismo), a Associação Geral das Igrejas Batistas Gerais, a Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares, a Associação Nacional de Batistas de Livre Arbítrio, a Convenção Nacional Batista da América, Convenção Nacional Batista Primitiva, Associação de Igrejas Batistas Independentes do Novo Testamento, Conferência Batista da América do Norte, Batistas Primitivos, Convenção Batista Nacional Progressista, Igreja Batista Reformada e Convenção Batista do Sul.

4.7.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação;
- [Calvinismo](#): *P: perseverance of the saints – perseverança dos santos*;
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [dispensacionalismo](#) e do [pré-milenarismo](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Fundamentalismo](#);
- [Movimento da igreja comunitária](#);
- [Movimento da igreja doméstica](#);
- [Movimento megaigreja](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Natal, Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa, Páscoa](#);

- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a “[lei moral](#)” e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro na permissão de [pastoras](#), [diaconisas](#) e [evangelistas femininas](#) na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos](#), [conselhos](#), [convenções e outras reuniões como essas](#).

4.7.3. UMA VEZ SALVO, SEMPRE SALVO

Muitos grupos batistas mantêm uma doutrina bastante semelhante à “[perseverança dos santos](#)” do calvinismo, a qual é chamada “uma vez salvo, sempre salvo” (em inglês, “*once saved always saved*”, ou OSAS). Essencialmente, muitos batistas tomaram a noção calvinista de perseverança dos santos de forma exclusiva, omitido o restante do sistema de crença TULIP. A crença é que, uma vez que você tenha sido salvo, não importa o que faça, você ainda será salvo. “Uma vez salvo, sempre salvo” é baseado em Romanos 8:35-39, passagem que discutimos ao falar da [perseverança dos santos](#) do calvinismo, e em versículos como Atos 16:31:

Eles responderam: “Cria no Senhor Jesus, e serão salvos, você e os de sua casa.” (*Atos 16:31, “Nova Versão Internacional”*).

Versículos como esse, os quais afirmam que a crença levará à salvação, são usados para dizer que a salvação acontece no momento da crença e que o Espírito Santo transforma a pessoa. Será que as Escrituras ensinam isso?

As Escrituras ensinam que podemos ter certeza de nossa salvação, mas apenas enquanto caminharmos na luz (1 João 1:7). No entanto, nossa salvação é dependente de nossa contínua obediência a Deus e à sua Palavra, como ele próprio mostrou em Mateus 10:22:

Todos odiarão vocês por minha causa, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. (*Mateus 10:22, “Nova Versão Internacional”*).

As Escrituras deixam claro que podemos perder a nossa salvação, como se constata em Hebreus 6:4-6 e Hebreus 10:26-31, conforme abordamos sobre a [perseverança dos santos](#) do calvinismo, e também em Hebreus 3:12-14 e 2 Pedro 2:20-22:

Cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha coração perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo. Ao contrário, encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama “hoje”, de modo que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado, pois passamos a ser participantes de Cristo, desde que, de fato, nos apeguemos até o fim à confiança que tivemos no princípio. (*Hebreus 3:12-14, “Nova Versão Internacional”*).

Se, tendo escapado das contaminações do mundo por meio do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, encontram-se novamente nelas enredados e por elas dominados, estão em pior estado do que no princípio. Teria sido melhor que não tivessem conhecido o caminho da justiça, do que, depois de o terem conhecido, voltarem as costas para o santo mandamento que lhes foi transmitido. Confirma-se neles que é verdadeiro o provérbio: “O cão volta ao seu vômito” e ainda: “A porca lavada volta a revolver-se na lama.” (*2 Pedro 2:20-22, “Nova Versão Internacional”*).

Há muitos que discutem esses versículos, especialmente 2 Pedro 2:20-22. Os defensores da doutrina “uma vez salvo, sempre salvo” afirmam que Pedro está discutindo sobre “falsos mestres” e que eles nunca foram de fato salvos. É verdade que Pedro está discutindo falsos mestres, como observado em 2 Pedro 2:1, mas isso não exige que eles nunca tenham estado salvos. Esses indivíduos são referidos como aqueles que “tendo escapado das contaminações do mundo pelo conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Se tivessem tido apenas uma

simples compreensão do Senhor e salvador Jesus Cristo, não teriam sido referenciados como tendo “escapado das contaminações do mundo”, pois encontramos muitos indivíduos nas Escrituras que ouviram e entenderam (como Félix em Atos 24:22-27), mas que ainda estavam contaminados pelo mundo. Se eles escaparam das contaminações do mundo, evidentemente se converteram a Cristo antes. Claramente, esses indivíduos estiveram no aprisco de Cristo e depois se afastaram dele, tendo sido novamente “enredados” e “dominados” pelas contaminações do mundo.

Ao tentar defender a doutrina de “uma vez salvo, sempre salvo”, muitos dirão que, uma vez que não podemos trabalhar para ganhar a nossa salvação, não podemos fazer nada para perdê-la. Esse argumento é baseado em uma premissa falsa, isto é, “o que não pode ser obtido por trabalho não pode ser perdido por trabalho”. É verdade que não podemos obter a salvação por qualquer ação ou trabalho que possamos fazer, pois a morte de Cristo na cruz é suficiente (João 3:16). Ninguém negará, no entanto, que a salvação deve ser aceita. Devemos aceitar a verdade de que Cristo morreu na cruz por nossos pecados e que por ele seremos salvos. Devemos então confessar a fé ensinada no evangelho, nos arrepender de nossos pecados e ser imersos em água para o perdão de nossos pecados, pois essa é a forma que o Novo Testamento demonstra que uma pessoa aceitou de fato o sacrifício de Cristo (Mateus 10:32; Romanos 10:9-10; Atos 2:38; 22:16). Além disso, nossa demonstração de aceitação não termina por aí, pois somos informados de que também devemos nos sacrificar em Romanos 12:1-2:

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (*Romanos 12:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

Além disso, temos o testemunho de que a obediência à vontade de Deus deve existir para que não sejamos condenados, conforme 2 Tessalonicenses 1:6-9:

É justo da parte de Deus retribuir com tribulação aos que lhes causam tribulação, e dar alívio a vocês, que estão sendo atribulados, e a nós também. Isso acontecerá quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos, em meio a chamadas flamejantes. Ele punirá os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder. (*2 Tessalonicenses 1:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

É, portanto, verdade que não ganhamos a salvação por nossos feitos, mas seguramente aceitamos a salvação por nossos feitos. E é verdade que, se aceitamos a salvação por nossas ações, podemos rejeitá-la por meio de nossas ações.

Também é dito pelos defensores da doutrina “uma vez salvo, sempre salvo” que a Bíblia diz claramente que nossa crença nos salvará. Embora isso seja verdade, uma crença significando o mero fato de “acreditar” é apenas a “porta de entrada” para a salvação. Se alguém realmente crê, fará a confissão de crer no evangelho e no Senhor e salvador Jesus Cristo, se arrependerá de seus pecados (tomará a decisão de desistir de pecar e de seguir ao Senhor), se submeterá ao batismo para remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito sob a autoridade de Cristo, e após isso perseverará na fé até a morte para ser salvo! Uma ilustração ajuda aqui. Alguém está em um cinema e viu um princípio de incêndio. Para alertar os demais, esse alguém grita: “Fogo! Saiam daqui!” Aqueles que verdadeiramente creram no alerta vão se levantar e sair. Aqueles que não crerem na mensagem não vão se levantar para sair.

Tomar um versículo isolado da Bíblia que fala sobre salvação, cumpri-lo, e depois se considerar salvo, sem se preocupar com os demais, é totalmente enganoso. Por exemplo, observe que a Bíblia também diz, claramente, que a confissão nos salvará em Romanos 10:9-10:

Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Pois com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa para salvação. (*Romanos 10:9-10, “Nova Versão Internacional”*).

Além disso, note também que a Bíblia diz claramente que o batismo também nos salvará em 1 Pedro 3:21:

e isso é representado pelo batismo que agora também salva vocês — não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus — por meio da ressurreição de Jesus Cristo, (1 Pedro 3:21, “Nova Versão Internacional”).

Ainda mais – a Bíblia é clara em dizer que nossa obediência contínua também nos salvará! Jesus disse em Mateus 10:22:

Todos odiarão vocês por minha causa, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. (Mateus 10:22, “Nova Versão Internacional”).

A Bíblia diz o que é necessário para a salvação, mas nunca diz todas as coisas necessárias para a salvação em uma só passagem! Negaríamos que a crença seja necessária porque Romanos 10:9-10 diz que a confissão também nos salva? Ou negaríamos a necessidade de crença, confissão, arrependimento e batismo porque Jesus disse em Mateus 10:22 que a nossa perseverança até o fim nos salvará? De jeito nenhum! Nós constatamos que a crença é necessária em Atos 16:31, que a confissão é necessária em Mateus 10:32, e assim por diante. Todos esses critérios precisam ser atendidos, e não apenas aqueles que escolhemos! Portanto, nossa salvação final depende de permanecermos no evangelho até o fim, o que inclui a crença, confissão, arrependimento, batismo e perseverança até o fim. O cumprimento de todos esses critérios é o verdadeiro “crer”.

discutimos muitas passagens que mostram a necessidade de obediência à salvação. Existem outros argumentos que podem ser usados para mostrar as dificuldades com a doutrina “uma vez salvo, sempre salvo”. Vejamos alguns a seguir.

Os ataques de Satanás: no sistema de crenças “uma vez salvo, sempre salvo”, não importa o que façamos, seremos salvos. Se for assim, por que devemos temer Satanás? Se pudermos ser salvos independentemente do que fazemos, não há nada que Satanás possa fazer conosco. Se é assim, 1 Pedro 5:8 é inútil:

Estejam alertas e vigiem. O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar. (1 Pedro 5:8, “Nova Versão Internacional”).

Pecado: se seremos salvos não importando o que fazemos, como é dito no sistema “uma vez salvo, sempre salvo”, então, e se cometemos um pecado com consequências terríveis? Digamos que um cristão perca sua compostura e mate um homem, e não se arrependa do pecado. Essa possibilidade é realista. E então? Costuma-se dizer que um verdadeiro cristão não faria tal coisa. Deveria ser assim, mas todos os cristãos podem acabar falhando em algum ponto, como João diz claramente em 1 João 1:8-10:

Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça. Se afirmarmos que não temos cometido pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós. (1 João 1:8-10, “Nova Versão Internacional”).

“Nós”, nesse contexto, se refere aos cristãos e, assim, cristãos estarão fazendo de Cristo um mentiroso se disserem que não pecaram desde que se tornaram filhos de Deus.

Normalmente, a resposta feita para defender a doutrina é que, se um cristão fizesse tal coisa, ele ainda seria salvo, mas ele não iria ao céu. Existem muitas variantes dessa resposta, como a pessoa não indo ao céu ou perdendo a comunhão com Deus, ou perdendo seu “testemunho” diante dele. Independentemente disso, o princípio é o mesmo: a salvação está sendo diferenciada de ir ao céu ou de ter comunhão com o Pai. Há apenas uma resposta que pode ser dada a isso: desde quando Deus separou a definição de “salvação” de “ir ao céu”/“ter comunhão com ele”/“ter um testemunho diante dele”? Ele nunca separou! Isso tudo tem a ver com o galardão final do salvo.

A implicação desse argumento é enorme. Se alguém pode ser “salvo”, mas não vai para o céu, qual é o valor da salvação? A salvação torna-se quase sem valor se as promessas do céu e da paz não acontecerem junto com ela. Além disso, para onde iriam aqueles que seriam “salvos” e que não poderiam entrar no céu? Deus nunca fez tais distinções e, portanto, tampouco devemos nós.

Esse argumento mostra a falha inerente na doutrina “uma vez salvo, sempre salvo”, pois essa ela se baseia na premissa de que a salvação é imediata e permanente. As Escrituras, especialmente em 1 Pedro 1:3-9, deixam claro que existem dois níveis de salvação: a salvação obtida quando se torna um filho de Deus (logo após o batismo) e a salvação final e concretizada que se manifestará na ressurreição. É verdade que, mediante a fé, cristãos são protegidos pelo poder de Deus até que cheguem à concretização total da salvação (1 Pedro 1:5), mas isso de forma alguma impede um cristão de cair da condição de salvo. O poder de Deus protege mediante a fé, mas se a fé esfriar, a proteção também perde força. Portanto, enquanto não chegarmos à concretização total da salvação, nos esforçamos na permanência na verdade do evangelho. É por isso que Deus deixa evidente que a salvação somente é possível para aqueles que continuam em sua verdade. Nossa salvação será apenas permanente quando deixarmos este mundo e retornarmos ao nosso Mestre.

4.8. SOCIEDADE RELIGIOSA DE AMIGOS (QUAKERS)

A Sociedade Religiosa de Amigos (mais comumente referida como quakers) começou em 1648 d.C. com supostas revelações dadas a George Fox na Inglaterra. Pelo restante de sua vida, ele passou pela Inglaterra, País de Gales, Escócia, Irlanda, e até a América e a Holanda, pregando sobre as revelações que supostamente foram dadas a ele. Os quakers têm separado a prática do cristianismo de ter doutrinas, e preferem seguir o primeiro. Eles removeram qualquer evento físico de importância (incluindo o batismo e a Ceia do Senhor) para se concentrarem na vida espiritual. O Novo Testamento, de acordo com a teologia deles, não deve ser tomado como a revelação final de Deus – é tão possível receber revelações hoje como foi no primeiro século. Os quakers são conhecidos por se vestirem de maneira simples, cumprimentarem a todos com respeito e serem bastante informais nas reuniões.

4.8.1. VARIANTES DOS QUAKERS

Os grupos dos quakers são divididos principalmente em termos de conferências, incluindo a Conferência Geral dos Amigos, o Encontro Unido dos Amigos e os Amigos Internacionais Evangélicos. A Sociedade Religiosa dos Amigos (Conservadora), tendo percebido o movimento global em direção às crenças evangélicas, manteve as crenças quakers mais tradicionais.

4.8.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Anabatismo](#): tentativa de justificar a abstinência de pagar impostos por causa do princípio da [não resistência](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Ecumenismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro em desconsiderar a [necessidade do batismo](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);

- Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja: uso indevido dos recursos da igreja para hospitais e centros de educação; tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja em nome do evangelismo;
- A Ceia do Senhor: o erro de negar que a Ceia do Senhor é um ato físico com significado espiritual; erro na frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada;
- Posições de autoridade: entendimento errado sobre quem são pastores e sobre diáconos; erro na permissão de evangelistas femininas na igreja; equívoco sobre a necessidade da realização de sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas;
- Dons espirituais milagrosos: ausência do entendimento de que sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus; ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa; ausência do entendimento de que o batismo do Espírito Santo não é mais concedido; ausência do entendimento de que os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos; ausência do entendimento de que o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete; ausência do entendimento de que os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras; ausência de cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”.

4.8.3. NATUREZAS FÍSICA E ESPIRITUAL

Os quakers são conhecidos pelo seu conceito de “praticar o cristianismo”, acreditando em “viver o cristianismo” em vez de ter um “cristianismo doutrinário” (West, Jessamyn, “A Quaker Reader”, p. 17). Essa ênfase é completa, pois os quakers não praticam o batismo, a Ceia do Senhor ou qualquer rito físico – em vez disso, eles acreditam no “batismo do Espírito” e em ter reuniões onde a comunhão está na “unidade do Espírito” (West, Jessamyn, “A Quaker Reader”, p. 8). A teologia dos quakers é essencialmente o “trabalho do Espírito”, com pouco a ser deixado para a natureza física: o homem vai até Deus pelo trabalho do Espírito e sua única compreensão de Deus pode ser por meio do Espírito (West, Jessamyn, “A Quaker Reader”, pp. 15-16). É isso que as Escrituras ensinam?

Certamente é verdade que o Espírito deve trabalhar dentro de nós e existem importantes naturezas espirituais para coisas como o batismo e a Ceia do Senhor. No entanto, não encontramos evidências de que os aspectos físicos dessas práticas devem ser omitidos. O cristianismo nunca foi concebido para ser uma religião puramente física, mas também nunca foi concebido para ser uma religião sem qualquer ação física. Temos mandamentos para sermos imersos na água para a remissão de nossos pecados e para a participação na Ceia do Senhor, e nós os encontramos sendo realizados fisicamente por Cristo e seus discípulos nas Escrituras. Os quakers estavam corretos em condenar as atitudes de outras denominações da época, as quais tratavam esses atos como ritos físicos sem valor espiritual dentro delas. No entanto, a reação de rejeitar completamente a natureza física do batismo e da Ceia do Senhor é injustificável da mesma forma.

Certamente, não rejeitaremos a obra do Espírito na conversão do homem pecador para cristão. No entanto, observamos que a agência do Espírito é extremamente similar à agência da Palavra de Deus. Ambos ajudam a convencer o pecador de seu pecado (João 16:8; Tito 1:9), santificar o homem (1 Coríntios 6:11; João 17:17), chamar a humanidade para fora do pecado (Apocalipse 22:17; 2 Tessalonicenses 2:14) e, finalmente, a necessidade de nascer de novo (João 3:5; 1 Pedro 1:23). Nós, portanto, ouvimos as palavras de Paulo em Romanos 10:17:

Consequentemente, a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo.
(Romanos 10:17, “Nova Versão Internacional”).

Os quakers negam isso, dizendo que as Escrituras não podem ser entendidas sem a revelação do Espírito e que o Espírito ainda ensina hoje, indo além das Escrituras (Barclay, Robert, “Turn Thy Mind into the Light”, de “A Quaker Reader”, p. 232). No entanto, temos as palavras de Judas em Judas 3:

Amados, embora estivesse muito ansioso por lhes escrever acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever-lhes insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos.
(Judas 3, “Nova Versão Internacional”).

A fé foi transmitida “de uma vez por todas”. De onde essa fé se originou? Da Palavra de Cristo, como Paulo diz em Romanos 10:17. Como temos a Palavra de Cristo? Nos é dito em João 14:26 o seguinte sobre os apóstolos:

Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que eu lhes disse. (*João 14:26, “Nova Versão Internacional”*).

A obra do Espírito nos apóstolos foi fazê-los lembrar da Palavra de Cristo, a qual eles fielmente escreveram nas Escrituras, o que é evidenciado em 2 Timóteo 3:16-17:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 3:16-17, “Nova Versão Internacional”).

As Escrituras já nos equipam para toda boa obra. O que mais poderia fazer isso?

Finalmente, nos é dito o seguinte em relação às revelações em 1 Coríntios 13:8-10:

O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. (1 Coríntios 13:8-10, “Nova Versão Internacional”).

Como Judas nos disse que a fé foi entregue “de uma vez por todas”, certamente constatamos que a revelação de Deus para o homem, o “perfeito” de 1 Coríntios 13:8-10, veio com as Escrituras, as quais foram completadas no primeiro século. Não houve mais novo conhecimento da parte de Deus (revelação) desde a época dos apóstolos. Tudo foi revelado nas Escrituras. Devemos acreditar nas Escrituras, as quais afirmam não ter havido novo conhecimento da parte do Espírito de Deus desde a época dos apóstolos e, então, de repente, acreditar nos quakers, os quais afirmam que o Espírito começou a dar novo conhecimento para George Fox e outros quakers? Fariamos de Deus um mentiroso se acreditarmos nisso, pois a seguinte promessa foi feita em Mateus 28:20:

ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos. (*Mateus 28:20, “Nova Versão Internacional”*).

As Escrituras contêm tudo o que Jesus nos ensinou e ordenou, de forma que obedecemos à sua Palavra. Além disso, sabemos que o Espírito não prega um evangelho contrário ao evangelho já dado, conforme Gálatas 1:6-9:

Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo perverter o evangelho de Cristo. Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado! (*Gálatas 1:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

Se constatamos que Paulo prega a necessidade do batismo (conforme Gálatas 3:27; Atos 22:16) e a participação da Ceia do Senhor (1 Coríntios 11:17-30) e, ainda assim, os quakers não o fazem, mas propõem revelação adicional de Deus, em quem devemos acreditar? As Escrituras falaram.

É bom ter uma religião onde seus princípios são praticados, e não se deve culpar os quakers por isso. Eles tinham razão ao condenar os “religiosos” que falavam sobre a justiça, mas não a realizavam, realizando apenas ritos mecânicos. Rejeitar completamente a doutrina, no entanto, é tão errado quanto apenas permanecer dentro de doutrina mecânica. O cristianismo pode e deve ser uma religião de espírito e de verdade, onde se sustenta a “fé entregue uma vez por todas” e se pratica a “pura religião” de Tiago 1:27, “visitar os órfãos e as viúvas e se manter incontaminado do mundo”. Nenhuma dessas partes é opcional.

4.8.4. PERFECCIONISMO

O outro princípio principal dos quakers (entre muitos outros movimentos do século dezessete) é o perfeccionismo: a ideia de que Deus pode tornar o homem perfeito, sem pecado. George Fox, o fundador dos quakers, declarou-se sem pecado (*Fox, George, "The Journal", ed. Nigel Smith, p. 48*). As Escrituras ensinam que o homem pode ser perfeito neste mundo?

Muitos apontarão para Mateus 5:48 para tentar provar essa crença:

Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês. (*Mateus 5:48, "Nova Versão Internacional"*).

Certamente não vamos discordar desse versículo – devemos nos esforçar para ser perfeitos (no grego, “perfeito” significa “maduro” ou “completo”), pois nosso Pai celestial é perfeito/maduro/completo. Nós temos o testemunho de Paulo, no entanto, sobre o nosso caminho cristão, em Filipenses 3:12-16:

Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus. Todos nós que alcançamos a maturidade devemos ver as coisas dessa forma, e, se em algum aspecto vocês pensam de modo diferente, isso também Deus lhes esclarecerá. Tão somente vivamos de acordo com o que já alcançamos. (*Filipenses 3:12-16, "Nova Versão Internacional"*).

Paulo diz que ele ainda não se tornou perfeito, mas ele se esforça para se aproximar dessa perfeição, e depois se refere a ele mesmo e aos cristãos de Filipos como “nós que alcançamos a maturidade”, a fim de que tenham essa atitude de buscar o aperfeiçoamento! A “perfeição” visa claramente ser um nível de maturidade, não a perfeição completa, mas a maturidade em Cristo, em contraste com um “bebê em Cristo”.

Podemos certamente constatar que o próprio Paulo disse que não era perfeito, mesmo sendo apóstolo do Senhor Jesus Cristo. Então, como George Fox poderia afirmar sua perfeição? As Escrituras são claras ao mostrar que, mesmo depois de nos tornarmos filhos de Deus, pecaremos. Felizmente, podemos obter perdão, como demonstrado em 1 João 1:8-10:

Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça. Se afirmarmos que não temos cometido pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós. (*1 João 1:8-10, "Nova Versão Internacional"*).

O cristão não viverá uma vida de pecado (conforme 1 João 1:6), mas continuamente se esforçará para estar sem pecado. Com certeza devemos nos desenvolver na fé e, portanto, pecar menos à medida que crescemos em Cristo, mas nunca alcançaremos um ponto de absoluta ausência de pecado antes da nossa glorificação. As Escrituras mostram que dizer que qualquer cristão está absolutamente sem pecado faz de Cristo um mentiroso, e sua Palavra não está nele.

4.9. PIETISMO

Pietismo, ou o movimento pietista, teve sua origem em Jan Hus, pregador pré-reformista na atual República Checa, nos anos de 1450 d.C. Mais especificamente, o movimento se originou na Alemanha no século dezessete dentro da Igreja Luterana, com um grupo de luteranos interessados mais no trabalho do Espírito e na fé pessoal do que na fé de tipo institucional da igreja daquele momento. Muitos desses luteranos permaneceram dentro do luteranismo. Alguns desses “pietistas”, porém, estavam desencantados com as atitudes na Igreja Luterana e começaram suas próprias igrejas, a maioria envolvendo o termo “irmãos”, dos quais a Igreja dos Irmãos é a mais antiga e uma das maiores. John Wesley foi bastante influenciado pelos pietistas e muitos o consideraram um pietista. Esses grupos são conhecidos por um foco na fé individual com a operação do Espírito e uma leitura muito literal das práticas do Novo Testamento, incluindo a lavagem dos pés e o ósculo santo.

4.9.1. VARIANTES DO PIETISMO

Os Irmãos da Morávia, chamados como tal pela região de sua origem, rastreiam sua história até os anos 1450 d.C. com Jan Hus e sua pregação. De outra forma, o movimento pietista teve muitos membros nas igrejas luteranas, porém, no início do século dezoito, alguns grupos começaram a se separar, começando com os irmãos Schwarzenau, depois conhecidos como Igreja dos Irmãos, em 1708 d.C. Os Antigos Irmãos Alemães Batistas se separaram da Igreja dos Irmãos em 1881 d.C. a respeito das adaptações de vestimenta e costumes no século dezanove. Em 1921 d.C., uma facção ainda mais conservadora dos Antigos Irmãos Alemães Batistas se separou, chamando-se Irmãos Batistas Alemães da Velha Ordem.

Do outro lado da Igreja dos Irmãos, os “irmãos progressistas” se separaram em 1882 d.C. em respeito à falta de adaptação a algumas das inovações do século dezanove. Eles formaram a Igreja dos Irmãos (Ashland, Ohio), a qual se separaria novamente em 1939 d.C. com a formação das Igrejas da Irmandade da Graça. Finalmente, outra divisão menor ocorreu dentro da Igreja dos Irmãos em 1926 d.C. com a partida dos irmãos Dunkard.

O movimento pietista também veio para a América. A Igreja dos Irmãos em Cristo se formou na base na pregação revivalista fortemente influenciada pelo pietismo e anabatismo na Pensilvânia no final do século dezoito. Em 1767 d.C., alguns daqueles que influenciaram o estabelecimento dos Irmãos na Igreja de Cristo divergiram e formaram os Irmãos Unidos. Os Irmãos Unidos foram divididos no final dos anos 1860 d.C. por George Hoffman, cujos seguidores eram conhecidos primeiro como os “hoffmanitas” e, depois, como Igreja Cristã Unida. Em 1889 d.C., outra divisão ocorreu nos Irmãos Unidos, com uma parte dos membros mais liberais que se juntaram à Igreja Evangélica (outra seita de pietistas alemães) para formarem a Igreja Evangélica dos Irmãos Unidos, a qual em 1968 d.C. se juntou aos metodistas para formar a Igreja Metodista Unida.

Enquanto isso, muitos luteranos suecos que foram para o movimento pietista imigraram para os Estados Unidos e formaram a Igreja da Aliança Evangélica e também o que se tornaria a Igreja Livre Evangélica da América. Estes dois grupos tendem a ser mais frouxamente pietistas.

Outro grupo notável é a Igreja dos Irmãos Menonitas, o qual abordamos ao falar sobre as [variantes do anabatismo](#).

A Igreja de Deus (Anderson, Indiana) às vezes é considerada parte do movimento pietista, tendo vindo da ênfase da santidade tanto do pietismo como do wesleyanismo.

4.9.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação;
- [Anabatismo](#): tentativa de justificar a abstinência de pagar impostos por causa do princípio da [não resistência](#);
- [Sociedade Religiosa dos Amigos \(Quakers\)](#): ausência de entendimento das [naturezas física e espiritual](#) de práticas cristãs.

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Ecumenismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): erro se o [batismo tripartite](#) for considerado necessário; ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);

- O uso de recursos da igreja quanto à benevolência: ausência de discernimento sobre o indivíduo e a igreja; falha na distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja; erro em usar benevolência da igreja para não cristãos; mau entendimento de que os fins justificam os meios para usar recursos da igreja; erro em considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos; erro em utilizar sociedades missionárias;
- Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja: uso indevido dos recursos da igreja para centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo; tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja em nome do evangelismo;
- Observâncias: equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como Natal, Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa, Páscoa;
- Música instrumental: erro em usar instrumentos musicais nas reuniões de adoração;
- A Ceia do Senhor: erro na frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada;
- Posições de autoridade: entendimento errado sobre quem são pastores e sobre diáconos; equívoco sobre a necessidade da realização de sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas;
- Dons espirituais milagrosos: ausência do entendimento de que sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus; ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa; ausência do entendimento de que o batismo do Espírito Santo não é mais concedido; ausência do entendimento de que os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos; ausência do entendimento de que o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete; ausência do entendimento de que os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras; ausência de cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”.

4.9.3. LAVAGEM DE PÉS

Uma das práticas notáveis do movimento pietista é a lavagem dos pés, a prática de lavar os pés de outra pessoa como sinal de servidão. As passagens usadas para justificar isso são João 13:12-15 e 1 Timóteo 5:9-10:

Quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus tornou a vestir sua capa e voltou ao seu lugar. Então lhes perguntou: “Vocês entendem o que lhes fiz? Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou. Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz.” (João 13:12-15, “Nova Versão Internacional”).

Nenhuma mulher deve ser inscrita na lista de viúvas, a não ser que tenha mais de sessenta anos de idade, tenha sido fiel a seu marido e seja bem conhecida por suas boas obras, tais como criar filhos, ser hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados e dedicar-se a todo tipo de boa obra. (1 Timóteo 5:9-10, “Nova Versão Internacional”).

Será que essas passagens significam que devemos literalmente lavar os pés dos outros? Não necessariamente. Certamente, não há condenação sobre os pietistas por praticarem a lavagem literal dos pés, pois há passagens claras que mostram que isso pode ser realizado. A prática, em si, não é um mandamento, no entanto, e podemos constatar isso por meio da compreensão das palavras de Cristo e Paulo.

Cristo está ensinando aos discípulos a lição de servidão em João 13:1-15. Ele toma o exemplo mais extremo, a lavagem dos pés, que geralmente era considerada um trabalho desprezível por ser feito por escravos. A lavagem do pé era necessária porque os antigos caminhavam com os pés descalços ou com sandálias duras. De qualquer maneira, seus pés certamente teriam calosidades após qualquer viagem de maior distância. Ao lavar os pés dos discípulos e dizer a eles que façam o mesmo, Cristo ensinou que os discípulos deveriam servir uns aos outros. Isso é trazido ainda mais claramente por Paulo em 1 Timóteo 5:10, passagem na qual se usa a lavagem dos pés como

uma qualificação de uma viúva sendo colocada na “lista”. Paulo claramente usa a lavagem dos pés para representá-la como servindo os santos, pois não fazia sentido que a viúva precisasse ajudar os aflitos e mostrar hospitalidade a estranhos, enquanto, para os santos, bastaria somente uma mera lavagem de pés!

Portanto, podemos constatar que a “lavagem dos pés” era um símbolo para a prática dos santos servindo uns aos outros. Se alguém quiser lavar os pés hoje, certamente pode fazê-lo. Porém, se essa prática for interpretada tão literalmente a ponto de ser tornada obrigatória como doutrina necessária para alguém ser contado como obediente a Deus, isso se torna bíblicamente injustificável.

4.9.4. BANQUETE DO AMOR

Os pietistas também praticam o *ágape*, ou “banquete do amor”, uma refeição antes da Ceia do Senhor. A evidência usada para isso é Marcos 14:22 e 1 Coríntios 11:20-21:

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos discípulos, dizendo: “Tomem; isto é o meu corpo.” (*Marcos 14:22, “Nova Versão Internacional”*).

Quando vocês se reúnem, não é para comer a ceia do Senhor, porque cada um come sua própria ceia sem esperar pelos outros. Assim, enquanto um fica com fome, outro se embriaga. (*1 Coríntios 11:20-21, “Nova Versão Internacional”*).

Esses versículos justificam uma refeição antes da Ceia do Senhor? A totalidade das Escrituras não suporta isso. É verdade que Jesus certamente participou de uma refeição noturna (a refeição da Páscoa, de fato) antes de instituir a Ceia do Senhor. Constatamos, no entanto, que ele deu o mandamento para observar apenas a própria Ceia do Senhor, como se observa em Lucas 22:19-20 e 1 Coríntios 11:23-26:

Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: “Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim.” Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês.” (*Lucas 22:19-20, “Nova Versão Internacional”*).

Pois recebi do Senhor o que também lhes entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão e, tendo dado graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim.” Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isso sempre que o beberem em memória de mim.” Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha. (*1 Coríntios 11:23-26, “Nova Versão Internacional”*).

Constatamos, portanto, que o memorial instituído foi o partir do pão e o compartilhamento do conteúdo do cálice, e não a refeição que ocorreu de antemão. Podemos tomar esse entendimento para 1 Coríntios 11:20-21, texto que mostra claramente que Paulo está discutindo a Ceia do Senhor, uma vez que os coríntios não se uniram para lembrar do Senhor tanto quanto para comer e beber. Paulo, de fato, disse o seguinte sobre comer refeições em 1 Coríntios 11:22:

Será que vocês não têm casa onde comer e beber? Ou desprezam a igreja de Deus e humilham os que nada têm? Que lhes direi? Eu os elogiarei por isso? Certamente que não! (*1 Coríntios 11:22, “Nova Versão Internacional”*).

A solução para as divisões na igreja de corinto quanto ao consumo de refeições entre os cristãos, portanto, não foi usufruir de refeições na reunião de cristãos, mas comer e beber em casa! Isso demonstra muito claramente que uma refeição antes da Ceia do Senhor não é justificada como doutrina. Portanto, não há nenhum mandamento para participar de um “banquete do amor” antes da Ceia do Senhor.

Um “banquete do amor” antes da Ceia do Senhor pode ser praticado sem ser obrigado como doutrina, mas há o risco de surgir a mesma situação que ocorreu na igreja de Corinto.

4.9.5. O ÓSCULO SANTO

Os pietistas também observam o ósculo santo, um beijo, como se encontra em Romanos 16:16:

Saúdem uns aos outros com beijo santo. Todas as igrejas de Cristo enviam-lhes saudações. (*Romanos 16:16, “Nova Versão Internacional”*).

É certamente justificável se as pessoas desejarem se cumprimentar dessa forma. Porém, obrigar isso como doutrina é bíblicamente injustificável. Era habitual na antiga sociedade romana e grega (e em muitas sociedades europeias e asiáticas de hoje) cumprimentar-se com beijos, e Paulo aqui determina que o beijo deve ser “santo”. Nosso costume nas américas hoje é apertar a mão ou dar um ligeiro abraço e, ao fazê-lo, compartilhamos um com o outro o mesmo carinho e calor que foi demonstrado na época romana com um beijo. O “beijo santo” é, portanto, um símbolo para a saudação fraternal, a qual pode ser expressa de outras formas.

4.10. WESLEYANISMO

O wesleyanismo, manifesto hoje em igrejas metodistas e igrejas de santidade, é nomeado pelos seus fundadores, John e Charles Wesley. Em 1736 d.C., esses homens viajaram para a colônia da Geórgia na América como missionários da Igreja da Inglaterra. Eles deixaram a colônia um tanto desanimados com o que viram. Ambos os homens então tiveram “experiências religiosas”, especialmente John Wesley em 1738 d.C., sendo grandemente influenciados pelo movimento pietista. Eles começaram a organizar um movimento dentro da Igreja da Inglaterra para se concentrar na fé e na santidade pessoal, e eles tiveram sucesso. John Wesley levou para as igrejas da Reforma a tarefa sobre a natureza da santificação, o processo pelo qual aquele que crê passa a se conformar com a imagem de Cristo. De muitas maneiras, ele restaurou os ensinamentos do Novo Testamento sobre a obra de Deus e o cristão na santificação. O movimento fez bem dentro da Igreja da Inglaterra na Grã-Bretanha, porém, quando o movimento atravessou o oceano para a América, assumiu uma forma própria, finalmente estabelecida como a Igreja Episcopal Metodista em 1784 d.C. As igrejas wesleyanas são muito semelhantes ao anglicanismo, no entanto, acrescentam uma forte ênfase na fé pessoal e na experiência pessoal.

4.10.1. VARIANTES DO WESLEYANISMO

O movimento wesleyano começou como um movimento de reforma dentro da Igreja da Inglaterra e, em muitos lugares, permanece como tal. Em alguns lugares, especialmente na América, o movimento se separou de sua “igreja mãe” e se tornou conhecido como Igreja Episcopal Metodista. Muitas divisões ocorreram dentro da Igreja Episcopal Metodista no século dezanove, principalmente, em primeiro lugar, pela questão da escravidão e, depois, pela inclusão de afro-americanos. Alguns desses cismas curaram-se no início do século vinte e muitos dos grupos metodistas foram organizados para formar a Igreja Metodista em 1939 d.C. Em 1968 d.C., a Igreja Metodista juntou-se à Igreja Evangélica Pietista dos Irmãos Unidos para formar a Igreja Metodista Unida, a maior igreja metodista na América. Outros grupos incluem a Igreja Episcopal Metodista Africana, a Igreja Episcopal Metodista Cristã, a Igreja Metodista Congregacional, a Igreja Evangélica da América do Norte, a Igreja Congregacional Evangélica, a Igreja Evangélica Metodista, a Igreja Metodista Livre da América do Norte e a Igreja Metodista do Sul.

No século dezanove, surgiu uma dissensão sobre a natureza da santificação. Aqueles que viram a santificação como uma tarefa progressiva nunca completa, fiel aos ensinamentos de Wesley, permaneceram dentro das igrejas metodistas. Outros, no entanto, tendo sido influenciados pelo evangelicalismo revivalista, acreditavam na santificação instantânea que poderia ser aperfeiçoada. Aqueles que seguiram essa linha de pensamento começaram as várias igrejas de santidade, incluindo a Igreja de Cristo (Santidade) Estados Unidos, a Igreja de Deus (Santidade), as Igrejas de Cristo na União Cristã e a Igreja Wesleyana, as quais estão presentes hoje. No século dezanove, havia muitos outros grupos de santidade – muitos desses grupos se tornaram o alicerce do movimento pentecostal. Outros grupos de santidade que rejeitaram o movimento pentecostal se uniram para formar a Igreja do Nazareno, talvez a denominação de santidade mais prevalente.

4.10.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Catolicismo romano](#): erros nas [tradições relativas a sacramentos](#);
- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação;
- [Calvinismo](#): T: [total depravity](#) – depreciação total.

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Ecumenismo](#);
- [Fundamentalismo](#);
- [Movimento da igreja comunitária](#);
- [Movimento da igreja doméstica](#);
- [Movimento megajgreja](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro do [batismo de crianças e pecado original](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Quarta-Feira de Cinzas, Quaresma, Quinta-Feira Santa, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Ascensão-Pentecostes, Epifania, Anunciação, dias relativos a santos](#);
- [Credos](#): equívoco em acreditar na [necessidade de credos](#), tais como o [Credo dos Apóstolos](#) e o [Credo Niceno](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#); erro na permissão de [pastoras, diaconisas e evangelistas femininas](#) na igreja; erro na permissão de [evangelistas homossexuais](#) na igreja (disputado); equívoco em acreditar

na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#);

- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#); ausência do entendimento de que [o batismo do Espírito Santo não é mais concedido](#); ausência do entendimento de que [os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos](#); ausência do entendimento de que [o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete](#); ausência do entendimento de que [os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras](#); ausência de [cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”](#).

4.10.3. A IGREJA E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

As igrejas wesleyanas ensinam que a igreja tem responsabilidades na sociedade ao seu redor, notadamente, que o evangelho contém “preocupações sociais relevantes” (“*The Book of Discipline of the United Methodist Church*”, edição 1996, p. 47) e, especificamente:

É a nossa convicção que as boas novas do reino devem julgar, redimir e reformar as estruturas sociais pecaminosas de nosso tempo. (“*The Book of Discipline of the United Methodist Church*”, edição 1996, p. 47).

Esses ensinamentos estão em harmonia com as Escrituras? Para determinar isso devemos verificar se os cristãos na era apostólica pregavam ou não um evangelho que continha preocupações sociais.

Não há Escrituras no Novo Testamento que ensinem que o cristão deve tentar reformar as estruturas sociais nas quais ele vive. O cristão certamente pode ajudar aqueles que estão em aflição (Tiago 1:27), e certamente é comissionado para pregar as boas novas de Cristo a todos os homens (Mateus 28:18-20), mas nenhuma menção é feita à sociedade, a qual sempre muda.

A Bíblia tem o seguinte a dizer, no entanto, sobre o cristão e o mundo, em Romanos 12:1-2:

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (*Romanos 12:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, constatamos que não devemos nos conformar com o mundo. Devemos esperar que o mundo se conforme conosco? Jesus falou o seguinte aos discípulos sobre sua relação com o mundo:

O irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai, o seu filho; filhos se rebelarão contra seus pais e os matarão. Todos odiarão vocês por minha causa, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. (*Mateus 10:21-22, “Nova Versão Internacional”*).

Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois eu vim para fazer que o homem fique contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra sua sogra; os inimigos do homem serão os da sua própria família. (*Mateus 10:34-36, “Nova Versão Internacional”*).

São essas palavras de um homem que espera mudar a sociedade? De jeito nenhum! Jesus advertiu seus discípulos que eles seriam perseguidos por causa da Palavra, e não aceitos. Se a mensagem de Cristo vai ser entendida pelo mundo como hostil, como alguém poderia esperar que ela mude uma sociedade?

Talvez possamos aprender pelo exemplo do próprio Jesus. Nós encontramos o seguinte em João 6:14-15:

Depois de ver o sinal miraculoso que Jesus tinha realizado, o povo começou a dizer: “Sem dúvida este é o Profeta que devia vir ao mundo.” Sabendo Jesus que pretendiam proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte. (*João 6:14-15, “Nova Versão Internacional”*).

E mais em João 18:36-37:

Disse Jesus: “O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui.” “Então, você é rei?”, disse Pilatos. Jesus respondeu: “Tu dizes que sou rei. De fato, por esta razão nasci e para isto vim ao mundo: para testemunhar da verdade. Todos os que são da verdade me ouvem.” (*João 18:36-37, “Nova Versão Internacional”*).

Jesus nunca quis que seu reino fosse um reino terrestre. Se o seu desejo fosse reformar a sociedade, que capacidade seria a melhor para fazê-lo do que a realeza? No entanto, ele não quis realeza terrena. Seu reino não é deste mundo – é um reino espiritual, tentando reformar o coração de cada membro individual. Está em contraste com o reino deste mundo, como demonstrado em 1 João 2:15-17:

Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. (*1 João 2:15-17, “Nova Versão Internacional”*).

Qual é, então, o relacionamento do cristão com sua sociedade? Já examinamos Romanos 12:1-2 e podemos entender ainda mais a partir de 1 Coríntios 5:12-13, texto que demonstra que o julgamento daqueles que estão fora da igreja é deixado para Deus:

Pois, como haveria eu de julgar os de fora da igreja? Não devem vocês julgar os que estão dentro? Deus julgará os de fora. Expulsem esse perverso do meio de vocês. (*1 Coríntios 5:12-13, “Nova Versão Internacional”*).

Nos é dito que temos que observar algumas regras da sociedade, como se constata em Romanos 12:17-18:

Não retribuam a ninguém mal por mal. Procurem fazer o que é correto aos olhos de todos. Façam todo o possível para viver em paz com todos. (*Romanos 12:17-18, “Nova Versão Internacional”*).

No entanto, como cristãos, somos orientados a fazer um outro tipo de impacto no mundo. Isso nos é dito em Mateus 5:13-16:

Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus. (*Mateus 5:13-16, “Nova Versão Internacional”*).

O exemplo de vida do cristão deve refletir o amor de Jesus dentro dele e deve iluminar o mundo, fazendo com que todos se dirijam a Cristo. Não devemos supor que possamos julgar, redimir e reformar nossas estruturas sociais. Em vez disso, ao sermos exemplos de Cristo, podemos trazer algumas pessoas dentro dessas estruturas sociais para serem redimidas e reformadas pelo próprio Cristo Jesus.

O cristão individual, se viver uma vida agradável a Deus, deve ter preocupação com os pobres, os marginalizados e outras pessoas carentes da sociedade (Gálatas 2:10; 6:10; Tiago 1:27). No entanto, o único meio de libertação do pecado e da morte é a obediência a Deus (Romanos 6:23), e a única esperança que temos para reformar a sociedade é que cada indivíduo venha a fé em Cristo Jesus e aja em conformidade com ela. Não podemos estabelecer o reino de Deus reformando a sociedade – podemos esperar reformar a sociedade apenas promovendo o reino de Deus, o qual se foca na transformação interior individual das pessoas.

4.11. IRMÃOS DE PLYMOUTH

Os Irmãos de Plymouth, ou simplesmente “Irmãos”, começaram por volta de 1827 d.C. com quatro indivíduos na Irlanda que se reuniram sozinhos porque tiveram dificuldades com as “igrejas professas” da época. Eles não notaram as Escrituras nas doutrinas das igrejas ao seu redor e assim começaram a pregar isso para outros indivíduos. Muitos “encontros” cresceram em todo o Reino Unido, com o grupo mais conhecido sendo fundado em Plymouth, Inglaterra, a partir do qual veio o nome “Irmãos de Plymouth”. Os Irmãos de Plymouth são

conhecidos pela simplicidade nos encontros e uma abordagem “não denominacional” de sua igreja. Eles são, no entanto, mais conhecidos pela origem em John Darby do sistema de crenças dispensacional/pré-milenarista, incorporado hoje em grande parte do ensino evangélico.

Os Irmãos de Plymouth também foram uma grande influência para os pregadores chineses Witness Lee e Watchman Nee, os quais são referências do movimento “da igreja local”/“dos irmãos”/“árvore da vida”/“da igreja restaurada”.

4.11.1. VARIANTES DOS IRMÃOS DE PLYMOUTH

Os Irmãos de Plymouth têm tido algumas divisões, notavelmente sobre a natureza da disciplina da igreja, isto é, se uma ação disciplinar de uma igreja era mandatória para todas as congregações ou apenas para as igrejas afetadas. O grupo exclusivo, o qual acredita que a ação é mandatória para todas as congregações, tem em si os professores mais conhecidos, incluindo John Darby. Sua posição, no entanto, levou a mais divisões que, desde então, já foram curadas. O grupo aberto, o qual acredita que a ação é apenas para aqueles grupos que foram afetados, é mais conhecido por seu evangelismo e coisas assim.

4.11.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação;
- [Calvinismo](#): [P: perseverance of the saints – perseverança dos santos](#);
- [Batistas](#): [uma vez salvo, sempre salvo](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Fundamentalismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração (debatido entre os grupos);
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#).

4.11.3. DISPENSACIONALISMO

Os Irmãos de Plymouth são bem conhecidos pelo sistema doutrinário que acreditavam ter “restaurado”, conhecido como dispensacionalismo. O dispensacionalismo é a determinação de diferentes períodos de tempo na história do envolvimento de Deus com a humanidade, denominados “dispensações” (*Dispensationalism.com*, acessado em 2016). Para os dispensacionalistas, há três períodos principais:

- A Lei de Moisés;
- O período da graça;
- O reino milenar (*Dispensationalism.com*, acessado em 2016).

Esses períodos podem ainda ser divididos em sete dispensações:

- Inocência (o Jardim do Éden);
- Consciência (entre Adão e Noé);
- Governo (Noé a Abraão – chamado assim por causa da determinação de comer carne e a pena de morte em Genesis 9:5-6);
- Promessa (Abraão a Moisés no Sinai);
- Lei (Moisés a Cristo);
- Graça (Cristo ao reino milenar);
- Reino milenar (período de 1.000 anos do reino de Cristo em Jerusalém – *Dispensationalism.com*, acessado em 2016).

A teologia dispensacional diz ainda que seu sistema mostra o desenvolvimento progressivo de Deus lidando com a humanidade e que Deus vai nutrir não apenas com a Igreja, mas também o Israel físico, nos últimos tempos (*Dispensationalism.com*, acessado em 2016).

O dispensacionalismo anda de mãos dadas com o pré-milenarismo, uma vez que o dispensacionalismo tenta mostrar o plano de Deus ao longo dos tempos, plano que atingirá o clímax no reino milenar. O pré-milenarismo tenta explicar exatamente como alcançaremos esse “reino milenar”. O dispensacionalismo requer a teologia pré-milenarista para existir: especificamente, a ideia de que devemos interpretar toda a profecia literalmente e, depois, direcioná-la para o “fim dos tempos”.

Constatemos em nosso estudo sobre o pré-milenarismo que muitas dessas profecias já foram cumpridas, e o uso literal de algumas das linguagens proféticas da Bíblia não é consistente com outras verdades descritas nas Escrituras. Nós certamente concordamos que houve diferentes alianças feitas por Deus com o homem ao longo da história, notavelmente com Adão, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Moisés e Cristo. Desde então, as Escrituras demonstram que o julgamento de Deus ocorrerá em um dia (ver Atos 17:30; 2 Pedro 3:7-10), e constatemos que a ideia de um “reino milenar” literal e físico não está em harmonia com as Escrituras.

4.11.4. ISRAEL E A IGREJA

O dispensacionalismo afirma que o Israel físico ainda é importante no plano de Deus, crendo que a expressão “todo o Israel será salvo” se refere à sua salvação e restauração. A ideia de que a Igreja é o cumprimento de Israel é descartada. O dispensacionalismo até mesmo alega que o reino físico de Israel será restaurado em uma posição de primazia na Terra. Isso tudo implica que os judeus acabarão sendo salvos de alguma outra forma diferente do evangelho. Um dos textos mais utilizados para essas alegações é Romanos 11:25-32:

Irmãos, não quero que ignorem este mistério, para que não se tornem presunçosos: Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegue a plenitude dos gentios. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: “Virá de Sião o redentor que desviará de Jacó a impiedade. E esta é a minha aliança com eles quando eu remover os seus pecados”. Quanto ao evangelho, eles são inimigos por causa de vocês; mas quanto à eleição, são amados por causa dos patriarcas, pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis. Assim como vocês, que antes eram desobedientes a Deus mas agora receberam misericórdia, graças à desobediência deles, assim também agora eles se tornaram desobedientes, a fim de que também recebam agora misericórdia, graças à misericórdia de Deus para com vocês. Pois Deus colocou todos sob a desobediência, para exercer misericórdia para com todos. (*Romanos 11:25-32, “Nova Versão Internacional”*).

Antes de explicar essa passagem, devemos fazer algumas considerações tendo em vista o contexto:

- É extremamente importante lembrar a distinção entre o Israel físico (carnal) e o verdadeiro Israel (espiritual). O Israel espiritual, o qual é o verdadeiro Israel, o “todo Israel” que será salvo, representa todos aqueles que creem no evangelho e o obedecem (*Romanos 9:6-8,27-29; 10:21-11:2; 11:7; Isaías 65:13-16*), sejam gentios ou judeus. A Igreja é o verdadeiro Israel, e esse é um ponto crucial para entender profecias do Antigo Testamento;
- Dentro do Israel físico (carnal), existiram judeus que rejeitaram o evangelho e judeus que o aceitaram. O endurecimento da nação de Israel (o Israel físico) foi parcial porque não foram todos os judeus que rejeitaram o evangelho. Aqueles que o rejeitaram, na verdade, não são o verdadeiro Israel. Aqueles que o aceitaram fazem parte do verdadeiro Israel (o Israel espiritual) – e nele estão inclusos também os gentios que aceitaram o evangelho;
- Paulo não pode estar fazendo uma distinção entre o modo pelo qual os judeus e os gentios serão salvos, uma vez que ele tem estado salientando que eles são uma mesma oliveira (*Romanos 11:16-21*). O apóstolo não afirmou que os judeus podem ser salvos com um plano de redenção diferente do evangelho, uma vez que ele tinha acabado de dizer que os judeus que o rejeitaram serão reenxertados se não continuarem em incredulidade. Uma vez que a Nova Aliança entrou em vigor e a Antiga Aliança foi rejeitada, existe apenas um meio de salvação, o qual é evangelho, seja para judeu, seja para gentio. Judeus podem ser salvos apenas se tornando cristãos;
- Não é possível que Paulo tenha afirmado a salvação de todos os judeus do Israel físico, pois muitos deles morreram sem salvação. Novamente, um verdadeiro judeu é aquele que crê no evangelho e o obedece, tornando-se cristão;
- Paulo afirmou que a salvação do verdadeiro Israel (o espiritual) ocorreu por meio de um endurecimento parcial da nação física de Israel. Os judeus que rejeitaram o evangelho fizeram o cristianismo se espalhar pelo mundo. É uma salvação espiritual, não uma salvação política, ou seja, da nação inteira;
- É certo que Deus não revogará seus dons e vocação, mas é importante lembrar que nem todo Israel é Israel: o Israel da promessa é o remanescente dos judeus que creu no evangelho – judeus que se tornaram cristãos. Eles são o Israel espiritual, o qual inclui também gentios salvos;
- Os gentios foram desobedientes, mas vindo o evangelho que foi pregado primeiramente para os judeus e rejeitado por parte deles, os gentios passaram a recebê-lo, sendo salvos. O evangelho se espalhou às demais nações justamente por causa da rejeição dos judeus incrédulos;
- A esperança é que os judeus que não aceitaram o evangelho passem a querer a salvação que os gentios receberam pelo mesmo evangelho que antes foi pregado a eles e rejeitado, de modo que também recebam misericórdia;
- O desejo geral de Deus é que todos os seres humanos recebam misericórdia por meio do mesmo evangelho, o poder de Deus para salvação (*Romanos 1:16-17*).

Portanto, o evangelho foi pregado, primeiramente, à nação de Israel. Uma parte dela rejeitou o evangelho, e outra parte o aceitou. Os judeus que rejeitaram o evangelho não são o verdadeiro Israel. Os judeus que aceitaram

o evangelho são o verdadeiro Israel, e nele se incluem também os gentios que o aceitaram (Romanos 11:26-27). Assim, o endurecimento da nação de Israel foi parcial.

A parte endurecida da nação, os judeus incrédulos, fez com que o evangelho fosse pregado às outras nações, os gentios. Os judeus que rejeitaram o evangelho, ao perceberem que os gentios estavam sendo salvos, podem cair em si e se converter a Cristo para salvação (Romanos 11:25). É assim que “todo o Israel será salvo”, uma vez que faz parte de “todo o Israel” (o Israel verdadeiro, espiritual) todo aquele que crê no evangelho e o obedece, seja judeu, seja gentio (Romanos 11:26-27). A Igreja é o cumprimento do Israel físico, o verdadeiro Israel, e esse é um ponto crucial para entender profecias do Antigo Testamento. O judaísmo foi finalmente rejeitado por Deus na destruição do templo em 70 d.C., e a vinda da Nova Aliança tornou a Igreja no cumprimento do verdadeiro Israel, sendo que a Igreja possui a proteção e as bênçãos do Senhor, além de herdar suas promessas.

Há muitas interpretações erradas de Romanos 11 por causa da falta de consideração do contexto, o qual prova que Paulo não disse que toda a nação física de Israel ainda será salva, e nem disse que os judeus que rejeitaram o evangelho serão salvos. Tampouco o reino físico de Israel será restaurado em uma posição de primazia na Terra. Paulo já tinha mostrado que o verdadeiro Israel não é o povo carnal, mas o povo espiritual (Romanos 2:28-29; 9:6-8; compare com Gálatas 3:29).

Os judeus incrédulos (aqueles que não se converteram a Cristo), na verdade, são inimigos em relação ao evangelho, pois o rejeitaram. Considerando o que fizeram ao matar Jesus, tentar destruir a Igreja, o evangelho, e até mesmo os cristãos, é de se admirar que não tenham sido erradicados pelo Senhor de imediato. Isso leva à segunda parte de Romanos 11:28, onde Paulo escreveu: “mas quanto à eleição, amados por causa dos patriarcas”. A “eleição” não se refere à salvação desses judeus, e nem se refere a uma restauração física do reino de Israel, mas ao fato de que Deus elegeu a nação de Israel como a nação pela qual seu plano de redenção seria cumprido. Apesar de haver judeus incrédulos, ainda assim foi por meio deles que Deus cumpriu as promessas aos patriarcas (Romanos 11:28-29).

O reino de Israel, certamente, não era amado por causa de sua obediência ao Senhor e nem por causa de seu amor por ele, pois Israel deixou muito a desejar nesses aspectos. Paulo afirmou que Israel era amado por causa dos patriarcas, ou seja, os pais da nação – especialmente Abraão (Tiago 2:23, veja também 2 Crônicas 20:7 e Isaías 41:8). Deus fez promessas a Abraão e não faltou com sua palavra “porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Romanos 11:29; Números 23:19). O termo “irrevogáveis” é a tradução de um termo grego para arrependimento. Arrepende-se significa, basicamente, mudar de opinião. Deus não mudou de opinião quanto a cumprir as promessas feitas a Abraão, ainda que os descendentes dele não tenham sido o que deveriam ser. Deus cumpriu cada promessa feita aos judeus. Sendo assim, Romanos 11:28 pode ser entendido como: “Quanto ao evangelho, são eles (os judeus incrédulos) inimigos (merecem castigo). Quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas (por isso Deus deu a eles nova oportunidade para ouvir e aceitar o evangelho)”. A despeito das coisas desprezíveis que os judeus fizeram, Deus ainda quer que eles sejam salvos por meio de Jesus.

Não obstante, o sistema judaico e o templo foram completamente rejeitados com a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. A salvação de judeus somente é possível por meio da fé deles no evangelho (Romanos 11:26-27), como mostram as citações do Antigo Testamento (por exemplo, Isaías 59:20-21 mostra a salvação daqueles que se convertem em um contexto que demonstra a culpa dos judeus rebeldes). Para que esses judeus carnais sejam salvos, os termos são os mesmos da salvação dos gentios: aqueles que deixarem sua desobediência e confiarem na misericórdia de Deus oferecida pela obediência ao evangelho serão salvos (Romanos 11:30-32).

4.11.5. PRÉ-MILENARISMO

O pré-milenarismo é uma doutrina que foi supostamente “restaurada” por John Darby, um dos fundadores dos Irmãos de Plymouth. Desde então, cresceu em popularidade e a maioria daqueles dentro do movimento evangélico aderiu aos seus princípios. “Pré-milenarismo” significa “antes dos mil anos” e se refere à crença de que estamos vivendo atualmente no período antes de Cristo retornar para reinar por mil anos na Terra. O sistema de crença pré-milenar, no entanto, tende a ir além da mera crença em um período de mil anos que está por vir. Os pré-milenaristas desenvolveram um sistema de crenças sobre os “tempos finais”, ou o período de tempo pouco antes da vinda de Cristo para estabelecer o referido reino, adaptando as profecias do Antigo Testamento e do Novo

Testamento para se enquadrarem no entendido quadro do Apocalipse, profecias as quais são tomadas “literalmente” (LaHaye, Tim, *“Revelation Unveiled”*, p. 9, 12-13, 18).

Os pré-milenaristas acreditam que haverá um período de sete anos, pouco antes do reino milenar, conhecido como a “grande tribulação”, onde os julgamentos de Deus como registrados no Apocalipse serão cumpridos literalmente (LaHaye, Tim, *“Revelation Unveiled”*, pp. 135-136, 138-139, 141). Os pré-milenaristas acreditam que a igreja será “arreatada”, tomada da terra para estar com Cristo, em algum momento desse período. É internamente debatido se isso ocorrerá antes da “grande tribulação”, no meio dela, ou na sua conclusão (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, *“Are We Living in the End Times?”*, pp. 106-112). Finalmente, acreditam que Cristo retornará e estabelecerá seu reino milenar sobre a Terra, com a conclusão de que todos os malfeitores serão jogados no lago de fogo e os justos viverão na “Nova Jerusalém”, como descrito em Apocalipse 21:1-22:6 (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, *“Are We Living in the End Times?”*, p. 234, 244-245, 249; LaHaye, Tim, *“Revelation Unveiled”*, p. 357). Será que esse sistema de crenças está em harmonia com as Escrituras? Examinemos os princípios do pré-milenarismo.

4.11.6. PRÉ-MILENARISMO = ENSINO LITERAL?

O pré-milenarismo dispensacional representa o entendimento “literal” da profecia bíblica, e isso é um dos seus princípios fundamentais (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, *“Are We Living in the End Times?”*, p. 6). Aqueles que não entendem as profecias dessa maneira, do ponto de vista deles, “alegorizaram” as profecias, o que leva à apostasia (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, *“Are We Living in the End Times?”*, p. 238). Será que essa é uma análise correta?

Deve-se notar aqui que o pré-milenarismo não é um sistema de crença que toma todas as profecias sobre o fim dos tempos de forma literal. Temos duas passagens das Escrituras que falam sobre o retorno de Cristo que não são aceitas literalmente de acordo com a perspectiva pré-milenar: Atos 17:30-31 e 2 Pedro 3:10:

No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos. (Atos 17:30-31, *“Nova Versão Internacional”*).

O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. (2 Pedro 3:10, *“Nova Versão Internacional”*).

Os pré-milenaristas apoiam a crença de que o “dia do Senhor”, conforme descrito nessas duas passagens, não é um período literal de 24 horas, mas um período de tempo de tribulação, os julgamentos de Deus sobre a Terra (LaHaye, Tim, *“Revelation Unveiled”*, p. 344). Se o modo de entendimento das profecias é tomado como literal, por que esse período não pode ser um período de 24 horas assim como reconhecemos um “dia”? Porque, se assim fosse, arruinaria completamente toda a crença pré-milenarista no período da tribulação e no reino milenar. Então, pré-milenaristas alegorizam o termo “dia” em Atos 17:31 e 2 Pedro 3:10.

Portanto, é evidente que os pré-milenaristas determinam conscientemente quais as Escrituras que interpretarão literalmente e quais serão interpretadas simbolicamente ou alegoricamente, de forma a tentar forçá-las a se adequar ao seu sistema de crenças. Como constataremos, existem outras maneiras de entender as Escrituras sobre o retorno de Cristo que, de modo algum, exigem o sistema de crença pré-milenar.

4.11.7. LINGUAGEM PROFÉTICA

Outra premissa fundamental da teologia pré-milenar é a interpretação literal da profecia usando a seguinte orientação:

Quando o significado comum da Escritura faz bom senso, não procure outro sentido, mas tome todas as palavras em seu significado primário, literal, a menos que os fatos do contexto imediato indiquem claramente o contrário. (Cooper, David L., citado em LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, *“Are We Living in the End Times?”*, p. 5).

Nós certamente concordamos que, sempre que possível, o significado literal de um texto deve ser usado. No entanto, os pré-milenaristas deixaram passar um critério importante: devemos ler uma passagem do texto de

forma que ele esteja em harmonia com o texto como um todo, não apenas o contexto imediato. Muitas vezes, se interpretarmos literalmente todos os textos, teremos contradição: um bom exemplo foi usado acima em relação ao “dia do Senhor” em Atos 17:30 e 2 Pedro 3:10 em face do “reino milenar” de Apocalipse 20:4. Nessas situações, então, como podemos entender o que interpretar literalmente e o que interpretar simbolicamente/alegoricamente?

Para as nossas considerações sobre o retorno de Cristo, devemos entender que Deus usou linguagem profética desde os tempos antigos para comunicar os acontecimentos do futuro. Podemos reconhecer que muita linguagem profética, especialmente em um contexto escatológico (ou seja, que trata do fim dos tempos), é um idioma cheio de simbolismo e alegoria usado para falar de eventos futuros de forma não imediatamente óbvia. Mesmo os pré-milenaristas entendem esse uso da linguagem profética, uma vez que muitas das figuras do Apocalipse requerem interpretação não literal. Um exemplo é o primeiro cavaleiro de Apocalipse 6:2:

Olhei, e diante de mim estava um cavalo branco. Seu cavaleiro empunhava um arco, e foi-lhe dada uma coroa; ele cavalgava como vencedor determinado a vencer. (*Apocalipse 6:2, “Nova Versão Internacional”*).

Isso significa que aparecerá literalmente um homem em um cavalo branco com um arco e uma coroa conquistando? De jeito nenhum! O idioma utilizado nos demonstra que esse indivíduo representa algo que terá autoridade para conquistar. A questão, portanto, não é se interpretamos o idioma profético literalmente ou figurativamente, mas como entendemos o que é referido na linguagem.

Provavelmente, o melhor texto a ser usado para demonstrar as diferenças entre linguagem literal e profética é Atos 2:16-21:

Ao contrário, isto é o que foi predito pelo profeta Joel: “‘Nos últimos dias’, diz Deus, ‘derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão. Mostrarei maravilhas em cima, no céu, e sinais em baixo, na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. O sol se tornará em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo!’” (*Atos 2:16-21, “Nova Versão Internacional”*).

Pedro está citando Joel 2:28-32 aqui. A seguir, discutiremos essa passagem como se encaixa aos argumentos dos pré-milenaristas. Notamos, no entanto, que Pedro, cheio do Espírito Santo, como registrado em Atos 2:4, disse que “isto é o que foi predito pelo profeta Joel”, e os apóstolos estavam falando nas línguas daqueles que estavam presentes no momento. Se aceitarmos as palavras literais de Pedro, devemos então acreditar que tudo o que foi citado de Joel foi cumprido no dia de Pentecostes, inclusive que o Sol escureceu e que a Lua virou sangue! Pode-se dizer, no entanto, que nada disso aconteceu: o Sol não se tornou em escuridão, nem a Lua em sangue naquele dia. Porém, se a passagem for tomada literalmente, teria que ter sido assim. Logo, se tomássemos a interpretação literal em todo esse texto, teríamos uma contradição. No entanto, há um idioma profético cheio de imagens aqui: o escurecimento do Sol e a Lua virando sangue pode se referir à queda de reinos e à destruição de governantes, e pode-se entender que a pregação de Jesus como Senhor e Cristo estabelece o seu reino na terra acima de todos os outros. Portanto, em nosso estudo da profecia, devemos sempre nos esforçar para reconhecer quando o idioma figurativo é usado e em que nível essa linguagem deve ser interpretada.

4.11.8. A NATUREZA DA PROFECIA

Outra distinção dentro da profecia deve ser feita antes da discussão da visão pré-milenarista. Devemos entender que a profecia preditiva assume duas formas dentro das Escrituras: profecia por palavra e profecia por sinal/visão. A profecia por palavra é exatamente isso, ou seja, quando alguém profetizava ou recebia revelação por meio da Palavra de Deus. As Escrituras abundam em exemplos como esses, incluindo: Mateus 24:1-25:46; Atos 17:30; 2 Pedro 3:9-11; Daniel 11:1-45. Essas profecias são um tanto mais fáceis de interpretar, pois podemos observar os eventos da história e eventos no futuro e ver quais eventos históricos/futuros são mais paralelos à linguagem apresentada por esses profetas. Daniel 11:1-45 é um bom exemplo: Daniel confortou o rei Dario da Pérsia sobre os reis que governariam depois dele (Daniel 11:1). Podemos olhar para trás na história e constatar o cumprimento de toda essa profecia, desde os reis da Pérsia, passando por Alexandre, o Grande, os reis selêucidas e reis do Egito, até os romanos.

Profecia por sinal/visão é mais difícil de seguir. Essas profecias ocorrem quando Deus mostrava um sinal ou dava uma visão a um profeta, às vezes com explicação, às vezes não. Essas profecias exigem mais interpretação do que as profecias por palavra, pois os sinais e a visão exigem uma análise mais profunda. A visão em Daniel 7:1-14 dos quatro animais é um bom exemplo. Não duvidamos que Daniel literalmente viu os quatro animais, mas ninguém afirmaria que devemos esperar que os quatro animais que saíram da água sejam um evento histórico. Essa visão é explicada em Daniel 7:15-28, o que ajuda a aliviar a dúvida sobre o significado da visão.

Outro exemplo relevante desse tipo de profecia é o Apocalipse dado a João. Não duvidamos que João tenha recebido uma visão do céu com os quatro animais e os vinte e quatro anciãos, e todas as outras visões que foram dadas a ele. Isso significa, no entanto, que devemos interpretar essas coisas literalmente, que há literalmente quatro animais no céu, juntamente com vinte e quatro anciãos, e todo o Apocalipse é um vislumbre de eventos históricos reais? Isso não seria consistente com o restante das profecias dadas por sinais e visões.

Tendo estabelecido essas considerações, examinemos agora algumas das profecias usadas pelos pré-milenaristas e sua interpretação. Os pré-milenaristas costumam usar algumas das profecias do Antigo Testamento e muitas do Novo Testamento e atribuí-las aos “tempos finais”. Examinemos algumas dessas profecias agora.

4.11.9. DANIEL 2: O SONHO DE NABUCODONOSOR

Os pré-milenaristas usam o sonho de Nabucodonosor e a interpretação de Daniel para descrever o período da tribulação e o reino milenar (*LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”, p. 130, 162, 164*). Será que essa é uma maneira correta de interpretar essa passagem? Aqui estão partes do texto em questão: Daniel 2:31-35,40-45:

Tu olhaste, ó rei, e diante de ti estava uma grande estátua: uma estátua enorme, impressionante, e sua aparência era terrível. A cabeça da estátua era feita de ouro puro, o peito e o braço eram de prata, o ventre e os quadris eram de bronze, as pernas eram de ferro, e os pés eram em parte de ferro e em parte de barro. Enquanto estavas observando, uma pedra soltou-se, sem auxílio de mãos, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmigalhou. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados, viraram pó, como o pó da debulha do trigo na eira durante o verão. O vento os levou sem deixar vestígio. Mas a pedra que atingiu a estátua tornou-se uma montanha e encheu a terra toda. (*Daniel 2:31-35, “Nova Versão Internacional”*).

Finalmente, haverá um quarto reino, forte como o ferro, pois o ferro quebra e destrói tudo; e assim como o ferro despedaça tudo, também ele destruirá e quebrará todos os outros. Como viste, os pés e os dedos eram em parte de barro e em parte de ferro. Isso quer dizer que esse será um reino dividido, mas ainda assim terá um pouco da força do ferro, embora tenhas visto ferro misturado com barro. Assim como os dedos eram em parte de ferro e em parte de barro, também esse reino será em parte forte e em parte frágil. E, como viste, o ferro estava misturado com o barro. Isso significa que se buscarão fazer alianças políticas por meio de casamentos, mas a união decorrente dessas alianças não se firmará, assim como o ferro não se mistura com o barro. Na época desses reis, o Deus dos céus estabelecerá um reino que jamais será destruído e que nunca será dominado por nenhum outro povo. Destruirá todos os reinos daqueles reis e os exterminará, mas esse reino durará para sempre. Esse é o significado da visão da pedra que se soltou de uma montanha, sem auxílio de mãos, pedra que esmigalhou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro. (*Daniel 2:40-45, “Nova Versão Internacional”*).

É geralmente reconhecido que o ouro se refere à Babilônia, a prata à Pérsia, o bronze à Grécia e o ferro à Roma, mas há desacordo sobre o “ferro misturado com barro”. Os pré-milenaristas acreditam que o reino do ferro misturado com barro será uma democracia no futuro, no momento em que o fim virá (*LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”, p. 164*). Será que essa interpretação se encaixa no texto?

Se analisarmos a interpretação em si, algumas pistas são dadas. É notável que cada reino recebe um metal distinto: ouro é para Babilônia, prata para a Pérsia, bronze para a Grécia, ferro para Roma... E, depois, “ferro misturado com barro”. Daniel não o chama de “outro” reino, mas um reino “dividido”. Além disso, todos os reinos que estão listados existem um após o outro em sucessão direta: os persas derrubam os babilônios, que são derrubados pelos gregos, que são finalmente destruídos pelos romanos. Não há menção a uma separação entre os tempos de qualquer reino e, no entanto, devemos acreditar que há uma separação de mais de 1.600 anos entre o “ferro” de Roma e o “ferro misturado com barro” que supostamente significaria a democracia dos tempos posteriores?

Finalmente, no que diz respeito ao reino estabelecido após o tempo do “ferro misturado com barro”, Daniel disse que tal reino durará para sempre (Daniel 2:44). Os pré-milenaristas afirmam que o reino milenar é esse reino, mas como um reino que dura apenas mil anos pode ser um reino que dura para sempre? Uma interpretação muito mais sólida que se adapta aos eventos que Daniel descreve seria que o reino do “ferro” se refere à República Romana e o “ferro misturado com argila” refere-se ao Império Romano, cuja força interna sempre foi comprometida pela tensão entre o imperador, o exército, o senado e outros assuntos internos. Nesse ponto, Roma como um todo era “forte” pelo seu poder, mas “fraca” por suas disputas internas. Durante esse período nasceu o Filho de Deus, Jesus Cristo, e estabeleceu um reino que durará para sempre, seu reino espiritual que é muito maior do que qualquer reino criado pelo homem.

4.11.10. DANIEL 7: OS ANIMAIS

Daniel 7:1-8,15-28 são outras passagens mencionadas pelos pré-milenaristas para demonstrar os supostos “tempos finais”:

No primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, Daniel teve um sonho, e certas visões passaram por sua mente, estando ele deitado em sua cama. Ele escreveu o seguinte resumo do seu sonho. Em minha visão à noite, eu vi os quatro ventos do céu agitando o grande mar. Quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, subiram do mar. O primeiro parecia um leão e tinha asas de águia. Eu o observei e, em certo momento, as suas asas foram arrancadas, e ele foi erguido do chão, firmou-se sobre dois pés como um homem e recebeu coração de homem. A seguir, vi um segundo animal, que tinha a aparência de um urso. Ele foi erguido por um dos seus lados, e na boca, entre os dentes, tinha três costelas. Foi-lhe dito: “Levante-se e coma quanta carne puder!” Depois disso, vi um outro animal, que se parecia com um leopardo. Nas costas tinha quatro asas, como as de uma ave. Esse animal tinha quatro cabeças e recebeu autoridade para governar. Em minha visão à noite, vi ainda um quarto animal, aterrorizante, assustador e muito poderoso. Tinha grandes dentes de ferro, com os quais despedaçava e devorava suas vítimas e pisoteava tudo o que sobrava. Era diferente de todos os animais anteriores e tinha dez chifres. Enquanto eu considerava os chifres, vi outro chifre, pequeno, que surgiu entre eles; e três dos primeiros chifres foram arrancados para dar lugar a ele. Esse chifre possuía olhos como os olhos de um homem e uma boca que falava com arrogância. (Daniel 7:1-8, “Nova Versão Internacional”).

Eu, Daniel, fiquei agitado em meu espírito, e as visões que passaram pela minha mente me aterrorizaram. Então me aproximei de um dos que ali estavam e lhe perguntei o significado de tudo o que eu tinha visto. Ele me respondeu, dando-me esta interpretação: “Os quatro grandes animais são quatro reinos que se levantarão na terra. Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para sempre; sim, para todo o sempre.” Então eu quis saber o significado do quarto animal, diferente de todos os outros e o mais aterrorizante, com seus dentes de ferro e garras de bronze, o animal que despedaçava e devorava suas vítimas, e pisoteava tudo o que sobrava. Também quis saber sobre os dez chifres da sua cabeça e sobre o outro chifre que surgiu para ocupar o lugar dos três chifres que caíram, o chifre que tinha olhos e uma boca que falava com arrogância. Enquanto eu observava, esse chifre guerreava contra os santos e os derrotava, até que o ancião veio e pronunciou a sentença a favor dos santos do Altíssimo; chegou a hora de eles tomarem posse do reino. Ele me deu a seguinte explicação: “O quarto animal é um quarto reino que aparecerá na terra. Será diferente de todos os outros reinos e devorará a terra inteira, despedaçando-a e pisoteando-a. Os dez chifres são dez reis que sairão desse reino. Depois deles um outro rei se levantará, e será diferente dos primeiros reis. Ele falará contra o Altíssimo, oprimirá os seus santos e tentará mudar os tempos e as leis. Os santos serão entregues nas mãos dele por um tempo, tempos e meio tempo. Mas o tribunal o julgará, e o seu poder lhe será tirado e totalmente destruído, para sempre. Então a soberania, o poder e a grandeza dos reinos que há debaixo de todo o céu serão entregues nas mãos dos santos, o povo do Altíssimo. O reino dele será um reino eterno, e todos os governantes o adorarão e lhe obedecerão. Esse é o fim da visão.” Eu, Daniel, fiquei aterrorizado por causa dos meus pensamentos e meu rosto empalideceu, mas guardei essas coisas comigo. (Daniel 7:15-28, “Nova Versão Internacional”).

Não há muita discussão sobre os primeiros três animais, nem realmente sobre o início do quarto. Eles representam os mesmos reinos que a estátua de Nabucodonosor: Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma. Os pré-milenaristas acreditam, entretanto, que o chifre pequeno que vem do quarto animal é o anticristo (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”, p. 166). Será que isso é consistente com o texto?

A maneira mais exata de colocar essa profecia dentro de um contexto temporal é encontrada em Daniel 7:9-14:

Enquanto eu olhava, tronos foram colocados, e um ancião se assentou. Sua veste era branca como a neve; o cabelo era branco como a lã. Seu trono era envolto em fogo, e as rodas do trono estavam em chamas. De diante dele, saía um rio de fogo. Milhares de milhares o serviam; milhões e milhões estavam diante dele. O tribunal iniciou o julgamento, e os livros foram abertos. Continuei a observar por causa das palavras arrogantes que o chifre falava. Fiquei olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo foi destruído e atirado no fogo. Dos outros animais foi retirada a autoridade, mas eles tiveram permissão para viver por um período de tempo. Em minha visão à noite, vi alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens dos céus. Ele se aproximou do ancião e foi conduzido à sua presença. Ele recebeu autoridade, glória e o reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído. (*Daniel 7:9-14, "Nova Versão Internacional"*).

Constatamos anteriormente em Daniel 2:31-45 que o futuro do mundo não poderia ser completo sem a menção de Jesus e seu reino, representado na época romana. Portanto, em um relato paralelo em Daniel 7:1-28, por que devemos esperar menos? Esse reino, como o reino de Daniel 2, durará para sempre. Como, então, pode se referir a um reino de mil anos? O reino em Daniel 7:9-27 não é diferente do reino em Daniel 2:31-45: é o reino espiritual de Cristo, manifestado na terra por sua Igreja. Sabendo disso, que o quarto animal e todos os seus frutos vêm antes de Cristo, podemos ter certeza que a besta de dez chifres representa Roma, muito provavelmente a República Romana e, portanto, o chifre pequeno representa um imperador do Império Romano que se tornaria um grande perseguidor da verdade em Cristo Jesus. Além disso, como o texto indica, aquele "semelhante a um filho do homem" deve subir ao céu para receber o reino (Daniel 7:13-14), e não "descer" para recebê-lo na Terra. Daniel 7:1-28 é um texto importante a respeito da primeira vinda de Cristo. Portanto, não há necessidade, e nem capacidade contextual, de atribuir o papel do chifre pequeno a um suposto "anticristo do fim dos tempos".

4.11.11. DANIEL 9: A DURAÇÃO DE ISRAEL

Daniel 9:20-27 é uma das duas profecias fundamentais dos pré-milenaristas fora do Apocalipse. Daniel 9:24-27 supostamente dá a "estrutura de tempo" da tribulação e o fim dos tempos: a "septuagésima semana" no início desse período com um suposto pacto do anticristo com Israel para que seja construído um terceiro templo em Jerusalém, seguindo para a posterior violação desse pacto em meados do período (*LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, "Are We Living in the End Times?", p. 166; LaHaye, Tim, "Revelation Unveiled", p. 136, 139*):

Enquanto eu estava falando e orando, confessando o meu pecado e o pecado de Israel, meu povo, e trazendo o meu pedido ao SENHOR, o meu Deus, em favor do seu santo monte – enquanto eu ainda estava em oração, Gabriel, o homem que eu tinha visto na visão anterior, veio voando rapidamente para onde eu estava, à hora do sacrifício da tarde. Ele me instruiu e me disse: "Daniel, agora vim para dar a você percepção e entendimento. Assim que você começou a orar, houve uma resposta, que eu trouxe a você porque você é muito amado. Por isso, preste atenção à mensagem para entender a visão: 'Setenta semanas estão decretadas para o seu povo e sua santa cidade a fim de acabar com a transgressão, dar fim ao pecado, expiar as culpas, trazer justiça eterna, cumprir a visão e a profecia, e ungir o santíssimo. Saiba e entenda que, a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém até que o Ungido, o príncipe, venha, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas. Ela será reconstruída com ruas e muros, mas em tempos difíceis. Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto, e já não haverá lugar para ele. A cidade e o Lugar Santo serão destruídos pelo povo do governante que virá. O fim virá como uma inundação: guerras continuarão até o fim, e desolações foram decretadas. Com muitos ele fará uma aliança que durará uma semana. No meio da semana ele dará fim ao sacrifício e à oferta. E numa ala do templo será colocado o sacrilégio terrível, até que chegue sobre ele o fim que lhe está decretado.'" (*Daniel 9:20-27, "Nova Versão Internacional"*).

Quando examinamos essa profecia, devemos primeiro reconhecer ao que essa profecia se refere, e nossa resposta está em Daniel 9:24: "seu povo e sua santa cidade". Isso sem dúvida se refere aos judeus e Jerusalém, respectivamente. Assim, a profecia se relaciona com o futuro dos judeus e de Jerusalém. "Setenta semanas" foram concedidas para que terminasse sua iniquidade. Em hebraico, o termo "semanas" é, literalmente, "setes", então "setenta setes" foram dados. O que isso significa?

"Sete" era entendido como o número divino da perfeição ou completude. "Setenta setes" parece ser um período indefinido. Isso é usado por Jesus em Mateus 18:21-22 para explicar a necessidade de perdão:

Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: “Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?” Jesus respondeu: “Eu digo a você: não até sete, mas até setenta vezes sete.” (*Daniel 9:20-27, “Nova Versão Internacional”*).

Alguém declararia que Jesus está nos dizendo para perdoar nosso irmão apenas 490 vezes nessa passagem? Claro que não. Da mesma forma, deveríamos entender que os “setenta setes” de Daniel 9:24-27 são literais? É evidente nas Escrituras que esses “setenta setes” se referem a um período indefinido de tempo sob o controle divino em que as referidas coisas serão concluídas.

Constatamos que esse período de “setenta setes” é dividido ainda mais: há “sete setes” até que Jerusalém seja reconstruída, “sessenta e dois setes” até que o Messias venha, e “o sete final”, a “uma semana” de Daniel 9:27. Podemos ter certeza de que Jerusalém, com muros e ruas, foi reconstruída na primeira divisão considerada “completa”, isto é, os “sete setes”. Os “sessenta e dois setes” referem-se ao período entre a reconstrução de Jerusalém e Cristo, como universalmente admitido. Os pré-milenaristas então dizem que há um intervalo de tempo significativo entre os “sessenta e dois setes” e a “uma semana” final, a qual será iniciada quando o anticristo assinar um pacto com os judeus (*LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”, p. 139*). Será que isso é consistente com o texto?

Constatamos que os primeiros “sessenta e nove setes” estão em ordem: primeiro os “sete setes” e, depois, os “sessenta e dois setes”. Não há menção de nenhum intervalo entre eles. Da mesma forma, não somos informados de qualquer separação temporal entre os eventos dos primeiros “sessenta e nove setes” e a “uma semana” final de Daniel 9:27.

Quanto ao suposto pacto assinado pelo anticristo com os judeus, o qual supostamente daria início à “uma semana” final, a evidência mais significativa será discutida com mais detalhes adiante, quando falaremos a respeito de [Mateus 24](#), mas é encontrada nas palavras de Jesus em Mateus 24:15:

Assim, quando vocês virem “o sacrilégio terrível”, do qual falou o profeta Daniel, no Lugar Santo—quem lê, entenda— (*Mateus 24:15, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, podemos dizer que, o que quer que seja que Jesus esteja discutindo em Mateus 24:1-36, isso é o que a “abominação da desolação” ou “sacrilégio terrível” será. Nosso [estudo de Mateus 24-25](#) a seguir mostrará conclusivamente que o tópico da conversa em Mateus 24:1-36 se refere à destruição de Jerusalém em 70 d.C., a qual incluiu a destruição do templo e a cessação do culto judaico. Esse período de tempo, para os judeus, realmente permitiu “acabar com a transgressão, dar fim ao pecado, expiar as culpas, trazer justiça eterna, cumprir a visão e a profecia, e ungir o santíssimo”, conforme declarado por Gabriel em Daniel 9:24. Não se trata de nenhum pacto assinado entre o anticristo e os judeus, como os pré-milenaristas contendem.

4.11.12. DANIEL 11: PROFECIA HISTÓRICA

Os pré-milenaristas também usam Daniel 11:1-45 para fornecer evidência profética para seu “anticristo”, especificamente Daniel 11:36-45:

O rei fará o que bem entender. Ele se exaltará e se engrandecerá acima de todos os deuses e dirá coisas jamais ouvidas contra o Deus dos deuses. Ele terá sucesso até que o tempo da ira se complete, pois o que foi decidido irá acontecer. Ele não terá consideração pelos deuses dos seus antepassados nem pelo deus preferido das mulheres, nem por deus algum, mas se exaltará acima deles todos. Em seu lugar adorará um deus das fortalezas; um deus desconhecido de seus antepassados ele honrará com ouro e prata, com pedras preciosas e presentes caros. Atacará as fortalezas mais poderosas com a ajuda de um deus estrangeiro e dará grande honra àqueles que o reconhecerem. Ele os fará governantes sobre muitos e distribuirá a terra, mas a um preço elevado. No tempo do fim o rei do sul se envolverá em combate, e o rei do norte o atacará com carros e cavaleiros e uma grande frota de navios. Ele invadirá muitos países e avançará por eles como uma inundação. Também invadirá a Terra Magnífica. Muitos países cairão, mas Edom, Moabe e os líderes de Amom ficarão livres da sua mão. Ele estenderá o seu poder sobre muitos países; o Egito não escapará, pois esse rei terá o controle dos tesouros de ouro e de prata e de todas as riquezas do Egito; os líbios e os núbios a ele se submeterão. Mas informações provenientes do leste e do norte o deixarão alarmado, e irado partirá para destruir e aniquilar muito povo. Armará suas tendas reais entre os mares, no belo e santo monte. No entanto, ele chegará ao seu fim, e ninguém o socorrerá. (*Daniel 11:36-45, “Nova Versão Internacional”*).

Os pré-milenaristas acreditam que esses versículos se referem ao anticristo e seu desejo de que as pessoas o adorem, e a uma “guerra mundial” no meio da tribulação (*LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”*, p. 201, 210). Será que isso está em harmonia com o texto?

Para entender Daniel 11:1-45, devemos primeiro descobrir a quem o texto se dirige, e isso é dito em Daniel 11:1:

e, no primeiro ano de Dario, rei dos medos, ajudei-o e dei-lhe apoio. (*Daniel 11:1, “Nova Versão Internacional”*).

Daniel está falando com Dario, tentando “confirmá-lo e fortalecê-lo”. Essencialmente, Daniel está informando a Dario que ele governará um próspero império, e o mesmo acontecerá com alguns de seus descendentes. Então, Daniel começa sua discussão em Daniel 11:2-4:

Agora, pois, vou anunciar a você a verdade: outros três reis aparecerão na Pérsia, e depois virá um quarto rei, que será bem mais rico do que os anteriores. Depois de conquistar o poder com sua riqueza, instigará todos contra o reino da Grécia. Então surgirá um rei guerreiro, que governará com grande poder e fará o que quiser. Logo depois de estabelecido, o seu império se desfará e será repartido entre os quatro ventos do céu. Não passará para os seus descendentes, e o império não será poderoso como antes, pois será desarraigado e entregue a outros. (*Daniel 11:2-4, “Nova Versão Internacional”*).

Daniel fala sobre os reis finais do Império Persa e sua queda nas mãos de Alexandre, o Grande. Ele então continua relatando a morte de Alexandre e a distribuição de seu império entre seus quatro generais, dos quais Ptolomeu e Seleuco são importantes.

Agora, Daniel se concentra no futuro da área ao redor de Israel em Daniel 11:5-6:

O rei do sul se tornará forte, mas um dos seus príncipes se tornará ainda mais forte que ele e governará o seu próprio reino com grande poder. Depois de alguns anos, eles se tornarão aliados. A filha do rei do sul fará um tratado com o rei do norte, mas ela não manterá o seu poder, tampouco ele conservará o dele. Naqueles dias ela será entregue à morte, com sua escolta real e com seu pai e com aquele que a apoiou. (*Daniel 11:5-6, “Nova Versão Internacional”*).

Aqui somos apresentados ao “rei do sul” e ao “rei do norte”, os quais ocuparão o restante da discussão em Daniel 11:7-45. O “rei do sul” refere-se a Ptolomeu e seus descendentes no trono do Egito. Esses governantes eram poderosos e frequentemente exerciam muita influência sobre as áreas ao norte. O “rei do norte” refere-se a Seleuco e seus descendentes, os governantes selêucidas da Síria e, depois, a expressão “rei do norte” passa a se referir aos romanos. A história das transferências de poder entre esses grupos é discutida no corpo de Daniel 11:7-35.

O verso vinte passa à ascensão de Antíoco Epifânio IV, o qual tomou o lugar do rei da Síria e tornou-se aqui o novo “rei do norte”. Aprendemos com Josefo, um historiador judeu do primeiro século, que esse Antíoco Epifânio conquistou Jerusalém e saqueou o templo, se dispôs a destruir os judeus, e agiu da forma mais impiedosa, sacrificando porcos no altar do templo (*Josefo, “Antiguidades dos Judeus”, 13.8.2*). Foi nessa época que os macabeus se revoltaram contra o governo dos selêucidas e tiveram sucesso. Ele é o “homem desprezível” que obteve o reino por meio de manobras políticas, “intrigas”, e governou a Síria de 175 a 164 a.C., e é também o “chifre menor” em Daniel 8:9-12. Com grande força, ele conseguiu até mesmo derrubar o “príncipe da aliança” – o sumo sacerdote dos judeus. Nos anos de 169-167 a.C., Antíoco Epifânio tomou a cidade de Jerusalém e saqueou o templo.

A partir de Daniel 11:36 começa uma nova seção, a qual avança até a época em que a dinastia ptolomaica foi finalmente destruída, isto é, o fim do “rei do sul”. Nessa seção, o “rei que fará o que bem entender” é o novo “rei do norte” e representa Roma e seus exércitos sob Otaviano/Augusto. Assim, a essa altura, o “rei do norte” não representa mais os selêucidas (os quais já estavam julgados e saíram da cena à altura de Daniel 11:35), mas Roma por meio do imperador romano Augusto/Otaviano. Historicamente, foi ele que destruiu o “rei do sul”, ou seja, os ptolomeus, especificamente sob Cleópatra, na Batalha de Áccio. Além do mais, os “navios da costa do ocidente” ou os “navios de Quitim”, ou seja, os romanos, já tinham sido apresentados em Daniel 11:30, e eles frustraram Antíoco Epifânio. É como se Roma tivesse tomado o lugar da Síria como o “rei do norte” na profecia.

Após o novo “rei do norte” (Roma) ter conquistado o Egito, a Líbia e a Etiópia também se tornaram suas cativas. Isso não se ajusta a Antíoco Epifânio, que estava falido, mas descreve os romanos que se tornaram ricos com muitos despojos. Todos esses fatos apontam para Roma e está certamente de acordo com o Livro de Daniel que, consistentemente, inclui quatro impérios dentro de seu escopo de profecia (Daniel 2:7). Roma derrotou inimigos do norte e do sul, entrando também na Palestina (a “Terra Magnífica”), mas ainda não invadindo as terras de Edom, Moabe e Amom (por enquanto). Ao conquistar o Egito, obteve muitos despojos e os líbios e os etíopes se tornaram seus cativos. Historicamente, isso somente pode se ajustar aos romanos. No entanto, rumores do oriente (partas) e do norte (germanos) sempre perturbaram Roma. Essas áreas nunca foram realmente submetidas por Roma, e os romanos tinham que batalhar ali. Ainda que Roma plante seus próprios tabernáculos na Palestina (a terra entre o Mar Mediterrâneo e o “belo e santo monte”, o monte Sião), um dia seu fim chegaria.

Não se conhece nenhum império que se encaixe melhor em todas as considerações em vista. As circunstâncias ocorridas, como a captura do Egito, o relato sobre o oriente e o movimento através da terra judaica, são detalhes que estão em notável concordância com a história conhecida dos eventos em torno da Batalha de Áccio e a derrota de Marco António e Cleópatra. A profecia não aborda o alegado anticristo do sistema pré-milenarista.

4.11.13. JOEL 2: O DOM DO ESPÍRITO SANTO

Os pré-milenaristas frequentemente citarão Joel 2:28-32 em referência ao “fim dos tempos”:

E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito naqueles dias. Mostrarei maravilhas no céu e na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. O sol se tornará em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e temível dia do Senhor. E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo, pois, conforme prometeu o Senhor, no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento para os sobreviventes, para aqueles a quem o Senhor chamar. (Joel 2:28-32, “Nova Versão Internacional”).

Os pré-milenaristas dizem que Joel fala parcialmente do que aconteceu no dia de Pentecostes em Atos 2:1-48 e, mais completamente, no que vai acontecer quando o Espírito for dado sobre os evangelistas do período da tribulação (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”, p. 151; LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, pp. 308-309). Será que é isso que as Escrituras ensinam?

Não deveria haver dúvida sobre essa profecia e seu cumprimento. Pedro diz o seguinte em Atos 2:16-21:

Ao contrário, isto é o que foi predito pelo profeta Joel: “‘Nos últimos dias’, diz Deus, ‘derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão. Mostrarei maravilhas em cima, no céu, e sinais em baixo, na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. O sol se tornará em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo!’” (Atos 2:16-21, “Nova Versão Internacional”).

Pedro afirmou que a profecia de Joel 2:28-32 estava sendo cumprida naquele momento. Ele citou toda a profecia, e não apenas parte – o que indica que a parte que diz respeito aos prodígios, sinais, escurecimento do sol, etc., também estava se cumprindo naquela época. Isso implica que os “últimos dias” correspondem à época dos apóstolos, no primeiro século. Assim, o derramamento do Espírito já foi concretizado naquela época, o que faz total sentido com todo o Livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas às igrejas do primeiro século. Assim, o derramamento do Espírito corresponde à época de profecias e visões que ocorria enquanto a igreja primitiva se espalhava no primeiro século. Aos cristãos primitivos foram concedidos dons espirituais, revelações e profecias pelo Espírito.

Como toda a profecia em Joel 2:28-32 estava se cumprindo naquela época, conforme Pedro afirmou, devemos entender dessa forma. Pelo contexto, os prodígios, sinais e o “dia do Senhor” descritos em Atos 2:19-21 não são uma aplicação para um futuro que ainda não ocorreu, mas para algo que ocorreu na época da igreja primitiva. Jesus aplicou uma linguagem de “dia do Senhor” para o fim do templo e de Jerusalém em [Mateus 24:1-35](#). Assim, é mais coerente afirmar que a profecia de Joel citada por Pedro sobre o derramamento do Espírito se

cumpriu na igreja primitiva e que a linguagem cataclísmica e o “dia do Senhor” correspondem à queda de Jerusalém, o que implica em um “fim do mundo judeu” (os sinais de “sangue, fogo e nuvens de fumaça” são bem típicos da ruína de uma cidade por uma guerra). No contexto de Joel 2, embora o povo tenha se arrependido e Deus tenha removido a ameaça do exército que estava por vir (o que também era um “dia do Senhor” que viria contra Israel caso a nação não se arrependesse), ainda assim outro acerto de contas – outro “dia do Senhor” – estava por vir. E esse foi o dia de Jerusalém e do templo serem destruídos em 70 d.C.

4.11.14. MALAQUIAS 4: ELIAS

Os pré-milenaristas argumentam que a profecia de Malaquias 4:5-6 a respeito do retorno de Elias corresponde às duas testemunhas em Apocalipse 11:13 (*LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, p. 186*). Eles argumentam a profecia não pode se referir a João Batista porque o próprio João disse que ele não era Elias (*LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, p. 186*). Vamos examinar Malaquias 4:5-6 e João 1:21:

Vejam, eu enviarei a vocês o profeta Elias antes do grande e temível dia do Senhor. Ele fará com que os corações dos pais se voltem para seus filhos, e os corações dos filhos para seus pais; do contrário, eu virei e castigarei a terra com maldição. (*Malaquias 4:5-6, “Nova Versão Internacional”*).

Perguntaram-lhe: “E então, quem é você? É Elias?” Ele disse: “Não sou”. “É o Profeta?” Ele respondeu: “Não”. (*João 1:21, “Nova Versão Internacional”*).

Isso significa, então, que João Batista não era o “Elias que havia de vir”? Temos o testemunho de Jesus em Mateus 11:13-14:

Pois todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês quiserem aceitar, este é o Elias que havia de vir. (*Mateus 11:13-14, “Nova Versão Internacional”*).

Devemos rejeitar as palavras de Jesus por causa da humildade de João em João 1:21, por ele dizer que não era literalmente Elias? Claro que não. O anjo Gabriel também disse que João Batista foi Elias, não literalmente, mas João era Elias no sentido de ser alguém “no espírito e poder de Elias”:

E irá adiante do Senhor, no espírito e no poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, para deixar um povo preparado para o Senhor”. (*Lucas 1:17, “Nova Versão Internacional”*).

Devemos aceitar as palavras de Jesus e de Gabriel. João Batista não foi literalmente Elias, mas foi alguém no espírito e poder de Elias, e isto basta para entender que ele foi, de fato, o Elias de Malaquias 4:5-6. Não sejamos culpados de rejeitar as palavras de Deus.

4.11.15. MATEUS 24-25: O SERMÃO PROFÉTICO

Mateus 24:1-25:41 é a “espinha dorsal” da teologia pré-milenarista. É chamado de “sermão profético” ou “sermão do Monte das Oliveiras”, uma vez que ocorre no Monte das Oliveiras, fora de Jerusalém. Os pré-milenaristas consideram que é o esboço dos acontecimentos do fim dos tempos: engano, guerra, tribulação e, finalmente, o retorno de Cristo (*LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”, pp. 29-43*). Será que é isso que Jesus está dizendo?

Examinemos Mateus 24:4-35:

Jesus respondeu: “Cuidado, que ninguém os engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo!’ e enganarão a muitos. Vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras, mas não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Nação se levantará contra nação, e reino contra reino. Haverá fomes e terremotos em vários lugares. Tudo isso será o início das dores. Então eles os entregarão para serem perseguidos e condenados à morte, e vocês serão odiados por todas as nações por minha causa. Naquele tempo, muitos ficarão escandalizados, trairão e odiarão uns aos outros, e numerosos falsos profetas surgirão e enganarão a muitos. Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim. Assim, quando vocês virem ‘o sacrilégio terrível’, do

qual falou o profeta Daniel, no Lugar Santo—quem lê, entenda— então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes. Quem estiver no telhado de sua casa não desça para tirar dela coisa alguma. Quem estiver no campo não volte para pegar seu manto. Como serão terríveis aqueles dias para as grávidas e para as que estiverem amamentando! Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno nem no sábado. Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. Se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém sobreviveria; mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados. Se, então, alguém disser: ‘Vejam, aqui está o Cristo!’ ou: ‘Ali está ele!’, não acreditem. Pois aparecerão falsos cristos e falsos profetas que realizarão grandes sinais e maravilhas para, se possível, enganar até os eleitos. Vejam que eu os avisei antecipadamente. Assim, se alguém disser: ‘Ele está lá, no deserto!’, não saiam; ou: ‘Ali está ele, dentro da casa!’, não acreditem. Porque assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem. Onde houver um cadáver, aí se juntarão os abutres. Imediatamente após a tribulação daqueles dias o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu, e os poderes celestes serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com grande som de trombeta, e estes reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. Aprendam a lição da figueira: quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está próximo. Assim também, quando virem todas estas coisas, saibam que ele está próximo, às portas. Eu asseguro a vocês que não passará esta geração até que todas estas coisas aconteçam. Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão. (*Mateus 24:4-35, “Nova Versão Internacional”*).

O que, então, devemos fazer com essa profecia? Nosso primeiro objetivo é reconhecer o que Jesus está discutindo. No relato em Mateus, a discussão começa da seguinte maneira, em Mateus 24:1-3:

Jesus saiu do templo e, enquanto caminhava, seus discípulos aproximaram-se dele para lhe mostrar as construções do templo. “Vocês estão vendo tudo isto?”, perguntou ele. “Eu garanto que não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas.” Tendo Jesus se assentado no monte das Oliveiras, os discípulos dirigiram-se a ele em particular e disseram: “Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?” (*Mateus 24:1-3, “Nova Versão Internacional”*).

Os discípulos fazem duas perguntas a Jesus: quando e com que sinais o templo será destruído, e a natureza do fim do mundo. Como podemos ter certeza de que essas são as duas perguntas? Observamos a passagem paralela em Marcos 13:1-4:

Quando ele estava saindo do templo, um de seus discípulos lhe disse: “Olha, Mestre! Que pedras enormes! Que construções magníficas!” “Você está vendo todas estas grandes construções?”, perguntou Jesus. “Aqui não ficará pedra sobre pedra; serão todas derrubadas.” Tendo Jesus se assentado no monte das Oliveiras, de frente para o templo, Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular: “Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal de que tudo isso está prestes a cumprir-se?” (*Marcos 13:1-4, “Nova Versão Internacional”*).

O resto da passagem em Marcos 13:5-31 é quase exatamente paralelo a Mateus 24:4-35. O mesmo é verdade para o relato em Lucas, Lucas 21:5-33. Os pré-milenaristas focam na última pergunta em Mateus sobre o “fim dos tempos”, mas nada do tipo é mencionado em Marcos e Lucas! Portanto, podemos concluir pela evidência textual que as questões relativas a Jesus e os sinais da destruição do templo compreendem Mateus 24:1-35, e quando examinamos os relatos históricos da destruição de Jerusalém, especialmente de Josefo, constatamos o cumprimento dessas profecias. Jesus discute a preparação para as provações vindouras em 70 d.C. e, no futuro, para seu retorno em Mateus 24:36-25:30, e nos dá um quadro completo do julgamento final em Mateus 25:31-46. Isso é muito diferente da imagem retratada no pré-milenarismo!

Essas coisas demonstram claramente o erro do pré-milenarismo: a tribulação, o testemunho do evangelho a todo o mundo e os falsos cristos pertencem a 33-70 d.C. Além disso, a “abominação da desolação” ou “sacrilégio terrível” de Daniel 9: 24-27 se cumpre nesse evento. Portanto, a “uma semana” de Daniel 9:27 não é o anticristo assinando um pacto com Israel, nem o templo precisa ser reconstruído no futuro. Portanto, toda a estrutura do ponto de vista pré-milenarista não tem base em fatos bíblicos.

4.11.16. 2 TESSALONICENSES 2: HOMEM DA INIQUIDADE

Os pré-milenaristas também usam 2 Tessalonicenses 2 para representar os feitos do anticristo, descrito por Paulo como o “homem da iniquidade” ou “homem do pecado” (LaHaye, Tim, *“Revelation Unveiled”*, p. 210, 215). Vamos examinar o texto, 2 Tessalonicenses 2:1-12:

Irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão facilmente, quer por profecia, quer por palavra, quer por carta supostamente vinda de nós, como se o dia do Senhor já tivesse chegado. Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição. Este se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, chegando até a assentar-se no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus. Não se lembram de que, quando eu ainda estava com vocês, costumava falar essas coisas? E agora vocês sabem o que o está detendo, para que ele seja revelado no seu devido tempo. A verdade é que o mistério da iniquidade já está em ação, restando apenas que seja afastado aquele que agora o detém. Então será revelado o perverso, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá pela manifestação de sua vinda. A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras. Ele fará uso de todas as formas de engano da injustiça para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. Por essa razão Deus lhes envia um poder sedutor, a fim de que creiam na mentira e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça. (2 Tessalonicenses 2:1-12, *“Nova Versão Internacional”*).

Será que Paulo está falando do futuro anticristo nessa passagem? Ele afirmou que o “mistério da iniquidade”, uma característica do “homem da iniquidade”, já estava em ação no primeiro século (2 Tessalonicenses 2:7). Os tessalonicenses do primeiro século já sabiam qual era o poder que estava restringindo a manifestação do “homem da iniquidade” (2 Tessalonicenses 2:6). O apóstolo João explicou que o anticristo saiu do meio dos cristãos, sendo um apóstata (1 João 2:18-19), e que tal indivíduo já estava presente no mundo na época em que 1 João foi escrito (1 João 4:3), ou seja, se o “homem da iniquidade” for a mesma pessoa que o anticristo, já estava presente no primeiro século, embora ainda não revelado. Essas considerações eliminam claramente qualquer candidato a homem da iniquidade que surja durante a era moderna. Além disso, é difícil acreditar que o homem ainda não tenha sido revelado depois de mais de 1.900 anos.

4.11.17. APOCALIPSE: PEDRA ANGULAR DA PROFECIA

A revelação de Jesus Cristo ao apóstolo João é o texto principal e fundamental usado por aqueles que defendem o pré-milenarismo. Nosso objetivo não é examinar todos os diferentes sinais e visões no Apocalipse e examinar as várias interpretações deles. É necessário, no entanto, examinar partes do Apocalipse para que possamos avaliar seu significado com exatidão.

O Apocalipse começa com as seguintes palavras em Apocalipse 1:1-3:

Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João, que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo. Feliz aquele que lê as palavras desta profecia e felizes aqueles que ouvem e guardam o que nela está escrito, porque o tempo está próximo. (Apocalipse 1:1-3, *“Nova Versão Internacional”*).

O Apocalipse também termina com uma nota similar em Apocalipse 22:6-7,12,20:

O anjo me disse: “Estas palavras são dignas de confiança e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.” “Eis que venho em breve! Feliz é aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.” (Apocalipse 22:6-7, *“Nova Versão Internacional”*).

Eis que venho em breve! A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez. (Apocalipse 22:12, *“Nova Versão Internacional”*).

Aquele que dá testemunho destas coisas diz: “Sim, venho em breve!” Amém. Vem, Senhor Jesus! (Apocalipse 22:20, *“Nova Versão Internacional”*).

Aqui temos a declaração, cinco vezes, de que as coisas discutidas no Apocalipse “aconteceriam em breve”. Pode-se questionar o quão “curto” o tempo deve ser para ser qualificado como “breve”, porém, de acordo com o pré-milenarismo, o tempo ainda não chegou para essas coisas começarem. É muito difícil acreditar que mais de 2.000 anos podem ser considerados um tempo “curto”. A ideia de que o Apocalipse começaria em breve coincide com uma compreensão mais histórica do Apocalipse.

Apocalipse 22:10 disse “não se le as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo”. O anjo deu uma instrução e uma explicação interessantes: a ordem de não selar a mensagem oferece um contraste forte com a instrução que Daniel teve para selar a profecia a respeito de reinos helenistas que viriam menos de 400 anos depois dele. Daniel é um livro que usa o mesmo tipo de linguagem que Apocalipse. Observe Daniel 8:26: “A visão das tardes e das manhãs que você recebeu é verdadeira; se le porém a visão, pois refere-se ao futuro distante.” A visão de Daniel falou do futuro distante, e, por isso, foi preservada ou selada. O Apocalipse, porém, falou de coisas que iam acontecer logo depois de João receber as visões. Esse contraste apoia fortemente a interpretação dos termos temporais em questão serem entendidos como brevidade de tempo. Se menos de 400 anos foram dias “bem distantes”, os dias próximos e as coisas que iam acontecer em breve do ponto de vista de João não poderiam vir muitos anos depois.

Um problema fundamental com a visão pré-milenarista do Apocalipse envolve sua colocação no Novo Testamento. Parece, pela maneira como os pré-milenaristas o interpretam, que o Apocalipse se destaca em marcante contraste com o resto dos escritos inspirados. Devemos realmente acreditar que o humilde salvador do mundo, o qual se esforçou para promover a paz e o bem, tanto durante o seu ministério terreno como depois (conforme Mateus 5:21-58; Romanos 12:14-21), tão repentinamente aja como um governante despótico?

Quando tal ponto de vista retrata o Apocalipse inteiramente à parte do resto do Novo Testamento, devemos fazer uma pausa para análise. Mais revelador é que, em Apocalipse, Jesus é referido como o “Cordeiro” na maior parte do livro, representado como o “Leão de Judá” apenas uma vez (Apocalipse 5:5, conforme Apocalipse 5:6). Uma história de grande violência corresponde à imagem de Jesus como o Cordeiro de Deus? Qualquer leitura provável do Apocalipse complementar a resto do Novo Testamento, e não se posicionará de forma contrária a ele. João está escrevendo sobre as revelações que Jesus deu a ele para enviar às sete igrejas da Ásia Menor no final do primeiro século. Para entender verdadeiramente o Apocalipse no contexto, então, devemos procurar entender como a visão proporcionaria conforto e compreensão aos cristãos perseguidos do primeiro século. Quando vista sob essa luz, a interpretação pré-milenarista cai por terra.

Existem muitas outras dificuldades com a visão pré-milenarista do Apocalipse. Vamos falar a seguir sobre as sete igrejas, a Igreja no Apocalipse, e a interpretação futurista.

As sete igrejas: muitos pré-milenaristas acreditam que as sete igrejas do Apocalipse se referem a essas igrejas e também a “sete períodos” da história da igreja. Eles acreditam que a “Era de Éfeso” foi de 30-100 d.C., “Esmirna” de 100-312 d.C., “Pérgamo” de 312-606 d.C., “Tiatira” de 606 d.C. ao presente, “Sardes” de 1520 d.C. ao presente, “Filadélfia” de 1750 d.C. ao presente, e “Laodiceia” de 1900 d.C. ao presente (*LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, p. 24, 35-36*). Eles acreditam que os elogios e as condenações a cada igreja também representam uma parte da história da Igreja, os pontos positivos e negativos de cada era (*LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, p. 24, 35-36*).

Essa filosofia está em desacordo com a toda a crença do pré-milenarismo, isto é, que as Escrituras devem ser lidas em seu nível literal. Além disso, embora a conexão possa ser feita de maneira geral, ela não pode se sustentar completamente: quem quer declarar que as igrejas de Tessalônica e Filipos “deixaram seu primeiro amor” porque estavam na era de Éfeso? Não é bastante conveniente que a era da igreja de Filadélfia aconteceu a coincidir com o movimento evangélico? Se os períodos fossem tão bem determinados, por que os quatro últimos ainda existem?

No final, devemos considerar que há aplicações das “sete igrejas” além das sete igrejas específicas mencionadas. Já dissemos que o número sete representa a completude divina. Faz muito mais sentido dizer que as situações dentro das sete igrejas são situações com as quais as igrejas vão lidar. Se examinarmos honestamente qualquer congregação, seremos capazes de colocá-la no contexto de alguma das sete igrejas para as quais João

escreveu. Mas ir além e ditar que as sete igrejas representem períodos históricos é muito subjetivo e é uma demonstração de exegese ruim.

A Igreja em Apocalipse: os pré-milenaristas tentam apoiar sua teoria sobre o arrebatamento, discutida [a seguir](#), mostrando que a Igreja nunca é mencionada no Livro de Apocalipse após o capítulo 3 (LaHaye, Tim, "Revelation Unveiled", p. 100). Correspondendo a isso, dizem então que a nação judaica está em discussão pelo resto do livro devido ao uso extensivo de termos referentes aos judeus (LaHaye, Tim, "Revelation Unveiled", p. 100). Será que essa afirmação é válida?

Ao examinar o Novo Testamento, frequentemente constataremos a linguagem que uma vez foi usada para se referir aos judeus redefinida para se referir aos cristãos. Observamos isso em Tiago 1:1:

Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos dispersas entre as nações: saudações. (Tiago 1:1, "Nova Versão Internacional").

Diremos que Tiago está se dirigindo aos judeus e que todo o livro não tem valor para os cristãos? De jeito nenhum! Ele usa a linguagem do "povo escolhido" na época do Antigo Testamento para se referir ao "povo escolhido" de seu tempo (o Novo Testamento), isto é, cristãos. Temos ainda Romanos 2:28-29 e Filipenses 3:3:

Não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é meramente exterior e física. Não! Judeu é quem o é interiormente, e circuncisão é a operada no coração, pelo Espírito, e não pela Lei escrita. Para estes o louvor não provém dos homens, mas de Deus. (Romanos 2:28-29, "Nova Versão Internacional").

Pois nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos pelo Espírito de Deus, que nos gloriamos em Cristo Jesus e não temos confiança alguma na carne, (Filipenses 3:3, "Nova Versão Internacional").

Paulo aqui mostra que cristãos são parte do povo escolhido de Deus, a "verdadeira circuncisão" (conforme também Gálatas 4:21-31; 6:16) e, portanto, são como "judeus" ou "Israel".

Portanto, podemos verificar claramente que o Apocalipse pode falar da Igreja e seus membros usando a linguagem que antes se referia ao Israel físico e que passou a se referir ao Israel espiritual, a Igreja. A aliança de Deus com o Israel físico terminou irreparavelmente com a destruição de Jerusalém em 70 d.C., tendo em vista em Daniel 9:24-27. Sua aliança é com aqueles que invocam o nome de seu Filho.

Interpretação futurista: os pré-milenaristas acreditam que todos os eventos do Apocalipse ocorrerão no futuro (LaHaye, Tim, "Revelation Unveiled", p. 30). Eles baseiam isso em Apocalipse 1:19:

Escreva, pois, as coisas que você viu, tanto as presentes como as que acontecerão. (Apocalipse 1:19, "Nova Versão Internacional").

João certamente recebeu a ordem de escrever o seguinte:

- "As coisas que você viu": a revelação até aquele momento: os candelabros e o Cristo;
- "As [coisas] presentes": a situação das sete igrejas na Ásia, a realidade presente até aquele momento;
- "As [coisas] que acontecerão": os eventos do futuro.

A questão deve ser, portanto, quando ocorrem as coisas "que acontecerão"? A única resposta possível são os acontecimentos que João registrou após ter registrado as coisas presentes. Como examinamos acima, os eventos do Apocalipse "aconteceriam em breve". Portanto, é mais viável examinar o texto do Apocalipse como uma cadeia de eventos que começou pouco depois de João escrever o livro.

O Livro do Apocalipse, portanto, não apoia as principais doutrinas pré-milenaristas.

4.11.18. A RESSURREIÇÃO

O pré-milenarismo ensina que haverá três ressurreições para os fiéis: uma para os santos da “era da igreja”, uma para os santos do Antigo Testamento, e outra para os “santos da tribulação”. Os incrédulos terão uma ressurreição para juízo.

A primeira ressurreição do sistema pré-milenarista seria para os santos da “era da Igreja”, os quais seriam arrebatados de acordo com 1 Tessalonicenses 4:13-18 (*LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, p. 325*):

Irmãos, não queremos que vocês sejam ignorantes quanto aos que dormem, para que não se entristeçam como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, cremos também que Deus trará, mediante Jesus e com ele, aqueles que nele dormiram. Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor, que nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos até a vinda do Senhor, certamente não precederemos os que dormem. Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre. Consolem-se uns aos outros com essas palavras. (*1 Tessalonicenses 4:13-18, “Nova Versão Internacional”*).

A segunda ressurreição do sistema pré-milenarista seria para os santos do Antigo Testamento, de acordo com Daniel 12:1-2 (*LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, p. 325*):

Naquela ocasião Miguel, o grande príncipe que protege o seu povo, se levantará. Haverá um tempo de angústia como nunca houve desde o início das nações até então. Mas naquela ocasião o seu povo, todo aquele cujo nome está escrito no livro, será liberto. Multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno. Aqueles que são sábios reluzirão como o fulgor do céu, e aqueles que conduzem muitos à justiça serão como as estrelas, para todo o sempre. (*Daniel 12:1-3, “Nova Versão Internacional”*).

No sistema pré-milenarista, a ressurreição final para os fiéis, e terceira do sistema, seria para os “santos da tribulação”, a qual é inferida de Apocalipse 6:9-11; 20:4. Nessas passagens, supostamente esses “santos” são informados para esperar a ressurreição, mas são ressuscitados antes do milênio (*LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, p. 326*).

Além disso, há uma nova distinção feita com as ressurreições que se seguem da “tribulação”: a ressurreição dos fiéis e a ressurreição dos incrédulos, chamadas de a “primeira ressurreição” e a “segunda ressurreição” no Livro de Apocalipse, mas correspondendo à terceira e quarta ressurreição do sistema pré-milenarista. Essa “segunda ressurreição” do Livro de Apocalipse, a ressurreição dos incrédulos para juízo e quarta do sistema, é encontrada em Apocalipse 20:7-15 (*LaHaye, Tim, “Revelation Unveiled”, p. 328*):

Quando terminarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha. Seu número é como a areia do mar. As nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu e as devorou. O Diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre. Depois vi um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles. Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos. Outro livro foi aberto, o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros. O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito. Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte. Aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida foram lançados no lago de fogo. (*Apocalipse 20:7-15, “Nova Versão Internacional”*).

Será que esses ensinamentos sobre tantas ressurreições estão de acordo com as Escrituras?

O Novo Testamento, na verdade, apresenta a visão de que haverá apenas uma ressurreição tanto para justos quanto para injustos, a qual é um único evento descrito por 1 Tessalonicenses 4:13-18 e outros textos, como João 5:28-29 e Atos 24:15:

Não fiquem admirados com isto, pois está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados. (João 5:28-29, "Nova Versão Internacional").

e tenho em Deus a mesma esperança desses homens: de que haverá ressurreição tanto de justos como de injustos. (Atos 24:15, "Nova Versão Internacional").

Temos mais evidências em 1 Coríntios 15:51-53:

Eis que eu digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal se revista de imortalidade. (1 Coríntios 15:51-53, "Nova Versão Internacional").

De acordo com essas passagens, há apenas uma ressurreição, a qual ocorre quando Cristo retornar. Esse é o "arrebato" bíblico: a transformação do corpo corruptível em incorruptível. Os mortos todos serão ressuscitados, aqueles que estiverem vivos quando Cristo vier nos céus serão transformados, e o julgamento se segue.

O sistema pré-milenarista interpreta mal a ressurreição em Daniel 12:1-2. Ela é uma profecia que informa que "muitos"/"multidões", em vez de "todos", se erguerão. Na ressurreição dos mortos do Novo Testamento, todos os mortos sairão dos túmulos ao ouvirem a voz de Jesus (João 5:28-29; Atos 24:15). Além disso, a ressurreição referida na profecia de Daniel é ligada com Daniel 12:10, onde os "muitos"/"multidões" que são purificados são contrastados com os ímpios que continuam a proceder impiamente. Daniel 12:2 foi cumprido na ressurreição espiritual daqueles que aceitaram Cristo (João 5:25), isto é, ainda que uma pessoa esteja fisicamente viva, se não está em Cristo, é contada como espiritualmente morta – nesse sentido, os convertidos a Deus já estão "ressurretos". No entanto, alguns daqueles que aceitaram a Cristo (aqueles que "ressuscitaram") acabam abandonando a fé e retornam à vergonha e desprezo eternos, enquanto os fiéis permanecem em Cristo e chegam à vida eterna.

Não há Escrituras que falam da "ressurreição" dos "santos da tribulação". Isso é inferido pelo pré-milenarismo da "evidência" dentro do Apocalipse. Constatamos em Mateus 24:1-35 que a tribulação de que falam os pré-milenaristas não está nem sequer colocada no tempo apropriado (ela aconteceu no primeiro século, tratando-se dos eventos que levaram à destruição de Jerusalém e do templo).

Como se pode dizer que haverá ressurreições separadas de justos e injustos quando Jesus diz claramente que virá a "hora" em que os bons terão a "ressurreição da vida" e os maus terão a "ressurreição do juízo", isto é, no mesmo momento da vinda de Cristo, quando ele fizer ouvida a sua voz aos mortos (João 5:28-29)? O apóstolo Paulo fala da ressurreição de justos e injustos no singular (Atos 24:15) e uma só ressurreição com a transformação do corpo (1 Coríntios 15:51-53).

A "primeira ressurreição" mencionada no Apocalipse significa que os fiéis em Cristo que morreram estão em comunhão com o Senhor no céu. Não é a ressurreição dos mortos na segunda vinda de Cristo, mas os fiéis fisicamente mortos são contados como vivos e considerados ressuscitados por estarem em proximidade com Deus no céu e por estarem reinando com Cristo. A "segunda ressurreição" mencionada no Apocalipse corresponde à ressurreição dos mortos mencionada no Novo Testamento, a qual é seguida pelo julgamento.

O conceito de três ressurreições para fiéis e uma para incrédulos não está em harmonia com os ensinamentos das Escrituras.

4.11.19. O JULGAMENTO

O pré-milenarismo ensina que existem três julgamentos. O primeiro vem no arrebato, quando Cristo julgará aqueles que foram arrebatados de acordo com 2 Coríntios 5:10 (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, "Are We Living in the End Times?", p. 102):

Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más. (1 Coríntios 15:51-53, “Nova Versão Internacional”).

A doutrina pré-milenarista declara que o segundo julgamento é o julgamento de Cristo das nações no “glorioso aparecimento”, o qual é dito como sendo encontrado em Mateus 25:31-46 (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”, p. 103):

Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, ele se assentará em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que foi preparado para vocês desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim; estive preso, e vocês me visitaram.” Então os justos lhe responderão: “Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?” O Rei responderá: “Digo a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram.” Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: “Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram.” Eles também responderão: “Senhor, quando te vimos com fome ou com sede ou estrangeiro ou necessitado de roupas ou enfermo ou preso, e não te ajudamos?” Ele responderá: “Digo a verdade: o que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo.” E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna.” (Mateus 25:31-46, “Nova Versão Internacional”).

O terceiro e último julgamento é para os incrédulos, supostamente de acordo com Apocalipse 20:11-15 (LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, “Are We Living in the End Times?”, p. 250):

Depois vi um grande trono branco e aquele que nele estava assentado. A terra e o céu fugiram da sua presença, e não se encontrou lugar para eles. Vi também os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e livros foram abertos. Outro livro foi aberto, o livro da vida. Os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros. O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e cada um foi julgado de acordo com o que tinha feito. Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. O lago de fogo é a segunda morte. Aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida foram lançados no lago de fogo. (Apocalipse 20:11-15, “Nova Versão Internacional”).

Haverá três julgamentos? Vamos examinar as Escrituras.

O conceito de três julgamentos é necessário devido às “quatro ressurreições” do sistema pré-milenarista. Os três textos citados (2 Coríntios 5:10; Mateus 25:31-46; Apocalipse 20:11-15) representam, na verdade, um único julgamento.

Em 2 Coríntios 5:10, no juízo, “todos” serão recompensados por suas obras no corpo. A palavra “nós” não significa “nós, cristãos”, mas “nós, seres humanos”, especialmente quando levado em conta que Jesus faz o mesmo tipo de declaração em Mateus 16:27:

Pois o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um de acordo com o que tenha feito. (Mateus 16:27, “Nova Versão Internacional”).

Em Mateus 25:31-46, temos o texto definitivo do juízo. Cristo está literalmente julgando as nações ou está julgando os membros de todas as nações? No próprio texto, a qualificação de justiça versus injustiça é a ajuda dos necessitados: isso é feito coletivamente ou individualmente? Cristo diz em Mateus 16:27 que todo homem será julgado de acordo com suas obras. Mateus 25:31-46 está em completa harmonia com isso. Cristo, de fato, julgará todo homem de acordo com suas obras. O fato de que ele reunirá todas as nações demonstra claramente que há um julgamento, não muitos julgamentos.

Apocalipse 20:11-15 pode ser compreendido como bastante semelhante à cena em Mateus 25:31-46, com o livro da vida representando o julgamento de Cristo. O próprio texto diz que cada um foi julgado segundo as suas obras (Apocalipse 20:13), a mesma linguagem de Mateus 16:27. A linguagem de Apocalipse 20:15 deve ser observada também: o fato é que se trata de uma condição (se o nome de alguém não foi encontrado no livro da vida, foi jogado no lago de fogo), não é causal (uma vez que seus nomes não foram encontrados no livro da vida, foram jogados no lago de fogo). Se esse julgamento é para condenar todos os incrédulos, e apenas incrédulos, por que a condicional é usada? Isso não é consistente com a evidência textual.

Também nos é dito o seguinte sobre o julgamento em Atos 17:30-31 e 2 Pedro 3:9-11:

No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos. (*Atos 17:30-31, "Nova Versão Internacional"*).

O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento. O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, (*2 Pedro 3:9-11, "Nova Versão Internacional"*).

Essas passagens também apontam claramente para um julgamento singular, em um dia, no qual todos serão julgados de acordo com seus atos, e a terra e os céus serão destruídos.

Como não há necessidade de quatro ressurreições, não há necessidade de três julgamentos. Se o "arrebatamento" e a "aparição gloriosa" são realmente parte do mesmo evento, o retorno de Cristo para julgar o mundo, simplesmente não há necessidade de mais de um julgamento. 2 Coríntios 5:10, Mateus 25:31-46 e Apocalipse 20:11-15, e muitas outras passagens, referem-se ao mesmo evento.

4.11.20. A NATUREZA DO REINO DE CRISTO

O princípio fundamental do pré-milenarismo, conforme exibido em seu nome, é a crença no reinado de 1.000 anos de Cristo na terra. Essa crença é baseada na leitura de Apocalipse 20:1-6 (*LaHaye, Tim & Jenkins, Jerry, "Are We Living in the End Times?", pp. 235-236*):

Vi descer dos céus um anjo que trazia na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos; lançou-o no Abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações, até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo. Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos. (O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos.) Esta é a primeira ressurreição. Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele durante mil anos. (*Apocalipse 20:1-6, "Nova Versão Internacional"*).

Isso significa que Cristo retornará à terra e governará por mil anos? Vamos examinar o corpo completo das Escrituras para verificar se é assim.

Cristo falou muito sobre seu reino. Quase todas as parábolas que falou se relacionavam com seu reino. Ele falou sobre sua existência, natureza e inauguração. Ouvimos sobre esse reino em Lucas 17:20-21:

Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: "O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: 'Aqui está ele', ou 'Lá está'; porque o Reino de Deus está no meio de vocês." (*Lucas 17:20-21, "Nova Versão Internacional"*).

Somos informados mais sobre esse reino em João 18:36:

Disse Jesus: “O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui.” (João 18:36, “Nova Versão Internacional”).

A expressão “Mas agora” não significa “Meu reino não é deste mundo agora, mas será no futuro”, como se Cristo estivesse prometendo um “milênio”. Trata-se de uma cláusula lógica, e não temporal (como em João 8:40; 9:41; 15:22; João 15:24), isto é, significa “mas, uma vez que é assim, meu reino não é daqui”.

O reino é falado em termos de uma realidade já presente em Colossenses 1:13:

Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, (Colossenses 1:13, “Nova Versão Internacional”).

Esse é o mesmo reino profetizado por Daniel em Daniel 2:44; 7:14:

Na época desses reis, o Deus dos céus estabelecerá um reino que jamais será destruído e que nunca será dominado por nenhum outro povo. Destruirá todos os reinos daqueles reis e os exterminará, mas esse reino durará para sempre. (Daniel 2:44, “Nova Versão Internacional”).

Ele recebeu autoridade, glória e o reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído. (Daniel 2:44, “Nova Versão Internacional”).

Esse reino foi instituído no dia de Pentecostes, profetizado por Joel em Joel 2:28-32 e confirmado por Pedro em Atos 2:17-21:

“Nos últimos dias”, diz Deus, “derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão. Mostrarei maravilhas em cima, no céu, e sinais em baixo, na terra: sangue, fogo e nuvens de fumaça. O sol se tornará em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo!” (Atos 2:17-21, “Nova Versão Internacional”).

Podemos notar claramente a natureza desse reino: é espiritual, é eterno e existe hoje. Em certo sentido, é claro, a plenitude do reino ainda não está presente, uma vez que Cristo ainda não voltou em julgamento e ainda não devolveu o governo ao Pai (conforme 1 Coríntios 15:20-28), mas esse aspecto futuro do reino não necessita, de forma alguma, da visão pré-milenarista. Além disso, como um reino descrito como “eterno” pode ser interpretado para se adequar a um período de 1.000 anos? A única conclusão que podemos chegar, com as Escrituras nos apoiando, é que os 1.000 anos de Apocalipse 20:1-6 se referem a um período simbólico de tempo considerável. A concretização do reino está próxima no sentido de que a única coisa que resta a ser feita é o julgamento final de Deus para todos os homens, fiéis e incrédulos juntos, a separação final do trigo e do joio, o primeiro entrando na vida eterna e o último no castigo eterno. A verdade sobre o “milênio” e o “fim dos tempos” é que já estamos no “milênio” e no “fim dos tempos”, e não sabemos quando Jesus voltará para julgar o mundo. Isso ilustra o perigo real do pré-milenarismo: muitos são enganados para pensar que existirão chances futuras no período de “tribulação” e que serão vistos sinais para a segunda vinda de Cristo, embora ele tenha demonstrado claramente que, em seu retorno, não haverá sinal algum e nem chance alguma, o que é expresso claramente em Mateus 25:1-12:

O Reino dos céus será, pois, semelhante a dez virgens que pegaram suas candeias e saíram para encontrar-se com o noivo. Cinco delas eram insensatas, e cinco eram prudentes. As insensatas pegaram suas candeias, mas não levaram óleo. As prudentes, porém, levaram óleo em vasilhas, junto com suas candeias. O noivo demorou a chegar, e todas ficaram com sono e adormeceram. À meia-noite, ouviu-se um grito: “O noivo se aproxima! Saíam para encontrá-lo!” Então todas as virgens acordaram e prepararam suas candeias. As insensatas disseram às prudentes: “Deem-nos um pouco do seu óleo, pois as nossas candeias estão se apagando.” Elas responderam: “Não, pois pode ser que não haja o suficiente para nós e para vocês. Vão comprar óleo para vocês.” E saindo elas para comprar o óleo, chegou o noivo. As virgens que estavam preparadas entraram com ele para o banquete nupcial. E a porta foi fechada. Mais tarde vieram também as outras e disseram: “Senhor! Senhor! Abra a porta para nós!” Mas ele respondeu: “A verdade é que não as conheço!” Portanto, vigiem, porque vocês não sabem o dia nem a hora! (Mateus 25:1-12, “Nova Versão Internacional”).

Sejamos constantemente diligentes em nosso serviço a Deus, esperando o retorno de Cristo a qualquer momento (1 Tessalonicenses 5:1-10).

4.12. IGREJA CRISTÃ (DISCÍPULOS DE CRISTO)

A Igreja Cristã (Discípulos de Cristo) foi a combinação de duas igrejas separadas do “movimento de restauração”: a Igreja Cristã e os Discípulos de Cristo. O movimento de restauração foi estabelecido no final do século 18 d.C. Seus membros que deixaram o maior impacto vieram na década de 1820 d.C. com Barton Stone, Thomas e Alexander Campbell, e Walter Scott, todos presbiterianos que desejavam “restaurar” os princípios do cristianismo como encontrados no Novo Testamento. Barton Stone acreditava que era necessário haver unidade na fé, desejando se livrar das atitudes denominacionais de sua época. Ele organizou seu grupo de crentes como a Igreja Cristã. Enquanto isso, Thomas e Alexander Campbell, pai e filho, também desejavam retornar a um cristianismo mais unificado, sem credos ou clero. Eles acreditavam que o batismo precisava ser feito para adultos por imersão, e que a Ceia do Senhor deveria ser servida semanalmente. Eles chamaram aqueles dentro de seu grupo de Discípulos de Cristo, e chamaram suas congregações de igrejas de Cristo. Em 1832 d.C., os dois grupos se fundiram. A Igreja Cristã (Discípulos de Cristo) foi conhecida por suas posições sobre o batismo e a Ceia do Senhor, e estava próxima da igreja do Novo Testamento, mas infelizmente esteve aquém.

4.12.1. VARIANTES DA IGREJA CRISTÃ (DISCÍPULOS DE CRISTO)

O movimento de restauração se dividiu pela primeira vez na segunda metade do século 19 d.C. a respeito do uso de “sociedades missionárias” e outras formas de organizações paraeclesiais. Muitas “igrejas cristãs independentes” nessa época tornaram-se distintas da Igreja Cristã (Discípulos de Cristo). Outra divisão ocorreu no final do século 19 d.C., pois muitos reconheceram a necessidade de ir mais longe e retirar os instrumentos musicais do prédio da igreja (entre outras coisas) e voltar para a igreja do Novo Testamento. Eles assumiram o nome de “Igreja de Cristo”, encontrando uma designação para a igreja que estava presente nas Escrituras. Muitos têm argumentado que a Igreja de Cristo é uma denominação que começou nessa época. Pode-se argumentar, porém, que a Igreja de Cristo não tem sua origem no movimento de restauração, mas existiu ao longo da história. Muitos tinham acabado de descobrir as verdades das Escrituras no final do século 19 d.C. e praticaram o cristianismo como encontrado no Novo Testamento.

Desde o século 19 d.C., os membros das igrejas de Cristo têm se dividido sobre muitos assuntos, todos eles relacionados às tendências denominacionais: dar benevolência a não cristãos, usar música instrumental no culto de adoração, uma crescente aceitação do sistema de crença evangélico, entre outros. É nossa esperança que todos os membros da Igreja de Cristo voltem aos ensinamentos do Novo Testamento.

4.12.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Ecumenismo](#);
- [Fundamentalismo](#);
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): contendas desnecessárias sobre [o nome em que alguém deve ser batizado](#) (disputado);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#) e/ou o [arranjo de igreja patrocinadora](#);

- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais](#), [centros de educação](#), [cozinhas e salões para companheirismo](#) e [ginásios e academias](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento](#), [Natal](#), [Domingo de Ramos](#), [Sexta-Feira Santa](#), [Páscoa](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a “[lei moral](#)” e [dízimos](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro na permissão de [pastoras](#), [diaconisas](#) e [evangelistas femininas](#) na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos](#), [conselhos](#), [convenções](#) e [outras reuniões como essas](#).

4.12.3. A FIDELIDADE DE UMA IGREJA DE CRISTO

A fidelidade de uma igreja de Cristo em relação às Escrituras deve ser avaliada em um nível de congregação individual. É possível que uma igreja local possa apresentar influências dos movimentos que têm afetado a “cristandade” e, também, problemas doutrinários ou práticas questionáveis diante das Escrituras. Algumas igrejas chegam a ponto de agir praticamente como as denominações. Há, no entanto, igrejas de Cristo que praticam o cristianismo conforme o Novo Testamento.

4.13. MORMONISMO (IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS)

O mormonismo (oficialmente a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) se originou com Joseph Smith Jr. em Nova York, em 1830 d.C. Ele afirmou que teve uma visão de Deus e foi instruído por “seres exaltados” a encontrar e traduzir placas contendo registros de um povo antigo. Essa tradução se tornou conhecida como o Livro de Mórmon, o qual Smith começou a distribuir como “outro testamento de Jesus Cristo”. O mormonismo começou a crescer e se desenvolver continuamente com supostas revelações contínuas dadas a Joseph Smith, muitas das quais foram apresentadas na forma escrita em Doutrina e Convênios. Quando Smith foi morto em 1844 d.C., a liderança da igreja foi passada para Brigham Young, o qual seria responsável por mover uma grande parte dos mórmons para o que hoje é o estado de Utah. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é conhecida por seu sistema de autoridade de sacerdócio, revelação contínua e um sistema de serviços bastante judaico.

4.13.1. VARIANTES DO MORMONISMO

Houve algumas divisões dentro do mormonismo, a mais significativa ocorreu em 1852 d.C. em Beloit, Wisconsin, quando muitos mórmons decidiram se separar daqueles sob a liderança de Brigham Young em favor da ascensão de Joseph Smith III, pois sentiam que Young estava movendo a igreja em uma direção diferente daquela encontrada no Livro de Mórmon e em Doutrina e Convênios. Esse grupo se tornou conhecido como Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e, mais recentemente, mudou seu nome oficial para Comunidade de Cristo. Existem também três outros grupos dissidentes: a Igreja de Cristo (Lote do Templo), que se separou da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias logo após a morte de Smith pelos mesmos motivos que a Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; a Igreja de Jesus Cristo (Bickertonitas), consistindo de alguns mórmons da Pensilvânia que falaram contra os ensinamentos de Young sobre a poligamia e se recusaram a marchar para o oeste (o nome vem de Bickerton, um dos anciãos desse grupo); e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Strangite), um grupo em 1844 d.C. que afirmava que James Strang era o sucessor de Joseph Smith Jr., e seguiu suas revelações e traduções de outras placas.

Muitos outros grupos sectários menores se desenvolveram, principalmente na área de Utah, muitos dos quais seguem um líder persuasivo e que tentam restaurar as práticas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias do século 19 d.C.

4.13.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Ortodoxia oriental](#): erro ao acreditar que humanos podem se tornar deuses, como no caso do mau entendimento do que é a [teose](#).
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [pré-milenarismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#); erro na prática de [batismo pelos mortos](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Natal, Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa, Páscoa](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#); erro em constituir [sacerdotes](#); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#).

Influências de denominações antigas:

- Os [judaizantes](#).

4.13.3. AS ESCRITURAS MÓRMONS

Três livros de “escrituras” que foram ou escritos ou traduzidos por Joseph Smith Jr. representam a autoridade primária para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. São eles o “Livro de Mórmon”, “Doutrina e Convênios” e “Pérola de Grande Valor”.

O Livro de Mórmon pretende ser a história de uma porção da tribo de José que viajou para a América em 600 a.C., até que o remanescente final desse grupo morreu por volta de 400 d.C. Esse livro contém supostamente “outro testamento” de Jesus Cristo com profecias e mandamentos supostamente feitos por ele.

Doutrina e Convênios (o título completo é “A Doutrina e Convênios da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias”) é um livro que contém as alegadas revelações de Deus a Joseph Smith entre 1831 e 1843 d.C. junto com algumas revelações de posteriores líderes da igreja.

Pérola de Grande Valor é uma coleção de outras obras consideradas inspiradas para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, incluindo partes da Bíblia traduzidas por Joseph Smith, uma parte de sua “História da Igreja” e o “Livro de Abraão”, o qual afirma ser a tradução de alguns papíros que Smith encontrou a respeito de Abraão e suas relações com os egípcios.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias também afirma a validade de alguns dos outros textos escritos desde o tempo de Smith até os dias atuais, mas as únicas fontes que ela acredita serem completamente inspiradas são essas três.

Porém, tais obras não devem ser rejeitadas apenas por não fazerem parte das Escrituras: elas falham ao serem examinadas de acordo com o critério que o apóstolo Paulo revelou em Gálatas 1:6-9:

Estou muito surpreso em ver que vocês estão passando tão depressa daquele que os chamou na graça de Cristo para outro evangelho, o qual, na verdade, não é outro. Porém, há alguns que estão perturbando vocês e querem perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu pregue a vocês um evangelho diferente daquele que temos pregado, que esse seja anátema. Como já dissemos, e agora repito, se alguém está pregando a vocês um evangelho diferente daquele que já receberam, que esse seja anátema. (*Gálatas 1:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

Examinemos esses livros à luz do evangelho de Jesus Cristo conforme dado no Novo Testamento.

4.13.4. CONSIDERAÇÕES TEXTUAIS

Vamos primeiro examinar esses textos para verificar se eles validam as afirmações de Smith e se são internamente consistentes.

Em seu relato em Pérola de Grande Valor chamado “Joseph Smith - História”, Smith relata a história de sua descoberta das placas de ouro que supostamente continham o Livro de Mórmon. Ele diz que recebeu a revelação da existência e localização das placas em 1823 d.C., mas não foi autorizado a obtê-las para tradução até 1828 d.C. (*Joseph Smith – História 1:42-43,59-60, “Pérola de Grande Valor”*). Então, somos informados de que ele começou a traduzir partes do livro, e seu material foi trazido para Nova York para que a tradução fosse verificada:

Fui à cidade de Nova York e apresentei os caracteres que tinham sido traduzidos, assim como sua tradução, ao professor Charles Anthon, famoso por seus conhecimentos literários. O professor Anthon declarou que a tradução estava correta, muito mais que qualquer tradução do egípcio que já vira. Mostrei-lhe então os que ainda não haviam sido traduzidos e ele disse-me serem egípcios, caldeus, assírios e arábicos; e acrescentou que eram caracteres autênticos. Deu-me uma declaração, atestando ao povo de Palmyra que eram autênticos e que a tradução, como fora feita, também estava correta. Peguei a declaração e coloquei-a no bolso; estava saindo da casa quando o Sr. Anthon me chamou e perguntou-me como soubera o jovem que havia placas de ouro no lugar onde ele as encontrara. Respondi-lhe que um anjo de Deus lho revelara. (*Joseph Smith – História 1:64, “Pérola de Grande Valor”*).

Lemos em 1 Néfi 1:2 que as placas foram escritas no “idioma dos egípcios”, mas o idioma é considerado por Smith como um “egípcio reformado”, conforme admitido pela Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias. Pelas evidências fornecidas acima, a única escrita egípcia que poderia se encaixar nessas características é a hierática, uma forma abreviada “cursiva” de hieróglifos usada na escrita cotidiana. Essa linguagem, entretanto, não era bem conhecida em 1827 d.C., e nenhuma tradução dela poderia ser verificada como Smith alegou. Para contrariar isso, muitos mórmons argumentarão que “egípcio reformado” é simplesmente uma variação do egípcio que se desenvolveu por causa do isolamento dos judeus na América, muito parecido com a diferença entre o inglês americano e o inglês britânico. O problema com essa explicação é que o professor supostamente disse que a tradução estava “correta, mais do que qualquer outra que ele já vira do egípcio”, uma verificação sem substância, uma vez que o egípcio ainda não era totalmente conhecido durante esse período de tempo. Portanto, não é possível que a história de Smith sobre o texto ser egípcio seja verdadeira juntamente com a verificação da tradução: ou o

texto era originalmente escrito em egípcio e a verificação não pôde ser substanciada, ou o texto estava em outro idioma que podia ser entendido, ou toda a história é ficção.

Essas mesmas placas também foram supostamente levadas de volta ao céu depois que Smith concluiu sua tradução. Portanto, não temos como confirmar a tradução feita por Smith, ou se as placas existiram. Somos deixados a confiar em sua tradução e sem nenhuma base para julgar sua fidelidade. A história parece não pouco suspeita, e há boas razões para questionar se toda a história foi fabricada por Smith para justificar suas afirmações.

Há outro texto que ele supostamente traduziu, o Livro de Abraão. Smith afirmou que esses papiros egípcios contêm uma história a respeito de Abraão, incluindo revelações que foram dadas a ele. O livro ainda contém fac-símiles de porções do Livro de Abraão, e eles parecem não serem mais do que páginas do Livro das Respirações e do Livro dos Mortos, textos egípcios encontrados em muitos túmulos contendo o itinerário da jornada do falecido através a vida após a morte. Recentemente, os originais de Smith vieram à luz em Nova York, e foi demonstrado que eram textos egípcios desse tipo, e suas traduções em nada se pareciam com o que Smith apresentou no Livro de Abraão. Os Santos dos Últimos Dias não negam que os textos são egípcios e que os caracteres não representam o que Smith traduziu. Em vez disso, eles postulam que Smith recebeu o Livro de Abraão por inspiração enquanto examinava os papiros, e foi assim que a obra foi “traduzida”. Isto vai totalmente contra qualquer visão prevalecente do que a “tradução” representa: como alguém pode ter confiança em qualquer coisa que Smith apresenta como “tradução” quando isso não se correlaciona com o que está no documento traduzido? Da mesma forma, se a “tradução”, em vários pontos, não tiver nada a ver com o que está escrito em um papiro (ou placa, ou o que quer que seja), como qualquer um deles poderia ser verdadeiramente “verificado”, como afirmado acima, ou como se poderia realizar qualquer tentativa de verificação?

Além disso, dentro dos próprios textos, existem discrepâncias. Muitas podem ser explicadas, mas há uma discrepância gritante em relação ao número de esposas que alguém pode ter de acordo com o Livro de Mórmon. Jacó 2:24 diz o seguinte:

Eis que Davi e Salomão realmente tiveram muitas esposas e concubinas, o que foi abominável diante de mim, diz o Senhor. (*Jacó 2:24, “Livro de Mórmon”*).

No entanto, Joseph Smith supostamente recebeu a seguinte revelação em Doutrina e Convênios 132:38-39:

Davi também recebeu muitas esposas e concubinas, assim como Salomão e Moisés, meus servos; e também muitos outros de meus servos, desde o princípio da criação até agora; e em nada pecaram, a não ser nas coisas que não receberam de mim. As esposas e concubinas de Davi foram-lhe dadas por mim, pela mão de Natã, meu servo, e outros profetas que possuíam as chaves desse poder; e em nenhuma dessas coisas pecou ele contra mim, a não ser no caso de Urias e sua mulher; e, portanto, caiu de sua exaltação e recebeu sua porção; e não as herdará fora do mundo, porque as dei a outro, diz o Senhor. (*Doutrina e Convênios 132:38-39*).

O que foi uma abominação para Deus em Jacó 2:24 foi dado a Davi por Deus em Doutrina e Convênios 132:38-39. Ou Deus mentiu para um deles, ou se enganou ao falar com um deles, ou não falou com um ou com ambos. Portanto, podemos determinar a partir das evidências fornecidas que a fonte das “escrituras mórmons” é duvidosa e sua confiabilidade questionável. Além disso, elas têm inconsistências por toda parte. Algumas dessas inconsistências podem, talvez, ser explicadas, mas não algumas similares às inconsistências mencionadas acima. Vamos agora examinar os textos em seu suposto contexto histórico para verificar se eles estão de acordo com as informações de que dispomos.

4.13.5. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

O Livro de Mórmon pretende ser um registro de Leí e seus filhos, Lamã, Lemuel e Néfi, sua jornada do Oriente Médio para as Américas em 600 a.C., e a história dos lamanitas e nefitas, os descendentes de Leí e seus filhos, até 400 d.C. Esse texto ou é uma representação exata da história dessas pessoas nas Américas no passado, ou é uma invenção de Smith. A única maneira de determinar a verdade dessas coisas é verificar se há alguma evidência nas Américas que corresponda às histórias fornecidas por Smith.

Não há nenhuma evidência que prove qualquer parte do Livro de Mórmon, nem há qualquer evidência que indique uma presença judaica nas Américas entre 600 a.C. e 400 d.C. Isso, por si só, não refuta o Livro de

Mórmon. No entanto, quaisquer inconsistências entre o texto e o entendimento sobre as civilizações da América daquela época demonstrarão ainda mais a ausência de validade do texto. Vamos examinar esse texto para verificar se as informações fornecidas são consistentes com nossa compreensão do Oriente Médio e das Américas no sétimo século a.C. e além.

Primeiramente, somos informados do seguinte em 1 Néfi 1:2:

Sim, faço um registro na língua de meu pai, que consiste no conhecimento dos judeus e na língua dos egípcios. (1 Néfi 1:2, “Livro de Mórmon”).

É digno de nota que não encontramos nenhuma evidência no sétimo século a.C. de que os israelitas da Judeia tenham usado o egípcio como linguagem. Os israelitas consideravam os egípcios como um grupo de gentios, e um verdadeiro seguidor de Deus não teria nada a ver com coisa alguma dos egípcios. A língua dos israelitas era o hebraico, e os indivíduos que professavam o judaísmo escreveriam em hebraico, não em egípcio, como é indicado em textos descobertos em Israel dessa época.

Os mórmons respondem dizendo que é possível que Leí tenha falado egípcio e que não podemos descartar essa possibilidade. Pode ser possível que Leí falasse egípcio, e ninguém poderia negar essa possibilidade. No entanto, devemos olhar além das possibilidades e verificar a situação em questão. Os israelitas que seguiram Deus eram totalmente contra qualquer forma de contaminação cultural, como evidenciado pela mensagem dos profetas. Portanto, é altamente implausível para qualquer israelita fiel a Deus usar a linguagem dos egípcios. A crítica ainda permanece.

Há outro anacronismo no livro de 1 Néfi, observado em 1 Néfi 16:18:

E aconteceu que quando eu, Néfi, saí para caçar, eis que quebrei meu arco, que era feito de aço puro; e tendo quebrado meu arco, eis que meus irmãos se zangaram comigo por causa da perda de meu arco, porque não conseguimos alimento. (1 Néfi 16:18, “Livro de Mórmon”).

Supõe-se que Néfi tenha usado um arco de aço no sétimo século a.C. Entretanto, não há evidência em qualquer parte do mundo de que o conhecimento do refinamento do ferro para fazer aço existisse no sétimo século a.C. Muitos mórmons tentam dizer que é inteiramente possível que aconteceu de alguém conseguir fazer aço e que o relato continua sendo possível. Constatamos em Éter 7:9 que o aço é supostamente conhecido antes mesmo de Abraão, mas essa é a época do cobre, quando até mesmo a combinação de cobre e estanho para criar o bronze ainda era desconhecida! Portanto, há claramente um anacronismo em jogo aqui.

Muitos mórmons apontam para passagens como Salmo 18:34 na versão King James inglesa, mostrando que a Bíblia também seria inconsistente: “He teacheth my hands to war, so that a bow of steel is broken by mine arms” (“Ele ensina as minhas mãos para a guerra, tanto que um arco de aço é quebrado pelos meus braços”). No entanto, isso não é mais do que um erro de tradução, introduzido pelos tradutores da versão King James, não por Deus. Outras traduções, como a Nova Versão Internacional, mostram “arco de bronze” e não “arco de aço”. A tradução correta do hebraico *nehosheth* é “bronze”. Portanto, a Bíblia não é inconsistente, pois a linguagem de Davi está exata – a linguagem de Smith, entretanto, não está.

Os mórmons argumentam ainda que Smith encontrou uma palavra para um metal que ele não entendeu e, portanto, a traduziu como “aço”. Eles apontam para informações coletadas sobre a cultura maia e que os maias possuíam um metal semelhante ao aço, mas não conhecido por nós hoje. Se isso fosse verdade e esse anacronismo não passasse de uma dificuldade de tradução de Smith, por que ele não disse que o arco era feito de um metal “como o aço” ou “similar ao aço”? Por que a linguagem em 1 Néfi é tão específica que inclui “aço”? Esse erro poderia ser perdoado se Smith não tivesse afirmado que o Livro de Mórmon é “o mais correto de todos os livros da Terra”. Se essa afirmação estivesse correta, “aço” teria sido traduzido corretamente.

Finalmente, na tentativa de justificar a tradução de Smith, muitos mórmons afirmam que é inteiramente possível que Néfi tivesse um arco de aço e que não podemos contestar que seu arco era de aço.

Devemos falar um pouco sobre a distinção que devemos fazer entre “possibilidade” e “existência”, tendo em vista que a maioria das afirmações da veracidade do Livro de Mórmon são baseadas na possibilidade. A

história pode ter acontecido, embora não existam evidências. Isso é verdade. Entretanto, não significa que devemos aceitar o Livro de Mórmon. Vejamos outro exemplo que tem relevância.

Há alguns hoje que acreditam que a esfinge do Egito foi esculpida por volta de 10000 a.C. A evidência apresentada para isso é que o calcário da esfinge mostra intemperismo pela água, o que só poderia ter ocorrido quando o Egito era mais tropical, ou 12.000 anos antes do presente (deve-se notar que até mesmo isso é mais evidência do que há para o Livro de Mórmon). Essa é a única evidência. É postulado que, como a esfinge é tão antiga, deve ter havido uma civilização que a esculpiu. No entanto, não há evidências de tal civilização. Isso significa que a esfinge tem 12.000 anos? De jeito nenhum! Podemos dizer que o intemperismo pode ter sido causado por outro agente, possivelmente o vento, ou podemos até mesmo aceitar que a rocha foi intemperizada pela chuva 12.000 anos antes do presente e a esfinge esculpida nela há 4.600 anos. Podemos afirmar que a esfinge definitivamente não tem 12.000 anos? Isso é impossível, porém, após o exame de todas as evidências existentes, devemos desconsiderar essa afirmação porque ela não possui evidências suficientes. A teoria sobre a rocha ser desgastada primeiro e esculpida depois tem muito mais evidências e, portanto, é a conclusão mais exata.

O mesmo conceito vale para o Livro de Mórmon e, especificamente, a afirmação sobre o aço. Não temos nenhuma evidência de que alguém no sétimo século a.C. soubesse como refinar o ferro para fazer aço. A única explicação plausível para o “aço” no Livro de Mórmon é que é um anacronismo da própria invenção de Joseph Smith e uma demonstração de que essa obra é obra dele, e não de Deus.

Vamos agora examinar outro texto de Smith, o Livro de Abraão. O primeiro capítulo do Livro de Abraão contém um relato de como um sacerdote idólatra do “deus Faraó” tentou sacrificar Abraão em um altar na colina de Potifar. Lemos o seguinte em Abraão 1:8:

Ora, naquele tempo era costume o sacerdote do Faraó, rei do Egito, oferecer, sobre o altar que fora construído na terra da Caldeia para ofertas a esses deuses estranhos, homens, mulheres e crianças. (*Abraão 1:8, “Livro de Abraão”*).

Existem duas dificuldades com esse texto. Primeiro, afirma-se que o próprio Abraão escreveu o texto, mas ele chama o rei do Egito de “Faraó”. Esse termo não foi aplicado a nenhum rei do Egito até Amenhotep III em 1300 a.C., o qual governou entre 700-1.100 anos depois que Abraão viajou para o Egito. Além disso, o Egito nunca em sua história teve controle sobre a terra da Caldeia, muito menos durante o império antigo, onde suas fronteiras nunca foram além da Península do Sinai. Não há nenhuma evidência de que algum dos caldeus, que na verdade eram sumérios nessa época, tenha adorado ou sacrificado a um deus chamado “Faraó”, rei do Egito. Esse texto, que parece ser algo diferente do que Smith traduziu em primeiro lugar, contém grandes disparidades históricas e geográficas.

A evidência que temos aqui é uma bom exemplo para mostrar que as escrituras mórmons não têm sua origem em Deus. A evidência textual e histórica, entretanto, na verdade, é irrelevante para a validade das escrituras mórmons como textos para compreensão e doutrina. Os textos podem ser consistentes internamente e com a história e, ainda assim, podem ser obras não aprovadas por Deus. Vamos agora examinar o critério mais importante: será que o evangelho apresentado por Smith nessas escrituras é o evangelho entregue de uma vez por todas (Judas 3)?

4.13.6. CONSIDERAÇÕES ESCRITURAS

Examinemos as escrituras mórmons para verificar se estão em total conformidade com a Palavra de Deus. Vamos comparar duas partes do Livro de Mórmon, 1 Néfi 5:14 e 2 Néfi 5:26:

E aconteceu que meu pai, Leí, também descobriu nas placas de latão uma genealogia de seus pais; soube, portanto, que ele descendia de José, sim, aquele mesmo José que era filho de Jacó e que fora vendido no Egito e que fora preservado pela mão do Senhor para que pudesse preservar seu pai, Jacó, e toda a sua casa, evitando que morressem de fome. (*1 Néfi 5:14, “Livro de Mórmon”*).

E aconteceu que eu, Néfi, consagrei Jacó e José como sacerdotes e mestres na terra de meu povo. (*2 Néfi 5:26, “Livro de Mórmon”*).

O Livro de Mórmon mostra, portanto, que sacerdotes foram feitos da linhagem de José. No entanto, lemos na Palavra de Deus o seguinte em Hebreus 7:12-14:

Certo é que, quando há mudança de sacerdócio, é necessário que haja mudança de lei. Ora, aquele de quem se dizem essas coisas pertencia a outra tribo, da qual ninguém jamais havia servido diante do altar, pois é bem conhecido que o nosso Senhor descende de Judá, tribo da qual Moisés nada fala quanto a sacerdócio. (*Hebreus 7:12-14, “Nova Versão Internacional”*).

Também temos o exemplo de um indivíduo que nomeou sacerdotes por sua própria vontade, Jeroboão, em 1 Reis 13:33-34:

Mesmo depois disso Jeroboão não mudou o seu mau procedimento, mas continuou a nomear dentre o povo sacerdotes para os altares idólatras. Ele consagrava para esses altares todo aquele que quisesse tornar-se sacerdote. Esse foi o pecado da família de Jeroboão, que levou à sua queda e à sua eliminação da face da terra. (*1 Reis 13:33-34, “Nova Versão Internacional”*).

Deus, portanto, não olhou com bons olhos para a alteração de seu plano de ter sacerdotes da tribo de Levi, e somente da tribo de Levi. Deus não teria permitido que os membros da casa de José fossem sacerdotes da mesma forma que não teria permitido os sacerdotes de Jeroboão ou outros nomeados sem sua autoridade.

Há muito no Livro de Mórmon e em outras escrituras mórmons sobre Jesus Cristo, com profecias extremamente detalhadas de sua vida futura. Não se pode dizer muito sobre essas profecias, uma vez que deve-se acreditar que são profecias válidas ou que são invenções hábeis do século 19 d.C. Um tópico recorrente nessas escrituras sobre Jesus, entretanto, não pode ser esquecido. As escrituras mórmons postulam que muitos indivíduos do passado sabiam sobre Jesus Cristo, creram nele, foram imersos na água para o perdão de seus pecados em seu nome e até estabeleceram igrejas, e tudo isso muito antes de Cristo andar na Terra. Afirma-se que Adão invocou o nome de Cristo (*Moisés 5:7-8, “Livro de Mórmon”*), que Enoque ordenou o batismo e ele foi mesmo batizado com fogo e o Espírito Santo (*Moisés 6:52,56, “Livro de Mórmon”*), que Noé pregou o batismo em nome de Jesus Cristo (*Moisés 8:19,24, “Livro de Mórmon”*) e que muitos dos personagens do Livro de Mórmon, Alma, Néfi (o “terceiro Néfi” do primeiro século a.C.) e outros creram em Jesus Cristo e instituíram igrejas (*Mosias 18:10; Helamã 10:7, “Livro de Mórmon”*). Será que a Palavra de Deus estabelecida permite tal possibilidade?

Devemos compreender a natureza das alianças entre o homem e Deus. Sabemos sobre isso por meio de Hebreus 9:15-23:

Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança. No caso de um testamento, é necessário que se comprove a morte daquele que o fez; pois um testamento só é validado no caso de morte, uma vez que nunca vigora enquanto está vivo quem o fez. Por isso, nem a primeira aliança foi sancionada sem sangue. Quando Moisés terminou de proclamar todos os mandamentos da Lei a todo o povo, levou sangue de novilhos e de bodes, e também água, lã vermelha e ramos de hissopo, e aspergiu o próprio livro e todo o povo, dizendo: “Este é o sangue da aliança que Deus ordenou que vocês obedeçam”. Da mesma forma, aspergiu com o sangue o tabernáculo e todos os utensílios das suas cerimônias. De fato, segundo a Lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue, e sem derramamento de sangue não há perdão. Portanto, era necessário que as cópias das coisas que estão nos céus fossem purificadas com esses sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios superiores. (*Hebreus 9:15-23, “Nova Versão Internacional”*).

Constatamos nesse texto muitos pontos diferentes: uma aliança não está em vigor até que o testador morra, a aliança seja dedicada com sangue, e os correspondentes celestiais das coisas terrestres precisam substituir essas coisas terrestres. Portanto, seria biblicamente impossível colocar qualquer forma de redenção em Jesus Cristo, em seu nome, antes que ele morresse para a remissão de nossos pecados. Deus determinou que nenhuma aliança estará em vigor até a morte de seu testador: a aliança de Deus e do homem por meio de Jesus Cristo, portanto, não existia até sua morte na cruz. Isso explica por que as profecias do Antigo Testamento apontam para seu cumprimento no futuro, mas a adesão à Lei de Moisés no tempo presente. O Livro de Mórmon teria os dois ao mesmo tempo (*Alma 25:15, “Livro de Mórmon”*)! Como alguém poderia sacrificar touros e bodes em conformidade com a Lei de Moisés e, ao mesmo tempo, reconhecer que Cristo é o único sacrifício verdadeiro? Não pode ser assim! Deus não disse tal coisa a seus filhos em Judá, mesmo embora muitos tenham permanecido fiéis após o

exílio à Babilônia. E, ainda assim, teria Deus guiado a criação de uma igreja para seu Filho Jesus na América antes de ele ter morrido e instituído a Nova Aliança? Deus teria reconhecido pessoas invocando o fruto de uma promessa que ainda não tinha sido cumprida? Isso não está em harmonia com a Palavra de Deus dada no primeiro século.

Há outra discrepância em 3 Néfi 28:6-7:

E disse-lhes ele: “Eis que conheço vossos pensamentos e desejustes aquilo que João, meu amado, que me acompanhou em meu ministério antes que eu fosse levantado pelos judeus, desejou de mim. Portanto, mais bem-aventurados sois, porque nunca provareis a morte; mas vivereis para ver todas as obras do Pai entre os filhos dos homens, até que todas as coisas sejam cumpridas de acordo com a vontade do Pai, quando virei em minha glória com os poderes do céu.” (3 Néfi 28:6-7, “Livro de Mórmon”).

Esse texto fala do apóstolo João desejando nunca morrer, uma crença mantida pelos mórmons. A crença vem de João 21:21-23:

Quando Pedro o viu, perguntou: “Senhor, e quanto a ele?” Respondeu Jesus: “Se eu quiser que ele permaneça vivo até que eu volte, o que importa? Quanto a você, siga-me!” Foi por isso que se espalhou entre os irmãos o rumor de que aquele discípulo não iria morrer. Mas Jesus não disse que ele não iria morrer; apenas disse: “Se eu quiser que ele permaneça vivo até que eu volte, o que importa?” (João 21:21-23, “Nova Versão Internacional”).

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e Joseph Smith em particular, caíram no mesmo erro de “os irmãos”, isto é, o rumor de que João não morreria! Porém, João deixa evidente que Jesus não disse que ele nunca morreria, mas apenas que fez uma pergunta retórica a Pedro. Como João poderia ter desejado algo que não há indicação de que ele alguma vez quis ou que seria concedido a ele?

Existem muitas outras inconsistências que poderíamos examinar, mas essas são algumas das mais evidentes. É claro, então, que o evangelho apresentado nas escrituras mórmons está em desacordo não apenas com ele mesmo e com a história, mas também, e mais importante, com o evangelho pregado pelos apóstolos. O Livro de Mórmon e seus semelhantes não são “outro testamento de Jesus Cristo”, mas um “testamento diferente”, coisa que é declarada como maldita por Paulo em Gálatas 1:6-9.

4.13.7. O SISTEMA DE SACERDÓCIO

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias respeita muito as escrituras que recebeu de Joseph Smith Jr., mas também tem em alta consideração a sucessão de liderança que continuou desde a morte de Smith. Os líderes foram designados sacerdotes, tanto da ordem de Melquisedeque quanto da ordem de Arão (*Doutrina e Convênios* 107:6). O sacerdócio de Melquisedeque é a ordem superior e, entre esses, estão as principais autoridades da Igreja dos Santos dos Últimos Dias: um presidente, o qual é o chefe oficial (*Doutrina e Convênios* 107:8-9); sumos sacerdotes, os quais estão com o presidente (*Doutrina e Convênios* 107:22); os doze apóstolos, que são mensageiros e formam um quórum igual ao da presidência (*Doutrina e Convênios* 107:23-24); e os setenta, 70 pessoas chamadas para pregar o evangelho que também formam um quórum igual ao poder dos doze apóstolos (*Doutrina e Convênios* 107:25-26). Os anciãos e bispos também vêm do sacerdócio de Melquisedeque (*Doutrina e Convênios* 107:5,7), e os membros do sacerdócio de Melquisedeque são aqueles que supostamente recebem as revelações de Deus (*Doutrina e Convênios* 107:19). O sacerdócio de Arão consiste em pessoas que receberam revelação de que são descendentes literais de Arão (*Doutrina e Convênios* 107:70) e que administrarão o evangelho ao povo (*Doutrina e Convênios* 107:20).

Portanto, deve ser evidente que todo o sistema de autoridade na Igreja dos Santos dos Últimos Dias está enraizado em seu sistema de sacerdócio. Será que esse sistema está de acordo com os ensinamentos do Novo Testamento?

Vamos primeiro examinar as afirmações sobre o sacerdócio de Arão. Isso também é conhecido como o sacerdócio levítico, e sua presença está bem documentada no Antigo Testamento. Entende-se que, segundo a Lei de Moisés, os levitas eram os indivíduos escolhidos para serem os sacerdotes de Deus e deviam servi-lo em seus rituais estabelecidos. Mas será que esse sacerdócio perdura além da Lei de Moisés? Examinemos Hebreus 7:11-14:

Se fosse possível alcançar a perfeição por meio do sacerdócio levítico (visto que em sua vigência o povo recebeu a Lei), por que haveria ainda necessidade de se levantar outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque e não de Arão? Certo é que, quando há mudança de sacerdócio, é necessário que haja mudança de lei. Ora, aquele de quem se dizem essas coisas pertencia a outra tribo, da qual ninguém jamais havia servido diante do altar, pois é bem conhecido que o nosso Senhor descende de Judá, tribo da qual Moisés nada fala quanto a sacerdócio. (*Hebreus 7:11-14, "Nova Versão Internacional"*).

O verso de importância aqui é Hebreus 7:12: "Certo é que, quando há mudança de sacerdócio, é necessário que haja mudança de lei." O autor do Livro de Hebreus é muito claro em sua linguagem: os sacerdotes do sacerdócio levítico não podem fazer o sacrifício perfeito, apenas o sumo sacerdote da ordem de Melquisedeque, Jesus Cristo, pôde fazê-lo. A ausência de perfeição demonstrou que o sacerdócio levítico não duraria: o autor afirma claramente que houve uma mudança de sacerdócio dos levitas terrestres para o Cristo celestial. Portanto, como se pode dizer que o sacerdócio de Arão ainda é legítimo quando o autor do Livro de Hebreus atesta seu fim?

Lemos sobre o sacerdócio de Melquisedeque no Livro de Hebreus, mas devemos examiná-lo para verificar se é o mesmo que agora é praticado pela Igreja dos Santos dos Últimos Dias. Em primeiro lugar, é interessante notar que Smith fala desse sacerdócio como se durasse desde Adão e como se tivesse sido levado através dos tempos até Melquisedeque (*Doutrina e Convênios 84:6-16*). Observamos os detalhes disso em *Doutrina e Convênios 84:14*:

Esse Abraão recebeu o sacerdócio de Melquisedeque, que o recebeu através da linhagem de seus pais, até Noé; (*Doutrina e Convênios 84:6-16*).

No entanto, o autor do Livro de Hebreus diz o seguinte sobre Melquisedeque em Hebreus 7:3:

Sem pai, sem mãe, sem genealogia, sem princípio de dias nem fim de vida, feito semelhante ao Filho de Deus, ele permanece sacerdote para sempre. (*Hebreus 7:3, "Nova Versão Internacional"*).

Por que devemos acreditar que Joseph Smith recebeu revelações mantidas ocultas do autor do Livro de Hebreus? Deus não revelou a ele o pai ou a genealogia de Melquisedeque, e é justamente essa ausência de informação que é usada para fazer um ponto importante: o sacerdócio de Melquisedeque não é baseado em linhagem, como era o sacerdócio de Arão. Isso é totalmente contraditório com a suposta revelação de Smith.

O autor de Hebreus fala muito sobre o caráter do sacerdócio de Melquisedeque, como podemos verificar em Hebreus 5:5-10:

Da mesma forma, Cristo não tomou para si a glória de se tornar sumo sacerdote, mas Deus lhe disse: "Tu és meu Filho; eu hoje te gerei". E diz noutro lugar: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". Durante os seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão. Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu; e, uma vez aperfeiçoado, tornou-se a fonte da salvação eterna para todos os que lhe obedecem, sendo designado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque. (*Hebreus 5:5-10, "Nova Versão Internacional"*).

Lemos ainda mais em Hebreus 7:11,15-17,23-28:

Se fosse possível alcançar a perfeição por meio do sacerdócio levítico (visto que em sua vigência o povo recebeu a Lei), por que haveria ainda necessidade de se levantar outro sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque e não de Arão? (*Hebreus 7:11, "Nova Versão Internacional"*).

O que acabamos de dizer fica ainda mais claro quando aparece outro sacerdote semelhante a Melquisedeque, alguém que se tornou sacerdote, não por regras relativas à linhagem, mas segundo o poder de uma vida indestrutível. Porquanto sobre ele é afirmado: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". (*Hebreus 7:15-17, "Nova Versão Internacional"*).

Ora, daqueles sacerdotes tem havido muitos, porque a morte os impede de continuar em seu ofício; mas, visto que vive para sempre, Jesus tem um sacerdócio permanente. Portanto, ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que, por meio dele, se aproximam de Deus, pois vive sempre para interceder por eles. É de um sumo sacerdote como esse que precisávamos: santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos

céus. Ao contrário dos outros sumos sacerdotes, ele não tem necessidade de oferecer sacrifícios dia após dia, primeiro por seus próprios pecados e, depois, pelos pecados do povo. E ele o fez uma vez por todas quando a si mesmo se ofereceu. Pois a Lei constitui sumos sacerdotes a homens que têm fraquezas; mas o juramento, que veio depois da Lei, constitui o Filho perfeito para sempre. (*Hebreus 7:23-28, “Nova Versão Internacional”*).

Devemos agora observar um quadro mais completo da natureza do sacerdócio de Melquisedeque. Não é uma ordem a ser dada aos homens: constatamos que o próprio Melquisedeque não tem origem nem fim (*Hebreus 7:3*), como também é Cristo. Cristo desempenhou a função do sacerdócio de Melquisedeque ao se oferecer como oferta pelo pecado de uma vez por todas. Lemos em *Hebreus 7:26-28* as características impressionantes que tornam Cristo o sumo sacerdote perfeito: ele se ofereceu por nossos pecados, foi tentado de todas as maneiras que temos sido tentados, mas permaneceu sem pecado, e é todo santo e todo-poderoso.

Portanto, devemos perguntar: algum “membro do sacerdócio de Melquisedeque” na Igreja dos Santos dos Últimos Dias pode realizar alguma dessas coisas? Algum se entregou como um sacrifício “de uma vez por todas”? Há algum “separado dos pecadores e exaltado acima dos céus”? Algum é “santo, inocente e imaculado”? Obviamente não, pois são meros homens. Não é para a humanidade possuir o sacerdócio de Melquisedeque, mas deve se contentar com a promessa de Pedro em *1 Pedro 2:5,9*:

Vocês também estão sendo utilizados como pedras vivas na edificação de uma casa espiritual para serem sacerdócio santo, oferecendo sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo. Pois assim é dito na Escritura: “Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa, e aquele que nela confia jamais será envergonhado”. (*1 Pedro 2:5, “Nova Versão Internacional”*).

Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. (*1 Pedro 2:9, “Nova Versão Internacional”*).

Devemos usufruir de ser um “sacerdócio santo e real” e não aceitar alegações de qualquer outro sacerdócio. Cristo, e somente Cristo, é nosso sumo sacerdote (*Hebreus 5:1-5*). Os sacerdotes do “sacerdócio de Melquisedeque” da Igreja dos Santos dos Últimos Dias não se conformam com qualquer uma das qualificações que Cristo cumpriu em *Hebreus 7:26-28*.

4.13.8. ANCIÃOS MÓRMONS

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias também tem “anciãos” (também chamados “élderes”) que são enviados como missionários. Eles costumam estar na casa dos vinte ou trinta anos de idade e, em sua maioria, são solteiros. Isso está de acordo com o ensino do Novo Testamento?

Em primeiro lugar, deve-se afirmar que o termo grego *presbuteros* significa literalmente “aquele que está em idade avançada”. Assim, é inerente à definição que um ancião é alguém que tem idade avançada, e é comumente aceito que 20-40 não é “avançado em idade”. Além disso, examinemos *1 Timóteo 3:2-5*:

É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro. Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? (*1 Timóteo 3:2-5, “Nova Versão Internacional”*).

Observa-se aqui que um bispo (no Novo Testamento é a mesma posição de um presbítero ou ancião, veja *1 Pedro 5:1-4*) deve ser casado e ter filhos a fim de ser qualificado para o cargo. Portanto, o ancião da Igreja dos Santos dos Últimos Dias não está de acordo com o ensino do Novo Testamento.

É evidente que o sistema completo de autoridade da Igreja dos Santos dos Últimos Dias, suas escrituras que vêm de Joseph Smith Jr., e seu sistema do sacerdócio, não se conformam ao sistema de autoridade de Deus conforme apresentado no Novo Testamento.

4.13.9. OS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS E AS ESCRITURAS

Examinemos agora as atitudes dos Santos dos Últimos Dias em relação às Escrituras: o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Lemos nas Regras de Fé de a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 1:8:

Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, desde que esteja traduzida corretamente; também cremos ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus. (*Regras de Fé de a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 1:8*).

Essa é a declaração explícita que é observada mais implicitamente em muitas das declarações de Smith, declarando que ele havia recebido revelações sobre a “verdadeira interpretação” das Escrituras, muitas das quais examinaremos a seguir.

Muitos membros da Igreja dos Santos dos Últimos Dias tentarão desacreditar várias partes da Bíblia a fim de sustentar suas próprias afirmações sobre o Livro de Mórmon e suas outras escrituras. No entanto, as palavras de Paulo em 2 Timóteo 3:16-17 devem ser suficientes:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 3:16-17, “Nova Versão Internacional”).

Muitos mórmons afirmam que isso se refere ao Antigo Testamento ou, talvez, a alguma parte do Novo Testamento, mas não ao todo. No entanto, o texto não diz que “escrituras” são as “Escrituras” discutidas, exceto pela expressão “inspirada por Deus”. Qualquer escritura “inspirada por Deus” será proveitosa para equipar o homem de Deus para toda boa obra. Nosso exame anterior das [escrituras mórmons](#) demonstrou que elas não foram inspiradas por Deus, enquanto o Antigo Testamento e o Novo Testamento foram.

Muitos santos dos últimos dias discutirão o ponto principal da regra de fé, que a Bíblia é tão boa quanto sua tradução. Eles argumentarão que qualquer tradução perderá muito do significado da obra e não será tão confiável. Eles argumentarão ainda que as próprias traduções são baseadas em cópias do Novo Testamento que foram feitas por copistas não confiáveis. Portanto, eles creem estar justificados em dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus “desde que esteja traduzida corretamente”.

É verdade que algum significado se perde na tradução de uma obra. No entanto, existem muitas maneiras de determinar o significado do texto. A língua grega é muito mais específica em seu uso do que o português. Além disso, possuímos a capacidade de saber os diferentes significados de várias palavras e podemos examinar as palavras no contexto das Escrituras para determinar o melhor significado. Em relação ao texto do próprio Novo Testamento, existem muitas fontes que podem ser usadas para provar que o texto que possuímos hoje é bastante exato. Podemos ter certeza de que o Novo Testamento que usamos hoje é muito semelhante ao Novo Testamento escrito por cristãos do primeiro século (Longhenry, Ethan R., “Can I Trust the Bible?”, *Deverbovitae.com/matters/miscellany/texts*, acessado em 10/2021; Kurt and Barbara Aland, “The Text of the New Testament”; Barton, John, “Holy Writings, Sacred Text: The Canon in Early Christianity”; Metzger, Bruce, “The Canon of the New Testament: Its Origin, Development, and Significance”, “The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration”).

Portanto, não há razão para adicionar ressalvas à nossa crença nas Escrituras, isto é, de que elas são a Palavra de Deus “na medida em que estiverem traduzidas corretamente”. Temos todos os motivos para confiar nas Escrituras como nossa fonte da verdade de Deus. Tentar desacreditar a transmissão das Escrituras é imprudência, especialmente considerando a riqueza de atestação que possuímos para o Novo Testamento, remontando a 175 d.C.

Também não é impróprio mencionar que o Livro de Mórmon e outras escrituras dos Santos dos Últimos Dias, as quais mórmons afirmam que são “perfeitas” e sem tais dificuldades, não podem ser verificadas. A Igreja dos Santos dos Últimos Dias nem mesmo afirma que Joseph Smith escreveu traduções reais de suas fontes – em vez disso, alega-se que ele escreveu tudo o que foi inspirado a escrever ao olhar para as obras. Há muito mais razão para lançar dúvidas sobre as escrituras mórmons do que sobre o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

4.13.10. PROGRESSÃO ETERNA

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias desenvolveu a doutrina da progressão eterna para descrever a vida do homem. Nesse sistema, o espírito de um homem existe, se desenvolve e assume a forma de um homem para obter experiências terrenas. Aqueles que são exaltados são capazes de se desenvolver para a imortalidade e igualdade com Deus (*McConkie, Bruce, "Mormon Doctrine", pp. 238-239*). Há muitos aspectos dessa doutrina envolvendo a natureza de Deus, nosso relacionamento com Jesus e a natureza de nossa existência. Vamos agora examinar os pontos dessa doutrina a fim de constatar se ela está em conformidade com as Escrituras.

4.13.11. A NATUREZA DE DEUS O PAI

Joseph Smith ensinou que o próprio Deus já foi um homem e foi exaltado em sua divindade (*Joseph Smith, "The King Follett Discourse", 1844*). Ele afirmou ainda que se o vissemos como ele é, veríamos um homem (*Joseph Smith, "The King Follett Discourse", 1844*). Essas declarações vêm do "Discurso de King Follett" e muitas são verificadas em Doutrina e Convênios 130:22:

O Pai tem um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também; mas o Espírito Santo não tem um corpo de carne e ossos, mas é um personagem de Espírito. Se assim não fora, o Espírito Santo não poderia habitar em nós. (*Doutrina e Convênios 130:22*).

Será que esses ensinamentos são compatíveis com as Escrituras?

A respeito da natureza de Deus Pai, lemos em Números 23:19 e João 4:23-24:

Deus não é homem para que minta, nem filho de homem para que se arrependa. Acaso ele fala e deixa de agir? Acaso promete e deixa de cumprir? (*Números 23:19, "Nova Versão Internacional"*).

No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. (*João 4:23-24, "Nova Versão Internacional"*).

Jesus diz aqui inequivocamente que o Pai é espírito. No entanto, muitos dos Santos dos Últimos Dias apontam para exemplos no Antigo Testamento em que homens, como Moisés ou Jacó, "viram" a Deus. Ao contrário do que afirmam, encontramos o seguinte em João 1:18:

Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido. (*João 1:18, "Nova Versão Internacional"*).

Também poderíamos examinar Oseias 11:9 para constatar que Deus, com certeza, não é um homem. É evidente, então, que aqueles indivíduos no Antigo Testamento tenham visto uma manifestação de Deus de alguma forma, mas não o próprio Deus. Quanto a isso, às vezes os mórmons simplesmente negam a validade de João 1:18 ou tentam enfatizar as Escrituras "antropomórficas" contra declarações que indicam que Deus não é um homem. Essas tentativas de criar conflito dentro da Palavra de Deus devem ser evitadas com assiduidade (*Salmo 119:160*).

Há também a questão da "exaltação" de Deus, isto é, que Deus era um homem que foi exaltado à divindade. Isso requer que deve ter havido um tempo em que Deus, o Pai, não era Deus. Na verdade, Smith foi muito mais longe do que isso, afirmando que havia, de fato, muitos deuses, como evidenciado em Abraão 4:3-4:

E eles (os Deuses) disseram: "Haja luz"; e houve luz. E eles (os Deuses) tiveram consciência da luz, pois era brilhante; e eles separaram a luz, ou melhor, fizeram com que ela fosse separada das trevas. (*Abraão 4:3-4*).

Smith foi mais longe em Doutrina e Convênios 93:29, afirmando o seguinte:

O homem também estava no princípio com Deus. A inteligência, ou seja, a luz da verdade, não foi criada nem feita nem verdadeiramente pode sê-lo. (*Doutrina e Convênios 93:29*).

Será que as Escrituras ensinam que existiram deuses, alguns antes de Deus Pai, e que o homem existiu no princípio com Deus? Temos as seguintes evidências nas Escrituras em Isaías 43:10; 44:6-8:

“Vocês são minhas testemunhas”, declara o SENHOR, “e meu servo, a quem escolhi, para que vocês saibam e creiam em mim e entendam que eu sou Deus. Antes de mim nenhum deus se formou, nem haverá algum depois de mim.” (Isaías 43:10, “Nova Versão Internacional”).

Assim diz o SENHOR, o rei de Israel, o seu redentor, o SENHOR dos Exércitos: “Eu sou o primeiro e eu sou o último; além de mim não há Deus. Quem então é como eu? Que ele o anuncie, que ele declare e exponha diante de mim o que aconteceu desde que estabeleci meu antigo povo e o que ainda está para vir; que todos eles predigam as coisas futuras e o que irá acontecer. Não tremam, nem tenham medo. Não anunciei isto e não o predisse muito tempo atrás? Vocês são minhas testemunhas. Há outro Deus além de mim? Não, não existe nenhuma outra Rocha; não conheço nenhuma.” (Isaías 44:6-8, “Nova Versão Internacional”).

Essas passagens (assim como Deuteronômio 13:1-5; Isaías 45:21-22; Gálatas 4:8; Isaías 40:13-18,21-28) demonstram claramente que Deus é um e que não existem outros deuses. Também lemos o seguinte no Salmo 90:2:

Antes de nascerem os montes e de criares a terra e o mundo, de eternidade a eternidade tu és Deus. (Salmo 90:2, “Nova Versão Internacional”).

Há evidência adicional em Malaquias 3:6:

De fato, eu, o SENHOR, não mudo. Por isso vocês, descendentes de Jacó, não foram destruídos. (Salmo 90:2, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, é evidente que Deus não mudou nem nunca foi criado, mas é o criador. Também temos evidências da natureza do homem em Romanos 9:19-21:

Mas algum de vocês me dirá: “Então, por que Deus ainda nos culpa? Pois quem resiste à sua vontade?” Mas quem é você, ó homem, para questionar a Deus? Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: “Por que me fizeste assim?” O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso? (Romanos 9:19-21, “Nova Versão Internacional”).

É evidente que o homem é um ser criado. Portanto, ele não poderia ter estado presente na criação. A natureza de Deus não muda. Como pode Smith afirmar que Deus “se tornou” como tal por meio da exaltação ou que outros deuses existem? Como pode o homem, uma criatura, estar presente na criação de todas as coisas? Essas ideias são inconsistentes com as Escrituras.

Joseph Smith também afirmou que Deus não criou realmente os céus e a terra, mas apenas os organizou:

Você pergunta aos doutores eruditos por que eles dizem que o mundo foi feito do nada; e eles responderão: “A Bíblia não diz que ele criou o mundo?” E eles inferem, da palavra “criar”, que deve ter sido feito do nada. Agora, a palavra “criar” veio de “*baurau*”, a qual não significa criar do nada; significa organizar; o mesmo no caso de um homem que organizasse materiais e construísse um navio. Portanto, inferimos que Deus tinha materiais para organizar o mundo a partir do caos – matéria caótica, a qual é elemento, e na qual habita toda a glória. Elemento que existia desde que houve tempo. Os princípios puros do elemento são princípios que nunca podem ser destruídos; eles podem ser organizados e reorganizados, mas não destruídos. Não tiveram princípio e não podem ter fim. (Joseph Smith, “*The King Follett Discourse*”, 1844).

No entanto, lemos o seguinte no Salmo 33:6,9:

Mediante a palavra do SENHOR foram feitos os céus, e os corpos celestes, pelo sopro de sua boca. (Salmo 33:6, “Nova Versão Internacional”).

Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo surgiu. (Salmo 33:9, “Nova Versão Internacional”).

Há mais evidências definitivas em Isaías 44:24; 45:18:

Assim diz o SENHOR, o seu redentor, que o formou no ventre: “Eu sou o SENHOR, que fiz todas as coisas, que sozinho estendi os céus, que espalhei a terra por mim mesmo, (Isaías 44:24, “Nova Versão Internacional”).

Pois assim diz o SENHOR, que criou os céus, ele é Deus; que moldou a terra e a fez, ele a estabeleceu; não a criou para estar vazia, mas a formou para ser habitada; ele diz: “Eu sou o SENHOR, e não há nenhum outro.” (Isaías 45:18, “Nova Versão Internacional”).

Como então podemos dizer que Deus não criou, mas apenas organizou, quando ele diz claramente que criou os céus e a terra? Devemos ver a incrível natureza de Deus, para não sermos confundidos em nenhum sentido com a humanidade, como ele tornou perfeitamente evidente em Isaías 55:8-9:

Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos, declara o SENHOR. Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos; e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos. (Isaías 55:8-9, “Nova Versão Internacional”).

4.13.12. O RELACIONAMENTO ENTRE JESUS E O HOMEM

Smith também afirmou em seu “Discurso de King Follett” que o homem será “coerdeiro de Cristo”, e que essa “herança” é entendida da seguinte forma:

[...] o mesmo poder, a mesma glória e a mesma exaltação, até chegar à posição de um Deus e subir ao trono do poder eterno, o mesmo que aqueles que o precederam (Joseph Smith, “The King Follett Discourse”, 1844).

Portanto, Smith determina que seremos herdeiros iguais com Cristo. Será que as Escrituras apoiam essa conclusão?

As Escrituras ensinam que seremos coerdeiros com Cristo, como visto em Romanos 8:16-17:

O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória. (Romanos 8:16-17, “Nova Versão Internacional”).

Isso também está registrado em Gálatas 3:26-29; 4:1-7. No entanto, a questão permanece: ser coerdeiros com Cristo exige que sejamos herdeiros iguais a Cristo? O texto não apoia essa conclusão. Por exemplo, se um casal morrer e seu filho receber deles 100.000 reais e o neto receber apenas 20 reais, ambos serão herdeiros do casal, e ambos podem ser corretamente chamados de “coerdeiros”. No entanto, não são, de forma alguma, herdeiros do casal em condições iguais. A situação é semelhante em nosso relacionamento com Cristo. Jesus Cristo é chamado de “primogênito dos mortos” em Apocalipse 1:5 e, nesse sentido, somos herdeiros iguais em Cristo: todos receberemos a ressurreição dos mortos pelo poder de Deus e todos receberemos a vida eterna. Observamos em Efésios 5:23-29, entretanto, que Cristo é a cabeça da igreja, e ela é o corpo de Cristo, e que, uma vez que somos membros desse corpo, estamos sujeitos a Cristo. Nesse sentido, não somos coerdeiros de Cristo, pois ele é aquele a quem foi concedida a autoridade sobre o céu e a terra (Mateus 28:18-20), e não a nós.

Portanto, a determinação de que “coerdeiros” significa “herdeiros iguais” não é evidenciada nas Escrituras – na verdade, o oposto é a realidade.

4.13.13. A NATUREZA ETERNA DO HOMEM

Todas as discussões anteriores sobre a natureza de Deus e nosso relacionamento com Jesus Cristo têm relação com a natureza do homem. A crença de Smith foi, mais tarde, claramente articulada por Lorenzo Snow:

Como o homem é agora, Deus já foi: como Deus é, o homem pode ser (*ditado popular entre os mórmons – sua origem na forma impressa está em “Improvement Era”, uma publicação mórmon de 1919 d.C.*).

Isso é mais elaborado em Doutrina e Convênios 132:19-20:

E também, em verdade vos digo: se um homem se casar com uma mulher pela minha palavra, que é a minha lei, e pelo novo e eterno convênio e for selado pelo Santo Espírito da promessa por aquele que foi ungido, a quem conferi esse poder e as chaves desse sacerdócio e for dito a eles: surgireis na primeira ressurreição; e, se for depois da primeira ressurreição, na próxima ressurreição; e herdareis tronos, reinos, principados e

poderes, domínios, todas as alturas e profundidades — então será escrito no Livro da Vida do Cordeiro que ele não cometerá assassinato, derramando sangue inocente; e se guardarem meu convênio e não cometerem assassinato, derramando sangue inocente, ser-lhes-á feito de acordo com todas as coisas que meu servo disse, nesta vida e por toda a eternidade; e estará em pleno vigor quando estiverem fora do mundo; e passarão pelos anjos e pelos deuses ali colocados, rumo a sua exaltação e glória em todas as coisas, conforme selado sobre sua cabeça; glória essa que será uma plenitude e uma continuação das sementes para todo o sempre. Então serão deuses, pois não terão fim; portanto, serão de eternidade em eternidade, porque continuarão; então serão colocados sobre tudo, porque todas as coisas lhes serão sujeitas. Então serão deuses, porque terão todo o poder e os anjos lhes serão sujeitos. (*Doutrina e Convênios 132:19-20*).

O conceito de “exaltação” permeia essa teologia, pois é a ideia de que um homem, por meio de sua retidão e obediência a Deus, será exaltado à divindade (conforma Doutrina e Convênios 76:50-60). Será que as Escrituras ensinam que o homem pode se tornar um deus?

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias frequentemente aponta para algo parecido com o conceito de [teose](#) da ortodoxia oriental. Os ortodoxos orientais, entretanto, de forma alguma acreditam que o Pai já foi um homem, nem aceitam o conceito de progressão eterna.

Os Santos dos Últimos Dias usam as mesmas Escrituras que alguns ortodoxos orientais usariam para tentar justificar suas crenças, Salmo 82:6 e João 10:33-36:

“Eu disse: ‘Vocês são deuses, todos vocês são filhos do Altíssimo’” (*Salmo 82:6, “Nova Versão Internacional”*).

Responderam os judeus: “Não vamos apedrejá-lo por nenhuma boa obra, mas pela blasfêmia, porque você é um simples homem e se apresenta como Deus.” Jesus lhes respondeu: “Não está escrito na Lei de vocês: ‘Eu disse: vocês são deuses’? Se ele chamou ‘deuses’ àqueles a quem veio a palavra de Deus (e a Escritura não pode ser anulada), que dizer a respeito daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo? Então, por que vocês me acusam de blasfêmia porque eu disse: sou Filho de Deus?” (*João 10:33-36, “Nova Versão Internacional”*).

Muitas observações foram feitas a respeito dessas passagens quando falamos sobre a [teose](#) da ortodoxia oriental, mas vamos considerar também o que Asafe declara na Palavra de Deus no Salmo 82:6 sobre se os judeus “são deuses”. Não é ensinado no sistema de progressão eterna dos Santos dos Últimos Dias que um homem pode se tornar um deus enquanto estiver na Terra. Mas Jesus usou a mesma linguagem do Salmo 82:6 de Asafe em João 10 para dizer que os judeus, os quais eram naquela época seus adversários, “são deuses”. Devemos acreditar que aqueles que negam a posição de Jesus como o Filho de Deus “são deuses”?

É evidente ao se ler todo o Salmo 82:1-8 que Asafe está condenando os governantes injustos de Israel, pois Deus os colocou em suas posições de autoridade para que “fossem como deuses”, isto é, governantes do povo de Deus. No entanto, eles eram injustos, e o fim deles é evidenciado no Salmo 82:7-8:

Mas vocês morrerão como simples homens; cairão como qualquer outro governante. Levanta-te, ó Deus, julga a terra, pois todas as nações te pertencem. (*Salmo 82:7-8, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, o uso dessa passagem por Jesus em João 10:33-36 é evidente: os judeus de seu tempo estão agindo como juízes injustos, assim como as autoridades da época de Asafe. Jesus não está de forma alguma chamando esses indivíduos literalmente de deuses, mas simplesmente declarando o que eles são: autoridades (“deuses”) injustas e inconsistentes.

Observamos nas Escrituras que herdaremos a vida eterna (Mateus 25:31-46), mas não encontramos nenhuma indicação de que subiremos ao nível de Deus. Devemos sempre ter em mente que Deus é mais elevado do que nós (Isaías 55:8-9) e que Jesus Cristo é nossa cabeça, nossa autoridade e nosso sumo sacerdote, não nosso igual (Efésios 5:23-29; Hebreus 7:26-29). Devemos estar mais do que satisfeitos em poder ter vida eterna por meio da comunhão com ele, pois isso é muito mais do que merecemos.

4.13.14. A NATUREZA DO CASAMENTO

Outro ensinamento fundamental de Joseph Smith a respeito da “exaltação” foi a necessidade do casamento, e não apenas o casamento, mas o que foi considerado “casamento celestial”. Esse casamento foi considerado realizado por Deus e necessário para a entrada nos níveis mais elevados de exaltação e divindade (Doutrina e Convênios 132:15-20). A doutrina afirma ainda que esse casamento durará por toda a eternidade se ambos os cônjuges viverem de maneira adequada (Doutrina e Convênios 132:15-20). Será que as Escrituras ensinam isso?

Não vemos nas Escrituras que o casamento é necessário para entrar no céu. Na verdade, o oposto é proclamado por Paulo em 1 Coríntios 7:8-9,32-35:

Digo, porém, aos solteiros e às viúvas: é bom que permaneçam como eu. Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo. (1 Coríntios 7:8-9, “Nova Versão Internacional”).

Gostaria de vê-los livres de preocupações. O homem que não é casado preocupa-se com as coisas do Senhor, em como agradar ao Senhor. Mas o homem casado preocupa-se com as coisas deste mundo, em como agradar sua mulher, e está dividido. Tanto a mulher não casada como a virgem preocupam-se com as coisas do Senhor, para serem santas no corpo e no espírito. Mas a casada preocupa-se com as coisas deste mundo, em como agradar seu marido. Estou dizendo isso para o próprio bem de vocês; não para lhes impor restrições, mas para que possam viver de maneira correta, em plena consagração ao Senhor. (1 Coríntios 7:32-35, “Nova Versão Internacional”).

Também temos as palavras de Jesus em Mateus 19:12:

Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite. (Mateus 19:12, “Nova Versão Internacional”).

Como alguém que se torna “eunuco por causa do reino dos céus” pode entrar em um “casamento celestial”? Esse conceito não está em harmonia com as Escrituras.

Jesus também fala sobre a permanência do casamento em Mateus 22:23-32:

Naquele mesmo dia, os saduceus, que dizem que não há ressurreição, aproximaram-se dele com a seguinte questão: “Mestre, Moisés disse que, se um homem morrer sem deixar filhos, seu irmão deverá casar-se com a viúva e dar-lhe descendência. Entre nós havia sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu. Como não teve filhos, deixou a mulher para seu irmão. A mesma coisa aconteceu com o segundo, com o terceiro, até o sétimo. Finalmente, depois de todos, morreu a mulher. Pois bem, na ressurreição, de qual dos sete ela será esposa, visto que todos foram casados com ela?” Jesus respondeu: “Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas são como os anjos no céu. E quanto à ressurreição dos mortos, vocês não leram o que Deus disse: ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó’? Ele não é Deus de mortos, mas de vivos!” (Mateus 19:12, “Nova Versão Internacional”).

Jesus deixa bem claro em sua refutação aos ensinamentos dos saduceus que o casamento não está presente na ressurreição. Portanto, podemos constatar que não há base bíblica para a crença em um “casamento celestial”, nem existe alguma Escritura para justificar qualquer preceito de progressão eterna. Essas doutrinas de Joseph Smith não estão em conformidade com os ensinamentos de Deus no Antigo Testamento e no Novo Testamento.

4.13.15. A NATUREZA DA VIDA APÓS A MORTE

Joseph Smith ensinou que a vida após a morte consistia em quatro reinos: os reinos celestial, terrestre e telestial, junto com as “trevas exteriores” ou inferno (Doutrina e Convênios 76; 88). Ele afirmou que essa informação foi revelada a ele enquanto ele estudava João 5:29 (Doutrina e Convênios 76:15-16). Smith afirma que o reino celestial tem três níveis (Doutrina e Convênios 131:1-4; 132), que o casamento celestial e o batismo conduzirão ao nível mais alto (Doutrina e Convênios 131:1-4; 132), levando ao recebimento da exaltação à divindade (Doutrina e Convênios 131:1-4; 132). Todos aqueles que estão no reino celestial estão lá, supostamente, por causa de sua

adesão à “lei celestial” ou a lei de Cristo (Doutrina e Convênios 88:16-32). O reino terrestre é dado àqueles que não puderam conhecer Jesus nesta vida ou que foram enganados para não o seguir, e também aos membros da Igreja dos Santos dos Últimos Dias que não são totalmente devotados a Deus (Doutrina e Convênios 76:71-80). Esses indivíduos são caracterizados por viverem retamente, mas não de acordo com os padrões da santificação de Deus (Doutrina e Convênios 76:71-80; 88:16-32). Essas pessoas não recebem a glória total de Deus, mas vivem em “glória refletida”, vivendo para a eternidade, mas sem os benefícios do “reino celestial” (Doutrina e Convênios 76:77; 132:17).

O reino telestial e as “trevas exteriores” são para aqueles que não viveram retamente. O reino telestial é para a grande maioria das pessoas (Doutrina e Convênios 76:81-112), pois esse reino é supostamente preenchido com os indivíduos que viveram de acordo com as diretrizes do mundo, chamadas de “lei telestial”, entregando-se livremente às obras da carne (Doutrina e Convênios 88:16-32). Eles viverão fora da presença de Deus, mas não no inferno propriamente dito (Doutrina e Convênios 76:112). As “trevas exteriores” são reservadas para aqueles considerados “filhos da perdição”, ou aqueles que vivem em rebelião aberta contra Deus, quebrando até mesmo a “lei telestial” (Doutrina e Convênios 76:112; 8). Será que vemos esses “reinos” nas Escrituras?

Jesus nos dá uma imagem do julgamento em Mateus 25:31-34,41,46:

Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, ele se assentará em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que foi preparado para vocês desde a criação do mundo.” (*Mateus 25:31-34, “Nova Versão Internacional”*).

Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: “Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos.” (*Mateus 25:41, “Nova Versão Internacional”*).

E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna. (*Mateus 25:46, “Nova Versão Internacional”*).

Vemos dois reinos aqui, não quatro: os justos entram no reino do Pai; os injustos, no fogo eterno. Há mais evidências contra a noção de dois reinos “intermediários” em 2 Tessalonicenses 1:6-9:

É justo da parte de Deus retribuir com tribulação aos que lhes causam tribulação, e dar alívio a vocês, que estão sendo atribulados, e a nós também. Isso acontecerá quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos, em meio a chamadas flamejantes. Ele punirá os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder. Isso acontecerá no dia em que ele vier para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram, inclusive vocês que creram em nosso testemunho. (*2 Tessalonicenses 1:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

Somos informados de que qualquer um que não conhece a Deus e não obedece ao evangelho do Senhor Jesus sofrerá punição de Deus, mas Smith afirmou que muitos que não obedeceram ao evangelho estariam no “reflexo” de sua glória, ou longe de sua glória, mas não na punição eterna. Não encontramos em nenhum lugar nas Escrituras Deus mostrando misericórdia no juízo final a qualquer um que não obedeça a seu Filho Jesus. Um indivíduo entrará no céu ou será lançado na punição final (fogo eterno). A estrutura da vida após a morte de quatro níveis de Smith não está de acordo com os ensinamentos do Novo Testamento.

4.13.16. PRÉ-MILENARISMO

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias acredita no [pré-milenarismo](#), o qual já discutimos em detalhes ao estudar sobre os Irmãos de Plymouth. O pré-milenarismo adotado pelos Santos dos Últimos Dias tem, no entanto, algumas adaptações para o conformar ao sistema de crenças relacionado ao Livro de Mórmon, ao sacerdócio, e a outras coisas semelhantes. Vamos examinar algumas dessas diferenças agora.

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias ensina que ocorreu uma apostasia universal, exigindo que o evangelho fosse “restaurado” por Joseph Smith, e 2 Tessalonicenses 2:1-4 é apontado como evidência (*McConkie, Bruce, “Mormon Doctrine”, p. 689*):

Irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão facilmente, quer por profecia, quer por palavra, quer por carta supostamente vinda de nós, como se o dia do Senhor já tivesse chegado. Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição. Este se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, chegando até a assentar-se no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus. (2 *Tessalonicenses* 2:1-4, “*Nova Versão Internacional*”).

Existe alguma evidência aqui para demonstrar que a apostasia seria universal? Será que não sobraria ninguém para pregar o verdadeiro evangelho? Isso estaria contradizendo Mateus 28:20:

ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos. (*Mateus* 28:20, “*Nova Versão Internacional*”).

Como Jesus pode estar conosco “sempre” se houve uma apostasia universal? Essa afirmação não está de acordo com a mensagem de Jesus.

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias também afirma que o Livro de Mórmon seria revelado nos “últimos dias”, supostamente conforme profetizado por Isaías em Isaías 29:1-24, e que haverá a construção de um templo, conforme Ezequiel 37:1-28 (*McConkie, Bruce, “Mormon Doctrine”, p. 690*). Será que isso é verdade?

Atentemos para o texto em Isaías 29:11-14:

Para vocês toda esta visão não passa de palavras seladas num livro. E, se vocês derem o livro a alguém que saiba ler e lhe disserem: “Leia, por favor”, ele responderá: “Não posso; está lacrado”. Ou, se vocês derem o livro a alguém que não saiba ler e lhe disserem: “Leia, por favor”, ele responderá: “Não sei ler”. O SENHOR diz: “Esse povo se aproxima de mim com a boca e me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. A adoração que me prestam é feita só de regras ensinadas por homens. Por isso uma vez mais deixarei atônito esse povo com maravilha e mais maravilha; a sabedoria dos sábios perecerá, a inteligência dos inteligentes se desvanecerá” (*Isaías* 29:11-14, “*Nova Versão Internacional*”).

Esses “mistérios” são o Livro de Mórmon? A evidência nas Escrituras aponta que se tratam dos mistérios do reino dos céus, conforme descrito por Jesus em Mateus 13:10-17:

Os discípulos aproximaram-se dele e perguntaram: “Por que falas ao povo por parábolas?” Ele respondeu: “A vocês foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino dos céus, mas a eles não. A quem tem será dado, e este terá em grande quantidade. De quem não tem, até o que tem lhe será tirado. Por essa razão eu lhes falo por parábolas: ‘Porque vendo, eles não veem e, ouvindo, não ouvem nem entendem’. Neles se cumpre a profecia de Isaías: ‘Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão. Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração e converter-se, e eu os curaria’. Mas felizes são os olhos de vocês, porque veem; e os ouvidos de vocês, porque ouvem. Pois eu digo a verdade: muitos profetas e justos desejaram ver o que vocês estão vendo, mas não viram, e ouvir o que vocês estão ouvindo, mas não ouviram.” (*Mateus* 13:10-17, “*Nova Versão Internacional*”).

Aqui Jesus diz claramente que os discípulos deveriam entender o mistério do reino dos céus e que os judeus endureceram seus corações para esse mistério. Portanto, a profecia de Isaías foi cumprida em Cristo Jesus.

A outra passagem em questão é Ezequiel 37:21-28:

e diga-lhes: assim diz o Soberano, o SENHOR: tirarei os israelitas das nações para onde foram. Vou ajuntá-los de todos os lugares ao redor e trazê-los de volta à sua própria terra. Eu os farei uma única nação na terra, nos montes de Israel. Haverá um único rei sobre todos eles, e nunca mais serão duas nações nem estarão divididos em dois reinos. Não se contaminarão mais com seus ídolos e imagens detestáveis nem com nenhuma de suas transgressões, pois eu os salvarei de todas as suas apostasias pecaminosas e os purificarei. Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. O meu servo Davi será rei sobre eles, e todos eles terão um só pastor. Seguirão as minhas leis e terão o cuidado de obedecer aos meus decretos. Viverão na terra que dei ao meu servo Jacó, a terra onde os seus antepassados viveram. Eles e os seus filhos e os filhos de seus filhos viverão ali para sempre, e o meu servo Davi será o seu líder para sempre. Farei uma aliança de paz com eles; será uma aliança

eterna. Eu os firmarei e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles para sempre. Minha morada estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Então, quando o meu santuário estiver entre eles para sempre, as nações saberão que eu, o SENHOR, santifico Israel. (*Ezequiel 37:21-28, “Nova Versão Internacional”*).

Ezequiel claramente está se referindo à Nova Aliança em Jesus Cristo, que é da linhagem de Davi (veja Mateus 1:1-17). Será que Ezequiel afirma em Ezequiel 37:27 que Deus construirá um tabernáculo literal em Jerusalém? O que Paulo pensa em 2 Coríntios 6:16?

Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: “Habituarei com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. (*2 Coríntios 6:16, “Nova Versão Internacional”*).

A passagem em Ezequiel tem ramificações espirituais, não literais. Podemos ter certeza, então, de que as Escrituras nada falam sobre a revelação do Livro de Mórmon ou a construção de outro templo.

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias também acredita que a profecia sobre o retorno de Elias em Malaquias 4:5-6 se refere à vinda de Elias a Joseph Smith e Oliver Cowdery em 1836 d.C. (Doutrina e Convênios 110:13-16). No entanto, ao estudar sobre os Irmãos de Plymouth, constatamos que a [profecia de Malaquias 4](#) que se refere a Elias tem como seu cumprimento João Batista, conforme declarado pelo próprio Jesus. Devemos confiar em Jesus ou em Joseph Smith?

Existem muitas outras pequenas mudanças de detalhes entre o pré-milenarismo da Igreja dos Santos dos Últimos Dias e o pré-milenarismo de outras denominações, especialmente aquelas no movimento evangélico, mas o que foi apresentado acima deve ser suficiente para demonstrar que a versão do pré-milenarismo da Igreja dos Santos dos Últimos Dias também não está de acordo com as Escrituras.

4.13.17. BATISMO PELOS MORTOS

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias pratica o que chama de “batismo pelos mortos”, isto é, um batismo realizado por uma pessoa viva feito em lugar de alguém que está morto e que pode desejar aceitar esse batismo a fim de obter uma posição mais elevada na estrutura do “reino” (veja Doutrina e Convênios 24:28-36; 127; 128). Essa prática é realizada com a citação de 1 Coríntios 15:29:

Se não há ressurreição, que farão aqueles que se batizam pelos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que se batizam por eles? (*1 Coríntios 15:29, “Nova Versão Internacional”*).

Será que isso significa que uma prática chamada “batismo pelos mortos” é legítima? Vamos examinar essa questão. Em primeiro lugar, é notável ver que não há nenhum exemplo no Novo Testamento de alguém sendo “batizado por outra pessoa”. Todos os batismos são realizados em uma pessoa para a remissão de seus pecados.

Constatamos que Paulo está fazendo uma pergunta sobre “aqueles que batizam pelos mortos”. Quem o termo “aqueles” representa? Paulo não está dando um mandamento, e nem um exemplo, aqui. Ele não está dizendo quem está fazendo essa obra. Não é Paulo. Os coríntios também não. Não são os cristãos. Quem são, então?

É crucial para interpretar esse versículo entender que Paulo está colocando esse grupo como outros que não seguem o ensino, raciocínio ou instrução de Cristo. Paulo usa um termo grego que significa literalmente “aqueles que” batizam pelos mortos, ao invés de seu termo usual “nós”. Há duas possibilidades para entender o que esse grupo tinha em mente com seu “batismo pelos mortos”.

A primeira possibilidade é que esse grupo estava associando seus “batismos” apenas com a morte, e não com a ressurreição. O batismo bíblico deve ser realizado tanto para a morte do “velho homem” quanto para a ressurreição do “novo homem”, de forma análoga ao sepultamento e a ressurreição de Cristo, conforme o ensinamento de Paulo em Romanos 6:3-11. Se o “batismo” foi realizado apenas para a morte, trata-se de um “batismo” incompleto, não sendo o único batismo bíblico, conforme Efésios 4:5. Dessa forma, o ponto de Paulo

seria que até mesmo o batismo seria inútil se não existisse a ressurreição, ou seja, a ressurreição toma parte crucial na salvação.

A segunda possibilidade é que Paulo usou “aqueles que batizam pelos mortos” como um exemplo para os coríntios entenderem que até mesmo esse grupo que não realizava o batismo corretamente reconhecia implicitamente que existe uma ressurreição de mortos, pois estaria de alguma forma tentando “purificar” os mortos de seus pecados com um ritual terreno (embora inútil) para que esses mortos pudessem “ressuscitar imaculados” no futuro. Dessa forma, o ponto de Paulo seria que até mesmo esse grupo reconhece a existência da ressurreição, enquanto alguns dos próprios coríntios chegaram ao absurdo de dizer que não há ressurreição de mortos (1 Coríntios 15:12)!

Nada nos escritos de Paulo, ou em qualquer parte da Bíblia, sugere que haja valor em ser batizado em nome de outra pessoa, viva ou morta. O Novo Testamento é claro que os indivíduos são responsáveis perante Deus por seus próprios pecados e por sua fé individual. Temos evidências nas Escrituras que falam de um indivíduo sendo julgado pelo que ele mesmo fez, e não pelo que outros fizeram por ele (Mateus 16:27; Atos 17:30; 2 Tessalonicenses 1:6-9):

Pois o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um de acordo com o que tenha feito. (*Mateus 16:27, “Nova Versão Internacional”*).

No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. (*Atos 17:30, “Nova Versão Internacional”*).

É justo da parte de Deus retribuir com tribulação aos que lhes causam tribulação, e dar alívio a vocês, que estão sendo atribulados, e a nós também. Isso acontecerá quando o Senhor Jesus for revelado lá dos céus, com os seus anjos poderosos, em meio a chamas flamejantes. Ele punirá os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles sofrerão a pena de destruição eterna, a separação da presença do Senhor e da majestade do seu poder. Isso acontecerá no dia em que ele vier para ser glorificado em seus santos e admirado em todos os que creram, inclusive vocês que creram em nosso testemunho. (*2 Tessalonicenses 1:6-9, “Nova Versão Internacional”*).

Observamos nessas passagens (e também em muitas outras, incluindo Mateus 25:31-46) que cada um de nós será individualmente julgado pelas ações que realiza, e não pelas ações que outros podem realizar em nosso nome.

Da mesma forma, o autor do Livro de Hebreus deixa claro em Hebreus 9:27-28 que não existe um “estágio intermediário” para a aceitação de Cristo entre a morte e o juízo:

Da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo, assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam. (*Hebreus 9:27-28, “Nova Versão Internacional”*).

Os santos dos últimos dias podem argumentar que Jesus pregou aos espíritos em prisão em 1 Pedro 3:19. No entanto, como discutimos ao abordar sobre o [Credo dos Apóstolos](#), Pedro está dizendo que Cristo, no Espírito, pregou, por meio de Noé, àqueles que viveram antes do dilúvio. Naquela época, eram pessoas vivendo normalmente suas vidas, porém, após o julgamento pelo dilúvio, passaram a ser “espíritos em prisão” no *sheol/hades*, o mundo dos mortos. Cristo não foi pregar a eles depois de suas mortes – ele pregou a eles enquanto ainda estavam vivos, por meio de Noé, para que pudessem ter arrependimento.

De qualquer maneira, o ponto de Paulo foi reforçar sua mensagem ao longo do capítulo: se Jesus não foi ressuscitado dos mortos, todas as nossas esperanças são em vão. Portanto, não é possível concluir a partir desse versículo que devemos “batizar pelos mortos”. Foi-nos dito que seremos julgados com base em nossos atos na carne, nem mais nem menos. Portanto, as Escrituras não ensinam que devemos batizar pelos mortos.

4.13.18. SERVIÇOS DE TEMPLO

A Igreja dos Santos dos Últimos Dias instituiu um sistema de serviços de templo em que templos são construídos em uma localidade para que todos possam se reunir ali. Esses templos são supostamente comandados por Deus em Doutrina e Convênios 124:39-40:

Portanto, em verdade vos digo, que vossas unções e vossas abluções; e vossos batismos pelos mortos; e vossas assembleias solenes e memoriais dos vossos sacrifícios feitos pelos filhos de Levi por vós; e os vossos oráculos nos lugares santíssimos, onde recebeis conhecimento; e os vossos estatutos e juízos, para o início das revelações e do alicerce de Sião, e para a glória, honra, e investidura de todos os seus munícipes são prescritos pela ordenança de minha casa santa, a qual meu povo sempre recebe ordem de construir a meu santo nome. E em verdade vos digo: que essa casa seja construída ao meu nome, a fim de que nela eu revele minhas ordenanças a meu povo; (*Doutrina e Convênios 124:39-40*).

Supõe-se em Doutrina e Convênios 110:7 que Deus habitará nestes templos:

Pois eis que aceitei esta casa, e meu nome aqui estará; e manifestar-me-ei a meu povo com misericórdia nesta casa. (*Doutrina e Convênios 124:39-40*).

Bruce McConkie, em sua obra "Doutrina Mórmon", faz a seguinte declaração:

A construção inspirada e o uso adequado dos templos são uma das grandes evidências da divindade da obra do Senhor. Sem revelação, eles não podem ser construídos ou usados. Onde houver templos, com o espírito de revelação repousando sobre aqueles que os administram, lá o povo do Senhor será encontrado; onde estes não estão, a igreja, o reino e a verdade do céu não estão. (*McConkie, Bruce, "Mormon Doctrine", p. 781*).

Essas são declarações sérias. Será que na Nova Aliança recebemos o mandamento de construir templos?

Estevão, como parte de sua condenação da dureza de coração dos judeus, diz o seguinte em Atos 7:48-50:

Todavia, o Altíssimo não habita em casas feitas por homens. Como diz o profeta: "O céu é o meu trono; a terra, o estrado dos meus pés. Que espécie de casa vocês me edificarão?" diz o Senhor, ou, "onde seria meu lugar de descanso? Não foram as minhas mãos que fizeram todas estas coisas?" (*Atos 7:48-50, "Nova Versão Internacional"*).

Estevão está citando Isaías 66:1-2. Vamos ler essa passagem:

Assim diz o SENHOR: "O céu é o meu trono; e a terra, o estrado dos meus pés. Que espécie de casa vocês me edificarão? É este o meu lugar de descanso? Não foram as minhas mãos que fizeram todas essas coisas, e por isso vieram a existir?", pergunta o SENHOR. "A este eu estimo: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra." (*Isaías 66:1-2, "Nova Versão Internacional"*).

Isaías deixa claro aqui que Deus busca o coração do homem como morada, e não uma criação feita por mãos humanas. Paulo frequentemente se refere a isso, como é observado em 1 Coríntios 3:16-17; 6:19-20; 2 Coríntios 6:16:

Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que são vocês, é sagrado. (*1 Coríntios 3:16-17, "Nova Versão Internacional"*).

Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de vocês mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo. (*1 Coríntios 6:19-20, "Nova Versão Internacional"*).

Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: "Habitaréi com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo". (*2 Coríntios 6:16, "Nova Versão Internacional"*).

Paulo também observa que a própria igreja, sendo os cristãos individuais, é tecnicamente um templo coletivo em Efésios 2:19-22:

Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. Nele vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito. (*Efésios 2:19-22, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, é evidente que na Nova Aliança não construímos templos físicos para Deus, pois devemos ser seus templos. Deus não habita em um templo feito por mãos humanas.

4.14. ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA

O Adventismo do Sétimo Dia começou em 1845 d.C. com alguns ex-mileritas, um grupo que cresceu em torno de William Miller. Miller acreditava que a data do retorno de Jesus poderia ser verificada nas Escrituras, sugerindo primeiro que ele voltaria entre 21 de março de 1843 d.C. e 21 de março de 1844 d.C., o que foi supostamente 2.300 anos após o início da profecia em Daniel 8:14. Quando a primavera de 1844 d.C. veio e passou, muitos dos discípulos de Miller determinaram que a data era verdadeiramente 22 de outubro de 1844 d.C. Quando esse dia também passou, o grupo se desfez por causa de diferenças de interpretação sobre o que aconteceu no “grande desapontamento”, como o evento foi chamado. Um grupo acreditou que algo importante aconteceu em outubro de 1844 d.C., que Jesus começou seu ministério a partir do lugar santíssimo, o qual representou o início dos “tempos do fim”. O grupo reconheceu Ellen G. White como uma profetisa de Deus, e seus escritos foram, e são, tidos em grande estima. O nome “Adventismo do Sétimo Dia” combina duas das mensagens do grupo: que os cristãos devem guardar o sábado no sétimo dia, como Deus ordenou a Israel, e que o retorno de Jesus Cristo é iminente, o “segundo advento”. O Adventismo do Sétimo Dia é conhecido por aderir a muitas porções da Lei de Moisés, incluindo o sábado, o dízimo e as ordenanças dietéticas, e por ter fortes crenças pré-milenaristas.

4.14.1. VARIANTES DO ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA

Existem algumas variantes do movimento milerita do qual se origina o Adventismo do Sétimo Dia. A Igreja Cristã Adventista foi iniciada em 1860 d.C. com os mileritas, e eles também pregam o retorno iminente de Jesus Cristo, embora não acreditem que Ellen G. White foi uma profetisa. Embora haja desacordo interno sobre algumas questões e práticas, sendo a celebração da Páscoa uma delas, não houve variantes do Adventismo do Sétimo Dia em si.

4.14.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação;
- [Pietismo](#): o equívoco na crença de que a [lavagem de pés](#) é obrigatória;
- [Batistas](#): [uma vez salvo, sempre salvo](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [pré-milenarismo](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#);
- [Fundamentalismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);

- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais](#), [centros de educação](#), [cozinhas e salões para companheirismo](#) e [ginásios e academias](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a [“lei moral”](#) e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#) (um ancião por congregação); erro na permissão de [diaconisas](#) na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#).

Influências de denominações antigas:

- Os [judaizantes](#).

4.14.3. O SABBATH

O Adventismo do Sétimo Dia ensina que o sábado, o dia instituído por Deus para o descanso de Israel, ainda é obrigatório para os cristãos hoje. Os adventistas do sétimo dia acreditam que Deus instituiu o mandamento na criação (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 249*), que Deus nunca ordenou aos cristãos que deixassem de observá-lo (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 249*) e que os apóstolos observavam o sábado (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, pp. 253-254*). Será que esses ensinamentos são validados pelas Escrituras?

O mandamento de Deus a respeito do sábado foi comandado em Êxodo 20:8-11:

Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o SENHOR abençoou o sétimo dia e o santificou. (*Êxodo 20:8-11, “Nova Versão Internacional”*).

O *sabbath* foi dado ao homem como um dia de descanso porque Deus descansou no sétimo dia. Não há evidência nas Escrituras de que Deus tenha ordenado a alguém antes de Moisés que observasse o *sabbath*. Sim, é dito que Deus santifica o sétimo dia de acordo com Gênesis 2:3, mas Gênesis foi, sem dúvida, escrito depois que a aliança foi inaugurada entre Deus e Israel, e o autor demonstra a Israel (e a nós) as razões por trás do regulamento do sábado na Lei de Moisés.

Da mesma forma, nunca há um mandamento no Novo Testamento para observar o sábado. Os adventistas do sétimo dia inferem do uso do termo *“sabbath”* em Atos dos Apóstolos (Atos 13:14,42,44; 16:13; 17:1-2; 18:4) que os apóstolos o observavam. Essa inferência, porém, não é substanciada pelo texto: constatamos os apóstolos pregando a Palavra de Deus aos judeus no sábado porque esse era o dia quando judeus se reuniam. Paulo diz em

Romanos 1:16 que o evangelho foi para o “judeu primeiro, e depois para o grego”, e isso é confirmado em um exemplo, Atos 17:1-2:

Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga judaica. Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagoga e por três sábados discutiu com eles com base nas Escrituras, (*Atos 17:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

O costume de Paulo era arrazoar primeiro com os judeus nas cidades em que entrava. Ele passava a pregar aos gentios apenas após os judeus não o ouvirem.

Pode-se argumentar que, tendo em vista que o termo “*sabbath*” é usado, isso significa que esses cristãos obviamente o observaram. Isso não é necessariamente o caso. A “cristandade” reconhece 25 de dezembro como o Natal. Se alguém falar em fazer algo no dia de Natal, isso exige que se observe o Natal como uma celebração religiosa? De forma alguma, pois é o termo comumente entendido como 25 de dezembro. Da mesma forma, os primeiros cristãos reconheceram que o “sétimo dia” era o *sabbath*. Chamá-lo como tal não exige sua observância.

Com relação a Deus nunca ter “mudado” o *sabbath*, devemos entender a natureza das alianças que Deus tem com seus filhos. Foi-nos dito em Colossenses 2:13-14 o seguinte:

Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, (*Colossenses 2:13-14, “Nova Versão Internacional”*).

Também lemos a mesma mensagem em Hebreus 7:12; 9:15:

Certo é que, quando há mudança de sacerdócio, é necessário que haja mudança de lei. (*Hebreus 7:12, “Nova Versão Internacional”*).

Por essa razão, Cristo é o mediador de uma nova aliança para que os que são chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu como resgate pelas transgressões cometidas sob a primeira aliança. (*Hebreus 9:15, “Nova Versão Internacional”*).

Os apóstolos de Deus falaram claramente que houve uma mudança de lei promulgada pela morte de Jesus Cristo. Portanto, tendo em vista que houve uma mudança na lei, as leis sob Moisés não são, somente por essa virtude, aplicáveis aos cristãos hoje. Há muitos casos em que as leis de Deus sob Moisés são as mesmas que sob Cristo, mas muitas foram mudadas. Colossenses 2:14 deixa claro que a Lei de Moisés foi pregada na cruz, e qualquer prática aplicável aos cristãos deve vir antes dessa lei ou por meio dos apóstolos. O *sabbath* não atende a nenhum desses requisitos, pois foi instituído como prática apenas na época em que estava vigente a Lei de Moisés, a qual era apenas para os israelitas.

Colossenses 2:13-16 realmente fala do *sabbath* a esse respeito:

Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz. Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado. (*Colossenses 2:13-16, “Nova Versão Internacional”*).

Os adventistas do sétimo dia argumentam que esse mandamento fala apenas sobre o “sábado de sete anos da terra”, uma vez que o restante das coisas citadas são “questões rituais” (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 254*). No entanto, o texto não faz tal distinção. As luas novas acontecem mensalmente e a expressão “pelo que vocês comem ou bebem” refere-se às restrições alimentares da Lei de Moisés, as quais, de forma alguma, são “questões rituais”.

Temos mais evidências da mudança no sábado em Hebreus 4:1-11:

Visto que nos foi deixada a promessa de entrarmos no descanso de Deus, que nenhum de vocês pense que falhou. Pois as boas-novas foram pregadas também a nós, tanto quanto a eles; mas a mensagem que eles ouviram de nada lhes valeu, pois não foi acompanhada de fé por aqueles que a ouviram. Pois nós, os que cremos, é que entramos naquele descanso, conforme Deus disse: “Assim jurei na minha ira: jamais entrarão no meu descanso”; embora as suas obras estivessem concluídas desde a criação do mundo. Pois em certo lugar ele falou sobre o sétimo dia, nestas palavras: “No sétimo dia Deus descansou de toda obra que realizara”. E de novo, na passagem citada há pouco, diz: “Jamais entrarão no meu descanso”. Portanto, restam entrar alguns naquele descanso, e aqueles a quem anteriormente as boas-novas foram pregadas não entraram, por causa da desobediência. Por isso Deus estabelece outra vez um determinado dia, chamando-o “hoje”, ao declarar muito tempo depois, por meio de Davi, de acordo com o que fora dito antes: “Se hoje vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o coração”. Porque, se Josué lhes tivesse dado descanso, Deus não teria falado posteriormente a respeito de outro dia. Assim, ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus; pois todo aquele que entra no descanso de Deus também descansa das suas obras, como Deus descansou das suas. Portanto, esforcemo-nos por entrar nesse descanso, para que ninguém venha a cair, seguindo aquele exemplo de desobediência. (*Hebreus 4:1-11, “Nova Versão Internacional”*).

Os adventistas do sétimo dia acreditam que esse “descanso”, na verdade, se refere ao sábado semanal (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 258*). No entanto, se examinarmos o texto, constatamos que não pode ser isso. O autor do Livro de Hebreus disse em Hebreus 4:8:

Porque, se Josué lhes tivesse dado descanso, Deus não teria falado posteriormente a respeito de outro dia. (*Hebreus 4:8, “Nova Versão Internacional”*).

O descanso dado por Josué foi o *sabbath*, mas o autor do Livro de Hebreus demonstra que “ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus”. Há mais em Hebreus 4:10-11:

pois todo aquele que entra no descanso de Deus também descansa das suas obras, como Deus descansou das suas. Portanto, esforcemo-nos por entrar nesse descanso, para que ninguém venha a cair, seguindo aquele exemplo de desobediência. (*Hebreus 4:10-11, “Nova Versão Internacional”*).

Como pode esse descanso ser um descanso semanal na Terra se devemos nos esforçar para entrar nele? Devemos nos esforçar para entrar no céu (conforme 2 Timóteo 2:15), mas nunca somos informados sobre diligência para um descanso semanal. Portanto, é evidente nas Escrituras que o *sabbath* cristão representa o descanso dado no céu, e o dia de reunião segue o exemplo dos apóstolos em Atos 20:7:

No primeiro dia da semana reunimo-nos para partir o pão, e Paulo falou ao povo. Pretendendo partir no dia seguinte, continuou falando até a meia-noite. (*Atos 20:7, “Nova Versão Internacional”*).

4.14.4. RESTRIÇÕES ALIMENTARES

O Adventismo do Sétimo Dia também ensina que as restrições alimentares dadas pela Lei de Moisés ainda são aplicáveis hoje (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 285*). No entanto, temos várias passagens bíblicas mostrando que não é assim, incluindo Marcos 7:19 e Romanos 14:2,14:

“Porque não entra em seu coração, mas em seu estômago, sendo depois eliminado.” Ao dizer isso, Jesus declarou puros todos os alimentos. (*Marcos 7:19, “Nova Versão Internacional”*).

Um crê que pode comer de tudo; já outro, cuja fé é fraca, come apenas alimentos vegetais. (*Romanos 14:2, “Nova Versão Internacional”*).

Como alguém que está no Senhor Jesus, tenho plena convicção de que nenhum alimento é por si mesmo impuro, a não ser para quem assim o considere; para ele é impuro. (*Romanos 14:14, “Nova Versão Internacional”*).

Os adventistas do sétimo dia acreditam que Marcos 7:19 se referia à maneira de comer os alimentos, e não aos alimentos em si (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 292*). É verdade que contextualmente Jesus está discutindo os fariseus e sua ligação com as lavagens externas, mas o comentário feito no versículo 19 é um comentário de Marcos, não uma declaração de Jesus. Não precisa lidar

diretamente com o contexto do que Jesus está dizendo. Marcos simplesmente afirma que, ao ensinar aos fariseus que a comida não contamina os homens, Jesus também ensina que todos os alimentos são puros.

Adventistas ensinam sobre Romanos 14:1-14 dizendo que o contexto simplesmente discute comida oferecida a ídolos (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 292*), mas o texto não faz nenhuma distinção como essa. Paulo diz muito claramente: “nenhum alimento é por si mesmo impuro” e “Um crê que pode comer de tudo; já outro, cuja fé é fraca, come apenas alimentos vegetais”. Nada é falado sobre a natureza dos alimentos em si, apenas o que eles são. Paulo deixa claro que todos os alimentos são lícitos para os cristãos.

4.14.5. O SEGUNDO ADVENTO

O outro ensino principal do Adventismo do Sétimo Dia é o retorno iminente de Jesus Cristo, ou o “segundo advento”. Seu sistema de crenças a respeito do segundo advento tem muitos paralelos com o [pré-milenarismo](#) dos Irmãos de Plymouth. Vamos nos preocupar apenas com as principais diferenças entre os dois sistemas de crenças.

A principal crença dos adventistas do sétimo dia a respeito do segundo advento é o “santuário celestial”. Os adventistas do sétimo dia acreditam em um “santuário celestial” literal, onde Jesus agora reina como sumo sacerdote (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 314*). Eles acreditam que a profecia de Daniel 8:14 aponta para um período de 2.300 anos para a limpeza desse santuário:

Ele me disse: “Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será reconsagrado”.
(*Daniel 8:14, “Nova Versão Internacional”*).

Se a data de 457 a.C. for aceita como o decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém, os “setenta setes” de Daniel 9:24, ou 490 anos, nos levam a cerca de 33 ou 34 d.C. Os 1.810 anos restantes nos trazem a 1844 d.C., ou a época da profecia de Guilherme Miller. Adventistas do sétimo dia acreditam que as ações de Daniel 7:13-14 ocorreram em 1844 d.C. (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 324*):

Em minha visão à noite, vi alguém semelhante a um filho de homem, vindo com as nuvens dos céus. Ele se aproximou do ancião e foi conduzido à sua presença. Ele recebeu autoridade, glória e o reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído. (*Daniel 8:14, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, é crença do Adventismo do Sétimo Dia que Jesus iniciou a fase final de seu ministério em 1844 d.C., preparando-se para retornar para o segundo advento (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”, p. 324*). Será que é isso que as Escrituras ensinam?

Quando falamos sobre os Irmãos de Plymouth a respeito de [Daniel 7](#) e [Daniel 9](#), constatamos que os sinais de Daniel apontavam claramente para a primeira vinda de Cristo, o estabelecimento da Igreja e a destruição de Jerusalém em 70 d.C. A profecia dos “setenta setes” claramente aponta para a época da destruição de Jerusalém, e isso é confirmado por Jesus em Mateus 24:15.

O entendimento dos adventistas do sétimo dia sobre a profecia depende da data de 457 a.C., a data em que acreditam que foi dado o decreto de que Daniel falou em Daniel 9:25:

Saiba e entenda que, a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém até que o Ungido, o príncipe, venha, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas. Ela será reconstruída com ruas e muros, mas em tempos difíceis. (*Daniel 9:25, “Nova Versão Internacional”*).

Os adventistas acreditam que essa profecia foi cumprida no decreto de Artaxerxes em Esdras 7:11-26, quando Esdras recebeu autoridade do rei para ensinar aos judeus os mandamentos de seu Deus. Mesmo que aceitássemos que essa ordem era a “restauração” de Jerusalém, sua reconstrução foi primeiro ordenada por Ciro a respeito do templo (por volta de 536 a.C., Esdras 1:1) e, finalmente, comandada por Artaxerxes a respeito das muralhas de Jerusalém (por volta de 445 a.C., Neemias 2:1). Esse período de “construção” é um longo período, muito antes e logo depois do decreto de Artaxerxes por volta de 457-458 a.C. Essa é outra situação em que pessoas

tentam forçar a história a se encaixar na profecia, em vez de examinar a profecia à luz das evidências históricas. Não há evidência para correlacionar o decreto falado por Daniel com o decreto de Artaxerxes em 457-458 a.C. e, portanto, não há base para determinar algum evento importante do plano de Deus em 1844 d.C., como afirmam os adventistas. Não há, em Daniel 9, prova satisfatória de que semanas ou anos literais estejam subentendidos para que se possa fazer uma contagem a partir de um início na cronologia histórica. Parece que não há meio de ajustar matematicamente os números dados na profecia dos “setenta setes” em eventos maiores da história sem tempo demais ou de menos entre cada evento. Na verdade, apenas é possível determinar o intervalo de tempo pelos eventos descritos. Isso significa que os números proféticos são simbólicos.

Os adventistas do sétimo dia também acreditam que o “reino milenar” será no céu, com uma conclusão de que os santos e Cristo retornarão à “nova terra” para viverem para sempre (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”*, p. 364, 367-368). Também se acredita que haverá duas ressurreições, a primeira para os justos no segundo advento e a segunda para os injustos após o “milênio” (*“Seventh-Day Adventists Believe...: A Biblical Exposition of 27 Fundamental Doctrines”*, p. 358). Será que isso é ensinado pelas Escrituras?

Tais crenças são baseadas principalmente no Apocalipse de João e, como constatamos ao falar sobre os Irmãos de Plymouth e a [natureza da profecia do Apocalipse](#), o livro é uma “profecia por sinal”. Embora acreditemos que João viu tudo o que escreveu, não podemos determinar que aquilo que João viu ocorrerá literalmente. Também, quando falamos sobre os Irmãos de Plymouth a respeito da [natureza do reino de Cristo](#), constatamos que o reino de Deus existe hoje, composto por todos os santos, e não está limitado a mil anos. Foi-nos dito em Mateus 25:34 o seguinte:

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: “Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que foi preparado para vocês desde a criação do mundo.” (*Mateus 25:34, “Nova Versão Internacional”*).

O reino para os santos foi preparado desde a criação do mundo. Como pode ele ser uma “nova terra”, criada após a destruição deste mundo? É evidente que João está usando uma linguagem e sinais compreensíveis ao homem para descrever uma cena tão magnífica que nenhuma comparação pode ser válida.

Também, ao estudar sobre os Irmãos de Plymouth a respeito do [julgamento](#), constatamos que os textos em Mateus 25:31-46 e 2 Coríntios 5:10 demonstram que o julgamento será um evento único, e que não haverá dois julgamentos para duas ressurreições. Portanto, os ensinamentos dos adventistas do sétimo dia a respeito do segundo advento de Cristo não são baseados na mensagem completa das Escrituras.

4.15. CIÊNCIA CRISTÃ

A Ciência Cristã (antes conhecida como Igreja de Cristo, Cientista) é o produto do sistema de crenças de Mary Baker Eddy. Ela acreditava que descobriu as verdades ocultas de Deus em 1866 d.C. ao ser instantaneamente curada quando as Escrituras foram lidas. Ela então se abriu para o que ela considerava a “mente divina” e supostamente começou a receber revelação. Ela ensinou os princípios que derivaram em seu livro principal, *“Science and Health With Key to Scriptures”*. Ela acreditava que Deus demonstrou a ela que a única coisa que realmente existe é a verdade, também conhecida como o princípio divino, amor ou Deus. Todo o resto é ilusório, especialmente aquelas coisas consideradas “materiais” ou deste reino físico. Sua “ciência divina” foi a ação dessa mente divina e, portanto, o “cientista cristão” era aquele que praticou a vontade da mente divina em sua vida. Tal era geralmente a demonstração de Deus trabalhando dentro de alguém, o que era manifestado a outros pela cura com a mente divina: na Ciência Cristã, o pecado, a doença e todos os males são meramente ilusões, enganando o que é considerado a “mente mortal”, ou a mente em humanos, e causando a eles sofrimento, doença e morte.

Esses ensinamentos foram aceitos por muitos e, na época da morte de Mary Baker Eddy em 1910 d.C., a “causa”, como a Ciência Cristã era considerada, havia se espalhado muito além de suas raízes na Nova Inglaterra. A Ciência Cristã é conhecida por sua concepção neognóstica da dualidade de material e espírito, e o foco da denominação está no desenvolvimento individual da mente divina dentro da pessoa. Seu foco é puramente espiritual, alegorizando muitas das práticas discutidas nas Escrituras (incluindo o batismo e a Ceia do Senhor) e tendo apenas locais de reunião e serviços de adoração adequados para atender às “fraquezas” do homem.

4.15.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);
- [Sociedade Religiosa dos Amigos \(Quakers\)](#): ausência de entendimento das [naturezas física e espiritual](#) de práticas cristãs;
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [pré-milenarismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): o erro em desconsiderar a [necessidade do batismo](#); a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais](#) e [centros de educação](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Natal](#);
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos](#) e a [“lei moral”](#) e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): o erro de negar que [a Ceia do Senhor é um ato físico com significado espiritual](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#).

Influências de denominações antigas:

- [Gnosticismo](#).

4.15.2. DUALISMO: FÍSICO VERSUS ESPIRITUAL

O conceito fundamental na teologia da Ciência Cristã é o dualismo (tendo duas forças em conflito uma com a outra) entre o que é considerado físico (ou material) e o que é considerado espiritual (ou espírito). A única coisa que realmente existe é Deus, a mente divina, também conhecida como verdade, amor e inteligência, o que se manifesta no que é considerado “espiritual” (*Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 2, 27, 143*). Por outro lado, o que é físico ou material é meramente ilusório, não tendo existência em si mesmo: é uma fabricação dos sentidos e da mente mortal, a mente humana e seu sistema de crenças (*Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 97, 145, 293-294*). A Ciência Cristã apresenta esses conceitos como polaridades: materialismo e espírito são dois sistemas distintos, não tendo parte um com o outro (*Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 171, 173, 182*). A teologia segue a partir disso que as condições de

sofrimento na humanidade – pecado, doença e morte – são meramente ilusões da mente mortal e não existem verdadeiramente (Eddy, Mary Baker, *“Science and Health with Key to the Scriptures”*, p. 42, 152). Se alguém tem a mente divina trabalhando de si, entenderá que todas essas coisas “materiais” são ilusões e não têm lugar na verdade – assim, vencerá essas ilusões e estará praticando a Ciência Cristã (Eddy, Mary Baker, *“Science and Health with Key to the Scriptures”*, p. 374, 423, 428). Será que esse sistema de crenças é encontrado nas Escrituras?

Foi-nos dito nas Escrituras que Deus fez os céus e a terra e também o homem (Gênesis 1:1; 2:7):

No princípio Deus criou os céus e a terra. (Gênesis 1:1, *“Nova Versão Internacional”*).

Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente. (Gênesis 2:7, *“Nova Versão Internacional”*).

As Escrituras falam sobre a “cobiça da carne” (1 João 2:16) e do fato de que o físico será transformado em espiritual (1 Coríntios 15:35-57). As Escrituras não dizem, entretanto, que a carne e o espírito não têm parte um com o outro. Na verdade, temos as palavras de Paulo em 1 Coríntios 6:17-20 em contrário:

Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele. Fugam da imoralidade sexual. Todos os outros pecados que alguém comete, fora do corpo os comete; mas quem peca sexualmente, peca contra o seu próprio corpo. Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de vocês mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo. (1 Coríntios 6:17-20, *“Nova Versão Internacional”*).

A carne pode ser empregada de forma a glorificar Deus. Como pode fazer isso se não tiver existência ou se não tiver alguma parte com o espiritual? Como pode o corpo ser um “santuário do Espírito Santo” se o Espírito não existe na matéria?

Quando Deus estabeleceu a criação, ela foi atestada como muito boa (Gênesis 1:31). A realidade da criação ao nosso redor é assumida em toda parte nas Escrituras. A prova da ressurreição de Jesus é que ele tem um corpo de carne, e não apenas espiritual (Lucas 24:39). Postular uma realidade ilusória representa o neognosticismo, e suas visões docéticas não têm lugar nas Escrituras (Romanos 1:18-20; Colossenses 2:8-9).

4.15.3. A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

A Ciência Cristã responderá aos argumentos acima tentando demonstrar que as Escrituras estão sendo interpretadas incorretamente porque estão sendo usadas em um sentido literal. Na Ciência Cristã, as Escrituras devem ser lidas em busca de significado e compreensão espiritual (Eddy, Mary Baker, *“Science and Health with Key to the Scriptures”*, p. 177; Carpenter, Gilbert C., *“Mary Baker Eddy: Her Spiritual Footsteps”*, p. 60, 265). Mary Baker Eddy demonstrou esse conceito com sua exegese em Gênesis 1:1-3:24 em sua obra *“Science and Health With Key to Scriptures”*, tentando demonstrar que a “luz” criada em Gênesis 1:5 é “verdade”, as “águas” em Gênesis 1:9 são “pensamento”, e assim por diante (Eddy, Mary Baker, *“Science and Health with Key to the Scriptures”*, p. 504, 506). Portanto, na mentalidade da Ciência Cristã, o relato da criação de Gênesis 1:1-2:3 se refere à criação espiritual, e 1 Coríntios 6:1-20 se refere ao homem espiritual.

Esse sistema espiritual de exegese poderia ter alguma validade se não fosse pelo fato de Mary Baker Eddy repudiar porções das Escrituras que não se harmonizam com seu sistema de crenças. Por exemplo, ela considerou o relato da criação de Gênesis 2:4-25 uma “mentira” e o “oposto da verdade científica” (Eddy, Mary Baker, *“Science and Health with Key to the Scriptures”*, pp. 521-522). Ela confiou numa crença nova em sua época que afirmava que havia pelo menos dois autores do Livro de Gênesis, os chamados autores “javistas” e “eloístas”, tentando demonstrar uma forma “material” versus uma forma “espiritual” de Deus (Eddy, Mary Baker, *“Science and Health with Key to the Scriptures”*, pp. 523-524). Eddy foi mais longe ao afirmar que o conceito do YHWH dos judeus era um Deus mais “material” ao proclamar que o sistema religioso judaico era limitado, uma “religião tribal” baseada em “coisas materiais”, a “antítese do cristianismo”, com um “Deus projetado pelo homem” que “não dá nenhum indício do amor imutável de Deus” (Eddy, Mary Baker, *“Science and Health with Key to the Scriptures”*, p. 42, 133, 140) – todos esses comentários são reminiscências da posição dos gnósticos. As Escrituras, no entanto, ensinam que são inspiradas e que os judeus eram um povo de Deus em 2 Timóteo 3:16-17, Romanos 9:1-5 e Romanos 10:1-4:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 3:16-17, “Nova Versão Internacional”).

Digo a verdade em Cristo, não minto; minha consciência o confirma no Espírito Santo: tenho grande tristeza e constante angústia em meu coração. Pois eu até desejaria ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor de meus irmãos, os de minha raça, o povo de Israel. Deles é a adoção de filhos; deles são a glória divina, as alianças, a concessão da Lei, a adoração no templo e as promessas. Deles são os patriarcas, e a partir deles se traça a linhagem humana de Cristo, que é Deus acima de todos, bendito para sempre! Amém. (Romanos 9:1-5, “Nova Versão Internacional”).

Irmãos, o desejo do meu coração e a minha oração a Deus pelos israelitas é que eles sejam salvos. Posso testemunhar que eles têm zelo por Deus, mas o seu zelo não se baseia no conhecimento. Porquanto, ignorando a justiça que vem de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se submeteram à justiça de Deus. Porque o fim da Lei é Cristo, para a justificação de todo o que crê. (Romanos 10:1-4, “Nova Versão Internacional”).

A teologia de Mary Baker Eddy exige que uma porção da Palavra de Deus seja considerada como uma mentira, além de denegrir o povo de Deus. Como pode sua teologia ser consistente com as Escrituras? Portanto, podemos constatar que os métodos exegéticos e interpretativos da Ciência Cristã não se harmonizam com toda a mensagem das Escrituras. Não há nenhuma boa razão para negar que Deus criou um reino físico real no qual atualmente residimos.

4.15.4. CURA E DEMONSTRAÇÃO

As principais práticas da Ciência Cristã – cura e demonstração – decorrem de sua teologia: se os vestígios do materialismo não existem, podem ser vencidos. A única maneira de determinar se alguém está conquistando o materialismo é negando seus efeitos, incluindo o pecado, a doença, a idade e a morte (Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 194). Portanto, a prática da cura é para a Ciência Cristã a demonstração definitiva da obra da mente divina (Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 344).

Primeiramente, algumas palavras devem ser ditas a respeito do conceito da Ciência Cristã sobre doença e cura. Na teologia da Ciência Cristã, a doença não tem base material, mas é simplesmente uma condição da mente mortal. A mente mortal acredita que está doente e, portanto, está doente, consciente ou inconscientemente (Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, pp. 168-169, 188, 234). Os remédios não têm efeito em si mesmos no combate às doenças, pois é a fé no remédio que leva a uma forma de cura material (Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 131, 155). Quando Jesus veio à Terra, começou a tarefa de curar pessoas usando a “ciência divina”, e não remédios ou coisas assim, desejando que seus seguidores continuassem a fazer o mesmo (Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 157, 230). Na verdade, a Ciência Cristã acredita que Jesus fundou a Igreja no fundamento da cura (Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 136). No final, Mary Baker Eddy diz que a Ciência Cristã provou ser um sistema teológico válido com base na capacidade de curar (Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 547). Será que essa teologia é consistente com as Escrituras?

É verdade que a mente tem um impacto significativo na doença e na cura. A mente é capaz de facilitar a ocorrência de qualquer um deles, e algumas das provas de Mary Baker Eddy são verdadeiras: algumas pessoas são curadas pelo “efeito placebo”, algumas se tornam doentes por causa de uma disposição mental para adoecer (hipocondria), e assim por diante. Não é correto, entretanto, dizer que não há absolutamente nenhuma base material para doença e/ou cura. Desde a morte de Mary Baker Eddy, foi determinado de forma conclusiva que a doença tem uma base material: bactérias e vírus entram no corpo e atacam as células, e o corpo responde a esse ataque, ou há um desequilíbrio nos hormônios e/ou sinais no cérebro que levam a doenças psicológicas ou fisiológicas internas, e assim por diante. Portanto, a doença e seus sintomas são, na maioria das vezes, o resultado de um agente (em termos científicos, um patógeno), o qual age dentro do corpo e provoca uma reação. Além disso, os remédios realizam ações físicas que facilitam a cura, normalmente trabalhando para destruir o próprio patógeno, ou dando às células do corpo o conhecimento necessário para fazê-lo. É bem verdade que a “mente mortal” da Ciência Cristã desempenha um grande papel no processo de cura/doença, mas há ações físicas válidas em andamento.

Também é verdade que Jesus veio a esta Terra e curou muitos. Remover doenças, entretanto, não era sua missão. Sua missão era pregar o reino dos céus, buscar e salvar os perdidos e se sacrificar na cruz pelos nossos pecados, conforme demonstrado em Marcos 1:38, Mateus 15:24 e Filipenses 2:8:

Jesus respondeu: “Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá eu pregue. Foi para isso que eu vim”. (*Marcos 1:38, “Nova Versão Internacional”*).

Ele respondeu: “Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel”. (*Mateus 15:24, “Nova Versão Internacional”*).

E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! (*Filipenses 2:8, “Nova Versão Internacional”*).

Curar era um meio de demonstrar o poder de Cristo e demonstrar sua capacidade de realizar ações impossíveis de serem realizadas por homens. Essa mesma atitude é encontrada nos apóstolos, os quais aproveitaram a oportunidade em Atos 3:1-4:22 para curar um paraplégico e, assim, abrir o coração de muitos para receber o evangelho. Além disso, o método de cura – cura instantânea pelo nome de Cristo ou pela palavra de Cristo – não é uma demonstração da ineficácia dos remédios, mas a demonstração de que a cura foi feita pelo poder de Deus, e somente pelo poder de Deus. Não há evidência nem justificativa para inferir qualquer outra razão para tais curas a partir das Escrituras.

As Escrituras nunca falam da preeminência da cura. Na verdade, na época em que Tiago escreveu sua epístola, a oração por cura havia se tornado comum, conforme registrado em Tiago 5:14-16:

Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E, se houver cometido pecados, ele será perdoado. Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz. (*Tiago 5:14-16, “Nova Versão Internacional”*).

Da mesma forma, há relatos nas Escrituras de cristãos que estavam doentes e não foram automaticamente curados por um apóstolo, como pode ser visto em Filipenses 2:25-27 e 2 Timóteo 4:20:

Contudo, penso que será necessário enviar de volta a vocês Epafrodito, meu irmão, cooperador e companheiro de lutas, mensageiro que vocês enviaram para atender às minhas necessidades. Pois ele tem saudade de todos vocês e está angustiado porque ficaram sabendo que ele esteve doente. De fato, ficou doente e quase morreu. Mas Deus teve misericórdia dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. (*Filipenses 2:25-27, “Nova Versão Internacional”*).

Erasto permaneceu em Corinto, mas deixei Trófimo doente em Mileto. (*2 Timóteo 4:20, “Nova Versão Internacional”*).

Esses relatos não estão em harmonia com o sistema de cura da Ciência Cristã pelo poder da mente divina, mas será que algum cientista cristão afirmará que Tiago ou Paulo não são discípulos de Jesus Cristo? Isso demonstra que a afirmação feita por Marcos em Marcos 16:17-18 aplicava-se apenas aos apóstolos, e a nenhum outro, e, mesmo assim, pela vontade de Deus, nem sempre realizada em todos os casos, ao contrário do que é dito por Mary Baker Eddy (*Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 38*):

Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados. (*Marcos 16:17-18, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, é evidente que a missão de Jesus não era principalmente curar fisicamente, e o testemunho de Paulo em 1 Timóteo 3:15 demonstra que a igreja não tem sua base na cura:

mas, se eu demorar, saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade. (*Marcos 16:17-18, “Nova Versão Internacional”*).

Finalmente, é interessante notar que, embora Mary Baker Eddy ensinasse que a dor era uma ilusão da mente mortal e que remédios funcionavam somente na medida em que se tinha fé neles, ela mesma era conhecida por, às vezes, tomar morfina para a dor constante que enfrentava (*Carpenter, Gilbert C., "Mary Baker Eddy: Her Spiritual Footsteps", p. 267*). Tenta-se justificar isso com a afirmação de que, às vezes, ela teria que enfrentar suas dificuldades físicas com métodos materiais a fim de recuperar sua compreensão espiritual e ser capaz de promover ainda mais a "causa", a Ciência Cristã (*Carpenter, Gilbert C., "Mary Baker Eddy: Her Spiritual Footsteps", pp. 269-271*). Mas isso demonstra uma grande inconsistência: se a dor fosse meramente uma ilusão, Mary Baker Eddy não poderia superá-la com a mente divina? Ainda que se considerasse que ela teve momentos de fraqueza na aplicação da Ciência Cristã, por que usar morfina se ela estava tão convencida de que os remédios não surtiam efeito, a não ser pela fé contida neles? Ela não poderia ter tido fé sem a morfina? Como alguém pode rejeitar o materialismo e a medicina materialista e, então, usá-los quando for conveniente para si mesmo? Isso demonstra claramente que existe uma base física, real e material tanto para a doença quanto para os medicamentos.

4.15.5. A NATUREZA DE DEUS

A base da Ciência Cristã é que Deus é a mente divina, também conhecido como o princípio divino, amor, verdade, inteligência, etc. Uma vez que essa mente divina não tem nada a ver com qualquer coisa material, o conceito de Jesus sendo Deus o Filho em carne é insuportável no sistema de crenças da Ciência Cristã. Isso é evidenciado pelos ensinamentos de Mary Baker Eddy a respeito de Jesus: ela ensinou que Jesus era o reflexo de Cristo, a "ideia de Cristo", que Jesus não é sinônimo de Cristo, que Jesus não é Deus o Filho, mas o Filho de Deus, "um em qualidade, não em quantidade" (*Eddy, Mary Baker, "Science and Health with Key to the Scriptures", p. 316, 332, 361*). Observamos isso demonstrado em uma parte do livro de Mary Baker Eddy, "Science and Health with Key to the Scriptures":

Cristo é a Verdade ideal, que vem para curar doenças e pecados por meio da Ciência Cristã, e atribui todo o poder a Deus. Jesus é o nome do homem que, mais do que todos os outros homens, apresentou Cristo, a verdadeira ideia de Deus, curando os enfermos e pecadores e destruindo o poder da morte. Jesus é o homem humano e Cristo é a ideia divina; daí a dualidade de Jesus o Cristo. (*Eddy, Mary Baker, "Science and Health with Key to the Scriptures", p. 473*).

Constatamos nas Escrituras, no entanto, que Deus é um, e ainda assim Cristo estava com Deus e também era Deus, e que Cristo se fez carne e habitou entre nós (*Isaías 45:5-6; João 1:1,14; Colossenses 2:9; 2 João 7*):

Eu sou o SENHOR, e não há outro; além de mim não há Deus. Eu o fortalecerei, ainda que você não me conheça, de forma que desde o nascente até o poente saibam todos que não há outro além de mim. Eu sou o SENHOR, e não há outro. (*Isaías 45:5-6, "Nova Versão Internacional"*).

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. (*João 1:1, "Nova Versão Internacional"*).

Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (*João 1:14, "Nova Versão Internacional"*).

Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, (*Colossenses 2:9, "Nova Versão Internacional"*).

De fato, muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo. (*2 João 7, "Nova Versão Internacional"*).

Também temos a confissão de Pedro em Mateus 16:15-16:

"E vocês?", perguntou ele. "Quem vocês dizem que eu sou?" Simão Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". (*Mateus 16:15-16, "Nova Versão Internacional"*).

Observe que Simão Pedro não diz que Jesus é a "ideia de Cristo" ou qualquer coisa semelhante, mas que ele é o Cristo. Portanto, constatamos nas Escrituras que Jesus é o Cristo, que a separação de Jesus do Cristo não está nas Escrituras, e que Jesus é totalmente Deus, assim como o Pai é totalmente Deus.

Mary Baker Eddy também considerou o papel do Espírito Santo como sendo algo como a concessão da “ciência divina”, pois ela afirmou que o “consolador” de João 14:15-17,25-27 era a ciência divina (*Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 55*). Isso, no entanto, é inconsistente até mesmo com a doutrina da Ciência Cristã, pois Mary Baker Eddy disse no mesmo lugar que esse consolador é dado “para sempre”, mas afirmou que a igreja perdeu seu “poder de cura” no quarto século, o qual não se recuperou até que ela recebeu revelação no décimo nono século (*Eddy, Mary Baker, “Science and Health with Key to the Scriptures”, p. 41*). Além disso, os cientistas cristãos também acreditam que os discípulos de Cristo não foram capazes de compreender a ciência divina, e que a responsabilidade de expor o materialismo foi deixada para Mary Baker Eddy (*Carpenter, Gilbert C., “Mary Baker Eddy: Her Spiritual Footsteps”, p. 100*). Como, então, o consolador pode ser dado aos discípulos se o consolador é a ciência divina e, ainda assim, os discípulos não compreenderam a ciência divina? Isso não é consistente nem mesmo com a teologia da Ciência Cristã, muito menos consistente com as Escrituras. Portanto, o sistema de crença da Ciência Cristã a respeito da natureza de Deus não é consistente com o Deus descrito no Antigo Testamento e no Novo Testamento.

4.16. AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

As Testemunhas de Jeová (oficialmente a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados) foram fundadas por Charles Taze Russell em 1872 d.C. e representam um movimento crescente. As Testemunhas de Jeová são conhecidas por seu forte enfoque “evangelístico”, muitas vezes batendo em portas e distribuindo publicações. As Testemunhas de Jeová acreditam que existe poder no nome de Deus e que o planeta Terra nunca deixará de existir. Elas têm um enfoque pré-milenarista muito forte, reunindo-se em edifícios que chamam de “salões do reino”. Elas também são conhecidas por incorporarem muitos sistemas de crenças judaicas em sua teologia e por suas visões não trinitárias. As Testemunhas de Jeová publicam sua própria tradução da Bíblia, a Tradução do Novo Mundo, a qual contém alterações em relação ao texto original para se adequar ao sistema de crenças das Testemunhas de Jeová. Elas também são muito conhecidas por sua profecia do retorno de Jesus Cristo em 1914 d.C. Quando isso não ocorreu, adaptaram a crença postulando que Jesus começou a governar em 1914 d.C., quando Satanás foi lançado à Terra, por causa de sua interpretação de Apocalipse 12:9.

4.16.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o mau uso da [oração do Pai Nosso](#);
- [Anabatismo](#): tentativa de justificar a abstinência de pagar impostos por causa do princípio da [não resistência](#);
- [Calvinismo](#): [T: total depravity – depravação total](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [pré-milenarismo](#).

Movimentos relacionados:

- [Ecumenismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [centros de educação](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;

- Observâncias: Quinta-Feira Santa; equívoco em proibir a observância do Natal;
- Práticas judaicas: equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à Lei de Moisés, incluindo os dez mandamentos e a “lei moral”;
- A Ceia do Senhor: erro em utilizar pão com fermento e vinho alcoólico; erro na frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada.

Influências de denominações antigas:

- Os judaizantes;
- Gnosticismo.

4.16.2. O NOME DE DEUS O PAI

As Testemunhas de Jeová se apegam fortemente em chamar Deus pelo nome de “Jeová”, a forma “inglesa” do tetragrama hebraico YHWH (*Watch Tower Bible and Tract Society, “The Truth that Leads to Eternal Life”, pp. 17-18*), o qual, na realidade, provavelmente é pronunciado “Yahweh”, ou “Javé”/“Iavé” em português. Elas acreditam que o nome deve ser usado por conta de sua importância no Antigo Testamento, a partir de versículos como Atos 15:14, e pelo fato de que Jesus honrou o nome em João 17:6,26:

Simão nos expôs como Deus, no princípio, voltou-se para os gentios a fim de reunir dentre as nações um povo para o seu nome. (*Atos 15:14, “Nova Versão Internacional”*).

Eu revelei teu nome àqueles que do mundo me deste. Eles eram teus; tu os deste a mim, e eles têm obedecido à tua palavra. (*João 17:6, “Nova Versão Internacional”*).

Eu os fiz conhecer o teu nome e continuarei a fazê-lo, a fim de que o amor que tens por mim esteja neles, e eu neles esteja. (*João 17:26, “Nova Versão Internacional”*).

Será que esses versículos mostram que devemos usar o “nome” de Deus, “Jeová”, para agradá-lo? Devemos primeiro entender o que o termo “nome” significa nesses contextos no Novo Testamento. Vamos examinar Mateus 28:18-19 e Atos 3:6:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo,” (*Mateus 28:18-19, “Nova Versão Internacional”*).

Disse Pedro: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande”. (*Atos 3:6, “Nova Versão Internacional”*).

Quando alguém assina um cheque, dá ao banco autoridade para dar o montante especificado ao destinatário pretendido. Encontramos algo semelhante em Mateus 28:18-19 e Atos 3:6. Será que existe algum poder intrínseco nas palavras “Pai e do Filho e do Espírito Santo” ou “Jesus Cristo, o Nazareno”? De jeito nenhum! Há grande poder, porém, nas figuras do Pai, do Filho – Jesus Cristo de Nazaré – e do Espírito Santo. Portanto, quando alguém fala ou age “em nome de” Jesus Cristo, fala ou age sob a autoridade de Jesus Cristo.

É exatamente disso que Jesus fala em João 17:6,26. Jesus manifestou a autoridade de seu Pai e revelou aos judeus o poder de Deus que está em seu nome. Em Atos 15:14, Tiago está discutindo a profecia de Isaías de que alguns dos gentios seriam um povo pelo nome de Deus, isto é, sob sua autoridade. Não há nenhuma intenção de afirmar que os gentios deveriam usar uma nomenclatura específica para falar de Deus. Portanto, esses versículos não demonstram que há necessidade de se referir a Deus como “Jeová”.

No entanto, as Escrituras indicam como as pessoas nos tempos do Novo Testamento se referiam a Deus. Lemos o seguinte, por exemplo, em Mateus 4:7:

Jesus lhe respondeu: “Também está escrito: ‘Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus’” (*Mateus 4:7, “Nova Versão Internacional”*).

Aqui, Jesus está citando Deuteronômio 6:16:

Não ponham à prova o SENHOR, o seu Deus, como fizeram em Massá. (*Deuteronômio 6:16, “Nova Versão Internacional”*).

É costume em muitas traduções de Deuteronômio, como em todo o Antigo Testamento, usar “SENHOR”, em maiúsculas, para indicar a presença do Tetragrama YHWH. Nas palavras de Jesus no Novo Testamento, no entanto, não há uso do tetragrama em qualquer forma – em vez disso, o termo grego *kurios*, ou “Senhor”, é sempre usado. Não se pode afirmar que os autores do Novo Testamento nunca apresentaram transliterações de nada: basta checar Mateus 27:46, ou Marcos 5:41, para encontrar evidências de hebraico/aramaico transliterado para o grego. Se fosse tão importante para Jesus (ou para Mateus) que o nome de Deus fosse pronunciado e usado em Mateus 4:7, ou em qualquer outra referência clara ao tetragrama, por que eles não apresentam o YHWH transliterado no texto, mas usaram a tradução *kurios*?

A Tradução do Novo Mundo, produzida pelas Testemunhas de Jeová, traduz Mateus 4:7 usando “Jeová”, o que é feito com frequência, mas nunca encontramos qualquer evidência do tetragrama no grego original do Novo Testamento. Além disso, no Antigo Testamento grego (a Septuaginta ou LXX), o termo *kurios* é mais frequentemente usado para traduzir o tetragrama, e muitos autores do Novo Testamento usaram a LXX ou Septuaginta ao citar o Antigo Testamento. Não há justificativa nos manuscritos do Novo Testamento para traduzir o termo *kurios* como “Jeová”.

Quanto a isso, muitas testemunhas de Jeová alegarão que o tetragrama estava originalmente nos textos do Novo Testamento, mas os escribas posteriores corromperam o texto e removeram a referência a ele. Não há evidência textual para isso, o que é significativo, considerando a extensão geográfica e as idades dos textos em nossa posse. Além disso, se devemos acreditar que os escribas posteriores foram capazes de corromper tão completamente o texto do Novo Testamento a ponto de não sermos capazes de discerni-lo hoje, não poderíamos ter qualquer confiança em qualquer coisa que o Novo Testamento nos ensina. Como saberíamos o que mais foi alterado? Tal afirmação requer muita especulação, sem base suficiente na realidade. Portanto, representa um grande perigo para o fundamento da fé.

Também há evidências das palavras de Jesus em Mateus 6:9 e Lucas 11:2:

Vocês devem orar assim: “Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome.” (*Mateus 6:9, “Nova Versão Internacional”*).

Ele lhes disse: “Quando vocês orarem, digam: ‘Pai! Santificado seja o teu nome. Venha o teu reino.’” (*Lucas 11:2, “Nova Versão Internacional”*).

As Testemunhas de Jeová dizem que Mateus 6:9 é uma demonstração de Jesus honrando o nome de Deus (*Watch Tower Bible and Tract Society, “The Truth that Leads to Eternal Life”, p. 19*), e também ensinam que o nome “Jeová” deve ser usado em oração ao expressar a divindade (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 155*). No entanto, como pode ser esse o caso se Jesus não usa o termo “Jeová”, ou “YHWH”, ou qualquer outra coisa assim, mas simplesmente “Pai” ou “Pai nosso”?

Finalmente, há a questão do próprio termo. As Testemunhas de Jeová condenam os judeus por sua “superstição” de não pronunciar o nome de Deus, assim não nos permitindo saber definitivamente como o tetragrama é pronunciado – o idioma hebraico original não continha vogais (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 24*). De qualquer forma, o termo “Jeová” certamente não é a pronúncia do tetragrama. “Jeová” foi popularizado há algumas centenas de anos com base em um mal-entendido da tradição massorética judaica a respeito da escrita do tetragrama na Bíblia Hebraica. A fim de ter certeza absoluta de que ninguém tentaria acidentalmente pronunciar o tetragrama, os escribas massoréticos forneceram os apontamentos vocálicos para alguns dos termos comuns usados no lugar do tetragrama: *adonai* (Senhor), *ha-Shem* (o Nome) ou *elohim/eloah* (Deus). Alguém não familiarizado com a tradição viu o texto YHWH com as marcações vocálicas para *eloah* e tentou lê-lo como hebraico “normal”: *YeHoWaH* (“*Jehovah*” em inglês, “Jeová” em português). Isso não tem

sentido em hebraico, não se correlacionando com nenhum uso reconhecido (considere *Brown, Driver, and Briggs, "Hebrew Lexicon of the Old Testament"*, pp. 217-218).

"*Yahweh*" é a pronúncia preferida, com base em evidências antigas. "*Yah*" é bastante claro na representação das vogais com essa parte do nome de Deus em Êxodo 15:2 e também nos nomes que incluem parte do nome de Deus (por exemplo, Jeremias = hebraico *Yirmiyahu*). Também temos evidências dos primeiros autores cristãos, como Clemente de Alexandria, que afirmam que os judeus de sua época estabeleceram que a pronúncia era, conforme traduzida em grego, "*Iaoue*" (Clemente de Alexandria, "*Miscelânea*", 5.6), ou, de Epifânio e Teodoreto, "*Iabe*". Como o grego não tem como renderizar "h" internamente, e perdeu seu som "w", podemos compreender como "*Yahweh*" soaria como "*Iaoue*" ou "*Iabe*" para um falante nativo de grego.

Toda essa discussão serve a um propósito: como pode o nome de Deus ter tanta importância se nem mesmo sabemos como ele realmente é? Como pode o nome de Deus ser usado na oração se não sabemos como pronunciá-lo? Se Deus considerasse seu nome como sendo de tão grande importância, Jesus ou os apóstolos não teriam demonstrado como pronunciá-lo? No entanto, não há nenhuma evidência de Deus insistir em ser chamado pelo tetragrama no Novo Testamento. Portanto, pode ser determinado que o uso do tetragrama para se referir a Deus o Pai não deve ser obrigatório aos cristãos.

4.16.3. A NATUREZA DE JESUS CRISTO

As Testemunhas de Jeová rejeitam a crença de que Deus é uma Trindade, com Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo como três personalidades distintas que são uma (*Watch Tower Bible and Tract Society, "Knowledge that Leads to Everlasting Life"*, p. 31). Em vez disso, acreditam que Jesus é "um deus", simplesmente o Filho de Deus, não o Deus Filho. As Testemunhas de Jeová acreditam que há evidências para isso em João 14:28 e 1 Coríntios 15:28 (*Watch Tower Bible and Tract Society, "Knowledge that Leads to Everlasting Life"*, p. 31):

Vocês me ouviram dizer: "Vou, mas volto para vocês." Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu. (*João 14:28, "Nova Versão Internacional"*).

Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos. (*1 Coríntios 15:28, "Nova Versão Internacional"*).

Será que esses versículos ensinam que Jesus não é o Deus Filho?

Deve-se notar que nenhum desses versículos realmente discute a natureza de Jesus Cristo. Foi-nos dito o seguinte em Mateus 28:18:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: "Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra." (*Mateus 28:18, "Nova Versão Internacional"*).

É geralmente entendido que aquele que dá poder a outro é uma autoridade superior. Isso não significa, entretanto, que o Pai e Jesus são de duas naturezas distintas – significa meramente que o Pai deu poder ao Filho.

A principal evidência de que Jesus é verdadeiramente o Deus Filho é observada em João 1:1:

No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus e era Deus. (*João 1:1, "Nova Versão Internacional"*).

As Testemunhas de Jeová interpretaram esse versículo da seguinte maneira na Tradução do Novo Mundo:

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era um deus. (*João 1:1, "Tradução do Novo Mundo, revisão 2015"*).

Essa alteração do texto vem com absolutamente nenhuma evidência textual para apoiá-la. Alega-se que presença do artigo indefinido "um" na frente de "deus" é justificada com base no fato de que João não fornece o artigo definido diante da palavra traduzida como "Deus" (*theos*). Não obstante, o artigo em grego nem mesmo é principalmente um marcador de definição (para saber mais, considere *Wallace, Daniel, "The Elements of New Testament Syntax"*, p. 94), e muitas vezes os substantivos definidos não têm um artigo com eles. A ausência de

artigo é uma demonstração, de fato, de que a “Palavra” não é Deus Pai – devemos entender o termo *theos* (Deus) em João 1:1 como qualitativo, indicando a natureza de *ho logos*, a Palavra (Wallace, Daniel, “*The Elements of New Testament Syntax*”, pp. 119-120). Esse é o entendimento compartilhado por estudiosos textuais fora do movimento das Testemunhas de Jeová.

As Testemunhas de Jeová tentam justificar sua tradução apontando para João 1:18 e dizendo que, uma vez que o homem viu Jesus Cristo, e ninguém jamais viu a Deus, Jesus Cristo não pode ser Deus, então ele deve ser apenas uma forma de divindade (*Watch Tower Bible and Tract Society*, “*The Truth that Leads to Eternal Life*”, p. 24):

Ninguém jamais viu Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido. (João 1:18, “*Nova Versão Internacional*”).

Devemos perguntar: temos justificativa para alterar a tradução das Escrituras porque vemos uma aparente contradição? De maneira nenhuma, pois, ao fazermos isso, invalidamos a Palavra de Deus! Muito provavelmente, João está aludindo ao fato de que nenhum homem viu Deus como espírito. Ele diz em João 1:14:

Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (João 1:14, “*Nova Versão Internacional*”).

A Palavra, que é um espírito, como o Pai é (João 4:24), “tornou-se carne e habitou entre nós”. Assim, embora Jesus Cristo seja o Deus Filho, ele não foi visto na forma espiritual, apenas na manifestação física de Jesus Cristo. Isso de forma alguma contradiz João 1:1, pois o homem viu a Jesus Cristo, mas não viu Deus o Filho dentro dele.

Há mais evidências de que Jesus é o Deus Filho em Colossenses 2:9:

Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, (Colossenses 2:9, “*Nova Versão Internacional*”).

A Tradução do Novo Mundo, novamente, redige o texto diferentemente:

porque é nele que toda a plenitude da qualidade divina mora corporalmente. (Colossenses 2:9, “*Tradução do Novo Mundo, revisão 2015*”).

Essa tradução é novamente injustificada pelo texto grego: a palavra para “divindade” é *theotes*, a qual Thayer define como “o estado de ser Deus” (“*Thayer’s Greek-English Lexicon of the New Testament*”, p. 288). Mais uma vez, a Tradução do Novo Mundo distorce o verdadeiro significado da passagem ao traduzi-la novamente sem base textual suficiente.

Portanto, é evidente que a teologia das Testemunhas de Jeová requer uma alteração das Escrituras para ser justificada. Devemos forçar as Escrituras a se conformarem com nossa doutrina, ou nossa doutrina deve se conformar com as Escrituras? Sempre que nos sentimos compelidos a adaptar as Escrituras para se adequarem às nossas doutrinas, devemos reconhecer que são as nossas doutrinas que estão erradas (Gálatas 1:6-9)!

4.16.4. COMO JESUS FOI MORTO?

As Testemunhas de Jeová também acreditam que Jesus não foi crucificado em uma cruz, mas pendurado em uma estaca de madeira, por causa da linguagem em Deuteronômio 21:22-23 (*Watch Tower Bible and Tract Society*, “*Knowledge that Leads to Everlasting Life*”, p. 66):

Se um homem culpado de um crime digno de morte for morto e pendurado em um madeiro, não deixem o corpo no madeiro durante a noite. Enterrem-no naquele mesmo dia, porque qualquer que for pendurado em um madeiro está debaixo da maldição de Deus. Não contaminem a terra que o SENHOR, o seu Deus, dá a vocês por herança. (Deuteronômio 21:22-23, “*Nova Versão Internacional*”).

Será que isso significa que Jesus foi pendurado em uma estaca? Essa não é uma evidência conclusiva. Uma estaca é feita de madeira, uma árvore, tanto quanto uma cruz. As palavras gregas usadas em textos relativos à morte de Jesus são *stauros* e *xylon* e, embora as definições primárias de ambas as palavras sejam “estaca”, o termo

stauros normalmente se refere a construções mais complexas (como uma cruz), e ambos os termos podem significar “cruzar”. As definições no grego não são conclusivas o suficiente para demonstrar que Jesus foi crucificado em uma cruz ou pendurado em uma estaca.

Temos evidências da arqueologia e de escritores antigos que provam conclusivamente que os romanos realizaram crucificações com cruzes. Muito foi descoberto para substanciar a discussão da crucificação nos relatos do evangelho (essa evidência pode ser encontrada em Tácito, *“Histórias”, IV, 3*, e algumas obras de Sêneca – evidências arqueológicas podem ser encontradas em muitas edições de *Biblical Archaeology Review*). Há também a evidência na linguagem de Tomé em João 20:25:

Os outros discípulos lhe disseram: “Vimos o Senhor!” Mas ele lhes disse: “Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não creerei”. (João 20:25, *“Nova Versão Internacional”*).

Se Jesus tivesse sido pregado em uma estaca, um prego seria usado para passar por ambas as mãos. Se fosse esse o caso, Tomé não teria pedido para ver em suas mãos a marca do prego, no singular? A expressão “marcas dos pregos nas suas mãos” indica que cada mão teve seu respectivo prego. Isso demonstra claramente a diferença entre ser pregado em uma estaca e ser pregado em uma cruz. Portanto, a evidência esmagadora, ao contrário da Tradução do Novo Mundo, é que Jesus foi certamente crucificado em uma cruz.

4.16.5. A NATUREZA DO ESPÍRITO SANTO

As Testemunhas de Jeová ensinam que o Espírito Santo não é uma pessoa, mas “a força ativa de Jeová”, o instrumento que Deus usa para realizar sua vontade (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 31*). Elas usam muitos versículos (Gênesis 1:2; Atos 2:1-4,32-33; 2 Pedro 1:20-21) para tentar substanciar essa afirmação (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 31*):

No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. (Gênesis 1:1-2, *“Nova Versão Internacional”*).

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (Atos 2:1-4, *“Nova Versão Internacional”*).

Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato. Exaltado à direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vocês agora veem e ouvem. (Atos 2:32-33, *“Nova Versão Internacional”*).

Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação particular, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, guiados pelo Espírito Santo. (2 Pedro 1:20-21, *“Nova Versão Internacional”*).

Também deve ser observado que na Tradução do Novo Mundo, cada tradução de “Espírito Santo” é alterada para “espírito santo”. Será que esses versículos ensinam que o Espírito Santo não é uma pessoa?

Esses versículos não discutem realmente a natureza do Espírito Santo, mas demonstram que ele estava presente na criação e encheu os apóstolos. Temos algumas evidências sobre o Espírito Santo, no entanto, em João 14:26:

Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu disse. (João 14:26, *“Nova Versão Internacional”*).

Nesse texto, o Espírito Santo é chamado de “Conselheiro” e é referido como alguém que ensina. A palavra grega traduzida como “Conselheiro” é *parakletos*, a qual é do gênero masculino, demonstrando que o Espírito Santo é de fato uma pessoa, e não uma força ou uma coisa. Adicionalmente, o Espírito Santo pode ser entristecido (Efésios 4:30), e apenas uma pessoa pode possuir sentimentos:

Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção. (*Efésios 4:30, “Nova Versão Internacional”*).

A presença do Espírito na criação em Gênesis 1:2, juntamente com a descida do Espírito sobre Jesus em seu batismo, com a voz de Deus vinda do céu (Mateus 3:16-17), todos testificam a estatura do Espírito em relação ao Pai e ao Filho. Uma vez que o testemunho do Espírito a respeito da criação e do batismo de Jesus estava tão presente quanto o testemunho do Pai e do Filho, podemos ter certeza de que o Espírito Santo é de fato uma pessoa e parte da divindade, assim como Deus Pai e Deus o Filho são pessoas e parte da divindade. Podemos não compreender a natureza exata de sua unidade, mas isso não significa que a crença na Trindade esteja errada. A teologia das Testemunhas de Jeová a respeito da Trindade não está em harmonia com as Escrituras.

4.16.6. O CORPO E A ALMA

As Testemunhas de Jeová ensinam que não existe alma distinta da carne, mas que o homem é uma alma, uma vez que a “força vital” dentro dele é o sopro de Deus, o qual simplesmente retorna a Deus na morte (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, pp. 81-82*). A morte, portanto, é considerada um estado de repouso até a ressurreição no final dos tempos. Não haverá tormento, simplesmente morte para quem fez o que é errado, e vida para quem fez o que é certo (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, pp. 87-88*). As Testemunhas de Jeová usam Gênesis 2:7 e Ezequiel 18:4,20 como evidência (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 83, 87*):

Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser [uma alma] vivente. (*Gênesis 2:7, “Nova Versão Internacional”*).

Pois todos [todas as almas] me pertencem. Tanto o pai como o filho me pertencem. Aquele que pecar [a alma que pecar] é que morrerá. (*Ezequiel 18:4, “Nova Versão Internacional”*).

Aquele que pecar [a alma que pecar] é que morrerá. O filho não levará a culpa do pai nem o pai levará a culpa do filho. A justiça do justo lhe será creditada, e a impiedade do ímpio lhe será cobrada. (*Ezequiel 18:20, “Nova Versão Internacional”*).

É importante informar que a Nova Versão Internacional não traduz Gênesis 2:7 e Ezequiel 18:4,20 com a palavra “alma” porque o termo hebraico se refere a uma pessoa usando metonímia. De qualquer forma, será que esses versículos ensinam que não há alma?

A respeito da existência de uma alma, temos evidências em versículos como Mateus 10:28:

Não temam os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; pelo contrário, temam aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo. (*Mateus 10:28, “Nova Versão Internacional”*).

Se a alma e o corpo são o mesmo, como afirmam as Testemunhas de Jeová, por que Jesus diria aos seus discípulos para temer aquele que pode destruir tanto a alma quanto o corpo no inferno?

Também temos Romanos 8:3-5:

Porque aquilo que a lei não podia fazer, por causa da fraqueza da carne, isso Deus fez, enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no que diz respeito ao pecado. E assim Deus condenou o pecado na carne, a fim de que a exigência da lei se cumprisse em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Os que vivem segundo a carne se inclinam para as coisas da carne, mas os que vivem segundo o Espírito se inclinam para as coisas do Espírito. (*Romanos 8:3-5, “Nova Versão Internacional”*).

Como pode haver qualquer forma de conflito entre a carne e o Espírito se o Espírito for apenas a “força vital” no homem? Isso implicaria que carne e Espírito seriam o mesmo e, assim, não poderia haver conflito entre os dois.

O autor do Livro de Hebreus, ao falar da Palavra de Deus, diz o seguinte em Hebreus 4:12:

Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para julgar os pensamentos e propósitos do coração. (*Hebreus 4:12, "Nova Versão Internacional"*).

Como pode a Palavra de Deus dividir "alma" e "espírito" se os dois forem o mesmo e se referirem apenas à "força vital"? Parece que o autor de Hebreus considerou a força vital (*psuche*) e a alma (*pneuma*) como entidades separadas, ambas residindo dentro dos humanos!

Existe também a questão relativa à nossa existência na hora da morte. Simplesmente morremos e simplesmente permanecemos "adormecidos" até a ressurreição? O que dizer dos comentários de Paulo em Filipenses 1:22-24?

Entretanto, se eu continuar vivendo, poderei ainda fazer algum trabalho frutífero. Assim, não sei o que devo escolher. Estou cercado pelos dois lados, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por causa de vocês, é mais necessário que eu continue a viver. (*Filipenses 1:22-24, "Nova Versão Internacional"*).

Se Paulo entendesse que a morte significava que ele simplesmente estaria dormindo, por que ele diria que estaria com Cristo na morte? Constatamos, portanto, que as Testemunhas de Jeová postulam uma contradição dentro da Bíblia. Como indicado acima, as passagens em Gênesis 2:7 e Ezequiel 18:4,20 usam o termo "alma" para se referir a um "homem", usando metonímia. Existe uma alma. Caso não existisse, como Paulo poderia estar imediatamente com Cristo, ou como nossa alma e corpo poderiam ser perdidos para o inferno?

Uma questão intimamente ligada ao conceito de que a alma é a "força vital" do corpo diz respeito às transfusões de sangue. As Testemunhas de Jeová não são favoráveis às transfusões de sangue, citando as premissas de Gênesis 9:4 e Atos 15:28-29 como evidência (*Watch Tower Bible and Tract Society, "Knowledge that Leads to Everlasting Life", p. 129*):

Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, vocês não devem comer. (*Gênesis 9:4, "Nova Versão Internacional"*).

Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês maior encargo além destas coisas essenciais: que vocês se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e da imoralidade sexual; se evitarem essas coisas, farão bem. Passem bem. (*Atos 15:28-29, "Nova Versão Internacional"*).

O argumento é que a abstinência ao sangue se refere a qualquer forma de contato com sangue e, portanto, não se deve receber transfusão de sangue (*Watch Tower Bible and Tract Society, "Knowledge that Leads to Everlasting Life", p. 129*). Será que esse é um argumento legítimo usando as Escrituras?

Os textos das Escrituras falam da necessidade de se abster de sangue ingerindo-o, de forma oral. Essa era uma prática realizada por muitos pagãos. É difícil imaginar alguém realmente pensando que está ingerindo sangue enquanto recebe uma transfusão. Ingerir implica que o alimento seja levado ao sistema digestivo e digerido, sendo os nutrientes aproveitados, e aquilo que não serve ao corpo é eliminado. A transfusão de sangue tem o objetivo de salvar uma vida por meio da transferência direta do sangue no sistema circulatório do paciente.

O pensamento por trás da proibição de ingerir sangue é a ideia de que a vida está no sangue. Por isso, ingerir sangue é profanar a vida que o sangue representa. Porém, as transfusões têm o propósito de preservar a vida humana, a qual é sagrada nas Escrituras, pois o ser humano foi criado como imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1:26-28). Portanto, as transfusões representam o extremo oposto da ingestão de sangue. A discordância sobre a transfusão de sangue também deriva de um raciocínio de que nossa vida física é tudo o que existe para nós e, portanto, o sangue se torna sagrado. A Bíblia não demonstra tal atitude em relação ao sangue.

As Escrituras afirmam que ninguém tem maior amor do que dar a própria vida em favor dos outros (João 15:13). Se dar a vida em favor dos outros é incentivado, e o sangue representa a vida, que dizer de uma simples doação de sangue que é capaz de salvar uma vida?

4.16.7. O JARDIM DO ÉDEN

Vamos agora discutir a concepção das Testemunhas de Jeová sobre o futuro da humanidade. Elas acreditam que a intenção de Deus com a criação do homem era que ele nunca morresse, mas permanecesse na Terra para sempre (*Watch Tower Bible and Tract Society, "The Truth that Leads to Eternal Life", p. 27*). Acreditam que Adão e Eva foram criaturas perfeitas enquanto estiveram no Jardim do Éden, para nunca perecerem, e usam Deuteronômio 32:4 e Provérbios 10:22 como evidência (*Watch Tower Bible and Tract Society, "The Truth that Leads to Eternal Life", p. 27*):

Ele é a Rocha, as suas obras são perfeitas, e todos os seus caminhos são justos. É Deus fiel, que não comete erros; justo e reto ele é. (*Deuteronômio 32:4, "Nova Versão Internacional"*).

A bênção do SENHOR traz riqueza e não inclui dor alguma. (*Provérbios 10:22, "Nova Versão Internacional"*).

Será que esses versículos ensinam que Deus deseja que o homem seja fisicamente imortal? O que eles afirmam é a verdade de que a obra de Deus é perfeita, mas será que isso requer imortalidade? Lemos o seguinte no relato de Gênesis em Gênesis 3:22-23:

Então disse o SENHOR Deus: "Agora o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Não se deve, pois, permitir que ele tome também do fruto da árvore da vida e o coma, e viva para sempre". Por isso o SENHOR Deus o mandou embora do jardim do Éden para cultivar o solo do qual fora tirado. (*Gênesis 3:22-23, "Nova Versão Internacional"*).

É evidente, então, que Adão e Eva teriam que tomar frutos da árvore da vida para viver para sempre. Isso exige que suas existências físicas, por si mesmas, não tenham sido concebidas para imortalidade.

Constatamos, portanto, que não pode ser determinado a partir do Jardim do Éden que Deus pretendeu que o homem vivesse para sempre na forma física. Vamos agora examinar o processo pelo qual as Testemunhas de Jeová acreditam que a "regeneração da Terra" ocorrerá.

4.16.8. PRÉ-MILENARISMO

As Testemunhas de Jeová acreditam fortemente na ideia do reinado de Deus para o milênio. Já discutimos muitos princípios do [pré-milenarismo](#) ao falar sobre os Irmãos de Plymouth. Assim, vamos agora examinar as diferenças do pré-milenarismo segundo a concepção das Testemunhas de Jeová sobre o "fim dos tempos".

As Testemunhas de Jeová acreditam que o reino dos céus foi estabelecido em 1914 d.C. (*Watch Tower Bible and Tract Society, "Knowledge that Leads to Everlasting Life", p. 97*). A crença nessa data vem de suas interpretações das declarações proféticas das Escrituras em Daniel 4:23-25 e Apocalipse 12:6,14:

Eu tu, ó rei, viste também uma sentinela, o anjo que descia do céu e dizia: "Derrubem a árvore e destruam-na, mas deixem o toco e as suas raízes, presos com ferro e bronze; fique ele no chão, em meio à relva do campo. Ele será molhado com o orvalho do céu e viverá com os animais selvagens, até que se passem sete tempos". Esta é a interpretação, ó rei, e este é o decreto que o Altíssimo emitiu contra o rei, meu senhor: tu serás expulso do meio dos homens e viverás com os animais selvagens; comerás capim como os bois e te molharás com o orvalho do céu. Passarão sete tempos até que admitas que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer. (*Daniel 4:23-25, "Nova Versão Internacional"*).

A mulher fugiu para o deserto, para um lugar que lhe havia sido preparado por Deus, para que ali a sustentassem durante mil duzentos e sessenta dias. (*Apocalipse 12:6, "Nova Versão Internacional"*).

Foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que ela pudesse voar para o lugar que lhe havia sido preparado no deserto, onde seria sustentada durante um tempo, tempos e meio tempo, fora do alcance da serpente. (*Apocalipse 12:14, "Nova Versão Internacional"*).

As Testemunhas de Jeová, portanto, acreditam que a passagem do Apocalipse mostra que "tempos, tempo e meio tempo" equivalem a 1.260 dias e, portanto, sete "tempos" equivalem a 2.520 dias (*Watch Tower Bible and Tract Society, "Knowledge that Leads to Everlasting Life", p. 97*). Se aceitarmos que um dia profético é um ano, então

temos 2.520 anos desde a destruição de Jerusalém em 607 a.C., o que se acredita ser os “tempos dos gentios” de Lucas 21:24 (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 96*), até o momento em que Cristo iniciaria seu reinado. Esse tempo, seguindo o raciocínio, seria 1914 d.C. As Testemunhas de Jeová primeiro proclamaram que esse seria o tempo da segunda vinda de Cristo. Porém, quando 1914 d.C. veio e se foi, elas começaram a usar o Salmo 140:2 para mostrar que Jesus começaria seu reinado no meio de seus inimigos (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 99*):

que no coração tramam planos perversos e estão sempre provocando guerra. (*Salmo 140:2, “Nova Versão Internacional”*).

Assim, elas acreditam que em 1914 d.C. Satanás foi lançado à terra, conforme proclamado em Apocalipse 12:9 (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 99*):

O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à terra. (*Apocalipse 12:9, “Nova Versão Internacional”*).

Elas então entendem os eventos das duas guerras mundiais como uma demonstração do fato de que Satanás foi trazido à Terra e que as profecias de Mateus 24:1-34 estavam se cumprindo (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 100*). No entanto, quando falamos sobre [essa profecia](#) ao estudar sobre os Irmãos de Plymouth, constatamos que Jesus estava discutindo sobre a destruição de Jerusalém de 70 d.C., e não sobre o “fim dos tempos”. Além disso, quão segura seria a crença profética das Testemunhas de Jeová se teve que ser alterada depois que a previsão original estava errada? Da mesma forma, os próprios números não se correlacionam: Jerusalém foi destruída em 586 a.C., não em 603 a.C. Embora seja provável que Nabucodonosor tenha levado alguns cativos judeus para a Babilônia em 603 a.C., o ano tumultuado foi 17 anos no futuro. Independentemente disso, constataremos que toda a crença de que o reinado de Cristo começou em 1914 d.C. não está de acordo com as Escrituras a respeito do seu reino.

As Testemunhas de Jeová acreditam ainda que o reino dos céus em breve será estabelecido após o “fim dos tempos” com 144.000 santos fiéis sendo escolhidos por Deus para se tornarem espíritos e governarem com Cristo no milênio (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 88*). Elas também acreditam que esses governantes governarão a Terra, a qual conterà humanos carnis ressuscitados juntamente com animais (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 88*). Elas derivam essa crença de Apocalipse 7:4; 14:1 (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 88*):

Então ouvi o número dos que foram selados: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos de Israel. (*Apocalipse 7:4, “Nova Versão Internacional”*).

Então olhei, e diante de mim estava o Cordeiro, em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil que traziam escritos na testa o nome dele e o nome de seu Pai. (*Apocalipse 14:1, “Nova Versão Internacional”*).

Será que esses versículos mostram que haverá apenas 144.000 santos no céu?

As Testemunhas de Jeová estimam muito essas passagens, mas não reconhecem as implicações dos seguintes versículos em Apocalipse 14:2-5:

Ouvi um som dos céus como o de muitas águas e de um forte trovão. Era como o de harpistas tocando seus instrumentos. Eles cantavam um cântico novo diante do trono, dos quatro seres viventes e dos anciãos. Ninguém podia aprender o cântico, a não ser os cento e quarenta e quatro mil que haviam sido comprados da terra. Estes são os que não se contaminaram com mulheres, pois se conservaram castos e seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá. Foram comprados dentre os homens e ofertados como primícias a Deus e ao Cordeiro. Mentira nenhuma foi encontrada na boca deles; são imaculados. (*Apocalipse 14:2-5, “Nova Versão Internacional”*).

Se devemos tomar o número 144.000 literalmente, devemos também acreditar que esses 144.000 serão judeus virgens do sexo masculino. No entanto, as Testemunhas de Jeová acreditam que Simão Pedro será um deles. Ele certamente é homem e judeu, mas as Escrituras demonstram que ele era casado (1 Coríntios 9:5). Encontramos, portanto, uma inconsistência no discernimento das Testemunhas de Jeová sobre o que é literal e o que é figurativo.

Tendo isso em vista, é bastante claro como João não está falando em termos literais, mas figurativos. Além disso, muito precisa ser dito sobre a ressurreição. Foi-nos dito o seguinte em 1 Coríntios 15:42-53:

Assim será com a ressurreição dos mortos. O corpo que é semeado é perecível e ressuscita impercível; é semeado em desonra e ressuscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é semeado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. Assim está escrito: “O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivente”; o último Adão, espírito vivificante. Não foi o espiritual que veio antes, mas o natural; depois dele, o espiritual. O primeiro homem era do pó da terra; o segundo homem, dos céus. Os que são da terra são semelhantes ao homem terreno; os que são dos céus, ao homem celestial. Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem do homem celestial. Irmãos, eu declaro a vocês que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus nem o que é perecível pode herdar o impercível. Eis que eu digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal se revista de imortalidade. (1 Coríntios 15:42-53, “Nova Versão Internacional”).

As Testemunhas de Jeová afirmam que essa passagem fala exclusivamente dos 144.000 (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, p. 88*), mas não encontramos nenhuma linguagem que deixe delineado quem recebe essa ressurreição. Às vezes, também é argumentado que aqui Paulo fala daqueles que receberão a imortalidade em seus corpos físicos, mas esse não é o caso em 1 Coríntios 15:51-52, pois todos os fiéis, não apenas uma parte ou alguns, serão mudados. Os fiéis passarão por alguma transformação. Esse fato é ainda demonstrado por João em 1 João 3:2:

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é. (1 João 3:2, “Nova Versão Internacional”).

Paulo discute mais sobre a natureza do retorno de Cristo e a ressurreição em 1 Tessalonicenses 4:16-17:

Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descenderá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre. (1 Tessalonicenses 4:16-17, “Nova Versão Internacional”).

Esses versículos mostram claramente que todos aqueles que são considerados filhos de Deus, aqueles que vivem como cristãos, terão lugar em uma ressurreição que envolverá uma transformação de uma forma física para uma forma transfísica, algo semelhante à natureza do próprio Jesus. Essa transformação não se limitará a meros 144.000.

Anteriormente, ao falarmos sobre os Irmãos de Plymouth, abordamos um pouco sobre a crença de que Cristo e os 144.000 reinarão no céu sobre todos aqueles que estiverem na Terra quando discutimos [a natureza do reino dos céus](#), mas consideremos novamente João 18:36:

Disse Jesus: “O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui.” (João 18:36, “Nova Versão Internacional”).

A Tradução do Novo Mundo traduz o mesmo versículo da seguinte forma:

Jesus respondeu: “Meu Reino não faz parte deste mundo. Se meu Reino fizesse parte deste mundo, meus assistentes teriam lutado para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas o fato é que o meu Reino não é daqui.” (João 18:36, “Tradução do Novo Mundo, revisão 2015”).

As mudanças sutis na linguagem feitas na Tradução do Novo Mundo servem para permitir que as Testemunhas de Jeová digam que o reino de Jesus não fazia parte do mundo em 30 d.C., mas que alcançaria o mundo nos anos seguintes a 1914 d.C. O texto grego, no entanto, não permite a tradução da Tradução do Novo Mundo: as expressões “faz parte” e “fizesse parte” não têm base grega. Constatamos mais uma vez que as Testemunhas de Jeová são forçadas a manipular e distorcer as Escrituras para justificar sua doutrina.

Além disso, como afirmamos anteriormente, a expressão “Mas agora” não significa “Meu reino não é deste mundo agora, mas será no futuro”, como se Cristo estivesse prometendo um “milênio”. Trata-se de uma cláusula lógica, e não temporal (como em João 8:40; 9:41; 15:22; João 15:24), isto é, significa “mas, uma vez que é assim, meu reino não é daqui”.

Finalmente, temos o testemunho do próprio Cristo em Mateus 28:18:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra.” (*Mateus 28:18, “Nova Versão Internacional”*).

Como, então, as Testemunhas de Jeová podem ensinar que a autoridade de Deus ainda não foi dada a Cristo até 1914 d.C., quando ele mesmo disse que toda autoridade foi dada a ele em 30 d.C.? Essa passagem demonstra claramente que Jesus está atualmente no controle, e que seu reino existe atualmente, e que é representado na Terra com sua Igreja, o corpo espiritual de Cristo, e todas as pessoas que fazem parte dele serão ressuscitadas no último dia.

4.16.9. UM PARAÍSO TERRESTRE?

As Testemunhas de Jeová ensinam que esta Terra durará para sempre e será povoada por aqueles humanos considerados justos, juntamente com animais, plantas, etc., no “paraíso” (*Watch Tower Bible and Tract Society, “Knowledge that Leads to Everlasting Life”, pp. 7-11*). Elas acreditam que Eclesiastes 1:4 ensina isso:

Gerações vêm e gerações vão, mas a terra permanece para sempre. (*Eclesiastes 1:4, “Nova Versão Internacional”*).

Será que esse versículo ensina que a Terra literalmente existirá para sempre?

Na verdade, a declaração em Eclesiastes 1:4 não afirma que a Terra é literalmente perpétua, mas denota que, em comparação à longevidade dos seres humanos, a longevidade da Terra é muito maior, como se “permanecesse para sempre”.

Além disso, muitas vezes no Antigo Testamento observamos que existem estatutos considerados como perpétuos, como em Êxodo 12:14; 27:21; 31:17:

Este dia será um memorial que vocês e todos os seus descendentes celebrarão como festa ao SENHOR. Celebrem-no como decreto perpétuo. (*Êxodo 12:14, “Nova Versão Internacional”*).

Na Tenda do Encontro, do lado de fora do véu que se encontra diante das tábuas da aliança, Arão e seus filhos manterão acesas as lâmpadas diante do SENHOR, do entardecer até de manhã. Esse será um decreto perpétuo entre os israelitas, geração após geração. (*Êxodo 27:21, “Nova Versão Internacional”*).

Isso será um sinal perpétuo entre mim e os israelitas, pois em seis dias o SENHOR fez os céus e a terra, e no sétimo dia ele não trabalhou e descansou. (*Êxodo 31:17, “Nova Versão Internacional”*).

Ainda assim, constatamos no Novo Testamento que o sacerdócio de Arão foi substituído por Cristo (Hebreus 7:12-14) e que o sábado para os cristãos é o descanso celestial (Hebreus 4:2-11). Esses estatutos existiram desde sempre? Não no sentido literal do tempo, porém, enquanto os israelitas eram especificamente o povo de Deus, esses estatutos existiram. Portanto, devemos entender que o versículo em Eclesiastes que afirma que “a terra permanece para sempre” se refere que a Terra continuará de acordo com propósitos de Deus para ela. Podemos ter uma melhor compreensão disso por causa das palavras de Pedro em 2 Pedro 3:10-12:

O dia do Senhor, porém, virá como ladrão. Os céus desaparecerão com um grande estrondo, os elementos serão desfeitos pelo calor, e a terra, e tudo o que nela há, será desnudada. Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o dia de Deus e apressando a sua vinda. Naquele dia os céus serão desfeitos pelo fogo, e os elementos se derreterão pelo calor. (*2 Pedro 3:10-12, “Nova Versão Internacional”*).

Alguns dentre as Testemunhas de Jeová argumentarão que apenas as obras da Terra serão queimadas, mas o próprio texto diz que tanto as obras quanto a própria Terra serão queimadas. Portanto, é evidente que no dia do

Senhor, os céus e a terra como os conhecemos serão destruídos. Portanto, é impossível haver um paraíso nesta Terra após um “milênio”.

4.16.10. A EXISTÊNCIA DO INFERNO

Ao discutir acima sobre a [concepção do corpo e da alma das Testemunhas de Jeová](#), constatamos que elas acreditam que o homem não tem uma alma eterna e veem a eternidade de uma forma puramente física. Embora acreditem que a Terra se tornará um [paraíso](#) para alguns dos fiéis, negam a existência de um lugar eterno de tormento para aqueles condenados à destruição. A palavra grega *geena*, usada frequentemente para descrever esse lugar, é entendida pelas Testemunhas de Jeová em sua ideia mais concreta – o vale de Hinom com seu lixo em chamas perto de Jerusalém – e não descreve o sofrimento eterno, mas um lugar que simboliza destruição em vez de tormento (*New World Translation of the Holy Scriptures, Appendix, p. 1641*). *Sheol*, ou *hades* em grego, é considerado pelas Testemunhas de Jeová como sendo apenas o túmulo, e nada mais (*New World Translation of the Holy Scriptures, Appendix, p. 1643*). Será que o Novo Testamento valida esses pontos de vista?

Embora Jesus use o lugar concreto e a função do vale de Hinom de Jeremias 7:30-31 para descrever um local espiritual, o uso das Testemunhas de Jeová dessas imagens é inapropriado. Enquanto as Testemunhas de Jeová se concentram na imagem da “destruição”, considere o que Jesus e Tiago enfocam em Marcos 9:47-48 e Tiago 3:6:

E, se o seu olho o fizer tropeçar, arranque-o. É melhor entrar no Reino de Deus com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado no inferno [*geena*], onde “o seu verme não morre, e o fogo não se apaga”. (*Marcos 9:47-48, “Nova Versão Internacional”*).

Assim também, a língua é um fogo; é um mundo de iniquidade. Colocada entre os membros do nosso corpo, contamina a pessoa por inteiro, incendeia todo o curso de sua vida, sendo ela mesma incendiada pelo inferno [*geena*]. (*Tiago 3:6, “Nova Versão Internacional”*).

Enquanto as Testemunhas de Jeová desejam se concentrar no aspecto de “destruição” das imagens do vale de Hinom, tanto Jesus quanto Tiago se concentram no aspecto “fogo” dessas imagens. O raciocínio das Testemunhas de Jeová não está conforme o raciocínio de Jesus, que, em Marcos, entende claramente que o sofrimento está presente nessa *geena* e usa imagens de acordo.

É frequentemente argumentado que, uma vez que apenas pessoas que já estavam mortas foram lançadas no vale de Hinom, aquela *geena* só pode ser o lugar para os espíritos mortos rejeitados (sem qualquer tipo de existência como a conhecemos), isto é, uma vez que ninguém foi lançado no vale de Hinom para sofrer, o *geena* ou inferno é da mesma forma. Jesus, no entanto, diz o seguinte em Mateus 10:28:

Não temam os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; pelo contrário, temam aquele que pode fazer perecer no inferno [*geena*] tanto a alma como o corpo. (*Mateus 10:28, “Nova Versão Internacional”*).

Observe que Jesus usa expressões diferentes: “matar o corpo” e “destruir a alma e o corpo”. Mais importante ainda, o “inferno” (*geena*) é o local em que “tanto a alma como o corpo” perecem. Portanto, não pode ser imaginado como um lugar para “aqueles que já estão mortos” sem qualquer forma de existência.

Quanto ao *sheol/hades*, é verdade que muitas vezes pode se referir à própria sepultura. Porém, esse não é o único significado do termo, como atestado pelo seu uso em Isaías 14:9-11,15-20 e Lucas 16:22-26:

Nas profundezas o Sheol está todo agitado para recebê-lo quando chegar. Por sua causa ele desperta os espíritos dos mortos, todos os governantes da terra. Ele os faz levantar-se dos seus tronos, todos os reis dos povos. Todos responderão e dirão a você: “Você também perdeu as forças como nós, e tornou-se como um de nós”. Sua soberba foi lançada na sepultura, junto com o som das suas liras; sua cama é de larvas, sua coberta, de vermes. (*Isaías 14:9-11, “Nova Versão Internacional”*).

Mas às profundezas do Sheol você será levado, irá ao fundo do abismo! Os que olham para você admiram-se da sua situação, e a seu respeito ponderam: “É esse o homem que fazia tremer a terra, abalava os reinos, fez do mundo um deserto, conquistou cidades e não deixou que os seus prisioneiros voltassem para casa?” Todos os reis das nações jazem honrosamente, cada um em seu próprio túmulo. Mas você é atirado fora do seu

túmulo, como um galho rejeitado; como as roupas dos mortos que foram feridos à espada; como os que descem às pedras da cova; como um cadáver pisoteado, você não se unirá a eles num sepultamento, pois destruiu a sua própria terra e matou o seu próprio povo. (Isaías 14:15-20, “Nova Versão Internacional”).

Chegou o dia em que o mendigo morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado. No Hades, onde estava sendo atormentado, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado. Então, chamou-o: “Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste fogo”. Mas Abraão respondeu: “Filho, lembre-se de que durante a sua vida você recebeu coisas boas, enquanto que Lázaro recebeu coisas más. Agora, porém, ele está sendo consolado aqui e você está em sofrimento. E além disso, entre vocês e nós há um grande abismo, de forma que os que desejam passar do nosso lado para o seu, ou do seu lado para o nosso, não conseguem”. (Lucas 16:22-16, “Nova Versão Internacional”).

Constatamos nessas passagens que a simples identificação de *sheol/hades* como “o túmulo” não funciona. O rei em Isaías 14:9-20 não foi sepultado apropriadamente, mas está no *sheol*. Outros reis também estão lá, e é retratado como se ocorresse comunicação entre eles. O rei em questão não é apenas trazido ao *sheol*, mas também às profundezas do *sheol*: descer mais abaixo do que a sepultura seria inconcebível se o autor de fato considerasse que *sheol* seria apenas o túmulo. É manifesto que Isaías não considera o *sheol* como apenas o túmulo, mas alguma forma de vida após a morte.

Quanto a Lucas 16:19-31, a história de Lázaro e o homem rico, costuma-se argumentar que representa uma parábola e que não se pode confiar em informações exatas do texto. Para uma parábola ter algum valor, no entanto, ela deve representar uma realidade. Se os mortos não têm consciência e não há paraíso ou tormento no futuro, por que Jesus agiria como se existissem e usaria tal história sem explicação? Seria de se esperar uma narrativa muito diferente se fosse esse o caso.

A Bíblia deixa claro que há um lugar à espera dos injustos, e não é mera aniquilação: haverá uma ressurreição para condenação (João 5:28-29), e a vingança está reservada para aqueles que não conhecem a Deus e não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Tessalonicenses 1:6-9). Esse lugar, “inferno”, é descrito em termos de *geena*, a cova de lixo em chamas, como um tormento, e como observado em Mateus 8:12:

Mas os súditos do Reino serão lançados para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes. (Mateus 8:12, “Nova Versão Internacional”).

Se Jesus tivesse simplesmente parado com a ideia das “trevas”, poderíamos entender o inferno meramente como um lugar de separação de Deus, talvez até mesmo uma forma de falar da inexistência. Jesus, porém, demonstra que nesse lugar há “choro” e “ranger de dentes”, imagens que não descrevem o nada ou a aniquilação, mas o tormento e o sofrimento. Jesus, portanto, indica claramente que há um lugar de tormento e punição aguardando aqueles que são desobedientes a ele, e tal lugar não deve ser negado.

4.17. O EXÉRCITO DA SALVAÇÃO

O Exército de Salvação foi fundado em 1878 d.C. por William Booth, um ex-ministro metodista que começou a trabalhar entre os “sem igreja” em Londres. Muitos daqueles que seguiram sua mensagem se sentiram desconfortáveis com as igrejas para as quais foram enviados, então Booth começou a criar “centros missionários” para eles. Esses centros de missão eventualmente se consolidaram em uma organização, chamada Exército de Salvação. O Exército de Salvação é conhecido por seu enfoque “missionário” benevolente, juntamente com sua hierarquia de estilo militar.

4.17.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação;
- [Calvinismo](#): [T: total depravity – depravação total](#).

Movimentos relacionados:

- [Evangelicalismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Advento, Natal, Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa, Páscoa](#);
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#).

4.17.2. A IGREJA E ORGANIZAÇÃO MILITAR

O Exército de Salvação é estruturado como uma organização militar: há “salvacionistas” regulares, ou membros, e depois “oficiais” que representam a hierarquia da igreja (essa informação, juntamente com o que se segue, foi obtido de Salvationarmy.org.uk/faqs/ceremonies.html, acessado em 2015). Esse sistema de oficiais começa com os jovens de 7 anos, os quais são considerados “oficiais subalternos” e, nesse ponto, começam sua tentativa de viver como cristãos. Mais tarde, eles se tornam “soldados seniores” com 15 anos ou mais, afirmando que seguirão Jesus e que assinaram os “Artigos de Guerra”, uma lista do sistema de crenças do Exército de Salvação. A partir desse nível, existe a classe de “oficiais”, indivíduos ordenados pelo Exército de Salvação para guiar a igreja. Esses indivíduos seguem um sistema militar geral de classificação. Os oficiais devem se casar com outros oficiais, e a morte é considerada “promoção à glória”. Será que observamos esse estilo de organização no Novo Testamento?

É verdade que existem muitas declarações e símbolos militares usados no Novo Testamento, como 2 Timóteo 4:7-8 e Efésios 6:11-17:

Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda. (2 Timóteo 4:7-8, “Nova Versão Internacional”).

Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do Diabo, pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais. Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo. Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça e tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz. Além disso, usem o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as

setas inflamadas do Maligno. Usem o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. (Efésios 6:11-17, “Nova Versão Internacional”).

Essas declarações, entretanto, não têm o objetivo de demonstrar que a igreja é uma organização militar com um sistema de oficiais e soldados. Essa batalha é espiritual, e o Novo Testamento não retrata essa forma de hierarquia “militar” de líderes.

No Novo Testamento, constatamos um sistema duplo de liderança, observado em Efésios 5:23-24 e Filipenses 1:1:

pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos. (Efésios 5:23-24, “Nova Versão Internacional”).

Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos: (Filipenses 1:1, “Nova Versão Internacional”).

O propósito desses bispos (também chamados presbíteros ou pastores) é observado em Atos 20:28:

Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os designou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue. (Filipenses 1:1, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, é evidente no Novo Testamento que a igreja deve ser organizada com Cristo como seu cabeça, presbíteros/bispos/pastores cuidando de cada congregação individual e diáconos servindo nessas congregações. Não há evidência no Novo Testamento de qualquer forma de hierarquia militar dentro da igreja – isso é inteiramente uma criação do século 19 d.C.

4.18. PENTECOSTALISMO/MOVIMENTO CARISMÁTICO

O pentecostalismo (de Pentecostes, o dia em que o dom do Espírito Santo foi dado aos apóstolos) originou-se do movimento wesleyano de santidade do século 19 d.C., o qual enfatizou a fé pessoal, uma vida adequada e o retorno iminente dos dons do Espírito. Essa crença foi manifestada em Topeka, Kansas, em 1901 d.C., onde, supostamente, o primeiro “batismo do Espírito Santo” nos tempos modernos foi registrado. O movimento começou a se espalhar, mas apenas ganhou força em 1906 d.C. com o “reavivamento” da rua Azusa em Los Angeles, Califórnia. O “derramamento massivo do Espírito Santo” que ocorreu na rua Azusa ganhou notoriedade nacional, e a maioria das denominações pentecostais teve origem em indivíduos afetados pelos eventos da rua Azusa. Esses primeiros crentes nos “dons do Espírito Santo” não foram aceitos por suas denominações e, portanto, muitos começaram seus próprios grupos ou se juntaram a esses grupos iniciantes.

A partir da década de 1960 d.C., muitos membros de denominações começaram a receber o “batismo do Espírito Santo”, mas não deixaram suas respectivas denominações. Esses indivíduos iniciaram o que é considerado o “movimento carismático” (do grego *charisma*, ou “dom”). Em pouco tempo, havia associações carismáticas dentro de igrejas católicas romanas, luteranas, anglicanas/episcopais e calvinistas, e o movimento se espalhou para abranger quase todas as denominações dentro da “cristandade”.

O pentecostalismo/movimento carismático é identificado por sua crença no derramamento do Espírito Santo nos últimos dias, similar ao dia de Pentecostes. Muitos dos membros experimentam o que é considerado o “batismo do Espírito Santo”, supostamente evidenciado pelo ato de falar em línguas. Esses grupos tendem a trazer uma grande dose de emocionalismo e atividade para seus cultos, geralmente permitem a plena igualdade de homens e mulheres nas atividades do culto de adoração e enfocam os aspectos emocionais do cristianismo.

4.18.1. VARIANTES DO PENTECOSTALISMO/MOVIMENTO CARISMÁTICO

O movimento pentecostal/carismático está fortemente fragmentado. O número de grupos dentro desse movimento chega a dezenas de milhares. Podemos, no entanto, examinar os principais grupos do movimento. O pentecostalismo e seus desdobramentos podem ser divididos em três grupos: pentecostais “clássicos”, aqueles que

são membros dos grupos pentecostais padrão, muitos dos quais se originaram no primeiro quarto do século 20 d.C.; os carismáticos, ou aqueles em outras denominações que receberam o “batismo do Espírito Santo”; e os chamados “neocarismáticos”, grupos formados na última metade do século 20 d.C., a maioria deles não filiados a denominações pentecostais. Examinaremos os grupos pentecostais “clássicos” com mais detalhes. Basta dizer sobre os “carismáticos” que eles estão presentes na maioria das denominações da “cristandade”, normalmente tendo suas próprias associações como parte de suas denominações.

Devemos primeiro examinar a era “pré-pentecostal”, a época antes de 1901 d.C. Muitas igrejas receberam a mensagem do movimento de santidade, a qual se originou da teologia wesleyana. Muitos desses grupos estavam ansiosos por uma “renovação do Espírito Santo”, quando os dons presentes no dia de Pentecostes retornariam às igrejas. Muitos desses grupos de santidade tornaram-se pentecostais após a virada do século. Outros não aceitaram a mensagem. Portanto, quando discutimos uma denominação que existia antes de 1901 d.C., devemos entender que a denominação foi fundada primeiro e depois se tornou pentecostal.

Apesar de a primeira demonstração do “batismo do Espírito Santo” ter ocorrido em 1901 d.C., o movimento começou a decolar apenas com o “avivamento” da rua Azusa, cinco anos depois. Muitos dos ministros das congregações de santidade, juntamente com outras partes interessadas, visitaram esse “avivamento” para observar os eventos e possivelmente tornar-se parte dele.

Uma das primeiras denominações a aceitar o pentecostalismo foi a Igreja de Deus em Cristo fundada em 1897 d.C. por Charles Mason. Em 1907 d.C., ele recebeu o “batismo do Espírito Santo”, e logo a maioria de sua denominação era pentecostal. Esse grupo continua sendo uma das maiores denominações dentro do pentecostalismo.

Outras denominações também aceitaram a doutrina pentecostal. A Pentecostal Holiness Church, fundada em 1898 d.C., tornou-se pentecostal em 1908 d.C. A United Holy Church, fundada em 1886 d.C., também se tornou pentecostal.

Outro grande grupo que se tornou pentecostal foi a Igreja de Deus (Cleveland, Tennessee). Esse grupo, fundado em 1886 d.C., tornou-se pentecostal em 1908 d.C., em grande parte influenciado por A. J. Tomlinson. Em 1922 d.C., entretanto, a Igreja de Deus (Cleveland, Tennessee) não podia mais suportar a natureza ditatorial de Tomlinson. Portanto, Tomlinson foi removido e ele próprio criou outra “igreja de Deus”, conhecida primeiro como a “Igreja de Deus de Tomlinson” até 1943 d.C., quando Tomlinson morreu. Seus dois filhos, Milton e Homer, começaram a discutir sobre quem deveria assumir o controle da igreja. Milton foi escolhido e, em 1952 d.C., escolheu o nome “Igreja de Deus da Profecia” para substituir “Igreja de Deus de Tomlinson”. Homer deixou aquele grupo quando não foi escolhido e fundou seu próprio grupo, a Igreja de Deus, Sede Mundial, em 1943 d.C.

As denominações listadas acima são consideradas a “primeira onda” do pentecostalismo, uma vez que eram essencialmente grupos de santidade wesleyana que incorporaram a glossolalia (o chamado “falar em línguas”) e outros dons em sua teologia. Eles creram que alguém era salvo, depois santificado, e então recebia o “batismo do Espírito Santo”.

A partir da década de 1910 d.C., porém, surgiu uma nova linha de teologia, conhecida como sistema de crenças da “obra acabada”. Esses indivíduos tinham a tendência de vir de fora do movimento de santidade wesleyana e, portanto, não compartilhavam a ênfase na santificação pessoal como os grupos de santidade. Eles acreditavam que a santificação era um processo gradual e que ninguém precisava ser totalmente santificado antes de receber o “batismo do Espírito Santo”. Essa ruptura na teologia gerou o que é conhecido como a “segunda onda” do pentecostalismo.

Uma das maiores e mais conhecidas igrejas dessa “segunda onda” são as assembleias de Deus, as quais se separaram da Igreja de Deus em Cristo em 1914 d.C. por causa da teologia da “obra acabada” e, também, por questões raciais. As próprias assembleias de Deus viram a divisão ocorrer nos próximos dois anos por causa da “[teologia da unicidade](#)”, isto é, que o nome de Jesus era o único nome de Deus, que alguém precisava ser batizado apenas no nome de Jesus, e que falar em línguas é necessário para a salvação. Esse grupo foi finalmente expulso das assembleias de Deus em 1916 d.C. para formar a Assembleia Pentecostal do Mundo. Esse grupo se dividiu por

causa de diferenças raciais em 1927 d.C., formando um grupo conhecido como Igreja Pentecostal, Incorporada, a qual mais tarde se fundiu com outras igrejas “unicistas” para formar a Igreja Pentecostal Unida em 1945 d.C.

As assembleias de Deus sofreram mais divisões nos próximos vinte anos. A próxima divisão ocorreu em 1919 d.C., quando John Sinclair das assembleias de Deus esteve muito preocupado quando a igreja adotou uma “declaração das verdades fundamentais”, a qual, em sua opinião, ia contra uma das premissas da fundação da denominação, a saber, não manter quaisquer declarações doutrinárias. Portanto, ele, juntamente com George Brinkman, deixou as assembleias de Deus para formar a Igreja Pentecostal de Deus da América.

Em 1927 d.C., uma ex-ministra das assembleias de Deus chamada Aimee Semple McPherson fundou a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, uma igreja pentecostal que cresceu em torno da cura e do testemunho de sua fundadora. Essa igreja também sofreu uma divisão em 1932 d.C. com a criação da Open Bible Evangelistic Association, que eventualmente se fundiu com outro grupo para formar a Open Bible Standard Church em 1935 d.C.

Finalmente, uma “terceira onda” de igrejas pentecostais começou a se formar na última parte do século 20 d.C., envolvendo muitos dos principais evangélicos que haviam visto e realizado os “sinais e maravilhas” do movimento pentecostal, mas que não desejavam ser rotulados com os termos “pentecostal” ou “carismático”. O principal grupo desses indivíduos é a Association of Vineyard Churches, fundada em 1981 d.C. Essas “terceiras ondas” são conhecidas como “neocarismáticas”, e seu número em seus muitos grupos é o maior no movimento pentecostal.

Existem muitos outros grupos que fazem parte do movimento pentecostal/carismático, incluindo a maioria dos televangelistas e aqueles que realizam “avivamentos de cura”. “Comunidades carismáticas” também foram fundadas, consistindo de grupos de carismáticos que desejam criar sua própria comunidade de fé.

Esses são os principais grupos do movimento pentecostal/carismático. Seria uma grande tarefa discutir cada pequeno grupo dentro desse movimento. Acredita-se que, para cada congregação individual dentro de uma dessas denominações, existe uma congregação pentecostal/carismática independente. Vamos agora examinar os sistemas de crenças gerais desses grupos.

4.18.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Influências denominacionais:

- [Luteranismo](#): o entendimento errôneo de [fé somente](#) para salvação;
- [Anabatismo](#): tentativa de justificar a abstinência de pagar impostos por causa do princípio da [não resistência](#) (alguns grupos); o fracasso geral em participar do evangelismo bíblico por causa do [ultraconservadorismo](#) (alguns grupos);
- [Calvinismo](#): *T: total depravity – depravação total*.
- [Pietismo](#): o equívoco na crença de que a [lavagem de pés](#) é obrigatória;
- [Batistas](#): [uma vez salvo, sempre salvo](#);
- [Wesleyanismo](#): o erro de misturar a [igreja e a responsabilidade social](#);
- [Irmãos de Plymouth](#): o erro do sistema de interpretação do [pré-milenarismo](#).

Influências de movimentos:

- [Evangelicalismo](#);
- [Fundamentalismo](#);

- [Movimento da igreja comunitária](#);
- [Movimento da igreja doméstica](#);
- [Movimento megagreja](#).
- [Emergismo](#).

Problemas doutrinários:

- [Batismo](#): a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, centros de educação, cozinhas e salões para companheirismo, ginásios e academias e empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- [Observâncias](#): equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Natal, Domingo de Ramos, Sexta-Feira Santa, Páscoa](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral” e dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#) e sobre [diáconos](#); erro na permissão de [pastoras, diaconisas e evangelistas femininas](#) na igreja; equívoco em acreditar na necessidade de [ordenação](#); equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#); ausência do entendimento de que [o batismo do Espírito Santo não é mais concedido](#); ausência do entendimento de que [os dons espirituais milagrosos podiam ser transmitidos apenas pela imposição de mãos dos apóstolos](#); ausência do entendimento de que [o dom de línguas era para linguagens existentes no mundo e necessitava de intérprete](#); ausência do entendimento de que [os alegados “dons miraculosos modernos” são diferentes dos sinais miraculosos das Escrituras](#); ausência de [cuidado com os alegados “sinais miraculosos modernos”](#).

Influência de denominações antigas:

- [Montanismo](#).

4.18.3. O QUE É O BATISMO DO ESPÍRITO SANTO

A premissa fundamental do movimento pentecostal/carismático é o que é considerado o “batismo do Espírito Santo”. Acredita-se que o [batismo do Espírito Santo](#) é dado hoje e, a partir desse evento, vem a habilidade de falar em línguas, de curar, e até mesmo profetizar (*Synan, Vinson, “The Century of the Holy Spirit”, p. 3*). Pentecostais acreditam que o “derramamento do Espírito Santo” como observado no século vinte é a evidência do retorno do Espírito Santo no “tempo do fim”, o qual se acredita ter sido profetizado por Joel em Joel 2:28-32 (*Synan, Vinson, “The Century of the Holy Spirit”, p. 71*). Todo o sistema de crenças pentecostal/carismático requer que o batismo do Espírito Santo aconteça para que alguém seja capaz de falar em línguas, etc. Será que esse é o ensino das Escrituras a respeito do batismo do Espírito Santo?

O batismo do Espírito Santo é observado duas vezes no Novo Testamento, e essa terminologia é usada apenas antes ou depois de o evento acontecer. Em Atos 1:4-5, Jesus prediz o batismo do Espírito Santo para seus discípulos:

Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: “Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual falei a vocês. Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo”. (*Atos 1:4-5, “Nova Versão Internacional”*).

Isso foi cumprido no dia de Pentecostes de acordo com Atos 2:1-4:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (*Atos 2:1-4, “Nova Versão Internacional”*).

A próxima e última vez em que o termo “batismo do Espírito Santo” aparece nas Escrituras é durante a relação de Pedro com os cristãos em Jerusalém a respeito do que ocorreu a Cornélio e seus homens, Atos 11:15-16:

Quando comecei a falar, o Espírito Santo desceu sobre eles como sobre nós no princípio. Então me lembrei do que o Senhor tinha dito: “João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo”. (*Atos 11:15-16, “Nova Versão Internacional”*).

Esse evento ocorreu em Atos 10:44-46:

Enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem. Os judeus convertidos que vieram com Pedro ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo fosse derramado até sobre os gentios, pois os ouviam falando em línguas e exaltando a Deus. (*Atos 10:44-46, “Nova Versão Internacional”*).

Esses dois eventos são os únicos batismos do Espírito Santo registrados nas Escrituras. Muitas vezes a capacidade de efetuar dons milagrosos do Espírito Santo é dada, mas sempre é transmitida com a [imposição de mãos dos apóstolos](#), como é evidenciado pelo exemplo em Atos 8:14-17:

Os apóstolos em Jerusalém, ouvindo que Samaria havia aceitado a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Estes, ao chegarem, oraram para que eles recebessem o Espírito Santo, pois o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles; tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo. (*Atos 10:44-46, “Nova Versão Internacional”*).

Observamos aqui que, quando o Espírito foi dado aos homens, as mãos dos apóstolos foram impostas sobre eles. Essa ação representa a grande maioria da transmissão Espírito Santo nas Escrituras, em termos de habilitar alguém a realizar coisas sobrenaturais.

Podemos, portanto, constatar que o batismo do Espírito Santo não era para ser um evento comum. Foi um evento milagroso para demonstrar ao povo que Jesus Cristo era o Senhor e que todos deveriam obedecê-lo para receber a vida eterna. Em Atos 2:1-36, o batismo do Espírito Santo ocorreu para o reino dos céus ser estabelecido na Terra na forma da Igreja. Em Atos 10:44-48, o batismo do Espírito Santo serviu como um sinal para Pedro e os judeus de que os gentios deveriam fazer parte do reino de Deus. Esses dois eventos significam o cumprimento das

múltiplas profecias do Antigo Testamento sobre o estabelecimento do reino celestial e a aceitação dos gentios nesse reino. Não há Escrituras que demonstrem que Deus concederia mais batismos do Espírito Santo além dos dois eventos no primeiro século.

Argumenta-se que a profecia em Joel 2:28-32 a respeito do derramamento do Espírito demonstra que o Espírito Santo seria novamente derramado sobre os cristãos no “fim dos tempos”. Constatamos, no entanto, ao falar sobre os Irmãos de Plymouth, que [Pedro falou muito claramente ao dizer que o dia de Pentecostes foi o cumprimento da profecia](#) e, portanto, não há outro derramamento do Espírito. Portanto, podemos constatar que o batismo do Espírito Santo foi um evento milagroso para o benefício dos apóstolos, o qual ocorreu apenas duas vezes, primeiro para ensino e, depois, para mostrar que os gentios deveriam entrar no aprisco de Cristo. Sendo assim, não há mais a necessidade de tal milagre, e nem ele ocorreu desde então. A única maneira possível para o Espírito Santo ser transferido para um cristão de forma a capacitá-lo a realizar coisas sobrenaturais era pela imposição de mãos dos apóstolos.

O dom do Espírito Santo pode ser concedido hoje? Podemos examinar as Escrituras para verificar isso. Como afirmado acima, o batismo do Espírito Santo ocorreu apenas duas vezes. As Escrituras mostram que apenas os doze apóstolos, mais Paulo, eram capazes de transmitir o Espírito Santo de forma que ele habilite alguém a realizar coisas sobrenaturais, e isso apenas pela imposição de suas mãos. Não encontramos mais ninguém transmitindo esses dons. Isso é manifesto pelo exemplo de Filipe, Pedro e João em Atos 8:12-17:

No entanto, quando Filipe lhes pregou as boas-novas do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, creram nele e foram batizados, tanto homens como mulheres. O próprio Simão também creu e foi batizado, e seguia Filipe por toda parte, observando maravilhado os grandes sinais e milagres que eram realizados. Os apóstolos em Jerusalém, ouvindo que Samaria havia aceitado a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Estes, ao chegarem, oraram para que eles recebessem o Espírito Santo, pois o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles; tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo. (*Atos 8:12-17, “Nova Versão Internacional”*).

Constatamos que Pedro e João desceram de Jerusalém para Samaria a fim de transmitir o dom do Espírito Santo aos samaritanos. Por que Filipe, o qual operou grandes sinais e milagres, não transmitiu o dom do Espírito àqueles samaritanos? A única razão que podemos aceitar é que Filipe foi incapaz de fazê-lo porque ele não era um dos doze apóstolos ou Paulo.

O último apóstolo morreu por volta do ano 100 d.C. Portanto, ninguém foi capaz de transmitir o dom do Espírito Santo pela imposição de mãos desde aquela época. O batismo do Espírito Santo ocorreu apenas duas vezes e cumpriu seu propósito. Constatamos, portanto, que as Escrituras ensinam que o batismo do Espírito Santo e a imposição de mãos não são práticas realizadas hoje. Assim, os dons miraculosos do Espírito não são mais concedidos desde a morte do último apóstolo.

Alguns, no entanto, afirmam, com base em 1 Coríntios 12:31, 1 Coríntios 14:1 e 1 Coríntios 14:12-13, que é possível obter os dons a partir da oração:

Entretanto, busquem com dedicação os melhores dons. (*1 Coríntios 12:31, “Nova Versão Internacional”*).

Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia. (*1 Coríntios 14:1, “Nova Versão Internacional”*).

Assim acontece com vocês. Visto que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja. Por isso, quem fala em uma língua, ore para que a possa interpretar. (*1 Coríntios 14:12-13, “Nova Versão Internacional”*).

Essas instruções de buscar os dons, no entanto, foram dadas para cristãos que receberam a imposição de mãos de um apóstolo, a saber, os coríntios do primeiro século que receberam a imposição de mãos de Paulo. Portanto, a possibilidade de receber outro dom era aplicável apenas para quem já tinha recebido a transmissão do dom do Espírito por meio da imposição de mãos de um dos apóstolos.

É importante lembrar que os cristãos do primeiro século [não possuíam a revelação completa de Deus em um Novo Testamento completo](#), diferentemente de nós. Os apóstolos e evangelistas não podiam estar em todas as igrejas ao mesmo tempo. Assim, era necessário que as igrejas do primeiro século pudessem ser edificadas com o uso dos dons do Espírito, particularmente o de profecia. Afinal, como os cristãos do primeiro século, sem o Novo Testamento completo, e sem a presença constante dos apóstolos e evangelistas, saberiam como proceder em cada situação? É claro que precisavam que o próprio Espírito Santo falasse a eles por meio de profecias. Como os cristãos do primeiro século poderiam autenticar para outras pessoas que sua mensagem vinha de Deus sem o Novo Testamento completo em mãos, ou sem a presença imediata dos apóstolos ou evangelistas? Obviamente, com os sinais, prodígios e maravilhas do Espírito. Desde o término do Novo Testamento, no entanto, tais dons sobrenaturais não são mais necessários. Uma vez que a revelação completa de Deus está disponível desde o fim do primeiro século, os dons espirituais milagrosos já cumpriram seus propósitos e não são mais necessários.

4.18.4. FALAR EM LÍNGUAS – GLOSSOLALIA

No sistema de crenças pentecostal/carismático, uma vez que alguém recebeu o “batismo do Espírito Santo”, a “evidência inicial” dessa ocorrência é a glossolalia, o chamado “falar em línguas” (Synan, Vinson, *The Century of the Holy Spirit*, p. 3). Os pentecostais ensinam que falar em línguas é uma reminiscência do dia de Pentecostes em Atos 2:1-36. Será que os pentecostais hoje recebem os mesmos dons que os apóstolos e os cristãos do primeiro século receberam?

Uma grande distinção deve ser feita entre a maioria do que é chamado “falar em línguas” hoje e o [falar em línguas do primeiro século](#). O falar em línguas de hoje é geralmente considerado uma “língua celestial”, a qual não pode ser entendida sem “inspiração” e é considerada “oração no Espírito, não conhecimento linguístico” (Synan, Vinson, *The Century of the Holy Spirit*, p. 56, 81). Lemos o seguinte nas Escrituras em Atos 2:6-11:

Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. Atônitos e maravilhados, eles perguntavam: “Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando? Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes. Nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua!” (Atos 2:6-10, *Nova Versão Internacional*).

Constatamos, portanto, que os apóstolos falavam em línguas legítimas (linguagens que existiam no mundo), cada ouvinte compreendendo claramente sua linguagem nativa vindo daqueles que a falavam. Os judeus de várias línguas não precisavam de inspiração especial para entender a língua que os apóstolos falavam, nem era uma “língua celestial”.

É interessante notar que, quando missionários tentaram ir para outros países, esperando que o Espírito Santo dentro deles falasse na língua do povo, eles não puderam fazê-lo (Synan, Vinson, *The Century of the Holy Spirit*, p. 81). Em vez disso, é ensinado que “falar em línguas” hoje se refere à seguinte declaração de Paulo em 1 Coríntios 14:13-15:

Por isso, quem fala em uma língua, ore para que a possa interpretar. Pois, se oro em uma língua, meu espírito ora, mas a minha mente fica infrutífera. Então, que farei? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. (1 Coríntios 14:13-15, *Nova Versão Internacional*).

Essa declaração demonstra que falar em línguas é oração? De jeito nenhum! Paulo está dizendo que se alguém orar em uma língua, o espírito ora, mas a mente não é frutífera! Podemos ver sua declaração sobre isso em 1 Coríntios 14:16:

Se você estiver louvando a Deus em espírito, como poderá aquele que está entre os não instruídos dizer o “Amém” à sua ação de graças, visto que não sabe o que você está dizendo? (1 Coríntios 14:16, *Nova Versão Internacional*).

Portanto, podemos constatar que Paulo está aconselhando a não orar em línguas. Assim, é evidente que línguas não são “língua celestial” que é uma “oração a Deus” porque seu propósito principal, a edificação, é perdido quando ninguém consegue entender o significado da oração.

Vamos agora examinar se há ou não Escrituras que ensinam que falar em línguas é a “evidência inicial” do batismo do Espírito Santo. As Escrituras ensinam que a ênfase está em falar em línguas? Paulo diz o seguinte em 1 Coríntios 14:1:

Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia. (1 Coríntios 14:1, “Nova Versão Internacional”).

Essa verdade é evidenciada em 1 Coríntios 14:2-5:

Pois quem fala em uma língua não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o entende; em espírito fala mistérios. Mas quem profetiza o faz para edificação, encorajamento e consolação dos homens. Quem fala em língua a si mesmo se edifica, mas quem profetiza edifica a igreja. Gostaria que todos vocês falassem em línguas, mas prefiro que profetizem. Quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que as interprete, para que a igreja seja edificada. (1 Coríntios 14:2-5, “Nova Versão Internacional”).

Paulo exorta os coríntios para que reconheçam que falar em línguas não é tão edificante para a igreja quanto a profecia. Paulo diz em 1 Coríntios 14:2 que aqueles que falam em línguas estrangeiras realmente falam somente com Deus (uma vez que Deus entende qualquer linguagem, mas as pessoas não). Pode-se imaginar quanta edificação poderia ser obtida na igreja de língua grega em Corinto se alguém começasse a falar, digamos, a língua dos celtas. Se alguém profetiza, no entanto, edifica não apenas a si mesmo, mas também a todos ao seu redor, pois todos podem estar convencidos do poder de Deus. Portanto, as Escrituras ensinam que a profecia é preeminente entre os dons do Espírito Santo, estando o falar em línguas abaixo. Essa hierarquia está invertida nos grupos pentecostais/carismáticos modernos.

Finalmente, será que os dons do Espírito Santo como falar em línguas, profecia e conhecimento oriundo da inspiração divina são mesmo para hoje? Alguém pode falar em línguas hoje movido pelo Espírito Santo? Temos evidências dadas a nós em 1 Coríntios 13:8-10:

O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. (1 Coríntios 13:8-10, “Nova Versão Internacional”).

A interpretação dessa passagem depende do entendimento do termo “perfeito”. A palavra grega exata nesse texto para “perfeito” é *teleion*, a forma neutra do substantivo *teleios*, que significa “perfeito, completo”. O versículo poderia ser lido, portanto, da seguinte maneira: “quando, porém, vier o que é completo, o parcial desaparecerá”. Os pentecostais e carismáticos argumentam que o “perfeito” se refere a Cristo e sua segunda vinda. O texto, entretanto, não apoia essa conclusão. Afirmamos que a palavra *teleion* é do gênero neutro, portanto, como pode se referir ao Cristo masculino? A melhor interpretação dessa passagem é entender que “o que é perfeito” se refere ao Novo Testamento completo, o mistério de Cristo revelado. Esse processo terminou no fim do primeiro século, e os dons espirituais milagrosos cessaram também.

Podemos examinar registros históricos e constatar mais demonstrações de que esses dons foram transmitidos apenas até por volta de 100 d.C. Observamos que isso é especialmente verdadeiro em relação ao “conhecimento” citado em 1 Coríntios 13:8. Esse conhecimento se refere à revelação da Palavra de Deus por meio da inspiração, isto é, o conhecimento da Nova Aliança que o Espírito Santo revelou aos apóstolos e que foi escrito no Novo Testamento. O último livro do Novo Testamento foi escrito no fim do primeiro século, e não houve nenhum indivíduo desde então que trouxe mais revelações que concordassem com o evangelho dos apóstolos. Desde o final do primeiro século, os cristãos têm usado o conhecimento dado aos apóstolos e seus seguidores imediatos para guiar suas vidas, e não se basearam em supostas revelações posteriores. Portanto, é muito correto dizer que o dom do conhecimento por meio da inspiração divina cessou no final do primeiro século.

É interessante notar a seguinte declaração feita por um pentecostal:

70 d.C.: após a era apostólica, muitas pequenas ou locais renovações ou avivamentos ocorrem, com dezenas de crentes carismáticos isolados (frequentemente em mosteiros), mas nenhuma renovação global até o século vinte (Synan, Vinson, *“The Century of the Holy Spirit”*, p. 416).

Ao admitir que não houve “renovação global” até os dias modernos, o autor pentecostal demonstra que os pentecostais admitem que uma mudança ocorreu após o final do primeiro século. Também deve ser declarado que muitas dessas “pequenas ou locais renovações ou avivamentos” foram seitas heréticas (como os [montanistas](#)) ou uma reinterpretação das vidas de alguns monges e freiras com base na crença atual nos *charismata* (dons do Espírito). Portanto, é evidente que existem apenas alguns poucos casos isolados de indivíduos que acreditaram em *charismata* entre 100-1900 d.C., com ainda menos após 450 d.C. A única explicação possível que poderia ser dada pelos pentecostais a respeito desse período de silêncio é a explicação que eles dão a respeito de Joel 2:28-32 e da suposta “dispensação do Espírito Santo nos últimos dias”, a qual [demonstramos ser falsa](#). Portanto, é evidente nas Escrituras, e afirmado pelo registro histórico, que os dons de profecia, falar em línguas e conhecimento (novas revelações da Nova Aliança por inspiração) cessaram no fim do primeiro século.

4.18.5. PENTECOSTALISMO UNICISTA

Há um grupo dentro do movimento pentecostal/carismático conhecido como “pentecostais unicistas”, cujas origens foram discutidas quando falamos das [variantes do movimento pentecostal/carismático](#). Os pentecostais unicistas ensinam que o único batismo válido (referindo-se à imersão na água, não o batismo do Espírito Santo) é [somente no nome de Jesus](#), e que o batismo “trinitário” (Pai, Filho, Espírito Santo) foi imposto à Igreja pelo credo niceno (Synan, Vinson, *“The Century of the Holy Spirit”*, p. 141). Também acreditam que o nome de Jesus era o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, visto que Deus é um, e, portanto, deve ter um nome, e esse nome na Nova Aliança é Jesus (Synan, Vinson, *“The Century of the Holy Spirit”*, p. 142). Pentecostais unicistas acreditam que falar em línguas é essencial para a salvação (Synan, Vinson, *“The Century of the Holy Spirit”*, p. 141). Será que é isso que as Escrituras ensinam?

As Escrituras ensinam que Jesus é Deus, mas não ensinam que o nome de Deus é Jesus. Temos evidências disso em muitos lugares, incluindo 1 Timóteo 2:5-6:

Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo. (1 Timóteo 2:5-6, *“Nova Versão Internacional”*).

Há também a saudação frequentemente usada por Paulo para as igrejas, por exemplo, 1 Coríntios 1:3:

A vocês, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. (1 Coríntios 1:3, *“Nova Versão Internacional”*).

Se o nome de Jesus se refere a Deus como um todo, por que Paulo diferencia os dois frequentemente? Na verdade, Paulo não está sozinho nisso – Tiago faz o mesmo em Tiago 1:1:

Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos dispersas entre as nações: saudações. (Tiago 1:1, *“Nova Versão Internacional”*).

Se Jesus fosse o nome de Deus, não seria satisfatório que Paulo ou Tiago se identificassem como “um servo de Deus Jesus”? No entanto, eles usam o termo “Deus” ou “Deus Pai” juntamente com o “Senhor Jesus Cristo”. Portanto, é evidente que a ideia do nome de Jesus referindo-se a toda a divindade é inconsistente com as Escrituras.

Com relação ao batismo, recebemos duas passagens bíblicas sobre a autoridade em que é realizado, Mateus 28:18-20 e Atos 2:38:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. (Mateus 28:18-20, *“Nova Versão Internacional”*).

Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo.” (Atos 2:38, “Nova Versão Internacional”).

Pentecostais unicistas argumentam que Mateus 28:19 é uma ordem, enquanto Atos 2:38 demonstra a ordem colocada em ação. A linguagem do texto, entretanto, não apoia isso: Atos 2:38 é um mandamento em nada diferente do comando em Mateus 28:19. Constatamos nesses dois textos que ambos são o mesmo batismo, não havendo diferença se for dita a expressão “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” ou “em nome de Jesus”, pois ambas invocam a autoridade de Deus. Na verdade, nem sequer há necessidade de pronunciar palavras enquanto se realiza um batismo (isto é, pronunciar uma “fórmula batismal”), pois trata-se de uma ação realizada com a autoridade de Jesus de qualquer forma (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo estão em unidade de propósito). “Em nome de” significa “com a autoridade de”. Não há nenhuma evidência nas Escrituras que verdadeiramente mostre ser obrigatório “recitar uma fórmula” durante um batismo.

A visão pentecostal unicista de Deus é um pouco diferente da antiga heresia modalista/sabeliana, porém, de qualquer forma, postularia a ideia de que Jesus falou consigo mesmo ao orar, ou a ideia de que o Pai e o Espírito sofreram igualmente com o Filho na cruz. Essa ideia de Deus como uma única pessoa é inconsistente com o testemunho de Jesus em João 8:17-18:

Na Lei de vocês está escrito que o testemunho de dois homens é válido. Eu testemunho acerca de mim mesmo; a minha outra testemunha é o Pai, que me enviou. (João 8:17-18, “Nova Versão Internacional”).

Jesus indica claramente que, embora ele e o Pai sejam um (João 10:30), eles ainda são distintos em pessoa, o que é suficiente para representar duas testemunhas. Além disso, as manifestações da natureza trina de Deus, como em Gênesis 1:1-2, Gênesis 1:26-27 e Mateus 3:16-17, não dão crédito à visão modalista. As Escrituras revelam que Deus é um em três pessoas, não três manifestações de uma pessoa.

Por fim, será que as Escrituras ensinam que falar em línguas é necessário para a salvação? Observamos acima que [a diretriz de Paulo à igreja em Corinto era profetizar acima de falar em línguas](#). Além disso, constatamos em 1 Coríntios 13:8-10 que [o dom de falar em línguas deveria cessar](#). Não existem Escrituras que mostram que falar em línguas é necessário para a salvação. Na verdade, não há nenhuma evidência nas próprias Escrituras de que alguém falou em outras línguas além dos apóstolos, Cornélio e aqueles que estavam com ele, Paulo, os coríntios, e alguns outros. Portanto, é evidente que não há nenhuma evidência nas Escrituras que demonstre que falar em línguas é necessário para a salvação.

4.18.6. O MOVIMENTO PALAVRA DA FÉ

O movimento “palavra da fé” é um movimento “neocarismático” que ensina que a validade da fé de uma pessoa é demonstrada por sua saúde e riqueza material (Synan, Vinson, “The Century of the Holy Spirit”, p. 337). Esse movimento é popularizado hoje por muitos dos televangelistas, incluindo Kenneth Copeland, Joyce Meyer, Benny Hinn e uma multidão de outros (Synan, Vinson, “The Century of the Holy Spirit”, p. 337). Eles também ensinam que somos como Deus, que Deus é como nós, que Jesus sofreu no inferno para realizar a obra da redenção, e ensinam até mesmo que os humanos podem ser deuses (Benny Hinn, TBN, 12/1/1990; Copeland, Kenneth, “Walking in the Realm of the Miraculous” (1979), p. 77; Copeland, Kenneth, “Believer’s Voice of Victory”, TBN, 4/21/1991). Será que as Escrituras concordam com esses ensinamentos?

Quando falamos sobre a [teose](#) da ortodoxia oriental e sobre a [progressão eterna](#) do mormonismo, constatamos que o homem, com certeza, não pode se tornar um deus. A respeito da relação entre Deus e o homem, lemos o seguinte em Isaías 55:8-9:

“Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos”, declara o SENHOR. “Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos; e os meus pensamentos, mais altos do que os seus pensamentos.” (Isaías 55:8-9, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, é evidente que existe uma grande separação entre Deus e nós.

Será que Jesus teve que ir para o inferno para ser salvo? Como constatamos ao falar sobre o [Credo dos Apóstolos](#), é incorreto presumir que Jesus foi a um local de tormento quando morreu, mas foi a um local descrito como “paraíso” (Lucas 23:43), o qual também se situava no “coração da terra” (Mateus 12:40). Isso implica que Cristo esteve na área dos consolados que havia no *sheol/hades*, o mundo dos mortos (Lucas 16:22-23).

Jesus lhe respondeu: “Eu garanto: hoje você estará comigo no paraíso.” (Lucas 23:43, “Nova Versão Internacional”).

Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe, assim o Filho do homem ficará três dias e três noites no coração da terra. (Mateus 12:40, “Nova Versão Internacional”).

Chegou o dia em que o mendigo morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado. No Hades, onde estava sendo atormentado, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado. (Lucas 16:22-23, “Nova Versão Internacional”).

Cristo apenas permaneceu por pouco tempo (até o terceiro dia) na área dos consolados do mundo dos mortos, tal como era o caminho dos homens justos ao morrerem. Durante esse tempo, ele não foi a nenhum lugar de tormento ao qual poderíamos chamar de “inferno”.

Além disso, será que o próprio Jesus precisava de salvação? De forma alguma, pois Deus declarou a respeito dele o seguinte em Mateus 3:16-17 e Hebreus 4:15:

Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento, o céu se abriu, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele. Então uma voz dos céus disse: “Este é o meu Filho amado, de quem me agrado”. (Mateus 3:16-17, “Nova Versão Internacional”).

pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. (Hebreus 4:15, “Nova Versão Internacional”).

Portanto, é evidente que Jesus não precisava de salvação, pois nele Deus se agradou e, apesar de ter sofrido as mesmas tentações que as sofrem neste mundo, Jesus jamais pecou.

Finalmente, abordemos a doutrina sobre riqueza material, saúde e fé. As Escrituras deixam evidente que nossa fé não se baseia em nossos bens materiais, nem temos garantia de riqueza material por causa de nossa fé. Vamos ler o testemunho das Escrituras em Mateus 19:21-24, Lucas 12:15, Filipenses 4:11-12 e 1 Timóteo 6:17-19:

Jesus respondeu: “Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me”. Ouvindo isso, o jovem afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas. Então Jesus disse aos discípulos: “Digo a verdade: dificilmente um rico entrará no Reino dos céus. E digo ainda: é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”. (Mateus 19:21-24, “Nova Versão Internacional”).

Então lhes disse: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens”. (Lucas 12:15, “Nova Versão Internacional”).

Não estou dizendo isso porque esteja necessitado, pois aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. (Filipenses 4:11-12, “Nova Versão Internacional”).

Ordene aos que são ricos no presente mundo que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação. Ordene-lhes que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos a repartir. Dessa forma, eles acumularão um tesouro para si mesmos, um firme fundamento para a era que há de vir, e assim alcançarão a verdadeira vida. (1 Timóteo 6:17-19, “Nova Versão Internacional”).

Esses versículos não falam sobre a riqueza que alguém receberá se tiver fé, mas o contrário: com fé, a pessoa aprende a se contentar com o que é dado a ela e não deve buscar riquezas na Terra. As Escrituras ensinam que aqueles que são ricos em riquezas materiais estão mais bem servidos ao compartilhá-las com os necessitados,

sendo generosos e prontos a reparti-las – ao fazerem isso, acumulam riqueza espiritual. Podemos constatar nas Escrituras, portanto, que a fé dos cristãos não é medida pelo tamanho da riqueza ou pela porção de saúde que eles têm.

4.19. IGREJA INTERNACIONAL DE CRISTO

A Igreja Internacional de Cristo (também conhecida como movimento de Boston – suas igrejas costumam se descrever como “igreja de Cristo” sem qualquer designação adicional) começou em junho de 1979 d.C. perto de Boston, Massachusetts, com um estudo bíblico de algumas pessoas lideradas por Kip McKean. McKean esteve influenciado pelo movimento crossroads na década de 1970 d.C. na igreja de Cristo Crossroads em Gainesville, Flórida. O movimento crossroads enfatizou fortemente a necessidade de “discipular” os cristãos, especialmente os novos convertidos, a fim de fortalecê-los e mantê-los fiéis. McKean acreditou nesse princípio e então acrescentou muitos de seus próprios princípios. À medida que o movimento crossroads desaparecia na década de 1980 d.C., o novo movimento Boston de McKean ganhou impulso, adicionando muitos aos seus números que vieram do antigo movimento crossroads, junto com outras pessoas de denominações e algumas de igrejas de Cristo. Conforme as décadas de 1980 d.C. e 1990 d.C. progrediram, no entanto, as doutrinas de McKean começaram a se distanciar das Escrituras, adotando uma mentalidade de “falar onde a Bíblia silencia e silenciar onde a Bíblia fala” e construir uma estrutura hierárquica elaborada dentro da igreja.

As igrejas internacionais de Cristo enfrentaram grande crise em 2002 d.C. e 2003 d.C. (chamadas por alguns dentro do movimento de “grande tribulação”), quando a estrutura de liderança central da organização foi dissolvida. McKean e outros líderes se viram obrigados a renunciar e se dissociar de outros grupos da Igreja de Cristo Internacional, ocorrendo também a renúncia de dois dos princípios principais da Igreja Internacional de Cristo: a estrutura hierárquica e a ênfase no discipulado. Nesse ponto, muitas das diferentes igrejas que compõem a Igreja Internacional de Cristo começaram a realizar reuniões destinadas à reconciliação com as igrejas de Cristo, enquanto muitas outras permaneceram em uma forma de animação suspensa. Os eventos dos últimos anos deixaram muitas igrejas internacionais de Cristo como grupos quase autônomos operando de acordo com alguns dos princípios originários do movimento, embora tenham se arrependido de algumas das doutrinas mais controversas associadas ao movimento de Boston.

Enquanto Kip McKean deixou de chamar atenção por um tempo, começou a trabalhar com a igreja internacional de Cristo de Portland e, em outubro de 2005 d.C., iniciou o que agora chama de movimento Portland. O movimento Portland é, na verdade, o movimento de Boston com pequenas adaptações, desejando ser um “movimento de restauração” dentro das igrejas internacionais de Cristo. McKean e seus associados ainda estão atraindo pessoas e algumas das igrejas internacionais de Cristo se realinharam com ele. Parece que as igrejas no movimento de Portland se chamam de “Igreja Internacional de Cristo” ou “Igreja Cristã Internacional” (muitas das informações acima vieram de *Kipmckean.org/the-portland-movement*, acessado em 2016).

4.19.1. VARIANTES DA IGREJA INTERNACIONAL DE CRISTO

Embora era impossível falar de variantes dentro da Igreja Internacional de Cristo antes de 2002 d.C., os eventos de 2002-2003 d.C. levaram a uma grande fragmentação dentro do movimento. Como resultado do movimento de afastamento de Kip McKean, muitas igrejas internacionais de Cristo foram assimiladas por igrejas de Cristo ou começaram a ser influenciadas por elas e, em tais grupos, as doutrinas distintas da Igreja Internacional de Cristo foram postas de lado. Embora desejando ser mais complacentes com as igrejas de Cristo e outros grupos, muitas outras igrejas internacionais de Cristo continuaram como entidades distintas. As igrejas permanecem quase autônomas, mas as divisões regionais parecem permanecer, e as igrejas metropolitanas maiores têm grande influência nessas regiões. Deve-se notar que, de acordo com McKean, a Igreja Internacional de Cristo como existia antes de 2002 d.C. não existiu mais posteriormente ao período de “tribulação” em 2002-2003 d.C. (*Kip McKean, “A Concern for all the Churches”*).

Existem também as igrejas agora associadas ao movimento Portland, aquelas recentemente iniciadas por McKean e seus associados, ou pessoas dos antigos grupos da Igreja Internacional de Cristo que se realinharam com ele. Eles representam os grupos comprometidos com os mesmos princípios do movimento de Boston, apenas com mudanças cosméticas.

4.19.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Problemas doutrinários:

- [O uso de recursos da igreja quanto à benevolência](#): ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar o [arranjo de igreja patrocinadora](#);
- [Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja](#): uso indevido dos recursos da igreja para [hospitais, cozinhas e salões para companheirismo](#) e [ginásios e academias](#);
- [Música instrumental](#): erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- [Práticas judaicas](#): equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral”](#) e [dízimos](#);
- [A Ceia do Senhor](#): erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): erro ao ser aplicada uma [hierarquia de bispos](#) (líderes de setor); erro na permissão de [evangelistas femininas](#) na igreja; equívoco sobre a necessidade da realização de [sínodos, conselhos, convenções e outras reuniões como essas](#).

4.19.3. DISCIPULADO

A Igreja Internacional de Cristo mantém em seus ensinamentos que é preciso ser discípulo de Cristo, chegando isso a ponto de não se poder batizar uma pessoa antes que ela decida ser discípula (*Kip McKean, “Revolution Through Restoration”, I*). O movimento de Portland ensina ainda que aquele que se converte à fé precisa ser “discipulado”, supostamente seguindo Mateus 28:19-20. Portanto, é atribuído ao novo convertido um “discipulador” responsável por seu bem-estar (*Kip McKean, “Revolution Through Restoration”, I*). O “discipulado” é mantido como uma prática em outros grupos da Igreja Internacional de Cristo, embora não seja mais obrigatório. Será que esses princípios são realmente ensinados nas Escrituras?

Não podemos negar que precisamos ser discípulos de Cristo. Afinal, ele é o mestre e devemos obedecê-lo, conforme ilustrado em Mateus 10:24-25:

O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se o dono da casa foi chamado Belzebu, quanto mais os membros da sua família! (*Mateus 10:24-25, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, devemos ser discípulos de Cristo – ele é o mestre e devemos segui-lo. As Escrituras não ensinam, entretanto, que alguém deve decidir ser um discípulo antes de ser batizado. Um exemplo é Atos 2:37-38:

Quando ouviram isso, ficaram aflitos em seu coração e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: “Irmãos, que faremos?” Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo.” (*Atos 2:37-38, “Nova Versão Internacional”*).

Não ouvimos Pedro dizer às pessoas para “decidirem ser discípulos, se arrepender e ser batizadas” ou qualquer coisa assim. Constatamos em Atos 2:41-42 que aqueles que foram salvos desejaram aprender os ensinamentos de Cristo:

Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas. Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. (*Atos 2:41-42, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, aqueles que foram salvos podem ser corretamente chamados de discípulos de Cristo e dos apóstolos, mas o discipulado foi realizado após a conversão. Isso é consistente com o comando de Jesus em Mateus 28:18-20: na verdade, os apóstolos deviam “ir” e “fazer discípulos”, mas o meio de fazer discípulos era batizá-los e ensiná-los a observar tudo o que Jesus havia ensinado. Não há evidências nas Escrituras que levem à conclusão de que alguém deve decidir especificamente ser um discípulo antes de ser batizado: na verdade, alguém se torna um discípulo apenas sendo batizado e sendo ensinado no caminho de Cristo.

Será que as Escrituras ensinam que devemos discipular membros novos ou mais jovens da fé? Voltemos novamente a Mateus 28:18-20:

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. (*Mateus 28:18-20, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, recebemos a ordem de fazer discípulos de todas as nações. O que isso significa? Podemos ter algumas informações pertinentes em Atos 11:26:

e, quando o encontrou, levou-o para Antioquia. Assim, durante um ano inteiro Barnabé e Saulo se reuniram com a igreja e ensinaram a muitos. Em Antioquia, os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos. (*Atos 11:26, “Nova Versão Internacional”*).

A partir dessa passagem, parece que os cristãos foram primeiramente chamados simplesmente de “discípulos”, e o nome “cristãos” foi acrescentado a eles mais tarde. Portanto, podemos ler o mandamento de Jesus de maneira muito simples como “vão e façam cristãos de todas as nações”. As Escrituras ensinam que alguém se torna cristão ao crer em Cristo e obedecer à sua Palavra (o que inclui a confissão da fé do Novo Testamento, o arrependimento e o batismo com para remissão de pecados e recebimento do dom do Espírito) – e isso pode ser realizado sem um “discipulador”. A necessidade específica de “discipular” não está necessariamente presente em Mateus 28:19-20.

No entanto, é evidente pela necessidade de ensinar o que Jesus ordenou que existe a necessidade de ajudar os mais jovens na fé. Porém, será que esse um trabalho que deve ser dado a um indivíduo específico? Vamos ler as Escrituras em Gálatas 6:1-2:

Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado. Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo. (*Gálatas 6:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

Todos nós devemos levar os fardos pesados uns dos outros – a tarefa não está limitada a um indivíduo.

Encontramos em Romanos 12:3-8 um conceito importante:

Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu. Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros. Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria. (*Romanos 12:3-8, “Nova Versão Internacional”*).

Há uma igualdade de todos os membros no cristianismo que a ideia de “discipular” viola. Somos todos iguais em Cristo: em nenhum lugar algum cristão é superior a outro. A única diferença entre os cristãos é de papéis diferentes. Um presbítero supervisiona a congregação, mas isso não significa, por si só, que o presbítero seja superior a qualquer outro cristão. O evangelista leva a Palavra de Deus à congregação e ao mundo exterior, mas isso não significa que o evangelista seja um cristão melhor do que qualquer outro membro da congregação.

No cristianismo, há uma comunhão de cristãos ajudando uns aos outros, eliminando assim a necessidade de um indivíduo específico zelar por outro indivíduo específico, um relacionamento não autorizado nas Escrituras. Portanto, o processo de crescimento de um indivíduo na fé não depende de ter outro indivíduo cuidando dele, mas requer a ajuda de toda a congregação na edificação e fortalecimento não apenas dos membros novos na fé, mas de todos dentro desse corpo. A prática de discipular, portanto, não está de acordo com as Escrituras.

4.19.4. CONFISSÃO DE PECADO

A Igreja Internacional de Cristo ensinou, e o movimento de Portland mantém, que o pecado deve ser confessado com frequência, especialmente em um sistema que é chamado “companheiros de oração”, isto é, dois indivíduos que confessam seus pecados um ao outro (*Kip McKean, “First Principles”*). Isso também é feito com o discipulador. Além disso, muitas vezes a Igreja Internacional de Cristo publicou e divulgou aos seus membros listas de indivíduos e os pecados que confessaram, para que as pessoas pudessem orar por eles. Será que essas práticas são baseadas no Novo Testamento?

A Igreja Internacional de Cristo acredita que Tiago 5:16 justifica sua crença:

Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz. (*Tiago 5:16, “Nova Versão Internacional”*).

Será que esse versículo ensina que é um dever que os cristãos confessem seus pecados um ao outro? Ele ensina que a confissão de pecados uns aos outros é benéfica, visto que a “oração de um justo é poderosa e eficaz”. O contexto da passagem, no entanto, demonstra que Tiago está falando de uma situação específica, como descrito em Tiago 5:14-15:

Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. A oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E, se houver cometido pecados, ele será perdoado. (*Tiago 5:14-15, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, Tiago está fazendo um mandamento para aqueles que estão enfermos: confessem seus pecados a fim de que possam ser perdoados, de forma que isso possa levar à cura. Essa passagem de forma alguma obriga a confissão dos pecados de um cristão a outros.

Recebemos princípios no Novo Testamento relativos à confissão mútua em Mateus 18:15-17 e Gálatas 6:1-2:

Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas, se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros, de modo que “qualquer acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas”. Se ele se recusar a ouvi-los, conte à igreja; e, se ele se recusar a ouvir também a igreja, trate-o como pagão ou publicano. (*Mateus 18:15-17, “Nova Versão Internacional”*).

Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado. Levem os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo. (*Gálatas 6:1-2, “Nova Versão Internacional”*).

Podemos constatar que é benéfico confessar nossos pecados uns aos outros para que possamos receber assistência e oração, de forma que possamos ser edificados. Além disso, constatamos que os pecados cometidos que chamam a atenção da igreja devem ser confessados e arrependidos, e isso é ilustrado em 1 Coríntios 5:1-13.

A confissão de pecados uns aos outros, portanto, é certamente benéfica, mas não deve ser limitada a nenhum indivíduo. Deve ser uma ação feita pela vontade daquele que pecou para que possa ser fortalecido. Há apenas uma pessoa a quem nossa confissão de pecado deve ser feita: Deus, conforme 1 João 1:9:

Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça. (*1 João 1:9, “Nova Versão Internacional”*).

Portanto, as Escrituras ensinam que devemos confessar nossos pecados a Deus e podemos confessar nossos pecados uns aos outros para receber edificação.

4.20. PROVIDENCE CHURCH

A Providence Church se centra em seu fundador Jung Myung Seok (1945 d.C. até o presente), também conhecido como Joshua Jiang ou Joshua Lee. Nem Seok nem a Providence Church publicam seus ensinamentos. Assim, as informações aqui contidas foram obtidas por meio de um iniciado e por meio de depoimentos corroborantes da Wikipedia ([Wikipedia.org/wiki/Providence_\(religious_movement\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Providence_(religious_movement))), acessado em 2016) e Providence Cult Watch (Providencecult.com, acessado em 2016).

Seok afirma ter recebido revelações especiais de Deus que o levaram a estabelecer uma igreja na Coreia do Sul no final dos anos 1970 d.C. Ele expôs esses ensinamentos em uma série de 30 lições a partir das quais os iniciados devem aprender as “verdades espirituais” a respeito de Deus e seus propósitos para a humanidade, encontrando significados ocultos em várias Escrituras (chamados de “parábolas”), em última análise levando à visão de que Seok é o Messias, o “senhor” da segunda vinda, e aquele que hoje atingiu o mesmo nível de intimidade com Deus que Jesus alcançou. Embora afirme externamente ser cristão, os ensinamentos de Seok e da Providence Church estão em desacordo com a compreensão cristã de Jesus, sua missão, ressurreição e os propósitos de Deus para a criação e a humanidade. A Providence Church começou na Coreia do Sul, mas fez incursões significativas em Taiwan, Japão, outras partes da Ásia, Oceania, Europa e nos Estados Unidos da América, muitas vezes promovida em campi universitários e por iniciados que se infiltram sutilmente em congregações locais de várias igrejas e denominações, ganhando o favor delas.

4.20.1. VARIANTES DA PROVIDENCE CHURCH

A própria Providence Church é um grupo dissidente da Igreja da Unificação fundada por Sun Myung Moon. Embora a Providence Church permaneça unificada em torno de Seok e suas revelações, ela recebe muitos nomes em todo o mundo, incluindo Providence Church, Jesus Morning Star, Setsuri, Christian Gospel Mission, International Christian Association, Bright Moon Church, Ae-chun Church, Young-dong Church, Nak-seong-dae Church, and Seoul Church. A Providence Church também estabeleceu outras organizações que, em última análise, levam à associação com uma de suas igrejas. Essas organizações incluem: International Cultural Exchange, Bright Smile Movement, Sky Soccer, World Peace Model, Peace Model USA, and IOCA Modeling.

4.20.2. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Problemas doutrinários:

- **Batismo:** a ausência do entendimento de que o [batismo é imersão](#); ausência do entendimento de que o [batismo é para remissão de pecados e é necessário para salvação](#);
- **O uso de recursos da igreja quanto à benevolência:** ausência de discernimento sobre o [indivíduo e a igreja](#); falha na [distinção das responsabilidades do indivíduo e da igreja](#); erro em usar [benevolência da igreja para não cristãos](#); mau entendimento de que [os fins justificam os meios](#) para usar recursos da igreja; erro em [considerar a igreja como conveniência para ajudar não cristãos](#); erro em utilizar [sociedades missionárias](#);
- **Outras considerações sobre o uso de recursos da igreja:** uso indevido dos recursos da igreja para [centros de educação](#), [cozinhas e salões para companheirismo](#), [ginásios e academias](#) e [empreendimentos de negócios](#); tentativa de justificar o uso indevido de recursos da igreja [em nome do evangelismo](#);
- **Observâncias:** equívoco em acreditar serem necessárias observâncias como [Natal](#), [Domingo de Ramos](#), [Sexta-Feira Santa](#), [Páscoa](#);
- **Música instrumental:** erro em usar [instrumentos musicais](#) nas reuniões de adoração;
- **Práticas judaicas:** equívoco em crer que os cristãos estão sujeitos à [Lei de Moisés](#), incluindo [os dez mandamentos e a “lei moral”](#) e [dízimos](#);

- [A Ceia do Senhor](#): compreensão equivocada sobre a [natureza dos símbolos](#); erro em [utilizar pão com fermento e vinho alcoólico](#); erro na [frequência em que a Ceia do Senhor deve ser observada](#);
- [Posições de autoridade](#): entendimento errado sobre [quem são pastores](#);
- [Dons espirituais milagrosos](#): ausência do entendimento de que [sinais milagrosos eram ligados à época de revelação da Palavra de Deus](#); ausência do entendimento de que sinais milagrosos tinham o [propósito de confirmar a Palavra de Deus até que sua revelação estivesse completa](#).

Influências de denominações antigas:

- [Gnosticismo](#).

4.20.3. MORTE, VIDA E RESSURREIÇÃO

Seok e a Providence Church colocam grande ênfase no que chamam de “ressurreição”, a qual é considerada uma passagem da “morte para a vida”. Essa ressurreição não envolve o corpo físico – a morte física é aceita como algo inevitável. Em vez disso, essa “ressurreição” é considerada contínua e espiritual: à medida que ganhamos mais compreensão e experiência, estamos continuamente ressuscitando, indo cada vez mais da “morte para a vida”. Afirma-se que Jesus ganhou sua posição diante de Deus porque, durante sua juventude, ele ressuscitou da morte para a vida continuamente por meio dos sofrimentos que experimentou. Hebreus 5:7-8 é citado para explicar como Jesus teve que crescer em seu relacionamento com Deus, e João 11:25-26 é citado como uma demonstração de que Jesus é a ressurreição mesmo antes de ressuscitar dos mortos.

Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, foi ouvido por causa da sua reverência. Embora fosse Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu (*Hebreus 5:7-8, “Nova Versão Internacional”*).

Então Jesus declarou: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente. Você crê nisto?” (*João 11:25-26, “Nova Versão Internacional”*).

Essa explicação e compreensão da “ressurreição” não tem antecedentes na história do cristianismo. É verdade que há uma ressurreição “espiritual”, conforme explicado por Paulo em Romanos 6:3-5:

Ou será que vocês ignoram que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição (*Romanos 6:3-5, “Nova Versão Internacional”*).

O batismo é considerado uma morte e ressurreição espiritual, mas o batismo e sua ressurreição são eventos que ocorrem uma única vez. O Novo Testamento não fala da transformação da vida de um cristão em termos de ressurreição, mas em termos de como tornar-se conformado à imagem de Cristo (Romanos 8:29), manifestar o fruto do Espírito Santo (Gálatas 5:22-24), buscar as coisas do céu e ser renovado pelo conhecimento bíblico na imagem de Cristo (Colossenses 3:1-10), e coisas como essas.

No Novo Testamento, a ressurreição é primariamente uma questão de ressuscitar o corpo físico. A palavra para ressurreição, *anastasis*, denota “ficar de pé novamente” e é usada para descrever a reconstituição e reanimação ou ressuscitação de cadáveres (Mateus 27:52-53; Hebreus 11:35; conforme 1 Reis 17:19-24; 2 Reis 4:18-37) e a ressurreição de Jesus de Nazaré dentre os mortos, para nunca mais morrer, no terceiro dia após sua morte na cruz (Mateus 28:1-16; Marcos 16:1-20; Lucas 24:1-53; João 20:1-21:25; Romanos 6:3-11; 1 Coríntios 15:1-28). A ressurreição também é usada para descrever o que acontecerá para todas as pessoas no dia do julgamento final, e está associada tanto com as pessoas saindo dos túmulos quanto nos mesmos termos da ressurreição de Jesus (João 5:28-29; 1 Coríntios 15:29-58; 1 Tessalonicenses 4:13-18). Paulo fala da ressurreição como a “redenção do corpo” (Romanos 8:23). A ressurreição, em todo o Novo Testamento, é consistente com a imagem de que o corpo físico será ressuscitado.

Seok e a Providence Church também falam de pessoas como atualmente capazes de ter o corpo espiritual de 1 Coríntios 15:35-49. No entanto, nessa passagem, Paulo fala claramente do corpo espiritual como algo a ser ganho no futuro. Paulo ali explica a natureza da transformação necessária na ressurreição, visto que carne e sangue, o perecível, não pode herdar o reino de Deus, o imperecível (1 Coríntios 15:50). Portanto, o mortal e o perecível devem ser transformados, “revestindo-se de imortalidade e imperecibilidade” (1 Coríntios 15:51-53). Isso acontecerá no dia da ressurreição: o corpo físico, mortal, fortalecido pela *psuche*, o fôlego da vida, se levantará e será transformado em um corpo fortalecido pelo *pneuma*, o Espírito, imortal e imperecível. O contraste entre os corpos “natural” e “espiritual” é menos sobre a carne versus o espírito e mais sobre a natureza do corpo hoje e o corpo na ressurreição, e como eles recebem poder. Isso é difícil de transmitir em português. O corpo “natural” em 1 Coríntios 15:42-46 é o grego *psuchikos*, literalmente, “psíquico”, o corpo que tem o *psuche*, o fôlego da vida, dando a ele poder, como observado na primeira parte do contraste de 1 Coríntios 15:45 (conforme Gênesis 2:7). O corpo “espiritual” em 1 Coríntios 15:42-46 é o grego *pneumatikos*, literalmente “pneumático”, o corpo que tem o *pneuma*, a alma ou Espírito, dando poder a ele, tornado evidente na segunda parte do contraste de 1 Coríntios 15:45 (conforme João 4:7-15; 7:37-39). O “psíquico” vem antes do “pneumático” – vivemos atualmente no “psíquico” e aguardamos o dia da ressurreição e da transformação.

Mas o que dizer de Hebreus 5:7-8 e João 11:25-26? Jesus aprendeu obediência por meio do que sofreu, mas no Novo Testamento esse sofrimento se concentra principalmente no que ele experimentou desde a noite em que foi traído até sua morte na cruz (conforme Lucas 22:39-23:46). No entanto, essa educação era puramente experimental – como a Palavra se fez carne, Jesus já sabia todas as coisas (João 1:1,14,18; 2:23-25), e não precisava crescer em seu relacionamento com Deus, que existia desde antes do início (João 1:1-18; 14:5-14). Por meio de sua vida na carne, Jesus estabeleceu experimentalmente o que ele e seu Pai já entendiam em cognição e, portanto, é capaz de mediar entre Deus e o homem como sumo sacerdote supremo, o que é a essência do ponto do autor do Livro de Hebreus em Hebreus 4:14-5:10. Em João 11:25-26, Jesus declara a si mesmo a ressurreição mesmo antes de sua morte e ressurreição, mas o faz da mesma forma que fez ao dizer que ele é a vida antes de sua morte e ressurreição: ele sabe quem ele é, o que está realizando, e fornece eficácia no presente. Até mesmo o Evangelho de João deixa claro que a razão pela qual alguém pode encontrar a vida eterna em Jesus é por causa de sua morte e ressurreição (João 3:14-17; 10:9-18; 12:23-32). O restante da Bíblia também fornece esse testemunho (Romanos 5:6-11; Hebreus 7:12-9:28; 1 Pedro 2:18-25). Não se pode separar o que Jesus faz em sua vida com o que ele realiza em sua morte e ressurreição – sem sua morte e ressurreição, ele não pode ser quem afirma ser (1 Coríntios 15:12-20).

A ressurreição corporal de Jesus de Nazaré continua a ser a peça central do evangelho porque é a base das boas novas de Jesus para o mundo. A morte física não é apenas a maneira como a criação sempre deveria funcionar – é parte da corrupção introduzida quando o homem pecou (Gênesis 3:1-23; Romanos 5:12-18; 8:17-24). Visto que Jesus morreu e ressuscitou em poder, vencendo o pecado e a morte, os cristãos têm confiança nele a respeito do dia final em que o último inimigo, a morte, será conquistado, todos serão ressuscitados imortais e incorruptíveis. O povo de Deus não experimentará mais morte, sofrimento e pecado na ressurreição (João 5:28-29; Romanos 8:1-39; 1 Coríntios 15:20-58; Apocalipse 21:1-22:5). Essa é a ressurreição de que a Bíblia fala, e a redefinição da ressurreição sugerida por Seok e sua Providence Church deve ser considerada incompatível com o que as Escrituras ensinam.

4.20.4. RELACIONAMENTO COM DEUS: A MISSÃO DE JESUS E O LIVRE ARBÍTRIO HUMANO

Seok e a Providence Church mantêm um forte foco no relacionamento com Deus, o que é reforçado por meio das “[ressurreições](#)” abordadas acima. Nessa visão do relacionamento com Deus, muita ênfase é colocada no livre arbítrio humano: os planos de Deus para a humanidade são continuamente frustrados pela forma como os humanos exerceram seu livre arbítrio. Seok e a Providence Church ensinam que Deus tinha mais objetivos para Jesus atingir do que ele conseguiu realizar: Cristo foi incapaz de cumprir sua missão porque os judeus o executaram. Cabia aos apóstolos e àqueles que viriam mais tarde trazer a revelação completa para a humanidade, e as seitas de Seok acreditam que tal revelação se traduz nas “coisas ainda maiores” de João 14:12:

Digo a verdade: aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai. (João 14:12, “Nova Versão Internacional”).

Na teologia de Seok e da Providence Church, Deus não é capaz de saber qual decisão os humanos tomarão até que as tomem, de forma que Deus não negue o livre arbítrio humano. É assim que Seok e a Providence Church

explicam porque tão poucos alcançaram esse conhecimento: apenas alguns realmente o buscaram e foram capazes de “ressuscitar suficientemente” para entendê-lo. No entanto, o que observamos nas Escrituras?

As Escrituras deixam bem claro que a morte de Jesus não foi apenas um acidente, mas na verdade uma parte crítica de seu ministério e propósito, e que Deus e Jesus não apenas sabiam disso com antecedência, mas tal era a vontade soberana de Deus desde antes da criação do universo, como observado em João 2:18-22, Atos 2:23 e Atos 13:26-29:

Então os judeus lhe perguntaram: “Que sinal milagroso o senhor pode mostrar-nos como prova da sua autoridade para fazer tudo isso?” Jesus lhes respondeu: “Destruam este templo, e eu o levantarei em três dias”. Os judeus responderam: “Este templo levou quarenta e seis anos para ser edificado, e o senhor vai levantá-lo em três dias?” Mas o templo do qual ele falava era o seu corpo. Depois que ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se do que ele tinha dito. Então creram na Escritura e na palavra que Jesus dissera. (*João 2:18-22, “Nova Versão Internacional”*).

Israelitas, ouçam estas palavras: Jesus de Nazaré foi aprovado por Deus diante de vocês por meio de milagres, maravilhas e sinais que Deus fez entre vocês por intermédio dele, como vocês mesmos sabem. Este homem foi entregue por propósito determinado e pré-conhecimento de Deus; e vocês, com a ajuda de homens perversos, o mataram, pregando-o na cruz. (*Atos 2:23, “Nova Versão Internacional”*).

Irmãos, filhos de Abraão, e gentios tementes a Deus, a nós foi enviada esta mensagem de salvação. O povo de Jerusalém e seus governantes não reconheceram Jesus, mas, ao condená-lo, cumpriram as palavras dos profetas, que são lidas todos os sábados. Mesmo não achando motivo legal para uma sentença de morte, pediram a Pilatos que o mandasse executar. Tendo cumprido tudo o que estava escrito a respeito dele, tiraram-no do madeiro e o colocaram num sepulcro. (*Atos 13:26-29, “Nova Versão Internacional”*).

O próprio Jesus testificou que havia cumprido o que havia sido enviado para fazer em João 17:4; 19:30:

Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer. (*João 17:4, “Nova Versão Internacional”*).

Tendo-o provado, Jesus disse: “Está consumado!” Com isso, curvou a cabeça e entregou o espírito. (*João 19:30, “Nova Versão Internacional”*).

Em todas essas Escrituras, e mais, é evidente que Jesus com certeza realizou o que veio para fazer, e que não deixou nada não dito ou não feito daquilo que deveria dizer ou fazer, e que esse era o propósito de Deus para ele desde o início, o que é atestado pelos profetas que falaram de seu sofrimento e ressurreição (Salmo 22:1-31; Isaías 52:13-53:12; Oseias 6:1-3).

Jesus disse aos seus doze discípulos que eles fariam obras maiores do que ele em João 14:12, mas também fornece a chave para entender o que está dizendo. Ele não está dizendo que os outros terão que terminar o que ele não poderia terminar, uma vez que a capacidade daqueles que o seguem para realizar essas obras depende de Jesus ir ao Pai a fim de obter o seu reino (conforme Daniel 7:13-14; Hebreus 9:1-10:25). Podemos constatar a evidência dessas “coisas ainda maiores” nos apóstolos: enquanto Jesus ensinou a muitos em Israel, tanto de forma total quanto de forma parcial, os apóstolos espalharam a mensagem, tanto para judeus quanto para gentios, em todo o mundo romano (Atos 1:8; Colossenses 1:5-6). Considerando que Jesus teve apenas 120 seguidores após sua morte, ressurreição e ascensão, existiram milhares de seguidores por meio da proclamação do evangelho pelos apóstolos (Atos 1:15; 2:41; 4:4; 21:20). Essas “coisas ainda maiores” não dependiam do desenvolvimento do relacionamento entre Deus e os apóstolos por causa que eles haviam “ressuscitado suficientemente”. Eram o resultado do derramamento do Espírito Santo sobre eles, não por causa de seu valor intrínseco, ou por meio de seus esforços, mas pela vontade preordenada de Deus, uma vez que foram testemunhas oculares de Jesus em sua vida, morte e ressurreição (Joel 2:28-32; Mateus 18:18; Lucas 24:36-49; João 15:18-27; 16:4-15; 20:22-23; Atos 1:15-2:41). Na verdade, por si mesmos, os apóstolos teriam se mostrado totalmente indignos, visto que eles comprovadamente não entenderam a verdade sobre Jesus até depois de sua ressurreição e do derramamento do Espírito!

Temos falado muito sobre assuntos relacionados à soberania divina e o livre arbítrio humano no estudo do sistema [TULIP](#) do calvinismo. Enquanto o calvinismo enfatiza exageradamente a soberania divina em detrimento do livre arbítrio humano, Seok e a Providence Church foram longe demais, a ponto de quase tornarem Deus

subserviente aos caprichos da humanidade. Os apóstolos entenderam que Deus era onipotente, onipresente e onisciente, transcendendo o espaço-tempo contínuo (Atos 17:24-28; Romanos 11:33-36; 13:1; 2 Pedro 3:8; 1 João 3:20). Paulo declara que Deus predestinou aqueles a quem de antemão conheceu que seguiriam seu Filho para que se tornassem conformados à sua imagem (Romanos 8:29-30), passando a declarar que Deus nos escolheu em Cristo mesmo antes da fundação do mundo (Efésios 1:3-4)! Paulo tinha tanta confiança em Deus porque havia experimentado o chamado específico de Deus: ele viu Jesus, o Senhor ressuscitado, na estrada para Damasco porque Deus o escolheu para proclamar o evangelho aos gentios, mesmo antes de os gentios serem acrescentados à fé (Atos 9:1-16; 10:1-11:15; 26:14-18)! De forma alguma isso viola o livre arbítrio do homem: Paulo ainda tinha que escolher se submeter ao Senhor Jesus, e aqueles que cumpriram o que havia sido profetizado o fizeram sem entender o que estavam fazendo (conforme Atos 3:17-18).

A interação entre a soberania de Deus e o livre arbítrio humano pode parecer contraditória para alguns e está além da nossa compreensão, mas podemos confiar que Deus exerce sua soberania, conhece tudo o que foi, que é e que será, e fez provisões para aqueles que seguem seu Filho Jesus para serem salvos, e ainda assim não viola o livre arbítrio do homem. Da mesma forma, as decisões de livre arbítrio do homem não colocam Deus em uma situação difícil ou, em última análise, acabam por impedir seus propósitos. Na verdade, Deus frequentemente realiza seus propósitos por meio de agentes involuntários (conforme Isaías 10:5-19; 45:1-7). Em suma, a presciência de Deus, ou mesmo a predestinação, não precisa invalidar a capacidade do homem de tomar decisões de livre arbítrio, e se Deus realmente é quem diz que é, ele fará provisões, ou talvez até trabalhe por meio de humanos desobedientes. Um deus que não pode saber o futuro e as decisões do homem com antecedência está tão sujeito ao espaço-tempo contínuo quanto os próprios humanos e, portanto, não seria um deus digno do título de Deus e, especialmente, não do título de YHWH, Deus o criador, o Deus de Israel.

A Bíblia é bastante clara: Deus conhece o fim de uma coisa antes de seu início, Deus falou por meio de seus profetas a respeito da vida, morte, ressurreição e senhorio de Jesus antes que acontecesse, Jesus cumpriu totalmente a obra que Deus estabeleceu para ele cumprir, e não haveria necessidade de alguém vir mais tarde com um entendimento ainda maior do que o conhecimento de Jesus (Isaías 46:10; Atos 2:22-36; 3:17-19; 13:26-29; 1 Pedro 1:10-12). Jesus, em sua vida, morte, ressurreição e ascensão, juntamente com sua obra que realizou por meio de seus apóstolos e do Espírito Santo, cumpriu plenamente os propósitos de Deus e forneceu revelação completa até o fim dos tempos (João 16:4-11; 17:4; 19:30; Atos 1:1-3; 2:1-41; Judas 3). Ninguém poderia ter um relacionamento mais íntimo com Deus do que Jesus. O melhor que podemos fazer é procurar ter um relacionamento com Deus por meio de Jesus (João 17:1-23; Efésios 1:1-13; 1 João 1:1-4). Portanto, Seok e a Providence Church não ensinam de acordo com as Escrituras em relação à missão de Jesus e em relação ao livre arbítrio humano.

4.20.5. RELACIONAMENTO COM DEUS: ESCRAVOS, FILHOS, NOIVA

Quando se trata de caracterizar a profundidade do relacionamento com Deus, Seok e a Providence Church falam de três níveis: escravos, filhos e noiva. Eles falam disso em termos de maior intimidade: uma pessoa tem contato com um escravo, mas não muito; tem muito contato com uma criança (um filho), mas ainda mantém algumas coisas escondidas ou reservadas; com a noiva a pessoa é totalmente íntima e revela todas as coisas. O objetivo para as pessoas, de acordo com Seok e a Providence Church, é se tornar uma noiva, alguém que ressuscitou espiritualmente a tal ponto que ganhou tais revelações e comunicação direta com Deus, a fim de compreender a verdadeira mensagem das Escrituras, de forma a ter alcançado níveis espirituais semelhantes a Jesus e o próprio Jung Myung Seok. Foi relatado que Seok e a Providence Church também usam esse paradigma para explicar três eras: o Antigo Testamento é como a era do escravo, com Moisés como a grande figura apontando o caminho para Deus; o Novo Testamento é como a era dos filhos, com Jesus como a grande figura apontando o caminho para Deus; e o presente é o início do “testamento completo”, a era da noiva, com Seok como a grande figura que agora recebeu a revelação plena e completa.

A Bíblia fala da relação entre Deus em Cristo e o homem em termos de mestre e escravo (Lucas 17:7-10; Romanos 6:16-23), Pai e filho (Lucas 15:11-32; Romanos 8:11-15), e marido e noiva (2 Coríntios 11:1-2; Efésios 5:22-33; Apocalipse 21:1-22:6), mas essas imagens não são apresentadas em termos de algum tipo de hierarquia de desenvolvimento. A descrição predominante da relação entre Deus e Israel no Antigo Testamento é a descrição de marido e esposa (Isaías 50:1; Ezequiel 16:1-63; Oseias 1:1-3:5). Assim, Deus descreve sua relação de aliança com Israel em termos de grande intimidade. O Novo Testamento retrata os cristãos como simultaneamente escravos de

Deus, o mestre, e filhos e filhas adotivos de Deus, o Pai, e, com exceção da concessão de autoridade aos apóstolos, nunca sugere que certos cristãos ganham maior acesso e intimidade com Deus do que outros cristãos (Mateus 18:18; Lucas 17:7-10; Romanos 8:11-15). Cristãos que tiveram o privilégio de associação pessoal face a face com Jesus, como Pedro, João, e até mesmo seus meios-irmãos Tiago e Judas, ainda falam de si mesmos como escravos de Jesus (Tiago 1:1; 2 Pedro 1:1; Judas 1:1; Apocalipse 1:1). Se até mesmo eles não se sentiram como se tivessem crescido ou amadurecido para um nível em que se tornaram algo mais do que escravos do Senhor Jesus, como pode alguém que veio depois deles se considerar como tendo conseguido isso? Em termos de “noiva”, os cristãos individualmente nunca são considerados como a noiva de Deus ou de Cristo. Em vez disso, a Igreja, coletivamente, é considerada a noiva de Cristo, e a intimidade desse relacionamento é baseada menos na transformação espiritual pessoal dos cristãos e mais na escolha e purificação de Jesus em relação à sua noiva (Efésios 5:22-33; Apocalipse 21:1-22:5). Portanto, não há base, no Novo Testamento, para falar de uma gradação de níveis de compreensão e desenvolvimento espiritual em termos de servos/escravos, filhos e noivas. Em vez disso, o Antigo Testamento e o Novo Testamento usam todas as três imagens para descrever a relação entre Deus e sua aliança com seu povo e, no Novo Testamento, todos os cristãos são simultaneamente escravos e filhos de Deus enquanto representam coletivamente a noiva de Cristo. Essa gradação de três níveis tem uma aparência de ser algo são, mas não tem base substantiva na Bíblia.

Além disso, essa gradação abre a porta para um entendimento de obtenção da salvação por meio do suposto “conhecimento mais profundo de Deus”, fazendo com que o objetivo da religião ou prática da fé seja obter maior “compreensão espiritual” da realidade. Enquanto os cristãos são chamados a chegar a uma maior compreensão de Deus em Cristo (Hebreus 5:14; 2 Pedro 3:18), e devem ouvir o evangelho para encontrar a salvação nele (Romanos 1:16; 10:17), não ganham a salvação pelo “conhecimento”, mas pela confiança em Deus e em Cristo pela fé (Romanos 3:20-28; Efésios 2:8-9; Tito 3:3-8). Se pudéssemos obter maior conhecimento espiritual, e até mesmo combinarmos esse conhecimento com maior autocontrole e prática da justiça, isso ainda não nos salvaria, uma vez que ainda seríamos condenados por termos transgredido a lei de Deus e ainda seríamos incapazes de expiar essa transgressão por nós mesmos (Romanos 3:20; Tiago 2:9-10). De acordo com o Novo Testamento, a salvação pode vir somente por meio da dependência de Cristo e, assim, é recebida a purificação do pecado pelo seu sangue (Efésios 2:1-18; Tito 3:3-8). O esforço para obter a salvação por meio de um “conhecimento espiritual mais profundo” foi uma marca registrada do gnosticismo, a respeito do qual Paulo advertiu Timóteo em 1 Timóteo 6:20-21:

Timóteo, guarde o que foi confiado a você. Evite as conversas inúteis e profanas e as ideias contraditórias do que é falsamente chamado conhecimento; professando-o, alguns desviaram-se da fé. (1 Timóteo 6:20-21, “Nova Versão Internacional”).

A razão pela qual Seok e a Providence Church sugeriram que Jesus não completou sua missão em sua vida é tornada um pouco mais clara por essas afirmações sobre esses três períodos de tempo: se a revelação de Jesus for a revelação completa do caráter de Deus, então não há espaço para revelações adicionais por meio de Seok. Portanto, Seok e a Providence Church tiveram que criar uma brecha para poderem afirmar suas revelações adicionais, isto é, afirmar que Jesus ainda não era a revelação completa de Deus. No entanto, as Escrituras são claras: em Cristo, a plenitude de Deus e seu caráter são totalmente revelados, e a total substância da fé foi revelada no primeiro século:

Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo. Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Colossenses 2:8-9, “Nova Versão Internacional”).

O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas, (1 Timóteo 1:3, “Nova Versão Internacional”).

Amados, embora estivesse muito ansioso para escrever a vocês acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos. (Judas 3, “Nova Versão Internacional”).

O Novo Testamento, portanto, ensina que em Jesus temos a expressão mais completa da natureza de Deus que pode ser revelada ao homem. Em sua vida, morte, ressurreição e senhorio, Cristo expressa o próprio caráter de

Deus e seus atributos para a humanidade. O que devemos saber sobre a vida de Cristo nos foi revelado para que possamos crer nele e segui-lo (João 20:30-31). A fé que está em Cristo foi totalmente revelada por seus apóstolos (Judas 3). Ninguém na Terra desde então viu o Senhor ressuscitado. Ninguém desde então foi testemunha ocular da vida que Jesus viveu. O que mais pode ser tornado conhecido sobre Jesus de forma consistente com a maneira em que ele se revelou pela primeira vez à humanidade? Absolutamente nada.

Além disso, Jesus e os apóstolos não deixaram os cristãos sem qualquer conhecimento sobre o que aconteceria no futuro. O Antigo Testamento aponta para Cristo e seu reino (1 Pedro 1:10-12). Jesus e os apóstolos não apontam para Seok ou um “testamento completo”, mas para uma expectativa do fim dos tempos, o dia do julgamento e a ressurreição (Mateus 25:1-46; Atos 17:30-31; Romanos 2:5-11; 2 Pedro 3:1-13; Apocalipse 20:11-22:5). Portanto, Seok, a Providence Church e seus ensinamentos de um “testamento completo” vêm sem qualquer antecedente nas Escrituras e, portanto, não têm validade quando tentam afirmar que o Antigo Testamento e o Novo Testamento são seus precedentes históricos.

Por uma boa razão, João avisa os santos o seguinte em 1 João 4:1:

Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. (1 João 4:1, “Nova Versão Internacional”).

Os profetas de Israel apelaram ao povo para dar ouvidos à Lei de Moisés (Amós 2:4). Jesus e os apóstolos fundamentaram sua mensagem sobre o reino de Deus em termos do cumprimento do que Deus havia falado na Lei de Moisés, nos salmos e nos profetas (Lucas 24:44-49; Atos 17:1-3,11-12). Os cristãos, portanto, devem esperar que qualquer coisa que se fale sobre o cristianismo, para ter alguma validade, seja consistente com o que foi revelado antes. Constatamos que os ensinamentos de Jung Myung Seok e da Providence Church não são consistentes com a maneira como Deus trabalhou com a humanidade em Abraão, Israel, e por meio de Cristo e seu reino, conforme revelado no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Em vez disso, a mensagem de Jung Myung Seok e da Providence Church são consistentes com a heresia gnóstica, tentando desviar as pessoas de Cristo na busca de conhecimento espiritual esotérico (1 Timóteo 6:20-21).

Seok e a Providence Church procuram manter a aparência de serem “apenas mais uma denominação cristã”, mas tanto na realidade quanto em instrução consideram-se como tendo alcançado um maior desenvolvimento espiritual do que pode ser encontrado no cristianismo. Assim, o cristianismo acaba sendo como o judaísmo, desatualizado e fora de moda. Portanto, não se engane: Jung Myung Seok e a Providence Church não estão verdadeiramente promovendo Jesus de Nazaré e seu reino, mas promovem uma nova religião em torno de Jung Myung Seok e suas supostas revelações de Deus. Por favor, não se deixe enganar por essa religião!